



Raphael Draccon

Dragões de Éter

VOL. IV

Estandartes de Névoa



Raphael Draccon

Dragões de Éter

VOL. IV
Estandartes de Névoa


MELHORAMENTOS

Sumário

Prólogo

Ato I - Estandartes de Vento

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[42.01](#)

[42.02](#)

[42.03](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

Ato II - Estandartes de Brumas

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58

[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)
[71](#)

Ato III - Estandartes de Névoa

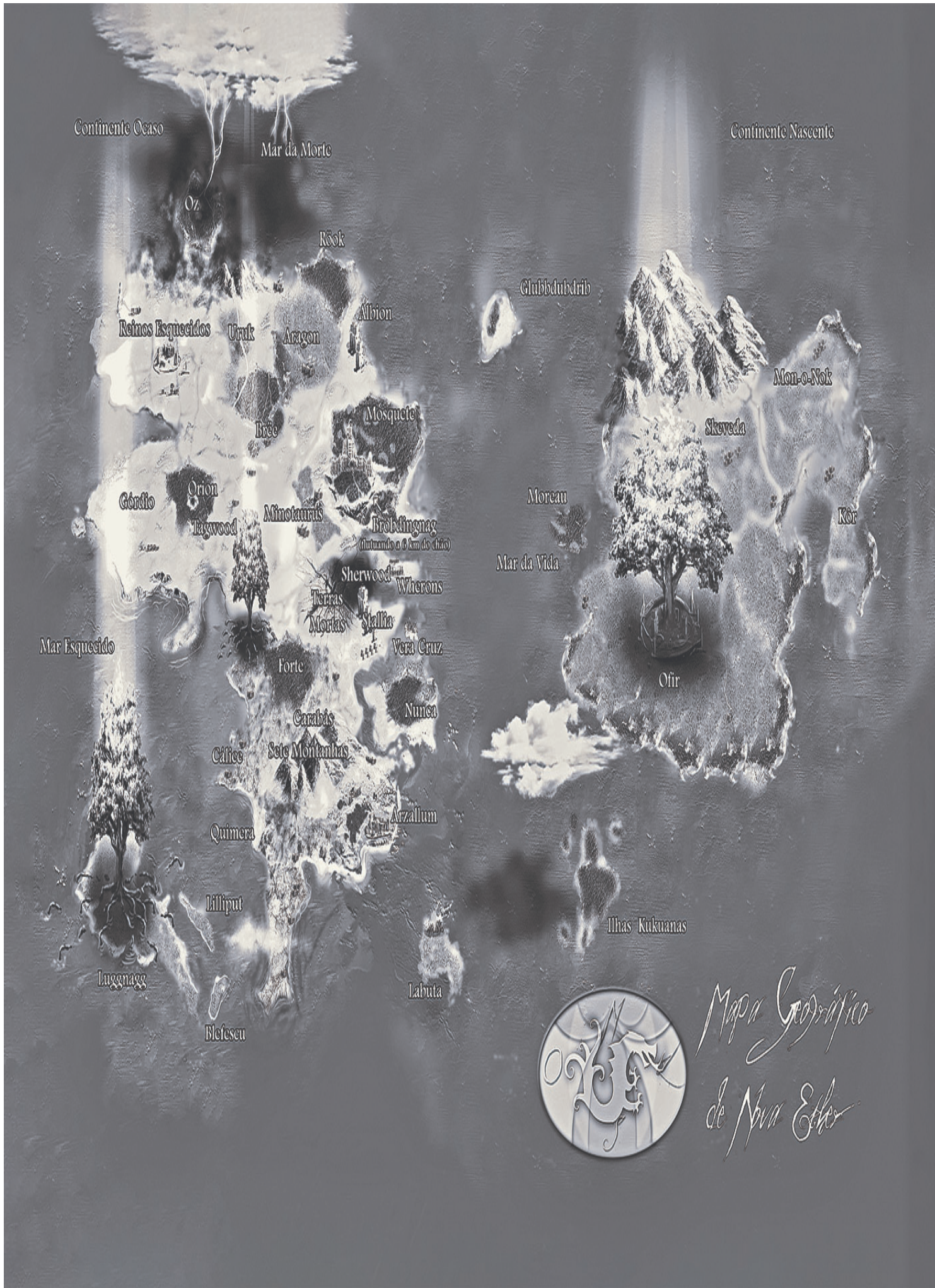
[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)

[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[∞](#)

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

*Para você,
por ter trazido Nova Ether até aqui.*



PRÓLOGO

Dizem que o nome dele significa “mau conselho”.

Talvez isso seja uma invenção depreciativa, pois é normal que o homem comum se vingue de pessoas extraordinárias a ele de formas assim. Dizem que ele é filho dos pais errados, que se casou com as mulheres incorretas, e que tomou as piores decisões. Há diferentes versões sobre sua origem, sobre sua paternidade, sobre suas amantes, sobre seus ideais e sobre seus motivos. Talvez tenha matado menos homens do que deveria, talvez mais. Talvez tivesse feito tudo acreditando ser o melhor para a própria pátria e toda humanidade afetada por ela, pois existe um fardo nas mãos dos homens que fazem História, que sempre é difícil de ser julgado.

O fato é que muito se diz, de muitas maneiras diferentes, e muito pouco se tem certeza. Não se sabe exatamente hoje em dia em que local ele está. Qual aparência assumiu. Quantos aliados viajam com ele, e mesmo se ainda existe um aliado disposto ao feito. Na verdade, não se sabe nem mesmo se aquele homem possui aliados. E, se possuir, uma taberna inteira apostaria ainda assim que nenhum seria capaz de admitir isso.

Isolado como um urso, diziam no sul que viajava por caravanas com nomes falsos e roupas maltrapilhas, cheirando pior do que mendigos e gerando reações parecidas com a passagem de um leproso. Já ouvi um bardo manco dizer, entretanto, que um homem com lepra chama bastante atenção e um renegado jamais iria querer isso para si. Parece um raciocínio sensato. No norte, costumam dizer que viajava cheirando pior do que orcos, o que, convenhamos, é mais depreciativo do

que a comparação do sul, e que carregava sua armadura consigo e se apresentava como um cavaleiro longe de casa.

Não deixaria de ser uma verdade.

Quando caminhava, costumava fazer em silêncio, como se ninguém quisesse ouvir sua voz. Ou suas explicações. Quando de pé parecia sempre curvado, não como uma bruxa corcunda de poucos dentes, mas simplesmente um homem que carregava um mundo nas costas. Quando desembainhava a espada, não parecia diferenciar a frieza com que a embainhava. Quando dormia, precisava ainda assim estar em alerta, como se houvesse sempre alguém predisposto a matá-lo.

Muitos já o viram lutar e essas histórias ao menos têm relações. Porque em todas elas, seja nas versões do sul ou do norte, existiam referências a sua habilidade para matar. Algumas histórias comentam que suas vitórias eram baseadas na experiência; afinal, um homem caçado o tempo inteiro tinha de aprender alguma coisa. Outras insistiam que possuía um estilo sujo como sua índole, e ludibriava os inimigos de maneiras desonrosas.

Essas, porém, não eram as melhores histórias.

Verdadeiras ou não, as melhores narrativas contavam como aquele homem seria hoje o maior cavaleiro em atividade em todo o mundo.

Se não fosse, claro, renegado por todas as ordens de cavalaria.

Cartazes com desenhos de seu rosto, baseados em suposições e relatos incompletos, enfeitavam as paredes de estabelecimentos de regiões diferentes, e variavam a recompensa escrita em letras garrafais. Não importava o valor, contudo, pago por uma coroa. *Todos* os valores valiam à pena. Mercenários de muitos lugares o perseguiram. Caçadores de recompensas buscaram não apenas o pagamento pelo trabalho assassino, mas também a fama de concluí-lo. De fato, muitos tentaram o feito.

Ele matou todos.

Atrás de seus caminhos desenhava-se um rastro de sangue que corria como um rio torto. Era um homem cuja passagem vertia lágrimas. Era um espírito condenado à escravidão da própria escuridão ao seu redor. E, quando um homem caminha com muitas trevas ao redor de si, apenas dois caminhos costumam lhe sobrar: acabar cego ou acostumado com a escuridão. No primeiro caso, ele jamais voltará a enxergar qualquer claridade. No segundo, ele pode se acostumar com o breu e passar a se incomodar com a luz.

Não importa qual caminho ele escolha.

Ambos lhe custarão a paz interna.

Logo, era um homem indiferente à guerra ou à paz. Provavelmente o fardo que o perseguia houvesse influenciado isso. As pessoas dirão que não, que era sua índole e que ele merecia padecer em Aramis com os glóbulos oculares arrancados

dentro de tigelas de água borbulhando, escutando o gargalhar de bruxas que se divertiam com a desgraça do mundo. Como dito, contudo, é difícil julgar o fardo dos homens que fazem História. Assim como também é difícil condenar a recepção do mundo a esse tipo de fardo.

Mas em uma coisa, não importa em qual lenda, não importa em que cultura ou continente, recaía unânime sobre ele.

Todos o odiavam.

Talvez aquele homem tenha matado mais do que deveria. Talvez menos. Mas um único homem morto por ele fora suficiente para torná-lo o homem mais odiado do mundo.

Porque um dia ele matou Arthur Pendragon.



ATO I

Estandartes de Vento

1

Uma vez um bardo pessimista afirmou que sonhos vivem em momentos.

Na época em que afirmou isso por aí, ele conseguiu chamar atenção. Era um período em que bardos estavam acostumados a contar histórias com bons finais, em que fadas andavam protagonizando bons contos, e as pessoas buscavam em histórias fantásticas tudo aquilo que não tinham fora delas. Por isso elas buscavam a taberna, e os bardos, e as narrativas, à noite, quando o sol se deitava e a mente tentava relaxar.

Cerveja, cantoria, carteados e disputas de jogos variados do boxe tomavam conta de um ambiente onde viver parecia bom. Havia risos, havia gritos, havia dança, havia flertes e diversão. E as pessoas gostavam de acreditar que tais características seriam constantes, como o entardecer que as levava até aquele momento.

E então um dia um bardo disse uma coisa dessas.

As pessoas que não estavam lá afirmam que, inicialmente, um marceneiro tentou debater com ele. Disse que não, que ele havia se expressado mal, que os

sonhos não viviam em momentos, mas *de momentos*. O bardo justificou que ele sabia muito bem o que queria dizer, e que seria tanta pretensão um marceneiro querer corrigir o expressar de um bardo quanto um bardo querer corrigir a fabricação dos móveis de um marceneiro.

O bardo então explicou que os sonhos não são fragmentos de momentos.

Isso seriam memórias.

Os sonhos seriam uma experiência viva; uma experimentação imaginada com certa dificuldade no passado, vivida no presente daquele momento.

Enquanto houvesse a vivência esse sonho existiria, antes ou depois de ela concretizada. Quando essa vivência não mais continuasse, ele teria se tornado apenas uma memória.

Hoje talvez seja mais fácil pensar em coisas assim, muito mais do que naquela época. Aquele era um tempo em que as pessoas apenas viviam e não pensavam muito na vida se colocavam moedas em chapéus para que outros fizessem isso por elas. E por isso aquele bardo mexia tanto com elas. Por isso havia algo de extasiante, mas também melancólico nas coisas que afirmava, fosse em prosa, fosse em poesia.

Sonhos vivem em momentos.

Talvez fosse verdade.

A questão era que os últimos bons sonhos de Arzallum haviam durado cinco anos.

E estava na hora de o momento mudar.

2

É difícil se afirmar com precisão como corre o tempo para um semideus, já que mesmo a narrativa que conto a você nesse momento pode ser revivida infinitamente por cada um deles. E se assim o é, como compreender o funcionamento do tempo para entidades capazes de coisas desse tipo? O que posso afirmar com certeza é que faz anos desde que contei minha última história e Nova Ether, ainda assim, continuou a seguir com vida própria. O mundo que conhecemos hoje é totalmente diferente do que conhecíamos antes e, se você esteve longe por tanto tempo, imagino que seja bom eu lhe relembrar de algumas coisas.

E um lobo lhe devorou a avó.

É como se tudo começasse assim. A perda da inocência, a volta da caça às bruxas, o início de uma saga que trouxe guerras, desgraças, regicídio, evolução tecnológica e evolução espiritual. Primeiro havia Primo Branford, o Rei dos Reis. Depois existiu Anísio, o filho mais velho e novo Rei, e Axel, o mais novo e campeão do mundo. Axel Branford se apaixonou por Maria Hanson, irmã de João, hoje Cavaleiro de Arzallum, que por sua vez nasceu apaixonado por Ariane Narin, a mesma que iniciou a narrativa.

Exatamente como em um círculo.

Sem início nem fim.

Bruxas foram queimadas, revoluções iniciadas, conselhos místicos foram reunidos. Civis enfrentaram piratas e soldados enfrentaram gigantes quando uma criança rompeu o Pacto de Swift e iniciou a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

Uma criança que todos acreditavam ser o novo Christo.

Mas no fim se mostrou comum.

Snail Galford tomou de um Jamil Coração-de-Crocodilo aleijado o mesmo navio que pertencia a um James Gancho hoje morto. Peter Pendragon liderou o Nunca em uma guerra contada em baladas por pessoas que só podem imaginá-la. E voltou a voar.

De fato Nova Ether passou por *muita* coisa desde que semideuses a deram vida. Mas, de todas elas, se tivéssemos de escolher a mais impactante, eu teria um palpite. Em minha humilde opinião, o acontecimento mais marcante ao longo de todo esse tempo não foi uma guerra mundial, nem um sacrifício, nem qualquer tipo de história de amor feliz ou despedaçada. Para mim, o momento que mais impactaria a história da humanidade nos últimos anos foi o dia em que gnomos dentro de um navio voador de madeira e metal invadiram a cerimônia de coroação do novo Rei de Arzallum, Anísio Terra Branford, unindo dois continentes em um encontro histórico.

Oriundos de Ofir, o continente oriental de Nova Ether, os pequenos seres de um metro e vinte, a partir daquele dia, levaram a Arzallum um conhecimento vasto que mudaria o Ocidente para sempre. Uma tecnologia capaz de iluminar ambientes sem precisar de fogo e movimentar navios sem precisar de vapor.

Aquele dia sim foi o dia em que se iniciou uma revolução que o tempo se encarregaria de mostrar a proporção.

O dia em que o Ocidente conheceu o *etherpunk*.

— É mesmo hoje? — perguntou branca Coração-de-Neve, na voz de tom grave que a caracterizava em quaisquer dos seus títulos.

Antiga princesa de Stallia. Atual Rainha de Arzallum.

Iniciada de um coven de bruxas.

— Pareceu uma eternidade, não? — perguntou Anísio Branford de volta.

O Rei se encontrava seminu, entre lençóis de uma cama capaz de abrigar uma família inteira. Sua Rainha estava de pé, diante de uma janela maior do que ela, contemplando de cima a cidade de Andreanne. Cinco anos e pouco havia mudado nela, referindo-me aqui à Rainha, não à cidade. A pele ainda alva, as pintas espalhadas na face, os olhos grandes, o cabelo encaracolado preto como carvão lhe caindo nas costas. Anísio a observava e se lembrava das várias faces daquela mesma mulher, e que faziam aquela mulher ter a melhor das faces. A antiga princesa que estudava manuais de guerra e rompia maldições. A prometida que sobreviveu a um ataque pirata. A Rainha que liderou um Reino sem Rei em plena guerra.

Já Anísio havia mudado mais. Parecia dez anos mais velho, com marcas de rugas, linhas de expressão e olheiras profundas. A forma física, contudo, permanecia a de um líder militar. Na verdade, ele parecia até mesmo *maior*. Ombros mais largos, braços mais fortes, pernas mais grossas. O cabelo loiro--escuro descia em um rabo de cavalo no rosto marcado pela barba grossa, o que dizem ser bom para um Rei. No braço direito, ainda a marca feita com uma lâmina de espada por Branca Coração-de-Neve na forma de um #. A lembrança de uma magia branca que lhe quebrou uma pele de anfíbio concretizada com magia negra.

— Minhas mãos suam como no dia de nosso casamento... — revelou Branca.

Ela vestia um robe fino e transparente, tramado com fios tênues de seda. Não era a primeira vez, mas Anísio Branford nunca havia se acostumado com aquela visão.

Era sublime vê-la em tais vestes refletida sob a luz da lua.

Era ainda mais refletida sob a luz do sol.

— Você está nervosa pelo quê? — perguntou ele, ainda sem foco na conversa.

— Eu estou nervosa por você.

Ele sorriu ao entender. Não por acaso, ela era sua Rainha.

— Nós já sobrevivemos a coisas que mal acreditávamos ser possíveis.

— Isso é maior do que nós — concluiu Branca. — Isso é maior até mesmo do que Arzallum.

Talvez ela estivesse certa. Afinal, naquele dia eles iriam aumentar as linhas dos livros de História. Eles iriam ser o gatilho de uma experiência que poderia se tornar uma tragédia, uma curiosidade ou uma revolução, sem meio-termo. Porque, naquele dia, eles iriam inaugurar uma nova forma de transporte, jamais testada em qualquer

outro Reino, conectando a cidade de Andreanne à de Metropolitan através de uma carruagem de metal de trezentos metros, postada sobre trilhos de aço laminado, e movida por uma tecnologia baseada na junção de magia oriental e tecnologia ocidental.

Naquele dia eles iriam inaugurar a primeira estação de trem da História de Nova Ether.

4

— João! João, ACORDA! É hoje! É hoje, caramba! Como você consegue dormir sabendo disso? – A voz viva, curiosa, excitante era de Ariane Narin, a menina capaz de iniciar narrativas épicas.

Ela também demonstrava o amadurecimento. Aos 19 anos, a caminho dos 20, e se eu de vez em quando sinto um pouco o passar da idade, você também vai sentir se eu relembra-lo que, quando comecei a contar esta história, na época em que bruxas eram caçadas, Ariane Narin tinha apenas 12 anos. Ela era uma menina que pensava e falava como uma menina, mas que agora tinha se tornado uma mulher. A altura expandiu, não muito, mas o suficiente para que ela se sentisse melhor. As pernas continuaram mais finas do que ela gostaria e os seios aumentaram, embora ela ainda os considerasse pequenos. Algumas coisas, porém, permaneceram. O sorriso era uma delas. O cabelo loiro, que parecia ainda mais claro, também. E, por fim, a forma de falar com o olhar. É curioso que, se Ariane Narin já fez parte da sua vida, você sabe que é possível descobrir o humor dela de acordo com o nível de abertura dos seus olhos. Funciona meio que assim: se eles estiverem meio que apertados e com as bochechas ressaltadas, oh-oh, você tem um problema com ela. Se eles estiverem um pouco mais abertos, você a surpreendeu. Se estiverem arregalados, você a assustou. Mas se estiverem juntos, quase fechados, e em meio a um sorriso, periga você se sentir o homem mais privilegiado do mundo.

Como João Hanson.

Sabe, alguns ouvintes dentro de tabernas pelas quais já passei defendem a teoria de que João Hanson é o real protagonista das minhas narrativas, e eu os entendo. Nada de irmãos Branford e realeza, nada de piratas traindo piratas, nada de figuras lendárias liderando revoluções políticas ou ideológicas. As pessoas se encantam pela história do menino que sobreviveu à arapuca de uma bruxa canibal aos sete anos, assumiu a responsabilidade de sua casa, cuidou da mãe, protegeu a

irmã, desafiou e matou em um Círculo de Arthur o conde responsável pela morte de seu pai com apenas 16 anos, e sagrou-se aprendiz de cavaleiro de Rinaldo Grimaldi, o atual capitão da Guarda Real, e protegido de Lorde Ivanhoé, lenda máxima entre cavaleiros de guerra. Como se não bastasse, ele ainda havia se tornado um homem capaz de manter os laços com seu amor de infância.

João Hanson já havia sofrido mais em duas décadas de vida do que homens trinta anos mais velhos do que ele, e, mesmo assim, como quando via o sorriso de Ariane Narin, ele se considerava um privilegiado. Um privilegiado sobrevivente. Mas um privilegiado, ainda assim.

– Você sabe quantas horas eu cavalguei ontem? – resmungou ele para Ariane, deitado de bruços sem camisa em uma esteira e com apenas um dos olhos abertos para ela. – A minha patrulha durou o dia todo.

– Ora essa, eu nunca vi: cavaleiro reclamar de cavalgar! – resmungou Ariane. – Não era você o senhor “olha-como-eu-quero-ser-um-cavaleiro-prodígio-e-ninguém-vai-me-impedir”, e agora vai ficar reclamando de algumas horinhas em cima de cavalo? Daqui a pouco é o quê? “Ai, você tem ideia de como essa armadura é pesada?” Você devia ter vergonha, João Hanson!

João abriu o olho que faltava, olhou para o teto e riu, ainda absorto no efeito Ariane Narin.

– Você continua a mesma boca grande, né? – disse ele.

– E você virou um velho! Um velho reclamão!

João suspirou e se ergueu. No pescoço o cordão de compromisso com um pedaço da árvore deles, quase idêntico ao que ela também usava no dela.

– Você está *mesmo* animada de entrar naquela coisa? – perguntou ele. – Quero dizer, *ninguém* no mundo usou aquilo antes! Pode ser que liguem e aquilo, sei lá, *exploda*, ou caia dos trilhos!

– E você quer o quê, cabeçudo? Viver pra sempre?

– Você de vez em quando ao menos presta atenção nas coisas que diz? – perguntou ele, se levantando. – Você está animada para arriscar a vida em uma coisa que ninguém sabe ainda no que vai dar! Até mesmo esse nome que estão dando... *trem*... sei lá, é estranho!

– Mas aí é que está a graça! Se ninguém usou antes, você não consegue ver o quanto isso faz a gente especial de estar lá? As pessoas no futuro vão dizer: “No dia em que inauguraram o primeiro trem de Nova Ether, Ariane Narin estava lá!”.

– Ah, verdade! É exatamente assim que vai estar nos livros da realeza!

– Velho, reclamão, cabeçudo! – gritou ela do segundo cômodo da casa.

Ele estava longe de ser um velho, pelo contrário. João Hanson estava com 20 anos de idade e, voltando naquela questão sobre o passar do tempo, eu sei o quanto isso deve ser assustador para você. O cabelo cheio agora estava mais curto; afinal,

ele era um cavaleiro. A barba cresceu e estava longe de ser grossa, mas ele deixou uma versão curta no rosto mesmo assim para aumentar o respeito. A altura não mudara muito em relação à dos 16 anos, na verdade. Se mudara alguma coisa, nem parecia a princípio. O rosto apresentava maxilares mais marcados na face, alguns cravos e cortes em cicatrização. O corpo ganhou um pouco mais de pelos e de músculos, embora ele desejasse que tivesse ganhado ainda mais de ambos. Nas costas, as mesmas tatuagens deixadas por uma fada que lhe exigiu um pacto, quando outra fada caída lhe deixou aleijado em uma floresta, abandonado à própria sorte. A cruz lhe descendo pela espinha e se ampliando pelas espátulas com as iniciais de seus três pilares: Hígor Hanson, Maria Hanson e Ariane Narin.

Ele e Ariane passaram a morar em um casebre de dois cômodos em Lenho, um bairro de Andreanne destinado a cavaleiros reais e lenhadores pelo Grande Paço.

Cavaleiros como ele.

Lenhadores como seu pai.

– Você acha que *ele* vem? – perguntou Ariane, retornando ao cômodo. – Ao menos dessa vez?

João sabia de quem ela falava. Ele. O nome quase proibido. *Axel Branford*. O príncipe da plebe. O campeão de Arzallum. O homem que quebrou o coração de sua irmã.

– Não – definiu João, como se a decisão dependesse dele. – E nem sei se um dia ele virá novamente.

– É claro que ele voltará a Andreanne! – resmungou Ariane, como se também só dependesse dela. – Quero dizer... ele *tem* que voltar, né? Ele não vai simplesmente *abandonar* o Reino, certo?

– Ariane, ele *já* fez isso! Há cinco anos.

– Não é verdade! Você sabe que ele estava cumprindo um papel na guerra!

– Uma guerra que já acabou há cinco anos.

Ariane suspirou. Não ter argumentos em relação àquilo a irritava, assim como a irritava que a amiga e cunhada Maria Hanson não tivesse notícias em relação àquilo.

– Talvez ele tenha tido mais obrigações – sugeriu ela.

– Talvez ele tenha tido mais escolhas – sugeriu ele.

Era difícil calar Ariane. Mas João Hanson conseguia.

– Ah, que se dane! – disse ela. – O que importa é o que os livros de História vão falar de mim no dia de hoje! Eles vão escrever sobre o dia em que Ariane Narin roubou a cena na inauguração do primeiro trem do mundo, enquanto o *cavaleiro* João Hanson reclamava de andar a cavalo!

Era difícil fazer sorrir João. Mas Ariane Narin conseguia.

— Apenas a energia necessária para deslocar a carruagem de aço nesse modo de transporte que está sendo chamado *trem* é algo inacreditável. Nós tivemos o esforço de trabalhadores das mais diversas áreas de Arzallum reforçando a construção idealizada por gnomos do Oriente.

A sala da Escola Real do Saber estava cheia, mais do que jamais esteve antes, repleta de adolescentes, e de pais de adolescentes. Era uma aula especial, dedicada a um dia especial, ministrada por uma pessoa especial.

À frente da turma a professora da Escola Real do Saber: Maria Hanson.

O tempo havia feito bem para ela, tanto para curar feridas internas quanto para acentuar a beleza externa. A pele branca se mostrava mais brilhosa, os cabelos pretos, presos em três fitas, estavam mais longos, e o vestido azul marinho de renda de manga longa, cinto de corda e abotoadura dourada, lhe reforçava a silhueta. No dedo, ainda o anel de lenhador dado pelo irmão, representando a metade de uma alma gêmea. O tom de voz, que sempre se mostrou seguro, estava ainda mais firme. Sabe, não era que Maria Hanson não fosse bonita anteriormente, nem tão segura de si, na verdade simplesmente ela parecia ter se *dado conta* de sua beleza e de sua inteligência.

Aos 23 anos, Maria era uma lenda em Andreanne.

A aluna que virou professora. A vítima que se tornou caçadora. A menina que sobreviveu à arapuca da Casa de Doces, a plebeia que conquistou o coração de Axel Branford, representando os contos de fadas, e viu seu coração despedaçado ao vê-lo seguir para uma noiva prometida, representando a vida real.

— Como é o nome daquela construção em Denims? — perguntou uma das meninas. — Estão dizendo que é enorme, cheia de cercas e espécies de fios brilhantes, na forma de uma... uma...

— Colmeia — definiu Maria Hanson. — É assim que estão chamando as construções. *Colmeias*. Engenheiros comandados por Rumpelstichen criaram aquilo com o intuito de expandir os estudos iniciados no Oriente sobre a magia vermelha.

— Eles possuem mesmo um negócio daqueles por lá?

— Dizem eles que sim — respondeu Maria. — O Rei Anísio Branford confirma que voou até o continente de Ofir e viu com os próprios olhos o que eles chamaram de *parque ethérico*.

Aquelas informações soavam fascinantes para Maria Hanson tanto quanto soavam assustadoras.

- O que seria um “parque *ethérico*”?
- Uma união de Colmeias de etherpunk.

As pessoas cochicharam sobre como apenas *imaginavam* aquilo.

- Bem, se alguém da realeza diz, então deve ser verdade!

– Algumas vezes sim – acrescentou Maria, como se aquilo fosse estúpido. – Mas nem sempre.

Ninguém quis continuar aquela conversa.

– Quando escuto essa professora dizer coisas assim, eu tenho a certeza de que ela aprendeu tudo o que precisava.

A voz adentrou o lugar antes que seu dono. O tom era sábio, como a figura do dono. O corpo esguio vestia um traje completamente negro, composto de camisa e calça de lã, cinto com fivela dourada na forma de uma nuvem, e um sobretudo leve com as mangas dobradas na altura do antebraço. Nos pés, um par de botas que lhe subia até os joelhos. No pescoço, um colar de ouro com o símbolo de uma espada de fogo cruzando um escudo com a cruz de Merlim abaixo de um dragão de éter. Completando os ornamentos, um monóculo característico à frente de um dos olhos, e uma novidade: uma bengala com a cabeça de um lobo esculpida no topo. A idade transparecia nas marcas do rosto e nos cabelos e cavanhaque grisalhos, em contraste com sua energia.

Todo esse conjunto dava forma a uma das figuras mais respeitadas de Arzallum.

O antigo professor da Escola Real do Saber.

O antigo Conselheiro Real do Grande Paço.

O atual líder do grupo militar conhecido como Caçadores de Bruxas.

– Professor Sabino! – reagiu Maria como se fosse aluna, não a atual professora. – Não fazia ideia de que nos faria uma surpresa no dia de hoje!

Os alunos olhavam para Sabino como soldados olhariam para seu general, o que é uma metáfora curiosa, já que soldados também olhavam para Sabino, e de uma forma diferente daqueles alunos.

– É por isso que chamam *surpresa* – disse ele, sempre espremendo uma sensação de ironia mesmo na seriedade. – Mas nem mesmo eu sabia que viria até aqui, o que é a melhor das surpresas.

– Existe alguém aqui nesse recinto que não saiba quem é esse senhor? – perguntou Maria Hanson à sua classe.

De volta, recebeu apenas sorrisos.

– Se alguém esteve fora de Andreanne nas últimas décadas, esse homem é Sabino von Fígaro, antigo professor dessa escola, militar condecorado de Arzallum, meu amigo pessoal e meu eterno mestre.

Normalmente Sabino diria uma resposta afiada logo em seguida, sem titubeio. Mas, por alguns segundos, ele travou. Não era fácil ver isso acontecer, o que fazia do momento, marcante, e fazia as pessoas se sentirem importantes de presenciar situações assim. Aquelas frases finais, dotadas de tamanha sinceridade, travaram por um momento na garganta daquele senhor qualquer seriedade moldurada em ironia que ele pudesse pensar. E a falta da resposta imediata dizia imediatamente o quanto aquele senhor admirava a menina. E se orgulhava de poder admirar aquela menina.

– De todos os títulos citados, os referentes à sua afeição me soam os mais importantes – disse, não soando como ele próprio.

Os sorrisos na classe continuaram. O de Maria Hanson, o maior deles.

– Mas acho que a questão aqui hoje deveria ser: existe alguém nesse recinto que não saiba quem é esta senhorita?

As pessoas riram, achando que Sabino estava apenas fazendo graça.

– É meio difícil não saber quem ela é, né? – disse Karin Penwood, uma das alunas mais jovens, de apenas sete anos, filha de Kenny Penwood, antiga colega de classe de Maria ali presente, e que hoje se revelava uma mãe dedicada. - Ela é a professora.

Se você não se lembrar de Kenny Penwood, acho que posso ajudar: foi ela a menina capaz de abrir a camisa e mostrar o busto para centenas de pessoas ao tentar chamar a atenção de Axel Branford em uma execução pública em plena praça central. Fourton, o Idiota, era apaixonado por ela. Mas, no fim, ela escolheu Andreos Darin, um dos irmãos gêmeos amigos de infância de João Hanson, e que também estava presente naquela aula. A filha, porém, não era de Andreos, mas de um homem mais velho e casado, que se mudou com sua outra família sem avisar Kenny para onde. Ainda assim, a vida a aproximou de Andreos novamente, que as tomou como família.

– Perspicaz, pequena Penwood! Muito perspicaz! – Esse era Sabino, o único homem em Andreanne a utilizar essa palavra e tão bem. – Mas preciso lhe corrigir em uma coisa: a fama da senhorita Hanson também se espalha pelo Grande Paço.

Maria franziu as sobrancelhas, sem saber aonde aquilo iria chegar.

– E o título de *atual* professora dessa escola se encerra hoje nesse dia já histórico para Arzallum!

Maria franziu as sobrancelhas *um pouco mais*.

– Porque Maria Hanson nesse momento está sendo convocada para trabalhar para a família real.

Não havia qualquer traço de ironia na voz dele, apenas seriedade. E isso soava para Maria Hanson mais fascinante e assustador do que qualquer conversa envolvendo parques ethéricos e serpentes de aço.

O final dos trilhos e o início da arruaça se localizavam em – uma das áreas próximas do cais. Duas barras de metal paralelas se estendiam pelo solo ao longo de parte da costa de Andreanne, evitando cruzar a cidade pelo meio. Os trilhos metálicos se prendiam em suportes de madeira, reforçados por rocha triturada, e a opção pelas bordas facilitava as obras e minimizava o caos urbano.

Pela cidade, alguns termos jamais utilizados antes corriam na boca da população. A serpente de aço que transportaria as pessoas era um *trem*, o local de onde ela partiria era uma *estação*, os homens treinados pelos gnomo para conduzi-lo eram os *maquinistas*. E assim a coisa corria. Falava-se sobre o quão veloz uma máquina daquelas poderia ser, o quanto de pessoas poderia alocar, o quanto de dinheiro teria sido utilizado para a sua existência. As pessoas se aglomeravam com a mesma excitação com que um dia se aglomeraram na Arena de Vidro para ver Axel Branford se tornar o campeão do mundo diante dos líderes de outras nações. O sentimento patriótico e o conceito de superioridade de Arzallum perante os outros Reinos se estampava nos sorrisos, no agito, no clamor. Não era uma questão de aquele povo estar vendo o início de mais uma revolução tecnológica, mas de novamente estar vivenciando a sensação de conferir a História ser feita em suas terras. Mesmo sem ideia do esforço para o feito.

Apesar de boa parte do orçamento da obra ter vindo dos impostos reais, e, por isso, ter sido pago pela própria população, a primeira *viagem de trem* de Nova Ether (e ainda me é tão singular dizer esse termo) seria apenas para convidados, e então, a partir dela, qualquer pessoa poderia comprar um assento por trinta moedas de princês ou equivalentes. Se o preço valeria era uma incógnita, ao menos o deslumbre já não tinha preço.

A chamada *estação de trem* impressionava. Ao lado do vão dos trilhos erguiam-se estruturas de formato abobado, lembrando um túnel semicircular de telhas e metal. Na parte interior da estrutura, alguns degraus ao redor de pilastras levavam a um segundo andar, onde pessoas também poderiam observar o trem e acenar para os que partiam.

Falando em observar o veículo, a máquina era dividida em duas partes. A primeira menor que a outra e com o formato que teria um elmo medieval fechado se ele fosse de repente agigantado e esticado para a frente. Essa parte era chamada de *locomotiva*. Já a segunda se mostrava uma carruagem infinita de duzentos metros de comprimento, com mesas, cadeiras e sofás acolchoados e cabines privativas,

chamadas de *vagões*. O desenho final dessa união era um monstro de metal polido e decorado com desenhos retorcidos, sustentado por pranchas em cima de vias metálicas. A carroceria havia sido pintada com as cores preto e púrpura, as preferidas do sultão Badroulbador, um detalhe inegociável e que lembrava ao Ocidente o que a aliança com o Oriente poderia lhe render.

De fora, ambas pareciam uma única forma, já por dentro o acesso à locomotiva era restrito por guardas reais. Outro detalhe curioso: ao contrário dos navios, não havia chaminés em nenhum ponto; logo, ninguém fazia ideia realmente de como aquilo iria se movimentar sem vapor, o que estimulava a imaginação.

Soldados arzallinos iam delimitando espaços em meio à população que se esmagava na estação, abrindo caminho para os primeiros passageiros. Era curioso que os nobres ou convidados eram saudados com aplausos, como se fossem pessoas especiais simplesmente por estarem diante de uma situação especial. Pais, mães e crianças passavam pelo corredor improvisado acenando e recebendo acenos de volta, tão bem vestidos que mais pareciam prestes a assistir a uma ópera do Majestade, sendo recebidos na entrada por Rumpelstichen, o gênio por detrás daquilo, ao lado de seus engenheiros-gnomos.

E, a cada nova carruagem que parava próxima à estação, os olhos corriam à espera da família real. Ou ao menos de uma parte dela. Afinal, no fundo, boa parte da excitação daquele povo vinha do fato de aquilo lhes parecer uma oportunidade de eles finalmente *reverem* Axel Branford. Foi diante dessa sensação e dessa expectativa que a carruagem da família real de Arzallum estacionou próximo ao cais. As portas se abriram. E seus integrantes desceram.

7

— Como assim: “trabalhar para a família real”, professor? — quis saber Maria Hanson. — E por que nós estamos numa carruagem? E para onde estamos indo?

Sabino von Fígaro mantinha os olhos fixos nela, sem responder, apenas com um sorriso que nunca virava um riso. Quando entendeu que ele não iria responder até ela se acalmar, Maria Hanson por um momento, afogada na própria ansiedade, se sentiu Ariane Narin.

— É realmente admirável que consiga antecipar as perguntas que formam o todo, senhorita Hanson. Mas qual o mantra a ser utilizado aqui?

Maria suspirou.

– Não importa quantas perguntas sejam...

Sabino não aproveitou a pausa para complementar, apenas esperou que ela própria concluísse.

Como na época da Escola Real do Saber.

– ... faça uma de cada vez – disse ela.

Ele balançou a cabeça, satisfeito com a resposta.

– Sabe... – iniciou ele. – Eu sei que você pensa que eu comecei a lhe preparar para esse cargo apenas no dia em que nossos caminhos se cruzaram quando Jamil Coração-de-Crocodilo invadiu o porto de Andreanne. Eu sei que você deve achar que nosso encontro em meio ao caos do centro da cidade foi acidental, e que eu a tomei como minha pupila por mero acaso...

– Mas, professor, na verdade *foi exatamente assim* – reafirmou ela. – João e eu iniciamos uma investigação por conta própria, sem ideia do que estávamos fazendo. Foi um acidente cruzar a nossa investigação com a do senhor. Quero dizer, nós éramos crianças brincando de detetive perto de uma pessoa tão experiente quanto um conselheiro real, mas foi um golpe de sorte ter estado lá na mesma hora que o senhor chegou na casa dos Basbaum. Um golpe de sorte que agradeço, mas, ainda assim, um golpe de sorte.

– Eu posso afirmar que você está certa na parte de comparação entre as investigações, mas errada em todo o resto.

Ela novamente suspirou. Anos haviam se passado, uma relação de família se estabelecido, e, mesmo assim, ela nunca sabia direito quando estava sendo ofendida ou elogiada por aquele senhor.

– Eu não treinei você a partir daquele dia, Maria Hanson! Eu treinei você desde o dia em que pisou na Escola Real do Saber.

Maria franziu a sobrancelhas novamente e deixou a boca abrir, travando a expressão. A voz que não saía fazia diversas perguntas no silêncio, sem se importar que fossem uma de cada vez.

– Sabe quantas pessoas teriam sobrevivido ao que você sobreviveu? – perguntou Sabino. – Uma maga negra recém-iniciada já seria um feito a se admirar, mas... uma bruxa canibal, capaz de se ocultar de Caçadores de Bruxas? Isso é raro!

– Professor, eu não sei o que...

– Você enganou uma bruxa experiente e a tacou dentro de um caldeirão fervendo. Se um soldado real tivesse feito isso, ele seria promovido com honras!

Com certeza. Para uma tropa de cavaleiros vermelhos.

– E, depois do acontecido, você e João Hanson tiveram de prestar depoimentos à Guarda Real. Você se lembra disso?

– Eu lembro. As pessoas achavam que meu pai pudesse ter nos abandonado para morrer na floresta, e foi preciso que contássemos o que realmente aconteceu.

– Sim, foi preciso. – O tom da voz dele era sombrio. – Sabe, se o caso fosse comprovado como de negligência paterna, se Hígor Hanson tivesse mesmo abandonado vocês para a morte no meio de uma floresta e não houvesse bruxas, tudo teria continuado apenas com a Guarda Real. Mas, no momento em que bruxas entraram na narrativa, *quem* você acha que eles foram consultar?

O coração de Maria mudou de ritmo sem que ela soubesse dizer exatamente o porquê.

– Professor...

– Você não faz ideia do caos que a Casa de Doces causou no Grande Paço. O Rei Primo Branford me perguntou se bruxas estavam de volta, se ele havia falhado, se os caçadores deveriam voltar...

– E o que o senhor respondeu? – perguntou ela sem segurança, indecisa mesmo sobre se *podia* fazer aquele tipo de pergunta.

– Eu respondi que não – admitiu Sabino, como se aquilo pesasse diretamente em seus ombros. – Eu fui a favor de que ele *não* alardeasse Arzallum, ao menos antes de tentar caçar aquelas ameaças recentes ainda na surdina. Eu fui a favor de que ele desviasse a atenção da população, enquanto as buscas aconteciam. Eu fui a favor de uma decisão da qual me arrependo todos os dias.

A expressão em choque de Maria continuava. Era raro, bastante raro, ver Sabino von Fígaro demonstrar fraqueza, demonstrar arrependimento e, principalmente, admitir ter errado.

– Ele criou o Majestade depois daquilo. E, quando a ameaça apareceu, quando a aliança macabra entre Jamil Coração-de-Crocodilo e a bruxa Babau se revelou, os Caçadores de Bruxas não estavam lá. Nem para prevê-la, nem para impedi-la.

O velho senhor interrompeu a narrativa e apertou os lábios, passando a mão nos poucos cabelos brancos na lateral da cabeça.

– Eu sei que para você que cresceu com o Primo já Rei, é difícil enxergar isso, mas... antes disso tudo, de toda loucura... ele era apenas um filho de moleiro querendo fazer o melhor pro seu povo, entende? Ele se tornou a figura de um herói para os homens de paz, e se tornou a figura de um general para os homens de guerra. Mas, para mim que sou um homem de ambos, Primo Branford era, antes de tudo, meu amigo, entende?

Os olhos de Sabino von Fígaro brilharam uma luz diferente e Maria Hanson não conseguiu acreditar de imediato que eram princípios de lágrimas. Não com *aquele* homem.

– E por isso, desde aquele dia, ao longo de todos os dias eu me pergunto... se eu tivesse agido antes... se tivesse dado outros conselhos... ele *ainda* estaria aqui?

Houve uma pausa, que calou o som do mundo.

E Maria Hanson viu Sabino von Fígaro chorar.

Foi rápido. Tão rápido que ele logo em seguida retirou os óculos de lentes finas do meio do nariz e enxugou os olhos, mas, independentemente, aquele foi o momento mais frágil que ela já havia visto daquele senhor. O momento mais humano. E, para Maria Hanson, foi um privilégio ele se permitir se mostrar daquela forma para ela, ao menos uma vez.

– Não foi sua culpa – afirmou Maria, com a firmeza que ele costumava dizer quando ela se mostrava frágil. – Se você for culpado por isso, eu também teria de ser culpada por ter fugido sem matar Babau na Casa de Doces. Ou Axel deveria ser culpado por ter ido atrás de Anísio, e não ter estado aqui. Ou Anísio deveria ser culpado por ter feito Axel ir atrás dele, e também não ter estado aqui. Ou Clérigo Thamasa deveria ser culpado por não descobrir que uma maga negra agia bem debaixo de seu templo. Ou a Guarda Real deveria ser culpada por não ter vasculhado a Catedral da Sagrada Criação por completo.

Sabino novamente mantinha os olhos fixos nela, mas sem ameaças de risos ou sorrisos. Apenas uma atenção rara, que ele dedicava apenas às pessoas que respeitavam o conhecimento, e essas eram raras.

– E você tem razão – continuou Maria. – Quando a ameaça apareceu, os Caçadores de Bruxas não estavam lá. Mas *nós estávamos*. Eu, você e João estávamos. E nós fizemos a nossa parte. Fizemos um papel que não pedimos, diante de uma situação em que não tínhamos nos colocado. E isso já foi mais do que milhares fizeram, foi mais do que milhares ainda fazem. Milhares de pessoas que foram poupadas por não terem pelo que se culpar.

Sabino engoliu em seco. Os olhos dele brilharam de novo, dessa vez refletindo certo orgulho. A satisfação que um pai sentia quando percebia que uma filha havia crescido e se tornado uma pessoa ainda melhor do que ele poderia imaginar.

– Maria Hanson... – disse ele, de repente, como se não fosse o nome dela, mas de outra pessoa que não estivesse ali. – Eu nunca esqueci esse nome: Maria. Hanson. O tempo passou, eu me aposentei do meu compromisso militar e assumi meu compromisso civil como professor da Escola Real do Saber. E a vida seguiu. Sem surpresas, sem bruxas. Até que um dia, anos depois, *aquela* menina da Casa de Doces entrou na minha sala de aula, e eu soube que aquilo não era um acaso. Eu soube que ali me tinha sido dado o que eu sempre havia pedido.

O coração de Maria continuava acelerado com receio da responsabilidade que viria com o final daquela revelação.

– Porque ali eu soube que a vida tinha escolhido minha discípula.

Foi a vez dos olhos de Maria Hanson brilharem o princípio de lágrimas, que não demoraram a cair.

— Está vendo ele? Está conseguindo ver? — perguntou Ariane, de pé em um banco dentro do trem feito para as pessoas sentarem, observando uma janela.

— Eu não sei, tá cheio de gente ainda — comentou João, também tentando enxergar, mas sentado. — Só que eles estão vindo...

A aproximação da família real era possível de ser acompanhada do lado de dentro pela algazarra do lado de fora. Anteriormente, João e Ariane haviam passado pelo corredor em direção ao vagão como celebridades. Ambos eram conhecidos cada qual por sua própria história, e, mais ainda, por suas lendas, que não paravam de aumentar. João continuava a se sentir desajeitado em situações como aquela, acenando constrangido para as pessoas, ainda sem saber exatamente por que elas o consideravam especial. Já Ariane passava acenando como uma estrela de um palco de teatro, sabendo bem por que as pessoas deveriam considerá-la assim.

— Por dentro esse lugar é bem maior do que parece lá de fora, né? — disse ela.

De fato o interior do vagão assustava. O compartimento de metal alongado inicialmente instigava pelo efeito da visão contínua, como se a repartição não tivesse fim. Além disso, todos os cantos eram decorados, fosse com quadros pintados a óleo, representando eventos históricos, fosse por lustres com bolas de vidro onde normalmente haveria candelabros com velas. Os assentos variavam entre os bancos paralelos à lateral, onde Ariane se colocava de pé, e as cadeiras de mesas ao fundo preparadas para servir jantares. Como opção alternativa havia cabines improvisadas com dois bancos perpendiculares à lateral do trem e colocados um de frente para o outro, como uma boa opção para famílias ou amigos viajando juntos. Além da visão, outros sentidos eram estimulados. Incensos de mirra deixavam no ar um odor agri-doce e, ao menos durante aquele período de espera, um bardo tocava um banjo enquanto interagia com os recém-chegados. Esses pequenos detalhes imersivos eram tão bem planejados que nós poderíamos passar muito mais tempo aqui listando detalhes do tipo.

Mas o som de tumulto invadiu o interior do trem. E a família real entrou.

Primeiro surgiu Branca Coração-de-Neve. Escoltada por soldados, a Rainha usava um vestido longo prateado com um casaco de lã por cima, embora não estivesse frio o suficiente. Esse detalhe, aliás, não era importante; afinal, se a Rainha de Arzallum tinha resolvido ir àquela inauguração com um casaco de lã em um dia de temperatura razoável, isso se tornaria a partir daquele dia uma referência de moda local. Os cabelos escuros se mostravam presos em pequenas tiras. Brincos

perolados brilhavam ao lado do rosto de pele pálida e face maquiada. Anéis de diferentes tamanhos lhe ocupavam todos os dedos. Na testa não se prendia sua coroa oficial, mas uma tiara de ouro cravejada de rubis fazia o papel de lembrar quem era aquela mulher.

Atrás dela, surgiu Anísio Branford. Usava uma túnica vinho em linho de mangas compridas reforçada por um colete de lã, cinto e uma calça escura que ia até o tornozelo, presa no quadril por cordões. Meias longas e um calçado de couro que lhe subia pelas canelas completavam o visual. Também exibia anéis em grande parte dos dedos e uma tiara masculina ao redor da testa, bem como uma capa com as cores de Arzallum. Atrás dele, mais alguns soldados completavam a escolta do Rei dos Reis liderados pelo atual capitão da Guarda Real, Rinaldo Grimaldi.

A figura do Rei e da Rainha *sempre* causava impacto; afinal, eram muitas histórias. Histórias de tragédias, de guerras, de conquistas, de magia. Eles representavam uma família que trazia sangue feérico, que havia desafiado Bruja, que havia vencido uma guerra contra o ditador de Minotaurus.

Então, após a passagem, a expectativa.

– É agora... – disse Ariane, antes que seu coração parasse, o tempo andasse devagar e o mundo perdesse o som.

Nada. Inércia. Ansiedade. Coração acelerado à espera do próximo integrante da família real a entrar no trem.

Tudo até o suspiro, ao perceber que o mundo havia retomado ao normal.

E Axel Branford *não* estava lá.

– Eu te disse – reafirmou João. – Você devia me escutar mais.

Ariane olhou para baixo, apertando os lábios. João desejou que, estivesse onde estivesse, Axel Branford tropeçasse naquele momento e desse com a cara no solo.

– Ei... – chamou ele. – Não fica assim.

– É, eu sei. Eu sei que você estava certo – respondeu ela. – É que... uma parte de mim queria que você estivesse errado, entende? Não por mim. Quero dizer, não *só* por mim.

João passou o braço ao redor dela. Ela deitou a cabeça no ombro dele, observando o anel em seu próprio dedo.

– Eu entendo – disse ele. – Mais do que qualquer outra pessoa, eu entendo. Mas quer saber? Ela simplesmente *não precisa* dele. Ela é quem ela é porque já é completa. Ela já é perfeita. E pode ser quem ou o que quiser na vida dela, porque ninguém chega aos pés dela. Nem mesmo um nobre herdeiro. Nem mesmo um príncipe. Nem mesmo um Rei.

Ariane sorriu com os lábios unidos e os olhos apertados.

– É – admitiu ela. – Ela é perfeita como é. Assim como você.

Ele desviou o olhar, sem deixar que a intimidade lhe tirasse o acanhamento mesmo depois de tanto tempo.

– Eu não chego aos pés da minha irmã... – confessou João Hanson. – Eu apenas posso me espelhar nela.

– Você tá brincando, né? Sério, os seus pais deveriam ser obrigados a passar o dia gerando outros Hanson por aí! Tornaria Nova Ether bem melhor.

– Já pensou? Se dois já dão trabalho, imagine três irmãos Hanson andando por aí!

– Seria marcante – disse Ariane. – Vocês poderiam formar uma banda!

João riu. Era a única opção.

– De onde você tira essas ideias loucas? – perguntou, com a consciência de que nem ela teria a resposta.

Eles se calaram por um momento, se perdendo nos olhos um do outro. Até que João inspirou fundo, tomando coragem para dizer em voz alta o que havia passado em sua cabeça.

– Sabe... pensando sobre isso que você falou... é mesmo uma pena que, infelizmente, o meu pai não está mais por aqui, e não poderia gerar outro Hanson...

Ariane apertou os lábios, como se aquele fosse um momento nostálgico. Ela iria consolá-lo. Antes disso, contudo, sua expressão se modificou quando João enfim completou dizendo:

– Contudo, *eu* ainda estou.

A boca de Ariane abriu. Os olhos não piscaram.

– E *eu* posso.

O rosto dela permaneceu em choque, sem a certeza de que havia recebido a proposta mais extasiante ou a mais assustadora de sua vida.

9

— Então é *essa* a sua casa, professor? – perguntou Maria Hanson, observando o casebre pela primeira vez.

O tom da voz dela não deixava claro se ela estava surpresa ou decepcionada. O lugar de um único cômodo já seria considerado apertado e vazio, lotado de prateleiras, livros, carpetes, estantes e candelabros; então, se tornava quase claustrofóbico. Em um dos cantos restava uma poltrona com um descanso para as pernas, o único móvel para uma pessoa se sentar naquele ambiente.

- Bem diferente do que esperaria de um antigo Conselheiro Real, não é?
- Não, não – embarçou-se Maria. – Eu só estou surpresa de estar aqui.

Sabino fez sinal para que ela explorasse o lugar. A primeira coisa que ela notava era a limpeza. Apesar de poder ver seis estantes com livros antigos, não havia teias de aranha, não havia nenhuma madeira detonada por cupins, não se sentia nenhum cheiro de mofo. Maria conseguia perceber em pouco tempo que Sabino von Fígaro não era apenas um homem metódico, mas também um tanto obsessivo com limpeza e organização.

– Eu sei, foge ao meu controle – acrescentou ele, como se pudesse ouvir os pensamentos dela. Ou deduzi-los. – É como se fosse uma *compulsão*, entende? Determinados hábitos que criam em mim uma espécie de sensação de segurança.

– Como assim, professor?

– É difícil explicar a alguém que não divida essa sensação igualmente, e até hoje eu encontrei apenas uma pessoa que se comportasse de maneira parecida – acrescentou ele rapidamente, como um parêntese. – Mas é como se... minha mente acreditasse que algo ruim aconteceria se eu não realizasse meus hábitos de organização e higiene diariamente, é compreensível isso para você?

– Como uma superstição? – indagou ela.

– Não – resmungou ele. – Superstições envolvem fé, o que é completamente distinto. Meu caso seria considerado algo mais científico ou biológico do que uma crença sem questionamento.

– Como isso poderia ser *científico*, professor? Você diz que algumas pessoas como o senhor poderiam simplesmente nascer assim, com um determinado fanatismo por alguma coisa?

– Talvez – concordou ele. – Ou talvez exista algum gatilho na infância da pessoa que desperte nela essa necessidade por ilusões de segurança. Algum fator que em determinado momento possa vir à tona e desencadear algo dentro dela.

Maria ponderou um momento sobre aquilo.

– Como aconteceu com João?

Sabino aquiesceu, sem que ela precisasse explicar. Após o incidente na Casa de Doces, o nariz de João Hanson passou a sangrar quando ele estava próximo de situações que envolvem magia negra, algo deduzido e revelado pela primeira vez pelo próprio Sabino aos dois irmãos durante a invasão de Jamil Coração-de-Crocodilo em Andreanne.

– De uma maneira completamente diferente do meu caso, mas, sim, esse é o espírito.

Maria voltou a observar os livros, dessa vez notando os títulos. Encontrou livros envolvendo histórias de bruxaria, contos de Arzallum, manuais militares,

poesias, ocultismo, estudos de filosofia, contos de detetive, capa & espada, e até mesmo uma fileira escondida de livros de...

– Isso são romances *femininos*, professor? – perguntou Maria, com um sorriso aberto.

Sabino manteve a compostura, como se nada demais estivesse ocorrendo por ali.

– Defina romances “femininos”, senhorita Hanson.

– Livros normalmente com histórias de amor repletas de idas e vindas para um casal ficar junto, que as mulheres não veem problema em debater, enquanto os homens se envergonham de assumir publicamente que leem.

Sabino ficou calado por um momento, e olhou para o outro lado.

– Sim, são romances femininos – disse rapidamente, como se dissesse nas entrelinhas: “e nós nunca mais falaremos sobre isso”.

Maria gargalhou, como há tempos não fazia. Uma risada diferente. Uma risada que costumava dividir apenas com Hígor Hanson, seu falecido pai.

– E, em meio a tantos livros, onde o senhor *dorme*, professor?

Foi a vez de Sabino rir.

– No único assento disponível nessa sala, ora essa...

– Verdade? Não me parece muito confortável!

– Por que não testa?

Surpresa pela autorização, Maria Hanson se sentou na poltrona de Sabino von Fígaro. A cadeira estofada era macia, bem mais suave do que parecia a princípio, e inclinada um pouco para trás. Os braços eram grossos e havia uma almofada para apoiar a região lombar e outra para apoiar o pescoço.

– É realmente confortável – assumiu ela. – Eu poderia...

Sabino fez um gesto para que ela seguisse em frente. Com o receio de alguém que estivesse cometendo uma infração, Maria esticou as pernas no apoio para os pés, ajeitou a cabeça, cruzou as mãos sobre a barriga e relaxou.

– É... aconchegante.

– Eu sei – disse ele, enquanto apanhava uma chaleira e dois copos de vidro.

Maria fechou os olhos, sentindo-se cada vez mais como se não estivesse na casa de um estranho.

– Professor, você acredita em algo?

– Defina melhor, senhorita Hanson – pediu ele, colocando chá nos copos.

– Você disse antes que o seu comportamento não tem nada a ver com fé. Mas... você acredita em alguma coisa acima da ciência?

– Você quer dizer que fé está acima da ciência?

– Não – disse ela, abrindo os olhos e percebendo que ele se aproximava com os dois copos. – Não dessa maneira. Eu quero dizer... excluindo a ciência, você

acredita em algo que possa ser acima do estudo racional?

Maria apanhou o copo de vidro. Eles brindaram e Sabino se apoiou em uma das estantes, transformando uma das partes baixas em um assento.

– Sabe, ao longo da minha vida, eu vi coisas que seriam consideradas inacreditáveis. Eu vi fadas abençoarem pessoas tanto quanto vi fadas caídas amaldiçoarem pessoas. Eu vi uma carta que uma maga negra, a mesma que você arremessou em um caldeirão, que se materializou na frente de um Rei a caminho da loucura. Eu vi uma águia-dragão voar. Eu vi um clérigo utilizar uma Pedra da Criação para materializar o próprio pensamento. E na teoria, para a maioria das pessoas, isso seria além do racional, você compreende? Mas, para mim, se nós vivemos em um mundo de éter, tudo isso está em uma área separada por uma linha traçada entre a fé e a ciência, que eu me dedico a estudar e entender.

Maria mal piscava.

– Então a questão não é que eu acredite ou não, a questão apenas é que eu *não nego*. E *isso* faz toda a diferença. Porque esse tipo de postura me impede tanto da convicção cega como da arrogância científica.

– O senhor disse que realiza esses rituais de limpeza porque eles lhe passam uma falsa sensação de segurança. Isso não é uma convicção cega?

– Não, porque eu tenho *consciência* de que isso é uma bobagem. Mas essa é a maneira *racional* que eu encontrei de manter em controle os meus gatilhos. Então se eles funcionam, por que negá-los?

Maria bebeu um gole do chá, com o olhar desfocado em seus próprios pensamentos.

– É uma maneira fascinante de pensar – afirmou ela. – Mas, ainda assim, não existe *nada* que você considere acima? Nada que seja acima do semidivino? Algo que prove a existência do tão distante divino?

Sabino von Fígaro deu a si próprio um momento para refletir sobre aquilo. Então de repente tossiu de maneira agressiva, sem controle. Maria se preparou para socorrê-lo, mas ele se afastou e fez sinal para que ela não se aproximasse.

– Não se preocupe, não é nada com que você deva se preocupar.

Maria estranhou aquele comentário.

– Eu lhe falei sobre situações extremas que presenciei – disse ele, desviando a conversa. – Em todos esses anos, contudo, você sabe qual delas me foi a mais surpreendente?

– Não faço ideia.

– O dia em que nós vimos Babau *matar* João Hanson.

Maria travou com a resposta.

– Nós estávamos lá – continuou ele, com os olhos fixos nos dela. – Nós vimos o garoto agonizar, antes que a Rainha Terra adentrasse e destruísse a maga negra. E,

ainda assim, ver uma fada abdicar da condição humana para se tornar um instrumento de guerra não me foi a coisa mais surpreendente naquele dia. Porque a coisa mais espantosa que eu já vi em todos os meus anos de vida foi a menina Ariane Narin apanhar aquela Pedra da Criação, negociar com a Morte e trazer João Hanson de volta para os braços dela.

Duas lágrimas desceram pelo rosto de Maria, sem que ela nem mesmo notasse.

– Aquela menina não foi treinada para aquilo. Ela não era uma clériga, não era uma sacerdotisa ou uma estudiosa. Na verdade, ela nem mesmo imaginava com que tipo de forças estava mexendo! Ela simplesmente foi lá e fez. Sem dúvidas, sem medo. Revertendo o inevitável, baseada apenas em um sentimento de *amor*. Mas quando eu digo “amor” aqui, eu não estou falando do amor que nós *pensamos* que compreendemos, ou que podemos tentar demonstrar de alguma maneira. Eu estou falando de um sentimento maior do que a vida, entende? Um sentimento capaz de gerar vida, de sacrificar a própria vida. E esse sentimento que aquela menina demonstrou por aquele aprendiz de cavaleiro naquele dia na Catedral da Sagrada Criação... esse sentimento é maior do que nós, humanos. É maior do que os semideuses que dão vida a Nova Ether. *Esse sentimento* nos conecta com o tal divino tão distante de nós. Você compreende?

Maria limpou as lágrimas da face, enfim as percebendo. Sim, ela compreendia. Ela até mesmo já havia sentido aquilo por alguém, uma única vez.

Uma única e maldita vez.

10

— Você não está falando sério, né? – perguntou Ariane ainda dentro do trem parado, sentindo falta de ar. – Tipo, nem um pouco, né?

João não quis sorrir, para que ela acreditasse.

– Eu brincaria sobre *isso*?

– Mas... mas... você acha que estaria pronto? Mais ainda: acha que *eu* estaria pronta? E, tipo, você quer *realmente* passar a ter um laço eterno comigo?

– Ariane, eu ressurgi das cinzas várias vezes na minha vida – lembrou João. – Na Casa de Doces, no duelo contra o Conde de Ódio, na batalha com os escudeiros pela segurança da Rainha. Mas foram dois os momentos da minha vida em que eu voltei da morte. Naquela catedral quando Babau tentou se vingar, e na floresta quando Rastyara me deixou aleijado e entregue à própria sorte. Nas duas vezes, eu

voltei *por você*. Eu voltei *pra você*. A sua inicial está tatuada nas minhas costas, o seu nome está cravado na minha árvore. E você me pergunta se eu quero *realmente* passar a ter um laço eterno contigo? Esse laço já existiu quando eu vi você pela primeira vez! A menina do chapéu *vermelho*, cercada por meninos mais velhos que nunca conseguiram te intimidar. Quando eu entro numa batalha, você é meu escudo, porque é o motivo pelo qual eu *preciso* sobreviver. Você é a pessoa mais espontânea, mais autêntica, mais verdadeira que eu conheço. Porque você nunca foi pela metade, Ariane. Você sempre foi *por inteiro*! E se isso não é estar pronta, e se isso não é tudo que um ser humano gostaria de ser parte ao vir a esse mundo, então ninguém está pronto. Porque ninguém nesse mundo seria capaz de ser mãe melhor do que você.

Ariane tremia. Não era medo, nem excitação, mas algo em alguma região entre esses dois sentimentos e que estava em chamas. Ela queria respirar, falar, gritar, mas o ar era rarefeito. O vagão começou a tremer com o barulho da ignição do motor e do apito, indicando a partida iminente, e ela nem mesmo se importou. Alheia ao momento histórico, Ariane pulou em cima de João Hanson, derrubando-o pelo chão e dominando a atenção de todo o trem. Soldados fizeram menção de ir até os baderneiros, mas, ao reconhecer o casal, a Rainha Branca sorriu e fez um sinal para que eles não se envolvessem.

– Eu te amo – disse ela em cima dele, quando o ar retornou. – Eu *simplesmente* te amo.

Os lábios deles se encontraram e eles ali permaneceram, sem se importar com a reação das pessoas ao redor. Sem se importar com qualquer tipo de História que não fosse a deles dois.

Porque você nunca foi pela metade, Ariane.

Como se fossem o casal mais completo daquele Reino. Como se fossem o casal mais amado. Como se fossem o casal que todos nós gostaríamos de ser.

Você sempre foi por inteiro.

O primeiro trem de Nova Ether partiu, levando com ele uma parte do amor do mundo.

O galeão que singrava o mar naquele dia em direção leste possuía mais história somente em seu nome do que algumas gerações inteiras de famílias. Com seus três longos mastros sustentando uma meia nau de quarenta e oito metros, ao longo de sua existência o Jolly Rogers já havia sido base de diversos capitães piratas que disputavam entre si o título de pior dos mares.

Dentre eles, três se destacavam.

O primeiro era James Gancho. Implacável, obcecado, sanguinário. A verdade é que Gancho não tinha sido o primeiro capitão de um navio pirata a se tornar uma lenda, mas talvez tivesse sido o que despertou mais histórias sobre os feitos que cometera, os que acharam que ele havia cometido, e os que ninguém imaginou que ele havia sido capaz de cometer. Saqueador e comerciante de escravos, fez fortuna ao transformar o tráfico de pó-de-fadas de um negócio de submundo em um negócio intercontinental, e terminou com a mão comida por um crocodilo e o corpo pulverizado em um ritual de bruxaria incompleto.

O segundo era Jamil Coração-de-Crocodilo. Filho bastardo de um James Gancho já vencido pelo tempo e pelo câncer, o jovem trouxe, aos 19 anos, vitalidade aos negócios violentos da família ao abrir o peito do velho crocodilo-poroso que arrancara a mão de seu pai, e emergir com o coração do bicho. Mais estrategista do que Gancho, Jamil fez alianças com bruxas vingativas, manipulou a Coroa Real e até mesmo enlouqueceu o maior dos Reis. Terminou aleijado, sem uma perna, e enxergando com apenas um dos olhos.

O terceiro e atual capitão ainda estava construindo sua fama, mas suas histórias já ganhavam uma originalidade que o destacava dentre os demais. Antigo marujo de Jamil, e também de Gancho, o atual capitão do Jolly Rogers era dono de uma fama que misturava realidade, fantasia e misticismo. Mais racional do que os outros, mesmo seu nome trazia o peso de uma reputação construída com essas bases.

Snail Galford, o Sobrenatural.

Snail Galford, o *Simbad*.

É difícil dizer como sua história terminará.

– Bandeira de Albion no mastro a nordeste! – gritou Twist, um dos jovens piratas do galeão, com um dos olhos em uma luneta no alto do mezena, o mastro traseiro.

O grito ecoou pelo navio com a importância de um sino de emergência. Cada pirata correu para o seu posto, de acordo com sua função em meio à tripulação de mais de duas centenas de pessoas. Havia ali os marinheiros que controlavam cabos, cordas e âncora no cabrestante. Havia os trios que se revezavam ao longo de trinta canhões espalhados pelo convés. Havia os homens-gancho que conectavam o

galeão com o navio a ser saqueado. E havia os batedores, prestes a iniciar a invasão com espadas nas mãos e facas nos dentes.

Apesar de parecerem agentes do caos a um observador de longe, aqueles que vivessem sua realidade marginal de perto, porém, acabariam por perceber que na verdade existia uma organização deveras impressionante por parte daqueles homens do mar, ao menos quando se tratava de invadir, dominar e matar. Um dos piratas no convés correu até o aposento localizado no fundo e bateu três vezes na porta com ritmos diferentes. Duas vezes mais rápido. Uma mais lenta.

Sem demora, a porta se abriu. Do fundo do galeão, da cabine do capitão, saiu Snail. Os anos e a vida no mar o haviam deixado com uma aparência dez anos mais velha e um corpo mais forte e castigado. O rosto continuava com poucos pelos, mas exibia machucados, cortes, hematomas em processo de cura. Em vez do sobretudo, vestia uma camiseta branca com manchas de sangue que não eram dele. Cordões de ouro ao redor do pescoço, anéis de rubis ou com caveiras esculpidas em alguns dos dedos das mãos calejadas. Uma calça de lã apertada presa com um cinto grande de couro se conectava a um coturno de detalhes dourados. Quando a luz do sol se refletia na pele negra, ela não refletia a imagem do marujo que um dia sofreu humilhações naquele convés.

Ela refletia a imagem de tudo o que todos aqueles marujos que eram humilhados naquele convés gostariam de se tornar.

– Não sabia que cavaleiros conseguiam navegar... – disse um velho de barba e cabelos longos grisalhos, ao notar a chegada do líder pirata enquanto virava uma garrafa com uma mistura de rum, ácido sulfúrico, querosene, acetona, corante vermelho número 2 e pepperoni.

– Eles não conseguem – comentou Snail Galford. – Por isso seus navios afundam.

O velho achou graça. Seu nome era Jim Hawkins, o único homem a decifrar o local do Grande Tesouro do lendário pirata J. Flint. Tempos atrás, ele havia sido uma lenda entre os homens do mar, e gostaria de ter morrido assim, mas Snail Galford decidiu resgatá-lo de uma prisão em forma de calabouço e não lhe sobrou muita opção que não a de tentar ao menos manter sua reputação lendária antes do fim. Em retorno, Jim Hawkins tentou traí-lo e se unir a Jamil Coração-de-Crocodilo, mas Snail não apenas enganou os dois, como lhe arrancou uma das mãos com um machado e o batizou Jim, o Maneta.

– Nada incomum – disse uma voz recém-chegada. – Eles não são os únicos em alto-mar a não terem noção de suas reais limitações.

A voz vinha acompanhada de ódio. Mancando graças a uma perna de pau que fazia um baque surdo toda vez que batia no chão do convés, Jamil, o Manco, se aproximou. Os cabelos pretos, longos e desgrehados lhe desciam pelas costas do

corpo esguio, usando uma calça de couro e blusa de lã com uma parte do peito aberta. No rosto esticado e cheio de feridas apresentava uma barba escura vasta e que se estendia para todas as direções, além do olho de vidro que lhe tornava assombroso.

– Sabe o que fazemos com pessoas sem reais noções de suas limitações? – perguntou Snail. – Nós lhes damos uma lição.

– E seguimos torcendo para que essa lição não se volte contra nós – acrescentou Jamil.

– Ou que as teorias sobre elas não nos entediem – disse Jim.

Snail e Jamil olharam para ele como se fossem um casal vendo uma discussão pessoal interrompida por uma terceira pessoa.

– Por mais entediantes que possam ser essas discussões, ainda assim é bom que existam – disse Snail. – Pensar sobre elas pode ser a diferença para se manter algumas partes do corpo.

Jamil, o Manco, e Jim, o Maneta, se calaram.

Como eles gostariam de matar aquele pirata.

– As crianças já estão discutindo a essa hora? – perguntou uma voz feminina ao fundo, a última a se juntar àquela reunião.

Anos já haviam se passado, mas, toda vez que Liriel Gabbiani surgia, o navio se tornava diferente. Saindo da mesma cabine do capitão de onde viera Snail, ela andava com graça quase felina. Cabelos ruivos sempre curtos, sardas na face de pele branca, mas, ainda assim, um pouco mais bronzeada na medida em que o sol castigava aquele navio. Vestia uma calça preta justa com um cinturão na parte de cima, e uma bota tão alta na parte de baixo que lhe subia até os joelhos na forma de um grande funil. Um lenço branco se amarrava em sua cintura, descendo o excesso pela lateral. No tronco, um espartilho de cor rubra, deixando de fora os braços, uma parte dos seios e o pescoço. De resto, um colar de ostras, tiras de couro ao redor dos bíceps, luvas que lhe subiam pelo antebraço e brincos de pérolas.

Um dia Snail Galford admitiu que precisava dela, que ele iria trilhar caminhos sombrios e que Liriel era a pessoa que iria manter a sua humanidade. A função pareceu se sobrepor a apenas ele e se estender a todo o Jolly Rogers. Para uma tripulação formada principalmente por jovens adolescentes, Liriel Gabbiani era o mais próximo de um ponto de luz e calor em um mundo trevoso e frio.

– Apenas um bom momento entre amigos – disse Snail a ela.

– Sim, estávamos comentando o quanto nossa amizade é tão preciosa que daríamos um dos olhos, uma das mãos ou mesmo uma das pernas por ela – disse Jim.

Liriel riu.

– Você não muda, não é mesmo, velho Jim? – perguntou ela.

– É o preço dos perfeitos – disse Jim, bebendo mais um pouco da bebida híbrida. – Somos tão preciosos que os invejosos querem nos desfigurar.

– É o ciclo da vida – afirmou Snail, se aproximando de Liriel. – Os invejosos desfiguram os perfeitos. E depois passam a ser invejados.

Em um movimento tão abrupto quanto provocativo, Snail Galford passou a mão ao redor da cintura de Liriel Gabbiani e trouxe o corpo dela junto do seu, fazendo as línguas se encontrarem em um beijo que parou o navio ao redor. Observando a cena, Jim Hawkins suspirava como se se dando por vencido, Jamil apertava os dentes, pulsando as veias visíveis no rosto, e os capitães de areia... bem, eles apenas confirmavam nas expressões que Snail Galford era tudo o que queriam se tornar.

– Uau – disse Liriel quando ele se afastou dela. – Eu não estava esperando tudo isso pela manhã...

Enquanto caminhava na direção do último mastro, Snail comentou:

– É preciso fazer jus quando se quer ser invejado.

Liriel tapou o rosto.

– E o que você pretende fazer em relação aos seus amigos de Albion? – perguntou ela.

– Vamos descobrir.

Na base do mezena, Snail agarrou o mecanismo com a ponta de um gancho, preso a um sistema de cordas. O sinal foi dado e, do alto, o pirata da luneta liberou um peso de ferro também conectado ao mecanismo de cordas, que desceu com violência, erguendo o gancho junto com Snail em violenta velocidade para cima. Ao chegar no topo, o pirata apenas saltou para a estrutura na ponta do mastro como se os seres humanos tivessem nascido para fazer coisas assim.

– Deixa eu ver – ordenou Snail, tomando a luneta do subalterno. – Corveta! Dá pra contar três canhões desse ângulo, se eles tiverem realmente coragem de usar pólvora negra. Por alto deve ter uma média de setenta pessoas, ocupadas demais até hoje procurando espadas no fundo do mar.

– Vale a pena o risco, *pai*? – Apesar do tempo, o termo ainda fazia Snail sorrir. Aquele marujo era um de seus capitães de areia, meninos órfãos como ele havia sido um dia, que tomou para sua tripulação e responsabilidade, espalhando entre eles o senso de família que nunca tiveram. Moleques que iniciaram naquele navio como crianças e hoje se apresentavam como adolescentes quase adultos.

– Como andam suas facas?

– Nada que não fure, mas um pouco enferrujadas – respondeu Twist.

Snail sorriu com a resposta, abaixando a luneta.

– Então vale a pena.

O seu capitão de areia sorriu, anunciando ao navio em berros que quicavam nas ondas do mar:

– Preparar invasão! O capitão ordenou: preparar invasão!

Marujos movimentaram as vergas dos mastros, aproveitando a força dos ventos daquele dia e direcionando as velas na direção do navio a ser atacado. Do alto do mastro do galeão, observando sua tripulação se colocar em prontidão para um ataque ordenado por ele próprio, Snail Galford continuou a sorrir.

12

— Você se incomodaria se eu roubasse João por alguns minutos, senhora Hanson? – a pergunta partia de Rinaldo Grimaldi para Ariane Narin.

Ela *adorou* aquela forma de tratamento.

– Olha aqui, senhor Grimaldi, o senhor pode ser capitão da Guarda Real agora e tudo o mais, mas eu estou de olho no senhor, tá bom?

Rinaldo travou em um sorriso de choque. Aquela menina era a única em toda Andreanne que se atreveria a falar com alguém em sua posição daquela forma, e fazê-lo achar graça em vez de se sentir ofendido.

– Ariane... – lamentou João, querendo se esconder embaixo da poltrona.

– Nem vem, vocês dois! Eu não me esqueci daquela sua lady assanhada dando em cima do meu homem, não, tá bom?

Rinaldo ainda era sorriso em vez de ficar ofendido. Quando João Hanson era seu escudeiro, para testar a lealdade de seu pupilo ao código de cavaleiro, ele havia pedido que sua noiva prometida, lady Almirena Goffredo, lhe colocasse à prova, com tentação. No fim, João Hanson passou no teste e foi consagrado cavaleiro diante de sua família, amigos e do general e magistrado Lorde Wilfred de Ivanhoé.

– Foi um teste, Ariane! Não me envergonhe na frente de lorde Grimaldi!

– Ah, *agora* o senhor está envergonhado, é? – ressaltou Ariane. – Quando eu te peguei só de toalhinha com a *lady* saindo do seu celeiro, eu não vi vergonha nenhuma não!

Rinaldo franziu a expressão e olhou sério para João.

– Que história é essa, Hanson?

João engasgou, e gaguejou algumas palavras incompreensíveis. O rosto corou. As mãos começaram a suar e a palpitação cardíaca se intensificou, diante dos olhares fixos nele.

Então os olhares relaxaram e começaram a rir da cara dele.

– É piada, seu cabeça-oca! – disse Ariane. – Pra alguém que já viveu tanta coisa, você é bem fácil de enganar!

Ariane e Rinaldo bateram uma palma na outra, como se fossem amigos de infância, não o capitão de uma Guarda Real e a senhora de um cavaleiro. Ariane em seguida se levantou e disse:

– Eu vou deixar vocês a sós um pouco pra conversarem coisas de garotos!

Ela começou a andar pelo vagão, até que olhou para trás e apontou para Rinaldo:

– Mas, ó! Estou de olho, hein?

Ela saiu. Rinaldo continuava a sorrir. João continuava a corar.

– Ela é uma garota única, você sabe disso, não? – comentou o capitão.

– Senhor, por favor, me desculpe se se sentiu ofendido com qualquer...

– Relaxe, Hanson! Sua lady tem razão: para alguém com a sua experiência, você é bem inocente às vezes!

João suspirou, permitindo-se relaxar, e enxugando as mãos.

– O senhor tem toda razão, *senhor* – disse ele.

– É exatamente sobre experiência que quero falar contigo.

João não escondeu a surpresa.

– Senhor?

– Você completou cinco anos no exercício de sua função de cavaleiro. Como dita o código, você agora tem direito a um escudeiro.

João chegou a projetar o corpo para trás em reflexo.

– É mesmo? – perguntou mais para si que para o antigo mentor. – O tempo passa rápido.

– Você diz isso pra mim? Meu herdeiro vai completar três anos!

– Assombroso – voltou a comentar para si João. – Quando me tornei seu protegido, lady Almirena ainda estava para se tornar sua esposa.

– Quando você se tornou meu protegido, não existiam *trens*.

João apertou os lábios e balançou a cabeça, dando-se por vencido.

– Senhor, posso fazer uma pergunta?

– Diga – permitiu Rinaldo.

– Como é ser pai?

Rinaldo deteve-se por um momento, admirado pela pergunta.

– *Como é?* Sabe, é difícil te explicar a princípio. É um misto de sensações *estranhas*. Você olha aquela coisa pequenina, se mexendo, com os seus traços, ou, até com um pouco mais de sorte, com os traços da sua esposa, e você sabe que a sua vida mudou a partir dali.

– *Mudou* em que sentido?

– Antes, você vive *pra você*. Mas, a partir do momento em que você vira pai, passa a viver *pra outra pessoa*, entende? Não tem como explicar sem passar pela experiência, mas você simplesmente *sabe* que a partir daquele momento a sua existência passa a ter um novo propósito. Se eu tivesse de resumir a paternidade em uma palavra, eu diria: *preocupação*. O que posso te dizer da minha experiência é que é isso que a sua vida passa a ser. Você fica preocupado se o seu pequeno está com fome, se está com febre, você checa de tempos em tempos se ele está *respirando*! Mas toda essa cautela tem um motivo forte por detrás. Ela é um reflexo de um tipo de conexão tão forte que te faz ter medo o tempo inteiro apenas da possibilidade de perdê-la, entende?

João balançou a cabeça, desfocando o olhar. Ele compreendia. Um sentimento estampado nos rostos sulcados de Hígor e Erika Hanson, repletos de olheiras e olhos vermelhos de pranto, ao reencontrar seus filhos desaparecidos por dias em meio à arapuca de uma bruxa canibal.

– Mas, se você já está pensando nisso, vai ter a oportunidade de treinar um pouco do que viria a ser quase uma responsabilidade paternal, Hanson – anunciou Rinaldo.

– Como assim, senhor? – perguntou João, retornando a atenção à conversa.

– Quando retornarmos a Andreanne, eu não quero que você apenas escolha seu escudeiro. Eu quero que organize o processo de seleção dos escudeiros desse ano. Você se acha apto para isso?

– Eu... eu não sei o que dizer, senhor!

– Isso é um *não*?

– Não, não! – disse João, novamente embaraçado. – Eu quis dizer...

– Você quis dizer não duas vezes, eu entendi – disse Rinaldo, se levantando. – É uma pena, eu realmente esperava contar com você...

– Não, não, senhor! Quero dizer, sim, sim senhor! O que eu quis dizer é que...

– Relaxe, Hanson! Eu entendi – disse Rinaldo, virando-se no meio do vagão em sorriso, como Ariane também havia feito. – Mais vivência, menos inocência, lembra?

João suspirou, ainda querendo se esconder embaixo da poltrona.

Uma esfera de ferro viajando a 250 metros por segundo EXPLODIU um dos mastros do navio atacado, e aquele foi apenas mais um som de destruição em meio ao pandemônio. Ganchos na ponta de cordas acoplavam o galeão pirata ao corveta escolhido como alvo de ataque, em enganchamentos simultâneos que tomavam da popa à proa. A tripulação invasora se movia como bichos do mar, saltando de um navio para o outro não apenas dotados de uma naturalidade espantosa, mas também de uma selvageria que tornava a ação ainda mais impactante do que já seria.

No corveta de Albion, marinheiros sacaram espadas médias, machados e escudos. Do outro lado, os marujos e os capitães de areia de Snail Galford atacaram com sabres, machados e facas de arremessos. O que se via na sequência era um festival de lâminas se cruzando, enquanto o som dos metais colidindo se tornava o som do mar. O mastro detonado tombou em meio ao convés, danificando a madeira, destruindo uma parte da amurada e esmagando meia dúzia de pessoas. Um dos piratas de Snail esfaqueou pelas costas um dos marujos com um escudo, mas escorregou no sangue do ferido, tombando e sendo morto em seguida. Um capitão de areia de 14 anos recebeu um chute no peito e caiu no meio do digladio de oito pessoas. Sem pensar duas vezes, ele esfaqueou os pés e cortou tendões dos tornozelos que reconheceu como de inimigo, antes de ser pisoteado. Um marinheiro de Albion perfurou o abdome de um pirata adulto, mas o corte foi tão profundo que ele não conseguiu retirar a espada do corpo inimigo antes que tombasse com ela. Como consequência, ele não teve o que fazer quando um pirata de 16 anos atirou uma faca entre seus olhos. Esse mesmo pirata acertou mais dois da tripulação inimiga, antes que uma flecha lhe perfurasse a garganta e o fizesse cair em pleno mar.

Localizado no alto de um dos mastros ainda de pé, dois arqueiros causavam estrago considerável na tripulação pirata que invadia seu navio. Um deles chegou a conseguir um bom tiro com uma curva impressionante diretamente em um dos piratas que operavam os canhões, atingindo-o no ombro. Um segundo tiro iria matar o companheiro que tomou o lugar do canhoneiro, mas Liriel Gabbiani moveu a flecha para longe.

Liriel, inclusive, tinha um papel à parte. Desde que fora submetida ao treinamento intensivo e psicológico que Snail a colocara para dominar suas habilidades, ela havia aprendido, se não a suprimir por completo, ao menos a dominar seu maior inimigo: o choque diante de violência. Ela ainda não era capaz de matar, talvez nunca fosse. Mas, se ainda não totalmente capaz de agir, ao menos em situações extremas ela passou a ser capaz de *reagir*. Realizando um papel defensor importante, Liriel Gabbiani não apenas refletia flechas e balas de canhão, como arremessava ao mar soldados que tentavam passar do navio atacado para o Jolly Rogers.

Dois outros integrantes também jamais abandonavam o Jolly Rogers nesse tipo de ataque, ambos pela deficiência. Jim, o Maneta, se ocupava em ditar ordens aos canhoneiros, enquanto Jamil, o Manco, se ocupava de ditar ordens aos piratas que ficavam para defender o navio. Ainda que sem um dos olhos e com um pedaço de madeira para lhe servir como o pedaço de perna faltante, com um sabre nas mãos Jamil era um matador mais temido do que muitos cavaleiros sem armaduras.

Por fim, restava o líder. Por mais acostumado que toda tripulação do Jolly Rogers estivesse com abordagens invasivas como aquela, ninguém se movimentava de um navio a outro como Snail Galford. Vê-lo correr pelas cordas e saltar pelas velas era de fato quase uma experiência *sobrenatural*. Naquele dia, ele inicialmente correu pelo castelo de proa, de onde um dos ganchos havia partido, e se esgueirou por uma das cordas apenas andando pela linha formada. A questão é que muito de suas novas habilidades se deviam a Liriel Gabbiani. Assim como ele a havia ajudado a potencializar seus talentos, ela havia feito o mesmo com ele. Snail era um ladino, acostumado a agir nas sombras, desaparecer, se movimentar de maneira suave.

Liriel, porém, era uma acrobata.

Filha única de um dono de circo traído e levado à falência por nobres corruptos, Liriel cresceu aprendendo a saltar em trapézios, andar em cordas bamba e dar saltos mortais em círculos de fogo.

Tudo o que Snail Galford precisava aprender.

Saltando como um bicho pela enxárcia do navio de Albion – os degraus roliços feitos de corda que sustentam os mastros – em pouco tempo ele teve acesso às vergas de onde os arqueiros matavam seus homens. Uma de suas facas rodopiou no ar e o corpo de um dos arqueiros tombou no convés. Snail puxou mais duas do casaco. O arqueiro ainda vivo tentou armar um tiro, mas o nervosismo do líder pirata avançando sobre si fez com que os dedos escorregassem e a flecha fosse atirada para cima, de uma maneira até um tanto ridícula. Sem opção, o atirador puxou uma espada média e tentou golpear por duas, três vezes. Dois golpes acertaram o vazio, o terceiro bateu em duas lâminas. Uma delas escorregou, abaixando a arma, a outra correu por outro ângulo, arrancando dois dedos dele. Snail girou as duas lâminas, prestes a matá-lo, mas, antes disso, perguntou:

– Morte ou rendição?

Com o rosto em choque e repleto de vermelhidão, dois dedos sangrando e um navio tomado, do alto do mastro o arqueiro começou a gritar:

– Rendição! Rendição! Albion, rendição!

O grito se espalhou por um navio já tomado pela derrota. Como resultado, marinheiros ainda vivos jogaram suas armas no chão e ergueram os braços. Alguns

poucos ainda se recusaram a atender ao chamado e tentaram morrer como heróis, mas apenas morreram, e nem mesmo nessa história serão lembrados.

Como costumava acontecer, em seguida ao triunfo, o grito de êxtase dos piratas ecoou pelas ondas. Aquela era a primeira parte do ritual de vitória. A segunda consistia em aquela tripulação se virar para o corsário que as liderava e gritar como fanáticos o nome:

– Simbad! Simbad! Simbad!

Do alto do maestro ainda de pé, diante do arqueiro que anunciara a rendição, Snail Galford abria os braços para receber aqueles gritos como um alimento.

Observando a cena do Jolly Rogers, Liriel Gabbiani sorria.

Jim, o Maneta, dava de ombros.

Jamil, o Manco, cuspiu no chão.

14

O Rei Anísio Branford e sua Rainha Branca Coração-de-Neve estavam destacados em uma cabine do tamanho de um quarto, localizada ao fundo do primeiro trem de Arzallum. Guardas reais bloqueavam a entrada, isolando-os dos demais passageiros. Do lado de dentro se encontrava luxo na forma de poltronas acolchoadas, almofadas de penas de aves, garrafas de bebidas, frutas em bandejas de prata. O custo daquele luxo, que também estava ali, era a eterna preocupação que cerca a vida de todos os Reis.

– Os preparativos devem estar adiantados – comentou Branca.

A Rainha falava sobre a cerimônia que aconteceria em pouco tempo no Grande Paço, e novamente traria outros Reis a Arzallum. Como no dia de posse de Anísio, como no dia da vitória de Axel no Punho De Ferro. O motivo não poderia ser mais justo: a comemoração de cinco anos da vitória de Arzallum sobre a *Batalha da Terra e do Céu*.

A batalha em que Anísio Branford liderou humanos e venceu o exército de Minotaurus em terra, e Axel Branford liderou elfas-amazonas e venceu o exército de Brobdingnag nos céus.

A batalha que uniu homens e elfos contra homens e gigantes.

A batalha que finalizou a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

– É você quem tem de me dizer – acrescentou Anísio. – Hoje em dia você comanda aquele Paço mais do que eu.

Ela sorriu com o comentário. E não negou.

– Cinco anos que passaram rápido, não é? – perguntou o soberano.

– Você acha? Pareceu uma eternidade pra mim, mais ainda se pensarmos em tudo o que aconteceu depois da guerra.

Era verdade. Muito se tirou daquela batalha.

A Capitã Bradamante se tornou a primeira mulher a se consagrar major, Ruggiero se consagrou capitão dos Cavaleiros de Helsing, capitão Lemuel Gulliver se reintegrou à marinha de Arzallum, Sabino von Fígaro se aposentou, João Hanson se sagrou cavaleiro, Petter Pendragon voltou a voar.

Gnomos construíram Colmeias de Etherpunk.

O primeiro trem de Arzallum partiu.

Isso tudo é parte do que você sabe sobre aquele período e continua a ser contado nas ruas, nas escolas e nos livros. Mas o que você provavelmente não sabe, ou, se sabe não tem certeza, foi o que aconteceu nos anos seguintes com o inimigo subjugado de Arzallum, o autoproclamado Imperador Victon Ferrabrás. Após sua derrota e de seus aliados, Ferrabrás foi submetido a um julgamento militar diante de uma bancada formada de Reis vencedores, comandado por Robert de Locksley.

Eu não vou mentir para você: um pouco menos da metade do júri votou pela pena de morte naquele dia.

Arzallum não.

Apenas essa decisão já demonstrava a diferença entre Anísio e Primo Branford.

O Rei Primo teria preferido Ferrabrás morto.

O Rei Anísio o preferia vivo.

O raciocínio era direto: diante do júri formado de aliados, Anísio Branford defendeu que Ferrabrás morto se tornaria um mártir que o próximo líder de Minotaurus utilizaria como razão para uma nova guerra. Sua figura histórica seria aumentada, novas estátuas seriam erguidas e todos os presentes ali seriam descritos como tiranos que esmagaram um orgulho nacional que os minotaurinos precisariam resgatar.

Já um Victon Ferrabrás em prisão perpétua seria apenas um líder derrotado. Seria apenas a lembrança de um fracasso.

Um autoproclamado Imperador sem nada mais a proclamar.

O raciocínio convenceu o júri, e, ao final da votação, esse foi o veredito de Victon Ferrabrás: a prisão perpétua a ser servida nas terras de Stallia até sua morte. Aos Reinos que se aliaram a Minotaurus durante a guerra, como Rökk, liderado pelo Rei-Fera Wöo-r, Uruk, liderado pelo Rei Gilgamesh, e Brobdingnag, liderado pelo Rei Blunderbore, foi baixado um embargo, proibindo os Reinos aliados a exportar, importar ou participar de outras atividades econômicas e militares com os

derrotados até que eles aceitassem as condições propostas pelo comitê formado e aceitassem o Rei Anísio Branford como o Rei dos Reis.

Esse isolamento econômico e social levou ainda mais pobreza a Reinos já devastados pela guerra, e o ódio por Arzallum e por seus Reinos aliados aumentou. Sem recursos, mas ainda se recusando a acatar os tratados propostos, os Reinos isolados passaram a fazer negócio apenas entre si, reduzindo a qualidade de todos os seus setores. O que isso quer dizer é que passou a ser comum você andar por ruelas repletas de humanoides sem casa, maltrapilhos, ditando suas próprias leis paralelas com gangues de rua e matando uns aos outros por comida. E isso sem contar o aumento do tráfico de pó-de-fadas, que explodiu a níveis jamais atingidos antes.

Afinal, quando a realidade era dura ao ponto de se tornar surreal, a maioria preferia se transportar para mundos imaginários.

O isolamento comercial também aproximou os derrotados dos Reinos Esquecidos, localizados a noroeste do continente do Ocaso, e formados por tribos, vilas e aldeias que falavam seus próprios idiomas, nutriam sua própria cultura e liderança, e não eram nem unidas, nem grandes ou desenvolvidas o suficiente para serem consideradas um Reino próprio.

Na verdade, para a maioria do mundo considerado *civilizado*, os Reinos Esquecidos eram considerados selvagens. Terras compostas principalmente por densa floresta, e humanoides e animais indomáveis, exóticos demais para dominar sua curiosidade e preocupação. Quando alguém decidia visitar seu território, normalmente o fazia com o intuito de caça selvagem, catequização de religiões semidivinas ou a busca por mais informação sobre o Reino mais isolado de Nova Ether. O Reino desconhecido, que gerava no resto do continente uma eterna curiosidade mórbida.

O Reino de Oz.

O Reino utilizado como exemplo de tudo o que os outros Reinos não queriam se tornar. O Reino sombrio comandado pelo mago-linche Oscar Zoroaster, a quem quase ninguém sabia a origem.

O único Reino a se isolar por completo da Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

– Existe algo que lhe preocupe em específico nesse encontro? – perguntou Branca. – Desde o julgamento de Ferrabrás você não revê seus tios.

– Meus tios em si não me preocupam. Mas sempre que Reis se encontram, eles dividem suas preocupações. *Isso* é o que me preocupa.

– Ao menos Stallia está sendo comandada por um Primeiro-Ministro de confiança em seu Parlamento.

– Apenas porque lhes roubei sua Rainha.

– Sua melhor ação como Rei.

Ele tocou o rosto pálido dela e a puxou para junto de si. Os olhos dela refletiam memórias de tudo o que ele já havia passado para merecer aquela mulher.

– O que você acha? – perguntou Anísio. – Se ele pudesse me ver como Rei no lugar dele... você acha que...

– Ele diria que não poderia haver alguém melhor. Que ele não poderia ter treinado você melhor.

– Não mesmo? – Os olhos de Anísio se desfocaram. – Axel foi treinado diferente, e também liderou um exército e venceu uma guerra.

– Axel venceu um torneio, e venceu uma grande batalha. *Você* venceu uma guerra.

Anísio se calou, querendo acreditar no que ela dizia.

– Será que uma guerra foi o suficiente?

– Se não for, nós também venceremos outras – afirmou ela.

Anísio ainda queria acreditar no que ela dizia.

– Mesmo contra bruxas e gigantes?

– Sim – disse ela com um fervor que contrastava com a palidez. – Seja na terra dos homens...

“Seja nas terras do Nunca.”

15

Dizem que as histórias e os mitos daquele lugar foram construídos pelas pessoas que nunca pisaram lá. Falam sobre ser uma terra em que nunca chove e nunca se adoece. Falam sobre céus tomados pelo voo de crianças-elfos e casas erguidas ao longo de árvores, diante dos portões de Mantaquim. Falam sobre uma civilização de elfas-amazonas de pele bronzeada e olhos sem pupila, liderando indígenas moicanos como serviçais. Uma ilha que refletia tonalidades em verde e azul e exalava cheiros de plantas exóticas que só existiam ali. Uma localidade tão extraordinária que permitia acesso apenas aos que acreditavam em sua existência.

A terra que para aqueles que lá viviam eram as terras de sempre.

Mas para todos os outros eram as terras do Nunca.

Era o período mais frio no ano naquele lugar, mas mesmo períodos de frio naquelas terras seriam considerados períodos de calor para outras culturas. A temperatura variava ao redor da casa dos 20 graus, mas o vento que vinha do mar

sempre parecia nadar de braços dados com uma brisa mais gélida do que de costume. As colmeias-dormitórios ainda abrigavam o povo moicano, elfas-amazonas ainda guiavam tigreses e crianças-elfos ainda exerciam a função de médicos e curandeiros, enxergando os feridos além dos corpos físicos. Mas o Nunca estava diferente.

Porque alguns de seus elfos cresceram.

E um deles passou a voar.

O fenômeno havia acontecido durante a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, na batalha contra Brobdingnag, cinco anos atrás. Uma batalha em que 1.500 fadas montando dragonesas invadiram o Reino Gigante ao lado de seis elfos animais crescidos. Para o mundo, o motivo daquela batalha se concentrava na criança humana tomada refém pelo Rei Blunderbore, e considerada por muitos a reencarnação do salvador Merlim. Para Petter Pendragon, porém, sua motivação mirava um objetivo extremamente particular: recuperar o corpo de sua antiga amada Wendy Darling, embalsamado como um troféu pelo exército gigante.

Em pleno Palácio Ímpico, em um ato final antes de assumir derrota, o Rei Blunderbore arremessou o corpo em direção ao abismo abaixo diante do Rei Petter, para que, ao menos ali, ele experimentasse um último sabor de vitória sobre o Elfo-Rei.

O que se viu, porém, foi magia.

Tomado pelo desespero, Petter Pendragon correu e arremessou a si próprio em um salto de fé na direção do corpo em queda, e de suas costas se rasgaram asas de dragões retraídas que lhe permitiram se reconectar com a pureza que apenas as crianças-elfas tinham.

E assim Petter Pendragon voou mais uma vez.

Ao lado de elfos e fadas-amazonas naquele dia batalhava um humano, porém, e seu nome era Axel Branford.

Segundo-príncipe de Arzallum.

Campeão do mundo de pugilismo.

Noivo prometido de Livith, princesa do Nunca.

Assumindo um compromisso traçado pelos pais há tempos, Axel trocou Arzallum pelo Nunca e se casou com Livith, garantindo no ato a aliança do povo élfico e o cumprimento da palavra de sua família.

Em troca, *apenas* a renúncia do grande amor de sua vida.

Renegar Maria Hanson, porém, não foi a única dor com a qual Axel teve de conviver ao longo daqueles anos. Todas as noites ao se deitar, outras marcas se espalhavam pelos pensamentos, maculando suas tentativas de sono.

Primo Branford sendo morto por Babau, em um ataque articulado por Jamil Coração-de-Crocodilo enquanto ele não estava em Andreanne.

Terra Branford morta para sacrificar sua própria existência. Um sacrifício para que ele continuasse vivo.

Anísio Branford transformado em um grotesco homem com pele leprosa anfíbia, amaldiçoado por Bruja. Um Anísio que havia saído de Andreanne após Axel lhe dizer que gostaria que ele morresse.

Moonwarkston, seu antigo guarda-costas troll Muralha, provavelmente seu melhor amigo, morto nas mãos de um Mestre Anão.

Maria Hanson nos braços de outros homens.

O que restava da junção de todas essas memórias era um ser humano furioso. Um homem mais velho, mais carrancudo, cuja imagem física lembrava bastante a de Primo Branford quando iniciou sua caçada de bruxas aos 25 anos.

Você já imaginou, Axel, se cada pessoa que sofre uma perda, se cada ser humano neste planeta que passa por uma provação que considera injusta aos seus olhos resolvesse canalizar ódio na direção de algo ou de alguém?

O cabelo estava maior, como nunca antes, lhe batendo no peitoral. A barba clara lhe tomava ao rosto e, se nunca chegava a ser tão grossa quanto a de Anísio, ainda assim era suficiente para lhe fazer parecer anos mais velho. Cortes, cicatrizes, hematomas e suturas se espalhavam pelo tronco ainda mais definido e repleto de pelos, um detalhe impensável em sua época de pugilista, e a pele castigada pelo sol.

O que sobraria do mundo?

O que mais diferenciava aquele Axel Branford do príncipe que Arzallum havia conhecido era a redução do sorriso, a alegria e a humanidade que ele trazia na presença da plebe, como se fosse um dos seus. Um príncipe que sempre celebrara a vida e, naquele momento, pensava apenas em como ainda era fraco para tirar a vida de um Mestre Anão em uma batalha que ele havia prometido vencer.

Quando você estiver pronto, eu estarei esperando.

Nem tudo, porém, *naquele* Axel era amargura. De sua época áurea representando Arzallum no Punho De Ferro diante de sua nação e de todos os Reis restava o aprendizado mais impactante, que modificara sua forma de enxergar o mundo. Ao contrário do que a maioria das pessoas poderia pensar, a luta mais importante de Axel Branford naquele torneio não havia sido a final contra Radamisto, pondo à prova a rivalidade de Arzallum e Minotaurus.

A sua luta mais importante havia sido na semifinal, contra Ruggiero, o estrangeiro de olhos rasgados, que havia viajado do Oriente para levar algo que o Ocidente jamais havia visto.

Aquilo é arte marcial?

Em uma luta que apenas ele e Ruggiero sabiam que o príncipe na verdade havia perdido, Axel aprendeu a associação entre luta marcial e caminho espiritual. Entre corpo, mente, equilíbrio e formação moral.

Tudo ser.

Uma filosofia que ultrapassava a ciência bélica e se ancorava em uma elevação humana.

Artista marcial compreender que ter dentro de si uma energia maior.

A descoberta tomou ares de obsessão. Durante cinco anos naquela ilha, Axel dedicou todos os seus dias a buscar expandir conhecimentos dos quais ele havia tido apenas uma fração de sua potência.

Éter.

Os primeiros meses lhe ajudaram a manter a forma, a melhorar a respiração, a compreender o próprio corpo. Mas ainda era pouco. Quando praticava, limpava seus pensamentos. Quando se afastava da prática, os pensamentos que ficaram para trás retornavam agressivos, incomodados pelo esquecimento.

Foi Livith quem o salvou de sua própria prisão.

Oriunda de uma sociedade de elfas-amazonas que sabiam trabalhar com vibrações energéticas, Livith estava mais avançada de onde Axel queria chegar do que ele próprio. Sua principal contribuição foi fazê-lo entender que *tudo* o que ele buscava estava descaradamente ao redor de si mesmo. O príncipe de Arzallum se sentiu estúpido ao compreender aquilo, da mesma maneira como já havia se sentido uma vez diante de uma fada que o colocara à prova.

Afinal, tudo o que precisava para encontrar o que estava buscando era o próprio Nunca.

O pensamento segue a ação. A ação segue a energia.

Com os indígenas moicanos ele iniciou um treinamento de força. Ele trabalhou como se fosse um deles, arou a terra, recolheu e carregou frutas, alimentou animais, construiu e reparou casas. Aprendeu com eles a se movimentar nas pranchas puxadas por tigreses, a dançar suas danças culturais, e a entender seu conceito de espiritualidade, buscando a virtude através de normas e regras sociais seguidas com vigor e dedicação.

Com os tigreses, ele iniciou seu treinamento de equilíbrio. Axel se lembrava do primeiro impacto ao ver os bichos. Remetendo a panteras com o tamanho de pôneis, os felinos tinham uma pelugem sem excesso, com marcas nascendo ao redor dos olhos e descendo pelo resto do pelo que variavam de animal para animal em cores tão distintas quanto verde e roxo. Aos poucos, os animais se tornaram seus aliados e ele passou a dedicar tempo para rolar com eles pela floresta, disputar corridas, limpar-lhes a pelugem, até mesmo entregar sua mão para ser mordida com a confiança de que não seria destroçada. A confiança se expandiu a ponto de Axel começar a reparar e a *copiar* os movimentos dos felinos. O jeito de atacar com as garras, o balanço para se esquivar de um avanço, o rosnado de intimidação, até mesmo a expressão de guerra exibindo os caninos.

Com as elfas-amazonas, ele aprendeu o conceito de vibração energética. Se era possível expandir a própria energia vibratória ao ponto de se conectar a outra, também seria possível expandir ao ponto de suplantar outra? Se era possível se comunicar em um idioma de intenções, seria possível prever a ação de um oponente baseado no mesmo conceito? Os questionamentos o levavam a outros dois ensinamentos e a outros professores.

Com as crianças-elfas ele aprendeu a anatomia que existia além do corpo físico. Aprendeu sobre pontos vitais e centros energéticos espalhados pelo corpo humano que se conectavam diretamente a órgãos e mesmo a sentimentos. Pontos que poderiam curar, pontos que poderiam matar.

Por fim, havia Tuhanny. Livith havia lhe ensinado bastante sobre a relação entre elfas-amazonas e suas dragonesas, uma relação simbiótica, que ia além de combate. Uma relação bastante parecida com a que ele mantinha com sua águia-dragão. Assim como fizera com os tigreses, Axel passou a observar a forma de Tuhanny se movimentar. O salto para o voo e o salto de aterrissagem, a maneira como as garras agarravam um alvo, o *kiai* que ela emitia quando queria anunciar sua presença.

Indo além dessa observação, inspirado nos rituais das elfas, Axel passou a meditar e expandir sua conexão com o ser fantástico baseado em uma experiência que tivera em seu primeiro contato com os moicanos daquela terra. Naquela ocasião, ele partia na direção do Nunca montado em Bóris e com os olhos vendados, quando alguns indígenas do Nunca cavalgaram de repente próximo a ele e lançaram seu corcel, derrubando montaria e montador. Atacado de surpresa pelos estranhos, o príncipe de Arzallum lutou como pôde em um combate para o qual ele não estava preparado. Foi então que, pela primeira vez, *aquilo* aconteceu. Tuhanny surgiu e desceu riscando os céus em vermelho, e as pupilas de Axel se tornaram vermelho-sangue.

Então ele e Tuhanny passaram a ser um só.

Axel passou não apenas a ter a visão de sua águia-dragão, como também a *compreender* o mundo pelos olhos dela. Ao contrário dos seres humanos, Tuhanny não dependia de cinco sentidos para compreender a matéria. Ela ia além, desdobrando-se em meio a um mundo que para ela era dividido entre éter e intenção, com o mundo material espremido no meio disso.

Baseado em tal vivência, todos os dias ele praticava o que passou a chamar de *amálgama*. Duas consciências unidas entre homem e criatura, concreto e fantasia, ambos dispostos a encontrar um meio-termo. Pelos olhos da águia-dragão, Axel no início voou pelo Nunca. Passou pelas árvores com cidades erguidas ao seu redor, a orla de areia branca, o Lago da Saudade onde se depositavam as cinzas dos mortos com o intuito de se ver revelado o último pensamento.

Quando satisfeito, os voos passaram a se expandir para mais longe.

Tuhanny passou a ser sua forma de ver Nova Ether além do Nunca. Como uma bola de cristal, como uma visão além do alcance. Assim ele passou a ver os agricultores na Ilha de Vera Cruz, os vaqueiros que cuidavam de uma parte da pecuária de Stallia e observou os mineradores da Aldeia da Mina, nas Sete Montanhas, lar do mesmo Mestre Anão que ele prometeu matar. Houve um dia, contudo, que ele estendeu os esforços de Tuhanny além do estresse, deixando-o de cama por dias.

O dia em que ele lhe pediu para ver Andreanne.

As emoções afloraram quando ele relembrou as casas, o porto, a catedral, o anfiteatro. Naquele dia, ele viu Anísio e Branca, viu Bradamante e Ruggiero, e viu até mesmo o professor Sabino e Lorde Ivanhoé em pontos diferentes do Grande Paço. Ainda assim, antes de romper a conexão, ele pediu *por mais*.

Ele pediu para ver Maria Hanson.

Axel nunca perdeu aquela memória. Ela estava saindo de um de seus turnos na Escola Real do Saber, despedindo-se de alguns alunos. Axel reparou no cabelo dela, com um penteado meio em tiras, e o comprimento um pouco mais curto do que ele lembrava. Um vestido escuro leve e incomum com uma espécie de franja nas pontas, provavelmente trazido de uma cidade fora de Andreanne. Uma joia ao redor do pescoço, que não era a octagonal que ele havia comprado para ela nas Luzes Gêmeas, e brincos redondos com pedras ágata que ele nunca havia visto. Aquela sensação de não fazer mais parte da vida dela *doeu*. Ela parecia mais magra, mas ainda se movia com graça e mantinha o sorriso tímido, que refletia doçura. Axel conseguia se lembrar até mesmo do *cheiro* dela. Um aroma meio cítrico, como se ela estivesse sempre saindo de um banho. Pulseiras, sandálias. A pulsação dele acelerou e a conexão com Tuhanny lhe mostrou *mais* de Maria Hanson. Ele conseguiu sentir emoções que vinham dela, sentimentos que se refletiam através de uma aura multicolorida.

Foi ali que ele soube que ela estava bem, e estava em paz. Ainda que longe dele, ainda que sem notícias deles, ainda assim ele soube que Maria Hanson seguia sua vida sem angústia, sem remorsos, sem aflição. Ou sem mais desses sentimentos. Aquilo lhe trouxe uma sensação boa, então ruim, então dúbia. E assim ele teria permanecido, *se* houvesse cortado a conexão com Tuhanny ali.

Os minutos a mais, porém, lhe revelaram a chegada de um homem.

Saltando de uma carruagem, vestido com calça de lã, bota e colete sobre uma blusa de manga longa e cintura marcada. O cabelo loiro amarrado em um rabo de cavalo para trás, evidenciando os olhos verdes e o sorriso debochado, lhe eram reveladores. Axel sabia quem era aquele homem.

Ele era Giacomo Casanova, herdeiro de uma das famílias mais ricas de Arzallum.

Maria Hanson sorriu para ele e Axel trincou os dentes. Ela estendeu a mão para Casanova e Axel sentiu o peito arder. Por fim, Casanova a tomou e a puxou para junto de si, passou a mão por sua cintura, e a beijou como se o ato fosse comum. Axel sentiu o estômago queimar e as tripas quererem saltar para fora. Como consequência, a conexão foi imediatamente cortada, enquanto ele se mantinha assustado com toda a experiência e informação. As mãos tremiam em espasmos involuntários, a testa suave, os batimentos esmurravam o peito, o ar era rarefeito, e aquele se tornou o primeiro dia de seus pesadelos no Nunca.

Através desses pesadelos, sua relação com Livith piorou de vez. Inicialmente eles passaram a dormir em quartos separados, até que a princesa do Nunca decidiu que a amargura do príncipe de Arzallum estava lhe deixando doente, e ela precisava se curar em um retiro forçado para a Ilha das Brumas, localizada entre o Nunca e Ofir, onde a própria Livith havia nascido e diziam que vinham as fadas. Esse exílio deixou que Axel ficasse sem vê-la por todo um ano, e, como para castigá-lo, o Rei Petter Pendragon o obrigou a cumprir até o fim o acordo selado com Primo e Terra Branford.

Tudo isso era Axel Branford ao longo de cinco anos no Nunca. Então, de frente ao Rei Petter Pendragon em uma arena improvisada com muros rochosos para seus elfos crescidos animais, um príncipe frustrado, raivoso e atormentado se posicionou no centro, observou os cinco acorrentados e intimou:

– Pode soltá-los.

Era hora de testar se toda raiva e treinamento acumulados tinham servido para algum propósito.

16

— Hoje é mesmo um dia de se fazer História! Faz séculos que não nos víamos — disse o recém-chegado, sentado ao lado de João Hanson.

A voz era do herdeiro dos De Marco, o jovem Juan. Mantinha a aparência saudável e o jeito rouco de falar, como se gostasse de sussurrar, ou achasse que a voz sussurrada transmitisse sensualidade. O que estava bem diferente da aparência que João se lembrava eram os cabelos negros mais longos, além de um bigode e um

cavanhaque bem aparados. Após a consagração de João, o encontro dos dois sempre se tornava curioso pela definição que um bardo poderia criar.

O encontro do cavaleiro com o cavaleiro.

– É verdade! – admitiu João. – Quando foi a última vez?

– O Baile De Marco, em minha propriedade – lembrou Juan. – Centenas de mulheres, e você, como sempre, acompanhado.

João sorriu, recordando-se do evento.

– A sua vida não é pra mim... – admitiu o cavaleiro.

– Eu vivo uma vida simples, João Hanson!

– É verdade! Eu me lembro de você correndo seminu pelo jardim, e se jogando no lago com amigas nuas.

– Está vendo? Mulheres, vinho, um lago. Eu nem mesmo faço questão de roupas! Eu preciso de pouco pra ser feliz.

– E não é? – disse João em ironia. – Que bom ter alguém que pague seu vinho, seus lagos e suas festas.

– Ao menos não preciso que ninguém me pague minhas mulheres! Elas vêm até mim por si mesmas, porque sabem como serão amadas.

– Nem todas.

Juan De Marco fitou João Hanson por um instante. Ele sabia do que o cavaleiro estava falando.

– Ah, Maria Hanson... – disse Juan, suspirando o nome. – Minha maior frustração. Você sabe que é o rosto dela que eu procuro em cada uma dessas mulheres, não é?

– Inclusive as que pulam nuas com você em lagos?

– *Todas* elas, Hanson! Todas elas!

– Sinceramente, eu prefiro nem imaginar isso.

– Sabe... – disse Juan, com peso na voz. – Ter sido rejeitado já me foi um peso. Ter sido rejeitado para vê-la escolher Casanova, *isso* foi uma faca no peito!

– Entendo! É preciso mais vinhos, mais lagos, e mais mulheres pra se esquecer de um trauma como esse.

– Exatamente!

João riu sozinho, lembrando-se de o quanto a vida de duas pessoas da mesma idade podia ser tão diferente.

– Como eles estão, Hanson? – perguntou Juan. – Felizes? Por favor, me diga que não.

– Os Casanova estão no outro vagão, você mesmo pode ir lá perguntar a eles.

– Existe um limite para o orgulho de um homem! E no meu caso foi alcançado.

João balançou a cabeça. Era difícil dizer quando Juan estava falando sério, ou simplesmente agindo como um personagem de livros antigos de romance.

– Na verdade, Juan, eu... não sei – comentou João, com sinceridade. – Eu não pergunto se ela não me disser.

– Mas o fato de os Casanova estarem aqui, e ela não, pode dizer alguma coisa, certo?

– Talvez – admitiu João. – Ou talvez ela simplesmente não queira voltar a estar próxima da família real.

Juan de Marco suspirou, como se João o estivesse impedindo de sonhar.

– Você precisa aprender a ser um bom amigo, João Hanson! Definitivamente!

17

— **COMO É QUE É?** *aposentadoria?* – perguntou Maria Hanson com uma ênfase de surpresa tão intensa que mais parecia que Sabino havia revelado que pretendia dançar nu à meia-noite em um pântano para tentar se rejuvenescer.

Eles já estavam na terceira caneca de chá.

– Por acaso você não entendeu nada do que eu lhe expliquei até aqui? – perguntou Sabino. – Eu estou trazendo você para assumir o *meu* lugar! Foi para isso que eu treinei você durante todos esses anos!

– Mas... mas... ainda assim... eu não me sinto preparada para o feito!

– Eu fui um professor tão ruim?

– NÃO! Não! Longe disso! O que quero dizer é que... acho que eu nunca vou conseguir superar o senhor, professor!

– Maria, querida, se eu fosse depender disso, eu iria morrer sem me aposentar.

Maria novamente suspirou, rendida pelos comentários típicos daquele senhor excêntrico.

– Além disso, com esforço você pode chegar a ser *tão boa quanto* eu – acrescentou ele.

– Você acha mesmo isso possível?

– É difícil, consideravelmente laborioso. Mas ao menos é provável.

Os dois riram.

– E o que o senhor pretende fazer depois de se aposentar?

– Vou escrever romances – revelou ele, com um entusiasmo que Maria não estava acostumada a testemunhar.

– De que tipo? “Femininos”?

Foi a vez de ele suspirar, rendido. Era um fato, ele sentia apreço por aquela menina. Uma das poucas capazes de surpreendê-lo.

– Romances de mistérios, é claro, narrando histórias de crime e tragédia – declarou Sabino. – Com tudo o que vivi ao longo dessa vida, histórias não me faltam.

– É, faz sentido. Eu leria um livro escrito pelo senhor.

– Vê como é uma boa ideia? Acabei de vender meu primeiro exemplar antes mesmo de escrevê-lo!

Maria balançou a cabeça negativamente, sem saber como levar seu mentor a sério.

– Por que o senhor é sempre tão irônico, professor?

– Porque matar é ilegal – respondeu ele.

Mais risos. Era o que sobrava a ela.

– Sabe, para mim ainda é estranho te ouvir falar sobre aposentadoria e me querer em seu lugar. Eu me lembro da primeira vez em que pisei no Grande Paço.

– Sim – reviveu Sabino. – Quando eu, você e um senhor Hanson adolescente invadimos a Sala Redonda após descobrirmos a conspiração entre uma bruxa e o ataque pirata do porto.

– Pois é... Babau... – suspirou Maria, sem saber se aquela memória era nostálgica ou dolorosa. – E uma coisa que sempre quis perguntar ao senhor: as senhas de acesso que o senhor foi abrindo nunca mudaram ao longo de anos?

– Mas é claro! Elas mudam todos os anos – respondeu Sabino, como se fosse óbvio.

– E, se o senhor estava afastado da vida militar por tanto tempo, como você sabia as combinações?

– Ora... porque *fui eu* que criei aquele sistema matemático – revelou ele. – Logo, eu fiz o cálculo pelos anos passados, acrescentei algumas variáveis, já que as pessoas não costumam ser tão espertas, e mantive cada rodada reduzida a números pares e ímpares. E funcionou!

Sabino deu de ombros, como se aquilo não fosse nada. Maria continuava boquiaberta.

– Volto a dizer: o senhor não deveria se aposentar jamais.

– Mas vou! Antes, porém, preciso concluir minha última missão, e quero sua ajuda no feito! Será o maior desafio de toda a minha história, e, exatamente por isso, a glória perfeita para meu último trabalho antes que eu possa escrever sobre ele.

Maria deteve-se por um momento, preparando-se. Sempre que Sabino von Fígaro anunciava coisas como aquela, era necessário.

– E *o que* nós vamos fazer em sua última missão, professor? – perguntou ela, com medo da resposta.

– Nós vamos desvendar o mistério que toda humanidade ainda não conseguiu decifrar.

Maria prendeu a respiração.

“Nós vamos encontrar a virgem de Merlim de Christo.”

18

Eram seis os elfos-crescidos, dos quais sobraram cinco. Quando aconteceu, Axel Branford estava lá e lembrava até mesmo seus nomes: Tootles, Nibs, Slightly, Curly e os gêmeos Twin, dos quais um fora abatido. Ele, o Rei Petter Pendragon e os seis escolhidos haviam voado para uma ilha fora do Nunca, onde o processo ocorreu. Famintos, sedentos e enfurecidos, as seis crianças-elfas foram perdendo sua pureza em um processo doloroso e angustiante, transformando-se no oposto de sua natureza. Acorrentados como monstros e tomados por um crescimento abrutalhado de músculos, dentes e pelos, o primeiro desperto avançou sobre Axel logo que a fome lhe tomou. Naquela época, Axel foi salvo pelas correntes do Rei Petter, ou teria sido destroçado em um combate corporal com aqueles seres.

Agora, a coisa era diferente. Hoje, ele se sentia pronto.

Ao contrário de Petter Pendragon, que apesar das mudanças físicas manteve a consciência e a sanidade, os primeiros seis crescidos nunca abandonaram o estado animalesco. Isolados do resto do Nunca, eles caçavam seu próprio alimento, faziam seus próprios jogos entre si, a maioria simulando brigas, e até mesmo eram capazes de respeitar a autoridade do Elfo-Rei, baseado no respeito pela força. A presença de elfas-amazonas na parte destinada a seus isolamentos, porém, foi proibida. Apenas o *cheiro* de uma delas já despertava a luxúria daqueles crescidos de uma maneira intensa, transformando-os em lobos no cio. Isso havia sido descoberto da pior maneira, inclusive. Lirath, irmã de Livith, uma vez pediu para acompanhar Petter Pendragon na visita a seus crescidos. Os seis estavam em caça, buscando presas como cervídeos, quando um dos Twin se deparou com Lirath sem a presença do Elfo-Rei. O resultado foi uma luta violenta entre bicho e elfa-amazona, que resultou em gritos, golpes, cortes, pancadas e sangramentos ao longo de um barranco florestal.

Foi assim que um dos gêmeos Twin foi abatido.

O Rei Petter Pendragon chegou ao local seguindo os gritos e os sons de batalha. Ele teria arrancado a cabeça do mesmo elfo que o considerava mestre, mas o que encontrou foi Lirath seminua, manchada de sangue e com seu bastonete de guerra aceso, observando o corpo do crescido aberto do pescoço para baixo. Nada foi preciso ser dito e, a partir daquele dia, Lirath passou a ser a única elfa do Nunca a ser respeitada pelos outros cinco ainda vivos. Todas as outras criaturas deveriam evitá-los.

Eram contra seres desse tipo que Axel Branford estava disposto a se colocar à prova naquele dia.

A arena era formada de paredes rochosas e terra ainda com cheiro de orvalho. Em vez de ataduras, dessa vez ele havia amarrado tiras ao redor dos punhos, gerando duas luvas de cordas. Tuhanny, a única convidada para aquela prova de fogo, desceu dos céus e se posicionou em cima de uma parte do muro de pedras. Diante da cena, o Rei Petter Pendragon precisou de apenas dois movimentos para as argolas das correntes se soltarem e deixar Axel Branford entregue à própria sorte. Tuhanny berrou seu *kiai*. E o combate se iniciou.

Os cinco não o cercaram inicialmente, mas avançaram em um grande bloco enfurecido lembrando uma manada. Axel permaneceu imóvel, aguardando a aproximação. Em vez de uma posição de guarda como fazia nos ringues de pugilismo, dessa vez se manteve apenas de pé, os braços ao longo do corpo relaxado, e o pescoço um pouco esticado para a frente. A posição comum que um homem teria de pé, se nada mais estivesse acontecendo. Rosnados. Olhares fixos. Grunhidos. Correria. Saltos. Garras. E...

UM ESTRONDO, representando o estalar de uma mandíbula.

Nibs rolou pelo chão, misturando rosto, cabelos e terra. Curly foi o segundo, mas o golpe com a garra passou no vazio quando Axel avançou na direção dele, mas *não o atacou*, apenas se desviou de seu caminho. Tootles, que vinha atrás, mas não esperava ser o escolhido, foi surpreendido com um soco, e então outro, no meio da face, que lhes quebraram o nariz. Axel o agarrou e o arremessou na direção de Twin, rolando os dois como um só. Por último Slightly saltou nas costas do príncipe para lhe cravar os dentes no pescoço, mas Axel girou zunindo o cotovelo como uma serra e provocando mais um estalo em outro dos crescidos.

Depois disso, ele atacou Curly.

O elfo estava um tanto confuso com a inversão de papéis, em que um humano avançava sem medo sobre ele. Axel armou um golpe e o crescido assumiu uma posição instintiva de defesa, antes do contra-ataque brutal. Em vez disso, sentiu o joelho ESTOURAR.

E descobriu que Axel não havia atacado com os punhos.

Ele havia aprendido a atacar com os pés.

Antes que o elfo se desse conta, o segundo chute partiu embaixo, na direção do mesmo joelho já atingido. Curly gritou e sentiu seu corpo grande perder o equilíbrio, bambeando de lado na arena de terra. Um momento suficiente para Axel lhe chutar pela terceira vez, dessa vez no queixo. O quadril do príncipe correu de lado, impulsionando em diagonal ascendente o peito do pé diretamente em um dos lados de rosto.

O som foi de ESTOURO.

O chute atingiu em cheio de uma maneira tão rápida e eficiente que Curly simplesmente apagou na arena, sem entender o que havia acontecido. Apenas em um momento estava prestes a atacar, em outro, dor, e simplesmente escuridão. A visão do elfo caindo desfalecido na arena interrompeu os outros quatro por alguns segundos, chocados com a queda de um dos seus.

O segundo de choque foi o momento que Axel precisava para iniciar o *amálgama*.

As pupilas se tornaram vermelho-sangue. Do alto do muro de pedra, os olhos de Tuhanny brilharam e ambos passaram a enxergar a arena de uma maneira diferente. De repente a arena se tornou um bloco de energia, com quatro *sentimentos* e *intenções* avançando sobre ele. Aquela plenitude era indescritível. Nibs e Slightly avançaram juntos e, antes que o fizessem, Axel já sabia de suas intenções. Os braços fizeram movimentos de meia-lua mais de uma vez para cima, para baixo e para a frente, bloqueando e atacando os dois ao mesmo tempo. Axel pisou com a lateral nos pés de um deles e chutou a canela de outro, criando um momento de vacilo nos dois. Quando sentiu a fúria de Twin no terceiro ataque, o príncipe se abaixou, deixando o peso do elfo crescido capotar por cima dele.

Ao voltar-se para os dois primeiros, a *visão de éter* lhe mostrou os pontos vitais.

O corpo se esquivou e a luva de cordas bateu em um ponto mole da lateral do pescoço de Slightly, abaixo da orelha, que caiu segurando o pescoço como se estivesse se afogando. Apesar de *sentir* de onde o ataque do segundo viria, a velocidade de esquiva não foi suficiente e algumas garras de Nibs lhe marcaram uma das laterais da face, enquanto outras lhe cortaram o abdome. Ignorando a ardência, Axel socou de volta o elfo crescido no plexo solar, um pouco abaixo do esterno, lhe contraindo o diafragma, expulsando o ar e lhe entortando o corpo. Um segundo soco lhe bateu na têmpora, a parte mais fina do crânio, gerando uma concussão. O que se viu foi Nibs querendo avançar para a frente, mas andando torto, sem controle do próprio corpo e da própria respiração, até tombar de olhos abertos.

Tootles se juntou à batalha, ignorando o dor do nariz já quebrado. Assim ele correu e saltou com as mãos unidas, descendo-as como uma marreta. Axel cruzou os braços e absorveu o primeiro golpe. Então a marreta de duas mãos desceu de novo. E de novo. E de novo. Os braços de Axel sentiram a pressão da força descomunal e abriram a guarda. A sola do pé do elfo crescido lhe chocou o peito e jogou o príncipe para trás.

Ao bater as costas no chão, Axel cuspiu sangue.

As palmas das mãos rapidamente se prontificaram ao lado da cabeça, enquanto os joelhos se contraíram na direção do peito, e, em um salto, ele estava novamente de pé. Axel emitiu um *kiai*. E, dessa vez, foi ele quem avançou em direção a Tootles.

Ao mesmo tempo, Twin correu pela lateral para derrubá-lo por um lado cego.

Quando Twin estava prestes a atingi-lo, porém, foi o momento em que descobriu que o *kiai* de Axel não havia sido um grito de ataque.

Havia sido um chamado.

A linha rubra gerada pelo voo em velocidade crescente de Tuhanny era difícil até mesmo de se acompanhar. No tempo de um segundo a águia-dragão avançou lembrando um aríete, se CHOCANDO no peito de Twin e jogando-o na direção contrária em tantas cambalhotas que, ao retornar ao seu ponto no muro de pedra, o elfo ainda estava em giros.

Sem nem mesmo *se preocupar* com o elfo que lhe avançava e fora dominado por Tuhanny, Axel atacou o último crescido ainda de pé. Tootles tentou lhe agredir com um golpe na cabeça. Axel se esquivou e BAM! Outro golpe, outra esquiva. BAM! Os dois golpes levavam para onde a leitura de éter apontava: o nariz já fraturado. Tootle chorou de dor e as lágrimas lhe prejudicaram a visão. Um ser humano ali teria desistido, mas Tootles não era humano, e, mesmo entre os elfos, era considerado um bicho. Os caninos se exibiram, e ele avançou ainda assim no ponto onde o cheiro do inimigo se encontrava. Axel assumiu posição de combate. Rosnados tomaram a arena de seu lado. Do outro, Axel voltou a emitir um *kiai*.

Dessa vez era um grito de ataque.

O corpo de Axel Branford saltou e o quadril avançou para a frente, enquanto o joelho foi projetado para cima em velocidade. O golpe bateu no queixo de Tootles, gerando um eco que se espalhou pelo Nunca.

Quando o eco se interrompeu, sobravam os cinco corpos caídos no chão.

E o de Axel Branford de pé.

O príncipe de Arzallum se virou para o Elfo-Rei, que o observava por debaixo dos cabelos longos vermelhos com os olhos semicerrados, como uma pessoa que não estava impressionada. Então um cumprimento simbolizado por uma cabeça

baixa e dois punhos fechados um sobre o outro, inclinados na direção do próprio queixo.

– O que raios foi isso que acabei de presenciar? – perguntou Petter Pendragon na linguagem erdim, diante da cena única.

– A primeira exibição de uma *arte marcial* nascida no Nunca – disse Axel.

Petter Pendragon uniu os lábios e os projetou para cima, balançando a cabeça duas vezes, como faria uma pessoa debochada.

– E como seria o nome dessa... *arte* desenvolvida de forma tão impressionante por você no Nunca, Axel Branford?

– Ethering – disse Axel de bate-pronto, como se houvesse treinado a resposta.

– *Ethering*? – repetiu o Elfo-Rei, como se para se certificar do nome, ou certificar o deboche. – Como *boxing*?

– Sim – ratificou Axel. – *O Caminho do Éter*.

Petter Pendragon se levantou, dando a entender que já havia visto o suficiente.

– O caminho do éter... – repetiu para si, saboreando as palavras. Depois suspirou. – Quer saber? Espero que tudo isso valha a pena em um campo de batalha, não apenas para lesionar meus crescidos.

– Vai valer, Elfo-Rei. Mas para isso será preciso que esse conhecimento se expanda além do Nunca.

Petter Pendragon se calou, mantendo seus olhos nos de Axel em segundos de silêncio. A expressão entediada ganhou ares sérios. Para admitir a verdade a você, mais parecia que ele estava decidindo se deveria testar ele mesmo a eficiência de tudo aquilo. Axel podia sentir os sentimentos e intenções que vinham do elfo agigantado, e isso não diminuía a tensão.

– Entendo – disse Petter. – Então me parece que você tem bastante a conversar com sua esposa, não é?

Axel aquiesceu uma vez, sem saber o que dizer, ou achando melhor não dizer mais nada. O Pendragon abriu suas asas de dragão.

– Mas apesar do estrago que fez hoje, espero que você aprimore sua *arte marcial*, Branford... – acrescentou o Elfo-Rei.

Axel novamente se manteve quieto, dessa vez por não compreender.

– Da próxima vez pode ser que sua mascote de estimação não possa lhe ajudar.

O Rei Petter Pendragon voou para longe, deixando suas palavras para trás.

Axel Branford continuou em silêncio.

— Você ainda não disse nada nos últimos minutos — comentou Sabino von Fígaro.

Maria continuava em choque, segurando a caneca de um chá já frio.

— Professor... — disse ela, rompendo o silêncio com uma voz fraca. — Eu juro que não sei se o senhor é gênio ou se é louco.

— Qual seria a diferença?

Maria focou o olhar perdido no dele. Ele *falava sério*. De verdade! Ele falava de desvendar um mistério que toda a humanidade estava buscando e ninguém havia ainda conseguido.

— E o senhor quer mesmo que *eu* lhe ajude a encontrar o avatar?

— Sim — respondeu ele, abrindo os braços como alguém dotado de uma notícia incrível. — Não é um privilégio?

Maria voltou a suspirar, rendida.

— Quando os sombras e os fantasmas tomaram Andreanne, quando Jamil Coração-de-Crocodilo enlouqueceu Primo Branford e ninguém sabia o que fazer, não fomos *nós* quem descobrimos a conspiração? Não fomos *nós* que encontramos a bruxa?

Nós. Fomos *nós*. Maria Hanson sabia o que significava para um homem como Sabino von Fígaro dividir os créditos de algo como aquilo com alguém.

— Sim — avaliou ela. — Fomos *nós*...

— Então se não formos nós novamente, quem vai ser? — acrescentou Sabino, deixando ela absorver a pergunta por um tempo.

A respiração de Maria começou a modificar seu ritmo, ao perceber que Sabino estava realmente entrando em sua mente.

— Além do mais, você será lembrada para sempre! Eu prometo que você estará em todos os meus livros...

Maria balançou a cabeça, querendo achar graça, mas sem querer se permitir achar graça em uma situação tão absurda. Ela voltou a considerar tudo aquilo, todas as lembranças, todas as perdas, todas as conquistas.

— *Então dê um jeito de arranjar uma pena, tinta e um local para escrever as anotações que vou lhe passar* — disse ela de repente, sem explicação, como se a frase fizesse sentido por si própria.

Uma pessoa comum teria demorado para entender. Sabino von Fígaro apenas expandiu os lábios, ao compreender que ela estava citando a ele mesmo. E que ela *se lembrava* das palavras que representavam o exato momento em que eles começaram a trabalhar juntos pela primeira vez.

— *Pois, enfim, a pátria precisa urgentemente de nós, senhorita Hanson* — continuou ele, fazendo referência a si mesmo. — *Dessa vez, não há como negar...*

— *A pátria com certeza precisa de nós* — concluíram juntos.

Maria colocou a caneca de chá no chão e continuou a olhar para seu professor em dúvida se via naquele homem traços de genialidade absoluta ou insanidade total.

20

Livith estava sentada em sua sacada na Torre de Vidro, comendo um cacho de uvas e vestindo apenas um robe claro, quase transparente. A luz do sol batia na pele élfica dourada e parecia retornar mais intensa após refletir no cabelo púrpuro. Ela observava a visão do Nunca com seus olhos de cor prateada, quando Axel entrou na varanda, sem camisa e com uma toalha no ombro. Eram visíveis as marcas de batalha ao redor do rosto e do tronco dele, tantos as antigas quanto as recém-obtidas.

– É verdade que você derrotou os cinco crescidos sozinho? – perguntou Livith.

– Sim. E também desarmado.

Ela engoliu mais uma uva, como se ajudasse a digerir a informação.

– Impressionante – assumiu ela. – E agora?

– Como assim, e agora?

– Você conseguiu enfim o que queria do Nunca – iniciou Livith, focando nele como uma pessoa prestes a lançar um desafio. – A filosofia, os treinamentos, a espiritualidade, o porte físico. Você já tem até mesmo *um nome* para toda a sua criação e acabou de provar que ela funciona. Então eu estou lhe perguntando, Axel Terra Branford: e agora?

O príncipe não respondeu de imediato. O vacilo e a expressão fechada indicavam que aquela conversa lhe era mais difícil que o combate.

– Agora eu preciso levar tudo isso a Arzallum.

Ela sorriu curto e se fez em silêncio, não como se aquilo a surpreendesse, mas como se estivesse vivenciando algo completamente previsível. O olhar se manteve vago, além do horizonte, não mais nele.

– Enfim chegamos ao ponto – comentou Livith, ainda preferindo a paisagem a ele.

– Quando eu digo que preciso levar a Arzallum, eu me refiro a precisar dividir isso com o Ocaso.

– É claro – disse ela. – Um continente reduzido a um Reino.

– Não é isso – suspirou Axel. – Em Arzallum se encontra um oriental, um artista marcial vindo de Ofir, que me enfrentou uma vez. Se nosso encontro não

houvesse existido, eu jamais compreenderia que seria possível haver arte filosófica e espiritual por detrás de um treinamento de combate corporal.

Livith sorriu. Um sorriu curto, irônico, certo.

– Você fala difícil para um homem que precisa esconder suas intenções.

– Eu não quero esconder minhas...

Axel se calou. Eles estavam conversando em erdim, o idioma das intenções. Seria estupidez negar algo tão óbvio em uma linguagem tão pura.

Livith mudou a posição de lado na sacada e se virou de frente para ele.

– Por que você quer voltar a Arzallum, Axel? – perguntou ela, novamente como se soubesse a resposta e apenas o desafiasse a admitir.

– Eu tenho... *círculos* que deixei em aberto.

– Círculos de que tipo?

Axel olhou para baixo. Pensou um pouco. E disse:

– Você sabe que isso não tem nada a ver com *você*, não sabe? Sabe que isso não tem nada a ver com alguma coisa errada conosco.

– Na verdade, me parece que *tudo* isso tem a ver comigo. De fato o que me parece é que o *meu marido* se aproveitou de tudo o que ele precisava em relação a mim, a minhas terras e ao meu povo, e, agora que está satisfeito, ele quer partir. Eu estaria iludida ou existe alguma razão no que digo?

– Livith... – disse ele o nome, como se representasse um lamento. – Você sabe as *circunstâncias* ao redor da nossa união.

– *Circunstâncias* que você aceitou antes de vir aqui.

– E que honrei ao longo de todo esse tempo.

Ela voltou a focar os olhos brilhantes nele, diretos como flechas.

– Você não foi *feliz* aqui ao longo desses anos? – perguntou ela. – Digo... *comigo*? Ao menos em algum momento, você foi feliz ao longo desses anos ao meu lado?

Ele se aproximou dela, mas receou tocá-la, tanto por temer a reação quanto por saber que não era hábito daquela cultura.

– Mais do que eu jamais poderia ter imaginado.

– E, ainda assim, isso não lhe é suficiente.

– Por favor, Livith! Novamente: não é *você*...

– Isso eu entendi, príncipe – interrompeu ela. – O problema está exatamente em *não ser* eu.

Sério, aquilo era muito, muito mais difícil que o combate.

O que mais intrigava aquele momento para Axel era que o tom de voz dela não era o tom alterado de uma mulher que se via traída, mas o tom de voz calmo, manchado com uma pequena ironia, que parecia minimizar decisões que deveriam ser grandes e por conta disso se tornavam pequenas. E o faziam se sentir pequeno.

– *Por que* você quer voltar a Arzallum, Axel Branford?

– Eu já expliquei que... – tentou dizer ele.

– Ao menos aja como um homem, e *assuma*! – exigiu ela por cima da alteração dele.

– Porque eu preciso rever Maria Hanson! – gritou Axel, sem querer ter gritado. O grito se espalhou pelo vento do Nunca. A princesa élfica apenas deu um sorriso curto e balançou a cabeça, como se a resposta não fizesse diferença.

– Eu preciso rever Maria Hanson para fechar um círculo com ela... – retomou ele em tom normal.

– Ou iniciar outro – acrescentou Livith.

– E *também* preciso rever meu irmão para fechar um círculo com ele, e *também* rever o homem que pode me ajudar no último estágio de meu treinamento.

– E depois? Será a sua vez de fechar um círculo *comigo*?

Ele tocou no antebraço dela, esperando chegar nas mãos.

Livith simplesmente retirou a mão dele do corpo dela. Ele não insistiu.

– Você venceu? – perguntou ela de repente.

– Como?

– O artista marcial oriental que lhe enfrentou. Você o venceu?

– Não – assumiu o príncipe. – Mas agora eu espero que sim.

Ela balançou a cabeça, parecendo satisfeita.

– Sabe, no fim a sua reação não me espanta – admitiu Livith. – É até mesmo natural pelo que ouvi dizer de você.

– O que você ouviu dizer sobre mim? – perguntou ele, espremendo as sobrancelhas.

– Que você é bom em iludir e abandonar mulheres.

Axel a cada instante mais se sentia um derrotado. Um homem que tentava fazer o que parecia certo e acabava sempre parecendo errado.

– Não é isso que eu estou fazendo com você.

– Por quê? – perguntou ela, novamente soando como uma professora testando um aluno.

– Porque o nosso acordo era de cinco anos.

Houve silêncio, dessa vez da parte dela.

– Sim – concordou ela, após a pausa. – Ele era. Como um período *mínimo*, não máximo.

Axel novamente se aproximou e pegou no antebraço dela.

– Sabe o que *eu* ouvi sobre você e a raça élfica?

Ela olhou para ele, não com fragilidade, apenas como desafio. A mão dele não foi retirada.

– No meu tempo no Nunca, ouvi dizer que elfas não se apegam aos seus parceiros como nós humanos costumamos fazer. Que seu conceito de família é diferente. E que sua raça não demonstra sentimentos de posse por seus parceiros.

A mão dele chegou na dela.

– Então, o que faz você se sentir dessa forma em relação a minha decisão? – perguntou ele, de maneira sincera.

Livith voltou a focar seus olhos de prata nos olhos esmeralda dele.

– *Raças diferentes tendem a trocar cultura.*

– Sim, eu acredito nisso – disse ele, querendo que ela visse a sinceridade refletida ali. – Mas, nesse caso, eu tenho outra teoria.

Ela não pediu para escutá-la, como uma forma de titubear se queria ouvi-la.

– E na minha teoria... – prosseguiu Axel ainda assim. – ... você se sente assim porque ela é *humana*.

Livith não concordou. Nem negou.

– Você se sente assim *talvez* por sentir a sua honra élfica manchada, ou por sentir seus conceitos em conflito.

Livith *tentou* tirar a mão da dele. Axel a segurou, impedindo que os olhos se afastassem.

– O conceito de uma raça como a sua, que nunca deixa o Nunca, maculado ao ver o representante de uma raça *como a minha*... decidir partir.

Ela soltou a mão dela da dele de maneira brusca.

– Você está errado – disse ela. – Quando você diz *uma raça como a minha*, você está errado. Porque você não é humano, Axel Branford! Você é filho de um humano e de uma feérica! E sim, talvez seja *isso* o que me seja difícil em te ver renegar o Nunca.

O peito dele travou e os olhos dele se encheram de lágrimas em uma reação completamente atípica para Axel Branford.

– O que você quer de mim, Livith?

– Vá, feche seus círculos, complete seu treinamento. Deite-se com quantas mulheres você quiser, nada disso me importa. A única coisa que quero, Axel, é que você mantenha a promessa da nossa união quando aceitou que as linhas que ligam as nossas vidas, e os nossos sonhos, estão entrelaçadas. E que o destino que olha pela estrada dos dois agora seja apenas um.

Nos olhos dele ainda se destacavam pontos brilhantes.

Nos dela, nada.

– Eu quero que mantenha a promessa de que nós teremos para sempre uma *responsabilidade* sobre o outro pelo resto de nossas vidas.

Ele aquiesceu, enquanto duas linhas lhe marcavam o rosto em descendente.

Livith tentou sair daquela sacada, mas Axel a segurou e a puxou para si em um único movimento. Ela respeitou o ato.

O ato de um homem que lembrava que, para as elfas-amazonas, o abraço era mais forte que o beijo.

Os dois permaneceram ali, corpos juntos e braços em círculo, sentindo novamente a energia do outro. O calor que vinha de dentro para fora novamente os uniu na roda de sentimentos e emoções que era trocada.

Quando eles se afastaram, ela caminhou de costas com a frieza a que ele se acostumara.

– Quando estiver pronto, parta. De preferência, sem se despedir. Você conhece o caminho. A primeira à direita. Sempre em frente...

Axel a observava se afastar e não sabia se o que doía dentro dele era a separação ou o testemunho da falta de empatia pela separação.

– E, ao menos dessa vez, príncipe, experimente olhar para trás.

21

Após o estrondo, a calmaria, ao menos para um dos lados. os lacaios de Snail Galford saqueavam o navio atacado, enquanto a tripulação de Albion se mantinha de pé e com as mãos na nuca. Do navio rendido pelo Jolly Rogers eram retirados comida, madeira, cordas, lonas, pólvora negra, apetrechos e as armas jogadas ao chão no momento de rendição.

– E o que fazemos com a tripulação?

– Contem a história – decidiu Snail. – Depois liberem.

Contar a história era um ritual de Snail Galford após a rendição. Na verdade, nem sempre, mas na maioria das vezes. Sempre que um navio era derrotado, Snail se decidia entre aniquilar os tripulantes, o que só acontecia quando as batalhas se tornavam brutais demais e ele normalmente lhes afundava os navios, escravizá-los para vender ao Reino inimigo de acordo com a nacionalidade dos capturados, ou a terceira opção, que era lhes contar uma história e então liberá-los para que a história se espalhasse.

Snail na verdade tivera a visão apenas de que, se quisesse ser temido como os outros piratas, precisava ter histórias sobre si mesmo contadas em tabernas.

Liriel foi quem criou as narrativas e o aconselhou a deixar os inimigos espalhá-las.

Eram narrativas sobre as viagens fabulosas de um pirata conhecido como *Simbad*, o Sobrenatural, oriundo das Ilhas Kukuanas, de onde vinham os homens de pele negra. Elas falavam sobre um pirata que havia iniciado na tripulação de Jamil, o Manco, nunca o Coração-de-Crocodilo, como marujo, humilhado durante anos, até ludibriar o próprio Jamil e libertar da prisão ninguém menos do que Jim Hawkins, o pirata do Grande Tesouro. Essa era a primeira narrativa. Daí se seguiam cinco anos de aventura em alto-mar, que variavam de acordo com o integrante do grupo disposto a ser o narrador da vez.

Quando satisfeitos, os inimigos eram liberados em seus próprios navios já saqueados, quando ainda aptos a navegação, ou em botes do contrário, entregues à própria sorte.

Claro que, ao longo de cinco anos de história, não era possível para Snail controlar *o que* era dito sobre ele, nem *como* eram narradas suas histórias pelos sobreviventes, e depois pelos que nem mesmo estavam lá. Como resultado, não estranhe se um dia você ouvir por aí histórias deturpadas de Simbad como um homem branco, ou moreno, ou loiro, ou até mesmo careca! Sei que parece loucura, mas juro que, se procurar os bardos errados, você encontrará histórias contraditórias que o descreverão como um pirata magricelo de um lado, ou um pirata atlético, quase um levantador de pesos, de outro. Algumas descreverão seus cabelos como curtos, outras como cheios, outras como longos e de tonalidades distintas que variavam do castanho ao violeta – sim, como o de elfas! Para dar uma ideia de toda a insanidade, uma vez em Mosquete ouvi se referirem a ele até mesmo como um homem de cavanhaque e turbante, oriundo de Ofir, com costumes e roupas orientais!

Mas não se deixe enganar por essas histórias, por favor! Mesmo porque, afinal de contas, eu e você já estabelecemos uma relação de confiança mútua suficiente para que possa acreditar em mim quanto a isso.

O Simbad, o *verdadeiro* Simbad, o homem que mudou a visão dos piratas em Nova Ether era na verdade um homem negro, sempre de bandana, especialista em facas, capaz de enganar mesmo os loucos, e de ir até onde nenhum outro homem do mar havia tido coragem.

– Para onde seguimos agora, meu capitão? – perguntou um de seus marujos, ansioso por qualquer resposta.

– Para Ofir – definiu Snail Galford. – Está na hora de o Simbad enfim chegar ao Oriente!

Essa era a verdadeira história.

O céu escuro reforçava o show das milhões de estrelas dos céus de Nova Ether. Um mundo que acredita que cada estrela em brilho representa um semideus que dá vida a tudo que existe, inclusive a eles. Em outras palavras, era possível dizer que o anoitecer de Nova Ether trazia brilhos de fé.

– Você já fez isso uma vez, meu amigo – disse Axel Branford à sua montaria. Apesar do horário noturno, vestia roupas leves, com uma camisa que lhe deixava os braços de fora, reforçada apenas por um echarpe élfico bordado com ideogramas em ouro. – E, caso vacile para fazer novamente, pense que, ao menos, você estará voltando pra casa.

Bóris não demonstrou reação. Montador e montaria se posicionavam diante do mar de Nova Ether, sentindo o cheiro da areia úmida e ouvindo as ondas se quebrando no mar. O príncipe vestia um agasalho de lã com capuz e tinha como testemunha apenas Tuhanny. A águia-dragão podia sentir a pulsação e mesmo o cheiro que vinha da adrenalina dele. Bóris não tinha as mesmas habilidades de Tuhanny, mas isso não o impedia de também sentir a ansiedade de Axel Branford ainda assim. Eles permaneceram em silêncio ainda envoltos entre cheiros de medo e de areia, e sons que iam e vinham do mar, deixando que a energia dos três se conectassem até um único círculo ao redor de uma mesma certeza.

– Confia em mim, batalhador – pediu ao corcel. – Mais uma vez.

Como se o compreendesse, Bóris relinchou. Axel fez um sinal para a águia-dragão e Tuhanny berrou um *kiai* que ecoou pelo Nunca.

– Toma coragem! E vai!

O corcel ergueu-se em duas patas. E partiu alucinado na direção do mar.

Mais uma vez.

A primeira à direita. Sempre em frente.

O cavalgar deixava marcas na areia que, diante da noite, só eram testemunhados por estrelas de semideuses que davam vida àquele momento. As ondas continuavam quebrando com uma violência que testava a crença de três seres com a mesma intensidade.

Até o amanhecer.

Os cascos começaram a marcar a areia mais úmida, lambida pela água que ia e voltava de um mar que separava mundos. Mundos dentro de um mundo. Mundos tão próximos. Mundos cada vez mais próximos.

E, ao menos dessa vez, príncipe, experimente olhar para trás.

O som das ondas foi se aproximando, lembrando a loucura que acompanhava a fé. Tuhanny mergulhou em um voo na mesma altura da corrida do corcel, como também já havia feito um dia. A única diferença naquela cena de volta para a de ida era que, dessa vez, Axel olhou para trás.

E Livith estava lá, observando-o partir.

Talvez ela tivesse aparecido apenas naquele momento, talvez ela estivesse ali o tempo inteiro e ele não a tivesse visto. O fato era que, ainda que na escuridão da noite, ela o observava partir com um brilho que contrastava com o das estrelas.

Pois o dela reluzia decepção.

Bóris avançou com bravura e saltou prestes a afundar nas ondas escuras que o levariam. Na mente de Axel, ainda a lembrança da última imagem de Livith. A imagem da decepção.

Exatamente o que Axel Branford costumava sempre deixar para trás.

23

O primeiro trem de Nova Ether chegou a Metropolitan. Para seus integrantes, a viagem havia sido tão surreal quanto toda imaginação que a precedeu. Deslocados pelas barras de aço laminado por uma força de atração, a serpente de metal correu a uma velocidade próxima de uma centena de quilômetros por hora. Muitos dos passageiros ficaram tão assustados com tamanha velocidade vertiginosa que prometeram a si mesmo que *já* entrariam em uma coisa daquelas de novo, embora soubessem que isso era mentira. Durante a viagem foi servida comida e oferecido entretenimento em forma de jogos de cartas e de dados, música, contação de histórias para as crianças e de piadas (principalmente envolvendo minotaurinos) para os adultos. A presença de Rumpelstichen, sempre cumprimentando pessoas e colhendo suas impressões, se tratava de uma experiência exótica à parte, já que muito se falava sobre o povo gnomo que voou do Ofir ao Ocaso, mas pouco se testemunhava sobre ele. Além disso, apesar de não ser planejada para isso, ao reunir uma quantidade considerável de nobres em sua área mais reservada, aquela viagem acabou por se tornar uma oportunidade para alianças serem reforçadas, propostas comerciais serem feitas e até mesmo negócios serem fechados, incluindo naquele ato de se viajar de trem certo atrativo à elite que ia além do mero transporte.

A viagem havia dado outra oportunidade à grande maioria ali presente: a de conhecer uma região diferente. Sei que esse talvez possa não ser o seu caso, mas

juro que você ficaria extremamente surpreso se soubesse quão poucas são as pessoas que resolvem realmente tirar um tempo para sair de suas zonas de conforto e conhecer outras culturas e realidades distantes da que conhecem, independentemente das condições sociais. Talvez por isso, não sei exatamente o motivo, se é o comodismo, se é o acaso, se é a falta de coragem, mas eu sei que você vai encontrar diversas pessoas que *sonham* viajar o mundo e conhecer outros Reinos, outros continentes e outros povos. E essas pessoas vão inclusive lhe dizer que *um dia* irão velejar até Labuta, ou Lilliput, ou Mon-o-Nok, mas na verdade terminarão a vida sem ter ido nem mesmo às Sete Montanhas.

Por conta disso, aquele trem reascendia dentro das pessoas esse sentimento que elas não sabiam que tinham dentro de si, ou, se soubessem, evitavam pensar sobre ele. Essa sensação de que o mundo se tornava mais acessível. Uma sensação que só era compartilhada, ainda que de maneira diferente, por dois grupos de pessoas: os aventureiros e os leitores. Sim, porque uma vez eu comentei como era difícil fazer os jovens lerem até mesmo os livros errados da Biblioteca Real do Saber, mas, acrescento aqui que, aqueles que o faziam, sabiam como era viajar a cada dia para um lugar diferente, ainda que no mesmo lugar. Sabiam o que era viver outras vidas, ainda que através de uma única.

Sabiam o que era construir mundos, ainda que na própria imaginação.

Exatamente como Nova Ether.

Exatamente como semideuses.

Some então tudo isso que nós estamos conversando e imagine o que era para aquelas pessoas passarem por cenários que eles apenas ouviam falar. Eram pastos, planícies, colinas. Alojamentos, quase pequenas aldeias, construídas ao longo dos últimos anos para acomodar trabalhadores dispostos a aceitar trabalho na construção daquele empreendimento revolucionário. Lenhadores de Andreanne, mercenários de Sharpe, construtores de Marroig; eles vinham de todos os cantos. Algumas daquelas vilas improvisadas se tornavam fantasmas, abandonadas após a conclusão dos trabalhos, outras, porém, mantinham famílias que descobriam nas regiões um lugar confortável para manter suas vidas.

Na estrada de Denims, onde se recolhiam as mesmas maçãs doces que também eram servidas dentro do trem como cortesia daquela vez, para quem quisesse pagar por elas nas próximas, uma construção, porém, dominava todo o fôlego.

O parque *ethérico*.

Erguido no formato de imensas colmeias e delimitado por cercas e guardas reais, ele representava o novo estágio que o continente do Ocaso havia atingido. Oito colmeias se conectavam por fios que brilhavam luzes de tempos em tempos, conforme a luminosidade do que corria por dentro deles, lembrando o efeito de runas acionadas em armas de guerreiros aptos a utilizar magia em combate. Quando

perguntado por um passageiro o que, afinal, corria por dentro daqueles fios que conectavam as construções, Rumpelstichen sorriu e respondeu de maneira sincera: *magia*.

Magia. Correndo por dentro de fios como uma força capaz de ser controlada. Era esse o estágio que o Ocaso havia atingido.

O trem parou na estação próxima da entrada da cidade de Metropolitan. Apesar de sua estação exibir uma arquitetura diferente da de Andreanne, com paredes formadas de pedras encaixadas em ângulos mais retangulares e menos circulares, a empolgação e a ovação do povo à espera era a mesma. Centenas se reuniam em meio a entusiasmo, gritos, excitação e afobação para recepcionar a chegada não apenas da primeira viagem de trem de Nova Ether e seus passageiros, mas também da família real de Arzallum.

– João, você acredita que nós chegamos em Metropolitan *tão rápido*? – perguntou Ariane, agitando o garoto.

– Rápido? A gente deve estar há umas cinco horas sentado aqui!

– Ora essa, então da próxima vez você vem de cavalinho e a gente vê quanto tempo vai dar! Quando você chegar, eu já vou ter tido o nosso filho!

Ariane travou, ao perceber o que havia dito. Olhou de lado para ele, que *também* olhava de lado para ela, segurando o riso.

– Isso foi só uma expressão, tá bom? Só uma expressão! Não quer dizer que eu já esteja com a cabeça feita!

João continuou olhando para ela de lado, ainda segurando o riso.

– Mas também não quer dizer que eu *não* esteja – assumiu ela.

João deixou o sorriso sair, ainda sem dizer nada.

Rumpelstichen se postou à frente do primeiro vagão carregando um apetrecho que lembrava uma lupa, mas com um vidro *menos sólido*. Ele acionou um mecanismo, que fez as laterais da lupa se acenderem e o vidro maleável incandescer em vermelho. O gnomo colocou o apetrecho à frente da boca e falou:

– Senhoras, senhores, antes de tudo uma boa tarde!

Então a pausa estratégica, enquanto o espanto das pessoas se espalhava pelos vagões.

Assim como a voz daquele gnomo.

– Sei que essa experiência deve lhes estar sendo mais uma surpresa. Esse aparelho se chama *amplificador* e é mais um exemplo das possibilidades infinitas que nós podemos tornar realidade por meio da magia vermelha. Possibilidades que nos foram dadas pela visão do Rei Anísio Branford e pelo esforço magnânimo de todo o povo arzallino na construção do parque *ethérico*!

O gnomo fez uma pausa, enquanto sua voz continuava a ecoar até o fundo do último vagão, *ampliada*.

Sem saber exatamente qual o protocolo a seguir, as pessoas reagiram como sempre faziam em uma frase que ecoasse elogios a seu Rei: com aplausos e euforia.

– Para aqueles que não me conhecem, eu sou Rumpelstichen, arquiteto-gnomo responsável pela direção dos trabalhos realizados até aqui nesta ponte de união entre Ofir e Arzallum! O que vivenciamos hoje é apenas o primeiro passo! Em cinco anos, teremos trens correndo para outras cidades desse Reino. Em dez anos, para outras cidades de outros Reinos.

Uma onomatopeia coletiva de surpresa correu pelos vagões, enquanto as pessoas se olhavam maravilhadas diante de promessas maravilhosas.

– Hoje, porém, é apenas um dia de festa. Um dia em que nativos de Andreanne podem confraternizar com nativos de Metropolitan! Então façam dele apenas o dia festivo como este dia merece ser lembrado. Visitem a cidade, revejam amigos e parentes, comam em suas tabernas, comprem em suas joalherias, e, principalmente, espalhem por aí sobre a sensação de terem sido os primeiros a experimentar esse novo meio de transporte.

Ele já havia comentado sobre aquilo antes, e as pessoas já sabiam daquilo, mas, a cada vez que Rumpelstichen os lembrava do *privilégio* daquelas pessoas por serem os tripulantes da primeira viagem de trem da história de Nova Ether, isso explodia dentro delas uma sensação de importância, um sentimento que as fazia especiais e precisava ser compartilhado *imediatamente*.

Exatamente o que um empresário precisava diante de um novo empreendimento.

– Esse trem vai partir de volta em três horas, anunciado pela batida do sino da cidade. Guardem seus tíquetes, de preferência em bolsas diferentes daquelas em que guardam moedas! Se forem vítimas de punguistas, vocês irão precisar de um dos dois para retornar a esse trem!

As pessoas riram.

– Agora apenas se divirtam e *ampliem* por aí que o mundo mudou. E vocês são parte disso.

Aplausos. Legítimos, empolgantes, apaixonados. É um fato: o ser humano continua a se sentir bem quando é deslumbrado.

Mesmo antes de abrir os olhos, Axel Branford sentiu o calor do sol na pele e a areia seca na boca. Colocou-se de quatro, derrubando grãos minerais, e então sentou nos próprios calcanhares, observando o lado do mundo em que estivera ausente por alguns anos. Bóris, de onde havia tombado da cela, mantinha-se de pé, bem disposto como nunca. Já Tuhanny ignorava a ambos, concentrada em uma terceira imagem que contrastava tanto com a situação quanto com o paraíso natural ao redor, que deveria estar deserto.

A imagem de um Vishnu estacionado a alguns metros dele na areia, com três gnomos em prontidão, como se estivessem à sua espera.

O navio-voador gnomo era diferente do que o havia levado até aquele local cinco anos antes. Era notável como eles tinham evoluído a máquina, que agora se mostrava pelo menos cinco vezes maior, mais robusta, mais equipada. Axel limpou os resquícios de areia do próprio corpo, segurou Bóris pela rédea e caminhou ao lado dele na direção dos gnomos bem-vestidos, que o aguardavam em posição quase militar.

– Saudações, Axel Terra Branford, príncipe de Arzallum – disse um deles, que Axel imaginou se tratar do capitão daquela máquina.

– Saudações, capitão, embora elas me façam ter mais perguntas do que respostas.

– Estávamos à sua espera, na verdade. Fomos contratados para transportá-lo de volta.

Axel franziu a testa e ergueu o queixo.

– Como é? Vocês foram *contratados*? Não, *tem de haver* algum engano nisso. Mesmo em um mundo de fadas-amazons e navios-voadores, seria impossível vocês saberem que eu estaria aqui, pois mesmo eu me decidi há pouco.

– Nosso contratante o fez há dias, alteza – anunciou o capitão gnomo. – Nos informou a data e a hora em que sua pessoa estaria aqui e deveríamos buscá-lo para levá-lo até ele.

O príncipe de Arzallum se manteve imóvel em segundos de espanto.

– *Quem* contratou vocês afinal, capitão? E para onde vocês deveriam me levar?

– Nós fomos contratados pelo Mestre Anão Orgulho, príncipe Axel – revelou o gnomo. – E nossa instrução é para que, caso seja também de sua vontade, nós o transportemos imediatamente para a Aldeia da Mina, nas Sete Montanhas de Arzallum.

A expressão de Axel se modificou no mesmo instante, assumindo a mesma aura sombria que elfos crescidos conheceram em uma arena de batalha.

– O que nos diz, vossa alteza?

– Eu vos digo que aceito o convite – respondeu Axel, como se rosnasse.

Na mente apenas um nome de um ser que não era humano, mas lhe foi amigo, e lhe foi tomado.

Moonwakrston, o troll Muralha.

Morto por um Mestre Anão, que ele pretendia matar.

25

— Por que *aqui*, professor? — perguntou Maria Hanson.

O tom de voz dela era tenso e carregado. A expressão sobressaltava surpresa, um tipo de espanto que tentava ser disfarçado pela confiança em seu mentor, mas era impossível de ser negado que estava ali.

Sabino von Fígaro esperava por aquela reação.

Afinal, eles estavam de volta ao início do terror.

— Porque nós precisamos seguir a trilha — confessou ele. — Nós precisamos recomençar a trajetória. E tudo começou aqui.

Era verdade. O local onde o pesadelo tomou forma.

A Casa de Doces.

O lugar não ostentava mais uma casa, na verdade. Como já lhe contei, após o fatídico ocorrido, o antro foi queimado e os Hanson ficaram observando-a queimar até que restassem cinzas. Curiosamente, apesar dos tantos anos já passados, o espaço onde a residência macabra antes se apresentava manteve-se *morto*, mesmo com o tempo lhe cobrando uma atitude. Nenhuma flor tomou vida, nenhum animal construiu um ninho em meio aos escombros. Pelo mato se espalhava musgo e lama negra, quase um pequeno pântano sinalizando aos esquecidos a podridão que um dia existiu ali. No solo era possível se encontrar até mesmo ainda sobras de madeira queimada, e, apesar de isso ser (ter de ser) impossível, o *cheiro* de queimado parecia também continuar ali.

— Não faz sentido — insistiu Maria, falando com Sabino, mas parecendo estar falando sozinha. — O senhor disse que a missão era outra! O senhor disse que nós iríamos atrás da virgem de Merlim Ambrosius!

— E é isso o que nós estamos fazendo — rosnou Sabino von Fígaro, não por impaciência, mas para que o tom de voz expressasse a seriedade e o choque necessários para trazer Maria Hanson à ação. — É impressionante que nunca tenha notado isso, senhorita Hanson! Mas a trilha da virgem que trará o novo avatar está

diretamente ligada à *sua* história! Ou por que achou que eu preciso de você para encontrá-la?

Maria parou de falar, embora a boca continuasse a se movimentar, *querendo* dizer alguma coisa, mas sem emitir som.

– Não, não é possível... não tem como isso ser possível... não faz o menor... – balbuciava a menina, morrendo em frases pela metade que ela não percebia que estavam sendo ditas.

Sabino a ignorava, concentrado no cenário escuro como se conseguisse reviver as memórias obscuras. De repente um galho *se quebrou*. Passos. Folhas esmagadas. Movimentação de arbustos. Os nervos de Maria Hanson colapsaram um pouco mais e as pernas tremeram.

– Alguém está se aproximando – alertou ela.

– Já não era sem tempo.

Da mata, ela surgiu. Usava um vestido largo de cor violeta, bordado, com detalhes de babado. No pescoço, uma joia com um pentáculo, o símbolo de um pentagrama inscrito em um círculo.

– Madame Viotti – disse Maria por instinto, anunciando sem desejar a recém-chegada.

– Olá, Maria – reverenciou a iniciada. – Professor...

Sabino von Fígaro lhe beijou uma das mãos em meio a um sorriso destinado apenas a poucas pessoas. Nenhuma, aliás, que Maria já tivesse visto, além daquela senhora.

– Madame...

“Um caçador de bruxas e uma bruxa”, pensou Maria, sem dizer. “Onde mais nós veríamos isso?”

A bruxa caminhou na direção de Maria. A reação da jovem Hanson seria de se afastar, mas ela se manteve firme. Sua relação com aquela senhora era um tanto difícil de explicar, me refiro aqui emocionalmente falando. Sobre a pessoa em si, Maria Hanson não tinha o que condenar. Ela era a mulher que trazia sorrisos a seu mentor, que fez Ariane se descabelar para impedir que fosse queimada em praça pública, que ajudou a desvendar o esconderijo de Babau em plena Catedral da Sagrada Criação e que até mesmo preparou Ariane momentos antes de a menina negociar com a Morte a vida de João Hanson.

Na verdade, não havia *nenhum* motivo para que Maria Hanson temesse ou desprezasse Lenora Viotti em qualquer instância.

A não ser o fato de que, ainda que voltada ao bem, aquela mulher *ainda* era uma bruxa.

E resgatava traumas que Maria tinha dificuldade em esquecer.

– Você está pronta, querida? – perguntou a sacerdotisa.

Maria balançou a cabeça de um lado a outro com a boca aberta, sem saber o que responder.

– Pronta? Mas pronta pra quê?

Madame Viotti suspirou, virando-se para Sabino.

– Não me diga que você não explicou *nada* do que nós iríamos fazer aqui para a menina, Sabino...

O professor abriu os braços e ergueu os ombros.

– Se você está pedindo, eu não digo, então.

Madame Viotti expirou forte, deixando os braços caírem.

– Ai, minha Criadora! Eu não me acostumo com esse homem...

– Vocês podem me explicar o que está realmente acontecendo? – perguntou Maria, um tanto rude. Então, como se percebesse a rudeza, acrescentou: – Por favor...

– Minha querida, imagino como deva estar assustada de retornar aqui sem explicações!

Maria apenas concordou com a cabeça. Sim, ela estava assustada. Seu professor era louco. E ela nunca sabia o que esperar daquela mulher.

– Na verdade, eu *prefiro* que ela não saiba – revelou Sabino. – Se nós queremos autenticidade, é melhor que a razão dela não se torne um escudo. Afinal, eu treinei essa menina, e sei como a mente dela pode funcionar se tiver informações suficientes.

A reação de Maria foi afastar a cabeça para trás e se afastar dos dois, em uma reação corporal instintiva de proteção. As mãos abertas foram erguidas à frente em um sinal para se afastarem.

– Desculpe, professor, mas eu acho que a minha razão já se tornou um escudo no que quer que seja que vocês estejam planejando aqui.

Sabino estalou a língua, bufando em seguida. Olhou para Maria, depois para Viotti, como se escolhendo com qual das duas esbravejar primeiro.

– Está vendo? – A escolhida foi Viotti. – Eu disse que não se pode dar muita informação a ela, se não for necessário.

A atenção dele se virou exclusivamente dessa vez para a outra.

– Maria, você vai passar por um processo de *regressão*! Isso quer dizer que sim, vai mergulhar e reviver em uma parte das suas memórias que você tenta bloquear. Você vai relembrar de alguns sentimentos e sensações que tentou esquecer, e talvez até mesmo as sinta novamente de maneira tão intensa que vai acreditar que eles estão realmente acontecendo, mas é aí que eu vou precisar que a sua razão atue para lhe relembrar de que eles *não estão*, e você na verdade está protegida.

– Mas... mas... mas por que vocês querem fazer uma coisa dessas comigo?

Sabino voltou a olhar para Viotti um tanto atravessado, como se sinalizasse para que ela terminasse com o que tinha começado.

– Porque nós temos razões concretas para acreditar que Babau sabia *quem* era a bruxa responsável pelo cativo da virgem de Merlim Ambrosius.

Juro, Maria quase perdeu as forças das pernas.

– Por que vocês acham isso? E, mesmo que ela soubesse, *como* eu...

– Provavelmente você não vai se lembrar... – interrompeu Sabino, resgatando a atenção para ele. – Mas, após o incidente, quando você e o jovem Hanson prestaram depoimentos à Guarda Real, houve momentos em que você disse coisas sem sentido, frases balbuciadas em estado de choque que passaram despercebidas à maioria. No entanto, eu estava lá. E *nada* me passa despercebido.

Maria sentiu ânsias de vômito, estômago pulsando, pressão alterada.

– Você disse frases que lhe foram ditas como: *trabalha, cabelo de ovelha!*

Maria tentou breicar no primeiro movimento, mas o segundo foi inevitável, e ela *realmente* vomitou no chão. Madame Viotti a segurou, impedindo que ela tombasse.

Sabino von Fígaro não se alterou.

– Era assim que ela te chamava, não é? *Cabelo de ovelha!* E essa foi apenas uma das frases que eu não esqueci.

– Pare... por favor, professor... por favor... – implorou Maria em lágrimas. – Por favor...

– Sabino... – tentou intervir Viotti.

– *Finalmente! Esquenta! Ferve a água do caldeirão, cabelo de ovelha! Depois mata teu irmão, corta a mão direita e a coloca no caldeirão pra mim...*

Maria voltou a vomitar. A respiração travou na garganta quando o ar se tornou vácuo.

– *O sangue, serve na taça, que meus convidados chegam em pouco tempo. Mais tarde, como o coração...*

– O QUE VOCÊ QUER DE MIM? – gritou ela na direção de Sabino, como nunca antes. A expressão de ira, o corpo contraído, como prestes a dar um bote, o rosto marcado por uma mistura de lágrimas e vômito.

– Eu quero que você *raciocine* – clamou Sabino em resposta, de maneira agressiva. – Eu quero que você me diga o que de raios há de mais importante nessa frase, ignorada por você e todas as dezenas de pessoas que já escutaram isso antes!

Maria queria esganar aquele homem. Bater com a cabeça dele no chão até que se estourasse em sangue em uma pedra. Era isso o que ela queria. Era isso que sua *emoção* queria. Uma emoção que desejava que aquela dor parasse.

Cabelo de ovelha.

Uma emoção que precisava de um culpado. Um culpado pelo trauma de infância. Um culpado pela morte do pai.

Um culpado pelo coração despedaçado.

Ferve a água do caldeirão, cabelo de ovelha!

Um culpado por toda vítima necessária à narrativa de um bom conto de fadas.

Depois mata teu irmão, corta a mão direita e a coloca no caldeirão pra mim...

Mas Maria não era emoção. Ao menos, não *somente* emoção. Ela era a que lutava de volta. A que depenava corvos e tacava bruxas dentro de caldeirões.

O sangue, serve na taça, que meus convidados chegam em pouco tempo.

Ela era a que desvendava cativeiros. A que ensinava alunos. A que servia de exemplo.

Mais tarde, como o coração...

Ela era a escolhida de Sabino von Fígaro. Dentre milhares, a única escolhida.

– *O sangue serve na taça...* – repetiu ela, como se as palavras fossem vidro e lhe cortassem a língua. – ... *que meus convidados chegam em pouco tempo.*

Sabino se manteve imóvel a dois passos de distância, olhando nos olhos dela fixamente. Ele tremia. Como ela tremia, na implosão resultada por duas mentes brilhantes em desafio.

– *Que meus convidados chegam em pouco tempo...* – repetiu Maria, sentindo raiva de não sentir raiva.

As mãos dele agarraram a cabeça dela, afastando os cabelos colados no rosto. Ele aquiesceu, como dando permissão a ela para que aquela conclusão naquele momento fosse sim dela, não dele.

– *Que meus convidados...* – repetiu ela para si mesma. – ... *chegam em pouco tempo.*

Um momento dela, jamais dele.

Sabino continuou com as mãos ao redor do rosto de Maria, forçando-a a se fixar nele.

– Você compreende? – perguntou em um tom paternal. – Você compreende por que nós precisamos fazer isso?

– Vocês acham que um dos convidados...

Sabino balançou a cabeça, concordando.

– E você, Maria, é a única pessoa em toda Nova Ether a ter essa informação em algum lugar perdido das suas memórias.

Novamente a emoção quis intervir e os sentidos estiveram prestes ao colapso. Mas a razão de Maria Hanson tomou as rédeas e ela entendeu que ele tinha a razão.

Como sempre, ele tinha razão.

– Façam – ordenou ela, como se fosse dela o controle daquele momento. – Façam o que for preciso.

O momento em que Maria Hanson compreendeu que não precisava ser vítima daquela situação. E que *talvez*, ao menos em um pequeno talvez, ela finalmente começasse a pensar que tivesse estado lá e vivenciado aquele horror por uma razão. E, no fim, se não houvesse razão, se não houvesse um Criador definindo a história do mundo através da linha de vidas como a dela, que ela então usasse a má sorte e o acaso para se vingar daquela bruxa maldita. Mais uma vez.

– Vamos queimar novamente essa Casa de Doces.

26

— Foi essa a tal taberna então? – perguntou João Hanson, observando o lugar.

Ele e Ariane estavam na Caneco de Ouro, e pode ser que você não lembre a princípio, mas essa não é a primeira vez que falo desse lugar. Há tempos, quando Primo Branford ainda estava entre nós e era o Rei de Arzallum, Anísio Branford estava desaparecido e Axel partiu com Muralha para as Sete Montanhas atrás de notícias. Em sua jornada, eles cruzaram com uma senhora que havia sido assaltada por orcos com peles de cor variada entre o anil e o plúmbeo. Na época, Axel tomou a difícil decisão de ceder o seu corcel à senhora atacada e seguiu com Muralha para Metropolitan, onde o saudoso troll cinzento (que os semideuses o tenham) identificou a trilha dos orcos pelo cheiro. Uma trilha que seguia para oeste.

Uma trilha que seguia para o Caneco de Ouro.

Aquele foi um dia inesquecível para os que estiveram lá, e fantasioso para os que não estiveram, pois essa história correu por aí e, acredite, chegou a milhares de pessoas que imaginaram sua própria versão. A versão do dia em que Axel Branford quebrou três orcos com as mãos nuas, diante de uma taberna eufórica. Não era à toa, pois, que aquela taberna estivesse lotada. Antes daquele incidente, ela se tratava de uma taberna comum, despercebida dentre diversas outras ali mesmo de Metropolitan.

Após o incidente, ela se tornou uma atração turística.

Na verdade, se levarmos em consideração a Lobo Mau em Andreanne, onde o taberneiro Harold Helll exibe até hoje na parede a cabeça do lobo que o Herói Rick Albrook matou antes de devorar a senhora Narin, podemos dizer que ela e a Caneco de Ouro disputam o título de taberna mais famosa de Arzallum.

Não à toa, ambas por causa de Axel Branford.

Uma coisa que é reconhecida há tempos é a competência do faro comercial dos donos de negócios de Metropolitan. No caso da Caneco de Ouro, o taberneiro Onório, o mesmo que estava lá e recebeu de Axel as moedas de princês para consertar os estragos, curiosamente não usou o dinheiro para reconstruir estrago algum.

Na verdade, ele usou para ampliar sua taberna *ao redor* dos estragos.

O resultado dessa lógica tão inteligente era que as prateleiras atrás da bancada onde Axel foi arremessado e se ergueu do chão lentamente continuavam intactas. As cadeiras e mesas quebradas durante as movimentações da luta ainda estavam lá, destacadas por círculos de cordas ao redor que basicamente diziam: *foi aqui*. E mesmo o lugar onde o último orco tombou após o último golpe do príncipe, uma meia-lua vertical, tinha a silhueta do goblinoide pintada no solo com tinta simulando o corpo grande caído. Era possível contemplar quadros com pinturas da luta ou até mesmo ler frases pintadas na parede como: “E então? Vão ficar me olhando, palermas?” ou “Agora esquentou de vez!”, proferidas pelo príncipe. E havia sempre um bardo para recontar aquela história, mesmo ele não estando lá, se alguém estivesse disposto a lhe pagar algumas moedas de princês ou até mesmo uma bebida.

E assim a Caneco de Ouro deixou de ser uma taberna para se tornar um museu.

– Podem dizer o que for, mas ele é demais, né? – suspirou Ariane Narin, voltando a amar o príncipe por um momento.

– Por quê? Por ter destruído uma taberna? – resmungou João.

– Deixa de ser cabeçudo! Ele destruiu três orcos *sozinho*! – respondeu ela.

– Grande coisa! Eu posso destruir três orcos sozinho!

– Com uma espada, pode ser! Agora eu quero ver você fazer isso com as mãos nuas!

Ariane parou com as mãos na cintura, olhando João Hanson de lado. O garoto apertou os dentes. Pensou em ir até o balcão comprar hidromel, mas o atendimento de Onório e suas garçonetes era tão disputado pelos turistas vindos do trem de Andreanne que desistiu.

Ao redor dele as pessoas conversavam alto, batendo suas canecas de cerveja. Algumas baforavam fumaças de cachimbos, deixando um cheiro acre e um tanto enjoativo no ar, que se misturava ao cheiro de álcool. Algumas jogavam carteados, apostando dinheiro. Alguns tocavam instrumentos, enquanto outros dançavam.

Nenhum sinal de apostas de boxing.

João contemplou a silhueta destacada com pintura no chão, simulando o corpo derrotado do último orco.

– Ele *não* estava de mãos nuas – resmungou de súbito.

– É o quê? – perguntou Ariane, tentando se sobrepor ao vozerio bêbado e extasiado ao redor.

– Ele não estava de mãos nuas! Ele usou uma luva com bolas de ferro.

Ariane fechou a expressão, como se tivesse ouvido algo *idiota*.

– Você não dá o braço a torcer *mesmo*, né, cabeçudo? Quer saber, eu vou comprar hidromel pra ver se melhora esse seu humor! Ou se eu fico mais feliz!

– Não, está muito...

E lá se foi Ariane se meter no meio da multidão desorganizada e tentar chamar a atenção do taberneiro. Sabendo que não iria mudar a vontade dela, João voltou a observar os estragos, quando um bardo se aproximou.

– Meu senhor, vejo que parece um grande fã de príncipe Axel Branford! Pelo preço de uma bebida eu posso lhe contar exatamente como aconteceu bem aqui a luta tão...

João Hanson lhe deu as costas e abandonou a taberna.

As duas estavam sentadas em dois troncos de madeira improvisados como banco, uma em frente da outra. Madame Viotti havia colocado incensos de mirra para queimar, deixando um aroma doce no ar. Um círculo de velas as circundava, com Sabino observando-as de fora dele. Ela estava descalça, sentindo a terra úmida. O cordão com o pentáculo se prendia em uma das mãos da maga branca, erguido na altura dos olhos de Maria Hanson.

– O pentáculo representa a união dos Quatro Elementos à Quinta Força – explicou a sacerdotisa. – A Quintessência. O elemento Vital. O éter.

Maria sentia frio. Era uma floresta, era noite, era tenso. Havia o frio externo provocado pela temperatura, havia o frio interno provocado pelas lembranças, havia o frio na espinha provocado pelo desconhecido.

– Esse pentáculo nesse momento é a sua ponte entre dois mundos. A sua ponte entre uma realidade que está acontecendo e outra que já ocorreu e não pode mais lhe ferir.

O círculo com o pentagrama girava e levava a mente de Maria a rodopios. A voz de Viotti não era fraca, nem intensa. Seu discurso não era lento, nem rápido. O cheiro daquele incenso era bom, mas se misturava ao cheiro da floresta e também ao cheiro de...

– Como dona das suas memórias, você vai decidir qual o gatilho que a levará para o ponto específico que deseja buscar na sua mente. Talvez isso te leve inicialmente a um som. Talvez isso te leve...

Ao cheiro de...

– Fumaça – disse Maria. – Eu sinto cheiro de fumaça.

Os olhos dela mantinham o foco disperso. Ainda assim, ela conseguiu entender quando Viotti comandou:

– O cheiro da queima é o seu limite. Ele é a ponte de onde você saberá retornar. Agora, pegue a minha mão.

A sacerdotisa esticou a mão que não segurava o pentáculo, e Maria a agarrou sem pensar.

– Feche os olhos... – a voz dela ganhou um tom de firmeza maior.

Maria Hanson obedeceu, enquanto o som de madeira queimando a conduziu. Um crepitar intenso, que se tornava a cada instante mais alto. Apesar dos olhos fechados, Maria parecia continuar enxergando os círculos do pentáculo girando dentro de sua cabeça.

– E *reviva*. – Não era um pedido. Foi uma ordem dada com vigor pela maga branca, ao mesmo tempo que retirava sua mão de maneira brusca da outra. Como resultado, a mão de Maria Hanson tombou como a de uma pessoa sem controle de si mesma.

O corpo dela, porém, permaneceu sentado.

E a mente viajou.

– Dez, você está sentindo o relaxamento – disse Viotti. – Agora, vamos à contagem...

Cabelo de ovelha.

– Nove...

A madeira queimando, refletindo nos olhos dela como se a íris fosse o reflexo do horror.

– Oito...

Maria e João Hanson correndo pela mata, famintos, arfando manchados de sujeira e sangue, mancando à procura de um herói que lhes matasse seu lobo.

– Sete...

O som de um corpo velho batendo na água em ebulição. A pele fritando como um prato afrodisíaco apropriado para uma canibal.

– Seis...

Um corvo em agonia, tendo a cabeça decepada por uma menina que deveria ter o direito de brincar com bonecas de pano, nunca facas afiadas.

– Cinco...

O reflexo na lâmina da faca diante da ordem de matar o próprio irmão, como se apenas a ordem de matar já não fosse uma punição suficiente.

– Quatro...

O dedo cadavérico de João Hanson, preso embaixo de uma escada, lembrando a Maria Hanson por que ela não podia *se* matar.

– Três...

Náuseas, dores no estômago, vômitos de sangue. Era o preço quando se comia madeira como chocolate, lama como geleia, água barrenta como suco ou estilhaços de vidro como passas silvestres.

– Dois...

Uma casa formada de barro armado, base de pedras e teto forrado com palha. Quem diria que seria essa a imagem da besta.

– Um.

Não se preocupem, queridos! Tenho a certeza da morte de uma estrela que encontrarei um jeito de vosmecês me pagarem...

Aquele dia seria um dia estranho.

– Onde você está, Maria Hanson? – perguntou Madame Viotti.

– Eu estou na Casa de Doces – respondeu uma voz que não parecia dela.

– Quantos anos você tem?

– Eu tenho nove.

– Quem está com você?

– Meu irmão. João. Ele tem sete.

– O que você está fazendo?

– Eu estou varrendo... varrendo o vômito... passando pano no sangue... enquanto eu choro... mas ainda assim, eu não paro... porque não posso...

– Quem é a pessoa que não deixa você parar?

– É uma senhora. Ela tem muita idade, um porte físico magro, mas eu tenho medo. Ela fala arranhado, e fala sozinha, e chupa os próprios ossos. E de vez em quando ela me pune, mesmo quando eu faço o que ela pede.

– *Como* ela pune você, Maria?

– Com agulhas! Agulhas longas aquecidas em fogueira, com que ela me espeta até sangrar. E lamber meu sangue. E me espetar de novo...

– *Onde* ela espeta você, Maria? – a voz de Viotti quase perdeu o tom de comando, ao se esbarrar na preocupação.

– No meu ventre. Sempre no meu ventre. E todo dia ela recolhe um pouco de sangue na mesma taça.

Madame Viotti inspirou fundo e colocou uma das mãos na boca, tentando não perder o foco. Quando achou que a voz não transmitiria fraqueza, questionou:

– Você se lembra do nome dela? – perguntou a sacerdotisa, com uma das mãos no rosto, ainda impactada.

– Babau – respondeu Maria de bate-pronto, como um rugido. – Era esse o nome que um dia a chamaram.

Sabino quase intercedeu de fora do círculo. Madame Viotti imediatamente fez um sinal para que ele continuasse como estava: de fora.

De fora do círculo.

De fora daquilo.

– *Quem* a chamou assim, Maria?

– Eu não sei o nome dele. Eu mal me lembrava dele...

– Reviva o momento do nome, você comanda as suas memórias. Você pode parar... retornar... avançar... o que você desejar.

– Foi um pouco antes... antes de ela me ordenar... antes dizer... *Finalmente! Esquenta! Ferve a água do caldeirão, cabelo de ovelha!*

A voz de Maria era rouca, sibilante como uma cobra. E aquilo doía de ver.

– Ela abriu a porta, o que era diferente, porque ela nunca recebia ninguém. Eu estava do lado de dentro, mas ouvi ela falar. Mas era comum ela falar sozinha, sabe? Como as pessoas idosas que perdem a lucidez ou as pessoas bêbadas...

– Como você sabia que *dessa vez* ela não falava sozinha?

– Eu vi a sombra. Eu achei que vi, mas a realidade parecia um pesadelo, então como eu podia saber que era real, e não um pesadelo?

Sabino tremia testemunhando tudo aquilo, e perdido em seu papel de mera testemunha.

– *Como* era a sombra?

– Como a sombra que teria um duende humano. As mãos eram grandes e disformes, as orelhas eram pontiagudas, e ele era alto. E respirava como um bicho, mas era homem, ou um meio-termo entre os dois. Isso não parece um pesadelo?

Madame Viotti engoliu em seco, olhando de maneira esbugalhada para um Sabino boquiaberto.

– Não julgue, não se julgue – continuou Viotti, mantendo a linha para que a atenção não se dissipasse. – Apenas continue lá. E me fale mais sobre ele.

– A sombra da cabeça dele era como a da cabeça de gnomos, um tanto desproporcional. Ele cheirava a morte. E os dedos eram esticados e tortos, como se fossem garras, embora fossem dedos.

– Você ouviu o que ele falou?

– Eu acho que não.

– Você não precisa achar. Basta ouvir, basta reviver.

Uma pausa, enquanto eles aguardavam Maria mergulhar em sua própria mente.

– Ele disse que *as duas* estavam vindo. E recebeu a taça com meu sangue como recompensa. E o bebeu como um homem bêbado. Então ela o agradeceu. E me disse: *Finalmente! Esquenta! Ferve a água do caldeirão, cabelo de ovelha!*

– Não avance, não ainda – pedia Viotti, lambuzada por apreensão. – Volte, volte um pouco, apenas um pouco. Volte um pouco e perceba *como* ela se despediu. Perceba *o que* ela disse quando se despediu.

– Ela disse... nossa, eu nem me lembrava de que me lembrava...

Silêncio. Sabino podia ouvir o próprio coração.

– Ela o chamava de *feroz*. Mas falando no plural, como se as outras bruxas também o chamassem assim, sabe? “E então... como anda a sede do *nosso feroz*?”. E ela não tinha medo dele, e não se incomodava com o cheiro de morte dele, pois ela também cheirava assim.

– Ele disse antes que *as duas* estavam indo – conduziu a maga branca. – O que mais você ouviu sobre isso?

– Ele não disse os nomes, mas *ele sabia* os nomes. Ele disse que havia cumprido *o trabalho*, que elas estavam por perto e que em breve estariam ali. Ela o convidou pra entrar, e eu desejei que ele não entrasse. E ele não entrou, não porque eu desejei, mas porque ele tinha algo a fazer. Tinha alguém a matar.

– O que Babau disse?

– Ela riu, como riem as bruxas, e se despediu dizendo: *Então vá cumprir o seu próximo trabalho, enquanto eu vou me preparar para cumprir o meu. Adeus, conde...*

Madame Viotti quase tossiu de susto, colocando um punho fechado na boca e respirando fundo.

– *Conde...* – repetiu a senhora. – Você está muito perto, não tire isso de você mesma, querida. Reviva, Maria... você *precisa* reviver... você precisa reviver toda a frase final...

– Conde... conde Loki... conde Lok... conde Ork...

– Apenas repita – pediu Madame Viotti, com os batimentos em frenesi. – Apenas repita a frase final!

– *Então vá, vá cumprir o seu próximo trabalho, enquanto eu vou me preparar para cumprir o meu* – repetiu Maria, com a voz de Babau. – Vá, conde Orlok.

– Conde Orlok – Viotti sussurrou, sem reconhecer o nome.

Ao notar lágrimas descendo pelos olhos fechados de Maria Hanson, a sacerdotisa percebeu que ela estava revivendo o terror seguinte envolvendo facas, corvos e caldeirões mais uma vez.

– Avance, avance, Maria – ordenou imediatamente. – Você não precisa mais reviver essas memórias. Não agora, não *mais*. Elas não definem você, nem o seu caminho daqui pra frente. Pegue todo o sentimento ruim que elas alimentam em você e *queime-as*. Queime-as como...

– Como nós queimamos a Casa de Doces – concluiu uma Maria Hanson sombria.

– Sim. Como a madeira que nunca foi doce, sempre foi madeira. Uma madeira em chamas que lhe remete ao cheiro de...

– Fumaça.

A palavra fez a ponte e Maria Hanson de repente abriu os olhos, de volta àquela realidade. A pulsação acelerada como a das pessoas ao redor, a pele arrepiada, o frio mais intenso do que nunca. A expressão atônita dos outros dois presentes, além da hesitação de um dos dois em lhe dizer algo imediatamente, lhe informaram de que alguma coisa séria havia acontecido.

– Deu certo? – perguntou ela, com medo da resposta.

– Mais do que nós jamais teríamos imaginado – respondeu Viotti.

Ao fundo, Sabino von Fígaro mantinha as duas mãos unidas tocando os lábios fechados, e os olhos perdidos em seu próprio raciocínio. Um raciocínio que também o fazia viajar em suas próprias memórias até a época em que comandava soldados e caçava bruxas. Uma época negra em que os homens perderam a razão e se entregaram a forças sombrias. Pessoas que foram executadas em alguns casos, e desapareceram em outros.

Como o conde disforme, que gostava de sangue e de dormir em caixões de madeira. O conde que escapou dos Caçadores de Bruxas.

Conde Graf Orlok, o feroz.

O nosso feroz.

O Nosferatu.

28

O navio aportou em uma terra que parecia impalpável, como seria o éter em um mundo que não aquele. Brumas dominavam o cenário de toda a ilha, selecionando naturalmente o que poderia ser visto de sua natureza. A terra era areia, branca, fria. Homens-palha se mantinham crucificados, como espantalhos de homens em vez de espíritos. Velas coloridas cercavam oferendas a semideuses que não estavam ali, ao menos à vista de outros que não igualmente semideuses. O vento era frio, como a areia, e o cheiro da bruma era de orvalho. Além disso, o vento *assobiava*. Não era um assobio que vinha de longe, ecoando e reverberando pela brisa enquanto perdia intensidade. Era um sibilo que sempre parecia por perto, reverberando ao tocar nas pessoas, saltando de um corpo a outro como um jogo que todos eram obrigados a jogar. Quando o som do assobio descansava, se ouvia o som do mar, lamentando por, dentre um oceano tão imenso, aquelas ondas estarem confinadas justamente ali.

Porque aquela era a terra taxada como impura. A terra dos sacrilégios.

Ali era Glubbdbudrib, a terra dos magos e feiticeiros.

Nada que Snail Galford temesse, porém. Afinal, nada melhor exatamente do que um local como aquele para caminhar um homem tido como sobrenatural.

– A questão toda... – disse o Feiticeiro-Rei – ... é saber se vós podereis pagar o preço cobrado.

Para chegar até aquele salão, Snail e Liriel caminharam por corredores fantasmagóricos, repletos de vazio. Cortinas que lembravam véus, vitrais com dragões, mesas e cadeiras aguardando refeições para convidados que não estavam

ali. Era como andar sobre o próprio tempo. Passos para a frente, indicando caminhos para trás. Passos para trás, indicando círculos. Círculos de sangue, círculos de chuva. Círculos que precisavam ser fechados. Ou abertos. E então novamente fechados.

Nas mãos de Snail descansava um embrulho em meio a mantas. Havia marcas de sangue ao redor do tecido usado, mas nada que assustasse alguém chamado de Feiticeiro-Rei. O embrulho foi arremessado no solo e rolou como uma bola de um jogo de crianças, se crianças jogassem jogos envolvendo cabeças de bruxas.

– Quem é ela?

– Uma bruxa de Eeia, uma das ilhas próximas de Albion. Bela voz, palácio repleto de animais, banquete para os recém-chegados. Legal, né? O problema é que os primeiros que comeram começaram a se arrastar pelo chão, achando que eram bichos. Alguns uivavam como lobos, outros rugiam como leões. A maioria, porém, grunhia como porcos. E ela parecia *gostar* disso, algum fetiche, sei lá. As pessoas hoje em dia são loucas, não?

O Feiticeiro-Rei não respondeu. Snail não se importou.

– *Ei! Procura teu chiqueiro e vá espojar-se com teus amigos*, ela então disse pra mim quando eu me aproximei dela, achando que eu tinha experimentado da comida. Só que eu *nunca* sou o primeiro a experimentar a comida, é uma dessas coisas básicas que a gente aprende quando entra na pirataria. Então em vez de passar a vida grunhindo de quatro e me arrastando na lama, o que convenhamos seria uma visão um tanto ridícula para alguém do meu tamanho, eu preferi simplesmente perfurar uma faca no coração dela. Uma pena, certo?

– Ter de matá-la?

– Desperdiçar aquele banquete. Quando a gente vive mais tempo no mar, a gente valoriza as boas refeições muito mais do que quem vive mais tempo na terra.

– E o que lhe trouxe a Glubbdubdrib?

– O amor – respondeu Snail.

Se o Feiticeiro-Rei tivesse senso de humor, juro que teria rido. Liriel, porém, riu. E fez um sinal em pedido de desculpas logo em seguida para o Feiticeiro-Rei.

– Falo sério – insistiu o pirata. – Eu já havia escutado histórias sobre esse lugar. Todo pirata já escutou! E já que nós estávamos ali, diante do corpo de uma bruxa predadora, eu lembrei que vocês também têm uma espécie de fetiche com cabeças de bruxas, mas que devolvem em troca um serviço digno da dificuldade.

O feiticeiro balançou a cabeça, atestando o caso. Por debaixo do rosto sulcado de cabelos e barbas esbranquiçados que parecia reportar o início da vida, usava vestes longas e claras, passando uma ideia um tanto fantasmagórica que combinava com o local. Na verdade, era difícil dizer se ele estava realmente ali, ou se apenas era possível ver que ele estava ali, se é que você me entende. Por fim, havia um

bastão com um círculo na ponta e um chapéu grande na cabeça, que começava circular, subia quadrangular e terminava pontiagudo.

Ele apanhou o couro cabeludo da bruxa e fez um sinal para que o casal lhe acompanhasse, carregando a cabeça como um jardineiro carregaria um balde. De lá seguiram para outro cômodo, onde nem mesmo Snail, acostumado a ocultar suas emoções, conseguiu esconder a surpresa.

– Pelo Criador – suspirou Liriel, sentindo a pele se arrepiar.

– Quando a gente acha que já viu de tudo – acrescentou Snail.

O salão era dotado de duas tonalidades luminosas bem distintas. Uma central, iluminando fortemente um círculo. Já as outras áreas eram escuras, reféns dos resquícios luminosos que sobravam da luz central.

E, penduradas por todo o salão, elas estavam.

Eram cabeças. Cabeças de centenas e centenas de bruxas erguidas por cordas, transformando aquele salão em um cemitério onde a vida e a morte, o êxtase e o luto, quando se celebravam, o faziam juntos.

– Então é assim? – concluiu Snail. – Você as *mantém* aqui e faz elas irem buscar pra vocês aqueles que são chamados?

Novamente o Feiticeiro-Rei não comentou. Snail entendeu como uma confirmação.

– Apenas peça – disse o feiticeiro. – Tu trouxeste a cabeça de uma bruxa a Glubbudubdrib, e só vem à Terra dos Feiticeiros aquele que deseja conversar com a morte.

Snail travou, como sempre acontecia com todas as pessoas naquele momento. O momento antes de ela se dar conta de que quer *realmente* fazer aquilo.

– A quem devo chamar, pirata?

Liriel segurou a mão dele. E ali ele teve a certeza.

– Chame Oscar Gabbiani.

O coração de Liriel disparou. Ela sentiu a garganta travar, as mãos começarem a tremer, a cabeça doer e o mundo girar, tudo de um mero segundo para o outro.

– O que... que... o que você está fazendo? – conseguiu perguntar em uma voz que arranhava para sair.

– Eu estou lhe dando o que você merece.

– Mas... e o *seu* pai... – quis perguntar ela com a voz embargada.

Snail a forçou a se concentrar nele, segurando a cabeça dela entre a nuca e o queixo.

– Escute... – disse ele, olhando nos olhos dela com um sorriso de quem não falava sério, mas estava se esforçando. – Eu não sou bom nisso, certo? Essa coisa de romantismo, de poesia de bardo, isso não é pra mim. Eu nem sei realmente tratar

uma mulher como você. Porque eu já exigi *muito* de você, Liriel! Eu sei disso! Eu já arrisquei a sua vida mais de uma vez e, ainda assim, olhe onde nós chegamos!

– Você não precisa... nem mesmo *por mim* você precisa abrir mão de um momento assim...

– Ei, ei! Eu preciso, sim. É o mínimo que alguém *da minha laia* deve a alguém da sua – afirmou ele, como se o antigo deboche dela fosse motivo de orgulho para ele hoje.

– Quando sombra foi me matar, você me avisou – disse ela, relembrando o incidente. – E, mesmo eu te repudiando, você foi até lá...

– É verdade, eu fiz isso. Mas eu também já te prendi em uma cadeira e te forcei até a exaustão para controlar suas habilidades. E sabe como você me retribuiu? Você moveu centenas de flechas para longe da minha cabeça e da de pessoas melhores do que eu! Você fez História, Gabbiani! E me irrita que o mundo inteiro não saiba disso!

Os olhos dela brilharam pontos luminosos, enquanto os lábios se apertavam.

– Eu já te fiz acreditar que estava te traindo ao te entregar para Will Scarlet. Eu já te convoquei para recriar sociedades secretas e tomar navios lendários de piratas ainda mais lendários. De novo: e, ainda assim, olhe onde nós chegamos! Além do mais, você se lembra do nosso primeiro encontro? Quando você tentou roubar de mim o colar de 108 contas?

– Quando eu *roubei* de você – corrigiu ela, segurando o misto de emoções.

– Certo. Quando você *trapaceou* e roubou de mim aquela joia com essas suas magias insanas? Eu te chamei de *bruxa* naquele dia! Então aproveite, poderia ser a sua cabeça ali!

Ela sorriu, demonstrando na reação o tipo de casal que eles formavam.

Eu quero que você olhe nos meus olhos e me diga que posso confiar em você.

– Eu te ensinei a lidar melhor frente à violência, você me ensinou a lidar melhor frente à não violência. E por isso, e por tudo isso, eu sei que esse momento não deve ser meu. Porque tenho certeza de que nesse momento meu velho deve estar orgulhoso de mim por tomar essa decisão em prol de uma mulher como você.

Liriel permaneceu em choque, até suspirar.

– Pra quem repudia poetas, até que você se sai bem... – disse.

– Por favor, não conte nenhuma dessas falas para minha tripulação. Eu tenho uma imagem a manter.

Ela riu. A reação que eles amavam.

– Vocês confirmam a decisão? – perguntou o Feiticeiro-Rei.

– Sim – reforçou Snail. – Sem *sombra* de dúvidas, traga o nosso *fantasma*.

A mão dela permaneceu agarrada à dele.

O navio voador pousou de uma maneira bem mais estável do que Axel se lembrava, sem todo o bamboleo que o acompanhava anteriormente. A porta lateral se abriu e a rampa liberou o caminho para que Axel Branford atestasse que ele havia *realmente* retornado para aquele lado do Ocaso, na divisa de Arzallum e do Reino de Cálice, conhecido como as Sete Montanhas.

Atestado de que ele estava na Aldeia da Mina, a morada dos Sete Mestres Anões.

– Pelo visto, a temperatura desse lugar continua a mesma... – comentou para si próprio quando a brisa gelada bateu e a pele tremeu por reflexo.

O capitão do Vishnu se aproximou, trazendo um casaco com capuz forrado em lã. Axel havia aprendido seu nome: capitão Jareth.

– Achamos que o senhor iria precisar – disse ele.

– Vocês se provam de fato uma raça intelectualmente superior – comentou Axel, vestindo o casaco e reforçando com o echarpe élfico de ideogramas dourados.

Eles desceram a rampa e Axel sentiu o chão repleto de pequenos grãos de rocha. O terreno era completamente desnivelado, e a aldeia se espalhava em uma diagonal descendente do ponto superior em que pousaram. Daquela visão era possível testemunhar outras vilas em regiões mais abaixo, espalhadas pela área montanhosa, além de se ouvir o som de água corrente de algum local não visível a princípio. O príncipe inspirou fundo e sentiu o ar puro e esfriado, observando no cenário longínquo a famosa mina de metais preciosos que trazia fama e sustento a todas daquelas aldeias.

De fato, aquele seria um local considerado precioso, *se* não fosse a morada de uma pessoa que ele pretendia matar.

– E agora? – perguntou Axel. – Você vai me acompanhar até o seu contratante?

– Minha instrução é para esperá-lo aqui, alteza real.

A chegada do navio voador havia atraído a curiosidade dos moradores da aldeia. Uma aglomeração começou a se formar ao longo da descida, com pessoas de aparências distintas remetendo a características que iam de comerciantes a mineradores. Em comum apenas o tamanho: todas elas eram da raça anã.

– Onde devo encontrá-lo? – perguntou Axel, observando os curiosos se aproximarem dele.

– Ele disse apenas que caminhe pela vila e então ele o encontrará.

Axel suspirou, colocou o capuz forrado de lã na cabeça, e caminhou na direção dos curiosos.

30

Após um tempo, apenas o silêncio. Snail Galford e Liriel Gabbiani permaneceram de pé no centro luminoso por longos minutos sem qualquer tipo de resposta ou comunicação, fosse por parte dos vivos ou mesmo dos mortos.

– O que está havendo? – sussurrou Liriel.

– Os mortos devem estar dormindo – sussurrou Snail de volta.

Como se irritado pelo comentário, o Feiticeiro-Rei abriu os olhos.

– A busca foi feita e não há o que ser entregue – definiu.

– Como assim? – esbravejou Snail. – Nós trouxemos a porcaria de uma cabeça de bruxa pra esse lugar pra você nos dizer *isso*? Que droga de feitiçaria vocês têm por aqui?

– Na Terra dos Feiticeiros só é possível falar com os mortos – justificou o Feiticeiro-Rei. – E a pessoa solicitada ainda caminha entre os vivos.

Snail perdeu a voz e congelou a expressão em choque.

Liriel sentiu o mundo apagar e desmaiou.

31

Conforme Axel caminhava pela aldeia, uma reação curiosa se manifestava em relação aos moradores. Em vez de se aglomerarem em um único mutirão desorganizado, os aldeões iam formando um corredor organizado, abrindo passagem para a mesma figura real que a maioria ali já havia ouvido falar, mas jamais imaginaram testemunhar a presença. Ainda assim, mais do que o deslumbre trazido pela surpresa, o que de fato tornava aquela experiência tão singular para Axel Branford era a *maneira* como as pessoas o tocavam conforme ele passava entre elas. Axel já havia experimentado diversas reações públicas em relação a sua

pessoa, a maior delas durante sua participação no Punho De Ferro. Em Arzallum, porém, as pessoas reagiam a ele com euforia e descontrole, como um tratamento de celebridade. Já na Aldeia da Mina, elas reagiam com respeito e cautela, como um tratamento de santidade.

Ele passava por elas e nada era dito. Nenhum pedido de ajuda, nenhum grito de protesto, nenhum elogio. Além disso, aqueles seres humanos de metade do seu tamanho encostavam nele não com os dedos na horizontal, como faria uma pessoa esperando um cumprimento, mas com os dedos para cima, como uma pessoa que quer sentir uma temperatura.

Um toque leve e suave, e que, assim como o ar daquela região montanhosa, parecia puro.

– Isso é estranho pra você? – perguntou uma voz ao lado dele.

O olhar de Axel seguiu a voz até encontrar caminhando ao lado dele um anão diferente dos outros. Vestindo um manto cujo tecido dos braços lhe descia até o meio dos dedos, joias com símbolos ancestrais esculpidos em rocha e anéis com brilhantes em um vermelho que lembrava rubi. O porte físico era mais robusto do que o dos homens anões presentes, mesmo os mineradores, e o rosto sulcado transparecia uma idade que poderia ser transcrita como imortalidade. Cabelos brancos combinavam com uma barba da mesma cor, em meio a olhos acinzentados indecisos entre a transmissão de bondade ou autoridade.

– Estar aqui de volta? – quis confirmar Axel. – Ou ser convocado por você para estar aqui de volta?

– Acredito que a resposta de ambas as perguntas é a mesma.

Mestre Anão Orgulho. Era esse o nome daquele considerado o Mestre dos Mestres Anões.

O líder da Aldeia da Mina. O sábio mais respeitado do Ocaso.

Um dos magos mais poderosos do mundo.

– Eles me tratam como uma divindade – comentou Axel, ainda estranhando aquele tipo diferente de toque por parte das pessoas.

– Não se preocupe, eles sabem que você ainda está longe disso.

Axel olhou de lado para Orgulho, sem saber se estava sendo elogiado ou ofendido.

– Então é assim que Maria se sentia com Sabino... – comentou para si próprio. E a lembrança dela doeu, como se estar ali fosse perder o tempo de estar em um outro lugar em que ela estivesse.

Príncipe e Mestre caminharam lado a lado ainda pelo corredor formado em uma aldeia que refletia sete montanhas. Uma situação, porém, se destacou de repente na multidão. Uma menina lhe esticou uma pulseira repleta de pedras cor de pêssego, indicando um presente. Axel parou diante dela e se abaixou.

– É pra mim? – perguntou, apontando para o próprio peito.

A menina tinha os cabelos escuros em franja, usava um vestido reforçado com um manto por cima das costas, e devia medir uma altura próxima de um metro. Axel esticou o pulso para ela. Em todo o seu momento até ali, aquele era o único em que certa escuridão e desconfiança ao redor de sua presença ali desapareceu por completo.

A menina prendeu a pulseira de pedras ao redor do pulso dele e, novamente, sorriu.

– Que pedra é essa? – perguntou ele a ela.

– É ágata-viva – respondeu Mestre Orgulho, como se a pergunta fosse para ele.
– É a pedra do bem. Ela é usada nas couraças de armaduras anãs como um amuleto de coragem e força para a vitória dos guerreiros. Além disso, tem propriedades curativas que refletem a energia do portador.

Como se pudesse reagir à explicação do Mestre Anão, a pedra cor de pêssego aos poucos assumiu uma coloração violácea. Sem aviso, Axel retirou o echarpe élfico ao redor do próprio pescoço, prendeu no pescoço dela e também sorriu na linguagem que não precisava de som.

Ele e Mestre Orgulho voltaram a caminhar.

– O que significa essa mudança de cor? – perguntou Axel ao Mestre Anão, ainda admirando a pulseira multicolor.

– O violeta busca transmutar seus sentimentos impuros em algo mais semidivino.

– Sentimentos de que tipo?

– Talvez arrependimentos, talvez rancor, talvez *ira* – destacou Orgulho, com uma pausa. – Tudo depende de que tipos de sentimentos você está alimentando no momento.

Axel não comentou.

Eles caminharam mais um pouco em silêncio, até que pararam em frente a uma casa de estrutura rochosa e quadrangular, sem qualquer diferencial das outras ao redor. Mestre Orgulho abriu a porta, Axel precisou se inclinar apenas um pouco e entrou.

O interior era decorado com flâmulas e totens de animais. Carpetes de cores pálidas e almofadas se espalhavam pelo chão. Nenhuma cama, sofá, mesas ou cadeiras se apresentavam à primeira vista.

– De quem é essa casa? – perguntou o príncipe.

– Minha – respondeu o Mestre Anão, com certo orgulho. – Espero que seja do seu agrado.

Axel voltou a se lembrar das histórias que Maria lhe contava sobre a relação dela com Sabino von Fígaro.

– O que estou fazendo aqui, Mestre Orgulho?

– Nesse momento, convidado para um café.

O anão foi até um dos cantos, onde havia alguns utensílios metodicamente organizados em uma prateleira de sua altura. Apanhou um bule e despejou café em duas canecas. Então entregou uma delas a Axel, que permaneceu observando o conteúdo como se fosse veneno.

– Vocês bebem café frio? – perguntou ele, tentando não soar ofensivo.

– Sim, me desculpe. Esqueci que humanos preferem aquecido.

O Mestre Anão estendeu a mão, solicitando a caneca de volta. Novamente Axel estranhou a posição dos dedos, que, em vez de virados de lado como alguém que quer agarrar alguma coisa, estavam com a palma para cima, como um homem pedindo esmola.

Axel colocou a caneca em cima da palma do anão, como se fosse um descanso.

Mestre Orgulho apertou os olhos, quase como se os fechasse, mas não por completo. Passaram-se alguns segundos. Até que fumaça começou a sair da caneca e ele fez um movimento pendular para que Axel a tomasse de volta. Aturdido, o príncipe sorveu a bebida.

Foi o melhor café quente de sua vida.

– Espantoso – admitiu.

– Se existe algo que anões sabem fazer melhor do que qualquer outra raça é escavar pedras preciosas e moer grãos de café – disse o anão com certo ânimo.

– E matar trolls cinzentos – acrescentou Axel, *soando* ofensivo.

– Isso *também* – admitiu Orgulho, diluindo a simpatia. – Quando existem motivos.

– Motivos de *ira*?

– Se justificarem o motivo.

Axel permaneceu observando o Mestre Anão, como se decidindo continuar a conversa ou arremessar o café em sua face.

– Sabe, acho que começo a entender por que anões gostam de saborear seu café frio – disse o príncipe.

– Dizem também que esse é o sabor da vingança.

Axel arremessou a caneca em um canto da casa, deixando o café se esparramar pelo tapete.

– Por que bruxas, afinal, você me convocou até aqui, Orgulho?

O Mestre Anão observou a caneca caída e não pareceu se ofender.

– Porque está na hora de nós debatermos alguns motivos.

Liriel abriu os olhos e percebeu que não estava em nenhum salão separando a vida e a morte, ou ao menos os vivos e os mortos. Sua cabeça descansava no colo de Snail Galford e o mundo balançava. Inicialmente ela achou que fosse pelo enjoo. Na verdade, ela estava na cabine do capitão do Jolly Rogers.

– Água – implorou em uma voz fraca.

Snail arrancou com os dedos a rolha de uma garrafa gorda e molhou os lábios dela. Depois de deixá-la beber alguns goles, derramou um pouco de água na testa ensopada dela.

– Tive um sonho estranho – disse ela. – Envolvendo lembranças desconexas e situações impossíveis, como todos os sonhos.

Snail colocou a água de lado e se concentrou nela, como se a atenção fixa fosse necessária para a credibilidade do que ele iria dizer.

– Não foi um sonho – disse em partes, aguardando a absorção dela.

Liriel fechou os olhos novamente, sem saber qual resposta seria alívio.

– *Tem de ter* sido – reafirmou ela. – Ou nada mais faz sentido.

Ela sentiu a mão de Snail Galford lhe pousar na testa. Então descer pelos cabelos em um raro momento de carícia por parte daquele pirata.

– Eu realmente não sei nisso tudo o que é verdade e o que é delírio – afirmou Snail. – Mas o que posso prometer nesse momento é: se alguma única parte de todo esse delírio contiver *um mínimo* de verdade, nós vamos singrar quantos oceanos forem precisos até termos a total certeza.

— O que você precisa ter em mente, príncipe, é que Ira fez o que achou necessário para que *você* evoluísse.

– Vocês, anões, têm métodos um tanto questionáveis para conseguir o que querem.

– Eu sei que você não vai entendê-lo, nem mesmo perdoá-lo, e ele nem mesmo está em busca de nenhum desses dois sentimentos de sua parte.

– O que ele busca de mim? Raiva e destruição? Se for, ele conseguiu.

– Ele busca que você se torne melhor do que ele.

– Como pessoa? Não será difícil...

– Como guerreiro. E, *para você*, isso será.

– ...

– ...

– Por que estou tendo esta conversa com *você*, não com ele?

– Porque talvez você o atacasse aqui, e assinasse seu óbito. E porque, por mais que você ache que o ato de Ira se tratou de um ato covarde, Mestres Anões tratam seus desafios de maneira séria, honrando as condições de combate estabelecidas.

– Está me dizendo que Muralha e Mestre Ira estabeleceram *condições* antes de sua luta?

– Sim. Inclusive ao troll cinzento foram revelados os objetivos de Ira com aquela luta. E Moonwarkston concordou que ele talvez estivesse certo sobre você.

– Pare de falar como se o conhecesse! *Nenhum* de vocês merecesse resgatar sua memória! Não justifique atos insanos culpando a vítima.

– É isso que estou tentando fazê-lo entender, Axel Terra! – disse Orgulho, assim como as fadas se referindo ao príncipe pelo sobrenome de Terra em vez de Branford. – Nenhum de nós se sente culpado, portanto, nenhum de nós reconhece vítimas. Apenas as vontades do Criador.

– Então me explique uma coisa, anão: se eu quisesse esmagar a sua cabeça *agora*, isso seria a vontade do Criador?

– Não, seria a sua.

– Por que não a do Criador?

– Porque você não conseguiria.

– ...

– Mas *se* um dia você conseguisse, isso seria semidivino. Pois se aproximaria de um milagre.

– E vocês querem que eu atinja esse estágio...

– Sim. Porque nós sabemos o que está por vir.

– Sabe... se tenho um papel tão importante nisso tudo, seria justo compartilharem mais sobre isso.

– Nesse momento, é melhor você saber pouco. Basta apenas dizer que outra guerra se aproxima, Axel Terra. Maior do que as batalhas entre Reinos, maior do que tudo o que já foi visto em campos de batalha da história de Nova Ether.

– Eu guerreei contra gigantes, Orgulho, e acho que não existe nada *maior* do que isso.

– Então você pode imaginar o *tamanho* da ameaça que está por vir.
– O que seria maior do que gigantes?
– Entidades cuja existência você ainda desconhece. Criaturas tão acima do que seríamos capazes de enfrentar que será preciso despertar Devas. Será preciso mais do que o Elfo-Rei.

– Você está mesmo querendo dizer que...
– Será preciso a ascensão do *verdadeiro* Pendragon. Não apenas mais aquele capaz de viajar nos planos de éter, mas o de acordar os protetores dos portões de Mantaquim adormecidos em Luggnagg, e liderá-los em uma batalha de proporções inimagináveis para os seres comuns.

– Não faz sentido! O que atrairia o interesse de seres tão onipotentes?
– O mesmo motivo que fez o mundo batalhar entre si uma vez. Nesse momento, príncipe, todos os Reinos estão em busca do avatar de Merlim de Christo. Mas alguém está próximo de encontrá-lo, podemos *sentir*. E, quando isso acontecer, uma guerra santa vai ter início, e não vai ficar limitada a homens, ou anões, ou gnomos, ou elfos, ou gigantes. Ela vai estar ligada a tudo que pulsa na imaginação de milhões de semideuses, você consegue imaginar o que isso significaria?

– Nem de longe.
– É isso que nos preocupa. *Nem de longe* você está pronto.
– Pronto *pra quê*, DROGA!? Como eu detesto todos esses seus enigmas irritantes!

– Independentemente da maneira como cada um estuda e se expressa em relação aos estudos ocultistas em Nova Ether, um conceito é consenso dentre os iniciados: *as três feridas*. Elas equivalem a provas que determinadas pessoas necessitam passar para chegar à própria evolução espiritual, e, conseqüentemente, à evolução desse plano na era atual.

– Não... você não vai me dizer que...
– Quanto maior a dor, mais rápido.
– Você não vai me dizer que foi *por isso* que vocês *mataram* Muralha...
– Entenda enfim, Axel Terra, que nós não matamos Moonwarkston.
– Não por isso... não por crenças e tolices esotéricas...
– Nós *aceitamos* o desafio que ele propôs!
– NÃO! NÃO! E NÃO! Você é um VELHO TOLO, MENTIROSO e ASQUEROSO, assim como TODOS os seus iguais que se proclamam *mestres*!
– Moonwarkston acreditava que você iria precisar passar por mais uma *ferida*...

– CALE A BOCA! CALE A BOCA, VELHO IMUNDO!
– Assim como Ira, Moonwarkston também acreditava que *você* é o verdadeiro Pendragon!

– CALE... A... BOCA... por favor... apenas cale-se...

– ...

– Apenas... cale-se.

– ...

– ...

– ...

– ... sabe o que eu gostaria de saber *realmente* nesse momento, anão estúpido?

E se eu *perder*? E se, ao me sentir preparado, eu vier até aqui, e batalhar com tudo o que tenho, e, ainda assim, isso não for suficiente? O que vocês, *sábios*, fariam?

– Se você não for capaz de vencer essa provação, você nos seria inútil contra o que está por vir. Então não teremos perdido nada, e passaremos a torcer que alguém melhor do que você tenha ascendido a tempo, ou batalharemos por fim na esperança de que sete Mestres Anões sejam suficientes contra mais uma ameaça.

– Em uma coisa vocês foram bem-sucedidos, admito! Eu estou com vontade de matar, não apenas um, mas *cada um* de vocês sete!

– Pense então por etapas e sobreviva primeiro *a um*. Então tente a sorte, se ainda lhe restar forças.

– É curioso, anão, como de longe as pessoas lhes julgam tão virtuosos e magistras, mas de perto vocês exibem demérito e dissabor.

– Sim. É o que também dizem sobre os príncipes, quando fora dos contos de fada.

– Me dê de uma vez suas condições.

– Ao desafiado, no caso Ira, se dará o direito de escolher o local do desafio e a hora do início do combate. No caso do desafiante, o seu, cabe-se o direito de escolher o dia e as consequências. Armas ficam à escolha de cada um, desde que não envolva pólvora negra. Mestre Ira aceitará seu desafio, e vai utilizar um martelo de guerra. O local proposto é a Colina dos Ventos de Fogo ao nascer do sol, onde ele e Moonwarkston concluíram o desafio sobre as mesmas condições.

– Diga a ele que *aceito* suas condições, Mestre de nada. O duelo será de vida ou morte no local e no horário proposto, e enviarei um emissário para lhes informar quando estiver pronto.

– Não será preciso o envio. Bastará que, no dia anterior, você pense nisso antes de sonhar.

– E vocês saberão daqui?

– Sim. Por meio do mesmo artifício que soubemos o momento exato em que você deixaria o Nunca.

– ...

– ...

– Sono... claro... o seu anão Preguiça...

- Sim. O Mestre Anão capaz de andar entre a vida e a morte.
- Mas saiba de uma coisa: vou batalhar contra ele de maneira honrada, mas vou trazer Arzallum aqui! Eu vou trazer meu exército, e, depois que acabar com ele, eu vou levar cada um de vocês a julgamento sobre as nossas leis! As leis de uma nação *civilizada*! Uma nação capaz de julgar o destino do mundo com razão, não crendices!
- Não, você não fará isso, Axel Terra. Porque você é príncipe, não Rei.
- O Rei de Arzallum é meu irmão, e irá me ouvir.
- Não, ele não ouvirá. Porque, antes de seu irmão, Anísio é Rei. E sabe pensar como um.
- O que você quer dizer com isso, ancião?
- Eu quero dizer, príncipe Axel Terra, que, pelo visto, você e o Rei Anísio Terra ainda têm coisas a conversar.

34

O nascer do sol naquele dia serviu apenas para iluminar os passos que já se faziam de João Hanson. Havia se levantado quando o mundo ainda estava escuro e partido uniformizado, prestes a cumprir uma obrigação delimitada por seu antigo mentor, e atual capitão, Rinaldo Grimaldi. Cavalgava sua égua de pelugem alazão, refletindo um vermelho-claro tendendo ao alaranjado, a que batizou Calista, nome que os especialistas de coisa alguma diziam significar “a mais bela”. O destino era um local que ele conhecia bem, por outros motivos que não o daquele dia. A chácara dos aprendizes.

A fazenda dos escudeiros.

Se João Hanson havia acordado cedo para se dirigir ao local, os adolescentes que seriam testados mal dormiram. No caso de João, ele havia pulado o ritual de seleção, mas por um motivo justo: foi indicado por um magistrado, Lorde Wilfred de Ivanhoé, que serviu como juiz ao vê-lo matar o conde Edmond Dantes em Tribunal de Arthur. Na cintura levava Dharuma, a espada que Axel Branford lhe cedeu no início daquela luta, e lhe presenteou ao final. João se sentia mal por manter e ostentar um presente justamente *daquele* Branford, mas aquela espada havia sido do falecido Rei Primo Branford, e não se devolve um presente desses. Na verdade, um cavaleiro o protege com a vida.

Seus outros companheiros escudeiros, porém, enfrentaram o processo, como os gêmeos Andreos e Albarus Darin, Max, Born, Jaú e o caçula Ian. Escudeiros hoje cavaleiros, como ele.

Escudeiros que ele liderou na proteção da Rainha Branca Coração-de-Neve durante a segunda invasão de Arzallum.

O processo na fazenda consistia no seguinte: os candidatos a escudeiros precisavam passar por tarefas duras envolvendo esforços físicos e psicológicos, em um teste de avaliação que durava uma semana. Esses testes eram comandados por um cavaleiro maior, escolhido pelo capitão ou capitã da Guarda Real, auxiliado por outros cavaleiros recém-formados. Ao final da primeira etapa, o cavaleiro-mor se reunia com os cavaleiros auxiliares e eles discutiam os nomes dos mais promissores, que seriam indicados a cavaleiros mais experientes em busca de novos escudeiros. O que era cruel era que o fato de o aspirante a escudeiro passar por todos os testes não significava que ele iria conseguir um mentor ao final. Mas o fato de ele *não* passar naqueles testes já significava que ele não tinha chance alguma ao menos naquele ano.

Os que passavam nos testes continuavam um treinamento que durava de um a três anos, além das atividades obrigatórias de escudeiros que conseguiam um senhor. Um treinamento que João passou com seus irmãos de batalha. Treinamento com cavalos, com espadas e escudos, estratégias militares, formações, sinais, emboscadas, batalhas em conjunto, batalhas individuais. Uma coisa era certa: não importava as atividades daquele dia, ao final dele, os garotos estariam com os ossos doendo e os músculos moídos.

Outro detalhe pode lhe surpreender: o treinamento era destinado apenas aos homens.

Mas e Bradamante? Você deve perguntar, com toda razão. Bem, essa foi um caso especial, e que, assim como Andreanne, a pirata, não a cidade, espero um dia ter a oportunidade de lhe contar melhor sobre toda a trajetória. O que preciso lhe informar nesse momento apenas é que Bradamante fez um caminho diferente, pulou etapas como João Hanson, e até hoje ainda estava fazendo os homens entenderem como aquela mulher havia pisado e rasgado todas as regras que eles achavam que compreendiam sobre a guerra. O que ela fez na verdade basicamente foi um treinamento clandestino, até que, no dia em que se sentiu preparada, desafiou um capitão da Guarda Real e acabou com ele.

Na frente da tropa toda.

Esse tipo de atitude atrevida era bem típico de Bradamente, a Matadora de Gigantes. Você deve se lembrar de como, antes de se tornar major, ela basicamente tomou o comando do exército das mãos do falecido coronel Athos Baxter, que o Criador o tenha, em pleno campo de batalha. E de como, vestindo a armadura

branca de Axel Branford, na época o Campeão de Arzallum, ela matou Polifemo, o campeão gigante, na frente de ambos os exércitos humano e gigante. Acredite em mim quando eu lhe disser que aquela mulher não é humana, ela é simplesmente... alguma outra coisa.

O feito de Bradamante gerou um legado. A partir de sua provação no campo de batalha, a cavalaria teve de se render ao fato de que uma mulher havia merecido seu lugar no campo de batalha, e outras também poderiam. Assim sendo, um ano depois do final da primeira guerra mundial, mulheres foram aceitas no treinamento de escudeiro.

O primeiro ano contou com algumas candidatas entusiasmadas, mas que se provaram mais entusiastas da figura quase célebre de Bradamante do que por uma real vocação para a vida da cavalaria. Ainda assim, havia as que queriam continuar a História iniciada, mas o que elas encontraram foi além do imaginado. Talvez por sentirem seu domínio ameaçado, teorizo aqui sem qualquer certeza, naquele ano os escudeiros pareciam estimulados a serem ainda mais brutos e mais violentos. Era como se os cavaleiros responsáveis *quisessem* que as jovens candidatas fracassassem. Ainda assim, as meninas insistiram. Algumas avançaram bem nas provas físicas envolvendo corrida, escalada, cavalgada e testes de resistência. Então vieram as lutas corporais. Ao enfrentar garotos bem maiores e mais fortes, as resistentes passaram a se machucar tanto, mas tanto, que suas costelas foram partidas, e seus rostos acumularam hematomas. Algumas delas desistiram, mas as poucas que seguiram ainda foram consideradas uma afronta. O resultado foi mais sangue, mais gritos, e mais hematomas. Até que a última desistisse por não conseguir mais falar.

Não ter havido nenhuma morte após toda aquela sequência de surra é de fato uma prova de que existem semideuses, milhares deles, orando e dando vida a seus preferidos de vez em quando. A experiência havia sido tão brutal que nos três anos seguintes nenhuma menina se candidatou novamente para os testes de escudeiros e a vida da cavalaria, resumindo-se a fazer parte da vida militar através de outros tipos de treinamentos de guerra, como medicina e enfermagem militar, forja de armas e até mesmo arquearia; e Bradamante continuava sendo considerada um fenômeno a parte, um demônio tornado mulher por fadas caídas e que Arzallum tinha a sorte de ter nascido em suas fronteiras, não em Minotaurus.

Era seguindo essas regras e toda essa herança que cinquenta adolescentes entre 13 e 16 anos se postavam de pé e em posição de sentido, à espera do tutor que lhe serviria como cavaleiro-mor naquele ano.

– Senhores – anunciou a voz de João Hanson, surgindo ao fundo seguido por seus cavaleiros auxiliares –, se algum de vocês quiser desistir deste processo de seleção sem nenhuma vergonha, o momento é agora.

Silêncio. João se manteve quieto por dois minutos, deixando que o nervosismo daqueles garotos se abraçasse na ansiedade.

Ninguém desistiu.

Inclusive uma menina de 14 anos, de pé em meio aos garotos.

– Então sejam bem-vindos aos piores dias das suas vidas – disse João Hanson, sem deixar de notá-la.

35

Na mesma manhã em que João Hanson avaliava candidatos a escudeiros em uma fazenda isolada, sua irmã se reunia com uma bruxa e um caçador de bruxas para caçarem um conde entregue à magia escura. Sobre isso, aliás, era difícil dizer o que seria mais curioso: o homem a ser caçado ou uma frase como essa fazer sentido.

– Nosferatu... – repetiu Maria com desgosto pela décima vez, como se o nome lhe causasse alergia nos lábios.

– Vejo que decorou bem o termo – acrescentou Sabino. – Da próxima vez tente soletrá-lo!

– Sabino... – proferiu Madame Viotti, entonando a voz como advertência.

Sabino expandiu o sorriso no canto da boca. Então virou um livro pesado e empoeirado na direção das duas com um desenho colorido de um homem com cabelos longos, grandes orelhas e olhos saltados.

– O nome na verdade era conde Orlok de Cárpatos, declarado conde pelo Rei Ricelli antes de a família Branford comandar Arzallum.

Sei que posso soar um tanto óbvio nesse comentário, mas, aqui entre nós, e apenas para que você não tenha quaisquer dúvidas nessa narrativa, a denominação de “conde” em Nova Ether está associada apenas a um título de nobreza simbólico, sem qualquer necessidade de território ou responsabilidade política ou social. Em outras palavras: apenas um mimo do Rei para aliados que ele precisa agradar em determinados momentos de seu governo.

– Dono de um castelo na região de Bico de Corvo, a residência era local comum para festas e encontros envolvendo membros da nobreza, cultos a semideuses esquecidos e estudos de ocultismo. Um local frequentado comumente, inclusive, por um hoje já velho conhecido da família Hanson: conde Edmond Dantes, o *Conde de Ódio*.

Maria segurou a respiração. Aquela associação macabra deveria ser uma surpresa, mas, feliz ou infelizmente, fazia todo o sentido.

– Professor... o senhor se importaria se eu perguntasse que livro seria esse? – perguntou Maria, com uma voz sem muita firmeza.

– Claro que não, senhorita Hanson – respondeu Sabino com firmeza. – Um dos livros com a ficha dos *caçados*.

As duas mulheres se arrepiaram. Aquele era um dos *livros vermelhos*, um dos registros dos cavaleiros de sangue, um dos guias de caça dos Caçadores de Bruxas. Livros lendários com a ficha catalogada de condenados, algumas vezes por merecimento, outras não.

Maria tinha consciência de quantas bruxas sombrias como Babau se espalhavam por aquelas páginas. Madame Viotti tinha consciência de quantas bruxas brancas como ela se espalhavam pelas mesmas páginas.

– Começou como uma coisa curiosa, movido pelo fascínio humano pelo proibido. Pouco a pouco, contudo, os cultos e rituais praticados naquele castelo foram se tornando mais pesados, mais doentios. Até que invocações de entidades deram lugar a perversões e sacrifícios, primeiro de animais, depois de humanos.

– Havia símbolos de sangue? – perguntou Viotti. – Algum círculo de fogo?

Sabino virou o livro para si mesmo e avançou uma das páginas.

– Círculos com pentagrama, duas pontas para cima, uma para baixo.

– O que mais?

– Hexagramas, círculos com pontos, fitas entrelaçadas sem fim.

– Então eles realizam missas negras – deduziu Viotti.

Maria não perguntou mais detalhes sobre a expressão. Parecia autoexplicativa o suficiente.

– Deixe-me ver o desenho do altar – exigiu Madame Viotti, tomando os livros de Sabino e virando para si mais uma vez.

Na página aberta, novamente em cores pintadas em aquarela, saltava um desenho que reproduzia um dos cenários encontrados pelos cavaleiros vermelhos na época. Alheia aos símbolos, Madame Viotti se concentrou nas velas, principalmente em suas cores.

– Velas pretas espalhadas pelos cantos. Uma vela branca à direita. Uma vela preta maior do que as outras à esquerda. Crânios sem pele. Corpo de um porco sacrificado. Flores em decomposição. Agulhas com sangue. Um sacrificado humano sem os olhos.

Maria sentiu a pele se arrepiar atrás da nuca. Ela havia passado a saber lidar com aquilo, mas compreender, talvez jamais.

– Como próximo passo, eles devem ter passado a comer carne humana – acrescentou Viotti.

– E a beber sangue – concluiu Sabino.

Maria se apoiou em um móvel, para não se deixar desequilibrar.

– O senhor... ou melhor, os caçadores... eles descobriram quem eram as outras pessoas que frequentavam esses rituais? – perguntou Maria.

– Algumas delas sim – respondeu Sabino. – Outras, por exemplo, como o próprio conde Dantes, todos tinham a certeza do envolvimento, mas jamais o relato juramentado de uma testemunha ou uma prova concreta de evidência.

– O que o deixou livre para continuar seus rituais no futuro e amaldiçoar homens comuns como meu pai.

– Sim – concordou Sabino, encarando-a com o respeito que ela merecia. – E também a morrer na lâmina do seu irmão.

Maria concordou. Aquele ainda era um mundo onde pessoas inocentes pagavam e pessoas culpadas se inocentavam, ao menos até que as inocentes abandonassem a pureza e as culpadas passassem a temê-las.

– Alguma bruxa em específico liderou as sessões? – perguntou Viotti.

– É provável, mas não temos certeza da identidade – disse Sabino.

– Então ela é a resposta – concluiu Viotti. – É o nome que precisamos tirar de conde Orlok.

– Sem dúvidas – concordou Maria. – Mas antes disso é preciso saber *como* chegar a Nosferatu.

– Não vai ser tão difícil – disse Sabino.

Como sempre, as atenções se voltaram para ele.

– Conde Orlok se tornou um *serviçal* – explicou ele. – Um servo do mal, disposto a cumprir desejos de bruxas em troca de pagamentos que nunca envolvem dinheiro. Os últimos relatos diziam que a pele havia empalidecido como a de cadáveres, e passou a dormir em caixas de madeira repletas de ratos durante o dia, para sair em busca de caça ou trabalhos durante a noite.

– Ainda assim, como nós faríamos *contato* com um ser desse tipo? – perguntou Maria. – Se ele se esconde há tanto tempo...

– Viotti...

Sabino cedeu sua vez da explicação. Madame Viotti não considerou aquilo uma cortesia.

– Provavelmente as bruxas negras têm um sinal, algum símbolo ou oferenda deixada em uma encruzilhada ou uma árvore específica, qualquer coisa do tipo sinalizando o trabalho a ser cumprido e o pagamento oferecido em troca.

– Mas... mas... – gaguejou Maria para concluir a pergunta.

Ela se calou, desistindo.

– Não – respondeu Viotti, ainda assim. – Eu não sei como isso seria feito. Não é o tipo de coisa que me interessaria saber.

– Não, eu não quis dizer que...

Maria se calou novamente. Era melhor.

– Madame Viotti não haveria realmente por que saber ou buscar saber algo desse tipo. Mas *eu* sim.

Nenhuma das duas se preocupou em esconder o choque.

– Ei, não me olhem desse jeito – pediu Sabino. – Vocês sabem que cada um de nós tem sua função aqui, e nem sempre ela é das mais agradáveis. Por isso, eu peço que não me perguntem *como* vou conseguir essa informação, apenas que aceitem que, até o fim desse dia, eu provavelmente a terei.

– É mesmo? O senhor também anda usando serviçais? – perguntou Viotti em tom irônico, para não contradizer o pedido dele.

– De certa forma – admitiu Sabino. – Mas eles dormem em locais melhores.

Se o deboche fosse uma respiração, teria sido isso o que Madame Viotti expirou naquele momento.

– Professor – retomou Maria. – Mesmo que o senhor conseguisse acesso a esse tipo de informação sabe-se lá como, ainda assim não bastaria apenas chegar a um local específico e realizar um ofertório, ou seja lá o termo correto para convocar uma criatura como essa. Ela não iria responder a qualquer pessoa.

– Com certeza – concordou Sabino – É exatamente por isso que vamos precisar também de uma isca composta de uma vítima a ser sacrificada. *Além de* uma bruxa.

– E onde iríamos encontrar uma bruxa disposta a isso?

– Na verdade, senhorita Hanson, existem mais por aí do que pode parecer a princípio. Nós temos uma nesse exato recinto.

– Não para servir de cobaia – ironizou Viotti. – Toda Andreanne me conhece. É o preço de não ser queimada em praça pública e passar a assistir peças de teatro ao seu lado em camarotes reais.

Sabino apenas sorriu para elas.

– Sim, isso seria uma possibilidade – disse ele enfim. – Mas não será você quem vai convocar conde Orlok para um trabalho. Você vai *selecionar* uma bruxa iniciante e pouco conhecida no meio para isso.

Madame Viotti pesou aquilo, procurando alguma armadilha do próprio professor.

– E por que você acha que eu teria acesso a uma pessoa assim hoje em dia?

Sabino suspirou, como se *esperasse* mesmo por aquela reação. E ela lhe fosse decepcionante, por ser óbvia demais.

– Viotti, querida, eu sei que você é uma líder por natureza – resumiu ele. – E eu não sei onde nem quando (e apenas não o sei porque não quis investigar a fundo), mas não tenho dúvidas de que você é uma Alta Sacerdotisa de um *coven*.

Viotti não concordou, nem discordou. E tudo dito a partir dali seria perigoso para ambos.

Para ela, por segurança. Por ele, pela confiança conquistada e prestes a ser perdida.

– Eu sei – disse ele, com cautela e apreço. – Esse é um assunto delicado, pelo nosso histórico e pelos lados que nós tomamos na História. Pelos erros que nós cometemos, ao pensar que acertávamos. Por conta disso, afirmo: eu não a investiguei e *já* vou investigar você, ou outras ligadas ao que você acredita e representa. Meus erros com pessoas como você se reduzem às manchas ao redor das memórias de um jovem enérgico, arrogante e disposto a se provar em um mundo que o próprio mundo temia. A confiança que deposito em você hoje seria inadmissível anos atrás, quando essa confiança teria me poupado de precisar me justificar hoje. Por isso, não posso hoje pedir que confie completamente em mim, mas eu posso ao menos lhe dar essa opção. Porque talvez, e aqui eu coloco um grande talvez, nós sejamos hoje um esdrúxulo e curioso ponto de luz nascido em meio a tanta escuridão. Um ponto de luz formado por um caçador, uma bruxa e uma sobrevivente de uma bruxa. Um trio preparado pela vida para encontrar a maior chance de redenção da humanidade.

Silêncio. Maria olhou para Madame Viotti pelo canto dos olhos. Encontrou mais silêncio. E então, de repente:

– Eu detesto esse seu dom da palavra – resmungou Viotti. – Uma pena que fadas caídas não lhe arrancaram a língua!

– Se elas o tivessem feito, quem iria entretê-la? – perguntou Sabino.

– Professor... – proferiu Maria Hanson, entonando a voz como advertência.

– Eu me referia às palavras – disse ele em retorno, como se estivesse mentindo. E se divertindo com isso. – Vocês hoje estão muito repressoras.

– Deixe de besteira – retomou Viotti. – O que eu preciso saber é: se, e somente *se*, eu conseguisse *alguém* para representar o papel de uma bruxa em busca de um trabalho de serviçal, qual o próximo passo?

– Nós fazemos o mesmo com a vítima – respondeu Sabino.

– Então *eu* seria a vítima? – perguntou Maria, acelerada.

– Não – disse Sabino. – *Isso* atrairia suspeitas demais. Não você, não a que queimou Babau. Ele conhece você.

Um formigamento tomou a coluna vertebral de Maria e ela sentiu vontade de fritar aquele servo das trevas da mesma forma que tinha feito com Babau.

– Para isso seria preciso alguém desconhecido, que *parecesse* uma boa vítima, mas fosse apenas um voluntário disposto a entrar no caminho e na hora indicada, e sair do caminho da mesma forma.

– E *quem* se prestaria a um papel desses, professor?

Sabino voltou a sorrir.

– Eu tenho uma ideia.

36

— **T**odo escudeiro sonha ser um cavaleiro um dia, certo? – perguntou João Hanson à adolescente vestindo trapos e cheirando como um morador de rua. – Você! Por que *você* quer fazer parte da cavalaria?

– Porque quero servir minha pátria – disse ela, forçando a voz para sair mais grossa do que realmente deveria ser.

João riu e se aproximou da menina. Provavelmente catorze, a caminho dos quinze anos, não mais do que isso. O corpo era franzino e esticado, as roupas mais largas do que deveriam. Olhos castanhos apertados, rosto ainda com sardas, o cabelo cortado curto em navalha, em um corte tipicamente masculino. Na verdade, não era apenas o corte de cabelo, o estilo das roupas, a postura, até mesmo o formato do corpo lembrava mais o de um homem do que uma mulher em um primeiro olhar.

– *Você quer servir sua pátria...* – repetiu João, degustando a frase pronta. – Pois bem, se você quiser seguir meu comando um dia vai precisar ser capaz de sempre me dizer a verdade. Então eu vou perguntar novamente: por que você quer entrar na cavalaria?

A adolescente olhou para baixo, sem saber a resposta correta.

– Porque é uma profissão honrada – disse ela. – E daria orgulho aos meus pais.

João acenou, como se indicasse que ela estava se aproximando de onde ele queria.

– E o que mais?

Novamente uma pausa, temerosa.

– E me daria um pagamento decente.

João sorriu, satisfeito.

– Onde você vive?

– Na região da Usina.

Alguns meninos ao redor riram em deboche. A Usina era um bairro de Andreanne destinado às famílias pobres, os maltrapilhos e moradores de rua. Um bairro de excluídos, de onde não se pensava como ninho de futuros cavaleiros. João Hanson notou um deles em particular mantendo um sorriso.

– Ele debochou de você? – perguntou, indicando o garoto do sorriso, cujo riso desapareceu cedendo lugar ao nervosismo.

A menina deu de ombros, como se aquilo não importasse, ou ele não fosse o primeiro.

– Ele debochou de você pelo quê?

A garota voltou a olhar para baixo.

– O senhor sabe...

– Se você desviar mais uma vez o olhar ao me responder, eu vou te expulsar nesse momento dessa seleção.

Como uma pessoa reanimada com adrenalina, os olhos da garota subiram para focar nos de João Hanson, e havia ali uma certa raiva canalizada, que João gostou de ver.

– Sim, senhor.

– Qual seu nome?

– Emile, senhor – disse ela, como se a resposta lhe fosse frustrante.

– Eu vou perguntar de novo, Emile: por que ele debochou de você?

– Porque ele me vê como uma menina, e me vê como uma miserável, e acha um insulto eu estar aqui – disse ela, olhando nos olhos dele.

– E como você se vê?

– Eu me vejo como um menino que nasceu no corpo errado, e acho um insulto acharem que eu não poderia estar aqui. – Os olhos não desviaram, assim como os argumentos.

A resposta calou os risinhos, talvez pelo vigor com que tinha sido dita. Era a primeira vez que aqueles adolescentes viam uma menina afirmar algo daquele tipo.

– Você sente vergonha de quem você é?

– Não, senhor. Eu sinto vergonha de quem não me vê como eu sou.

– Você já morou nas ruas?

– Sim, senhor.

– Você sente vergonha do que já teve de fazer pra sobreviver nas ruas?

– Algumas vezes, senhor. Mas eu faria novamente, se fosse preciso.

– Você já roubou?

– Sim, senhor.

– Você já *matou*?

A garota gaguejou, não porque a pergunta fosse estranha, mas porque não estava preparada para ela.

– Nunca, senhor.

– Eu já – afirmou João Hanson, e novamente os meninos em posição de sentido engoliram em seco. – Você acha que seria capaz de matar um dia?

– Talvez, senhor.

– O que seria necessário?

– Um motivo, senhor.

João virou-se na direção do garoto que antes sorria e depois perdeu o sorriso.

– Você – apontou. – Você me lembra de alguém. Qual o seu nome?

– Meu nome é Fernando, senhor.

João permaneceu observando-o, até que o momento ficou constrangedor. Ao fundo estavam os irmãos gêmeos Albarus e Andreos Darin, e João buscou ajuda neles.

– Ele *realmente* me lembra de alguém...

– Você está certo – revelou Andreos, achando graça previamente. – Ele é um Costard.

João se virou para Andreos, com a expressão travada.

– Costard? – confirmou. – Como *Paulo* Costard?

– Como um irmão seguindo os passos do mais velho – concluiu Andreos, adorando aquilo.

João fez um sinal para Fernando se aproximar. O menino devia bater a casa dos quinze, tinha roupas mais limpas e bem cuidadas do que a maioria, e um rosto liso, sem qualquer tipo de marcas. Franjas do cabelo liso lhe escorriam na face e João odiava como aquilo lhe lembrava o irmão mais velho.

– Você sabe o que eu fiz com o seu irmão, Fernando?

Fernando por pouco não desviou o olhar, quando então expandiu os olhos e focou em João como todos os outros.

– Sim, senhor.

– Então conte, alto, para os que não sabem.

Um suspiro que trouxe ao ambiente um hálito de vergonha.

– O senhor quebrou a cara dele, senhor.

– Sim, eu quebrei. E você sabe por quê?

Fernando se recusou a dizer de primeira. Aquilo poderia ser um teste e ele queria passar. Mas não dizer também significaria alguma coisa que ele não queria descobrir.

– Pode dizer – acalmou e incentivou João.

– Porque ele... ele foi o primeiro a beijar a sua mulher, senhor. Digo, a *pessoa* que hoje é sua mulher, senhor.

João riu, como eu e você fazemos quando escutamos algo estúpido.

– Não – contradisse o cavaleiro-mor. – Isso me irritou, admito, não porque ela tenha beijado outro garoto antes de mim, mas porque, dentre todas as pessoas de Andreanne, acabou sendo *justamente* o crápula do seu irmão. Mas, ainda assim, não foi por isso que fiz o que fiz. Eu quebrei a cara dele porque ele mexeu com a honra

da minha família. Ele debochou da minha irmã em praça pública, e debochou da minha mulher na minha cara. Você entende a diferença?

Fernando apertou os lábios e confirmou com a cabeça. Então se lembrou e focou nos olhos de João novamente, que não haviam se perdido dele.

– Sabe o que ele fez para se vingar?

Suando e tremendo, Fernando balançou a cabeça duas vezes.

– Então conte, alto, mais uma vez para os que não sabem...

– Ele levou conde Edmond e seus soldados até a sua irmã na Escola Real do Saber para que ele lhes cobrasse uma dívida estabelecida por seu pai.

– Sim – disse João com o olhar perdido em lembranças difíceis. – Ele fez isso. Ele fez meu caminho se cruzar com o do conde de Ódio.

O foco de João se voltou para seu grupo de aspirantes.

– E foi *esse* o primeiro homem que eu matei.

Silêncio. Apenas silêncio.

Até que João fez sinal para que a menina de trapos e roupas largas se aproximasse.

– Seja sincera, se eu lhe ordenasse que matasse Fernando Costard aqui e agora, na frente de todos os presentes, você faria?

Emile pensou sobre aquilo com tranquilidade, como se a proposta fosse inocente, não assassina.

– Talvez, senhor – respondeu.

– *Talvez* – repetiu João, com desgosto. – Então pode pegar suas coisas e se retirar. Do que me servem escudeiros que *talvez* sigam minhas ordens?

João se virou de costas, desistindo daquilo.

– Senhor, é verdade que o irmão mais velho dele colocou em risco a integridade de suas mulheres para se vingar de uma luta justa e que não foi capaz de vencer? – perguntou a voz da adolescente, tocando-lhe o ombro.

João se virou para ela.

– Sim.

– Então se o senhor me ordenasse, eu faria.

– Por que não *talvez*?

– O senhor me deu um motivo.

João apertou os olhos.

– E se eu lhe ordenasse que o matasse *sem* lhe dar motivo?

Ali todos souberam que era um teste. Aquela resposta definiria um futuro.

– Senhor, pelo que eu e todos nós conhecemos de sua reputação, se o senhor me ordenasse que matasse sem motivo, o senhor não seria nosso líder. E, muito menos, nosso herói.

Apesar de sua espada ainda estar na bainha, João Hanson sentiu-se desarmado por um instante. O coração bambeou, quando ele percebeu que aquela resposta era uma resposta que o João Hanson de 14 anos poderia ter dado ao João Hanson daquele momento.

Ele passou a língua nos lábios, como se estivesse limpando sua boca para devolver boas palavras àquela garota.

– Espero que você não se arrependa dessas palavras – disse João. – Porque faz quatro anos que uma menina não tenta novamente os testes de escudeiros, e você é a minha primeira aprovada no dia de hoje.

Emile apertou os lábios, querendo sorrir, mas tendo que se impedir de chorar. Olhos ainda focados no de seu novo mentor.

– Uma honra enorme, senhor – disse ela. – Mas, se me permitir, gostaria que todos aqui esquecessem que nasci uma menina e me tratassem de igual para igual.

– Isso você vai ter de fazer por merecer – definiu João. – Você pode escolher seu corte de cabelo, suas roupas, seu jeito de falar, nada disso me importa. Se você quer respeito, me dê *um motivo*. O que eu posso lhe prometer é que, *se* esse dia chegar em algum momento, eu lhe deixarei escolher seu nome de batalha e vou garantir que ninguém se esqueça dele.

Os olhos dela se mantiveram focados nos dele, e aquilo foi um acordo fechado.

37

Em teoria, o jovem Ludens seria apenas um jovem comum de Andreanne.

Apesar da pouca idade, já havia feito de tudo um pouco: tentou ser escudeiro (sem sucesso), vendeu frutas na feira, pintou cercas, varreu o chão de barbearias, ajudou dentistas a extraírem dentes, e até mesmo martelou paredes para ajudar na demolição de casas. Terceiro filho de uma família de cinco irmãos, ele era o típico rapaz buscando maneiras de garantir o próprio sustento e o da família, ainda na busca de uma pessoa que o fizesse sentir vontade de buscar igualmente o sustento de uma nova família.

Aos 29 anos, seu atual trabalho envolvia carregar caixas no porto de Andreanne para abastecer navios comerciais. Havia acabado de despejar uma delas naquela tarde de sol, quando ouviu seu nome gritado por seu contratante ao descer a rampa do navio de volta ao chão de madeira do cais.

– Chamou, senhor? – perguntou, limpando os fios de cabelo que grudaram na face.

– Aquele senhor disse que tem negócios a finalizar contigo – respondeu o outro com ares ríspidos, apontando o polegar para trás e exalando um cheiro de suor tão forte que se tornava tóxico. – Eu nem quero saber o que isso significa, mas, se for problema, vê se termina de resolver isso fora do meu cais!

E o contratante saiu, deixando para trás apenas seu cheiro.

Ludens permaneceu um tanto boquiaberto, desconcertado com a toda aquela situação.

– “Negócios a finalizar comigo”? – perguntou a si próprio. O local indicado levava a um senhor de chapéu, corpo esguio e bem-vestido, ao fundo, protegido do sol na sombra de um navio.

O senhor ergueu e abaixou a aba do chapéu, cumprimentando-o. Ou indicando-o que sim, era ele mesmo. Ludens caminhou até lá, ainda mais envolto em dúvidas do que exatidões.

– Senhor, deve haver algum engano, mas me disseram que o senhor...

– Que eu tenho negócios a resolver com a sua pessoa, sim, é exatamente isso.

Ludens deu um passo para trás em uma reação defensiva.

– Pra quem você trabalha? – perguntou Ludens, olhando de lado.

– A questão aqui não é essa, jovem *Ludens*. – A ênfase era proposital na revelação daquele conhecimento. – A questão apenas é que, ao menos *essa noite*, você vai trabalhar para mim.

– Isso é uma brincadeira, né? Olha aqui, se isso for coisa do Randolph, pode dizer a ele que...

– Não, isso não tem a ver com seus problemas de jogo.

Os olhos de Ludens se expandiram. A respiração parou.

– Também não tem a ver com a prisão de seu mais velho.

A pulsação acelerou. As mãos suaram.

– Furto, correto? – perguntou o senhor. – Irmã doente, esposa grávida. Condenável, mas ainda compreensível.

– Senhor, eu não tenho nada a ver com... – iniciou Ludens, quando o ar voltou.

– Não, você não tem nada a ver com seu irmão. Com exceção da sua pequena paixão por carteados (que você deveria tentar parar), você é apenas um cara comum, vivendo uma vida comum e sem chamar a atenção. *Exatamente* o que eu preciso.

– Mas *quem* é você, afinal de contas?

– Alguém que um dia prometeu que jamais esqueceria seu nome.

A frase. *Aquela* frase acelerou os batimentos de Ludens mais do que qualquer outra informação até ali.

Sabe, falando agora como o contador dessa história, não é que eu não tenha sido honesto contigo até aqui sobre ele, apenas você não deve se lembrar de que eu já contei sobre ele. E, se hoje Ludens é um jovem estivador de 29 anos, alguns anos atrás ele exercia uma atividade completamente diferente, que também deveria ser comum, mas, por conta de uma noite específica de estreia, não foi.

Porque Ludens um dia foi o homem que conferia os bilhetes de entradas da área nobre do Majestade.

E seu caminho se cruzou com o de Sabino von Fígaro.

Senhor von Fígaro, espero que entenda minha posição, mas diante da falta de aviso prévio de uma vinda ao Camarote Real preciso que me dê alguma prova de sua ligação com a família real, senhor.

Fora isso o que ele dissera àquele senhor naquela noite de estreia do Majestade.

Fora isso o que ele exigira ao barrar publicamente um ex-Conselheiro Real.

Fora isso o que ele dissera ao líder dos Caçadores de Bruxas.

Jovem rapaz, nem ouse.

Apenas o tom borrifava autoridade. Soldados fora de turno na guarda do teatro reconheceram e posteriormente o avisaram sobre *quem* era aquele homem. E isso lhe perturbou o sono por meses.

Acredite, este senhor realmente é capaz de indicar um candidato a cavaleiro, e a muito, muito mais do que isso.

Sabino von Fígaro. Ariane Narin. Giacomo Casanova.

Maria Hanson.

– Hanson... – repetiu Ludens. Como na própria memória.

Irmã de um aprendiz de cavaleiro, entendeu?

– Ah, você lembrou – comemorou Sabino. – Eu sabia que você cumpriria sua promessa.

Peço desculpas pelos aborrecimentos de hoje e prometo que este servo jamais esquecerá o nome ou a face de qualquer um dos presentes.

– Como eu cumpri a minha.

Assim como você, prometo que não esquecerei seu nome nem face. Tenham todos uma boa noite.

Ainda de pé e sem qualquer tipo de reação, Ludens queria se mexer, mas as pernas não lhe obedeciam.

– Mas... tanto tempo...

– Cinco anos – definiu Sabino. – Passam rápido, certo? Mas eu entendo sua confusão inicial, afinal meu rosto mudou bastante. Fiquei mais bonito, não?

Ludens teria entendido o sarcasmo, se seus joelhos tivessem parado de tremer.

– O que... o que o senhor quer de mim?

– Hoje à noite, eu vou te usar como uma *isca*. – A frase fez o corpo inteiro do estivador se unir aos tremores do joelho. – Você deve ir a um lugar que eu vou indicar e agir como se fosse uma noite comum. Então, provavelmente, se tudo der certo, alguém vai tentar te apanhar. E eu não vou mentir, afinal, esse tem de ser o princípio da nossa relação aqui. Eu não vou mentir que vai existir algum risco nessa missão, e dessa forma você vai saber que é verdade quando eu te disser que, exatamente por isso, eu estarei lá por você na hora certa.

– Eu... não...

– E você *vai* estar lá – continuou Sabino, como se não tivesse sido interrompido. – Pela sua família, pela saúde do seu sobrinho, pela cesta de comida que a sua mãe, que tanto cuidou dos seus cinco irmãos, vai receber no primeiro dia de toda semana a partir de amanhã.

– Eu...

– E, ainda assim, mesmo diante de tudo isso, ainda não é por isso que vai estar lá hoje à noite! Não, na verdade, sabe por que você estará lá hoje à noite, Ludens?

– Por que, senhor? – perguntou o inocente, se sentindo condenado.

– Porque aí então, a partir dessa noite, eu finalmente vou esquecer o seu nome.

O chapéu foi erguido e abaixado mais uma vez. E Ludens soube que não havia o que fazer.

Tenham todos uma boa noite.

Sim, naquele dia em Andreanne quase todos teriam uma.

Menos o pobre Ludens.

38

O navio voador mantinha seu plano de voo, enquanto Axel Branford se isolava carrancudo ao longo da viagem. Após o embate com Mestre Orgulho, os gnomos tinham ordem do Mestre Anão, seu contratante, para levar o príncipe de volta a Andreanne. Axel, porém, mudou os planos e *recontratou* os pilotos gnomos para levá-lo a outro lugar. Em vez do leste, o oeste.

E assim o Vishnu seguiu para Luggnagg.

– Alteza, em poucos minutos chegaremos em solo – anunciou o capitão gnomo.

Axel saiu de seu estado taciturno, observando pelo vidro a paisagem. Aquela era uma ilha a qual poucos tinham testemunhado e, por isso, quando falavam sobre

ela, as pessoas tinham o costume de reproduzir as mesmas histórias de Lemuel Gulliver.

Um dos originais da Caçada de Bruxas, hoje reintegrado ao seu posto de comandante da armada naval militar de Arzallum, o capitão Gulliver escreveu livros sobre regiões que a maioria das pessoas só poderia imaginar, e viu seu filho subir a Árvore do Mundo até a terra dos gigantes, servindo de estopim inicial para a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

Só que a Árvore do Mundo não havia sido a primeira das Três Árvores que Gulliver havia testemunhado. Muito antes, quando ainda um jovem e destemido desbravador de mares, ele chegou a Luggnagg e narrou sobre uma ilha tão mística quanto Avalon. A terra da Árvore da Sabedoria, onde nasceu o conhecimento do mundo e de onde provinha a evolução do pensamento.

A morada dos *struldbrug*, raça de seres imortais dedicados à fé e aos estudos místicos.

O território dos Devas adormecidos, aguardando o chamado do verdadeiro Pendragon.

Quando o Vishnu tocou o solo e a porta lateral se abriu, Axel não conseguia deixar de esquecer as palavras do Mestre Orgulho, como se elas não fossem palavras, mas uma mochila que lhe pesasse nas costas.

Outra guerra se aproxima, Axel Terra.

Ao contrário da Aldeia da Mina, a chegada da máquina voadora não atraiu a atenção dos moradores, ou, se atraiu, não lhes importou. Do alto da rampa que lhe levaria até o solo, Axel vislumbrou apenas o cenário natural de uma ilha farta em vegetação de bromélias, morros cercados de pedra, areia azul e luz solar.

Maior do que as batalhas entre Reinos, maior do que tudo o que já foi visto em campos de batalha da história de Nova Ether.

Resultado do avanço e recuo do mar ao longo de mais de cem anos em um arquipélago formado de morros, Luggnagg hoje era uma depressão absoluta composta de terraços, cordões litorâneos e dunas de areia oriunda da lavagem secular de partículas dos corais azuis que a rodeavam. Ainda do alto, Axel podia ver alguns pescadores lançando redes ao mar, cujas águas refletiam a luz solar em fragmentos, lembrando milhares de cristais. Tartarugas gigantes de mais de um metro e com cascos que lembravam grandes pedras faziam seu caminho pela areia azul em direção ao mar. Pombas rosas cruzavam o céu, levando comida para seus filhotes. Já espalhados pelo solo, era possível notar alguns dodôs, aves grandes de bico longo e asas curtas, que lembravam pombas de plumagem acinzentada e eram incapazes de voar.

– Já estive aqui antes, capitão? – perguntou Axel, ainda observando o novo.

– Mais de uma vez – respondeu Jareth.

- Você se incomodaria de me acompanhar em uma exploração rápida?
- Se nosso príncipe honrar o preço proposto.

Axel riu. Era cada vez mais comprovada a competência de negociação e o desejo por ouro daquela raça.

- Acompanhe-me e prometo-lhe dobrar minha oferta. O que acha?
- Acho que sua alteza acabou de conseguir um guia turístico.

Eles acharam graça juntos. Axel desceu até a praia, seguido pelo gnomo, e decidiu retirar as botas, caminhando descalço pela areia azulada. Os animais também não pareciam se importar com a presença humana, mesmo a de estranhos, e, assim como os nativos, ignoraram a chegada da alteza real. Ainda na praia, afastadas algumas dezenas de metros, algumas pessoas se mantinham sentadas em diferentes pontos de um grande rochedo, concentradas em um ermitão de pé, eloquente. Axel percebeu que suas vestes lembravam a de monges, com túnicas coloridas, colares de pedras ovais e adornos nas orelhas, cinturas e até mesmo presilhas de cabelos. O idioma falado pelo ermitão e espalhado pela brisa era diferente de qualquer outra língua que Axel já havia escutado, repleta de ecos guturais, e, enquanto seguia seu caminho, o príncipe se questionou sobre o que eles estariam debatendo.

Nesse momento, príncipe, todos os Reinos estão em busca do avatar de Merlim de Christo.

- Que tipo de idioma eles falam por aqui? – perguntou Axel.
- Diversos, na verdade. Os strulldbrug se dedicam ao estudo, acreditando na transcendência pelo conhecimento.
- É verdade o que dizem sobre a imortalidade dessa raça?
- Sim, o que não os impede de envelhecer, contudo. Perceba que naquele grupo apenas os jovens têm cabelos. Eles o perdem quando envelhecem.
- Isso também acontece com humano. Não todos, mas... – O príncipe não completou o raciocínio, perdendo-se em meio a várias linhas de pensamento. – Sabe o que eu acho realmente curioso? Como eles não se importam ou se intimidam com nossa presença.
- Assim deve ser a mente dos sábios.

Ao caminhar além da praia, Axel sentiu o solo vulcânico. Trilhas seguiam em curvas em direção a uma aldeia que podia ser vista no horizonte. Conforme caminhava, o príncipe de Arzallum podia sentir alguma coisa correndo por aquela terra. Era como uma vibração constante, uma energia estática que se mantinha em movimento, borbulhando e prestes a explodir exatamente como a lava de um vulcão. E isso o lembrou do principal motivo pelo qual os devas de Nova Ether eram conhecidos.

O de proteger a entrada de Mantaquim, o Reino das fadas.

– Será mesmo que estamos mais próximos de Mantaquim por aqui? – perguntou Axel.

– Isso é uma pergunta para um Pendragon.

O verdadeiro Pendragon.

A aldeia era composta de casas e chalés de pedra. Granitos amontoados em encaixes transmitiam uma beleza bruta. As casas, porém, não seguiam a mesma arquitetura. Algumas tinham o teto em formato triangular, outros quadrangular, e janelas com tamanho amplo e detalhe em arco. Os chalés incluíam detalhes de madeira e vidro e exibiam pequenos frontões triangulares sobre a fachada em um visual que Axel jamais havia visto em qualquer outro local.

– Sinceramente, não sei dizer se estamos vislumbrando o rústico ou o moderno nesse lugar – comentou ele.

– Talvez estejamos exatamente na linha que os separa, alteza.

Ao se caminhar pelas ruas daquela aldeia era possível sentir o perfume do açafrão e da canela. Algumas pessoas varriam os arredores de suas moradias, outras secavam roupas em varais, outras preparavam comidas em fornos a lenha comunitários, feitos igualmente de pedras como as casas. Parecia haver um número equivalente de homens e mulheres, com o detalhe de que apenas os homens pareciam envelhecer. Eles andavam curvados, apoiando-se em varas e cajados, que lhes serviam de bengala. Eram magros, frágeis e lentos. Alguns se mostravam visivelmente doentes, cegos, com dores nas juntas, tremores nos membros e catatonia. Não podemos culpá-los. Imagine um ser humano que existisse desde o início dos ciclos e estivesse preparado para morrer, mas isso simplesmente lhe fosse negado.

– É curioso isso – disse Axel. – A raça humana sonha tanto com a imortalidade, mas veria esse cenário como maldição.

– O que prova que sua raça na verdade não sonha com a imortalidade, mas a eterna juventude.

Axel olhou de lado para o gnomo, feito um homem impressionado.

– Pelo visto, gnomos sempre sabem o que dizer.

– Apenas quando somos pagos para isso.

Axel riu. Inesperadamente, aquele gnomo estava sendo útil para melhorar seu humor.

– Apenas por curiosidade, Jareth: o que gosta de fazer quando não está sendo pago?

– Gosto de compor músicas, criar enigmas de labirintos e dançar com bebês em castelos, alteza.

– Sem qualquer intenção de ofensa, capitão, alguns costumes de sua raça parecem um tanto estranhos à minha.

– Sem problemas, alteza. Nossa raça compartilha o mesmo.

Axel iria achar graça, mas um acontecimento mais sério lhe tomou a atenção. Um senhor levantou-se de um dos bancos quando ele se aproximou, fixando nele sua atenção. Os olhos refletiam séculos e um detalhe impossível de ser ignorado.

Todos os struldbrug possuíam um ponto vermelho acima do olho esquerdo.

O símbolo de uma raça. O símbolo da imortalidade.

Axel encarou o senhor de volta com o mesmo respeito que os homens têm pelo tempo. Sem aviso, o velho esticou o braço cansado e apontou para o norte.

– O que ele está indicando? – perguntou Axel.

– Onde está o que sua alteza veio procurar.

O homem permaneceu ali, uma das mãos na bengala, a outra apontando de forma trêmula para o local a ser seguido.

Sem instruções de como reagir, Axel refez o cumprimento marcial do Ethering, reverenciando com a cabeça baixa e dois punhos fechados um sobre o outro, inclinados na direção do próprio queixo.

Como em uma resposta imediata, todas as pessoas ao redor interromperam tudo o que estavam fazendo, se viraram para o príncipe de Arzallum e *também* apontaram para o mesmo local.

– Fascinante – disse Jareth, acompanhando a caminhada.

Homem e gnomos passaram por uma aldeia silenciosa, onde pessoas pareciam estátuas humanas apontando o caminho a ser seguido. Um caminho a ser descoberto.

Alguém está próximo de encontrá-lo, nós podemos sentir.

Um caminho buscado por todas as raças, que poderia no fim ser encarado como uma maldição.

E, quando isso acontecer, uma guerra santa se iniciará.

Um caminho que talvez ele estivesse enfim pronto para aceitar.

É isso que nos preocupa.

Ou estivesse enfim prestes a sucumbir.

Nem de longe você está pronto.

39

A noite havia chegado e era hora de caçar.

Sabino von Fígaro havia juntado todas as partes do quebra-cabeças. Ele já tinha um alvo, alguém para servir de isca e alguém para servir de contratante do alvo para a isca.

Faltava saber a forma de contato.

No cair daquela noite, ele caminhava passos no Inverno. Não a estação, mas a prisão onde sempre fazia frio. A prisão para onde um dia tinham levado Ariane Narin por ter acusado o Rei de Arzallum de traição diante de sua Rainha. E onde seu pai, Golbez Narin, vociferou com Madame Viotti que a culpa de tudo aquilo era dela, que ela deveria ter sido queimada em praça pública e que, se um dia ela se aproximasse de Ariane novamente, *ele mesmo* a mataria.

Inverno era, portanto, um local de energia pesada, sombrio e carregado. Nenhum som existia sozinho, pois produzia eco. Um cassetete arranhando a parede, uma gota batendo em uma poça, um sapato caminhando em um corredor de tochas. E, se os sons comuns do mundo já se amplificavam por si só, imagine como eram os gritos. Fossem de angústia, de flagelo ou de reflexos de punição, eles se espalhavam em intensidade crescente, como as ondas de um mar em que ser humano algum gostaria de navegar.

Além disso, Inverno tinha uma arquitetura que se dividia em níveis. Do primeiro e do segundo, onde havia celas, nasciam os gritos de angústia e de flagelo.

Do terceiro, onde havia salas com ganchos, nasciam os de punição.

Era para lá que Sabino caminhava naquele início de noite, acompanhado de dois soldados. Aquele não era o professor Sabino. Não era o investigador, e nem de longe o candidato a romancista.

Aquele era Sabino von Fígaro, o líder dos Cavaleiros de Helsing.

Para quem o conhecia, a transformação já se mostrava na face. Não havia o sorriso cínico, o foco do olhar se mostrava mais distante e as frases abandonavam a ironia e se tornavam claras e diretas, como qualquer homem comum seria capaz de fazer, *se* capaz de mergulhar em um mundo como aquele. Um terceiro guarda destrancou uma das salas do subsolo ao observar a chegada do comandante dos cavaleiros vermelhos e Sabino entrou no recinto sem cumprimentá-lo, enquanto sua escolta permaneceu do lado de fora.

Lá dentro havia três pessoas. E um prisioneiro.

Duas delas eram Michael e John Darling, dois irmãos Cavaleiros de Helsing. O outro era Ruggiero, o estrangeiro promovido a capitão dos Caçadores de Bruxas após comandar as forças de Arzallum em sua aliança de Órion contra Górdio.

O prisioneiro na verdade era uma mulher. Estava sentada em uma cadeira, com os braços para trás e o que um dia foi um saco de batatas lhe tapando o rosto. O corpo estava molhado, o que já seria ruim em qualquer local de Andreanne à noite, mas ainda mais no interior de uma prisão chamada Inverno.

- Capitão... – saudou Sabino.
- Comandante – devolveu Ruggiero.

Sabino fez um sinal com a cabeça e Michael retirou o capuz improvisado com o saco de feira, revelando a figura de uma senhora de roupas sujas e rasgadas. Dois detalhes, porém, saltavam imediatamente: a pele de partes reptilianas e o cheiro de excremento. Em meio a uma pele esburacada que lembrava a pele humana, determinados pontos apresentavam placas sólidas e escamas córneas. Os dentes eram amarelados e alguns pareciam ter sido serrados para ficar pontiagudos, o nariz era alongado e apontado para cima, projetando as narinas, e os dedos retorcidos com unhas grandes lembravam as garras de gaviões. O cheiro de urina era fortíssimo, mas a visão da velha-jacaré era tão perturbadora que seu odor ficava em segundo plano.

Sabino puxou uma cadeira vazia e se sentou na frente dela.

- Você sabe quem eu sou? – perguntou Sabino.
- Um homem morto... se eu continuar viva... – respondeu a prisioneira, com uma voz que arranhava o ar.
- Não, eu sou o homem que te mantém viva por *ainda* não dar a ordem para sua morte.

Eu disse, *esse* Sabino você não conhece tão bem. E, se um dia conhecer, é porque está em maus lençóis.

– Soube que você gosta de crianças – continuou ele. – Gosta de raptá-las, e fazer *coisas* com elas.

- *Boneca de pano é gente* – comentou ela, como se realmente fosse.
- É isso que elas são pra você? Fetiches?
- *Sabugo de milho é gente...*
- É isso o que elas são pra vocês? Sabugos de milho e bonecas de pano? – perguntou Sabino, inclinando o corpo na direção dela e focando o olhar nos olhos cheios de veias estouradas. – Alimento e diversão?

– Ah, sim – concordou ela, sorrindo. – *O sol nascente é tão belo...*

O punho de Ruggiero correu em uma linha reta *estalando* o maxilar da prisioneira. Foi um golpe rápido, espontâneo e imediato. Uma gosma de sangue escapou, deixando um escarro no chão já manchado. Nas mãos dos irmãos Darling descansavam agulhas em forma de gancho, presos por um fio nas pontas.

– Sabe uma coisa que eu sei e você não sabe que eu sei? – perguntou Sabino, como se nada tivesse acontecido. – Que você já foi uma ótima caçadora, mas a idade te venceu. Você não é mais tão veloz ou tão astuta quanto já foi um dia. Em outras palavras: nós vimos as pegadas que não eram suas e nem de crianças na trilha até a sua caverna, nós vimos os frascos com sangue e as mutilações no seu cativeiro. E nós sabemos que durante os últimos tempos você *contratou* alguém. E

eu tenho uma ideia de quem é o laçao que gente como você utiliza. Então é por isso, é *só* por isso, bruxa, que eu sou o homem que *ainda* te mantém viva. Porque eu sabia que, em algum momento, você teria uma informação de que eu precisaria.

– Cuidado comigo, velho – devolveu a mulher-réptil, saboreando o próprio sangue e a própria ameaça. – Eu sou malvada... e, se eu ficar zangada... eu te pego daqui... se eu ficar irritada... eu te pego de lá...

As duas palmas de Ruggiero zuniram uma de cada lado da orelha da velha, pressionando as laterais do crânio, e reverberando um trovão dentro da cabeça da prisioneira. Um zunido se sobrepôs à audição normal, dificultando a compreensão do mundo por um momento. A audição parcialmente debilitada tirou o seu equilíbrio e ela bambeou na cadeira. Enquanto o mundo girava para a aprisionada, Michael e John enfiaram os pequenos ganchos com corda em cada narina dela, esperaram sangrar e então puxaram de maneira brusca, rasgando dois pontos da pele de uma única vez.

– Eu sei que você acredita que essa vai ser uma longa noite, mas não vai – definiu Sabino. – Porque eu tenho pouco tempo, porque esses homens aqui são os piores para lidar com coisas como você e porque todos eles têm simpatia por crianças. Então, o que eu posso lhe dizer, bruxa, é que, em pouco tempo, você *vai desejar* estar morta. Mas nós não vamos te matar. Nós vamos fazer você *desejar*. E é aí que você vai me contar como você faz para se comunicar com o necrófilo que levava os infantes. Que horas, que locais, que maneiras de pedir o trabalho. E então, e só então, eu vou decidir se você merece morrer.

Os três presentes estalaram os ossos e alongaram os músculos. Aquele não era o melhor trabalho do mundo, mas precisava ser feito.

Afinal de contas, aquele era um mundo onde bonecas de pano eram gente.

Onde sabugos de milho eram gente.

Bruxas no Inverno, não.

40

Axel e Jareth saíram da aldeia que lhes apontava o caminho a ser seguido, dirigindo-se para o centro da ilha de Luggnagg. Ao longo da trajetória, era possível se notar que aquela aldeia não era a única local, na verdade ela se tratava de apenas uma dentre várias que se posicionavam ao redor da área para onde caminhavam.

Aldeias que circulavam o cerne de uma ilha que simbolizava a entrada de Mantaquim.

Aldeias que circulavam o Dédalo.

Era possível avistar a região lendária de longe apenas pela diferente luminosidade e, acredite em mim, você iria se emocionar apenas por se aproximar dela. Se ao redor o cenário era terra e vegetação, a região denominada apenas pela clareira era brilhante e dotada de cristais de rocha. O solo transparecia nitidez, uma pureza justificada por seu próprio conceito de concepção. Conforme eles se aproximavam, porém, a fantasia se tornava ainda mais intensa.

– É impressão ou não existem tochas iluminando esse lugar? – perguntou Axel, hipnotizado.

– É uma das características únicas do Dédalo – confirmou o gnomo. – A luz daqui vem do solo cristalizado e em consequência *nunca* se escurece.

A clareira luminosa era composta de caminhos cheios de emaranhados, delimitados por rochas cristalinas de diferentes tamanhos e simetrias, geradas pelo superaquecimento oriundo do núcleo central de Nova Ether.

Os mais céticos dirão que isso significaria a solidificação do magma no interior da crosta.

Já os mais fiéis, a manifestação da energia feérica dos Devas.

Independentemente se você é uma pessoa de ciência ou de fé, se chegou até aqui, você compreenderia o privilégio apenas de se observar um local como aquele. Ali não era como o Nunca, um local fantástico, mas seletivo. Não era como a Terra dos Gigantes, Brobdingnag, um local fantástico, mas inacessível. Não era como a Terra de Oz, um local fantástico, seletivo e acessível, mas intimidante.

Aquele era um local fantástico e acessível, criado para provar à humanidade que existem forças capazes de gerar feitos extraordinários e nos fazer tocar em dimensões que o mundo material não pode alcançar. Não havia muros, nem guardas, nem monstros. E na sutileza trazida pela simplicidade coexistia tudo que unia o ser humano que buscava a verdade pela ciência, e o homem que buscava a verdade pela fé.

Pois a imaginação que os intermediava ali era palpável.

E o devaneio era a verdade.

– E eis que você chegou *mesmo* até aqui – disse uma voz feminina ao lado de Axel, caminhando com ele como se ali estivesse por todo o tempo.

– Por mil moedas – exclamou Jareth, em um raro momento de surpresa por parte do gnomo.

A recém-chegada era uma mulher de olhar felino e pele de ébano, na aparência reforçada pelo cabelo crespo composto de fios achatados em formato de fita e que produziam uma cascata de cachos longos. Ela vestia uma túnica de estampas

geométricas coloridas, com brincos grandes de couro e colares de miçangas e sorria exibindo dentes tão brancos que pareciam pintados à mão. O efeito da claridade refletida na pele negra gerava uma figura quase etérea.

Poderia se dizer que o brilho da pele dela era um reflexo da luminosidade emanada do solo do Dédalo, mas isso seria mentira.

Porque a luz daquela mulher era própria, e vinha de dentro dela.

– Mas, senhorita, *quem*... – tentou perguntar o gnomo.

– Ela é Yama – revelou Axel, direto. – A Fada do Crepúsculo.

Ele olhava para ela como uma pessoa olharia para uma professora de sua infância que ela reencontra anos depois, e aquele olhar era autoexplicativo.

– Então você se lembra – acrescentou ela.

– Existem momentos que foram escritos para não serem esquecidos.

Ao perceber que era um intruso no momento daqueles dois, o capitão gnomo Jareth se calou por completo, colocou as mãos para trás e deixou que eles andassem à sua frente apenas como o mero espectador privilegiado que todos nós também seríamos em seu lugar.

– Sua Alteza... lady Yama... percebo que o momento entre ambos não me cabe e, a partir do instante em que nosso príncipe se mostra bem melhor acompanhado, peço que fiquem à vontade. Eu vou estar vos esperando quando concluírem seu encontro.

Axel fez um aceno para o gnomo, que poderia ser interpretado como um entendimento ou como um agradecimento.

– Gnomos... – murmurou Yama. – Ainda a raça mais gentil de toda Nova Ether.

O gnomo se sentou em uma das pedras cristalinas, mais afastado. Axel e Yama continuaram seu caminho.

– Há tempos não nos vemos – disse o príncipe. – Na verdade, nem mesmo sabia se um dia a veria novamente.

– Sete anos – concluiu ela, ainda caminhando ao lado deles.

– Para mim ou para você? – perguntou ele, em meio a um sorriso que expressaria cinismo, se não expressasse inteligência.

– Para você – confirmou ela.

Os pés descalços de Axel tocaram o solo luminoso do Dédalo pela primeira vez e o resultado foi... intenso. Uma energia ardente lhe tomou as solas dos pés e subiu pelas pernas, escalou sua coluna vertebral e pareceu sair do seu corpo expirando pelos poros.

– Isso foi forte – exclamou o príncipe de Arzallum.

– Você se acostuma – disse a fada. – Vai alinhar seus centros de energia.

O caminho de pedra lembrava um labirinto de cristal. Espelhados pelo cenário, contudo, os aldeões da raça struldbrug estavam longe de parecerem perdidos, alternando tarefas tão comuns como varrer determinados pontos ou transportar comida e bebida em carrinhos de mão. Eles se espalhavam pelo local conversando pouco entre si, lembrando monges realizando tarefas designadas.

– Não sei o quanto posso lhe perguntar exatamente sobre isso, Yama, mas... depois daquele dia... quando você me apareceu no alto da torre, após me *testar*... você esteve comigo em outros momentos?

– Sim – admitiu ela. – Eu estive quando você seguiu minhas instruções e recebeu o unicórnio negro. Eu estive lá quando você lutou na Arena de Vidro. Eu estive lá quando você disse a ela que tinha uma noiva prometida e precisava cumprir seu destino.

Axel engoliu em seco. Uma parte pela revelação, a maior parte por certa insegurança de se imaginar observado em situações comuns por um ser superior capaz de julgá-lo, abençoá-lo ou puni-lo de acordo com suas atitudes.

– Espero não tê-la decepcionado...

– Não se preocupe com isso, príncipe. Ao menos, mesmo quando erra, você o faz dando tudo de si.

Axel não entendeu se aquilo era um elogio ou uma crítica passiva-agressiva. De repente sorriu, franziu a testa e perguntou:

– Você me viu *mesmo* lutar na Arena de Vidro?

– Desde o início – assumiu ela, refletindo certo prazer na revelação. – Na verdade, *quem* você acha que convenceu Ruggiero de que era seu destino cruzar continentes para representar Ofir diante do ocidente?

Axel travou e perdeu a voz. Memórias escondidas em recônditos de seu subconsciente de repente lhe invadiram a mente, assaltando seus pensamentos com situações tão vívidas que ele podia sentir até mesmo o cheiro dos jardins onde elas aconteceram.

Eu não compreende, a princípio, porque estava em meu dharma cortar oceano e vir até terras ocidentais.

A voz de Ruggiero lhe retornava vívida, como se ele estivesse ali. Como se aquele momento entre eles estivesse escrito e imortalizado e pudesse ser revivido quantas vezes fosse preciso.

Eu não saber por que ter sido eu o escolhido para representar meu povo.

O choque lhe desalinhou os centros de energia e Axel se sentiu tonto, prestes a tombar sem mais noção de equilíbrio. A energia luminosa que vinha do solo cristalizado agiu novamente lhe escalando o corpo físico e ajustando o corpo etérico.

Nem compreender por que ser eu a lhe enfrentar em momento tão importante na história do mundo.

– Você *o convenceu*... pelo Criador, você foi quem o convenceu...

– Você me parece mais surpreso do que eu esperaria.

– Eu? Eu até mesmo *falei* de você pra ele – balbuciou Axel, ainda com os pensamentos tomados. – Eu contei a ele que você tinha me testado e tinha me ensinado lições de humildade...

– Você falou meu nome para ele?

– Eu... – Ele parou e pensou um pouco. – Não, ele não deixou. Ruggiero me cortou quando comecei a descrevê-la, afirmando que eu estava me concentrando nas características erradas.

– Ele fez bem. Afinal, como dizem as fadas, não faz diferença o dedo que aponta uma direção. Pois tanto o dedo que tiver joias quanto o dedo que tiver calos...

– *Será visto simplesmente como um dedo* – completou Axel, sem saber se estava diante de uma conclusão feérica ou de uma recordação humana.

Yama suspirou. Ela estava se divertindo.

– Fada Yama... – iniciou Axel, olhando para baixo, como uma pessoa incerta. – Você me permite lhe fazer mais uma pergunta?

– Diga, Axel Terra.

– Os seus desígnios envolvem a mim, ou não apenas a mim?

– Meus desígnios envolvem você e as pessoas ao redor de você.

Axel não soube como reagir àquela resposta.

– No sentido de que elas cumpram propósitos em relação a mim?

– No sentido de que estimulem *você* a cumprir seu propósito – respondeu ela.

Novamente, Axel não soube como reagir àquela resposta.

– E isso acontece com *todas* as pessoas?

– Pensei que quisesse me fazer *uma* pergunta.

Axel ficou pálido, parecendo um estrangeiro que ofendia alguém por ignorância de costumes locais.

– Me desculpe, você tem toda razão...

A fada Yama riu. Era fascinante ver um príncipe real fragilizado.

– Eu estou apenas mexendo com a sua cabeça, príncipe – admitiu ela. – Mas eu entendo sua questão. Você quer saber se todas as pessoas possuem fadas de prontidão para guiá-las ao longo da vida. E a resposta é: não. Nem todas as pessoas são destinadas a grandes feitos, ou esses feitos não seriam grandiosos, mas comuns. A raça feérica na verdade brinca em um quebra-cabeça do qual nem sempre temos todas as peças, e nem sempre conseguimos formar a figura final que esperávamos.

– Por conta do livre-arbítrio?

– Pense, Axel Terra: se você nesse momento quisesse dar cabo de sua vida, você pode. Ache uma árvore, e pronto, sem mais responsabilidades, sem mais débitos, sem mais dores a princípio, certo?

Axel acenou positivamente, por não saber qual a resposta correta, ou se havia uma resposta correta.

– Mas você imagina o impacto que esse ato causaria? Quantas pessoas nós esperaríamos que a sua vida afetasse em momentos que você simplesmente não vai estar lá mais para viver? No nosso quebra-cabeça vai sobrar um buraco, negro como o buraco deixado por peças que não farão sentido sem a sua. Quando Primo Branford morreu, Anísio teve de assumir a responsabilidade, Arzallum teve de assumir o débito, você teve de assumir a dor. E nós tivemos de reajustar o quebra-cabeça com as peças que restaram. E, ainda que exista uma figura no final, ela jamais vai ser a mesma que seria se ainda contivesse todas as peças, compreende? A responsabilidade, os débitos, as dores, eles não morreriam com você, apenas seriam transferidos para novas peças, que talvez tivessem outros propósitos que não o de substituírem uma peça que sempre lhes fará falta.

Ele aquiesceu mais uma vez. No cenário labiríntico, Yama ia guiando Axel como se soubesse exatamente para que ponto eles estivessem seguindo. Eles caminharam em silêncio por um tempo, enquanto ela lhe deixava absorver palavras que pesavam como chumbo.

– Por que meu caminho se cruzou com o de Maria Hanson? – perguntou Axel, de repente.

– Porque seu caminho precisava se cruzar com o de João Hanson.

Axel parou e olhou para ela de lado, como se tivesse ouvido algo sem sentido.

– Isso não faz sentido – afirmou. – Eu já conhecia João Hanson do treinamento de candidatos de escudeiros, e já havia notado seu potencial.

– Então encare seu encontro com Maria Hanson como um presente feérico por um teste bem-sucedido.

Axel suspirou. Ele tinha vontade de gritar, apenas para colocar para fora a impotência trazida pela consciência de um ser humano que *jamais* seria capaz de entender todas as vontades ocultas pelos desígnios traçados por um Criador.

– Sabe, talvez ela seja mesmo – admitiu ele. – Maria Hanson é intensa em tantos sentidos que quase não consigo olhar diretamente para ela, como o Sol.

– A questão é: você a ama ou você está apaixonado por ela?

– Qual seria a diferença entre amor e paixão?

– Amor é dar de si. Paixão é querer pra si.

Axel teve de pensar sobre aquilo. E lutar consigo próprio pela real resposta.

– Então acho que ambos.

Yama aquiesceu essa vez, como se esperando por aquela resposta.

– Os Hanson fazem parte do tipo de pessoas destinadas a feitos, não é?

– Sim. A escuridão tenta aniquilá-los desde os primórdios. Não à toa, quem vigia e tenta proteger seus passos é Strix, Fada da Morte. Ela estava lá quando Hígor Hanson aceitou entregar sua alma para salvar a vida de João Hanson na primeira vez. Ela estava lá quando Ariane Narin negociou com Beanshee para salvar a vida de João Hanson na segunda vez. E ela *ofereceu* o acordo a João Hanson para que ele salvasse a própria vida na terceira vez.

Os pelos de Axel se arrepiaram somente ao pensar sobre aquilo.

– As três feridas – disse ele, sentindo palpitações. – Ele passou pelas três feridas!

– Sim – confirmou Yama, como se o *desafiasse* a fazer a próxima pergunta.

A pergunta que os levou até ali. A pergunta feita por milhares de semideuses ao longo de períodos de tempo que pareciam séculos.

– João Hanson é o verdadeiro Pendragon, Yama?

Foi a primeira vez que Axel Branford a viu vacilar, mesmo por um breve instante. A primeira vez em que ele a viu parecer humana. Mesmo que por um breve instante.

– Nem mesmo nós sabemos ainda – respondeu ela, com uma sinceridade que poderia ser lida por todas as raças. – Nós só mexemos as peças e tentamos montar a figura no fim.

Os pelos de Axel continuavam arrepiados. Afinal, o fato de ela não saber a resposta mantinha viva a possibilidade que ele *ainda* temia mais do que uma coroa real.

– *Você* é o verdadeiro Pendragon, Axel Terra? – perguntou ela, bambeando as pernas dele. – Novamente: nenhum de nós pode dizer ainda.

Axel voltou a sentir a energia luminosa lhe tomando o corpo etérico, dessa vez lembrando uma anestesia. Um sedativo momentâneo para todas as responsabilidades, os débitos e as dores que apenas a suposição daquele questionamento trazia.

– E, se até o momento nós não temos a resposta, a pergunta então se torna: e se você for, estará pronto pra saber disso? E mais ainda: e se você *não* for, você estará pronto pra saber disso?

Axel ainda tinha de pensar sobre aquilo. E ainda lutar internamente pela real resposta.

Emile se foi junto com os últimos ainda presentes. Ao longo daquele dia, os meninos haviam sido separados em três grupos de dez. Dos cinquenta originais era isso o que havia sobrado: trinta garotos para testarem a sorte. O primeiro grupo ficou com Albarus, o segundo com Andreos, o terceiro com Jaú. Debaixo de um sol forte, os aspirantes a escudeiros passaram o dia carregando madeira, fazendo flexões e agachamentos, então carregando mais madeira, e fazendo mais flexões e mais agachamentos. Quando um deles vacilava e se atrasava em relação aos outros, o instrutor passava uma rasteira, virando o garoto do avesso. E ele recomeçava o processo.

Basicamente fora essa a rotina do primeiro dia, até que enfim terminou.

– O que acharam da safra desse ano? – perguntou João a seus cavaleiros auxiliares.

– Eles parecem promissores – disse Albarus.

– “Promissores”? – resmungou Andreos. – Se sobrarem dez ao final, eu já vou estar surpreso.

– O primeiro dia é sempre difícil – disse Jaú. – A gente sabe como é.

– Se o primeiro dia de vocês foi difícil, imaginem o meu – disse João.

Os três riram, porque eram amigos e tinham intimidade. Se não tivessem, teriam simplesmente se calado.

– Na verdade, João, nós nunca tivemos coragem de perguntar como foi o seu primeiro dia *depois* que se consagrou cavaleiro – assumiu Albarus.

João suspirou, compreendendo a dúvida.

De fato, a grande diferença dele para os outros escudeiros que se tornaram cavaleiros era que, após a consagração, ele continuou seu treinamento com o mentor original que o havia requisitado desde seu Tribunal de Arthur.

Não mais Rinaldo Grimaldi, o atual Capitão da Guarda Real.

Mas sim Lorde Wilfred de Ivanhoé, magistrado e um dos *originais* da histórica Caçada de Bruxas. O único lorde de Nova Ether a ter seu nome escrito com L maiúsculo, assim como R dos Reis.

Apenas isso já exemplifica o impacto de seu nome para a cavalaria.

Tomado como o primeiro discípulo de Lorde Ivanhoé em toda História, João passou não a ampliar seu conhecimento de batalhas corporais, mas a mergulhar em um estudo destinado a poucos, envolvendo rastrear bruxas, quebrar feitiços, negociar com fadas caídas, preparar poções, decifrar idiomas mortos e matar aberrações.

Um conhecimento destinado a caçar as Filhas de Bruja.

– O que eu posso dizer é que foi... intenso – resumiu João.

Os outros tinham consciência de que ele não podia revelar os detalhes, e qualquer um deles faria o mesmo em seu lugar.

– Mas quer saber? – disse Andreos, mudando o assunto. – De tudo hoje, o que me deixou mais surpreso foi você ter passado adiante o irmão do Costard. Achei que seria seu primeiro eliminado.

Eles riram mais uma vez, na intimidade que os faziam amigos.

– O garoto vai querer se provar pro irmão, e se provar pra gente. É capaz de que tente fazer mais do que os outros. Além disso, qual seria a graça de a vida me dar um presente desses e eu descartá-lo tão rápido?

– Certo... – disse Albarus. – Mas talvez seja uma forma de a vida querer apenas que a gente deixe o passado pra trás e siga novos caminhos.

– É bastante conveniente para você dizer isso.

Albarus olhou para Andreos de lado, repreensivo, como um dono olharia para o seu cachorro prestes a desobedecê-lo. João percebeu o detalhe e franziu as sobrancelhas.

– O que vocês dois têm? – quis saber.

– Nada – respondeu Albarus, lacônico. – É idiotice dele, pra variar.

– Sabe do que vocês estão precisando? – perguntou Jaú. – Boxing, bebida ou mulheres! Uma dessas coisas já ajudaria.

Eles riram.

– Vou pensar no seu conselho – admitiu Albarus. – Amanhã é meu dia de folga, mas o Born vem auxiliar o segundo dia.

– Ah, é? E o que você pretende fazer no seu dia de folga? – perguntou Jaú. – Boxing, bebida ou mulher?

Eles riram de novo.

– Na verdade, ele está ajudando a construir uma casa – revelou Andreos em um tom mais sisudo.

Albarus olhou atravessado para o irmão, como se não quisesse que aquilo fosse revelado, ou ao menos que fosse ele que fizesse a revelação.

– É sério isso? – perguntou João. – O senhor anda precisando de trabalho extra?

– Não é bem isso... – disse Albarus, um tanto sem jeito. – É pra ajudar um amigo, sabe?

– Conte a verdade – intimou Andreos.

Albarus fechou o punho na direção do irmão.

– Você sabe ser irritante, né?

– Caras, qual o problema, afinal? – quis saber João. – O que vocês estão escondendo de mim?

– Não é que eu *queira* esconder algo de você, João! – disse Albarus, se perdendo nas próprias palavras. – É que eu só não sabia como você ia encarar que...

– Ia encarar o quê? – irritou-se João.

– É que o novo amiguinho que ele está ajudando a reformar a casa é o Farmer – antecipou-se Andreos, contando de uma vez.

João levou um tempo para processar a informação.

– “Farmer”? – estranhou. – Farmer de “Hector Farmer”?

– Esse mesmo – confirmou Andreos, com um sorriso canalha.

– O *Veadinho Cute-cute*? – gritou João, abrindo os braços.

Andreos e Jaú começaram a gargalhar. Albarus ergueu os braços, como faz uma pessoa quando vê que algo foi por água abaixo.

– Tá vendo? – disse Albarus. – Era por isso que eu queria te preparar antes!

– Você tá de sacanagem que tá ajudando aquele cara a reconstruir a casa dele! – exclamou João.

– João...

– Sério, primeiro me aparece aqui o irmão mais novo do Costard, e agora você me solta a flecha de que virou amigo do parceiro dele?

– Eles não são mais parceiros, na verdade – corrigiu Albarus. – É que um dia eu estava em uma dessas tabernas de lenhadores, e o Farmer estava por lá, entende? Aí ele veio falar comigo, e, bem, eu tive essa mesma reação que você tá tendo, e entendo por que você esteja tendo. Como não? Afinal, eu estava lá no Concurso de Performances na Arena de Vidro quando ele e o Costard fizeram aquela provocação toda com o nome da Maria, e eu até mesmo subi com o meu irmão lá no palco pra acabar com o moral dele...

– Eu *realmente* fico feliz que você se lembre disso – disse João, irônico como nunca.

– Espera, deixa eu terminar – pediu Albarus. – Só que o cara estava meio acabado, sério mesmo. Ele me disse que tem consciência hoje de o quanto era um idiota quando a gente era mais novo. Ele se define apenas como *um cara que odiava*. Ele odiava as limitações dele, e todo o mundo limitado ao redor dele. Ele se arrepende bastante das coisas que fez, das brigas contigo, com Ariane, com tudo que fez a sua família passar. Sério, João, ele chorou na mesa na minha frente e disse que só não te pediu desculpas até hoje porque ele sabe que você não aceitaria. E ainda era capaz de quebrar a mão dele. De novo.

– Foi até pouco – murmurou João. – Devia ter quebrado a cara dele, igual fiz com o outro!

– João, você fez pior! O cara virou lenhador e até hoje chamam ele de *Veadinho Cute-cute*!

Jaú e Andreos voltaram a rir, sem remorso.

– Mas o que aconteceu foi que a piada cresceu quando *ele* se tornou a piada, e Hector acabou sem amigos. Sabia que a mãe dele morreu no segundo ataque a Andreanne?

João travou por um segundo.

– Eu nunca soube disso – admitiu ele.

– Pois é, nenhum de nós soube – continuou Albarus. – Ela estava no centro quando a guilda de mercenários atacou, aproveitando que o exército de Arzallum enfrentava Minotaurus nas Terras Mortas. O dia em que nós colocamos à prova o nosso treinamento, e você nos liderou para proteger a Rainha Branca Coração-de-Neve quando ainda éramos escudeiros.

– Impressiona como, mesmo tanto tempo depois, a gente ainda se surpreende com as histórias dos ataques a Andreanne – disse Jaú.

– Nem me fale – concordou Albarus. – Mas eu só estou dividindo isso pra vocês entenderem a minha posição, e por que eu parei pra ouvir o cara. Sabe o que mais ele me contou? Depois que o cara perdeu a mãe, ele tentou se matar.

Dessa vez nenhum riso, apenas silêncio.

– Ele tentou se enforcar em uma árvore, mas o galho não aguentou o peso. E ele se odiou por isso também. Então hoje ele é apenas um cara arrependido de um monte de coisa, sem amigos pra confessar até mesmo sobre os próprios arrependimentos. É o tipo de cara que falhou na primeira tentativa, mas, se a vida continuar a mesma, ele vai acertar em outra, entende? E esse é o tipo de coisa que a gente gostaria de saber?

Não, não era. Nunca é.

Nunca deveria ser.

– Eu quero dizer, João, é que... a gente não deveria ser *melhor* do que isso? Ou, do contrário, o que nós teríamos para ensinar a esses moleques querendo se espelhar na gente? Deixar alguém se matar por ressentimentos, sabendo que nós podemos impedir, não seria o mesmo que ajudar a tirar uma vida? Sabem o que ele me disse ter pensado antes de fazer aquilo? Eu não consigo tirar a frase da cabeça! Ele se perguntou: em um céu de um milhão de estrelas, quem se importa se mais uma luz se apagar?

João ainda não sabia o que dizer.

Senhor, pelo que eu e todos nós conhecemos de sua reputação, se o senhor me ordenasse que matasse sem motivo, o senhor não seria nosso líder.

Ou mesmo se havia algo a mais a dizer.

E muito menos, nosso herói.

– É uma pergunta intensa – disse João, enfim. – Da qual só nos resta viver em busca da resposta.

– Eu penso igual, irmão! E, vendo o estado embriagado e depressivo daquele cara naquele dia, eu resolvi ajudar ele a chegar na própria casa. E você não faz ideia do estado daquilo! Madeira podre, ninho de rato, teia de aranha. Sério, parece uma casa de bruxa! Então acabou que eu sugeri ajudar ele a reformar aquilo lá, antes que

caia na cabeça dele, e ele consiga o que o galho da árvore não quis fazer. Aí, quando sobra tempo, eu dou uma força pro cara, e a gente acabou ficando *quase* amigos, entende? E eu só não te contei isso antes porque... como disse... eu sabia que precisava explicar direito a situação e, bem, dizer que, se você estiver preparado para aceitar as desculpas dele, o cara está disposto a te pedir perdão e acertar as contas contigo.

Andreos e Jaú focaram em João, nenhum deles apostando em uma reação.

João permaneceu absorto nos próprios pensamentos por um longo momento. Até que:

– Quer saber, Albarus? – manifestou-se ele enfim. – Talvez *você* devesse ser o nosso cavaleiro-mor. Pelo visto até mesmo eu ainda tenho muito a aprender com você.

Eles sorriram um para o outro, como velhos amigos. Na intimidade que os faziam velhos amigos. E na alegria de homens que se tornavam melhores por serem amigos.

42

Aquela noite aconteceu em três partes. Vamos a cada uma delas.

42.01

A primeira envolvia Anna Narin. Mãe de Ariane, maga branca, integrante do *coven* de Madame Viotti. O crepúsculo já havia se dado e ela caminhava só, embora outros a observassem de longe. Vestia uma blusa de camurça longa, uma pulseira no braço direito, e uma túnica com capuz representando o *Manto de Ravena* de seu *coven*. Todas na cor vermelha, como a escolhida por Ariane em sua iniciação. O cabelo loiro por cima da combinação, reforçado pela luz difusa de uma lamparina, lembraria uma capa de um desses livros de fada que as pessoas costumam ler, se não fosse ela mesma a personagem de seu próprio conto sombrio naquele instante.

Na cintura dela se prendia um frasco de barro através de um cinto de cordas trançadas. Por fim, além da lamparina carregava uma boneca de pano bem rudimentar costurada às pressas com tecido e enchimento de palha. A figura de pano, porém, tinha uma função das mais sombrias e recebia até mesmo um nome próprio no meio das bruxas negras.

A boneca de retalhos.

Seria mentira que Anna Narin não caminhava em plena floresta com medo. Ariane não sabia o que ela estava fazendo, muito menos seu marido Golbez. Nenhuma magia de *proteção à travessia* poderia lhe proteger do que estava indo fazer; afinal, sua ameaça naquela noite não seria um animal, nem mesmo um homem. Mas sim um meio-termo entre os dois.

Se pararmos para pensar, e quisermos ser justos, podemos dizer que o que Anna Narin estava fazendo naquela noite era comparável a um ato de fé. Primeiro porque ela estava atendendo a um pedido de sua Alta Sacerdotisa, Lenora Viotti. Segundo, porque ela estava colocando a própria vida em risco em prol de um objetivo maior. Terceiro, porque ela estava atendendo a um plano traçado pelos mesmos caçadores que um dia a caçaram, e, nem mesmo naquele momento, estariam lá para protegê-la. E, se tudo isso não for suficiente para uma iniciada provar sua fé em sua Criadora, o que nós estaríamos fazendo aqui, certo?

Em meio ao mato escuro, tudo parecia mais intenso. O frio trazido pela noite, o frescor empurrado com o vento, o cheiro emanado da vegetação. Se um animal corresse pelos cantos e agitasse arbustos, ou saltasse de um galho a outro e balançasse árvores, a atenção era atraída imediatamente. A luz trêmula da lamparina mais lembrava uma metáfora de seu próprio temor, mas, enfrentando-os, ela seguiu a trilha de um rio até o lago que lhe serviria de referência, e encontrou a árvore que lhe fora indicada. Aquele era o lago, o *mesmo lago* em que Ariane parou aos nove anos para se hidratar e se viu pela primeira vez de frente ao lobo *marcado* que iria definir sua vida. O lobo que iria fazer o branco se tornar vermelho.

Ao menos até que o vermelho se tornasse novamente branco.

O lago que servia como uma referência ocultista e remetia a um amálgama de misticismo, contemplação e melancolia, representado principalmente pela figura de uma árvore rara.

A árvore associada às bruxas.

O salgueiro-chorão.

Com uma altura além dos vinte metros, a árvore se destacava mesmo na escuridão pela copa arredondada repleta de folhas caducas, espiraladas e espalhadas em ramos flexíveis tão longos que chegavam a tocar o solo. Anna Narin caminhou até ela de maneira pesada, arfando, assustada com a própria sombra. Ao ingressar em meio às folhas que lembravam uma reverência de uma entidade, ela se sentiu

sufocada por uma energia da qual queria se livrar o mais rápido possível. Assim ela tocou a casca pardo-escura e colocou a boneca de pano entre as raízes, com um vacilo justificado pelo tremor que ratificava o temor. Em seguida, desamarrou o frasco de barro da cintura e o deixou ao lado da boneca.

Ao sair debaixo da árvore, ela podia sentir que *ele* estava por ali. Assim como aqueles que os rastreavam e a vigiavam, o alvo também analisava seus passos, e memorizava seu rosto. A caça se igualava aos caçadores, que por sua vez transformavam a antiga caça em isca. Anna já havia se afastado do salgueiro-chorão, e achava que seu papel estava cumprido, mas então um acontecimento inesperado se fez.

O *serviçal* resolveu se mostrar a ela.

Saindo das mesmas sombras das quais ele parecia se moldar, o homem, se era um homem, manteve-se imóvel observando Anna Narin, como uma aparição. Roupas negras separadas entre calça, bota e sobretudo contrastavam com a pele pálida e aparência disforme, reforçada pela luz da lua.

A lua negra.

Se aquele homem-besta não fosse ele próprio um rastreador, bastaria que os Caçadores de Bruxas seguissem Anna Narin e atacassem naquela hora. Só que não se rastreia um rastreador em seu próprio território. Se os cavaleiros vermelhos estivessem ali, na floresta dele, ele saberia, fosse pelo cheiro, pelos vestígios, pela movimentação. Mas Anna Narin estava sozinha, e a criatura sabia que ela estava sozinha, como sabia que ela era uma bruxa legítima, fosse pelo cheiro, pela postura, pela atitude ou por um conjunto de tudo isso, vá saber de verdade.

Diante da aparição inesperada, a matriarca da família Narin gelou, e se manteve imóvel sem sentir o próprio corpo, como se já estivesse morta. Ele se aproximou, e ela não se mexeu, não porque não quisesse se mexer, mas porque o corpo não mais a obedecia. Como uma menina diante de um lobo, como uma mulher diante de soldados indignos da farda.

Ele a cheirou, como se ela fosse alimento. Fungou em seu pescoço, como se ela fosse o próprio pagamento. Ele podia respirar o pânico dela, e isso até mesmo o atiçava. Então a olhou nos olhos, lambeu os beiços e emitiu grunhidos que lembravam rosnados, e aquela cena jamais seria esquecida por Anna Narin.

O momento em que a mãe se sentiu a filha.

O momento em que a mãe sentiu *o mesmo* que a filha.

Deixando-a para trás e ignorando seu próprio instinto, como o *profissional* que ele havia se tornado, o serviçal sorriu para ela e seguiu para a árvore. Lá, ele apanhou primeiro o frasco de barro, o destampou, cheirou o conteúdo como faria um alcóolatra com vinho, e virou de uma única vez, se lambuzando em sangue humano. Ele não saberia, mas aquele sangue era de uma bruxa-réptil. Passada a

primeira parte do pagamento, ele buscou a boneca de pano e a rasgou com as unhas. Como de costume, dentro dela havia um pequenino pergaminho com um nome, o detalhe: *vivo*, um horário e um local de entrega escritos, além de um pedaço de pano com um cheiro. O cheiro de um *alvo*. Um objetivo a ser caçado para que ele pudesse buscar a segunda parte do pagamento, fosse mais sangue que o contratante lhe reservasse, fosse um pouco de sangue do próprio contratante.

Já Anna Narin correu para longe dali. Longe do terror, longe de novas memórias que intensificavam o horror das antigas, longe da caça que seus caçadores queriam caçar. Para trás, deixava um contrato de sangue firmado com um ser maligno que iria buscar um condenado em uma noite de lua negra. Uma rara noite de lua negra em que o condenado não era uma Narin.

42.02

A segunda parte da noite aconteceu próxima ao cais.

Ludens, o (hoje) estivador, se recolhia do trabalho em direção de sua casa no Bairro dos Arcos, como de costume. Dessa vez, porém, duas sutilezas se acrescentavam ao ato de rotina:

Ludens tinha consciência de que *algo* poderia lhe acontecer, e referente a sua vida.

Ele estava sendo observado por Cavaleiros de Helsing.

Baseado nisso, não era à toa que caminhava apreensivo, incerto, em busca de um motivo para o acovardamento. Entretanto, fugir e não cumprir um combinado (forçado, certo, mas ainda assim) com aqueles homens seria pior do que quer que eles se responsabilizassem em protegê-lo naquela noite.

Tinha deixado a pelo menos cem passos para trás uma rua de tabernas e vendedores ambulantes. Quanto mais o som da aglomeração se dissipava dele, maior o temor; afinal, seja lá o que estivessem esperando que lhe acontecesse naquela noite, aconteceria quando ele estivesse sozinho, ao menos aparentemente.

A parte mais difícil, portanto, era manter a tranquilidade, como se nada estivesse acontecendo. Envolto em casacos e cachecóis, por debaixo da roupa o suor do calor e do medo lhe encharcavam. Coração frenético, respiração dificultada, olhos em aberto. Se não fosse ele a isca, um transeunte poderia pensar que fosse ele a ameaça.

Passada meia hora de caminhada, inclusive por ruelas escuras e solitárias, Ludens enfim acendeu uma esperança interna de sobrevivência. Talvez *nada* fosse lhe acontecer. Ou talvez sim, se seus sentinelas já tivessem dado cabo dela, e então ele estava livre. Livre daquela noite de tormenta, livre daquela promessa indesejada. Livre como o voo noturno de morcegos que cruzavam o alto das ruas próximas à baía de Andreanne.

Na última viela entre ele e o Bairro dos Arcos, ele chegou até mesmo a suspirar. A praça com os arcos que davam nome ao bairro podia ser vista ao fundo. Os ombros se soltaram em alívio e ele estranhou uma quantidade de ratos correndo pelas quinas maior do que de costume.

Foi quando a besta atacou.

As pontas de oito unhas lhe perfuraram a carne do braço direito, oriundas do que deveria ser um pedaço de escuridão de uma sombra, mas, na verdade, era algo vivo. O corpo de Ludens foi arremessado para a parede com uma violência tão grande que seu ombro direito saiu do lugar. Ele gritou de dor. Seu atacante se aproximou e ele pôde ver seu rosto. Então gritou novamente, dessa vez de horror. Nas mãos, o homem-monstro cheirava um pano com seu cheiro, oriundo de um lenço pessoal *solicitado* a ele por Sabino von Fígaro.

Aos olhos de Ludens, ele era alto e com membros desproporcionais maiores do que deveriam... não, não apenas aos olhos de Ludens, mas uma pura constatação da realidade. Pele pálida, cabeça careca e mãos desproporcionais, orelhas esticadas, protuberância dentária sobressaltada. Cheiro de cadáver, mas vivo. Era ele, o monstro que Maria Hanson havia descrito a Madame Viotti. O serviçal que havia dormido em suas memórias, aterrorizando seus pesadelos pelos cantos, sem que ele nem mesmo percebesse que ainda estava lá.

O conde feroz conhecido entre as bruxas como *Nosferatu*.

Ainda que em meio a uma dor prestes a apagá-lo, Ludens se manteve consciente na esperança de que uma flecha cruzasse o ar e perfurasse a cabeça da aberração. Ou uma rede caísse do alto de uma construção. Ou que ao menos uma voz de comando de alguém que soubesse o que estava fazendo ecoasse pela viela, reacendendo a esperança deslocada com força em um único golpe.

Só que o socorro não veio.

Afinal, se não quisessem ser notados por uma criatura que fazia aquilo há tanto tempo, eles não podiam segui-lo tão de perto.

Como consequência de tudo isso, Ludens desmaiou e poderia ter sido devorado ali mesmo, e mesmo isso estava dentro de um risco planejado por Sabino von Fígaro, o que seria lamentado mais tarde, com certeza, mas não surpreendente. Contudo, Sabino apostava suas fichas em outra reação: no cumprimento do contrato solicitado por Anna Narin.

O acordo de que ele o levaria até ela.

Foi diante dessa expectativa e dessa possibilidade que os dados da probabilidade foram rolados.

E o acerto de Sabino, crítico.

O que se deu em seguida naquele beco foi estarrecedor. O corpo alto e raquítico iniciou uma metamorfose, o apêndice nasal assumiu uma forma de lança, e entre os dedos e abaixo dos braços começaram a se esticar diversos patágios, membranas que se ligavam aos membros como instrumentos de voo, além de um rabo sem pelos. A figura que sobrava era um híbrido de homem e morcego, que agarrou o corpo desfalecido e galgou os céus em um voo torto em direção à mata escura.

Um local para onde, dessa vez, sim, o jovem Ludens teria socorro.

Se sobrevivesse até lá.

42.03

Passava um pouco da meia-noite. O horário escrito no pergaminho.

Anna Narin estava de pé, na frente da mesma árvore, vestindo as mesmas roupas. A única diferença era a de que o frio havia aumentado, e, dessa vez, ela vestia o capuz do Manto de Ravena.

Dessa vez, a mãe vestia o chapéu vermelho.

Abraçando-se a si mesma, ela buscava manter o controle dos próprios nervos. Mordia os próprios lábios, coçava-se, esfregava-se, cravava na pele as próprias unhas. Tudo o que a mantivesse sã, consciente, ativa e desperta. O choque anterior trazido pela revelação inesperada do homem-monstro dificultava o processo de espera, pois a visão era persistente, jamais esquecida, constantemente lembrada.

Então, no céu da lua negra, Anna Narin viu a besta se aproximar em seu voo torto, dessa vez em uma forma de morcego humano ainda mais horripilante. Ela voava sem emitir som, agitando as membranas e carregando um corpo humano nas patas. E, quanto mais próximo dela, mais ela sentia vontade de correr, de gritar, de desaparecer. Sua situação inicialmente era bem parecida com a de Ludens, uma pessoa comum, entregando sua sobrevivência a uma força externa quase como um ato de fé. *Nesse ponto* era parecida. O cenário, porém, agora era bem diferente, vou explicar o porquê.

Primeiramente porque, *dessa vez*, Nosferatu não iria fazer um rastreamento da área ao redor antes de se mostrar. Uma bruxa legítima havia feito um contrato, ele a havia apavorado, a primeira parte havia sido paga, o alvo coletado, e ela estava lá para a parte final.

Nada que ele já não houvesse feito centenas de vezes.

Nada que ele não *acreditasse* que já houvesse feito.

E, segundo, porque Ludens era um sacrifício que seria lamentado, mas não era essencial para os planos de Sabino von Fígaro. Anna Narin, não. Ela era a mãe de Ariane, sogra de João e Maria Hanson, integrante do coven de Madame Viotti. Em outras palavras: *ela* era uma pessoa com quem ele se importava. E não aceitaria que fosse ferida jamais.

E, por isso, ao contrário de Ludens, o socorro veio para Anna Narin.

Foi no voo em diagonal descendente que a primeira seta enfim zuniu.

A flecha cortou a uma velocidade de mais de quarenta metros por segundos, arremessada por uma besta nas mãos do primeiro caçador. Outras cinco partiram quase em seguida. Em trajetórias aceleradas ainda mais difíceis de se ver na noite, as pontas de algumas atravessaram partes das membranas metamorfoseadas, e o voo da criatura se tornou ainda mais bambo até a queda em um tronco de árvore, onde ela soltou o corpo que carregava, e fez um estrondo ao bater no solo.

Aquela era a chance, uma rara chance, e os cavaleiros vermelhos foram em fúria.

Espalhados, eles não chegaram ao mesmo tempo. O primeiro cavaleiro vermelho a visualizar o inimigo se levantando tonto, buscando um ponto de fuga, resolveu erguer a besta e tentar mais um tiro. Preparado dessa vez, Nosferatu escapou da seta e correu para cima dele em quatro apoios como um bicho. Outras flechas lhe rasgaram partes do corpo na corrida, mas, se a adrenalina é capaz de fazer um homem comum ignorar a dor, imagine em um homem-bicho. O cavaleiro mirado vestia uma armadura vermelho-sangue, que acabava destacando-o no cenário. Nosferatu saltou e apenas seu peso foi suficiente para derrubar o caçador no chão, deixando que o elmo de proteção lhe saísse da cabeça e revelasse o rosto de Michael Darling. Um golpe marcou três riscos em um lado da face humana, outro arrancou pedaços de carne do nariz. O rosto de Michael se tornou uma face de sangue escorrido e, quando o terceiro golpe iria atravessar o centro da sua face, Nosferatu *gritou*. A dor vinha de três ganchos conectados a uma corrente que se cravaram na região entre o pescoço e o ombro. Do outro lado, dois caçadores. Ambos puxaram a corrente com violência, e o corpo do conde feroz foi sugado para longe, enquanto ele rodopiava no ar e sentia o ombro se *rasgar*. Mais dois caçadores surgiram, brandindo bestas. Ainda na forma de morcego humano,

Nosferatu tentou voar, mas as flechas voltaram a lhe furar. Ao bater no chão, a forma retornou ao mais próximo da que era conhecida.

Só que os olhos dele ficaram vermelhos.

E ele começou a uivar.

Os caçadores ainda de pé pensaram em atacar com lâminas e finalizar com aquilo, mas uma voz de comando surgiu e parou o mundo.

– Não – foi a primeira ordem, cessando qualquer ataque. – Retirem o ferido e os dois civis. Então abatam os *lobos*.

– Nosferatu nos deixe... – disse uma segunda voz.

A primeira era masculina; a segunda, feminina.

A atenção foi atraída para onde as vozes vieram. Do fundo do cenário, como semideuses plasmados da névoa, eles se apresentaram caminhando devagar como se aquela situação não fosse mortal por si própria, apenas após suas chegadas. Os dois maiores líderes do cenário militar de Arzallum, na guerra aberta ou na guerra velada. As duas lendas dos contos de batalha nos tempos de guerra, e dos contos de amor nos tempos de paz.

O casal mais mortal e temido em todo o continente do Ocaso.

Ruggiero & Bradamante.

Sem questionar, os Cavaleiros de Helsing armaram novas bestas e saíram do campo de ação, buscando os arredores de onde mais uma visão aterradora para uma única noite aconteceu: a chegada dos canídeos selvagens. De longe, já se contava pelo menos uma dezena. Pelos acinzentados, baba de raiva, caninos à mostra, olhos de sangue. Eram lobos, lobos da mata respondendo ao comando, como faziam seus caçadores.

Enquanto as flechas começaram a zunir diante do ataque da alcateia em frenesi, e enquanto Michael e Ludens, se ainda havia Ludens, eram resgatados, o cenário de combate central se tornava palco para os dois maiores de Arzallum.

Apesar de detalhes que o diferenciava dos outros, como as ombreiras e manoplas acinzentadas, Ruggiero ainda vestia uma variação da armadura vermelha, sem o elmo. O cabelo estava mais curto, terminando nos ombros. Na cintura, um chicote.

Bradamante vestia a armadura branca, com um corselete de couro por baixo das placas de metal, também sem o elmo que lembrava a cabeça de um dragão. A armadura do campeão de Arzallum, a mesma que ela usou para liderar um exército diante de uma batalha eternamente recontada, que estremeceu gigantes. Por fim, uma espada de duas mãos cuja ponta deixava se arrastar pelo solo ao carregá-la com uma só.

– Você é nosso, conde – disse ela, sorrindo, como se aquilo fosse simples. E fácil.

Nosferatu agarrou um pedregulho e o arremessou na direção da mulher. Bradamante entortou o corpo para deixar o projétil passar sem muito esforço, enquanto avançou em corrida para cima do conde Orlok.

Mulher e besta correndo de encontro ao outro, e, quando a espada dela cortou o ar na direção dele, o corpo dele sem aviso se tornou névoa, e voltou a uma forma corpórea *atrás* dela. Os caninos se esticaram, estimulados pela nuca descoberta.

Na verdade, para outras pessoas, ao menos entre as sensatas, enfrentar um ser fascinado por sangue sem elmos seria considerado um ato de loucura, para não se dizer estupidez.

Mas para aqueles dois, bem, você pode chamar de autoconfiança.

Ou consciência da própria superioridade.

Nosferatu saltou para as costas de Bradamante no que seria piscar de olhos para as pessoas comuns, minutos para as de guerra. O tempo em que se escutou o *estalar* de um chicote de tira única quebrar a barreira do som e, lembrando uma cobra, se enroscar no pescoço do monstruoso. Ruggiero girou o corpo e o chicote enforcou e rodopiou o corpo de Nosferatu como um peão, quicando no solo mais de uma vez. Em todo o momento, Bradamante não havia nem mesmo olhado para trás. Ainda no chão, Nosferatu observou a dupla de pé. Antes que eles o atacassem, novamente, o monstruoso decidiu avançar sobre ela. Correndo como um felino, em vez de névoa, ou de uma única forma de homem-morcego, dessa vez seu corpo se dividiu em uma nuvem de pequenos morcegos equivalentes a sua massa corpórea. Como se fosse possível enfrentá-la, Bradamante avançou com a espada, prestes a *cortar*.

Então o chicote dançou novamente. *Slash, slash, slash, slash*. Quatro desenhos no ar em forma de onda sonora, que tiraram a noção de equilíbrio e devolveram a forma física a Nosferatu *antes* que Bradamante lhe passasse a lâmina.

Aquele foi o primeiro corte.

Irado, Nosferatu percebeu o rasgo no próprio abdome e *rosnou*. O chicote avançou de novo e a besta tentou agarrá-lo por reflexo, resultando em seu braço ficar enrolado. Nosferatu tentou puxar e tomar o chicote de Ruggiero, mas o guerreiro oriental travou a tentativa com a outra mão; esticou a corda de couro e murmurou palavras antigas no vento.

E a arma se acendeu em brasa.

Um rastro de fogo correu pelo instrumento, *carbonizando* o braço do conde Orlok, que soltou o chicote. Nosferatu *gritou*. Como se não quisesse mais fazer parte da batalha, Bradamante se ajoelhou e baixou a espada. O chicote de Ruggiero cortou o ar novamente, deixando brasas pelo caminho, e se enroscou na cintura de Nosferatu, assustado. A tira em chamas queimou o plexo e então as roupas começaram a pegar fogo.

Foi a vez de Bradamante murmurar palavras ao vento.

Ruggiero fez mais um movimento de giro, dessa vez com as duas mãos, e um *kiai*. O corpo do conde de ódio subiu e girou no ar mais uma vez naquela noite, dessa vez em chamas.

Ao mesmo tempo, a lâmina da espada de Bradamante esfriou a graus negativos, como se o aço fosse um iceberg.

E a Matadora de Gigantes partiu para desferir um golpe de baixo para cima com uma lâmina congelante em um inimigo que pegava fogo.

Quando o corpo do conde Orlok bateu novamente no chão, não havia mais forças e mesmo uma entidade acostumada a matar sabia que ali não haveria vitória. Ao redor, apenas os ecos dos últimos lobos abatidos pelos Cavaleiros de Helsing.

– Flecha – exigiu a major.

John Darling, que havia acudido o irmão, arremessou uma besta armada para ela. Bradamante a agarrou sem titubear, ergueu a arma até o ombro e fez a mira. Conde Orlok quis gritar pela última vez.

A flecha no peito, servindo como estaca, lhe impediu.

No cenário que sobrava, Michael Darling ficaria com eternas cicatrizes de batalha. Ludens sobreviveria, mas perderia seu emprego pela impossibilidade de trabalhar com um braço, uma tíbia e três costelas quebradas. Havia ainda alguns dentes em falta e buracos na pele, mas isso não o impediria. Pela contribuição aos interesses reais, porém, ele e sua família teriam garantidos ao menos um ano de isenção de tributos e comida custeadas pela Coroa Real, o que ainda lhe seria um bom negócio.

Já Anna Narin, nenhum arranhão.

Ao menos dessa vez os caçadores estavam lá para resgatar a mulher de chapéu vermelho.

De fato, o mundo havia mudado.

Missão cumprida.

43

O amanhecer pareceu uma metáfora quando trouxe a visão do futuro.

– Terra a bombordo! – gritou o capitão de areia, o adolescente órfão Twist, com a luneta no alto do Jolly Rogers. – Terra a bombordo!

A porta da cabine do capitão se abriu e Snail Galford e Liriel Gabbiani saíram juntos.

Gritos daquele tipo costumavam ser acompanhados com excitação pelo resto da tripulação daquele navio, mas, naquele caso, essa comoção foi além. Pois dessa vez, toda a tripulação correu para o lado esquerdo do navio, disposta a enxergar a olho nu o que o de cima enxergava apenas com uma lente.

Snail foi até o mecanismo com ponta de gancho, e fez o sinal característico. A diferença agora foi que Liriel se agarrou em seu corpo. O peso de ferro acionou o sistema de cordas, e ambos subiram em velocidade para o alto do mezena como se voassem.

Ao chegar no topo, havia o desenho de vultos no horizonte além-mar. Formas que lembravam amontoados de construções planas, com torres em formato de cogumelos. Snail tomou a luneta e a observou por alguns segundos.

– Lembre-se da promessa que eu fiz a você – disse ele, entregando a luneta para ela. – Não se preocupe, que nós vamos descobrir toda a verdade. Nem que tenhamos de virar esse mundo de cabeça pra baixo...

Liriel observou a luneta e viu o horizonte se aproximar dela. Então se sentiu confiante, quase aliviada. Afinal, aquele marujo pé-rapado, que ela tinha conhecido como um capacho, havia mesmo chegado mais longe do que qualquer pessoa poderia apostar. E, talvez, viesse a chegar mais longe do que qualquer outro pirata já havia feito.

Se alguém pudesse cumprir uma promessa impossível, era aquele homem.

Antes, ele precisava apenas conquistar o mundo.

Foi assim que o Jolly Rogers navegou em direção a mais um desconhecido. Era a hora de o Sobrenatural invadir o continente Nascente.

O Simbad havia chegado ao Oriente.

44

Quando o primeiro candidato a escudeiro tombou com o peso da madeira nos ombros, ninguém estranhou. Aquela era uma prova de resistência, e o primeiro a cair gerava um efeito dominó nas brechas das mentes mais frágeis. De pé,

novamente no sol, com um pedaço de tronco nos ombros e os braços ao redor, a ordem a ser cumprida era deveras simples: manter-se de pé.

Em provas de resistências como aquela, os primeiros minutos parecem fáceis, animadores até. Existe o estímulo, a adrenalina, a ideia de se pertencer a um grupo que a pessoa quer provar fazer parte. Só que os minutos vão passando e o coletivo então dá lugar ao individual. Dores nos ombros, no trapézio, nas coxas, no joelho. Pior que as dores, as dúvidas. Será que os outros estão sentindo as mesmas contrações? Será que estão tendo os mesmos tremores? Será que eu vou ser o primeiro a desistir? Será que eu tenho o que é preciso para ser o último de pé?

Era por isso que aquela era uma prova física, mas, acima disso, uma prova mental.

Porque eram esses “será que” o inimigo a ser superado.

Emile tinha consciência de que não seria capaz de chegar ao final daquela prova, frente a outros ali maiores, mais fortes e mais resistentes do que ela. Contudo, também tinha consciência de que não seria a primeira a cair, e nem mesmo a segunda. As dores na região dorsal queimavam, perfurando constantemente, e ela apertava os dentes. Um dos joelhos sofria espasmos e ela fechava os olhos, se lembrando dos motivos de permanecer ali.

Motivos fatiados em pedaços de memórias que insistiam em estar ali.

Um dia comum após amanhecer. Gritos de vendedores de rua anunciando bugigangas se unindo ao cheiro de barracas de frutas. Janelas de casas se abrindo, um vaso de plantas se partindo, choro de crianças, passos rápidos, marchas apressadas em sentido aleatório primeiro de poucos, então de muitos, então de uma multidão. Explosões de pólvora negra. Janelas de casas se fechando, barracas de frutas destruídas. Cheiro doce de frutas sufocado por cheiro ferruginoso de sangue. Ladrões se misturando a piratas, piratas se misturando a ladrões. Uma cicatriz deixada de presente por um membro de gangue no pescoço de uma menina de seis anos como abrigo das dores das mesmas memórias que sempre lhe seriam motivos.

Quando a consciência foi puxada pela dor e retornou à realidade, Emile ainda estava de pé. E dez já haviam tombado.

– Podem soltar – ordenou João Hanson. – Eu já vi o que precisava.

Os troncos caíram no chão de maneira brusca, feito armaduras desacopladas subitamente. Alguns caíram logo em seguida. Emile queria tombar, mas se forçou para continuar de pé.

– Vão até o poço, bebam água e retornem. Em alguns minutos, continuamos.

Alguns dos presentes se dirigiram ao poço, outros correram para a sombra, outros continuaram caídos no chão.

– Você foi bem – disse a voz de Fernando Costard, se aproximando de Emile. – Juro que achei diversas vezes que você ia cair.

– Eu diria o mesmo de você.

Ele riu.

– É isso o que você acha de mim? Que eu não aguento segurar um tronco nas costas?

– Não é o que eu acho – disse Emile, como sempre forçando o timbre mais grosso. – É o que *todo mundo* acha.

Fernando olhou para baixo. Emile não sentiu pena.

– Eu sei – admitiu ele. – É o peso que eu carrego pelo sobrenome.

– Se você acha um peso um sobrenome rico, imagine quanto pesaria pra você um sobrenome pobre.

– Como o seu? – perguntou ele, de bate-pronto.

Emile olhou para ele mostrando os dentes, prestes a avançar. Fernando ergueu os braços, como fazem as pessoas em sinal de paz.

– Ei, ei, calma, cara! Eu estou tentando criar uma amizade! Você sabe ser bem agressiva, né?

– Você ainda nem imagina o quanto.

João Hanson retornou, trazendo com ele seus auxiliares e exigindo que o grupo novamente se juntasse.

– Espero que estejam com seus fôlegos recuperados. É hora dos combates corporais.

Fernando sorriu para Emile.

– Parece que você acabou de ganhar uma oportunidade de demonstrar.

As pernas de Emile tremeram, mas ela se segurou para ao menos *parecer* em controle. Caminhou para se juntar ao grupo, vigiada pelo olhar do novo rival. Tensão, ansiedade, inquietude. João se aproximou do grupo e, quando estava prestes a definir as duplas de combate, vozes masculinas soaram ao fundo.

– João Hanson – chamaram o nome em um tom autoritário. – Você tem ordens para suspender todas as outras atividades no dia de hoje e nos acompanhar imediatamente.

A atenção dos presentes se concentrou na figura de dois cavaleiros desconhecidos tanto por João quanto seus cavaleiros auxiliares. Esse fato tinha uma razão. Aqueles candidatos a escudeiros não tinham como saber disso, mas João Hanson rapidamente reconheceu de onde eles eram. A postura corporal, a maneira de falar, o olhar. Aqueles não eram cavaleiros comuns.

Eram Cavaleiros de Helsing.

Eram Caçadores de Bruxas.

Naquela manhã, Emile havia ganhado mais algum tempo antes de sua prova final. Já a de João Hanson talvez houvesse finalmente chegado.

O cenário era inacreditável até mesmo para um homem que havia conhecido o Nunca.

Espalhados pelo local denominado Dédalo, os corpos adormecidos de guerreiros se mantinham suspensos e cravados nas paredes cristalinas luminosas, como se um gigante os tivesse prensado à força. A luminosidade que provinha do solo se espalhava pelas paredes do labirinto rochoso, gerando efeitos multicolores que pareciam alimentar os entorpecidos. Eram eles os combatentes mitológicos, no aguardo da força que os despertaria para a Guerra Santa. Os guerreiros do verdadeiro Pendragon.

Os lendários Devas.

– Eu não deveria mais me espantar com o fantástico após tudo que já vi, mas ainda é inevitável – admitiu Axel.

– É o que faz de você humano – disse a fada Yama.

– Fadas deixam de se impressionar depois de um tempo?

– Fadas já viram muito mais coisas do que você.

Ele concordou, dando o braço a torcer. Eles continuaram a andar pelo labirinto de cristais luminosos, enquanto ele reparava nos corpos enfileirados e encravados. Eram dezenas e dezenas, mais lembrando estátuas humanas. Apesar de não existirem dois guerreiros iguais, havia características compartilhadas entre eles referentes às pinturas de guerra e à massa muscular. Ao contrário da imagem pura e casta que se costumam fazer das entidades espirituais ligadas ao semidivino, aqueles adormecidos eram fortes, parrudos, barbudos, repletos de cicatrizes de batalhas. Eles eram sujos no melhor sentido bárbaro, do tipo de guerreiro que um comandante sonharia ter ao seu lado em um campo de batalha. Algumas faces tinham metade do rosto pintada em vermelho, lembrando sangue seco, outras tinham runas desenhadas ao longo do crânio sem cabelo. Apenas imaginar uma parede de escudos com seres como aqueles era algo magnífico, desde que do seu lado.

– Eles já foram homens um dia? Ou nasceram como entidades de guerra? – perguntou Axel, sem desgrudar os olhos ou ocultar o fascínio.

– É difícil dizer, pois sua origem é semidivina.

– Como vocês, fadas.

– Não. Por mais que nós representemos a Vontade do Criador nesse mundo, ainda assim, mesmo nós, fadas, somos frutos gerados dentro da imaginação de

milhares e milhares de semideuses. Eles, não. Eles são um *reflexo* de entidades que caminham independentemente em outros planos.

– Como uma realidade alternativa?

– Você pode chamar assim. Dizem que, quando Nova Ether nasceu, eles estavam lá ao lado do Criador. Eles o escoltaram em sua primeira andança pelo mundo semidivino. Eles tocaram os bumbos, as cornetas e os trombones que deram som ao nosso mundo, e anunciaram aos semideuses que era hora de darem vida a um novo universo. Que era a hora de nos fazerem vivos. Que era a hora de acordar Dragões de Éter.

Axel não tinha palavras para nem mesmo comentar aquilo.

– E em troca o Criador lhes prometeu que eles seriam eternizados em Nova Ether. Eternizados na imaginação dos mesmos semideuses que eles lhe ajudaram a convocar. Por isso, esses guerreiros adormecidos nas pedras cristalizadas que você vê aqui são o mais próximo que você já chegou na sua vida de Mantaquim, Axel Terra. Porque eles são a essência de forças que existem em duas realidades e, quando o Pendragon lhes acordar para a batalha final, você verá os portões da fantasia sendo quebrados de uma maneira jamais vista antes, e verá outros semideuses tomarem os mesmos campos de batalha que eles ajudaram a criar.

Axel continuava em silêncio. Ao redor, os moradores locais de Luggnagg se espalhavam com baldes de água e pedaços de pano, umedecendo a pele dos adormecidos em um trabalho constante e altruísta, que simbolizava unicamente fé.

– Sabe, no fim, é isso que nós somos, resquícios da fantasia de semideuses...

– Sim – concordou a fada. – O ser humano é a figura que sobrou do recorte de um sonho.

Axel suspirou.

– Minha vida é o recorte de um pesadelo – definiu ele.

– É curioso ver o *príncipe da plebe* dizer isso. Você faz ideia de quantas pessoas gostariam de trocar de lugar com você?

– Eu imagino. Elas adorariam os benefícios, mas duvido que os fardos. Ver matarem seu pai, ver sua mãe sacrificar a própria vida por você, matarem seu melhor amigo pelas suas costas. Não acho que isso seria algo que as pessoas gostariam de passar.

– Muitas delas passaram. Quando Jamil Coração-de-Crocodilo atacou Andreanne, famílias inteiras foram perdidas, e, ainda assim, seguem em frente até hoje.

Axel suspirou novamente. Aquela conversa doía dentro dele em um ponto que ele não estava acostumado. O estômago fervia, o peito parecia brasa.

– Quantas abandonaram o amor da sua vida para cumprir compromissos políticos estabelecidos em seu nascimento? A impressão que tenho é que me tornei

bom em decepcionar pessoas, de Arzallum até o Nunca.

– Algumas pessoas simplesmente te amarão pelo que você é. Outras te odiarão pelo mesmo motivo. Acostume-se, príncipe.

A voz de Axel tremia na garganta.

– E se ela não quiser me escutar, Yama? E se for *a vez dela* de fazer meu coração parar?

– O coração não morre quando para de bater, o coração morre quando os batimentos não fazem mais sentido.

– Nesse caso, seria o mesmo.

– Então *faça* fazer sentido.

Brilhos nasceram nos olhos dele. Brilhos que ele queria impedir.

– E de que forma eu faço isso? Eu mal saberia o que dizer a ela...

– Príncipe, será difícil alguém que lhe entenda quando você não consegue pôr em palavras o que tanto lhe machuca.

– Pois *como* eu poderia simplesmente pedir desculpas depois do que eu fiz a ela?

– Pedir desculpas nem sempre significa admitir que você está errado, mas que você dá mais importância a outra pessoa que ao seu ego.

Axel pressionou um punho fechado contra a boca. Era a maneira dele evitar chorar.

– E o que você vai precisar *realmente* decidir, Axel, é se vai querer ser pleno por um dia ou por uma vida.

– Não entendo por que isso dependeria apenas de mim.

– Se quiser ser pleno por um dia se vingue; se quiser pela vida toda, perdoe.

Axel apertou os punhos, dessa vez resgatando a raiva. Resgatando a *ira*.

– Foi um ato de traição, Yama – disse ele, com uma voz que não parecia dele.
– De pessoas que eu considerava aliadas. Isso não pode ser perdoado.

– É curioso que você saiba por em palavras o que te machuca em ódio, mas tenha dificuldade com o que machuca em amor.

Axel sentiu falta de ar e aquela ardência interior subir como vapor na direção dos seus olhos já brilhantes.

– Você quer que *eu admita*, não é, fada? Você quer que eu coloque em palavras o que me atormenta, não é? Está certo, eu vou perguntar então: por que não desistir? Me diga, Yama... *por favor*, me diga! Por que, afinal, eu não devo simplesmente desistir?

– Porque pode haver alguém nesse momento se inspirando em você.

Axel Branford mordeu os lábios, e lágrimas desceram. Como as lágrimas que diziam que os homens não choram. Como o alívio que suavizava o ardor interno. Como o círculo de chuva que precisava ser percorrido.

Era a hora de voltar a Arzallum.

ATO II

Estandartes de Brumas

1

Você já deve ter ouvido mais de uma versão sobre a ascensão e queda de Arthur Pendragon. Isso é normal, acontece com Arthur e seus cavaleiros, como acontece com a história da menina do chapéu *vermelho*, ou a dos irmãos da Casa de Doces, ou a do marujo que se tornou *Simbad*, ou mesmo a de Primo Branford, talvez a única história de um Rei em Nova Ether capaz de rivalizar com a de Arthur. Novamente preciso aqui defender os bardos: a culpa não é deles, mas das dificuldades de se fazer jus a figuras históricas tão míticas. Não importa o quanto conheça uma pessoa, você sempre terá a sua própria visão sobre ela. Um amigo vai lhe contar o melhor de uma pessoa, se for mesmo um amigo. Um inimigo vai contar o pior de uma pessoa, se não for político. Um amante vai lhe contar sobre os dois. E, no meio de todas essas informações, as figuras históricas são construídas, envoltas em uma narrativa que as faça merecer ser o centro de uma história.

O Reino de Albion é conhecido por sua cavalaria, principalmente sua capital, Camelot. Ao contrário de outros Reinos, Albion sempre se mostrou mais aberto à bruxaria, ou ao menos a encontrar um meio-termo entre homens, mulheres e bruxas.

Talvez por isso a presença de fadas e suas influências em diversas áreas na região acabou por ser mais forte do que em outras. Você vai ouvir por lá histórias de fadas que construíram castelos, fadas que forjaram espadas, fadas que adormeceram em lagos; as histórias são infinitas, e nem todas verdadeiras, mas algumas sim.

Essa influência também tornou Albion um Reino de mulheres fortes. Hoje em dia é comum vermos mulheres com mais vozes na política e nas artes, e Rainhas escritas com R maiúsculo. Mas em Albion essa força feminina já se dava há tempos, e ao ponto de podermos dizer que foram as mulheres, mais do que os homens, quem ditaram os rumos do Reino que temos hoje.

Dito isso, vamos falar sobre Arthur Pendragon, ou ao menos a figura que eu construí do Rei Arthur.

Antigamente, na época em que os Ricelli ainda governavam Arzallum, Albion possuía em seu trono o Rei Uther, também um Pendragon, um homem obcecado por uma iniciada em magia chamada Igraine. Além de líder de um *coven*, Igraine era casada com um nobre de Albion, com quem, inclusive, tivera uma filha, chamada Morgana. Era essa a época em que mulheres aprendiam com fadas caídas a se tornarem bruxas, e então decidirem o que fazer com esse conhecimento de acordo com suas índoles. No caso de Igraine, sua mentora feérica atendia pelo nome de Nimue, e fora quem a manipulou para ceder à obsessão do Rei de Albion.

Foi dessa união de Uther e Igraine que nasceu Arthur.

O filho de Uther e Igraine, porém, se fazia um filho de adultério sem sobrenome, que teve de ser enviado para longe e escondido como todo bastardo. Levado por Merlim Ambrosius, guia espiritual do mundo, para longe de Albion, Arthur foi criado em uma região rural de Aragon por um homem de nome Antor Ectório, e assim o mundo seguiu.

Os anos se passaram e Rei Uther continuou a reinar na terra dos homens como Rei, e no plano de éter como o Pendragon. Igraine se tornou viúva (há diversas teorias sobre a morte de seu antigo marido, todas ligadas a Uther, e nenhuma que defenda uma morte natural) e o Rei a fez sua Rainha (na época ainda “rainha”), em uma união odiada por Morgana, que considerava a mãe adúltera e traidora. Para dar uma ideia do ódio de Morgana, ao contrário de Arthur, que nunca teve um, ela escolheu abdicar de seu sobrenome e assumir no lugar o termo *Le Fey*, que dizem os especialistas significar “Das fadas” no idioma dos semideuses.

Então veio Bruja.

Quando as bruxas negras começaram a tomar o mundo, Uther demorou para tomar uma atitude por conta de uma Igraine ainda manipulada por Nimue. Igraine lhe fez acreditar que era possível fazer os homens diferenciarem bruxas brancas e bruxas negras, antes que tudo fugisse ao controle. Não foi possível, porém. E

quando a coisa fugiu do controle, os homens ainda não compreendiam a diferença entre as bruxas e passaram a temer a bruxaria como um todo.

A questão mais curiosa de todo esse acontecimento talvez seja a de que, se pararmos para pensar, caso Uther Pendragon não tivesse se apaixonado por Igraine, seria bem provável que fosse ele, não Primo Branford, quem iniciasse a Caçada de Bruxas em Nova Ether. Como se apaixonou e não foi, a Uther restou a morte, e a Primo o fardo da caçada sangrenta que lhe fez Rei de Arzallum.

Na época Albion era tomado por caravanas de peregrinos, que se dirigiam até Camelot para ouvir a pregação de Merlim, o Christo de Nova Ether, e demonstrar sua lealdade ao Rei e Pendragon Uther.

Alguns dizem que Uther morreu envenenado pelas Filhas de Bruja, um coven de magas negras, outros que foi Morgana, mas isso já não faz tanta diferença hoje em dia, pois elas são aliadas. A questão é que Uther foi envenenado, as Filhas de Bruja destituíram o coven de Igraine, trouxeram Morgana Le Fey para seu lado e ainda expulsaram a fada caída Nimue de Albion.

Com a morte de Uther e a falta do legado de um herdeiro homem, ao menos que se soubesse, Albion permaneceu sem Rei. Morgana queria a coroa, mas não era filha legítima de Uther, nem forte o suficiente para enfrentar Merlim, que chegou a uma solução inusitada.

A espada na pedra.

Utilizando o sangue de Uther, Merlim fez uma magia de sangue sobre uma lâmina em uma rocha, que permitiria apenas ao novo Pendragon retirá-la. Esse foi seu último milagre antes de desaparecer nas brumas de Avalon, a maneira como as pessoas chamam Mantaquim no Reino de Albion. Como era de se esperar, o último milagre de Merlim apenas atraiu ainda mais peregrinos para Albion, dispostos a testarem seu merecimento e sua linhagem adormecida.

Então Antor Ectório levou Arthur até Albion. E, diante dos olhos de pessoas do mundo inteiro, o jovem retirou a espada da pedra.

E se tornou Rei.

Não é preciso dizer que Morgana se revoltou. A coroação de Arthur a tornou uma iniciada ainda mais obcecada pela magia negra, e a levou a se tornar uma bruxa tão poderosa e influente que lhe tornou membro do seletivo Conselho de Sangue, grupo composto pelos maiores magos negros de Nova Ether.

Já Arthur se importou com ela menos do que deveria, como Arthur se importou menos com Bruja do que deveria. Morgana se tornou líder das Filhas de Bruja e fez um acordo com Nimue: em troca de não destituírem seu coven e matarem suas discípulas, Nimue deveria seduzir Merlim Ambrosius e matá-lo, abrindo caminho para Bruja; e as bruxas tomaram o comando dos homens. Nessa época, Merlim já se mostrava um homem de idade, abatido e doente, com rosto

sulcado em meio a barba e cabelos brancos. Confiando que era esse seu dever, ela o fez. E assim Merlim Ambrosius, mesmo ele, veja só, se apaixonou, e se perdeu por amor. No fim, utilizando de sua confiança, Nimue o atraiu para uma armadilha, o prendeu em um carvalho e o deixou para morrer.

Por mais estranho que seja uma figura como Merlim ter se deixado levar por algo assim, acredite, parece que é mais comum do que parece homens semidivinos serem traídos pelas pessoas em que mais confiavam, e terminarem com seus corpos presos em troncos de árvores.

Morgana, porém, não cumpriu o acordo. Roubando as discípulas de Nimue para si, ela passou o poder da sociedade para Calígula – uma fada caída careca e repleta de tatuagens –, conspirou contra Arthur e expulsou Nimue de Camelot, que teve de fugir de Albion para não ser caçada.

Como Rei, Arthur ouviu os conselhos de Merlim antes que ele fosse morto, criou a Távola Redonda, assumiu seu papel como o novo Pendragon, criou o Tribunal de Arthur, lutou ao lado de Aragon contra as invasões de Uruk e Röök, fez do jovem e talentoso cavaleiro Lancelot o campeão de Albion e casou-se com Lady Guinevere, com quem teve um filho: Mordred. Fingindo-se como sua aliada, Morgana a princípio se revelou como meia-irmã do Rei, que até mesmo assumiu o sobrenome Le Fey.

Mas Morgana queria o trono.

Quando tirou Merlim de seu caminho, foi a vez de ela colocar pai e filho um contra o outro. Assim como Babau enlouqueceu Primo Branford, Morgana enlouqueceu Arthur ao fazê-lo acreditar em um romance tórrido entre seu campeão Lancelot e sua Rainha Guinevere.

Um romance que nunca existiu.

Vocês sabem como são os homens tomados pelo ciúme, e como podem ser poderosas as palavras de uma história. Aposto que até mesmo você já deve ter julgado Lancelot e acreditado em tudo que lhe disseram sobre ele até hoje. Mas, no fim, Lancelot foi apenas o mais leal cavaleiro da Távola Redonda, reduzido a uma figura histórica como guerreiro verdadeiro e falso amigo.

Fugindo da perseguição de um Rei agora louco, Lancelot juntou aliados e tentou se isolar em um castelo. Ignorando outras ameaças que tomavam Albion, inclusive as Filhas de Bruja, o Rei Arthur se focou em usar parte de seus cavaleiros para caçar seu antigo capitão de guerra.

Sem opção, um Mordred de 19 anos, manipulado por Morgana, tomou o comando de Albion e lutou contra as ameaças que o pai tinha ignorado. Então Arthur retornou, e Mordred se negou a devolver o trono.

Pai e filho se enfrentaram.

E o filho matou o pai.

Foi quando Morgana e suas bruxas espalharam por Albion a dúvida sobre como o Reino poderia ser governado por um regicida, um Rei capaz de matar o próprio pai. A população passou a odiar o herdeiro real, que teve de fugir, e as palavras viajaram mais rápido, espalhando por toda Nova Ether versões do que havia acontecido. Em todas elas, Mordred matava Arthur no final para tomar o trono para si por ganância.

Assim como Nimue passou a ser caçada pelas bruxas de Morgana, Mordred passou a ser caçado por cada cavaleiro que honrasse seu código.

Morgana foi tida pelo povo como a única capaz de salvar Albion dos tempos sombrios que haviam se instaurado por culpa dela própria. E foi assim que, junto com seu amante Acolon Oronte, Morgana Le Fey tomou o trono e se tornou Rainha de Albion.

Sabendo de tudo isso, agora você entende por que a chegada de um homem misterioso no vilarejo de Trigger, o mesmo onde se encontrava uma virgem que acreditavam responsável por trazer ao mundo o novo Merlim, é tão importante para essa história.

Afinal, diziam que o nome daquele homem significava “mau conselho”.

E os caminhos dele e da Virgem de Trigger estavam prestes a se cruzar.

2

João Hanson desceu do cavalo escoltado por cavaleiros vermelhos. Estava em Inverno, e seguia na direção do terceiro nível da prisão. Ainda não sabia por que estava ali, mas se sentia confortável de caminhar ao lado de Caçadores de Bruxas. O sentimento de conforto, porém, trazia culpa. Porque caminhar por aquele antro de frieza humana maior do que a temperatura baixa local trazia lembranças. Lembranças de Ariane presa naquele lugar, sem que ele nem mesmo soubesse. Ele imaginava a angústia dela, o desespero dela; e a imaginação era tão vívida que se transformava em sensações físicas.

E se ela havia passado por isso ali, e se apenas a imaginação já doía como real, então como, *ainda assim*, ele se sentia confortável na presença daqueles homens? Como... ainda assim... ele queria ser um daqueles homens?

A resposta: porque uma parte do destino de João Hanson havia sido traçada no dia em que sua trajetória se tornara protagonista de diversos contos de fadas

sombrios, repletos do pior lado da bruxaria. Uma escuridão que ele não conseguiria exorcizar sem outros que o entendessem. De certa forma, por mais que a aceitação custasse culpa, o que aqueles homens tinham a lhe oferecer ainda era a melhor forma que ele havia encontrado de controlar toda parte dentro de si que ele queria esconder.

– Levem-no até lá – ordenou um dos homens que o escoltou, e ele não sabia o nome. A ordem partia a outros dois à espera na porta de uma das celas, que João Hanson reconhecia: os irmãos Michael e John Darling.

– Carregando alguma arma? – perguntou John.

A expressão de João não escondeu a surpresa.

– “Arma”? Não, por que eu carregaria uma arma aqui?

– Abra os braços – ordenou Michael.

João permaneceu alguns segundos em choque, sem saber se eles estavam falando sério ou o testando. Pelas expressões que recebeu de volta, era sério.

Rendido, abriu os braços, e Michael começou a revistá-lo.

– Vocês precisam revistar até mesmo cavaleiros da Guarda Real?

Michael continuou a revistá-lo da cintura até os calcanhares.

– Nós revistamos todos que não sejam um de nós – disse John.

Aquilo doeu o suficiente para João se calar. Michael fez um sinal de que João estava limpo. John então focou nele não com um olhar de dúvida sobre aquilo, mas de constatação sobre como aquele momento havia de fato chegado.

Michael abriu a porta da cela e a manteve aberta.

– Venha, Hanson – comandou John, entrando no recinto.

João o seguiu. Atrás dele, veio Michael, fechando a porta.

3

A primeira coisa que Snail Galford notou foram as cores. Quando desceu do galeão e pisou pela primeira vez em um continente lendário, descobriu que as histórias que se contavam sobre o Nascente eram mais fracas do que a imaginação dos bardos pagos para o feito. Nessas histórias se falava sobre tapetes voadores, trajes exóticos de seda, homens de turbantes e macacos saltando por tendas de mercados de rua.

E, na realidade, tudo isso estava lá, mas também *muito mais* do que isso.

Tudo ali era maior, melhor e mais intenso do que qualquer narrativa que já tivesse percorrido uma taberna de Arzallum. Mesmo o solo urbano já era curioso, formado pelo encaixe de pequenas pedras multicoloridas, que transformavam as ruas em dezenas de prismas. Logo à frente do cais se encontrava um mercado de variedades, com tantas vozes, tanta comida, tantas ofertas que um estrangeiro poderia se perder no próprio deslumbre.

Dois materiais eram notórios aos olhos ocidentais que aquele povo sabia trabalhar melhor do que o ocidente: cerâmica e vidro. Potes, tigelas, copos, garrafas, estátuas, não importava, o que os olhos estrangeiros descobrissem a eles era diferente, e era lindo. Algumas vezes *a forma* se destacava em desenhos geométricos com simetrias variadas; outras vezes eram as cores vivas que saltavam; outras vezes era a mensagem que traziam com elas, ressaltadas em desenhos de semideuses. Além dos objetos de barro coloridos, era possível se encontrar mercadorias feitas com vidro talhado, vidro brilhante pintado e vidro estampado, possíveis de se presentear um Rei. E, principalmente, uma Rainha.

– Nós vivemos pra ver isso – comentou Liriel, ao lado dele. Os olhos brilhando mais do que o sol, que lá já parecia mais brilhante.

– Nós *sobrevivemos* para ver isso – corrigiu Snail.

– Nada mal para alguém da nossa laia, certo? – comentou ela, lembrando a ele do porquê de ele gostar da presença dela.

Mais do que as cores, a arquitetura e artefatos, porém, havia a visão do fantástico.

Havia o etherpunk.

Imagine um porto onde, em vez de navios na água, ou além de navios na água, houvesse navios no céu. Máquinas voadoras que não deveriam existir, ou deveriam, mas era difícil de entender a existência. Elas cruzavam o azul de um ponto a outro, algumas vezes em voos em linha reta, outras em voos tortos, mas sempre sem se chocarem. Além disso, espalhados por alguns pontos do porto, erguiam-se postes não de madeira, mas *de metal*, com esferas de vidro em suas pontas que a princípio pareciam apenas decorativas, mas difícil se dizer com certeza.

– Por que alguém construiria um *poste de metal*? – perguntou Liriel. – O trabalho e o custo disso não se justificariam.

– Talvez eles não tenham onde gastar dinheiro – concluiu Snail. – E tenham tempo de sobra.

– Você percebeu que eles se *conectam*?

Era verdade. Através de fios luminosos que se espalhavam pela cidade, vá se saber até onde.

Além, obviamente de navios voadores e postes de metal conectados por fios luminosos, algumas coisas naquela feira do cais do porto de Al-Quadim se

destacavam mais do que as outras. O som de fritura, por exemplo, de comida sendo fervida na hora em pequenos fornos a carvão, que soltavam uma fumaça no ambiente que grudava gordura nas roupas e nos cabelos. O cheiro local, porém, era dominado pelo aroma de incensos espalhados por todas as barracas, com odores que variavam do alecrim ao sândalo.

Outra característica marcante do lugar era o calor intenso, e as vestimentas destacavam a leveza. As mulheres usavam vestes com símbolos bordados ao longo das túnicas, xales coloridos, casacos bordados alegremente e saias longas. Curiosamente, havia uma manta de seda ou lã isolada e dobrada de forma triangular, que elas colocavam de forma não presa sobre os ombros e braços, e por vezes sobre a cabeça.

– Eu usaria uma daquelas – admitiu Liriel.

Snail olhou para ela de lado, estranhando.

– Ei, não me olhe assim! Eu posso comprar por mim mesma! – acrescentou ela. – Mas... admito que não seria mal se você negociasse o preço pra mim. Eles aqui têm cara de que decidem o valor de acordo com a cara do freguês.

– É – concordou ele. – Se for esse caso, dentre nós dois é melhor eu cuidar das negociações.

– Vou tomar isso como um elogio. Pro seu próprio bem.

Snail sorriu e voltou a reparar nas vestimentas. Homens costumavam usar uma túnica longa com mangas curtas e chinelos, além de lenços na cabeça que lhes serviam como uma alternativa para o uso de chapéus. Alguns utilizavam sobretudos com capuz, que a princípio pareciam sufocantes naquela temperatura, mas de um tecido tão leve sobre o corpo que Snail desejaria trocar pelo seu de couro, desde que o outro também tivesse onde esconder facas.

Mais um detalhe interessante – tanto em homens quanto em mulheres – eram as tatuagens. Quase todos os presentes exibiam algum desenho no corpo, normalmente menos destacado como no ocidente. Elas costumavam ser em cores mais quentes, como vermelho e laranja, espalhando-se pelos membros. Era comum, por exemplo, ver mulheres com o antebraço fechado na figura de um galho de árvore, com flores desenhadas sobre as palmas e os dedos cobertos de anéis.

E por falar em mulheres... mesmo elas eram diferentes aos olhos de Snail. Elas costumavam ter um tom de pele que não era nem morena, nem negra, mas destacava um tom oliva pouco conhecido em Arzallum. Os rostos eram simétricos, os cabelos costumavam ser bem escuros, os lábios mais cheios e os olhos maiores do que as mulheres do Ocaso, ou talvez fosse o destaque da pintura. Aliás, era outra marca: as mulheres pareciam usar no corpo todas as joias que pudessem carregar, exalar os melhores perfumes que pudessem fabricar e se pintar com maquiagens que destacavam todas as partes de seu rosto.

Era um fato: todas as mulheres exalavam beleza, mas não de uma maneira sensual, como se quisessem se apresentar sedutoras, mas simplesmente como uma exibição de conforto de mulheres que dominavam a própria autoestima. Mulheres que se sentiam bem de ter nascido mulheres e poderem ser deslumbrantes. Mulheres que não se enfeitavam para alguém, mas pelo prazer de poder se enfeitar.

– Parece que estamos em um imenso Majestade – disse Liriel.

– Como assim? – perguntou Snail.

– Olhe pra essas mulheres! Elas todas poderiam estar no palco, ou, ao menos, ensinar as atrizes de lá como se pintar! Será que o segredo é a água daqui?

Snail voltou a olhar para ela de lado.

– Você sabe o quanto soa estranho ver você falando sobre essas coisas, não sabe? – perguntou ele.

– Certo – admitiu ela. – Elas estão acabando com todo amor-próprio que eu construí como a única mulher daquele Galeão!

Snail largou Liriel para lá, sem saber o que era seriedade e o que era ironia. Então buscou seus capitães de areia. Os adolescentes se espalhavam pelo mercado, fascinados com o novo. Crianças de rua corriam sem camisa, usando cintos compostos de faixas e calças largas em forma de balão. Gargalhavam, se provocavam, empurravam-se e simulavam brigas.

Até que uma delas roubou uma maçã e correu pela feira, perseguida pelo dono da barraca de frutas. Os gritos das crianças foram substituídos pelos gritos dos homens ecoando pela feira, em busca do pequeno ladrão, que saltava obstáculos com agilidade circense.

– Eles são ágeis por aqui – comentou Snail.

– Sim! Se ainda tivesse o circo, juntaria alguns como aprendizes. Provavelmente seriam alunos melhores que você.

Snail riu e ia provocar Liriel de volta, mas homens armados se aproximaram. Eles tinham estatura média, barbas longas, turbantes, roupas leves diversas e sandálias, mas estavam armados com armas de lâminas grossas da largura de dois braços e no formato de meia-lua. As pessoas abriam caminho, reconhecendo uma autoridade que a princípio não era visível por nenhum uniforme.

– Se estivéssemos em Arzallum, acharíamos que eram mercenários – comentou Liriel.

– Sim, mas não estamos.

Então atrás desses homens surgiu uma aberração formada por uma espécie de grupo de... *homens feitos de pedra*.

Sim, eu sei que parece estranho, e se assim o parece para nós, imagine para eles. Mas não há outra maneira de descrevê-los. Eles eram grandes, cada um deveria alcançar ao menos dois metros, com corpos rochosos largos e esculpidos em

forma humanoide, runas acesas em locais que se reconheceriam como peitoral, pescoço, coxas e antebraços, e uma cabeça pequena se comparada com o resto do corpo colossal.

– Sim, definitivamente não estamos em Arzallum – concordou Liriel.

Uma mulher bem menor e mais magra do que os brutamontes e, principalmente, os homens-rocha do grupo recém-chegado, tomou a frente. Parecia na casa dos 20 anos e caminhava com leveza, vestindo uma manta alaranjada reforçada por um véu bem fino por cima dos cabelos negros em trança. Tinha um rosto de traços miúdos, com olhos reforçados por maquiagens e brincos de diamantes tão chamativos que piscavam refletindo a luz do sol conforme ela caminhava. Por fim, uma joia lhe circundava a cabeça na forma de um terço, com uma pedra vermelha na ponta que se localizava no meio da testa.

– Quem é o capitão de seu navio, viajantes? – perguntou ela em um altivo de sotaque tão carregado que às vezes parecia outro idioma.

– Eu sou Snail Galford, capitão do Jolly Rogers – disse ele, falando alto e devagar para soar mais compreensível.

– “Jolly Rogers”? – estranhou a mulher. – O navio de Gancho?

– Não mais – comentou Liriel, com certo sarcasmo. – Nem também mais de Jamil.

– Jamil... o Coração-de-Crocodilo? – quis confirmar.

– Agora Jamil, o Manco – acrescentou Snail.

A mulher não escondeu a surpresa. Liriel notou.

– Pelo visto, além do altivo, é possível notar que você aprendeu sobre histórias lendárias do Ocaso.

– Não se estuda um idioma sem a cultura que vem com ele – replicou a jovem, como se tivesse gostado do comentário.

– Me orgulha ver uma mulher comandar homens como esses e se comunicar em dois idiomas – acrescentou Liriel.

– Na verdade, eu posso me comunicar em cinco – disse a outra, tirando um sorriso de Liriel. – Mas agradeço o elogio.

Liriel olhou para Snail, ainda com seu sorriso de satisfação.

– Quer saber? Eu gosto cada vez mais desse lugar – definiu.

Snail suspirou. Então se voltou à estrangeira:

– Mas o que Liriel disse é verdade: o filho de Gancho hoje está manco, e agora eu sou capitão do Jolly Rogers.

– Pelo visto, os bardos talvez não estejam fazendo jus a seus feitos como deveriam, capitão Galford – disse ela, lembrando o nome dele.

– Eles estão – discordou Snail Galford. – Mas talvez tenham me descrito como o Simbad.

Uma onomatopeia de surpresa correu pelas pessoas que ouviram (e entenderam) *o apelido*. Então a onda prosseguiu, informando as outras que não haviam tido a mesma sorte. Inclusive os homens de espadas curvadas.

– E o que o traz a Al-Quadim no dia de hoje, *capitão Simbad*?

Snail adorou aquela entonação.

– Eu vim fazer uma proposta para seu sultão – revelou ele. – Eu vim oferecer a ele o maior tesouro do mundo.

– Com todo o respeito, capitão, mas meu sultão é considerado o homem mais rico do mundo.

– E, ainda assim, eu tenho em minha posse um tesouro que a riqueza dele não pode comprar. Então agora ou você me leva até ele ou eu vou voltar ao meu navio e vou encontrar outro sultão, e você vai poder ouvir sobre esse encontro pelos bardos que saberão fazer jus a meus feitos.

Silêncio. No ar, o peso de uma decisão.

– Capitão Simbad – disse ela. – Se sua proposta for verdadeira, eu mesma farei questão de contar sobre esse encontro.

Liriel novamente adorou aquela entonação.

– Pelo visto, além de tudo, você ainda é uma contadora de histórias.

– A melhor de toda Al-Quadim.

Elas sorriram uma para a outra, como se já quisessem ter se conhecido desde o berço.

– Eu sou Liriel Gabbiani, imediata do Jolly Rogers – apresentou-se, acenando com a cabeça.

A mulher acenou de volta lentamente, fechando e abrindo os olhos, sem perder a expressão curiosa.

– Eu sou Scheherazade – revelou. – E espero que a passagem de vocês por Al-Quadim me renda mais histórias que mereçam ser contadas.

4

Ariane estava escovando os cabelos diante de um espelho quando um segundo reflexo surgiu no vidro.

– Oh-oh – murmurou, com os olhos arregalados que só ela sabia fazer. – Fazia tempo que você não aparecia.

O reflexo da pessoa que não estava ali era o do mesmo menino-espectro que um dia guiou João Hanson até ela no momento em que Ariane mais precisava. O espírito mudo a quem ela havia dado uma árvore de pino, a árvore com o nome dela e de João Hanson gravados. Ele continuava com a mesma aparência de cinco anos atrás: cabelos negros cheios caindo em franja, provavelmente em alguma idade entre 11 e 13 anos.

– Olha só: eu não estou falando isso como uma crítica, tá? Ainda mais porque eu te devo uma. Mas você tem o costume de aparecer quando temos problemas! Então me diz logo: o que foi dessa vez?

Ele ergueu os ombros para ela, como se pedisse desculpas por isso.

– Tudo bem, Mudinho! A gente é família, você pode me mostrar...

5

A cela era composta de mais um ambiente pedroso retangular, gélido e úmido, com apenas uma cadeira no centro e um homem coberto por um lençol. No pequeno ambiente estavam reunidas patentes militares tão importantes, porém, que um Rei poderia determinar tratados de guerra ali.

– Hanson... – cumprimentou o do meio, e a voz rouca já lhe subiu arrepiando os pelos. Era Lorde Wilfred de Ivanhoé, seu atual mentor. Uma lenda, respeitado, mas aposentado. E que, se estava ali, era porque tudo aquilo era bem mais sério do que parecia.

– Lorde – cumprimentou João. – Senhores... senhora...

Os outros na sala eram Ruggiero, Bradamante e Sabino von Fígaro. De novo: apenas esses nomes reunidos já trariam a dimensão do que aquele momento simbolizava. Mas havia mais.

– Ando ouvindo sobre seus feitos, cavaleiro. – Se a voz de Lorde Wilfred de Ivanhoé ali já havia arrepiado João Hanson, aquela fez seus joelhos se dobrarem.

– Vossa Majestade...

Porque era a voz do Rei Anísio Terra Branford.

João fez menção de se colocar de joelhos, mas Anísio fez sinal para que ele não continuasse.

– Alguma ideia de por que estaria aqui hoje? – perguntou o Rei.

– Nenhuma, Majestade.

O Rei gostou que ele não tivesse se colocado de joelhos. Fez sinal para Ruggiero, que retirou o lençol, revelando um homem amarrado. Ele tinha a aparência quase dilacerada, fruto de uma batalha intensa. Apesar da iluminação limitada da lua e por uma tocha presa na parede, por debaixo dos hematomas que se esparramavam por sua face era possível notar uma pele pálida anormal, e dentes caninos que se sobressaíam quando buscava ar pela boca. Os pés estavam pregados no chão com estacas, e um círculo composto de alho e sal circundava a cadeira. Próximo havia um balde com o que parecia água, além de um crucifixo grande de metal.

– Senhor Hanson, você sabe quem é esse homem? – perguntou Sabino von Fígaro, com um tom de voz diferente do que João costumava se lembrar.

– A princípio não o reconheço, professor.

Sabino von Fígaro saiu de seu canto e foi até próximo de João.

– Esse homem é conde Graf Orlok, mais conhecido entre os homens como Nosferatu. Você deve ter aprendido sobre ele com Lorde Ivanhoé.

João olhou para o Lorde cavaleiro, que aquiesceu de volta, como se confirmando que Sabino estava falando da mesma pessoa.

– É esse o homem que sacrificava pessoas bebendo seu sangue, e dorme em caixões de madeira?

– Sim, e muito mais do que isso – disse Sabino. – Esse homem na verdade também é conhecido como um serviçal para trabalhos de magia negra, e um grande amigo do conde Edmond Dantes, morto por sua espada.

João apertou os lábios e os olhos, inspirando fundo, e dando início a uma transformação. Os punhos se fecharam, segurando um ímpeto.

– Professor, está querendo me dizer que...

– Ele está querendo te dizer que foi com a ajuda desse homem que o conde Dantes condenou a alma de seu pai a Aramis – revelou Lorde Ivanhoé.

João rosnou. O corpo tremeu, o olhar antes apertado se expandiu em fúria, a posição corporal denunciou o ódio que iria se tornar ataque. Até que...

– Não – ordenou a voz do Rei, e o comando manteve João estático, mas não em paz. – Você não veio aqui para matar esse homem. Não *agora*.

João ouvia a voz do Rei, mas o olhar se focava em mais um conde que ele queria matar.

– Então por que estou aqui?

– Porque parece que um Hanson não se cansa de cruzar seus caminhos com um Branford – disse o Rei, mais como um lamento do que como uma constatação.

– A questão, senhor Hanson, é que eu, sacerdotisa Madame Viotti, e sua irmã descobrimos o caminho para encontrar o novo Cristo. O verdadeiro *dessa vez* – afirmou Sabino.

Aquela informação era tão poderosa que foi capaz de desviar o olhar de João Hanson para Sabino von Fígaro.

– E após algumas horas de tortura com estacas, crucifixos e baldes de água purificada, nós extraímos os nomes das duas bruxas que iriam encontrar Babau no dia em que Maria Hanson a tacou num caldeirão. O dia para o que *você* seria sacrificado.

As pernas de João ainda tremiam, mas não de medo. Apenas de tensão, e adrenalina.

– Comandantes Ruggiero e Bradamante fizeram um rastreamento. Uma delas parece não estar mais em Andreanne, mas a outra sim. Localizada em um fundo de pântano, em uma casa repleta de círculos de proteção. Círculos capazes de assustar até mesmo Caçadores de Bruxas.

– Pensei que Caçadores de Bruxas assustassem bruxas.

– O que prova que você não é um de nós – comentou John Darling, ao fundo. Sabino fez sinal para ele não se intrometer de novo.

Major Bradamante tomou a palavra:

– Uma lição que você deve ter aprendido no campo de batalha, Hanson, é que o medo nos mantém vivos. Isso não muda com a cor da armadura.

João concordou. Ele só queria algo para matar.

– Mas por que precisam de mim? Reforçar o medo?

– O que você se lembra sobre círculos de magia antigos? – perguntou Lorde Ivanhoé.

João Hanson se lembrava de fadas caídas fechando seu corpo.

– São locais maculados, trancados com magias antigas, e construídos sobre ossos de homens entrelaçados aos de bichos. Áreas onde pessoas viram pedra, pessoas viram porcos, pessoas veem casas de doces.

– Sim – ratificou Ivanhoé. – Mas, ainda assim, o que se acredita é que existe um tipo de pessoa que não é afetada por um totem como esse: os *sobreviventes*. Quando sobrevive a uma delas, você se torna imune às outras.

João perdeu o ar por um momento.

– Isso é uma certeza?

– É uma teoria – admitiu Sabino. – É difícil encontrar sobreviventes, e, mais ainda, convencer esses sobreviventes a voltar a outro círculo. Mas, para invadir o círculo *dessa* bruxa, nós vamos precisar do teste.

Novamente tudo aquilo lhe trouxe a memória de Ariane Narin. Ariane que um dia estivera ali. Ariane que sempre estava com ele, onde quer que ele fosse.

E, tipo, você quer realmente passar a ter um laço eterno comigo?

Ariane que queria estar com ele para sempre.

– E se a teoria estiver errada? – perguntou João.

– Você vai morrer – admitiu Lorde Ivanhoé.

João continuava a sentir culpa por pesar aquela balança e perceber que qualquer decisão lhe pareceria uma traição.

Antes que chegasse a uma palavra final, o Rei Anísio Branford concluiu:

– Mas se a teoria estiver certa, e você sobreviver *mais uma vez*, eu vou fazer de você oficialmente um Caçador de Bruxas.

A exclamação pegou a todos de surpresa, dos irmãos Darling a Lorde Ivanhoé. O Rei Anísio, porém, não se importou; afinal, é isso que os Reis fazem.

– Então, João Hanson, o quanto você quer o que veio até aqui buscar?

6

Maria Hanson estava no alto da Catedral da Sagrada Criação. O cenário havia sido escolhido por ela, e, se chegou até aqui nesta história, você faz ideia de como aquele local era importante. O local onde ela havia aprendido sobre as estrelas de Nova Ether.

O local onde ela havia ganhado seu primeiro beijo.

Dessa vez, porém, sua companhia era outra. Giacomo Casanova se postava ao lado dela, vestindo um casaco de pele por cima das vestimentas de seda. Duas correntes de ouro lhe adornavam o pescoço, e, apesar de ter dez dedos, Maria podia contar por alto doze anéis. Na mão dela, apenas um, que em parte também era dele.

– Você sabe algo sobre estrelas? – perguntou ela, de braços dados com ele. Usava um vestido esverdeado reto até os joelhos, com mangas longas e um colarinho que a protegia do sereno da noite.

– Não muito – admitiu ele.

A resposta não a surpreendia. O céu exibia milhares de astros brilhantes, mas ela apontou para um brilho específico em meio a todos eles.

– Está vendo aquela estrela? Ela é Cobain, a estrela que se apaga no auge do brilho.

Casanova franziu o cenho, sem demonstrar se graças a uma maior curiosidade em relação ao fato da estrela ou ao fato de ela conhecer estrelas.

– Nunca havia reparado nisso – disse ele.

A resposta não surpreendeu Maria. Como que percebendo a frustração dela, ele a estimulou:

– Existem outras como ela?

– Centenas – respondeu Maria. – Quando elas se partem, deixam dois rastros de luz no céu, porém, que podem guiar pessoas para o sul ou para o norte.

– Então a pessoa pode escolher por onde seguir?

– É esse o livre-arbítrio da vida.

Casanova sorriu. Mesmo após todo esse tempo, apenas conversar com Maria Hanson já era diferente de todas as outras mulheres da corte que ele conhecia.

– Alguma estrela recente como essa?

Ela suspirou, como se a pergunta fosse difícil, e eles não estivessem falando de estrelas. Então apontou para um segundo ponto brilhante.

– Vê aquela?

– Como você consegue *reconhecer* estrelas? Pra mim são milhares de pontos brilhantes, iguais umas às outras.

– Aquela é diferente – disse ela, com uma firmeza que expressava importância. Ao menos para ela. – Aquela estrela estava ali quando eu vi esse céu pela primeira vez. Dizem que ela estava lá quando Nova Ether foi criada, e os semideuses viram seu brilho quando o mundo ainda estava adormecido. E, então, sem explicação como a maioria delas, ela também se apagou no auge e passou a se partir em dois fachos.

– Interessante – assumiu Casanova, observando o ponto. – Como é o nome dela?

– Bennington – disse Maria, sem titubear. – Uma estrela que nos lembra que existem coisas que podemos ter, mas não podemos manter.

Casanova se manteve em silêncio. Aquilo definitivamente parecia mais do que apenas uma conversa sobre estrelas.

– Tá tudo bem? – perguntou ele, percebendo que ela não o encarava.

Ela soltou o braço dele, e isso já dizia alguma coisa.

– Eu... preciso te contar uma coisa – iniciou ela. – E... eu não faço ideia de como você vai reagir, mas... preciso contar.

Ele deu um passo para trás, como se ela já tivesse revelado algo errado.

– Pelo visto, é algo sério – supôs ele.

– É tão difícil te contar isso quanto foi descobrir sobre isso. Primeiro porque sei o quanto significou pra você me dar esse anel. Você é Giacomo Casanova, um homem acostumado a ter mulheres atrás de você, não o oposto. Um homem jamais acostumado a *esperar* por uma mulher. Eu sei da importância do sobrenome da sua família, e da pressão sobre o legado que pessoas da sua classe social colocam nos herdeiros. A busca pelo filho homem, não importa quantas tentativas. Aquele que vai carregar a honra da família é tão importante quanto o que carrega no momento, e o que carregou no passado.

Ela tocou no anel, como se decidindo se iria retirá-lo ou não.

– Você está realmente me assustando – disse ele, percebendo o detalhe.

– Eu estou sendo sincera, e estou te dando uma escolha. Porque eu entendo os motivos pelos quais você me deu esse anel, mas eu não posso te dar de volta tudo o que você espera me dando esse anel.

Casanova sentiu a boca ficar seca. Coração palpitar. Estômago aquecer. Aqueles eram sentimentos com os quais não estava acostumado.

– Porque eu jamais vou te dar um herdeiro – revelou Maria.

Então ela retirou o anel, e segurou de uma maneira como se ele pudesse escolher tomá-lo dela de volta.

Casanova permaneceu um tempo calado, como se não tivesse entendido a mensagem.

– Você está... me rejeitando? – perguntou ele, como se a pergunta perfurasse.

– Você ouviu o que eu disse?

– Sim! Que você *não quer* me dar um herdeiro.

– Eu disse que eu *não posso*.

– E qual a diferença?

– A sua frase representa uma escolha. A minha, não.

Ele piscou os olhos diferentes, como se recebendo a mensagem pela primeira vez.

– Você está me dizendo que é uma mulher que não pode engravidar?

– Sim.

– Como sabe disso?

– Eu não quero reviver agora *como*, o que importa é que você saiba disso apenas.

Ela continuou a oferecer o anel. Casanova o apanhou, sem firmeza.

– Você está usando isso pra me rejeitar?

– Você faria isso comigo quando descobrisse, então é melhor nós adiantarmos isso.

Definitivamente aqueles sentimentos eram novos para ele.

Era *ele* quem terminava com elas.

Não o contrário.

– Você ainda poderia ser minha esposa... sabe, se você aceitasse...

– Se eu *aceitasse*?

– Sim, se você aceitasse... ser a esposa, mas não a mãe.

Foi a vez de Maria piscar diferente, como se não tivesse entendido.

– Você está falando sobre adotar um órfão, ou sobre você engravidar outra mulher?

– Adotar um órfão não seria solução. Como você disse: *existe um legado*. Mas não haveria sentimento, você ainda seria a esposa. Você poderia até mesmo me

ajudar a escolher a mulher.

– Você... você *realmente* acha que eu me prestaria a isso? – perguntou Maria, franzindo as sobrancelhas.

– Seria uma oportunidade... – disse ele, como se fosse óbvio.

– Para *quem*?

– Maria, pense na *sua família*! Você elevaria ainda mais o sobrenome Hanson, e eles jamais precisariam se preocupar com dinheiro.

– Eles não precisam. Ambos os filhos trabalham para a Coroa.

– O que pode deixar de acontecer um dia.

– Então eu e João voltaremos a vender doces nas feiras de Andreanne, com a mesma satisfação e ainda mais histórias para contar.

Casanova suspirou. Aquela garota era insuportavelmente difícil. Difícil de ludibriar.

Difícil de esquecer.

– Nós não precisaríamos contar que não era seu.

– E então privaríamos uma mãe de um filho legítimo.

– Seria o mesmo que adotar um órfão.

– Não, porque faltaria a nobreza do ato.

Difícil de argumentar.

– Então... é isso? – perguntou ele. – Acaba aqui?

– Eu estou lhe dizendo o que é. O que vem a seguir é sua escolha, o que nesse caso já é mais do que me foi dado.

– Você não está me dando uma escolha.

– Estou – disse ela. – Eu estou te dando a opção de escolher a mim ou ao seu legado. Mas eu entendo por que você não acha que isso seja uma escolha.

Casanova sentiu os olhos umedecerem, então travou a expressão, como se aquilo fosse uma ofensa. Como se aquilo fosse uma desonra.

Ela ajustou o anel na palma da mão dele e, carinhosamente, fechou os dedos dele. Não havia quaisquer resquícios de lágrimas nos olhos dela, e isso parecia o incomodar ainda mais por querer haver nos dele.

– E sejamos sinceros: você não conseguiria, não é? – perguntou Maria. – Viver o que lhe resta ao lado de uma única mulher.

– Parece que eu nunca vou saber.

– O que responde minha questão.

Giacomo Casanova tremia. Tremia de raiva, frustração, decepção, todos os sentimentos reunidos por se ver do outro lado, sentindo-se renegado pela única mulher que ele não conseguiu.

– Nós ainda poderíamos... continuar amantes. Ter a noite que nunca tivemos.

– E então na manhã seguinte você iria embora, e essa seria sua última lembrança sobre mim. A única lembrança numa noite diante de um céu de um milhão de estrelas.

Uma lágrima começou a escorrer, e ele a limpou com raiva, cortando o próprio rosto.

– Não seque as lágrimas, elas vão te lembrar para sempre como é estar do outro lado.

– E aonde isso iria me levar?

– À mulher que você procura.

Ela se virou e caminhou na direção da escadaria, prestes a deixá-lo sozinho, sem que ele precisasse pedir.

– Mas e... *se* você pudesse? – perguntou ele, ainda em frustração. – Se isso pra você fosse uma escolha, você manteria o anel?

A pergunta era difícil, porque a resposta honesta ele não iria querer ouvir.

– Eu não posso. E é isso o que importa agora.

Existem coisas que podemos ter, mas não podemos manter.

No alto, a estrela de Bennington brilhava mais forte do que todas as outras.

7

O vilarejo de Trigger era um desses lugares sobre os quais ninguém conta histórias, a não ser que aconteça algo ruim. Um lugarejo de ocupações quadrangulares com tirantes de madeira e tetos inclinados, divididas por duas vias principais que se cruzavam em uma igreja. Seu território havia sido moradia de famílias de cavaleiros, que hoje não trazem mais honraria alguma em seus sobrenomes, e deixaram muito para trás.

Era em um lugar como esse que o cavalo de Mordred deixava pegadas para trás em sua passagem. Trotava devagar, como fazem os cavaleiros sem medo. O cavaleiro renegado trajava um sobretudo negro, que escondia a proteção de couro por baixo. Sua armadura se prendia ao corcel preto, mas ele mal se lembrava da última vez que precisou usá-la. Mentira, ele lembrava sim, mas preferia não pensar nisso. O rosto se mostrava com uma barba grossa e os cabelos longos e ressecados se mantinham presos para trás em um rabo-de-cavalo.

Na verdade, se pararmos para pensar friamente, aquele homem mais parecia um caçador do que um homem caçado, mesmo porque isso *também* era verdade. Mordred poderia ser líder de seu próprio grupo de cavaleiros vermelhos, diabos, aquele homem poderia ser o Rei de Albion se o mundo não fosse tão louco e a vida seguisse o óbvio! Mas a vida não segue, e Mordred era o homem mais procurado do mundo, e sem honra suficiente para liderar cavaleiros de quaisquer cores.

Por conta de todo o histórico de sua derrocada com sua tia Morgana Le Fey, Mordred passou a dedicar sua vida, além de sobreviver para um dia matá-la, a diminuir a força da irmã de seu falecido pai. Contando com o dia em que as bruxas se ergueriam unidas pela segunda vez, Mordred passou a rastrear e exterminar bruxas poderosas por onde passasse, em busca de amuletos, armas e informação. Em sua história, ele já havia matado uma bruxa que pendurava bonecos de pano de suas vítimas, duas irmãs gêmeas ruivas, que se comunicavam com espíritos, e até mesmo três irmãs, não gêmeas, que utilizavam olhos de lagartixa, dedos de rã, língua de cão e outras bizarrices em seu caldeirão de fogo vivo, de onde ele retirou um frasco. Esses são *alguns* casos. Claro que há casos de bruxas que foram mortas por pessoas que não queriam entrar para a História e culpavam Mordred, mas, se outras pessoas acreditaram nisso, foi porque ele fez por merecer a fama.

Para dar uma ideia completa, Mordred não se considerava um caçador de bruxas.

Ele se considerava um matador de bruxas.

Matando bruxas sem ser pago para o feito, ele sobrevivia de uma maneira incomum: saqueando os corpos dos caçadores de recompensas que, ironicamente, lhe caçavam.

Realmente a vida não seguia o óbvio.

– Procurando um lugar pra ficar, senhor? – perguntou um adolescente, que não lhe reconheceu, mesmo porque os feitos dele eram mais famosos do que a aparência castigada de seu rosto atual. – Minha mãe cobra pouco por uma cama e sopa quente.

O cavaleiro analisou o adolescente. Devia ter quinze anos no máximo, sardas na face, uma vivacidade e esperança juvenil no olhar que perderia em dez anos.

– Você gosta das sopas de sua mãe? – perguntou de volta.

– Sinceramente, todas me parecem iguais, senhor. Mas o valor delas está incluído na cama.

O garoto ergueu os ombros e Mordred riu, se lembrando de quando era um garoto e ria de coisas simples.

– Ouvi dizer que esse vilarejo tem umas histórias sombrias por trás de sua hospitalidade. É verdade, garoto?

– Isso depende de quantas sopas o senhor estiver disposto a provar, senhor – respondeu ele, mantendo a expressão vívida.

– Você me disse que todas elas têm o mesmo sabor.

– Para mim sim – admitiu o garoto. – Mas talvez não para o senhor.

Mordred voltou a sorrir, simpatizando com o menino. Até que iria lamentar se precisasse derramar sangue naquele local em pouco tempo.

8

Ariane estava escovando os cabelos diante de um espelho, quando João entrou. Ela se virou para ele; contudo, não como alguém que se deparou com uma surpresa, mas que fora surpreendida.

– Tudo bem? – perguntou ele.

– Se tá tudo bem? Claro! Por que não estaria? O que eu poderia estar fazendo demais na frente de um espelho? – A entonação da voz dela era acelerada, até mesmo para Ariane.

– Eu não estou dizendo nada, Ariane! É você que tá estranha.

– Eu *não* estou estranha! Por que estaria estranha? – disse ela, sendo... bem... estranha.

João riu. Uma coisa que não mudava: por mais sombrios que fossem seus dias, Ariane sempre os melhorava. A expressão, porém, logo se tornou sombria, e ela percebeu. Além disso, ele continuava vestido com roupas que costumava usar por debaixo da armadura de cavaleiro, e não parecia que estava ali para retirá-las.

– Você quer me dizer alguma coisa, né? Alguma coisa séria – disse ela.

– Sim.

Ele desviou o olhar dela. Aquilo não era comum. Não para os dois.

– Me conta: qual é o problema?

João continuou olhando para baixo. Era a forma dele de pensar a melhor maneira de dizer o que iria dizer a ela.

– Essa noite eu vou sair em missão a pedido do Rei Anísio, e vou caçar uma bruxa – aquilo foi direto, e, em teoria, ele nem mesmo poderia estar revelando tão diretamente sua missão a uma pessoa de fora de seu time.

Mas eles eram João Hanson e Ariane Narin.

– Por quê? – perguntou Ariane, segurando a tensão.

– Porque ela se esconde em um círculo de magia em que apenas pessoas como eu conseguem entrar.

Ariane engoliu em seco. Era difícil para uma iniciada saber que seu parceiro iria caçar uma bruxa e que existiam bruxas que mereciam ser caçadas. João permaneceu olhando para ela dessa vez, como que esperando por uma bênção. Após absorver aquilo, Ariane, porém, na verdade perguntou:

– Existe mais algum motivo?

João não escondeu o espanto. Às vezes Ariane lhe parecia uma bruxa.

– *Como* você faz isso?

– Responde, João Hanson! Eu sei que se o Rei Anísio lhe pediu isso, você deve estar triunfante. Por dentro você deve estar: “oh, por Merlin, o Rei me convocou, como sou importante”! E tudo bem se sentir assim, porque eu sei o quanto você gostaria de cavalgar ao lado dos cavaleiros vermelhos. Só que *eu te conheço*, João! E tem algo no seu olhar, ou na sua voz, ou nos dois, que me diz que tem mais alguma coisa que você não tá me dizendo.

Ele mordeu os lábios. E suspirou.

– Você se lembra do destino do meu pai?

Ariane chegou a recuar o corpo para trás. Aquilo seria mais profundo do que ela imaginava.

– Ele vendeu a alma ao Conde de Ódio pra tentar ter você e Maria de volta.

– Sim. E então eu matei o conde, e tomei dele o anel de lenhador do meu pai.

– Você fechou o círculo.

– Assim eu acreditei.

Silêncio. Ariane se levantou e se aproximou dele.

– Como assim, João?

– Durante meu treinamento com Lorde Ivanhoé, aprendi muitas coisas. Coisas sobre bruxarias, maldições e magia negra, coisas que você nem faria ideia que possam existir.

Ela quis rir por dentro, mas se manteve séria.

– E o que essas coisas têm a ver com o seu pai?

– Eu achei que ao matar o conde, e colocar o anel de volta no dedo dele, eu *talvez* acabasse com o pacto entre eles. Talvez a alma do meu pai não precisasse servir em Aramis pela eternidade. Mas eu estava errado. O que consegui naquele ato foi impedir que meu pai servisse de escravo ao conde em Aramis, depois da morte de ambos. Você entende?

Ela concordou com a cabeça, pegando em uma das mãos dele.

– Mas, na verdade, a maneira de eu finalizar por completo e libertar a alma do meu pai em Aramis é matando a bruxa responsável pelo ritual que o ligou ao conde.

– E você está querendo me dizer...

– Que é essa bruxa que vou caçar hoje.

Ariane soltou a mão dele. Eles permaneceram se olhando fixo.

– Você soube de tudo isso através de Lorde Ivanhoé? – perguntou ela, buscando verdade.

– Uma parte – disse ele, para não mentir.

– O que você quer que eu diga, João? Que eu concordo, que me alegra saber que você pretende sair para uma missão da qual pode não voltar? Que me faz feliz permanecer aqui esperando que alguém me diga se *dessa vez* Beanshee te levou?

– Eu preciso que você me diga *que você entende* que eu preciso fazer isso.

Os olhos dele brilharam em fragilidade, um sentimento perigoso para quem iria fazer o que ele iria fazer. Ariane notou e segurou o rosto de João com as duas mãos.

– Olha aqui, Hanson! Me escuta bem! Eu conheço a sua história melhor do que ninguém. *Eu sei* por que precisa fazer isso. Você precisa fazer isso, porque é isso que você sempre faz! Você é um cabeçudo, obcecado, que tenta *consertar* coisas. A maioria dos homens que eu conheço fala mais do que age, ou pensa, já você age mais do que fala, ou pensa. Esse é o seu problema: você não pensa! Enquanto os outros estão debatendo, você já está com uma espada na frente da tropa, sem calcular os riscos. E sabe qual o problema disso? O fato de que isso também é a sua maior qualidade! O fato de que isso é um dos pontos que me faz continuar apaixonada por você, mesmo sabendo que faria a minha vida *muito* mais fácil se eu não fosse! Então o que eu quero dizer é que, se você vai fazer isso, faça *sem pensar*! Faça sem dúvidas, faça com tudo que você tem, pois é só assim que você vai sobreviver, e vai voltar pra mim quando a morte te caçar, *mais uma vez*. Você está me entendendo, João Hanson?

João balançou a cabeça, concordando. E a beijou como se fosse a última vez, mesmo acreditando que não fosse.

Era aquilo que ele precisava ouvir.

Ariane ficou observando João cavalgar para longe, sentindo o coração apertado. Quando o viu longe o suficiente, ela se virou para o menino-espectro Geppetto ao seu lado, que naquele momento apenas ela conseguia ver.

– Eu vi a mulher de preto, Mudinho – disse ela, ponderando sobre aquilo. – Ela é problema, né?

O espectro confirmou.

– Ele é muito inocente de achar que eu ia deixar ele ir sozinho pra uma missão suicida dessas. Você vem comigo?

Novamente o menino-espectro confirmou.

De fato, existiam bruxas que mereciam ser caçadas.

Até mesmo por outras bruxas.

O nome da bruxa era Gagula.

A bruxa que tudo sabe. A mulher que não morre. Uma das integrantes do Conselho do Mal.

A casa se localizava no fundo de um pântano da Floresta Torta, uma floresta no extremo oeste de Andreanne, cujo nome já dizia muito sobre ela. Repleta de depressões e terrenos desnivelados, a floresta apresentava uma quantidade de lama e areia maior do que em outras regiões similares, com uma vegetação de árvores de pouca folhagem e troncos magros de tamanhos desproporcionais. Sua vida animal era composta majoritariamente por répteis de diferentes tamanhos, incluindo crocodilos que se arrastavam por suas águas pantanosas pretas.

Como já comentado em outras vezes: o lugar perfeito para uma bruxa se esconder.

Eles haviam aguardado o amanhecer na entrada da floresta. Os raios de sol não dissipavam o medo, mas ainda era menos aterrorizante entrar no covil de uma bruxa secular de dia do que à noite.

A casa se localizava a quase dois quilômetros caminhando a sudoeste da entrada da floresta. Apenas a caminhada até lá deixava cascos de cavalos e botas de soldados repletos de lama, quando estes não afundavam suas pernas até a altura dos joelhos em solo falso. O objetivo, porém, era claro: matar mais uma sobrevivente da Caçada de Bruxas. O refúgio em questão se mostrava como uma casa de bambus em formato circular, suspensa sob a água por uma estrutura simples também composta de bambus, além de troncos e pedras.

O formato da casa não era o único círculo, contudo.

Ao longo de uma grande área ao redor do covil sinistro, hastes de bambu se erguiam com amuletos de magia negra feitos com pedaços de corpos. Alguns ostentavam cabeças humanas, alguns ostentavam braços e pernas, alguns ostentavam corações humanos. Para uma pessoa comum, aquilo poderia parecer um fetiche macabro, uma maneira doentia de assustar visitantes indesejados, quase como a mesma função de um espantalho que causasse medo em gente, não em pássaros. Para um estudioso, todavia, era algo bem claro.

Aquele era um círculo de magia antiga.

Os caçadores de bruxas naquela manhã vestiam suas armaduras vermelhas, manchadas de lama. Liderando o grupo estava o casal Ruggiero e Bradamante, além de Lorde Ivanhoé, montado em um corcel. Ao lado da montaria, o cavalo de João

Hanson. Os dois cavalgaram até ali lado a lado, em silêncio, respeitando a seriedade do que estava por vir. João Hanson, o cavaleiro que pediu por uma prova para se tornar um caçador de bruxas, estava diante de seu desejo, que em troca lhe cobrava apenas sacrifício. A tensão dentro daquele garoto era tamanha que poderia servir como uma âncora e afundá-lo no chão, impossibilitando-o de se mover. Mas João Hanson não havia ido até ali para fraquejar. Ele havia ido para dar tudo de si, mais uma vez.

Ele estava ali para entregar a vida e receber a glória que tanto buscou.

Ou morrer e servir como escravo em Aramis no lugar de seu pai.

Era esse o preço a ser pago.

– Você entende o que precisa ser feito? – perguntou Lorde Ivanhoé.

João não respondeu, apenas desceu do cavalo. Vestia sua armadura de cavaleiro real, recebida de seu antigo mentor Rinaldo Grimaldi, e exibindo as cores de Arzallum no peito. Retirou o elmo e prendeu na montaria. Ao deixar a peça, notou que havia sangue, um sangue que era seu e também lhe manchava o peito.

Seu nariz estava sangrando.

Cavaleiros vermelhos apontavam bestas para os arredores, buscando sentinelas em uma floresta sombria, mesmo tocada pelos primeiros raios de sol. O mundo estava frio, gélido na verdade, e isso ia além da temperatura. Ele caminhou até onde estavam Ruggiero e Bradamante: um passo atrás da entrada do círculo.

– Ela está observando – disse Bradamante. – Provavelmente tão curiosa quanto todos nós.

Lá dentro, era possível notar Gagula. Olhos amarelados dançavam pelas brechas de uma janela repleta de cipó trançado no lugar de vidro.

– Vocês não poderiam simplesmente atirar flechas com fogo?

– Nós atiramos. As flechas retornaram como se tivessem vida própria e queimaram os atiradores.

João não se surpreendeu.

– Hanson, ainda ter tempo – disse Ruggiero. – Você não precisar se não quiser.

João novamente não respondeu, focado nos pontos que pareciam olhos de bruxa.

– Comandante, ontem à noite eu olhei para Ariane e me perguntei se deveria fazer isso. Eu já disse a ela quantas vezes eu já deveria ter morrido, e em quantas eu sobrevivi por ela. E aqui estou eu, colocando a minha vida em jogo mais uma vez. Então eu pensei: por que fazer isso? Por que fazer isso *de novo*? E sabe a que resposta eu cheguei? Que a morte não me caça, comandante. *Sou eu* que caço a morte. Sabe quantas vezes eu já a venci? Mais do que qualquer um dos seus cavaleiros! E eu não posso mais negar que uma parte de mim *gosta disso*. Vencer a morte me faz sentir vivo.

A voz dele assombrava. O olhar focado, a falta de medo, ou ao menos, a falta de demonstração de medo. Mesmo entre homens acostumados a encarar as lutas das quais a humanidade fugia, aquilo impressionava. E impunha respeito.

– Então não, eu não vou voltar atrás.

Os batimentos coletivos pareceram se unir em uma grande massa pulsante, bombeando apreensão. João esvaziou a mente de todos os pensamentos que lhe impediriam de dar o passo que traria glória ou morte para ele. E os outros não sabiam, mas ali ele podia ver mais duas figuras que testemunhavam aquele momento nos arredores do círculo de magia.

Uma era Beanshee, a dama de vermelho, arauto da morte.

A outra era Strix, a fada caída que lhe deu uma segunda chance em troca de um pacto envolvendo *uma vida dele*. Uma vida que ela *ainda* não havia vindo buscar.

João Hanson escapou da morte por três vezes, e talvez seu corpo tenha sido fechado contra ela. Mas isso não quer dizer que Beanshee o esquecerá.

– Sabe por que estou confiante na teoria de professor Sabino, comandante? – perguntou ele na direção de Ruggiero. – Bruxas de fato se alimentam do terror de suas vítimas. Mas elas morrem de medo de seus sobreviventes.

Foi assim que João Hanson deu o passo final e entrou no círculo de magia antiga.

10

Ariane se sentou no chão da própria casa entre almofadas. No corpo vestia o Manto de Ravena escarlate, com o capuz lhe cobrindo a cabeça. Ela já havia feito aquilo outras vezes, mas nunca se esqueceu da primeira. Estava em uma cela fria da prisão conhecida como Inverno, a mesma onde hoje guardavam bruxas, e precisava, de alguma forma, *escapar*. Fosse de uma forma física.

Fosse de uma forma espiritual.

Inicialmente, ela precisava do estágio de sonho. Uma etapa, porém, que ainda lhe era incontrollável.

Por enquanto, Ariane precisa do sono, porque ainda não foi treinada.

Hoje em dia, porém, essa etapa era opcional.

Mas, no futuro, ela não ficará presa a essa condição.

Afinal, Ariane Narin não era mais uma iniciante. Era uma das iniciadas mais dedicadas. E que a cada dia mais controlava seus dons naturais.

Os olhos esverdeados se fecharam.

“Respiração”, pensou, sem dizer.

Aos poucos, as inspirações e expirações ganharam o mesmo ritmo, um mesmo compasso que os igualava, e refletia nos batimentos cardíacos mais controlados, o que era um feito grande para uma pessoa como Ariane. Então os milhares de pensamentos se tornaram centenas, que se tornaram dezenas, que se tornaram único. A melhor maneira no caso dela era sempre retornar ao início. Retornar à primeira metáfora, ensinada a ela por uma Madame Viotti em uma época em que ela ainda não sabia nem mesmo o que era um *coven*.

Querida, eu quero que você imagine uma noz, certo?

A noz representava o corpo físico. E era preciso sair da matéria. Romper o véu. Transcender o bruto. Nada que para ela já não fosse mais tão difícil.

Logo, ela vai aprender a quebrar a casca sempre que quiser.

E então Ariane abriu os olhos, e novamente se viu de pé à frente de seu corpo físico sentado, e ainda de olhos fechados. Entre a consciência que era ela, e o corpo adormecido deixado para trás, um fio de prata novamente os conectava.

Diante dela, o menino Geppetto a observava com uma expressão surpresa. Tomada pela realidade espiritual em vez da física, dessa vez ele não mais lhe parecia um espectro, mas um menino de verdade, como ele gostaria de ser.

– A... riane – ecoou dele uma voz fina, embora ele não mexesse sua boca.

– Hein? – assustou-se ela. – Você consegue falar?

– Eu acho que... na verdade... *você* agora consegue me ouvir.

Ela deu um sorriso curto. Aquela voz fina era um tanto irritante, mas ainda lhe era melhor do que nenhuma.

– A gente vai ter muito o que falar depois – disse ela. – Mas agora vamos, que a plebeia tem de salvar um cavaleiro.

11

A princípio, nada.

João Hanson pisou no terreno proibido, e, com exceção de arrepios, nada havia lhe acontecido. Observado por homens que não poderiam se dar ao mesmo feito,

vê-lo respirar dentro do círculo de magia maculado por amuletos trouxe alívio geral a princípio. Então a ordem:

– Basta desfazer os totens, liberar a aproximação e deixar que finalizemos o serviço – instruiu Ruggiero.

– Não.

A frase chocou a todos sem preparo.

– “Não”? – quis confirmar Ruggiero.

João Hanson, inexplicavelmente, começou a soltar a própria armadura.

– Com todo o respeito, comandante, mas essa luta não é de vocês.

– Cavaleiro, isso não foi um pedido – acrescentou a major Bradamante. – Foi uma ordem.

Em resposta, João Hanson deixou o peitoral de sua armadura cair. A cena parecia uma metáfora: um homem abrindo mão de sua posição como cavaleiro real, em prol de algo que ele considerava maior.

De dentro da casa, Gagula continuava a observar a cena com seus olhos flamejantes.

– Major, com todo o respeito, mas essa bruxa está diretamente conectada à minha linha da vida. Eu seria sacrificado por Babau a ela, eu perdi amigos em guerras em busca do novo Merlim, o que poderia ter sido evitado por ela, e foi ela quem condenou a alma de meu pai a Aramis a pedido do Conde de Ódio.

– Você não tem certeza disso – argumentou Bradamante.

João fixou o olhar na fada de espartilho e maquiagem negra, que apenas ele conseguia ver. Strix lhe devolveu um sorriso curto.

– Sim, eu tenho.

Você agora é um caçador de corpo fechado.

João Hanson retirou a própria camisa, deixando à mostra o desenho feito pela varinha de uma fada caída. A cruz negra com uma letra H na omoplata direita, um M na omoplata esquerda e um A na base da coluna.

H de Hanson. M de Maria. A de Ariane. A soma de sua base.

A soma de um número 13.

Você agora pode penetrar em locais profanados, pode chutar trabalhos de magia, pode derrubar paredes de crânio, pode até mesmo cuspir na mesma saliva de uma bruxa e, ainda assim, não será afetado.

João Hanson já *sabia* disso. Independentemente de a teoria de Sabino von Fígaro estar ou não correta, ele estava acima. Mesmo dentre os sobreviventes, ele era maior. Ele era melhor. Havia apenas simulado a dúvida até ali para que a chance lhe fosse oferecida.

Se a teoria estiver certa, e você sobreviver mais uma vez, vou fazer de você um Caçador de Bruxas oficialmente.

Da primeira vez em que tentara enfrentar uma bruxa secular de um antro macabro, não havia conseguido sozinho. Desafiara Rastyara em busca de Lady Almirena, hoje mulher de seu antigo mentor Rinaldo Grimaldi. Levou bravura, energia e violência ao campo de batalha, mas faltou-lhe a experiência dos mesmos Cavaleiros Vermelhos que terminaram seu serviço e lhe resgataram naquele dia.

Os mesmos cavaleiros para os quais ele agora queria se provar.

Ele retirou Dharuma da bainha e girou com uma das mãos a espada leve em provocação. De dentro da casa, Gagula entendeu.

Entenda que você não estará usando seus dons para caçar.

Um barulho se deu pelos fundos da casa, de unha arrastando em madeira. O som de uma bruxa escalando para o telhado de sua morada, lembrando uma aranha humana. Braços e pernas esticados, o corpo deitado em posição de espera de ataque.

João Hanson se posicionou na frente da casa, se pôs em posição de combate e girou a espada mais uma vez, dessa vez com as duas mãos.

Você estará caçando porque é este o seu dom.

Foi assim que a luta se iniciou.

12

Alheia ao que acontecia com o irmão naquele momento, Maria Hanson se pegou relembando um momento crucial para ela e para a nossa história. Novamente havia chegado à residência de Sabino von Fígaro, que se mantinha de pé, ao lado da poltrona com apoio para os pés. Ela já sabia de cor a posição dos livros, o cheiro das antiguidades, o sabor do chá que ele servia. Ainda assim, com aquele senhor os dias nunca eram iguais, e todo encontro se tratava de um compromisso com o imprevisível.

Próximo a ele estava Madame Viotti, o que também reforçava a sensação de incertezas.

– Maria... – iniciou ele.

– É tão sério assim? – perguntou ela, de repente.

– Como é? – surpreendeu-se Sabino.

– Você só me chama de “Maria” no lugar de “senhorita Hanson” quando precisa da minha extrema atenção. Além disso, vocês dois estão de pé ao lado do único móvel dessa casa, o que me leva a duas conclusões: ou vocês têm pressa de

me dizer algo ou vocês querem me dizer algo tão sério que vão me pedir pra eu me sentar.

Sabino suspirou um misto de orgulho e lamentação.

– Às vezes acho que te treinei mais do que deveria.

– Não, você não acha – disse ela. – Na verdade você *adora* ver o resultado do seu treinamento.

Ele queria sorrir e dizer que era verdade, porque era, só não tanto naquele momento. Porque ele não queria que aquele momento precisasse existir. Novamente, no reflexo, Sabino colocou um lenço na boca enquanto tossia, e o pano apresentou manchas de sangue. Percebendo o titubeio dele e de Maria Hanson, Madame Viotti tomou a palavra:

– Maria, querida, você poderia se sentar?

Maria apertou os olhos, sabendo que não estaria completamente preparada para o que quer que viesse a partir dali. Ela se sentou na poltrona, e Madame Viotti fez o mesmo no apoio para os pés da poltrona, ficando de frente para ela.

– Você se lembra das coisas que nos contou durante a *regressão* que nós fizemos?

O nome chamou a atenção dela.

– Alguma coisa, não muito.

– Você nos contou coisas sobre o período de cativeiro na Casa, sobre coisas que Babau te obrigou a fazer ou que fez com você.

Maria não comentou. Sabino tomou a vez, atraindo a atenção dela.

– Graças a você, nesse momento está acontecendo uma operação dos Cavaleiros de Helsing, que, esperamos, nos leve para mais perto de encontrar o novo Cristo.

Maria continuava desconfiada de onde estava o *real* motivo daquele encontro.

– Então vocês conseguiram o que precisavam – concluiu ela, pisando em ovos.

– Na verdade, nós conseguimos *mais* do que precisávamos – disse Viotti. – E por isso você está aqui. Sabe, eu debati bastante com Sabino se deveria te revelar isso ou se seria melhor deixá-la viver sem saber.

Maria recuou por instinto e colou as costas no encosto da poltrona.

– Até que Sabino me perguntou o que eu, como mulher, iria preferir se estivesse na mesma situação. Então decidi que seria melhor te contar, pois a verdade, por mais dolorosa, ainda é verdade.

Maria sentiu uma lágrima nascer, mas engoliu. Talvez a notícia não as merecesse.

– Digam – falou ela. – Digam de uma vez.

– Durante a regressão, você relatou que Babau costumava te picar de tempos em tempos com agulhas longas aquecidas em fogueira, certo? Que ela costumava

fazer isso até sangrar e testar seu sangue.

– Sim. – Mesmo com a memória forte, Maria *ainda* se recusou a chorar. – E você me perguntou *onde* ela me espetava...

Madame Viotti se espantou. Era realmente impressionante a garota se lembrar daquilo.

– Sim. E você me respondeu que ela te espetava no ventre, todos os dias recolhendo um pouco de sangue na mesma taça.

Maria concordou com a cabeça, porque a voz estava sumindo. A pulsação se alterou, começando a prever o que estava por vir.

Madame Viotti deveria concluir tudo aquilo, com uma voz calma e amigável, mas, mesmo ela, parecia *não querer* concluir aquilo.

– O que ela fez comigo, Viotti? – perguntou Maria com o ar que lhe restava.

Silêncio.

– Maria, você pensa em ser mãe? – perguntou Sabino de repente, colocando a mão no ombro dela.

Aquela pergunta era tão abrupta que doeu nela.

– Mais do que tudo – respondeu ela, sem pensar.

Silêncio. As lágrimas que não desciam do rosto dela começaram a descer pelo de Madame Viotti. A mão de Sabino apertou ainda mais o ombro dela.

– É isso, não é? – quis saber Maria. – Foi isso mais uma coisa que ela tirou de mim... não foi?

Madame Viotti concordou, com dois riscos brilhantes sobre a face.

– É por isso que ela testava o sabor do sangue – admitiu Viotti, se cortando por dentro com aquelas palavras. – Ela queria te esterilizar.

Maria sentiu o estômago ferver. Ela quis vomitar, mas dividiu pelo resto do corpo o esforço que estava fazendo para manter a compostura.

– Por quê? Por quê, Viotti?

– Talvez para te vender depois como escrava... talvez pelo prazer da tortura... talvez pelo sabor que seu sangue passasse a ter... talvez apenas por inveja por você ser jovem, bonita e fértil. Infelizmente, a Maldade não precisa de motivos.

Em um movimento de puro instinto, Maria agarrou o braço de Sabino von Fígaro, buscando apoio. O apoio que ela buscaria em seu pai, se ele estivesse ali. Em resposta, Sabino passou o outro braço ao redor dela, no apoio que ele buscaria dar se aquela menina fosse sua filha. E então Maria Hanson se permitiu chorar ao compreender que aquela notícia merecia suas lágrimas. O abraço se tornou mais forte conforme o choro dela se tornou mais intenso, e foi a primeira vez que Madame Viotti viu Sabino von Fígaro realmente fragilizado, sem saber o que dizer. Pois não havia o que dizer para diminuir aquela dor.

Uma dor que, de certa forma, conectava e fazia Maria Hanson compreender ainda mais seu próprio irmão.

Afinal, se fosse possível, ela também gostaria de matar bruxas.

13

A bruxa saltou de um ponto a outro do telhado, ainda com os braços e pernas afastados e o peito próximo do chão. Usava apenas um vestido manchado de vômito, que nas sombras parecia uma carapaça. Os cabelos brancos e desgrenhados lhe caíam por todos os lados da cabeça, tampando parte de sua face, e o olhar aceso ainda se mantinha como se os olhos fossem brasas. Na boca não havia dentes.

Ainda à espera, João Hanson não parecia impressionado.

Olhar fixo, respiração controlada, imóvel à espera da aproximação. Então Gagula saltou do teto e pousou no chão novamente lembrando um aracnídeo. Avançou se arrastando em velocidade na direção dele, gingando. Caçadores de Bruxas gritaram instruções que ele não ouviu, ou, se ouviu, ignorou. Quando perto o suficiente, sem aviso a bruxa saltou sobre ele com uma das mãos à frente lhe apontando as unhas.

João Hanson girou para um dos lados, girando a lâmina da espada média com ele.

Gagula passou ao lado dele, como se tivesse errado o alvo. João se virou para ela, dessa vez de pé, deixando a ponta da espada tocar o solo. A lâmina vazava sangue. O ego doeu mais do que o corte, e a bruxa de repente se ajoelhou, fechando-se em uma posição quase de cócoras, e gritou como louca. O grito liberou três projeções de si mesma, que surgiram à frente e aos lados de João sem aviso, reproduzindo o grito e a expressão louca, reforçada pela escuridão noturna.

Gagulas que apenas ele conseguia ver.

Despreparado para aquilo, a pele se arrepiou, o coração disparou, e João embaralhou os pés para trás, caindo no chão, tentando entender o que era real e o que era dissimulação. As projeções das bruxas continuaram girando e gritando sobre ele, como que zombando do desafiante. João tentava cortá-las com a espada, mas a espada só cortava carne, não ilusão.

Observando a cena ridícula para ele, saborosa para ela, Gagula, a verdadeira, se levantou e caminhou gingando na direção dele, prestes a lhe dilacerar a traqueia, beber seu sangue e exibir a boca manchada para caçadores que gostavam de

vermelho. Ao redor do círculo, seus comandantes gritavam coisas para o cavaleiro insano no chão, lutando contra inimigos imaginários, que eram abafadas pelos gritos das Gagulas que não estavam ali. Os gritos continuavam a lhe entrar pelos tímpanos, se sobrepondo aos seus próprios pensamentos e lhe desordenando a lógica. João se apertava tanto no próprio caos que mal percebia o caminhar torto da verdadeira bruxa que viria matá-lo.

– Não, não, não – murmurava para si mesmo. – Eu não posso falhar... não por mim... não por *ela*...

Era isso o mais angustiante. Falhar por ela.

– Você não vai falhar – disse uma voz fantasmagórica, que não partiu dele.

Foi quando aconteceu uma *explosão luminosa*. Sem qualquer tipo de aviso, as três projeções de Gagula foram jogadas para trás em um estouro de luz, que apenas quem enxergava além da matéria poderia ver. No chão, João Hanson conseguia ver, mas não acreditar.

De pé diante dele estava Ariane Narin.

O corpo imóvel, virado de lado, com uma das mãos esticadas para a frente.

Ela também parecia translúcida, vestindo um manto vermelho como as armaduras que ele queria usar. João continuou imóvel, mais chocado e confuso por aquela visão do que as anteriores. Então o ser que era Ariane agarrou o punho do ser que era João e que empunhava a espada Dharuma. A mesma espada que iniciou a Caçada de Bruxas, e naquele momento, unia uma bruxa e um caçador que se amavam.

– Levanta, cavaleiro – ordenou ela.

João Hanson se ergueu, trazendo a mente de volta para a batalha. Ao redor do círculo impenetrável, os Caçadores gritaram ao ver somente ele naquela arena traçada retornar para uma batalha que parecia perdida, e tinha apenas uma adversária.

Do lado de dentro da arena, porém, na guerra que não se via, Gagula observava Ariane, impressionada.

– Não sei quem é vosmecê, mas é bem atrevida – disse Gagula.

– Você nem imagina o quanto – comentou Ariane. – Mas está prestes a descobrir, e da pior forma.

Aquilo irritou Gagula, que voltou a se fechar em posição quase fetal. João ia avançar, mas Ariane fez sinal para que ele não se movesse.

Afinal, aquela era a parte dela.

Os olhos dela continuavam fixos nos olhos de Gagula, enquanto as três Gagulas irreais caminharam na direção deles, dispostas a machucar o corpo espiritual de Ariane.

Mas Ariane sorriu.

Como se a cena não lhe assustasse, ela se abaixou sobre a terra, a mesma que formava o círculo de magia, e desenhou rapidamente com o indicador um nó de três pontas na forma de três peixes entrelaçados. Então em um único movimento ela riscou um círculo, que cruzou os três nós, completando o desenho da triquetra.

E as três Gagulas desapareceram da mesma maneira que surgiram.

– Como... como vosmecê ousa...

Até aquela noite, não se sabia se era possível fazer uma bruxa tão antiga quanto Gagula gaguejar. Strix e Beanshee se olharam, atônitas, com aquela cena única. Já o menino-espectro vibrava e aplaudia de cima de uma árvore.

Sem aviso, a bruxa do pântano voltou a correr como uma aranha na direção do casal, completamente em desatino, com as unhas para a frente em posição de bote. Dessa vez sim, Ariane saltou para trás, dando lugar a João. O cavaleiro girou a espada desenhando dois giros no ar e despejando sangue que não era dele no campo de batalha.

No chão, uma das mãos de Gagula se mostrava separada do corpo.

Demorou pra a bruxa entender. Quando entendeu, e aceitou a dor, o grito dela ecoou pela Floresta Torta. Era um grito fino, mais lembrando uma pessoa possuída por uma força maligna do que pela dor da perda de um membro.

Do lado de fora, cavaleiros no plano material gritaram.

Entidades no outro plano, também.

Engolindo a dor, Gagula murmurou mantras proibidos e de súbito tocou o solo com a mão que lhe restou. Ariane tentou avisar João, mas o ato foi mais rápido do que a intenção. De repente, uma raiz saltou do solo e se enroscou no braço do cavaleiro, o mesmo braço que segurava a espada. João forçou, e a raiz se enroscou mais forte, prendendo a espada.

Gagula avançou sobre ele.

João forçou mais uma, duas, três vezes, mas o braço continuava preso. Ariane novamente EXPLODIU uma onda de luz, que fez Gagula tropeçar e rolar pelo chão, como se tivesse se embaralhado nos próprios pés.

– Use seu treinamento, Hanson – gritou Lorde Ivanhoé do lado de fora, e, dessa vez, ele escutou. – Quando não puder usar os braços...

Gagula recuperou-se do tropeço, novamente quicou em uma ginga torta e saltou sobre o cavaleiro com a mão que lhe restava. Aceitando a impossibilidade de usar os braços, João bateu os calcanhares, liberando a lâmina no bico do solado. Em um movimento súbito, ele chutou o ar em semicírculo diagonal, atingindo Gagula e levando o corpo para trás do braço ainda preso. A lâmina zunida em meio ao chute rasgou da ponta do pescoço até a ponta do queixo de Gagula, que caiu tossindo sangue, sem entender o que havia lhe atingido.

A bruxa permaneceu no chão, com a mão que lhe restava tentando evitar o sangramento que lhe descia do rasgo na parte inferior da mandíbula. Aproveitando o momento, Ariane desenhou uma runa no ar, e a raiz que prendia João perdeu a força. Então se afastou dando lugar a ele na luta.

Afinal, aquela era a parte dele.

Gagula novamente engoliu a dor, e cuspiu mantras e sangue na terra, tocando o solo.

– Não, não é possível – murmurou, cuspidando sangue. – Vosmecês são crianças...

– Bruxa, se não fui seu alimento quando era uma criança, achou mesmo que eu seria *agora*? – perguntou João.

Assim ele caminhou na direção de uma Gagula assustada. *Realmente* assustada, pela primeira vez. Apavorada, ao ponto de tentar seu último artifício.

Os olhos em brasa dela se conectaram com os olhos dele. Aquela era uma *magia de sangue*, uma variação da hipnose negra que Babau um dia usou com os irmãos Hanson na Casa de Doces. Uma magia proibida capaz de ferver o sangue de uma pessoa, ou, ao menos, *fazê-la pensar* que seu sangue está fervendo. Algumas vítimas caíam no chão em convulsão, algumas se matavam simplesmente para fazer a dor parar. Fosse como forma de tortura, fosse como artifício de batalha, diziam-se se tratar de uma das magias mais sujas e angustiantes dentre as magias proibidas.

Foi *por isso* que Gagula a escolheu em seu último recurso. Ela teria sorrido, juro a você. Se não fosse a dor excruciante, se não fosse a quantidade de sangue que cada vez mais se sobrepunha ao vômito do vestido, ela teria saboreado aquele momento.

E, ainda assim, teria sido por pouco tempo.

– Veja o que vocês criaram – disse João Hanson.

O simples fato de ele conseguir *falar* alguma coisa já era assombroso. Não apenas para ela, para todos que testemunhavam aquele momento.

– A vítima que se tornou algoz – continuou ele.

Os olhos dele não haviam mudado. Continuavam frios, focados, sem medo. Essa era a parte mais assustadora.

Sem medo.

– A caça que se tornou caçador – continuou ele.

Desnorteada, Gagula buscou a projeção de Ariane Narin.

– O que... o que vosmecê...

– Eu não preciso fazer nada – declarou Ariane, se aproximando ao fundo. – *Você* e sua corja fizeram...

– Não, vosmecê tá...

– Você e seu coven criaram um menino que se tornou um sobrevivente – concluiu ela, ainda sorrindo com um prazer quase infantil.

A teoria se fazia prática. Ele era *imune*. O nariz dele continuava a sangrar reconhecendo a presença da magia negra, mas a magia em si não lhe afetava. Não mais. Gagula de repente começou a rastejar *para trás* pela primeira vez. Pela primeira vez com medo de um caçador, como nem mesmo Primo Branford havia conseguido durante sua caçada.

O tom da voz dele que se seguiu foi acompanhado de um caminhar lento, arrastando a ponta de Dharuma pelo solo apenas como desafio.

– Bruxa, você foi uma das responsáveis por feitos indescritíveis em relação à minha família. A mesma das iniciais que hoje fecha meu corpo. E me trouxe de volta até você.

Como um círculo. Sem início nem fim.

Sem saber o que gritar, o que fazer, ou como escapar, Gagula continuou a rastejar para trás, até se dar conta de que estava presa dentro *de seu próprio* círculo de magia. No limite de seu território maculado pela magia de totens, cavaleiros vermelhos aguardavam. Sair significava se entregar a homens acostumados a torturar e matar bruxas. Ficar significava ser o ponto inicial do nascimento do maior caçador de bruxas da história de Nova Ether.

Difícil dizer que destino era pior.

– Mas não se preocupe! – afirmou ele, trazendo a frase que tanto esperou para um dia repetir. – Tenho a certeza da morte de uma estrela que encontrarei um jeito de você me pagar.

Os olhos de Gagula se apagaram. Então ela viu Strix olhando para ela, ao lado de Beanshee. Havia demorado décadas, quase um século, mas o destino reservado aos homens lhe havia chegado.

Olhando para João Hanson, a segunda bruxa da Casa de Doces chorou por apenas um dos lados do rosto.

14

O palácio do sultão era diferente de qualquer palácio já construído no continente do Ocaso. Quando digo diferente, não me refiro apenas à estrutura, nem à decoração, por si só já únicas com certeza, mas ao estilo de vida e de cultura

encontrada em um palácio do Nascente. Como dito, Al-Quadim era um lugar quente, barulhento, repleto de vida e de energia, e isso se refletia diretamente em outros aspectos da cultura oriental de Nova Ether.

Logo na entrada se notavam as paredes de mármore com detalhes em ouro de uma arquitetura repleta de abóbadas, cúpulas e colunas, além de cortinas de seda com inscrições no idioma local. Um jardim multicolor se estendia em meio a fontes com bucais em forma de monstros de cerâmica, tapetes de palha com mulheres seminuas exibindo corpos de todos os tipos de formas aproveitando o sol, serviçais recolhendo água em bandejas de prata, guardas com espadas de lâminas curvadas e homens com corpos de rocha.

– Esses humanoides de pedra... – iniciou Snail, esperando que Scheherazade concluísse.

– Golens – definiu ela. – Seres criados pela junção de corpos inanimados com espíritos sem corpos físicos.

– É... vocês mexem com coisas estranhas por aqui...

– Você nem faz ideia – disse ela, achando certa graça.

O início do prédio principal apresentava uma sala para recepção, com uma tapeçaria de cores vibrantes como vermelho e amarelo. Uma das diferenças que Snail notava nas estruturas locais era que os cômodos apresentavam espaços bem mais abertos do que no Ocaso, com mais entradas de luz e mesmo portas maiores, quando havia portas. Isso tornava a união desses aposentos em forma de cúpulas um tanto convidativo, trazendo um aspecto leve apesar de suas grandes dimensões. Além disso, era bom para ladrões.

– De quantas mulheres o sultão daqui precisa? – perguntou Snail, enquanto caminhava pelos aposentos, guiado por seu novo guia.

– Snail... – recriminou Liriel, sem saber se a pergunta seria considerada ofensiva.

Scheherazade, porém, não parecia ofendida.

– O sultão precisa de quantas mulheres forem precisas para lhe dar herdeiros. Atualmente sua morada conta com mil e uma delas, mas nem todas precisam se tornar suas amantes, só se deitam com ele as que assim desejam. Muitas delas são na verdade meninas órfãs e sem família, que escolheram servir ao sultão.

– Então não há escravas aqui? – perguntou Liriel, tentando manter um tom neutro na pergunta.

– As únicas que estão aqui contra a vontade e que mais se aproximariam de sua definição de escravidão são as antigas esposas de inimigos de Badroulbador, que morreram em batalha contra Al-Quadim. Elas trabalham nesse palácio sem pagamento além de moradia e comida, mas ainda consideram o destino melhor do que prisão ou morte.

Liriel balançou a cabeça, não como se concordasse, mas ao menos como se compreendesse.

– E... – iniciou Snail, formulando uma pergunta que dessa vez avaliou antes de concluir. – Existe alguma considerada a *preferida* ou a *principal*? Não sei se esse seria o termo a se utilizar aqui ou se estou me fazendo entender com clareza...

– Sim, você está, e a resposta para isso é sim: existe uma preferida, considerada pelo povo sua Sultana, a grande esposa de seu sultão – explicou Scheherazade. – Vocês estão falando com ela nesse momento.

Snail e Liriel pararam de andar, mantendo expressões travadas. Scheherazade esperou que eles se recuperassem.

– Então você é como uma... Rainha aqui? – perguntou Snail, com cuidado.

Scheherazade pensou sobre aquilo.

– Com funções diferentes, mas, em termos práticos para o entendimento do que já li sobre sua cultura, sim, eu seria o mais próximo disso.

– Como você consegue me fazer gostar mais de você a cada segundo? – perguntou Liriel, sem esconder o deslumbre.

Scheherazade não admitiu, mas o sentimento era mútuo.

– O próximo cômodo é o aposento do sultão Badroulbador – revelou Scheherazade. – Ele está à sua espera.

O salão do sultão era composto de azulejos azuis-claros com desenhos que provavelmente remetiam a momentos históricos daquele povo, além de domos e arcadas douradas. Mais mulheres se espalhavam pelos cantos, maquiadas, bronzeadas e exibindo joias que poderiam estar em cavernas de dragões.

Em vez de tronos pintados a outro, porém, Snail encontrou o talvez homem mais rico do mundo sentado... no chão, em meio a almofadas bordadas. Bebia vinho e conversava no idioma local com um casal de jovens, obviamente amantes. Ela usava um véu esverdeado sobre o rosto, ocultando parte da face; ele mantinha os cabelos raspados, e um físico e postura que Snail reconhecia vir de alguém que foi treinado desde cedo como soldado, ou ao menos cresceu nas ruas.

– Meu sultão, apresento-te o capitão Snail Galford, o Simbad, e sua imediata, Liriel Gabbiani, de Arzallum!

O sultão se levantou, e também começou a falar no idioma altivo com um sotaque ainda mais forte do que o de Scheherazade.

– É um prazer conhecer enfim alguém de Arzallum.

– Sinto não ser o melhor exemplo para lhe causar uma boa impressão – disse Snail, torcendo para ser entendido.

O sultão achou graça, pensando que Snail estava brincando.

– Espero que Ruggiero tenha feito bonito em sua participação no Punho De Ferro! Ao que soube, ele gostou tanto das mulheres arzallinas que preferiu não

voltar.

Foi a vez de o Sultão rir alto, e Snail e Liriel ficaram sem saber se ele estava brincando ou não.

– Realmente não sei – admitiu Snail. – Não sou fã de pugilismo.

O sultão parou de rir, como se Snail houvesse dito algo surpreendente, ou idiota, ou surpreendentemente idiota.

– É mesmo? – perguntou. – Mas ao menos viu a princesa Badoura se materializar através de grãos de areia no Grande Paço?

Snail coçou a cabeça, como se fosse difícil o que tivesse de comunicar.

– Sultão, na verdade, eu nem mesmo sei quem é a princesa Badoura.

– Sou eu – disse a jovem, retirando o véu e se levantando.

Snail era espanto na face, assim como Liriel.

– Você é a princesa? – perguntou ele.

– Sim – disse Scheherazade, se aproximando dela. – Essa é nossa filha Badoura, a princesa de jade.

A menina tinha os olhos grandes e uma extensa cabeleira negra, que lhe passava da cintura. Além do véu retirado, exibia brincos de pérola, colares de rubi, anéis de diamantes e pulseiras e argolas de prata em locais como tornozelos e pescoço. Apenas olhando para ela, Snail e Liriel pensaram a mesma coisa naquele momento: em sua época de ladrões, roubar somente aquela mulher já lhes teria dado o lucro de meses.

– Olá, estrangeiros – disse ela, com um sotaque mais leve que o do sultão, mas ainda único aos ouvidos de Snail e Liriel. – Apesar do desapontamento de saber que não fiquei mais conhecida no ocidente, espero que saiam daqui com uma boa lembrança de mim.

Snail e Liriel não sabiam se ela estava falando sério ou espalhando ironia.

– Senhora, terei ótimas lembranças daqui se nosso sultão se interessar pelo que tenho a oferecer – disse Snail.

– Senhorita – corrigiu Badoura. – Ainda não me casei com o príncipe Xariar.

O jovem de cabelos raspados se levantou ao ter seu nome citado. Eles trocaram algumas frases no idioma local, soltando risos em seguida, e Snail se perguntou o que será que Badoura estava dizendo sobre sua pessoa.

– Do pouco que já aprendi sobre você, capitão Simbad, duas características se destacam... – disse o sultão. – Sua veia por aventura e seu gosto pelo comércio.

– Nenhuma outra mulher jamais me entendeu tão rápido, sultão – disse Snail.

Liriel riu. A Rainha e a princesa, também.

– Então me diga, capitão: o que tem de tão único e precioso pra me oferecer que eu não possa conseguir por outros mercadores?

Snail deu um passo à frente, estufando o peito. Era como se tivesse treinado aquele momento durante anos em sua mente.

– Sultão, eu trago a você hoje o Grande Tesouro do lendário capitão pirata J. Flint!

O sultão virou o rosto de lado, como se aquilo fosse duvidoso.

– Você está mesmo afirmando que teve acesso ao maior tesouro do mundo?

– Sim, senhor.

– Pensei que o Grande Tesouro se tratasse apenas de uma história lendária.

– É assim que tesouros se tornam lendários, sultão – disse Liriel, como se estivesse orgulhosa de participar daquele momento histórico. – Através de suas histórias.

Scheherazade admitiria a qualquer pessoa que também já gostava daquela mulher. Badroulbador permaneceu um tempo focado nos dois, buscando algo que desmascarasse uma farsa que ele não encontrou.

– E você foi o responsável por encontrar o mapa dessa história?

– Na verdade, eu fui responsável por encontrar *o homem* que havia encontrado o mapa – admitiu Snail. – Eu tirei o velho Jim Hawkins da prisão e o fiz membro do navio que tomei do filho de James Gancho, e na mente dele estava o único mapa do mundo do Grande Tesouro.

– Fico feliz que tenha me escolhido como seu comprador, capitão – disse o sultão. – Pelo visto, mais do que oferecê-las, você sabe como tomar coisas de alguém.

– E de que nada me adiantam se não fizer dinheiro com isso.

O sultão concordou com a cabeça. Snail era um rato do mar, uma parte detestável da escória do submundo, mas, ainda assim, um homem a não se duvidar.

– Você esteve mesmo na ilha? A ilha cantada pelos bardos?

– Sim, estive. Uma ilha repleta de esqueletos, com um deles apontando para onde Flint enterrou seu tesouro.

– E o que havia lá?

Houve um silêncio tão absurdo que a tensão era palpável. Snail Galford puxou de uma pequena bolsa um rolo de papiro, ergueu no ar e deixou-o abrir.

– O que é isso, capitão?

– Um mapa de estrelas.

Badoura e Scheherazade se olharam, mas nenhuma das duas tinha algum palpite do que aquilo significava, o que era raro. Percebendo que ninguém ali tinha qualquer ideia de por que um mapa de estrelas seria tão valioso, Badroulbador foi obrigado a perguntar:

– Desculpe nossa ignorância, capitão, mas... por que um mapa de estrelas seria o Grande Tesouro de Nova Ether?

– Porque ele revela o local de nascimento do novo Merlim de Christo, sultão.

15

Na estrada de Denims, a mesma agora conhecida por servir de caminho para o primeiro trem de Nova Ether, as Colmeias tinham sido instaladas. Como você já ouviu falar, as estruturas apresentavam uma arquitetura oval e colossal, com diversos cabos conectados, que se estendiam em fios brilhantes e coloridos, como se a luz não apenas pudesse ser condensada dentro de alguma coisa, como também apresentar cor. Em meio a um território extenso e cercado por grades e arames farpados se erguia então o chamado parque ethérico, a união de Colmeias responsável por alimentar o etherpunk que a cada dia mais revolucionava o Ocidente.

Criado e comandado por engenheiros da raça gnoma, obviamente se tratava de uma situação comum o fato dos navios voadores Vishnus estarem a todo o tempo entrando e saindo daquele território, acrescentando com isso mais uma curiosidade aos viajantes de trem.

Naquele dia, contudo, um dos Vishnus que aterrissaram na área de chegada da Colmeia principal do parque ethérico de Arzallum causou surpresa geral, espalhando a notícia como fogo pelos engenheiros locais, e certo alvoroço incomum para uma raça tão organizada como aquela. Quando o Vishnu abriu sua porta central e revelou seu principal viajante, porém, a agitação foi justificada.

Porque ali estava Axel Branford.

– Vossa alteza... – disse o gnomo-chefe responsável pela chegada dos navios pelo céu. – Não esperávamos receber visita tão ilustre no dia de hoje.

– Não se preocupem comigo, engenheiro. Não quero que modifiquem nada de suas rotinas pela minha chegada. Na verdade, esse é o grande motivo de minha parada.

O gnomo não comentou, sem saber se aquilo era algo bom. Axel aumentou sua dúvida ao concluir:

– Eu vim para conferir com meus próprios olhos tudo o que realmente acontece aqui.

Mordred estava deitado sem dormir, quando bateram na porta. Três batidas. Era como se ele já esperasse.

– Entre – disse, enquanto se sentava. A bainha com a espada estava ao alcance de meio-braço.

– Com licença, senhor.

Era o menino, filho da dona da estalagem. O quarto era pequeno, com uma cama pequena, e um armário menor ainda. Paredes com alguns focos de cupins, e a única decoração era um quadro com a cruz de Merlim. Ele já havia ficado em locais piores, porém.

– Eu... vim lhe trazer isso, senhor – disse o menino. – Como sinal de boas-vindas.

Era um pote de sopa, oferecido em cima de uma tábua de madeira. A situação seria completamente normal, *se* Mordred tivesse pagado por aquilo, se ele não tivesse ouvido movimentação de cavalos do lado de fora, se o menino não houvesse feito a pausa após dizer “eu” e se a tábua de madeira que trazia a sopa não estivesse tremendo junto com as mãos dele.

– Quem mandou você trazer isso pra mim, garoto?

– Minha mãe – respondeu o menino de bate-pronto, na velocidade exagerada dos que mentem.

– Quem mandou sua mãe lhe mandar trazer isso?

O garoto não sabia o que dizer. Mentir requeria prática.

– Quantos homens estão lá embaixo?

O garoto engoliu em eco. Aquele era um caminho sem volta.

– Quatro, senhor – admitiu enfim.

Sem volta.

– Não se preocupe, a culpa não é sua – disse o cavaleiro renegado com um tom de voz sereno, como se não se importasse.

O menino continuou a se sentir culpado. Seria tão mais fácil se aquele homem simplesmente fosse grosso, violento e lhe tratasse mal.

– O que eles ameaçaram? Machucar sua mãe?

O garoto olhou para baixo, e respondeu sem focar nele.

– Queimar a estalagem.

Mordred balançou a cabeça. Aquela seria sua segunda opção.

– Sabe por que eles preferiram enviar você pra me envenenar, em vez de entrarem nesse quarto e tentar me matar em luta?

O menino balançou a cabeça negativamente.

– Porque eles sabem que vão morrer. Esses tipos não são guerreiros, eles são caçadores de recompensas, quase uma versão humana de abutres, você me entende?

O jovem entendia.

– Então eu vou lhe fazer uma pergunta, e depois vou instruir sobre como nós vamos lidar com essa situação, sem que seja preciso destruir a estalagem. Tudo bem?

– Sim, senhor.

– Minha pergunta é: onde se localiza a bruxa dessa região?

O menino empalideceu, e isso diz muito, pois era ruivo. A boca abriu, mas a voz não saiu, como se estivesse proibida de falar.

– Se você demorar, eles vão estranhar. E então vão machucar sua mãe mais do que essa estalagem.

– Ela vive isolada em uma torre ao norte. Basta seguir à margem do rio até uma área repleta de rabanetes, que termina em um espinheiro. Fica atrás.

Mordred fez um movimento dubio com a cabeça para ele, tanto um entendimento quanto um agradecimento.

– Está certo – concluiu. – Agora vamos para a segunda parte.

Mordred apanhou a sopa e derramou devagar do lado de fora da única janela do quarto.

– Você agora vai voltar lá, dizer que eu lhe contei uma história da época do Rei Arthur Pendragon e que eu tomei toda a sopa. Eu vou contar alguns segundos e depois vou começar a tossir e aumentar a intensidade dessa tosse. Então eles virão aqui com facas e espadas em punho, e eu vou matar os quatro. Não vou mentir pra você: não vai ser uma visão bonita. Vão sobrar pedaços espalhados e sangue dentro desse quarto, mais do que você jamais viu na sua vida ainda curta. Será tão intenso que depois vocês poderão trancar esse cômodo para sempre ou limpá-lo e utilizá-lo como atração turística, não me importo. O que importa é que o resto da sua estalagem vai estar de pé, sua mãe vai estar a salvo, vocês vão poder ficar com todo o dinheiro que eles tenham nos bolsos. Depois, eu vou tomar uma sopa que não esteja envenenada, então seguirei meu caminho e nós nunca mais cruzaremos os nossos. Você compreendeu tudo?

O garoto assentiu, sem piscar. De um lado havia receio, claro; você também ficaria se soubesse que iriam sujar sua casa de sangue em pouco tempo. Mas por outro lado dele existia certa excitação, fruto do estranho encantamento infantil que as crianças desenvolvem por anti-heróis.

O garoto se foi com a bandeja de madeira e o pote de sopa vazio, e Mordred pôde jurar que ele deixou a sombra de um sorriso para trás ao sair.

Então observou o ambiente, construindo a futura luta em sua mente. Deitou-se em meio ao único lençol, com a espada desembainhada, prestes a furar a garganta do primeiro.

Contou alguns segundos.

E começou a tossir alto.

17

O salão do sultão ainda estava em choque. O silêncio instaurado transformava a surpresa da situação quase em constrangimento, mas Snail gostava da reação e a incentivava, aguardando que partisse deles as próximas palavras.

– Se o que diz é verdade, capitão... – disse Badroulbador – ... me admira que esteja disposto a vender algo assim.

– O sultão deveria se admirar se não houvesse algo que esse homem não estivesse disposto a vender – disse Liriel, e Snail fez um movimento com a cabeça, como se ela estivesse certa.

– Eu posso... vê-lo? – perguntou a princesa Badoura.

Snail olhou para Liriel, analisando. Então deu de ombros, aproximou-se dela e lhe estendeu o mapa de estrelas. A princesa abriu o papiro com uma expressão digna da grandeza do tesouro que lhe fora entregue.

– Meu pai... isso é... formidável – disse ela. – Se for verdade... nós podemos buscá-lo... e criá-lo sobre nossos princípios sagrados...

O príncipe Xariar se aproximou dela, igualmente e observou em espanto o documento. Snail notou um olhar diferente, porém. Da parte dela, era fascínio. Da parte dele, era deleite.

– Se havia alguma dúvida do elo sagrado concebido ao Oriente pelo Criador, essa dúvida agora se esvaiu – concluiu Scheherazade, se aproximando do esposo. – Você sabe quantas guerras seriam travadas, quantas mortes seriam necessárias, apenas para que este mapa chegasse em suas mãos? E, no entanto, aqui ele está, sem que uma gota de sangue fosse derramada.

– Bem... algumas foram – acrescentou Snail, sem incômodo. – E acredito que esse seja mais um motivo pelo qual nosso sultão deveria ser generoso com aqueles que se dispuseram a sangrar por isso.

Badroulbador permaneceu olhando para ele sem piscar, tão fundo que Snail se lembrou do olhar de Primo Branford quando o interrogou na prisão conhecida como Jaula. A lembrança não foi boa.

Nunca olhe para as estrelas.

A lembrança de uma época em que sombras e fantasmas caminhavam por Andreanne. Antes de serem brutalmente exterminados.

E restarem apenas ele e Liriel.

As estrelas olharão para você.

– E que prova você teria de que esse mapa é real, capitão?

– Nenhuma. Apenas minha palavra, sultão.

– A palavra de um *pirata*? – questionou o sultão.

– O único tipo de pessoa capaz de lhe trazer algo assim.

O sultão segurou um riso. Era ruim simpatizar com pessoas durante uma negociação.

– Escute... – disse Liriel. – Isso é real. Quero dizer, nós não sabemos se vocês vão encontrar no local designado o que estão esperando encontrar, mas queremos dizer que esse é *de fato* o tesouro enterrado por Flint, entendem? Se algo nele estiver errado, culpe o morto, não os vivos. E isso por si só já dá a esse objeto um valor histórico incalculável! Então, sultão, com todo o respeito, suas terras são lindas, suas mulheres nem se fala, e nós agradecemos por sua hospitalidade, mas viemos aqui pra ficarmos ricos o suficiente para nos aposentarmos; e disseram que você era o homem mais rico do mundo. Então ou você nos faz uma oferta *agora*, ou vamos procurar quem o faça, e entenda que o valor desse documento é maior do que qualquer dúvida na credibilidade da palavra de um pirata.

Silêncio. Snail virou a cabeça devagar e olhou para ela de lado, como um homem embasbacado.

Badoura e Scheherazade permaneceram tensas, aguardando Badroulbador decidir se estava convencido ou ofendido por aquelas palavras. O sultão também parecia indeciso. Até que suspirou, e disse:

– Sinceramente, *capitães*... – Liriel adorou aquele termo. – Acredito que o navio de vocês será pequeno para a quantidade de ouro e joias que pretendo oferecer por isso.

Snail e Liriel sentiram aquela frase *por dentro*. Sabe, era como ouvir não um homem, mas a vida através daquele homem lhes dizendo que todas as provações pelas quais haviam passado, e sobrevivido, estavam prestes a serem pagas. Ela, que viu nobres lhe tomarem a honra e os negócios da família, ele que nunca teve honra ou negócios de família, e de herança apenas uma frase do próprio pai:

Se um dia tiver uma real oportunidade, e achar que é a única de sua vida, agarre-a com unhas e dentes.

Snail agarrou diversas oportunidades ao longo da vida, a maioria delas sem qualquer tipo de orgulho. Mas nunca havia sentido que era a *real* oportunidade, ao menos nunca antes de tomar o Jolly Rogers para si, e encontrar o tesouro mais procurado da História. Um tesouro que estava prestes a ser pago.

– Badoura, deixe-me ver o documento.

A princesa Badoura sorriu, sabendo que estava vivendo um momento histórico. Ela se inclinou para caminhar na direção do pai e lhe entregar o mapa de estrelas.

Foi quando o príncipe Xariar puxou uma faca, lhe tomou o mapa das mãos e cortou o pescoço da princesa de jade.

18

Mordred descobriu que as palavras do menino se faziam verdade.

Ela vive isolada em uma torre ao norte.

Em sua última noite na estalagem, havia deixado um pote de sopa vazio e pedaços de corpos decepados no quarto alugado. Havia uma boa quantidade de moedas em rainhas no bolso dos mortos, porém, em quantidade suficiente para pagar o transtorno. Da sua parte, levou consigo a última informação de que precisava.

Basta seguir à margem do rio até uma área repleta de rabanetes, que termina em um espinheiro. Fica atrás.

O preço por isso tinha sido até injusto.

Se aquele garoto soubesse quem era aquele homem, e por que ele queria chegar naquela torre, teria pedido por um palácio e um título nobre. E Mordred o teria dado, desde que o menino fosse paciente em esperá-lo retomar seu Reino.

A torre em questão tinha uma estrutura de pedras, formada de quatro pisos sem divisória e era ligada a um palacete. Sua planta era quadrangular e de fora parecia alcançar os cinquenta metros. Outra característica fácil de notar era que havia pouquíssimas aberturas, frestas ou vitrais; mesmo seu térreo não apresentava nenhuma, além da ausência de qualquer tipo de escada externa, como seria de costume em estruturas desse tipo. A única janela realmente visível se localizava no último piso, dando à torre um aspecto claustrofóbico. Na verdade, mesmo o palacete a que se conectava tinha um aspecto abandonado, quase como uma relíquia de guerra esquecida. Completando o cenário que parecia celebrar o isolamento, um

espinheiro rodeava toda a estrutura rochosa, quase como uma mensagem viva de onde deveria terminar a curiosidade dos forasteiros.

Mordred já tinha adquirido experiência suficiente em sua vida de renegado para saber outro tipo de mensagem que uma estrutura como aquela gritava.

O covil de uma bruxa.

Uma parte do plano de como atrair a caça, porém, envolvia os homens que o haviam caçado na estalagem. Sei que ele prometeu ao garoto que iria matar os quatro, e ele falava sério. Contudo, enquanto aguardava a chegada dos condenados no quarto, uma ideia lhe veio à mente, e ele decidiu matar três deles, e deixar seu líder *quase* morto. Isso quer dizer que o homem estava com as mãos quebradas, um dos tornozelos perfurados e a língua cortada, mas ainda vivo e amarrado pelas mãos e pelos pés.

Mordred o retirou da garupa de seu cavalo, enquanto o homem gemia, sem uma língua que lhe desse o direito de pedir para morrer.

O pedido seria atendido, porém, apenas não da maneira pensada.

– Eu vou explicar como vai ser – disse Mordred, colocando o homem no chão, no alto de uma depressão que desembocava no espinheiro. – Eu vou soltá-lo agora e lhe jogar naquele espinheiro. Então eu vou dar um tempo para você fugir. Se sumir da minha vista nesse tempo, eu vou me esquecer de você. Mas se eu conseguir continuar a te ver daqui quando o tempo acabar, vou atrás de você e vou fazer coisas piores do que já fiz até aqui. Eu vou pendurá-lo de cabeça para baixo e vou cortar as suas genitais, mas vou deixar você vivo para ver abutres devorarem seus testículos. Então ficarei assistindo a eles te devorarem vivo. Você entendeu?

O homem, apavorado, confirmou com a cabeça, sem opção até mesmo de repetir o pedido de clemência que suas vítimas costumavam fazer.

– Seu tempo começa agora.

Mordred cortou a corda dos pés e das mãos de seu antigo caçador e lhe chutou depressão abaixo, na direção do espinheiro.

19

O salão do sultão ainda era choque. O que havia acabado de acontecer era tão absurdo e inesperado que ninguém reagiu a princípio. Era como se estivessem diante de uma miragem ou uma encenação, ou qualquer explicação igualmente sem sentido, mas bem-vinda desde que contradissesse a realidade.

Mas era real. Aquilo era real.

O príncipe havia *mesmo* cortado o pescoço da princesa Badoura, cujo corpo tombara ao chão afogado no próprio sangue. Como se esperando a falta de reação pelo espanto, Xariar, o assassino, correu pelo meio do salão principal com o Grande Tesouro em mãos, cruzando caminho com um Snail igualmente perplexo, o que é um detalhe digno de nota, admito. Nos olhos do Simbad, o príncipe assassino viu perplexidade; nos olhos de Xariar, Snail viu... outra coisa.

Não era o olhar de uma pessoa comum, não era o olhar de um psicopata, não era o olhar de um louco. Era o olhar de algo que, em vez de frieza, transmitia *ardência*, como arde o ódio que uma pessoa acumula dentro de si.

A ação foi tão brutal e imprevisível que mesmo os guardas de espadas curvas e seus golens de corpos de pedra não souberam como reagir; afinal, a questão estava em atacar ou não atacar um príncipe. Todo o espanto, porém, foi cortado pelo grito de horror de Scheherazade, que reverberou pelo ambiente enquanto ela corria para a filha.

O berro acordou as pessoas e piorou o estado de alucinação. Mas, ao menos, trouxe ação à mente dos homens sem reação.

– Peguem ele! Segurem ele! Não deixem esse homem sair desse palácio! – ordenou Badroulbador no idioma local.

Os guardas puxaram suas espadas curvas, sem pensar, colocando-se no caminho de Xariar. O príncipe assassino parou na frente deles em uma posição um tanto felina, novamente com um olhar um tanto inumano. A posição corporal não deixava dúvida: ele estava pronto para enfrentar aqueles guardas. Mas, por algum motivo, os guardas não.

Snail e Liriel ouviram comandos que não compreenderam, mas as ações se traduziram por si só quando os golens tomaram a frente, prestes a esmagarem o inimigo. Aquilo se tornava fato: fosse o que existisse no ímpeto daquele homem para fazer algo daquilo e achar que sairia ileso, isso talvez fosse suficiente para fugir, mas não para enfrentar aqueles homens e aqueles humanoides. Mas em vez disso, o príncipe *gostou*. Ele esticou a coluna, como um homem sem medo, abriu os braços e pareceu sorrir, daqueles sorrisos que os assassinos dão.

– Vocês vão enviar seus golens pra me capturar? – perguntou, ainda na linguagem local. – Logo eu, que vim libertá-los?

O sorriso assassino se expandiu. E foi assim que os golens de pedra, sem aviso, começaram a atacar e aniquilar os guardas do palácio do sultão de Al-Quadim.

Mordred se manteve em espera, enquanto o líder do último grupo que o havia caçado corria em desespero por um espinheiro. Sei que a princípio isso pode parecer uma fantasia um tanto sádica, mas tudo ali tinha um motivo. As mãos quebradas mantinham a dor da movimentação, o tornozelo perfurado o fazia mancar e tirava o equilíbrio, a língua cortada o impedia de gritar, mas não de grunhir ou até mesmo urrar. Junte tudo isso à ameaça de um homem temido já nas lendas e você verá o desespero em forma humana.

O homem correu mancando, tendo pedaços de pele arrancados em cada passo, e deixando um rastro de sangue por onde passava, que parecia servir de alimento para o próprio espinheiro. No meio do cenário desolado, o homem começou a chorar, percebendo que não havia como voltar, nem como prosseguir. Ele era um inválido preso em uma teia viva de arame farpado, sem saber de que lado estava a morte mais dolorosa. Assim ele urrava de dor, de desespero, de angústia, e seus gemidos que ecoavam pelo terreno morto lembravam os das histórias que envolvem mortos que voltavam à vida.

Em todo esse processo, em vez de se concentrar no fugitivo, todavia, curiosamente Mordred se mantinha observando a única janela da torre do palacete.

– Vamos – dizia para si mesmo. – Eu sei que você está aí.

Sem forças para continuar a tortura, a agonia atingiu um limite tamanho que a razão se perdeu. Então o homem, percebendo dois espinhos paralelos do tamanho de um dedo médio, decidiu correr até eles e perfurar o próprio pescoço. Ele continuou a gemer quando correu e a ecoar seus gemidos. Infelizmente para ele, o tornozelo perfurado bambeou, o equilíbrio se perdeu e o corpo tombou antes do previsto, modificando o ângulo da queda.

Como consequência, em vez do pescoço, o homem afundou seu próprio rosto, perfurando os dois olhos na ponta dos espinhos paralelos.

– Eu sei que você *tem* de estar aí.

Como se escutando Mordred mais do que os urros enlouquecidos de um homem recusado pela morte, ela surgiu na janela da torre.

E Mordred sorriu, como se isso tornasse seu mundo bom.

No momento seguinte, sem aviso, o espinheiro começou a se movimentar como uma entidade viva. O homem semimorto, e agora cego, ainda sangrava pelos olhos, alimentando as plantas que o matavam. Mas mesmo elas pareceram deixá-lo em paz por um momento, quando a senhora daquele local chegou até ele, após seu espinheiro ir abrindo caminho para ela.

Mordred tinha razão: aquele era o covil de uma bruxa.

E agora ela tinha a sua atenção.

Os golens de pedra, que deveriam servir ao sultão de Al-quadim, estavam naquele momento massacrando os guardas de seu palácio. Os golpes esmagavam a carne dos corpos humanos no chão, da mesma maneira como um homem costuma amassar o corpo de uma barata. Braços rochosos zuniam em diagonal, arremessando homens com espadas curvas nas paredes, derrubando quadros, quebrando vitrais e partindo azulejos. O que tornava o pandemônio mais surpreendente era a calma em que tudo se encontrava poucos minutos antes. Em um momento, o homem mais rico do mundo estava diante do maior tesouro do mundo. No outro, diante de um caos que dinheiro algum poderia consertar. Para o sultão Badroulbador era difícil dizer o que era mais angustiante.

Sua filha morta no chão.

Os golens descontrolados.

O assassino em fuga.

– Ele está fugindo... – gritou ele, com uma voz trêmula, de quem gostaria de chorar, mas não tinha tempo. – Ele matou minha menina e está fugindo!

Os olhos dele se cruzaram com os de Snail e Liriel ainda surpresos, em meio ao cenário. Ao fundo, Scheherazade continuava a gritar, abraçada ao corpo da filha morta.

– Cacem ele – disse Badroulbador, no valor de um pedido, mas no tom de uma ordem. – Cacem-no para mim, e farei vocês ricos para jamais precisarem caçar novamente!

O olhar dele e de Snail estabelecia o acordo. Era um olhar que dizia: “negócio fechado”. Sem apertos de mãos, sem assinaturas em papiro.

Apenas um acordo como faziam os piratas.

– Preparada? – perguntou para ela, sabendo a resposta.

Eles abriram uma corrida em semicírculo ao mesmo tempo, afastando-se, mas em direção ao mesmo ponto. No caminho, ainda humanoides de pedra esmagando homens de carne. Liriel se jogou no chão, escorregando por entre as pernas de um deles, enquanto o golem descia as mãos fechadas como uma marreta. Snail correu pelos cantos, passando pelas costas de outro humanoide de pedra, que apertava um homem na mão pedregosa. Quatro guardas passaram uma corrente por detrás das pernas do humanoide, que perdeu o equilíbrio e tropeçou para trás, na direção da parede, prestes a espremer Snail contra o concreto. O ladino de repente correu em diagonal, mas não no chão. Ele correu em diagonal *pela parede*, lembrando um

inseto, não um homem, seguindo seu caminho antes que o corpo de pedra se chocasse sozinho e tombasse com estrondo. Do outro lado, Liriel saltou de lado e girou pelo chão para um ponto, depois saltou para outro lado, girando no chão para outro, em ambos os casos esquivando-se de corpos humanos arremessados, ou de golpes de espadas zunindo inutilmente contra corpos de pedra. Outros guardas com armas mais eficientes como marretas e bastões se juntaram à luta, derrubando membros rochosos. Um desses golpes, porém, derrubou mais um dos golens no caminho de Snail, com doze guardas correndo atrás da criatura e bloqueando seu caminho.

– Dois passos! – gritou ele, no idioma altivo, falado em Arzallum.

Sem titubeio, Liriel se concentrou, mexeu uma das mãos e *forçou*. De repente, dois pedaços de golens de pedra, um braço e uma perna, se ergueram no ar, em alturas diferentes. Snail saltou, pisou no primeiro, saltou e pisou no segundo, e saltou por cima de guardas e golens, cambaleando na descida, mas sem interromper seu caminho.

Então tanto ele quanto ela correram em diagonal dessa vez na direção da saída, feito duas pessoas diferentes, que pareciam pensar como uma só.

Feito dois ladinos rivais, cujo encontro foi aprovado por semideuses.

Feito uma sombra e um fantasma fundidos em uma força só.

Ao fundo, o príncipe Xariar também saltava de um lado a outro, correndo por pontos improváveis que o tirassem do caminho de guardas que ainda não batalhavam com golens. Afinal, deles o assassino poderia se esquivar.

De sombras e fantasmas, não.

22

— Você é Mãe Gothel – disse Mordred, chegando ao meio do espinheiro, abrindo caminho na lâmina da espada.

Ele portava sua armadura completa, como há muito tempo não o fazia. A armadura de placas douradas, a mesma que um dia ele tinha usado na batalha contra Arthur Pendragon. Trazia a espada de duas mãos à mostra, e um frasco com o fogo vivo roubado do caldeirão de uma bruxa às escondidas.

Não posso afirmar aqui que a chegada dele assustou a bruxa, mas posso dizer que ao menos a surpreendeu. A mulher era grande e redonda, e mantinha no rosto uma quantidade de maquiagem significativa para ocultar mais de um século de

idade. As roupas eram largas e de seda fina, nobre, reforçadas por pedras de brilhantes. A aparência não escondia que aquela bruxa era uma mulher rica, mas isso costuma ser comum quando se tem tantos anos para acumular poder e tomar riquezas.

– Parece que temos vários suicidas por aqui hoje – disse ela. – O que é estranho para alguém que nunca recebe visitas.

No chão, cravado em espinhos banhados em vermelho, o fugitivo se mantinha imóvel, encontrando sua passagem na perda de sangue, ainda que de forma mais lenta e dolorosa do que pretendia.

– *Ele* é um suicida – disse Mordred. – Eu sou um matador.

– É mesmo? – perguntou ela, com um tom despreocupado, de quem acredita que o mundo é seu. – De quê?

– De bruxas como você.

– Você é um caçador de bruxas? – perguntou ela, desconfiada, mas ainda sem receio.

– Não, sou pior que eles – definiu Mordred. – Porque eles matam pessoas como vocês apenas pelo desejo do extermínio.

– E você seria mais nobre do que isso?

– Não na execução em si, mas na intenção. Eu só mato bruxas com objetivos.

Mordred interrompeu a explicação por ali, obrigando-a a ter de perguntar. Ali a batalha já havia começado.

– E que objetivo te trouxe aqui, matador?

– A virgem que você esconde naquela torre.

A expressão da mulher se modificou imediatamente. A expressão suave deu lugar à cólera, que espalhou maquiagem por linhas de expressões demoníacas.

– Eu estava certa – definiu Mãe Gothel. – Você é um suicida!

Dois pedaços de espinheiro se movimentaram na direção do cavaleiro renegado, mais parecendo armadilhas com pontas de lança. A espada de Mordred girou no ar duas vezes, e dois pedaços de plantas caíram no chão.

– Sim, talvez você tenha razão – concordou ele. – Talvez eu seja mesmo um suicida.

O tom de voz dele mantinha a tranquilidade que a própria bruxa tentava passar há pouco tempo.

– E talvez seja isso o que você agora mais deveria temer.

Mordred apanhou o frasco com fogo vivo e quebrou contra o próprio peito, ateando fogo na própria armadura.

A perseguição lembrava um ato circense, mas real e urbano. Xariar, o assassino da princesa de jade, saltava por telhados de casas sustentadas por colunas com arcos. Os passos apressados iam sendo sustentados por telhas sobrepostas, que se moldavam às residências seguindo formas geométricas significativas para aquela cultura, como o quadrado nas paredes e o cubo no topo.

A primeira coisa que Snail conseguia notar naquela caçada era que ele estava certo: aquele príncipe não havia vindo da nobreza, muito pelo contrário. A movimentação do fugitivo era a mesma de alguém que havia crescido nas ruas, escondendo-se nas sombras, dormindo em guetos, rastejando pelo subsolo.

Ao chegar na ponta de um muro, Xariar pulou com os braços esticados, agarrou-se em um mastro, deixou o corpo pendular e saltou um nível abaixo, em uma varanda de um morador assustado. Mais atrás, Snail viu Liriel se aproximar correndo, acompanhando-o pelo solo na direção de uma mesa com quatro senhores de idade jogando um jogo de tabuleiro ao lado de uma fonte, sentados em pequenos bancos de madeira.

Snail fez um sinal para ela, e então saltou em diagonal para o pátio, como um suicida.

Foi quando Liriel Gabbiani *forçou* e congelou o tempo, que novamente, para ela, correu mais devagar. Os braços se movimentaram, e três dos bancos de madeiras onde os senhores se sentaram tomaram vida própria, derrubando-os no chão, para risos do quarto. Então os assentos de madeira se posicionaram no alto na descendente, enquanto Snail quicava por eles, e saltava para o mesmo corredor onde Xariar havia pousado.

O tempo para Liriel voltou ao normal, e os bancos de madeira tombaram.

Enquanto Liriel recuperava forças, Snail correu seguindo o som da fuga do lado de dentro das casas daquele corredor suspenso. Vasos de cerâmica quebrando, gritos de moradores, madeira partindo. Tudo indicava a direção de uma parede com painéis decorativos na abertura. Em vez de uma janela, a última casa tinha um elemento arquitetônico composto de uma espécie de fechamento em forma de treliça, que parecia frágil. Ao menos frágil o suficiente para Snail *arriscar*.

Foi assim que o Simbad acelerou sua corrida, e saltou com tudo na direção do complexo trançado de ripado de madeira. Pirata e assassino se encontraram, e o som interior, que antes era de fuga, se tornou de luta. Os gritos das pessoas de dentro,

que antes eram de surpresa, se tornaram de medo, e muitas saíram correndo, fugindo do cenário que se tornou caótico.

Do lado de baixo, Liriel respirava afobada, buscando recuperar ar. Do lado de dentro, ainda a luta que ela só conseguia acompanhar pelos sons. Gritos, rosnados, pancadas em paredes, facas retiradas de bainha.

– Vamos... – murmurou ela, acalmando enfim os batimentos. – Vamos, Galford!

Sem aviso, o corpo de Snail varou para fora, destruindo outra parede fina e rendada de madeira, como se fosse um projétil humano. Utilizando os últimos recursos, Liriel novamente modificou a velocidade do tempo para ela, e ergueu a água que jorrava da fonte, formando uma barreira líquida, que absorveu o impacto de Snail, e desceu junto com ele ao chão. Quando o corpo do pirata bateu no solo, Liriel se arrastou até ele e conferiu que ainda havia vida. Ela tentou dizer alguma coisa, mas não havia energia. Compreendendo qual seria a pergunta, um Snail repleto de hematomas concluiu:

– Ele não é humano... – disse, também buscando ar. – Ele é tudo, *menos* humano.

Assim Liriel e Snail apagaram um por cima do outro, esgotados. Ao redor, senhores de idade chamavam reforço e a atenção de guardas do sultão, enquanto no alto um assassino capaz de assustar um homem tido como *sobrenatural* seguia seu caminho se esgueirando pelas ruelas de Al-Quadim.

24

João havia deixado o cavalo em seu pequeno celeiro e se preparava para a pior parte. Era noite, e havia sobrevivido a uma das maiores batalhas da sua vida. Mas a grande questão dessa vez é que não havia sobrevivido *sozinho*. Ariane estava lá, de alguma forma que não ela, mas que *também* era ela. Se não fruto de sua imaginação, ela teria sido seu braço-direito, complementando-o e protegendo-o em um círculo de magia.

Só que admitir isso seria admitir também que ela era uma iniciada.

Seria admitir que ela era o que ele estava se propondo a caçar.

O que seria melhor nesse caso? A ignorância, o fingimento de ignorância ou o confronto direto? Quando João parou diante da entrada da própria casa e encostou sua testa na porta de olhos fechados, ele ainda não sabia a resposta.

Então a porta se abriu de repente, como se ela soubesse que ele estivesse ali, quase derrubando-o para dentro de maneira inesperada.

– Entra – disse ela, com o semblante sério. – A gente precisa conversar.

25

Sabe, admito que poderia narrar nesse momento para você uma grande luta entre Mordred e Mãe Gothel. Não seria difícil; afinal, é disso que vivo, e já conheço um pouco do seu gosto. Contudo, essa narrativa seria mentira e quebraria totalmente a relação que nós estabelecemos há tempos ao longo dessa jornada, baseada em uma mútua de confiança. Eu narro a você o que aconteceu *de verdade* em Nova Ether, ou ao menos o que lembro como verdade, e você em troca a mantém viva comigo.

Então, por isso, vou preferir deixar a narração dos grandes combates para quando eles de fato forem grandes combates, o que não foi o caso aqui, e prefiro ser sincero. O que posso afirmar ao menos é que, se essa luta não se mostrou excitante, ao menos ela não deixou de ser surpreendente.

Afinal, não é sempre que um homem atea fogo em si mesmo para vencer um combate.

Quando Mordred quebrou o frasco de fogo vivo no próprio peito, sua armadura incendiou-se através do mesmo líquido que borbulha alguns caldeirões. Veja bem, fogo vivo em Nova Ether se trata de um estado de combustão que não é maleável como água fervente, mas também não é chama propriamente dita como você conhece. A armadura de Mordred borbulhou, e flamas arderam incontroláveis, gerando uma parede de fogo por volta dele que incendiou todo o espinheiro ao redor, que de repente se movimentou para longe dele, abrindo caminho na direção de Mãe Gothel.

O preço para isso, obviamente, foi caro.

Por debaixo da armadura, Mordred sentiu parte da pele escaldar. A vermelhidão tomou conta quando bolhas se formaram, tentando resistir ao metal incinerado. A dor que Mordred sentiu foi agonizante, dolorosa em um nível que não podemos definir, mas, ainda assim, ele sorriu.

A tocha humana que ele se tornou correu na direção da bruxa, chocada pela visão, e ainda mais pela ousadia. Acredite em mim, se Mordred tentasse atacá-la em meio ao espinheiro, por mais avançadas que fossem suas habilidades, a vantagem ainda seria dela. Dezenas tentaram antes, os corpos de todos os desafiantes se

espalhavam por aquela terra como adubo. E, mesmo se Mordred superasse os espinhos vivos, ainda haveria uma bruxa experiente com mais de uma centena de anos. Uma bruxa capaz de cortar com unhas afiadas, morder com dentes serrilhados e ir à loucura para proteger seu segredo. Por isso para vencê-la era preciso ir além. Era preciso evitar o contato físico dos espinhos e da maga negra. E era preciso superá-la em loucura.

Mordred fez tudo isso, ao custo *apenas* de algumas queimaduras profundas.

Mais do que a loucura, mais do que a surpresa, mais do que o destemor, havia o propósito. E aquilo assustava a bruxa tanto quanto o corpo incendiado; afinal, um homem capaz de fazer tudo aquilo sorrindo deixava claro *o quanto* ele queria para si tudo o que ela havia dedicado parte da vida para manter para si.

Ela ainda tentou reagir e atacá-lo, embora o calor a tonteasse. Mordred lhe decepou uma das mãos na lâmina da espada, e então lhe agarrou o crânio e o afundou no próprio peito, deixando que o rosto dela queimasse como em um abraço mortal.

— Ela é minha agora — disse ele, enquanto Mãe Gothel queimava.

O cheiro da carne queimada lhe subiu pelas narinas, e ele deixou o corpo idoso tombar na mesma terra que servia de cemitério a dezenas de desafiantes que tentaram antes. Então seguiu seu caminho, enquanto os espinhos vivos se abriam diante dele, como se temendo aquele homem. Foi assim que Mordred seguiu em direção ao palacete onde se localizava a Virgem de Trigger, enquanto o corpo de Mãe Gothel servia de adubo para o mesmo espinheiro que deveria ter sido sua salvação.

26

— Você tem algo pra me perguntar, João?

— Eu... não sei! *Você* tem algo a me dizer, Ariane?

— Apenas se você tiver algo a me perguntar.

— ...

— ...

— Você é uma bruxa, Ariane?

— Essa é uma resposta que vai além de simplesmente “sim” ou “não”.

— Então é um “sim”?

— Considere que não seja um “não”.

- Eu... eu não entendo! Depois *de tudo*!
- De tudo o quê?
- Tudo que nós passamos!
- O que isso quer dizer?
- O QUE ISSO QUER DIZER? Quer dizer você quase ser morta por um lobo marcado! Quer dizer eu quase ter sido devorado por uma canibal! Ou ver a alma do meu pai presa em Aramis! Ou Primo Branford sacrificado na Catedral! É isso o que tudo isso quer dizer, e muito mais do que isso!
- Primeiro: abaixa o tom de voz quando falar comigo, entendeu? Você seja homem pelos seus argumentos, não sua grosseria!
- ...
- E segundo: em todos esses momentos você está tendo uma visão muito parcial das coisas.
- *Parcial*? É assim que você vai chamar?
- Sim! Parcial! Porque você vai enxergar apenas o que *quer* enxergar.
- E o que eu deveria enxergar aqui, Ariane? Vamos, me diga! O que eu deveria enxergar aqui?
- Que você estaria morto em todos esses momentos, se não fosse pela mesma bruxaria que você condena.
- ...
- Seu pai fez o pacto pra te encontrar. E mesmo na catedral, quando ela veio te buscar, *fui eu* que negocieei com Beanshee por você!
- Eu não te pedi por isso!
- VOCÊ ENGULA SUAS PALAVRAS, SEU CABEÇUDO! Sabe QUANTAS vezes VOCÊ agiu pelas minhas costas sob o *meu nome*, sem que eu tivesse te pedido por isso?
- ...
- É *você* o cavaleiro destemido, espadachim indomável, que entra em duelos de vida ou morte sem perguntar a opinião de ninguém! Você alguma vez me perguntou alguma coisa quando decidiu ser um Caçador de Bruxas? Então por que eu deveria pedir a sua bênção pra me tornar uma iniciada?
- Em todas as vezes...
- Sim, você lutou e voltou vivo *por mim*! Você me disse isso! Mas você sabe que a última bruxa que matou, não matou sozinho! E que, se não fosse *por mim*, você não teria voltado.
- Há quanto tempo? Há quanto tempo você estuda isso, sem me dizer?
- Qual a sua maior surpresa? O fato de eu me iniciar ou de você não saber?
- Ambos têm o mesmo peso.

– Então agora você sabe como eu me sinto em relação ao seu pacto com a fada gótica!

– ...

– Ela é uma *caída*, né? Sabia que foram elas quem treinaram as magas negras? Sabia que todo o conceito deturpado da bruxaria que homens como você já testemunharam veio de seres como ela?

– Você... você não sabe de todo o contexto que envolveu essa decisão.

– Então que isso valha para nós dois.

– ...

– ...

– Maria sabe? Sobre você...

– Não, mas não porque eu não confie que ela pudesse me entender. Mas porque ela não sabe omitir nada de você.

– Você deveria ensiná-la.

– Você acha? Pensei que estivesse no sangue dos Hanson.

– ...

– Você sabe que foi por isso que Primo Branford morreu, não sabe? Ele livrou o mundo por um momento das magas negras, mas se cegou em sua caçada. Era mais fácil enxergar apenas um inimigo do que buscar o esforço de diferenciá-lo.

– É difícil julgar as atitudes de um Rei em uma situação como aquela.

– É difícil quando não há com o que se comparar. Mas é fácil quando alguém já errou pra servir de exemplo.

– O que aconteceu com você, Ariane? Juro que eu mal te reconheço nesse momento!

– Eu amadureci, João! Eu não sou mais uma adolescente correndo atrás de Axel Branford! Eu agora sou *uma mulher*, João! Uma mulher capaz de estudar por si mesma, de formar sua própria irmandade, de tentar entender o desconhecido em vez de apenas servir de vítima das circunstâncias.

– Você tem uma... *irmandade*? É um outro nome para...

– ... *coven*! Sim, um coven de magas brancas, dispostas a pregar a palavra de amor da Criadora!

– *Criadora*?

– Te espanta? Soa como uma heresia mulheres pensarem no ser responsável pela criação como uma força feminina?

– Não me choca, apenas soa... diferente.

– Já pra mim, soa curioso ver seu espanto, ainda mais de um homem que sonha um dia ter uma criação nascida dentro de mim.

– ...

– Sabe quantas vezes as iniciadas do meu coven já promoveram o mal, João? Nenhuma! Se não fosse por Madame Viotti, você, Maria e Sabino jamais teriam decifrado os códigos que ligavam Babau a Jamil Coração-de-Crocodilo! Se não fosse pela minha mãe, os planos de Sabino para chegar na bruxa que ajudei você a capturar não teriam se realizado! Aliás, como Sabino precisa da ajuda de bruxas...

– Sua *mãe*?

– Sim, minha mãe! Uma *iniciada*, como *a minha avó*!

– O... o que você... você está falando...

– Sim, eu estou dizendo que as Narin vêm de uma linhagem de magas brancas, que precisou se esconder todo esse tempo para sobreviver, inclusive, à Caçada de Bruxas dos Branford!

– Para! Para! Por que... por que você está fazendo isso comigo?

– Com *você*? Isso não é sobre você! Isso é, no máximo, sobre *nós*!

– Há quanto tempo você sabe sobre tudo isso?

– Qual a diferença se você não estava preparado pra me ouvir?

– A diferença é que eu *nunca* escondi de você meu desejo de ser cavaleiro!

– É verdade! Inclusive um cavaleiro vermelho, certo?

– Sim, *inclusive* isso!

– E você acha que isso imediatamente te coloca do lado correto, certo? Você se torna o herói da história do bardo?

– O que você está insinuando? Que os cavaleiros reais estão do lado errado da História?

– Eu estou dizendo que *nunca* há lados tão bem definidos assim! É isso que as histórias das minhas ancestrais me ensinaram!

– Então de repente isso virou sobre você? *Isso* seria permitido?

– ...

– ...

– Você sabe que aquela vez diante do lobo marcado não foi a primeira vez que Rick Albrook me salvou, né?

– ...

– Isso por si só já seria curioso: uma maga negra marcar um lobo pra matar a mim e à minha avó. Isso por si só já confunde tudo o que você deveria pensar sobre bruxas! Mas, deixando isso de lado, ainda assim aquele não foi o momento mais assustador em que aquele caçador me salvou. Eu nunca te contei isso...

– Do que você tá falando, Ariane?

– Lembra quando as bruxas voltaram? Sombras e fantasmas em guerra, piratas atacando o porto, o terror em toda Andreanne. No meu aniversário de 13 anos foi quando eu descobri sobre a minha linhagem.

– (*Sete anos atrás...*)

– E então o Rei Primo mandou seus cavaleiros e guardas pras ruas, quando você, Maria e Sabino concluíram que eles estavam atrás de uma bruxa.

– ...

– Vocês têm noção da vida de quantas mulheres vocês mexeram naquele dia? Não, vocês não fazem ideia. Vocês achavam que bruxas eram como insetos: parecidas e aptas a serem exterminadas. Sabe onde eu estava quando o aviso foi dado? Eu estava lá onde tudo aconteceu. Na casa onde a minha avó foi dilacerada, aprendendo *o porquê* de aquilo ter acontecido. Mas então a Guarda Real chegou.

– O quê? Quando isso...

– Quando prenderam Viotti! Por que você acha que eu chorei como uma criança, implorando pra que não queimassem aquela mulher na praça de Andreanne? Porque eu estava lá, João! E eu só não estava naquela fogueira porque alguém olhou por mim!

– Me conte! *Por favor*, me conte.

– Dois membros da Guarda Real encontraram a mim e à minha mãe. A gente estava andando de volta, e eles nos perseguiram. Mas você sabe o que eles fizeram quando nos viram vulneráveis no meio da floresta? Você acha que eles nos prenderam, cuspiram na gente? Não, João, eles fizeram pior.

– ...

– *Olha, que gracinha! Tão pequenininha e já em caminho tão perverso*, disse um deles. *Já temos uma culpada. Essas aí nós temos ordens pra fazer o que quisermos...*

– Ariane...

– É forte, né? Quando os homens que deveriam te proteger são os que querem te fazer mal. Sabe o que eu aprendi naquele dia, João? Que existem lobos que atacam apenas porque têm fome. E já homens que atacam apenas por serem maus.

– Eles *tocaram* em vocês?

– Sim, e eles teriam feito *muito mais* do que isso. Mas sabe quem estava lá, mais uma vez? Rick Albrook! Ele matou um dos homens, e deixou o outro para ser devorado pelos lobos. Nenhum cavaleiro branco, nenhum vermelho. O meu herói, mais uma vez, foi um caçador de bichos, que me salvou quando não havia nenhum caçador de bruxas.

– Eu... eu preciso *respirar*...

– Sabe do que cavaleiros como vocês precisam para abusar da farda, João? Apenas de uma situação. Apenas isso. Algo que tire vocês do controle, que manche suas honras, que faça agir com o calor do momento com a certeza de impunidade. Dê a vocês uma situação que manche suas honras, e vocês se tornam tão opressores quanto tudo que dizem combater.

– Você... você não pode achar que a cavalaria...

– Eu não posso *o quê*, João? Julgar todos os cavaleiros com a mesma moeda com que vocês julgam todas as bruxas? É isso o que você quer dizer?

– Eu...

– Porque se você vai basear seu julgamento nas piores partes do que já viu, então talvez eu devesse fazer o mesmo.

– ...

– E se ele *não* tivesse chegado, João? E se eu não tivesse tido um herói pra me salvar, o que teria acontecido? Sabe quantas mulheres gritam todos os dias por heróis que não estão lá? *Você* consegue ouvir os gritos delas? Porque *nós* conseguimos. É por isso que nós, mulheres, nos juntamos. Vocês podem chamar nossos encontros do que quiserem! Chamem de *coven*, de absurdo, de sacrilégio! Nós sabemos o nome do que nós fazemos: *sobrevivência*. Infelizmente, nem todas conseguem cortar cabeças de gigantes como Bradamante, mas, por outro lado, algumas de nós estamos aprendendo a fazer coisas que nem mesmo ela seria capaz. E seja usando a armadura ou usando o manto, o objetivo é o mesmo: não precisar que alguém nos salve quando o perigo chega.

– Eu... estou realmente com dificuldades de respirar, Ariane! Eu preciso de ar. Eu estou me sentindo sufocado nesse momento.

– Então agora você sabe como uma verdadeira bruxa se sente o tempo todo, João.

27

Snail galford estava diante do sultão Badroulbador e de sua esposa Scheherazade. Apesar de a cena para ele não se tratar de uma situação inédita, as expressões daquele casal eram. Antes se apresentavam como duas pessoas vívidas, ricas e despreocupadas, agora se mostravam dois seres humanos atormentados por uma situação que o dinheiro não podia mudar.

– Me conte exatamente o que aconteceu – disse o sultão com uma voz sombria, que lembrou a Snail da voz do falecido Rei Primo Branford.

– Eu persegui o príncipe...

– Assassino – corrigiu o sultão. – Ladino e assassino.

– Eu persegui... o *assassino*, e nós terminamos em uma luta dentro de uma casa que foi destruída. Aliás, o mesmo aconteceu com todas ao redor.

– Eu construirei novas pro meu povo, feitas de ouro se preciso. O que quero saber, capitão, é: *como* um homem capaz de tomar a liderança do Jolly Rogers foi derrotado por alguém como ele?

– O que significa: como ele?

– Alguém sem treinamento de combate.

– Se falarmos de combate, posso concordar, sultão. Mas aquele homem tem uma força e uma agilidade acima da média.

– Porque ele veio da rua, de onde deveríamos tê-lo deixado.

Snail poderia, mas não tomou aquilo como ofensa. Não se sobrevivia em seu ramo de negócios tomando comentários raivosos como algo pessoal.

– Um garoto da rua ganhou o coração da princesa, e se tornou nobre? Em Arzallum a história que se conta é oposta.

– Ela também matou seu príncipe?

– Não, sultão – respondeu Snail, como arrependido pela comparação.

– Então nossa história é bem diferente.

Liriel tomou a palavra:

– O ladino assassino já esteve envolvido em magia?

– Não que fosse comprovado – respondeu o sultão, como se não quisesse dizer nada relacionado a um assunto como aquele.

– E isso então quer dizer que...

– Que existem histórias que dizem que sim – concluiu Scheherazade sem qualquer rodeio. – Mas ainda são histórias.

– O homem que enfrentei era algo além de um homem – acrescentou Snail. – Ele era mais forte do que um, mais ágil, mais raivoso.

– Nesse momento, capitão, tenho tanta raiva dentro de mim que talvez também lhe deixasse confuso quanto à minha natureza – disse Badroulbador.

– Mas seu olhar ainda é humano, sultão. O daquele homem, não.

– Os gnomos gostam de estudar coisas. Línguas, culturas, comportamentos. Sabe a que conclusão eles chegaram uma vez? De que existem alguns tipos de seres humanos, raros, mas ainda existentes, que não sentem emoções como as pessoas normais. Eles não simpatizam com os outros, não sentem remorso, nem pena, nem culpa. Eles são caixas vazias e egoístas, e vestem máscaras sociais para passarem despercebidos em meio à população. Segundo eles, algumas dessas pessoas não matariam por situações extremas, mas sim porque *gostam* de matar. Como um prazer doentio, algumas vezes até mesmo um troféu. E se isso for verdade, e se esse tipo de gente existir mesmo por aí, que troféu seria maior do que a vida de uma princesa de jade?

– Sultão, não acredito que o príncipe Xariar...

– Ladino assassino! – rugiu o sultão, calando o salão. – Qualquer outro nome não existe mais, e está proibido em Al-Quadim! É apenas assim que ele deve ser conhecido: o ladino assassino. Nós temos até mesmo um termo para isso.

Sem paciência, o sultão virou-se de costas e se retirou, seguido por alguns de seus guardas. Scheherazade permaneceu com o casal de piratas, ainda com a expressão destruída, que lhe deixava dez anos mais velha em um único dia.

– Perdoe-o – disse ela. – Vocês não fazem ideia do que...

– Fazemos – interrompeu Liriel. – Não com filhas, mas ainda assim.

Scheherazade permaneceu alguns segundos olhando nos olhos dela, como se o respeito que brilhasse no olhar entre as duas fosse a metáfora de um abraço entre duas mulheres que ainda não eram amigas.

– Vocês... o caçariam por nós? – perguntou a mulher.

Snail e Liriel se olharam.

– Ele ainda tem algo que nos pertence – disse Snail.

– Então recupere-o – concluiu Scheherazade. – Use seus homens, use os nossos. Cace-o, encontre-o e, da próxima vez, mate-o. E então nós pagaremos por sua caçada, e vamos reformar seu navio, e adotar seus garotos órfãos, e ainda honraremos o trato de comprar seu mapa de estrelas.

Snail se manteve calado, um tanto em choque pela proposta.

– Apesar das circunstâncias, estou oferecendo a vocês e a sua tripulação o melhor contrato das suas vidas. Um contrato que os tornarão ricos, das pessoas mais ricas do mundo, provavelmente os piratas mais ricos do mundo, *se* vocês concluírem uma última missão.

Snail Galford *sempre* imaginou aquele momento. O momento em que o ladrão humilhado seria consagrado um capitão do mar exaltado. O momento em que a vida lhe colocaria diante da oportunidade de entrar para a História.

Seu único problema era que...

O homem que eu enfrentei era além de um homem.

...quando finalmente diante da missão, ele não sabia se era capaz de cumpri-la. Não seria irônico para alguém de sua laia fracassar exatamente diante do momento que havia sonhado? Não seria digno de uma pessoa como ele morrer exatamente do outro lado do mundo, esquecido, naquela que seria a sua última missão?

Sim, seria. Nós sabemos disso. Ele sabia disso. Mas a questão era que todos nós também sabemos que Snail Galford vivia sobre um lema, o único legado deixado por seu pai.

Tudo ou nada. Glória eterna ou total esquecimento.

Era assim que viviam os piratas.

– Nós temos um acordo – definiu o capitão Snail Galford, ao lado de sua parceira.

O Sobrenatural iria caçar o Ladino Assassino.
Nós temos até mesmo um termo para isso.

O Simbad iria caçar Al-ladim.

28

Você deve se lembrar da Lobo Mau.

A taberna frequentada por plebeus, que fechava suas portas de dia e abria ao crepúsculo. O estabelecimento conhecido por suas disputas de boxing, por ser um dos lugares preferidos de Axel Branford e por exhibir no alto do bar a cabeça empalhada do mesmo lobo que gerou a história da menina do chapéu *vermelho*.

Naquela noite tudo estava lá: os lenhadores bêbados, as apostas de boxing comandadas pelo enérgico Fred, o taberneiro Helli servindo seu hidromel. Mas havia algo a mais: em um canto do lugar, na parte com menos luz, como se as sombras ajudassem no teor da conversa, João Hanson estava de frente com Rick Albrook, o caçador conhecido como o Herói.

– Você poderia ter me contado – disse João, focando e desfocando o olhar, como se o foco seguisse seu pensamento. – Eu tinha direito de saber.

– É verdade – concordou Albrook. – Eu realmente poderia...

– E por que nunca me contou?

– Porque ela me pediu – revelou ele com uma honestidade bruta. – Ela e a mãe dela me pediram. E se tem uma coisa que caçadores podem se orgulhar de possuir é a sua palavra.

João pegou uma caneca de cerveja sobre a mesa e tomou um gole. A expressão dele após o gole era de repúdio, definitivamente desprazer. Mas ele não estava bebendo aquilo por deleite.

– Eu... admito que não sei o que fazer, Albrook! Não sei se eu tenho de reportar, se eu tenho de ignorar e fingir, se eu tenho de abdicar da minha posição para não ter de reportar nem fingir. Eu não sei! O que você faria no meu lugar?

– Eu não estou no seu lugar. Eu não tenho direito de te dizer o que fazer.

– Eu estou te *pedindo* pra me dizer.

O caçador se manteve observando o jovem cavaleiro se não com pena, ao menos com empatia. Um dia ele também havia sido jovem, e havia se sentido perdido, e precisou buscar por um caminho.

– Você sabe que eu conheci bem o seu pai, né?

João queria concordar, mas falar do pai naquele estado emocional, bebendo a segunda caneca de cerveja, o faria chorar. Como resultado, ele apenas aquiesceu.

– Hígor Hanson era um cara simples, trabalhador incansável, pai de família dedicado, acredito. Sabe do que mais gostava nele? Ele sempre tinha uma teoria pra tudo! Não importava o problema, Hanson sempre tinha o que improvisar.

João queria sorrir, mas sorrir seria lembrar e ele não queria lembrar.

– Eu sei, ele costumava me dizer que as mulheres precisavam ficar mal-humoradas uma vez por mês pra não morrer.

Rick Albroom gargalhou de uma maneira espontânea, e João riu com ele, deixando a memória vir. Um riso que ele não acreditou que teria em uma noite como aquela.

– Não é justo, sabe? – disse João, falando com Albroom, mas falando consigo.

– Eu estar aqui, mas ele não. Achei que daria conta, Herói. Eu disse a ele no leito, quando coloquei o anel de lenhador de volta no dedo dele. Eu disse que iria me manter de pé, não importasse o peso, mas estou *quebrando*. Estou quebrando, e fraquejando, e decepcionando pessoas que eu deveria orgulhar. Porque, no fim, do que adianta, Albroom? Do que adianta seguir carreira, me sagrar cavaleiro, me casar, ter um filho... do que adianta se ele não está aqui pra ver tudo isso?

– Só porque você não pode ver, não significa que não está lá.

A frase machucava, porque fazia sentido, mas não era o que João queria ouvir.

– Você acha? Então eu te pergunto: em um céu de um milhão de estrelas... – disse João, enfrentando as próprias lágrimas. – ...quem se importa se mais uma luz se apagar?

– Bem, eu me importo.

João voltou a se calar, buscando a caneca de cerveja. Albroom impediu, e afastou a bebida dele, forçando-o a olhar nos seus olhos.

– Foi por isso que eu salvei aquela menina, *duas vezes* – disse ele. – E eu faria isso de novo, e de novo, e de novo. Eu faria isso quantas vezes fosse preciso, desde que no fim de todas, eu pudesse ver a expressão de felicidade dela no dia em que ela se casou com você.

A batalha de João com as próprias lágrimas ganhava reforço a cada linha dita por aquele caçador.

– No que você acredita, João?

– O que você quer dizer?

– Você acredita que nós somos expressões de um Criador e seus semideuses, como pregam os religiosos, ou que nós somos... *algo* que existe independentemente de eles nos observarem ou não?

– A minha opinião é que isso não faz diferença.

Rick Albroom pegou a caneca de cerveja da mesa e virou em um único gole, deixando João sem saber se estava ofendido ou aliviado com aquilo. Ao fundo, seu companheiro de armas Jaú comemorava a vitória de Andreos em uma rodada de boxing que lhes foi lucrativa.

– Bem, Hanson, todos nós temos nossos próprios demônios. E eu não sou seu pai, não tenho metade da sabedoria e criatividade dele em criar teorias. Mas acho que sei o que ele diria a você nesse caso. Você acha que está quebrando porque tudo que você tinha como base de repente ruiu. Por conta disso, você já me falou nessa mesa sobre reportar, sobre ignorar, até em desistir. Mas existe outra opção que você ainda não citou em nenhum momento.

João permaneceu em silêncio, sem piscar, aguardando.

– Você já pensou em tentar *entender*?

João não respondeu. Aquilo também não era o que ele queria ouvir, porque era a opção mais difícil.

– Sabe no que *eu* acredito? – perguntou Albroom. – Acredito que nós somos *retalhos*. Acho que nós somos formados de pedaços de semideuses. Alguns de nós precisam sofrer perdas para se tornarem mais fortes, alguns para terem o que ensinar à humanidade, alguns talvez para fazer com que os próprios semideuses reflitam. E, nesse processo, a gente vai juntando esses retalhos e formando o que representa a gente. Só que no caminho a gente perde um desses pedaços, e fica aquele buraco lá, aquele vazio, entende? Tudo o que a gente construiu até ali fica incompleto. Mas aí a gente encontra outro pedaço e coloca lá. E claro que a nova figura nunca vai ser igual à anterior; talvez ela seja mais bonita, talvez não, mas ao menos ela vai ser uma figura. Você perdeu seu pai, como eu também já perdi o meu, mas continuar me fez salvar a mulher que se tornou sua esposa e perdeu a avó. Então se um dia você realmente tiver um filho, eu vou colocar ele no pedaço de mim que meu pai me deixou.

João Hanson permaneceu quieto, mordendo o próprio lábio. Era seu melhor esforço para não voltar a chorar. Então apertou o cordão de compromisso no pescoço como se fosse a mão dela.

– Deviam retirar seu apelido de Herói – disse, enfim. – Você é péssimo em fazer discursos.

Rick Albroom sorriu.

– Saber de tudo o que você soube hoje te abriu um buraco, Hanson! Mas você pode retalhar algo novo no lugar, que você só vai saber se abraçar.

João permaneceu imóvel, com o olhar desfocado. Esqueça tudo o que eu disse, era exatamente aquilo tudo que ele precisava e queria ouvir.

– Fico feliz que tenha sido você a estar lá, Albroom – admitiu ele. – E mais ainda que seja você a estar aqui.

– Que bom – disse o caçador herói. – Porque eu acho que é isso o que o seu pai diria a você, se ele estivesse aqui no meu lugar.

29

Snail estava no convés de seu galeão, de frente para Liriel Gabbiani, Jim Hawkins e Jamil Coração-de-Crocodilo. Apesar da noite que já havia caído, a parte mercante da cidade ao redor do porto continuava vívida e tão ativa quanto sua versão diurna.

– No que vocês se baseiam exatamente ao afirmar que ele não era humano? – perguntou Jamil.

– Além do fato de ele desenvolver força e agilidade sobre-humanas, e virar os golens de pedra contra os próprios guardas? – perguntou Liriel.

– Essa é a questão, circense! – insistiu Jamil. – Como você sabe que foi ele que virou os guardas contra os golens? Ele pode ter tido ajuda...

– É mesmo? De quem? Um feiticeiro? – perguntou Liriel.

Jamil deu de ombros.

– Por que não? Eu já fiz pactos com bruxas, e vocês se lembram do que aconteceu em Andreanne.

– Todos nós lembramos – disse Snail. – Você terminou sem um olho e a espinha, e com uma perna de pau.

Jamil tinha certeza de que um dia, um único dia, seu ódio iria lhe fazer levantar daquela cadeira e matar Snail Galford.

– Sabem, por mais que Crocodilo não seja um caso de sucesso, ele tem razão em pensar que isso pode não ter sido ação de uma pessoa só – disse Jim. – Do contrário, seria uma missão suicida, e isso foi planejado.

– Como isso seria *planejado*? Ele não tinha como saber que eu levaria o tesouro até o sultão. Ele não teria como saber nem mesmo *o que era* o tesouro!

– Nem me lembre – lamentou Jim. – É triste ter encontrado e passado por tudo que passei por aquele tesouro, para ver dois desgraçados como vocês o perderem na primeira oportunidade.

– Ah, sim! Talvez fosse melhor deixá-lo enterrado em um local que jamais seria encontrado – disse Liriel. – Seria uma grande utilidade pra um tesouro, não?

– Ao menos nós saberíamos onde ele está – disse Jim.

– E não teríamos uma proposta para nos tornamos os piratas mais ricos do mundo – concluiu Snail.

O trio se voltou para ele novamente.

– Você acha mesmo que isso me importa? – perguntou Jamil. – Você me tira minha liberdade, minha honra e meu navio, e quer me devolver em moedas?

– Primeiro: não existe honra entre piratas – disse Snail. – Segundo: esse navio é tão seu quanto de todos os outros capitães antes de você. E terceiro... eu andei repensando nossa parceria.

– O que bruxas isso quer dizer? – insistiu Jamil.

– Que essa é nossa última missão.

Mesmo Liriel se surpreendeu com aquilo. Os três não esconderam nas expressões o quanto não reconheciam aquele Snail.

– Não me olhem assim! Eu sei que vocês vão sentir minha falta, mas...

– O que você quer dizer com “nossa última missão”? – perguntou Liriel, cuja palavra tinha um peso maior do que a dos outros dois.

Snail suspirou.

– Eu quero dizer que pretendo caçar Al-ladim, concluir a missão e me tornar um dos homens mais ricos do mundo. E, se isso acontecer, eu terei feito História, eu estarei nos livros dos bardos que eu nunca li. O sultão prometeu adotar e dar uma boa vida aos garotos, e eles terão uma vida melhor do que qualquer garoto de rua de Arzallum jamais sonhou.

– Eu estou quase chorando – disse Jim, exalando deboche. – Mas como isso nos afeta? Você pretende nos fazer andar na prancha? Quer dizer, no meu caso, porque no de Jamil...

Snail e Jim riram. Liriel e Jamil, não.

– Não, velho Hawkins – admitiu Snail. – Na verdade eu pretendo fazer de vocês homens ricos, e homens livres.

Aquilo foi uma surpresa. Sério, você não faz ideia do que foram as feições daqueles três.

– Isso é mais um dos seus jogos, né? – perguntou Jamil. – É uma pena que isso não vai funcionar dessa...

– Eu juro pelo nome do meu pai – disse Snail.

Novamente espanto. Não existia honra entre os piratas, isso era verdade, mas todos eles contavam com algo que consideravam sagrado, mesmo na vida sórdida.

E sabiam onde estava esse limite para Snail Galford.

– Me ajudem a encontrar o assassino e entregá-lo ao sultão, vivo ou morto, não importa. E então eu os tornarei ricos e livres para morrerem famosos, entre vinho, servos e mulheres de alguma cidade de Nova Ether, ou de mais de uma.

Por fim, ele se virou para Liriel.

– Já a você, darei o comando desse navio, que passará a ser seu tanto quanto um dia foi meu, ou de Crocodilo, ou de Gancho! E então você poderá escolher entre

viver como uma Rainha ao meu lado ou singrar os mares como a única pirata a rivalizar com Andreanne, e um dia ganhar uma cidade com seu próprio nome.

Liriel estava tão aturdida que simplesmente não sabia o que dizer.

– E então? Vamos encontrar o ladino?

Sim, o quarteto mais temido dos mares de Nova Ether iria rastrear Al-ladim.

30

João, Andreos e Jaú pararam seus cavalos em frente a uma casa na área leste de Andreanne, não muito distante da Lobo Mau. Aquela era uma das partes pobres da cidade, com casebres antigos e deteriorados, que perdiam valor de imóvel a cada ano. Eles pararam diante de uma casa pequena, com algumas ferramentas na porta, como martelo e pá. Era possível notar que algumas partes tinham sido pintadas com tinta fresca, e havia marcas de cal em alguns pontos do chão.

– Então essa é a casa do Farmer? – perguntou Jaú. – Se estava mesmo tão ruim quanto o Albarus falou, até que eles deram um jeito.

– Sim! Olha ali! É o cavalo do Albarus – confirmou Andreos, apontando a montaria presa em uma árvore na lateral da casa, mastigando grama.

João só conseguia pensar se foi naquela árvore que Hector Farmer havia tentado se enforcar.

– Você vai mesmo querer fazer isso? – perguntou Andreos a João.

João ponderou uma última vez, e suspirou.

– Sim, do contrário isso vai ficar incompleto. Como teu irmão disse: a gente tem de ser melhor do que isso. E hoje é um dia em que preciso juntar retalhos e me tornar melhor.

– Sabia que não devia te deixar sozinho com Albrook – disse Andreos, irônico. – Nos surpreenda então.

E assim foi feito. João seguiu atrás de Andreos, sentindo no peito uma sensação estranha, mas segura, de um homem que precisava rever seus antigos conceitos. Então Andreos abriu a porta da casa, anunciando o momento:

– Ei, Albarus, olha quem eu trouxe aqui pra ver seu amigo...

A última palavra foi dita como uma voz quase morta. Andreos de um momento para outro se tornou pálido, travado na mesma posição como se fosse um manequim, não um homem.

Do lado de dentro, Albarus Darin e Hector Farmer, ambos sem camisa, se desvencilharam em desespero de um beijo intenso.

31

Mordred caminhou pelo palacete vazio, diretamente a caminho da torre. A armadura não estava mais em chamas, mas ele optou por não retirá-la; afinal, partes da pele pareciam grudadas. Seu cérebro, porém, parecia ignorar toda dor, talvez como consequência da imensa vontade de um homem tão próximo de seu objetivo, talvez por ele ter se tornado algo além de humano ao longo de tanto tempo.

Os cômodos por onde passou lembravam as moradias dos solitários. Havia pouco, mas o que havia, havia há tempos. Pratos e tigelas ainda sujas e roupas caídas, esperando por um serviçal que os lavassem ou os recolhessem; uma mesa de comida e outra de leitura, ambas com apenas uma cadeira; marcas de sujeira de uma mesma pegada se espalhando pelo chão. Diversos pedaços de solidão deixados para trás.

Apenas no último piso se encontrava a única entrada para a torre. Dois cadeados, mais a fechadura. As chaves dos cadeados se mostravam penduradas na parede. A da fechadura ele retirou do pescoço da bruxa que matou. E assim as três trancas foram destravadas. E Mordred entrou na torre.

32

Na casa de Hector Farmer, a cena parecia congelada no tempo. Andreos na entrada, branco como neve, e igualmente frio, olhando Albarus e Hector igualmente perplexos, como se seus piores pesadelos tomassem forma de repente.

– O que... que... o que... – gaguejava Andreos, tentando formular uma linha de raciocínio em uma mente que já não raciocinava. – Como... como você...? Então é *isso* o que você tem feito com esse cara aqui durante esse tempo?

Atrás dele, João e Jaú não sabiam exatamente como reagir diante daquela cena.

– Andreos... – *tentou* dizer João, tocando o ombro dele. – Calma...

Andreos se desvencilhou de João de forma bruta e caminhou apressado na direção dos dois ao fundo. Hector ergueu os braços em sinal de paz.

– Andreos...

– Não fala comigo, *aberração*! Não é à toa que você mereceu o apelido!

Hector era um cara grande, e, ainda assim, a raiva de Andreos era tanta que ele jogou o garoto na parede. Então seguiu na direção do irmão, que mantinha os braços para baixo, quase como rendido, mas igualmente em paz.

– Andreos, vamos...

BAM! Foi o som de Andreos colocando o irmão de joelhos no primeiro golpe.

Então outros sons de socos, tapas e chutes se juntaram ao primeiro, enquanto um Albarus sem reação tentava se proteger do espancamento iniciado pelo próprio irmão.

33

— Mãe, o que está acontecendo...

Ao notar a entrada de Mordred, a Virgem de Trigger cravou as costas na parede no reflexo de pavor. Era difícil dizer do que ela tinha mais medo: da entrada de um forasteiro ou da entrada de um forasteiro homem.

– Quem... quem é... onde está...

– Morta – revelou Mordred para que tempo fosse poupado.

A idade dela não ultrapassava 20 anos, embora a experiência de vida não chegasse a metade do que deveria. Na verdade, tudo o que ela não havia vivido fora daquela torre havia sido imaginado nas seletivas histórias do mundo contadas por Mãe Gothel, sua carcereira.

– Como ela morreu?

– Eu a matei.

O rosto da adolescente aumentou as linhas de expressões de pânico. O que viesse a seguir poderia tender à histeria ou ao colapso.

– Por quê? – gaguejou ela.

– Pra te libertar.

Curiosamente, nenhuma das duas reações se fez diante daquela resposta. A expressão dela se tornou dúbia, como a de uma pessoa que não sabe se está sendo salva ou condenada.

- E... o que você quer de mim? – a pergunta trazia o medo da resposta.
- Apenas que você me mostre suas tranças.

34

Os golpes batiam no corpo, mas a dor maior não era física.

– Como... como você pôde... – rosnava Andreos entre mais um soco, e mais um soco, e mais um soco no irmão encolhido no chão em posição fetal, tentando se defender. Uma mesa já havia sido virada e um banco se mostrava partido.

– Para, Andreos – tentava pedir Albarus. – Por favor... por favor... não precisa ser assim, *irmão*...

João e Jaú, que assistiam à cena ainda paralisados pelo choque, de repente retornaram àquela realidade e correram juntos.

É forte, né? Quando os homens que deveriam te proteger são os que querem te fazer mal.

Foi no mesmo momento em que Andreos chutou Albarus no estômago, fazendo o gêmeo caído cuspir o mesmo sangue que eles dividam. Em seguida ele pisou uma vez, e pisou uma segunda com a sola da bota em Albarus, como se o irmão fosse um inseto, não um homem, nem um irmão.

– Não me chame assim! – gritou Andreos. – A partir de hoje, não me chame mais assim!

– Não, não Andreos! – *tentou* parar João antes do último golpe. – Pare com isso ago...

A ação, porém, foi tarde demais, e o grito, ignorado. Então BAM! A ponta da bota de Andreos bateu contra o rosto de Albarus, deslocando um dente para fora da boca.

– Eu disse pra você *parar*! – Foi a vez de João gritar, enquanto agarrava o corpo de Andreos e o arremessava do outro lado da casa na direção da entrada, ao mesmo tempo que Jaú socorria Albarus.

Andreas caiu bruscamente no chão, próximo da porta, se levantando afobado, como alguém querendo retornar à briga.

– Eu vou mostrar a esse *pavão* o que é ser homem de verdade – resmungou Andreos, caminhando de volta na direção deles.

– Não, se você não sair daqui agora, *eu* vou te mostrar o que isso significa – definiu João, se colocando entre eles.

Houve um momento de tensão. Do tipo que amigos nunca gostariam de ter.

Andreos avaliou as opções, e então voltou a focar em Albarus, e mesmo aquele olhar doeu no irmão caído. Um olhar que ia além de desprezo, apontando culpas que ninguém tinha. Ele fez menção de avançar novamente, então focou em João e ratificou que o cavaleiro falava sério.

Sem dizer nada, tremendo por uma raiva que não sabia que acumulava, Andreos simplesmente se virou, saiu e bateu a porta, deixando um ambiente pesado para trás.

Ao ver Jaú socorrendo Albarus, João avançou na direção de Hector Farmer. O garoto estava ainda no canto que Andreos o arremessara, encolhido em vergonha.

– Tudo bem, Hector? – perguntou João, sem saber o que dizer.

Hector apenas balançou a cabeça, como se houvesse perdido a voz. Tinha lágrimas no rosto, que davam ao homem grande uma fragilidade com a qual João não sabia como lidar, sem quebrá-lo *mais*. João podia ver na expressão e na posição corporal ainda defensiva que... Hector estava *com medo* dele.

Medo do que ele pudesse fazer.

Medo do que ele pudesse dizer.

Sabe do que cavaleiros como vocês precisam para abusar da farda, João?

No chão, Albarus se escorou na parede, abraçado aos próprios joelhos. Mas o maior detalhe era a cabeça baixa. Como João nunca o havia visto fazer.

Dê a vocês uma situação que manche suas honras, e vocês se tornam tão opressores quanto tudo que dizem combater.

Observando o cômodo de poucos móveis, e, ainda assim, destruídos, João voltou a ouvir a voz de Ariane em sua cabeça. As frases por si só já eram duras, mas doía mais que ela tivesse razão. Doía saber que ele vivia em um mundo em que irmãos atacavam irmãos, em que antigos companheiros de infância o temiam, em que homens fardados abusavam de mulheres, em que homens sem farda abusavam de mulheres, em que nem sempre heróis estavam lá, porque era difícil definir quem eram os heróis.

Um mundo em que existem lobos que atacam apenas porque têm fome.

E homens que atacam apenas por serem maus.

Ou por não perceberem o mal.

– Jaú, eu quero que você prometa a Albarus e Hector que nada do que nós vimos aqui hoje será contado por nós fora daqui, a não ser que eles queiram – definiu João, sem deixar claro se como comandante ou como amigo.

– Claro – afirmou Jaú, como se o pedido não precisasse ser feito. – É claro.

– Então agora me ajude a levantar Albarus. Ele vai precisar dos melhores cuidados.

O cabelo da Virgem de Trigger era da cor de ouro, liso e de uma extensão tamanha que ela precisava tomar cuidado o tempo inteiro para não pisar sobre ele. Para facilitar esse cuidado, ela o trançava, deixando-o com uma aparência de vários nós de marinheiro.

Nada que não fossem as pontas daquela cabeleira interessa a Mordred, porém. Ao tocar na ponta dos fios, ele notou como eram bem mais escuras que o restante dos fios, com uma cor que lembrava palha. Como se tivessem sido queimadas.

– É exatamente como contam as lendas... – murmurou Mordred para si mesmo.

– Existem... *lendas* sobre mim? – estranhou ela, lembrando mais uma criança do que uma adolescente.

– Mais de uma delas – admitiu Mordred, ainda fascinado. – Mas em apenas uma é revelado seu destino.

– Que destino? – quis saber a Virgem de Trigger, ainda que mais uma vez temendo a resposta.

– Dar à luz uma criança especial, esperada por todos os Reinos de Nova Ether, mais ainda em Albion.

A jovem agarrou o braço de Mordred com as duas mãos, quase em um movimento de súplica.

– Você o viu? – perguntou ela. – Você sabe como ele é?

Mordred sorriu.

– Então é verdade. Você pariu a criança.

– Sim – admitiu ela, com lágrimas nascendo. – Mas ela não me deixou vê-lo. Sabe, às vezes eu escuto o choro e alguns gritos, e imagino como ele é. E eu tentava tratá-la bem e jamais deixá-la irritada, pra ver se ela o trazia de novo pra mim. Mas ela nunca o trouxe.

Mordred segurou uma das mãos dela, como um consolo.

– Como é seu nome? Seu *verdadeiro* nome?

– Persinette – respondeu ela, como se mesmo ela mal o reconhecesse pelo tempo em que não era chamada assim. – Persinette Petrosinella.

– Sabe como eles te chamam nas lendas? Com o nome das flores roxas dos rabanetes desses arredores – revelou ele. – Eles te chamam de *Rapunzel*.

– Rapunzel – repetiu ela, saboreando o nome pela primeira vez e sentindo um gosto amargo pelo mesmo motivo.

– Então me diga uma coisa... Persinette: *como* você engravidou? Algumas pessoas acreditam em espíritos santos, mas eu não sou uma delas.

Persinette olhou para o vazio como se envergonhada.

– Ela está *mesmo* morta? – quis confirmar.

– Sim.

Aquela confirmação parecia necessária para a verdade.

– Havia um príncipe – disse ela, dirigindo-se para a janela que lhe dava sua única visão do mundo externo. – Um dos filhos do Rei de Breë. Ele me visitou no único dia do ano em que ela não estava aqui.

Mordred não sabia dizer se estava satisfeito ou decepcionado de saber daquilo.

– Como ele subiu até aqui?

– Ela o trouxe até mim.

Mordred travou por um raro momento. Aquela parte da história ele não conhecia.

– A bruxa o trouxe aqui?

– Sim. Não haveria outra forma, não é?

– As lendas falam de príncipes que usaram suas tranças para escalar os muros.

Persinette riu.

– E que mulher aguentaria a dor de segurar um homem só com os cabelos?

Foi a vez de Mordred sorrir.

– O príncipe... – titubeou Mordred, sem saber a melhor maneira de perguntar aquilo. – Ele te tratou bem?

– Sim – disse ela. – Como alguns outros.

– Então tiveram *outros*?

– Sim – confirmou Persinette, com uma segurança perturbadora. – Mas ela me deixava escolher quais eu queria que ficassem, e quais não. Eles eram meu único contato com o mundo externo e provavelmente aqueles que espalharam minha história.

Mordred fez uma pausa, a mesma que as pessoas dão antes de revelar algo difícil.

– Não foram eles – afirmou ele. – Não teria como ter sido eles.

– Por que você diz isso? – perguntou ela, desconfiada.

– Porque seus corpos estão espalhados pelo espinheiro. Ela matou todos, e provavelmente foi ela quem espalhou as versões que queria de sua história. A história da virgem, da pura, da jovem que traria ao mundo o novo Cristo.

Ela se escorou no canto mantendo o olhar em choque, talvez pela informação, talvez pela *confirmação* da informação.

– Você já o viu? – perguntou ela, com os olhos se enchendo d’água.

– Ainda não. Vim buscar você primeiro.

– Por quê? – perguntou, enfim sem medo da resposta.

Mordred estendeu a mão para ela, e a ajudou a levantá-la do chão.

– Não vou mentir pra você: eu vim atrás dessa criança – admitiu Mordred com os olhos fixos nos dela. – Nova Ether espera o retorno do novo Merlim há anos, e, por mais doentio que tenha sido seu cativo nas mãos de Gothel, eu acredito que você pariu o escolhido.

– Então você vai... tirá-lo de mim?

O fraquejo da frase denunciava o temor de uma mãe que nunca mais havia visto o filho, mas o amava, pois era mãe, e ele era seu filho.

– Novamente, eu não vou mentir a você: eu poderia. – A frieza da voz dele contrastava de maneira gritante com a emoção da dela. – Eu poderia te jogar dessa janela, e ninguém nem mesmo *saberia* o que aconteceu.

– E você vai? Você vai me matar?

– Não. Não *mais*.

Persinette não sabia se deveria estar aliviada ou aturdida.

– Porque eu vim até aqui acreditando que encontraria uma mulher fraca, submissa, inútil. Mas eu vejo a força que você teve de ter para sobreviver todos esses anos nessas condições, e sabendo que precisava aguentar para que ela não o matasse.

Não havia mais como evitar, e ela desabou em choro.

– Foi por isso, não foi? – insistiu Mordred. – Primeiro por ele, depois por medo do que ela faria a ele, que você continuou a aguentar, não foi?

Ela concordou com a cabeça em um rosto que era mais lágrimas do que pele.

– Então, em vez de matá-la, eu vou te oferecer ir com ele e comigo.

Ela limpou as lágrimas, para que nada a desviasse de entender os detalhes do que ele estava dizendo.

– Ir com você *para onde*?

– Albion – definiu Mordred. – O Reino onde o novo Merlim deveria ter nascido, e onde o anterior guiou meu pai, Arthur.

O nome fez as pernas dela tremerem. Ali ela entendeu.

– Porque nesse momento, Persinette, eu sou um príncipe prestes a retomar seu Reino e, pela primeira vez, eu encontrei uma mulher digna de ser minha Rainha.

Ela pensou sobre aquilo tudo. Então deu lugar a uma expressão mais sombria, que Mordred não havia visto até ali. Mas gostava.

– Se você me confia para ser sua Rainha, filho de Arthur, então me dê sua espada – exigiu ela, sem aviso, com convicção.

Mordred se manteve encarando-a, analisando o que era blefe, o que era loucura e o que era verdade. Então concluiu que não havia blefe, apenas loucura e verdade.

E novamente ele gostou daquilo.

A espada foi retirada da bainha e entregue a ela. Seria irônico chegar até ali, e ela simplesmente lhe cortar a garganta e fugir com o menino. Mas seria possível. A antiga prisioneira segurou a arma com vigor, como se aquela posição de poder diante do cavaleiro que iria matá-la, mas a salvou, a excitasse.

Então a lâmina girou em um golpe único.

Quando Mordred se deu conta, os cabelos de ouro tombaram no chão, deixando o cabelo dela acima dos ombros. A espada foi devolvida a ele.

– Então vamos buscar meu filho e resgatar nosso Reino – definiu Persinette, ainda com o tom sombrio que unia os dois.

Foi assim que Rapunzel saiu com seu príncipe da torre da bruxa que a manteve refém por anos, deixando suas tranças para trás.

36

Eu já lhe contei antes sobre um conselho que se reunia anualmente, e poucas pessoas gostavam de falar sobre. Um conselho que mexia com o pior do imaginário, pois simbolizava a reunião dos piores tipos de pessoas. A reunião de bruxas e magos negros mais temidos de Nova Ether. O Conselho de Sangue.

O Conselho do Mal

– É impressionante como esse grupo diminuiu ao longo dos anos – resmungou o mago pernetá Oberon.

Ele tinha razão. Muita coisa mudou naquela formação desde a última vez que lhe contei sobre esse conselho maldito, agora reduzido a oito integrantes, e naquela reunião a apenas sete. Somente para lhe dar uma ideia de como as coisas mudaram desde seis anos atrás, o mago negro Charles Daveiz, na época primeiro-ministro de Stallia, foi destituído e condenado à forca após Robin de Locksley fazer sua revolução. O Imperador Ferrabrás se tornou prisioneiro de guerra de Arzallum. A maga gigante Iddian-Si viu seu exército ser derrotado pelas fadas-amazons do Nunca. O conde de ódio Edmond Dantes foi morto em um Tribunal de Arthur por João Hanson. Babau foi morta pela Rainha-fada Terra Branford.

– E está ainda mais difícil conseguir novos integrantes – disse Calígula, a bruxa careca e repleta de brincos espalhados pelo corpo. – Eles mataram Gagula.

Eles eram os Cavaleiros de Helsing.

– Estamos realmente vivendo novos tempos – disse o mago-troll Krull. – O que me preocupa é que nossos objetivos ainda sejam os mesmos, e ainda assim não tenham sido alcançados.

– Eles serão – afirmou Baba Yaga, com sua voz potente, em meio a seus quase três metros de altura e dentes pontiagudos de aço. – Ou não haverá mais encontros, nem conselhos.

Melehan, o mago siamês ligado pelo mesmo corpo ao irmão Melou, disse com sua voz rouca:

– Por que Helena Bravaria não está aqui?

– Porque ela está prestes a dar início à conjuração suprema – revelou o Rei Oronte, coçando a própria barba cheia.

Todos os presentes se concentraram nele.

– Isso vai *mesmo* acontecer? – perguntou a cabeça que simbolizava Melou, com sua voz fina que tanto contrastava com a do irmão siamês.

– Como disse Oberon: esse conselho diminui seus integrantes a cada ano – disse Oronte. – Além disso, Baba tem razão: ou fazemos isso agora ou seremos exterminados por uma segunda caçada.

Calígula começou a dançar sozinha, tintilando as argolas de metal espalhadas pelo corpo.

– Então o mago oriental enfim aceitou fazer sua parte – concluiu ela.

O mago oriental se tratava de Djin, um integrante do Círculo do Pendragon, mas que nunca havia aceitado ser parte do Conselho do Mal.

– Sim – reforçou Oronte. – E unindo o que ele tem a oferecer com o que *nós* temos a oferecer, não haverá caçadores de bruxas suficientes quando terminarmos.

– Será um extermínio – disse Calígula, com os olhos brilhando. – Como fizeram conosco.

Outro mago, quieto até então, resolveu falar.

– O que aconteceu para que Djin mudasse de ideia? – perguntou o conde Henrique Costard, patriarca da mesma família Costard que tanto já havia batido de frente com a família Hanson.

– Vocês sabem o que acontece dentro das Colmeias trazidas ao ocidente pelos gnomos – disse Oronte. – Djin acha que sua raça não pode mais ignorar o que acontece lá, e é hora de o Ocaso pagar o preço.

– Etherpunk – debochou Melehan. – É engraçado darem um nome como esse para o que fazem lá dentro.

– E mais ainda vindo das pessoas que nos chamam de selvagens – ratificou Melou.

Oberon mantinha-se pensativo, alisando sua bengala. Até que seus pensamentos se tornaram palavras:

– E quanto ao regicida? Soube que ele continua matando bruxas.

– Mordred busca a criança sagrada, como todos nós. É o menino que ele caça, não as bruxas que acredita estarem com ela.

– Será que ele *a encontrou*? – perguntou Calígula.

– As chances são tantas quanto as de todos nós – disse Costard. – E se ele a tiver encontrado, nós tomaremos dele.

– E depois? – perguntou Oberon. – Oronte pretende levá-lo a Albion?

– Aonde mais o novo Merlim pertenceria? – perguntou o Rei, de volta.

– É uma pergunta complicada – retrucou o mago pernetá. – Mesmo porque é difícil até mesmo dizer quem deveria reinar em um Reino onde irmãos conspiram para que seus sobrinhos matem seus pais.

O Rei Oronte fez menção de avançar em Oberon, quando Baba dominou a ação com sua voz de comando.

– Nem pensem – ordenou, e então silêncio. Ninguém a desafiou. – Pra mim pouco importa se Oronte quer esfregar essa criança como troféu por aí. Onde a busca por ela nos levou? A uma guerra mundial! Esse é o grande problema. Essa criança é uma pólvora negra, capaz de iniciar batalhas pelas quais ela nem mesmo merece. E é isso, e apenas isso, que me preocupa de Mordred encontrá-la.

– Você acha que ele vai usar a criança como moeda de troca para outros reinos lhe ajudarem a recuperar o trono usurpado de Albion? – perguntou o troll Krull.

– O trono não foi usurpado! – rosnou Oronte.

– Não faça esse papel de tolo conosco, *Rei* – disse Baba Yaga. – Todos aqui sabem que sua coroa foi conseguida na cama de Morgana!

Oronte engoliu tudo o que queria ter dito, descendo as palavras por dentro como veneno.

– E sim – concluiu Baba. – Eu acho que ele vai fazer isso, e nós devemos nos preocupar em quem será seu aliado.

– Por isso é melhor atacar primeiro – afirmou o conde Costard. – Se Djin pretende fazer a parte dele, e Helena está disposta a iniciar a nossa, nós devemos preparar nossos círculos de magia para esse momento tão esperado.

– E vocês acham que Helena é confiável? – perguntou Melehan.

– Nenhum de nós é confiável – definiu Baba. – Mas desde que ela cumpra a parte dela para a invocação suprema, não importa. Se ela quiser nos trair depois, nós podemos matá-la.

Nos moldes de pensamento daquele círculo tudo aquilo fazia sentido. Um sentimento de irmandade se espalhou de uma maneira torta naqueles sete.

- Então está mesmo acontecendo – reafirmou Calígula, sentindo mais vontade de dançar. – Nós vamos honrar o legado de Bruja.
- Uma frase que fazia até mesmo o Mal se arrepiar.
- Nós vamos destruir os caçadores de bruxas.

37

Mordred e Persinette caminharam pelo palacete vazio, repleto de fantasmas de homens assassinados. Todos eles pareciam guiá-los para um dos quartos de visitantes, lembrando uma última justificativa para suas mortes. A porta do quarto estava trancada, mas a chave se mantinha na fechadura pelo lado de fora. Mordred deixou que ela destrancasse a porta, como se o feito contivesse algum simbolismo.

Quando a porta se abriu e a luz iluminou o interior, ele estava lá. O corpo era magro, os olhos eram castanhos, mas o que mais se destacava eram os cabelos dourados e cheios, lhe caindo pela testa em franja. Um dourado forte, brilhante, na cor de ouro.

– Quem você é? – perguntou ele, no tom da voz infantil.

– Eu sou sua mãe – revelou Persinette, abaixando-se na altura dele, e esperando que ele a aceitasse.

O menino então estendeu os braços para a mãe, reconhecendo algo nela, ou talvez feliz de ter alguém que o chamasse de filho, e parecesse querer tratá-lo bem.

Mordred observou o reencontro de mãe e filho, e mesmo naquela emoção contida ele conseguia reconhecer algo de si mesmo.

– E ele é meu pai? – perguntou o menino de repente.

Mordred deixou que ela respondesse. Persinette se manteve pensativa sobre aquilo, e então respondeu:

– Não antes, mas hoje sim – definiu Rapunzel. – Ele hoje se torna sua família, como você em outra vida se tornou dele.

A energia que vinha do garoto era forte, e Mordred se lembrou de Arthur, e de Morgana, e de tudo que foi exigido para aquele encontro. Para aquele reencontro. Se ainda lhe restassem lágrimas ele teria derramado, mas não há lágrimas que sobrem para um filho capaz de matar o próprio pai.

Um menino de cinco anos de idade.

Exatamente como aquele que iniciou a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, ao escalar uma árvore que ligava o céu e a terra.

De fato, o mundo estava prestes a entrar em guerra pela segunda vez.

38

Ariane estava encostada em uma das paredes de sua casa, costurando um buraco de um vestido. Não que o vestido precisasse da costura, apenas era uma atividade que ela poderia fazer sem precisar pensar. A tentativa de distração, porém, se foi quando a porta se abriu e João Hanson entrou.

Ela ergueu a cabeça, mas não disse nada. Era como se estivesse esperando que a ação daquela volta partisse primeiro dele. Isso por si só já era incomum; Ariane estava acostumada a agir, e, se ali sua escolha era reagir, qualquer decisão a partir dali era imprevisível.

Contudo, mesmo preparada para o inesperado, ainda assim ela foi surpreendida.

– Essa noite... tem sido uma noite longa – disse João, com uma voz *quebrada*, que trazia as informações em partes.

Ela continuou sentada com as costas na parede, olhando para ele.

– Eu já tive dias ruins, mas, acredite, esse é um dos piores – continuou ele. – Ainda assim, por mais dolorosos, foram em dias assim que eu mais amadureci.

João se abaixou para ficar na altura dela, e à altura dela. Normalmente ele teria ficado de cócoras, mas ali ele se ajoelhou, não como alguém buscando uma posição confortável, mas submetendo humildade.

Ali Ariane notou melhor o rosto dele. Um rosto que ela conhecia bem, o rosto do homem com quem ela havia se casado. Ali havia traços de luta, de choro, de medo, até de cansaço, não físico, mas daquele que o sono não cura. Quantos sentimentos um homem era capaz de viver em uma mesma noite?

Ele pegou e apertou a mão dela como se fosse o cordão de compromisso.

– Desculpe... – disse ele, com os olhos vermelhos, tanto do pranto quanto do sangue que ele queria que não estivesse ali. – Você me manteve vivo. Mais de uma vez. Quando tudo colidiu, você me manteve firme. Eu já te disse antes que, mesmo quando você não está lá, você está. Eu te disse que você é a razão da minha vitória, é o motivo de eu querer voltar vivo. E tudo isso é verdade. Mas você é mais do que

isso, Ariane! Você é o que me mostra outro mundo, sempre foi. Você é o que preenche o vazio que outras pessoas deixaram dentro de mim. Você me perguntou o que teria acontecido se Albrook não tivesse lá. O que teria acontecido se você não tivesse um herói pra te salvar. Essa pergunta me deu medo, porque eu não quero viver em um mundo em que você não está lá. Com isso dito, sabe o que eu acho, Ariane? *De verdade?* Eu acho que, mesmo se não existisse o caçador na sua história, você não seria a vítima. Porque você é a mulher mais destemida que eu já conheci, e olha que eu sou irmão de Maria Hanson. Mas você tem razão! Nem todas as mulheres são como você, não porque elas não queiram, mas porque nós vivemos em um mundo de homens e lobos. E às vezes essa linha que nos divide é fina, muito mais fina do que deveria ser. É uma linha mergulhada em ódio e ignorância, que vira amigos contra amigos, maridos contra esposas, irmãos contra irmãos. Uma linha que eu não quero cruzar, como Reis já fizeram. Porque eu *quero estar lá*, Ariane. Não só por você, eu quero estar *por elas*, e por todos que precisarem. E, quando isso acontecer, quando eu estiver lá usando o emblema pelas pessoas que precisam de mim, eu não quero que elas me temam. Eu não quero que elas duvidem do que eu quero representar. Eu quero que elas me olhem como um dia você olhou o caçador.

Ariane apertou os lábios e colocou a outra mão por cima da mão dele, que já segurava uma das mãos dela.

– E, baseado nisso, o que você quer de mim, João?

– Me ensine – pediu ele, como se aquilo fosse tudo. Fosse o início de um ciclo. Fosse o início de um círculo.

Ariane sentiu os pelos se arrepiarem, porque ela sabia o que aquilo significava. A importância do que aquilo significava.

O momento em que um Caçador de Bruxas pedia para entender a bruxaria.

– Eu quero entender os motivos, eu quero entender a essência, e eu quero entender a importância. Pra você, e *pra todas vocês*. Eu quero enxergar além, Ariane! Eu quero que da próxima em que você me pergunte se eu consigo ouvir os gritos delas, eu possa te responder que sim. Eu possa te dizer que eu consigo.

Ariane tocou o rosto dele com o peito ardendo por tudo que a fazia amá-lo.

– Eu possa te responder que *nós conseguimos*.

Ardendo pela lembrança de tudo que a fazia amá-lo.

– Eu possa te responder que *eu estava lá*.

Ela se agarrou nele, como se fosse para isso que a vida existisse. As roupas se perderam, os beijos se intensificaram, os corpos se encaixaram. De fato, aquele havia sido um dos mais longos dias da vida de ambos, mas o mais curioso era que, exatamente nesse dia, João e Ariane se conectaram de uma maneira como nunca antes.

39

Snail e seu trio estavam diante de mais um corpo. A vítima dessa vez era um dono de uma tapeçaria, a mais cara de toda Al-Quadim. O corpo havia sido encontrado pelos serviçais, deitado na cama com o pescoço partido e a cabeça virada para trás.

– Você não mentiu quando disse que o garoto era forte – comentou Jim, ainda observando o corpo. – Sabe a pressão necessária pra se conseguir um estrago desses?

– Pena ele não ter escolhido você – disse Jamil.

– É você quem deveria torcer para reencontrá-lo, Crocodilo – acrescentou Jim.

– Quem sabe ele poderia te consertar...

– Foco, senhores – pediu Liriel. – Ao menos nessa última vez.

– Essa foi a terceira morte apenas nessa noite – disse Snail, ignorando tudo dito até ali. – Todas elas sem padrão, mas cometidas pelo mesmo homem.

Ele falava a verdade. Além do dono da tapeçaria, um contratante de estivadores e uma dona de boutique haviam sido mortos. O primeiro com o peito aberto, a segunda com a mandíbula estourada em quase 180 graus.

– O sultão conhecia as vítimas? – perguntou Jim.

– É claro que conhecia – respondeu Snail. – Todas elas eram ricas.

– Nem todos os piratas se conhecem – disse Jamil.

– Pessoalmente, talvez – concordou Snail. – Mas ao menos todos já ouviram falar dos piores deles. É como uma sociedade secreta.

– Sabe o que eu acho mais estranho? – perguntou Liriel. – O fato de que ele não *se importou* de ser visto em todos esses crimes.

– A circense tem razão – disse Jim. – É como se esse cara *quisesse* que as pessoas soubessem que ele está fazendo isso.

– Matando em série? – perguntou Snail.

Jim deu de ombros.

– Existe louco pra tudo.

– Mas não existe ligação entre as vítimas, a não ser o fato de todas elas serem donas de negócios ou virem de família abastadas.

– Mas, se o que Jim aposta tiver mesmo algum sentido, teria de haver alguma ligação.

– Não, porque tudo o que esse velho diz é idiotice – resmungou Jamil. – Se ele quisesse apenas que as pessoas soubessem o quanto ele é louco, bastava degolar uma taberna inteira.

– Então você acha que não é uma mensagem? – perguntou Snail, demonstrando um respeito a Jamil como jamais antes.

– Eu acho que ele está fazendo isso por um motivo particular – teorizou Jamil. – Talvez alguém o tenha contratado, não sei...

– Como um dia você me contratou pra roubar o colar de 108 conchas? – perguntou Liriel.

– Exatamente – disse Jamil, gostando da lembrança. – Como um dia eu contratei *vocês dois* para roubar aquele colar.

– Vamos torcer pra que esse ladino então tenha o mesmo mal... – resmungou Jim.

Jamil cuspiu no chão na direção de Jim.

– Existe mais uma coisa estranha – insistiu Snail. – A Princesa de Jade, ele matou pra roubar o mapa de estrelas. Dos outros, porém, ele não roubou nada. Ele *apenas* matou.

– Eu já fiz isso antes – disse Jamil. – Isso se chama pirataria.

– Isso se chama *carnificina* – disse Jim. – Flint nunca matou por prazer e foi mais pirata do que você jamais será.

Liriel se mantinha concentrada, ignorando as provocações dos dois.

– Apenas uma morte parece ter motivo, as outras mal têm ligações. Nós estamos aqui brincando de investigar, como se soubéssemos fazer isso. Então, a verdade é: *como* vamos achar esse cara?

– Bem, como não tem ninguém aqui inteligente o suficiente pra desvendar e prever a próxima vítima, nós vamos ter de fazer de um jeito rústico – definiu Snail.

– Vamos chamar os guardas do sultão, pagar os moleques de rua e acordar nossos garotos no navio. A gente vai precisar de todo mundo alerta e na rua essa noite. Sejam quais forem os motivos desse cara, ele ainda vai matar mais gente sem se preocupar em ser visto; e, quando isso acontecer, nós vamos seguir os gritos.

40

João retornou à mesma casa onde dois irmãos haviam sido separados por alguns passos de ignorância. A residência de Hector Farmer continuava inacabada, com

sinais de luta interna, e parcialmente destruída, exatamente como o interior de seus moradores. João não era o culpado daquela infelicidade, ao menos não daquela vez, mas sentia-se como se fosse. Como se o fato de não poder evitar fosse o mesmo que deixar acontecer. Como se o fato de não entender fosse o mesmo que tomar um lado. E como se naquela situação existissem lados.

– Farmer...

Hector cumprimentou João olhando para baixo. Em seguida, se dirigiu à saída como se a casa não fosse dele.

– Eu vou deixar vocês dois conversarem – disse, antes de sair.

João permaneceu lá dentro, observando Albarus ao fundo sentado no chão, encostado em uma parede e igualmente olhando para baixo, algo comum entre as pessoas que não enxergam mais seu próprio futuro.

– Como você está? – perguntou João.

– Vai sarar – respondeu Albarus.

– Eu não me referia aos hematomas.

– Então continua doendo.

João suspirou e se sentou ao lado dele.

– Sabe, Albarus, eu te conheço. Por isso eu sei que você vai dizer que eu não precisava te dizer isso, que eu não tive culpa e que eu não deveria me preocupar com isso, mas... eu queria te pedir desculpas pela reação do Andreos.

– Você tem razão: você não deveria se desculpar por ele. E conhecendo bem ele também, você sabe que aquela reação era previsível.

– Por isso você nunca contou?

Albarus deu de ombros. O olhar distante dele afastava uma parte de João de si mesmo.

– Por que eu *precisaria* contar?

– Pra se sentir melhor. Eu não sei como é, mas... acredito que deva ser difícil ter de esconder.

– E você acha que, se eu tivesse contado, a reação teria sido diferente?

Foi a vez de João olhar para baixo. E concluir:

– Não.

Silêncio, do tipo que perturba em vez de acalmar.

– Talvez não tivesse feito diferença pra ele... – retomou João. – Mas teria pra mim.

Albarus tirou os olhos do chão e focou em João Hanson.

– Você é um bom amigo, João.

– Como é, Albarus? – perguntou João, com humildade, encostando a cabeça na parede.

– O quê? Gostar de outro homem?

– Sim! Quero dizer... quando você soube que era mais apto a escolher homens do que... sei lá... eu não sei direito como te perguntar isso...

Albarus segurou um sorriso. Era curioso ver João tentar.

– *Quando?* Eu não sei bem o que te responder. Quando você soube que era mais apto a escolher mulheres do que homens?

– Eu nunca fui apto a escolher homens – comentou João, erguendo os ombros.

– Então nunca foi uma escolha.

João balançou a cabeça, compreendendo. Era curioso como, mesmo já atingindo postos de comando, ainda havia tanto a ser educado.

– Mas eu entendi o que você quer perguntar – relevou Albarus. – Sei lá, acho que foi lá pelos nossos doze ou treze anos. É nessa idade que a gente começa a notar essas coisas, né? Eu lembro que a gente ia nas tavernas e vocês gostavam de comentar sobre os decotes das garçonetes, sobre qual tinha o peito maior ou qual delas cheirava bem.

João segurou um sorriso.

– Então você não gostava de observar as garçonetes?

– João, eu só ia com vocês naquelas tavernas por causa dos lenhadores!

João abriu a boca, como se seu mundo tivesse virado de cabeça para baixo.

– Você sabe como eles gostam de se vestir... – continuou Albarus. – Calça justa, abertura no peito, cinturão, barba, pelos, oh, *muitos* pelos...

– Seu... seu...

– E músculos! Montanhas de músculos!

– Seu safado pervertido!

Eles riram juntos, de uma maneira como nunca tinham rido juntos antes. E para ambos aquilo foi bom.

– Então você realmente só fingia se interessar pelas garçonetes...

– Bem, na verdade eu me interessava em como cheirar bem como algumas delas.

Eles riram juntos de novo.

– E como é? Quando você vê outro homem... você então... sente uma atração física? Eu digo, uma real vontade de querer beijar, tocar... não sei...

– Não *qualquer* homem. Você sente atração por qualquer mulher?

– Não...

– Então, João: é igual! Só que é diferente, mesmo sendo igual. Mas simplesmente existem pessoas que nos são atraentes de primeira, outras que se tornam mais atraentes após a gente conhecer melhor. E outras que a gente perde a atração *após* conhecer melhor.

João refletiu sobre aquilo.

– Acho que você é a primeira pessoa com quem eu converso sobre isso – concluiu João.

– Que você conversa até pode ser, mas não a primeira que você já conheceu.

– Como assim?

– João, só nas nossas reuniões de escudeiros tinham uns cinco que poderiam falar sobre isso com você.

– Você está falando sério? Eu nunca notei isso!

– Você não sabe de nada, João.

O sorriso de João se expandiu.

– Um deles até tinha uma queda por você.

João arregalou os olhos, lembrando Ariane.

– Mas eu disse pra ele pra nem tentar, que não era a sua.

– Como... você sabia que não era a minha? – perguntou João, abrindo os braços.

– A gente sabe essas coisas – respondeu Albarus, voltando a sorrir por um momento.

João suspirou, buscando memórias de situações passadas que ele tentava reviver com outros olhos.

– Ei – disse João de repente. – E você em algum momento chegou a sentir atração... por mim?

Albarus riu alto.

– *Claro* que não! Jamais!

– Por que não? – perguntou João, como se ofendido.

– Você sempre foi um dos meus melhores amigos, João!

– Ariane sempre foi uma das minhas melhores amigas, e olha no que deu!

Albarus voltou a rir alto.

– Então talvez você só não fizesse o meu tipo.

João abriu os braços e manteve a boca aberta, ainda sem saber se deveria ou não se sentir ofendido. Então suspirou, expandindo o sorriso.

– Desculpe, Albarus – disse ele novamente.

– Já disse que você não tem de se desculpar pelo Andreos.

– Não por ele – acrescentou João. – Desculpe se em algum momento eu tenha dado a entender que você não podia me contar.

O sorriso de Albarus desapareceu ao mesmo tempo que lágrimas nasceram. Do tipo que lavavam um pouco os ferimentos dos dois lados.

– Você é mais do que um bom amigo, João. Você é um irmão.

João passou o braço ao redor do pescoço de Albarus e o abraçou, deixando as lágrimas dele cair. Exatamente como faria um irmão.

Exatamente como Albarus gostaria que tivesse sido feito pelo irmão.

– Ei, mas espere aí – retomou João, após um tempo. – O meu pai era lenhador, e estava sempre naquelas tabernas que a gente frequentava!

– Pelo bem da nossa amizade, eu acho melhor a gente mudar de assunto agora – disse Albarus, trocando o choro pelo riso, ao menos naquela vez.
– SAFADO PERVERTIDO!

41

— Ele tem nome? – perguntou Mordred, ainda diante da criança que o mundo buscava.

– Tudo tem nome, mesmo as coisas – corrigiu Persinette. – Eu o batizei, antes que ela o tirasse de mim.

Mordred se manteve focado nele, ainda buscando nos traços infantis as características que o associassem aos traços do mago que traçou o destino de sua família.

– Como você o chamou? – perguntou o cavaleiro renegado.

Em vez de responder, ela se virou para o menino.

– Diga e ele – pediu como mãe. – Diga a ele seu nome.

– Myrddin – disse a voz infantil. – Meu nome é Myrddin.

Mordred repetiu algumas vezes para si mesmo aquele nome, como se a palavra tivesse sabor. Ela sabia, ela *tinha* de saber. Myrddin.

Então era esse.

Era esse o novo nome que iria entrar para a História.

42

João hanson encostou seu corcel diante da fazenda dos escudeiros. Tudo em sua atitude era brutalidade, a velocidade com que freou o cavalo, a maneira como saltou da sela, a caminhada rápida e pesada na direção do círculo dos candidatos a

escudeiros. Era um fato visível de longe: João Hanson estava furioso. No centro da fazenda, escudeiros treinavam com espadas de madeira sob o comando de Andreos, e era na direção dele que o recém-chegado caminhava em ira.

– O que você pensa que está fazendo? – vociferou João na caminhada.

– João... – tentou dizer Born, se aproximando com Max, ambos para tentar impedi-lo.

– Vocês dois se afastem – ordenou ele, antes que encostassem nele. – Todo mundo se afaste.

Não foi preciso uma segunda ordem. Fosse tanto Born quanto Max em um ponto, fosse Jaú e Ian em outro, fossem os escudeiros no centro, todos saíram de qualquer linha que se postasse no caminho entre João Hanson e Andreos Darin.

– Eu perguntei o que você pensa que está fazendo! – rosnou João na direção de Andreos.

– Eu estou fazendo o que você não está! Formando alguns homens aqui!

A irritação de João aumentou, e os passos se tornaram ainda mais pesados na direção do cavaleiro.

– Ah, você quer formar homens aqui? – perguntou João. – Então vamos ver como você se sai na frente de um.

Sem aviso, para o total estado de choque dos escudeiros e cavaleiros presentes, João enfiou a sola do pé no peito de Andreos, arremessando o cavaleiro no chão de terra. Os escudeiros olharam para os outros instrutores, buscando como reagir àquilo, mas os cavaleiros fizeram gestos para que ninguém se envolvesse.

Tão assustado quanto os outros, Andreos se viu no chão de terra com os olhos esbugalhados, e o gosto de terra na boca. Ele se ergueu em cólera e partiu para cima de João.

– Você enlouqueceu, Hanson?

João ignorou o ataque, lhe socou o estômago e lhe tirou as pernas do solo, novamente tombando Andreos no chão.

– Não – disse João. – Mas parece que *você* sim.

Andreas *tentou* se levantar e João socou seu rosto, derrubando-o pela terceira vez.

– Ele é *seu irmão*, seu imundo! – gritou na face do caído. – Ele é sangue do seu sangue!

– Ele não é mais meu...

João chutou a mandíbula de Andreos, lhe arrancando um dente! Então montou sobre ele e lhe esmurrou mais duas vezes a face.

– *Nunca*, eu disse: *nunca* desrespeite um dos nossos neste solo – gritou diante da face ensanguentada de Andreos. – Ou você vive sob as leis da irmandade ou não merece vestir a armadura!

– Isso não tem nada a ver com o código... – tentou dizer Andreos.

E então tomou outro murro.

– Isso tem *tudo* a ver com o código – corrigiu João. – Albarus é família! E se você o renegar, nós também vamos renegar você, tá me ouvindo? E se encostar nele de novo, nós vamos fazer duas vezes pior com você, *está me ouvindo*, Andreos?

Andreos engoliu qualquer resposta e permaneceu olhando para João, lembrando um cachorro violento aprendendo a respeitar o dono. Já João se levantou, saindo de cima do corpo do espancado sem qualquer sentimento expresso de remorso.

– Se você quer formar homens nesse lugar... – disse João, olhando de cima para baixo. – ...primeiro comece agindo como um.

Andreos cuspiu sangue no mesmo chão.

– Agora volte para casa e pense que tipo de caminho quer seguir.

Como se nada mais existisse, João largou Andreos no chão e caminhou na direção de escudeiros que pareciam *com medo* dele.

– Espada de madeira – ordenou. – Treinamento três contra um.

Os escudeiros correram para suas espadas de treinamento como se suas vidas dependessem disso, enquanto Andreos recusava a ajuda de Born para se levantar e ir embora dali. Ninguém teceu um único comentário. E, se para a maioria *aquela* João Hanson era assustador, para Emile, aquele cavaleiro era tudo o que ela estava ali para se tornar.

43

Foi apenas uma questão de seguir o estrago. Não apenas o rastro de sangue, mas o rastro de destruição. A noite retornou a Al-Quadim, mas não parecia ter havido nenhuma luz entre aquela e a noite anterior, e, em diferentes pontos da cidade, novas mortes aconteciam a todo o momento, enquanto o ladino assassino espalhava sua fúria. Casas arrombadas, janelas quebradas, mesas viradas, barracas caídas, toldos perfurados, mercadoria esparramada; era difícil acreditar como um único homem era capaz de levar tanta morte e tanto caos consigo. Sua confiança inabalável havia atingido um limite tamanho que não temia guardas, nem armas, nem feras. Ele simplesmente seguia em busca da próxima vítima, descobria a maneira mais rápida de encurralá-la, a eliminava com certo prazer e então escapava sem se preocupar com as consequências.

Ainda em relação a essas vítimas, quase todas continuavam compostas de pessoas da alta sociedade, normalmente donos de estabelecimentos ou embarcações. Esse detalhe teria levantado diferentes razões para o motivo daqueles ataques, se Al-ladim não as matasse sem se preocupar em levar nem mesmo uma única moeda de ouro.

Os guardas do sultão e os adolescentes da tropa de Snail, contudo, continuaram a correr pela cidade e seguir os rastros, até que, após matar o bardo cantor mais famoso da cidade em pleno palco na apresentação de um anfiteatro, o pandemônio atraiu a atenção geral. Os guardas locais se concentraram nos lugares óbvios para onde o assassino poderia fugir. Snail e Liriel se concentraram naqueles onde ninguém iria olhar.

Naqueles que eles teriam utilizado.

Foi assim que a dupla encontrou Al-ladim fugindo do anfiteatro, mas, em vez de atacá-lo diretamente, decidiram segui-lo, ocultando-se da melhor forma como sempre fizeram: tornando-se sombras e fantasmas.

A perseguição levou até uma torre de vento, construída com espessura de cerâmica e oito aberturas, ao redor de duas cúpulas. Quando a noite caiu, Al-ladim se encontrou no alto da torre com uma figura misteriosa, um homem barbudo vestido com uma túnica com faixa de seda na cintura, touca, duas toalhas azuis, uma em cada ombro, e ajoelhado em cima de um tapete repleto de ideogramas orientais.

– Foi possível ouvir os gritos daqui – disse o homem que nem Snail nem Liriel reconheciam.

– É apenas uma fração dos meus gritos ao longo de tanto tempo – disse Al-ladim. – E ainda menos do que mereciam.

– Foi o suficiente para lhe saciar?

– Jamais será – definiu o ladino. – Mas é um início.

O homem concordou, como se as mortes em série fossem justificáveis. Então ele focou no que Al-ladim tinha em mãos: o Grande Tesouro que tinha sido de Snail e de tantos outros antes dele.

– Você ainda o quer? – perguntou o ladino, oferecendo-o ao homem.

– Sim. Hoje em dia mais por curiosidade do que necessidade.

O barbudo tomou o mapa de estrelas nas mãos e o observou sob a luz da lua. O vento frio da noite soprava forte, agitando as vestes dos dois, que não se importavam, mas isso dificultava ainda mais a vida de Snail e Liriel tentando se manterem ocultos. Então a expressão do homem de touca se modificou, transformando indiferença em surpresa, quando os olhos e sobrancelhas se ergueram, unindo os lábios.

– Agora entendo por que esconderam esse tesouro por tanto tempo... – disse ele. – Você sabe o que ele significa, não é?

– Sim – respondeu Al-ladim. – E não me importo. O que eu me importo é *com os meus*. Você esteve lá, não é? No ocidente...

– Sim. No dia 8 do oitavo mês, a cada oito anos.

– Você os alertou?

O homem pensou sobre aquilo.

– Eu tentei fazê-los entender de outras formas. Eu tentei fazê-los enxergar que a busca por esse tesouro levaria à Grande Guerra. Eu lhes disse que a tecnologia evoluiria rapidamente naquele continente, mas que a ambição ocidental colocaria tudo a perder.

– E aqui estamos...

– E aqui estamos.

Al-ladim se ajoelhou no mesmo tapete em que o homem estava, e os dois permaneceram se olhando em silêncio. Até que os olhos de Al-ladim brilharam em *vermelho fogo*, e o outro homem não se assustou. Havia um respeito entre eles, reforçado mesmo na pausa, que intrigava Snail e Liriel.

Então ambos se curvaram em referência ao outro, mais parecendo uma despedida do que um cumprimento.

Por fim, o homem se levantou e curiosamente deu um passo para fora do tapete, deixando Al-ladim ajoelhado no centro da peça bordada. O vento continuou a soprar, na verdade, pareceu aumentar ainda mais sua intensidade, agitando as roupas leves. O tapete começou a lutar contra o vento, que parecia querer levá-lo embora, se o corpo do ladino assassino não o impedisse.

Até que o vento se tornou mais intenso, e o corpo não fez mais peso suficiente. Então o tapete se ergueu no ar, como se fosse virar e ser carregado pela ventania. Até se fazer entender que o vento não lhe controlava, era ele quem controlava o vento. O corpo de Al-ladim se manteve ajoelhado com a coluna ereta, imóvel, enquanto o homem e a peça flutuaram ignorando a gravidade e seguiram para fora da torre de vento por uma das aberturas, sobrevoando uma das cúpulas.

Foi assim que o tapete voador flutuou, levando Al-ladim.

Você sabe como o Grande Paço fica em dias de grandes eventos, tenho certeza. Essa está longe de ser a primeira vez que conto sobre alguma grande cerimônia ocorrida por lá, e, em todas elas, algo de grande ocorreu no mundo como consequência. Fossem caçadas de bruxas, fossem posses de novos Reis, fossem torneios intercontinentais, fossem inícios de guerras mundiais. Não importa.

O Grande Paço sempre representa um grande passo.

Naquela noite, a palavra que simbolizaria o encontro poderia se resumir em *respeito*. Respeito pelos mortos, pela vitória improvável dos Reinos aliados, pelo comando do Rei Anísio assumindo o legado da família Branford. Não se tratava de comemorar o fim da guerra porque as guerras nunca terminam.

Tratava-se de não se esquecer dos motivos de a guerra ter se iniciado.

E de como ela havia terminado.

À frente do palácio, era possível se notar de imediato as carruagens. As comitivas de Cálice, Stallia, Órion, Tagwood, Forte, Aragon e Mosquete se mostravam presentes com carroças com bandeiras no alto e soldados ao redor. Por falar em bandeiras, todas as flâmulas dos Reinos aliados se exibiam em fileira no alto da entrada do Grande Paço, logo à frente das aias que recepcionavam os recém-chegados e lhe entregavam colares de flores. Uma trilha formada pelos pontos luminosos de tochas indicava o caminho até o salão principal, onde mesas fartas de comida e galões de bebida se espalhavam, coordenados por serviçais uniformizados que serviam os quase quinhentos visitantes.

Nos arredores, além dos soldados da Guarda Real, também os Caçadores de bruxas se colocavam em prontidão com suas armaduras vermelhas completas, inclusive o elmo que lhes escondia a identidade, com exceção de seu líder Ruggiero. Suas presenças também tinham um simbolismo e novamente relembavam a ideia de que aquele não era um dia a ser comemorado, mas a ser reverenciado. Dentre esses soldados estava João Hanson, vestindo sua armadura de cavaleiro, mas sem o elmo, pois ainda não era rubra. Mantinha o comando de seus subordinados, reportando a seu capitão Rinaldo Grimaldi quaisquer possíveis brechas de invasões, ameaças ou atentados contra tantos alvos reunidos em um único local. Depois da invasão do porto de Andreanne por Jamil Coração-de-Crocodilo em sua união com bruxas e mercenários, nenhum esquema de segurança passou a ser considerado inteiramente suficiente.

Maria Hanson e Ariane Narin conversavam em um canto, ambas convidadas de Sabino von Fígaro. Maria evitava cruzar olhares com Giacomo Casanova, o que nem sempre funcionava, e se sentia um peixe fora d'água em meio às comitivas reais que já não faziam mais sentido para ela. Sabino insistia que aquela era uma noite que ela “não gostaria de perder”, mas, ao menos até aquele momento, não havia nada que justificasse a expressão. Já Ariane... bem, ela estava satisfeita de

novamente estar em um local com tanta comida e bebida farta, e ainda sem custo de seu próprio bolso.

Naquele momento, o salão já se mostrava tomado pela comitiva de cada Reino e de nobres de Arzallum, que também haviam viajado de todos os cantos para Andreanne. Ali estavam o Rei Alonso Coração-de-Neve e seu primeiro-ministro Robert de Locksley, de Stallia, o Rei Adamantine, de Aragon, o Rei Acosta, de Órion, o Rei Collen, de Tagwood, além do Rei Segundo, de Cálice, e do Rei Tércio Branford, do Forte. Por fim, juntou-se a eles a Rainha Kapella, de Mosquete, até hoje ainda a Rainha soberana, sem Rei. Nenhum deles havia tido qualquer contato com o Rei Anísio desde que chegaram; e, se o objetivo era a expectativa, havia sido atingido.

Então o primeiro acorde das cornetas.

Os Reis e Rainha se posicionaram de frente para os tronos ainda vazios, e os serviçais se afastaram, tirando qualquer comida do caminho. Silêncio. Os oito encapuzados entraram. Você se lembra bem deles, tenho certeza. Os que antes eram sete, até que Sabino von Fígaro retornou para ajudar Primo Branford em nossa primeira narrativa e não pôde mais ser ignorado, passando a vestir a túnica preta.

Os Oito Conselheiros Reais.

Escoltados pela major Bradamante, vestida com a armadura branca de campeã, eles se posicionavam atrás dos tronos, lembrando espectros. Aquela era a deixa para o segundo acorde das cornetas.

O acorde que anunciava a entrada dos monarcas.

O Rei Anísio Branford e a Rainha Branca Coração-de-Neve entraram lado a lado, caminhando de braços dados. Anísio não era uma pessoa de muitos sorrisos, mas um pequeno sorriso de lábios unidos, expressando satisfação naquele encontro, lhe tomava conta. Ele não vestia armadura, mas uma roupa cerimonial nobre, reforçada pela coroa e por uma capa com ombreiras de peles. A escolha da vestimenta também reforçava o motivo daquele encontro.

Já a Rainha usava um vestido longo, azulado, que se esparramava lambendo o chão. Nenhum cinto, nenhum colar que concentrasse atenção, apenas joias nas orelhas, nas argolas de pulso e nos anéis espalhados pelos dedos das mãos. Sei que essa descrição pode fazer parecer simples para uma Rainha, é verdade, mas acredite, um plebeu teria de trabalhar doze anos de sua vida apenas para pagar o anel do dedo anular da Rainha Branca naquela noite.

– E aqui estamos juntos mais uma vez – disse Anísio, comprovando que o atual Rei havia de fato abdicado do uso de “tu” e “vós” em cerimônias reais. – Cinco anos se passaram, e não passaram rápido. Nesse tempo, nossos Reinos tiveram de reconstruir suas cidades atacadas e sua economia. Tiveram de cuidar do trauma dos vivos e honrar o sacrifício dos mortos. E nós sabemos o quanto o preço

de uma guerra não é pago apenas com moedas. Principalmente uma guerra da proporção que vivenciamos, uma magnitude jamais atingida antes.

– Ainda assim, nós sabemos que poderíamos estar em uma realidade diferente, pois poderíamos estar do lado derrotado – disse Branca em seguida.

A cena causou um choque, admito, até mesmo na Rainha Kapella. Veja bem, Branca não havia *interrompido* Anísio, mas apenas o fato de a Rainha dividir o discurso inicial com o Rei já se tratava de uma quebra da norma em que todos aqueles monarcas haviam sido educados. E o fato de Anísio não apenas não se incomodar, como incentivar a ação, também era uma mensagem. Um aviso de como o mundo havia mudado.

– E, se estamos do lado vitorioso, devemos a muitos dos que aqui estão, representando outros que mereciam aqui também estar. Pessoas como a major Bradamante, a Matadora de Gigantes, e atual campeã de Arzallum...

Afastada em um canto, Bradamante se surpreendeu com a menção e com a atenção dos convidados voltando-se para ela. Reverenciou um agradecimento sem jeito à Rainha e recebeu aplausos sinceros de pessoas que tinham facilidade em admirá-la.

– Pessoas como Clarabela de Cisne, capazes de amaldiçoar um exército de gigantes em plena guerra...

Os aplausos se direcionaram para a tímida e desengonçada enfermeira, antigamente conhecida como *Pata Feia* e hoje conhecida como *Cisne*, que ganhou seu próprio conto e apelido ao se fingir de bruxa e amaldiçoar o exército de gigantes a pedido de Bradamante, ali se vendo abraçada pela ovação do salão.

– Pessoas como João Hanson, capaz de suplantar o medo e proteger a vida de sua Rainha, quando ainda um escudeiro, liderando outros aprendizes contra mercenários experientes.

De todos, aquela foi a maior surpresa. O rosto de João imediatamente enrubesceu, sem saber como reagir diante daquilo. Diante da atenção de todo um palácio.

Diante do aplauso de Reis e Rainhas.

Maria travou em choque, boquiaberta. Todos se concentraram em seu irmão, mas ela foi a única a perceber a troca de olhares e o sorriso de canto de lábio entre Anísio Branford e Sabino von Fígaro. Já Ariane largou o que estava comendo, foi até perto dele, mas não o abraçou. Ela apenas parou diante dele, e o aplaudiu junto com os outros, sabendo que aquele momento era dele. E merecia ser dele.

– João Hanson, se aproxime – ordenou de repente o Rei Anísio.

Um corredor se abriu, expandindo os batimentos cardíacos de João.

– Você também, Maria – acrescentou a Rainha.

E se João havia enrubescido, Maria embranqueceu. Os dois irmãos se encontraram no meio da caminhada e andaram juntos, trêmulos e desnorteados. Como sempre faziam quando caminhavam juntos em direção ao desconhecido.

Fosse em Casa de Doces, fosse em Palácios Reais.

– Há tempos a família Hanson esteve presente em grandes eventos de Arzallum, talvez mais do que qualquer outra família nobre aqui presente – disse o Rei Anísio. – Da descoberta da verdade por detrás dos ataques de Jamil Coração-de-Crocodilo até a proteção da Rainha Branca Coração-de-Neve em mais de uma situação, nenhum de vocês aqui presentes faz real ideia de quantas missões e auxílios à Coroa esses irmãos já realizaram, e continuam a realizar. E, por isso, seria uma injustiça e um desrespeito se os livros de História de Nova Ether não lhes fizessem a memória que lhes é merecido.

Ali Maria Hanson acreditou em Sabino von Fígaro. Aquela não era uma noite qualquer. Aquela era, na verdade, a noite mais imprevisível de suas vidas.

– Então, hoje, diante de todos os presentes, essa justiça será feita.

O Rei Anísio fez uma pausa, como se perguntando no ato se Branca queria ter a honra. A Rainha quis.

– E, para isso, nós convocamos a presença do Lorde Wilfred de Ivanhoé – disse ela.

O magistrado entrou, vestindo sua armadura negra. Os aplausos tomaram o salão com uma intensidade ainda mais potente. De todos os originais que estavam lá quando Primo Branford iniciou sua saga, como Robert de Locksley e Lemuel Gulliver, Wilfred de Ivanhoé era o mais antigo, o que se tornou mais próximo. Dentre todos, aquele homem era o que Anísio Branford mais se aproximava de ter um sentimento de avô. E esse sentimento o conectava aos presentes, pois essa era a verdade: toda nobreza amava Ivanhoé.

Ariane foi empurrando pessoas e pedindo desculpas pelo caminho, se aproximando. Maria sentia as palavras travadas na garganta. João mal sentia as próprias pernas.

– Há tempos sigo os passos de João Hanson, não o homem, mas o cavaleiro. Eu fui o magistrado de seu Tribunal de Arthur, quando ele venceu seu desafio, eu o consagrei cavaleiro, quando ele passou no crivo do capitão Rinaldo Grimaldi, e eu assumi seu treinamento, quando ele passou em meu próprio crivo. E, vindo de uma pessoa que viu de tudo na cavalaria e batalhou ao lado das maiores lendas do Ocaso, de todas as histórias que ouvi, a única capaz de rivalizar em feitos com a de nossa campeã e major Bradamante Fiordispina é a desse rapaz.

Ao mesmo tempo que queria se abraçar naquelas palavras, João queria desaparecer da atenção fixa das pessoas mais poderosas do ocidente de Nova Ether.

Não que ele *não* se sentisse digno daquilo, mas também seria muito dizer que ele *com certeza* se sentia digno de tudo aquilo.

– João Hanson, me apresente sua espada.

Ainda atordoado, como um ator em um palco de uma peça da qual não conhece o roteiro, João demorou um pouco para processar o pedido, e então desembainhou sua espada, entregando-a a Ivanhoé.

– Vocês conseguem ver essa espada? É Dharuma! A espada com que o Rei Primo Branford iniciou a Caçada de Bruxas! Uma espada presenteada a João Hanson por Axel Branford em minha presença, antes mesmo de ele se tornar um escudeiro. Quem de vocês nessa sala teria um feito como esse para nos contar nesse momento?

Silêncio.

– E é por conta de tudo isso que hoje, assim como aconteceu com o sobrenome de minha família, Branford, antes uma família de moleiros e hoje um sobrenome nobre... – disse o Rei Anísio, tomando o comando. – Que hoje nós estamos elevando por uma ordem real o sobrenome Hanson, e a partir desse momento, além de um território de terra ao norte de Andreanne, a Coroa de Arzallum lhes confere o título de *Lorde* a João Hanson, e o de *Lady* a Maria Hanson.

Novamente silêncio, mas dessa vez por espanto, fossem das testemunhas, fossem dos condecorados. Deixe-me lhe explicar exatamente a dimensão do que estava acontecendo. Em Nova Ether existem alguns títulos nobres que algumas famílias podem alcançar, mas, dentre todos, o maior deles, logo abaixo da linhagem real, era o título de *don* ou *lorde*. Quando um condecorado vinha de família de histórico social ou econômico relevante ele recebia o título de “don”, como no caso da família De Marco; quando vinha de uma família de histórico militar recebia o título de “lorde”, como no caso de Wilfred de Ivanhoé. Já no caso das mulheres, em ambas as situações ela recebia o título de “lady”, como Almirena Goffredo, esposa do antigo tutor de João Hanson, Rinaldo Grimaldi, que se tornou um lorde após o casamento.

Mas era um título *raríssimo* de ser dado, mesmo porque envolvia a confiança total de um Rei, um território e uma morada conferidos pela Coroa, além de um suporte na administração e comando do Reino.

Era por isso que inicialmente houve o silêncio.

Até surgirem os aplausos.

João e Maria, os irmãos das diferentes versões dos bardos da mesma história, mal perceberam que tinham dado as mãos, enquanto os aplausos lhe envolviam por minutos. Os irmãos que haviam lutado juntos para sobreviver no fundo do poço mais de uma vez haviam atingido o momento em que enfim pareciam caber em um conto de fadas. E, quando eles se olharam, e quando o olhar de um atravessou as

lágrimas que desciam pelo olhar do outro, ambos sabiam o que o outro estava pensando.

Eles gostariam que ele pudesse ver.

E eles torciam para que, estivesse onde ele estivesse, Hígor Hanson pudesse ver.

Então João de súbito sentiu os braços de Ariane Narin lhe rodeando o pescoço e colando o peito dela no seu, permitindo-os unir duas batidas de coração aceleradas, que podiam ser sentidas mesmo através da armadura. Os rostos se afastaram, e então os lábios se uniram; e as pessoas continuaram a aplaudir.

– Mas espera aí... – cortou Ariane no meio do beijo, como se somente ali tivesse se dado conta de uma informação bem importante. – Se o João virou lorde, isso quer dizer que eu sendo a esposa dele...

– Sim, Ariane... – disse a Rainha Branca Coração-de-Neve, sorrindo com aquela revelação. – A partir desse momento, você também passa a ser conhecida como *lady* Ariane Narin.

Ariane saltou sobre João, que teve de segurá-la pela cintura, enquanto ela abria os braços no alto como se fosse uma bailarina.

– Obrigado, minha Criadora! Eu *sempre* soube disso!

E foi assim, diante da ovação dos nobres de Nova Ether, que aquele trio desejou que as histórias pudessem ser pausadas, como nas narrativas. Porque foi ali, dentro do Grande Paço e na frente de Reis, que os irmãos da Casa de Doces e a menina do Chapéu Vermelho puderam sentir pela primeira vez a sensação da felicidade plena que as grandes histórias trazem.

A sensação de plenitude que os bardos buscam no fim de suas histórias.

A sensação de que, por um momento, eles viveriam felizes para sempre.

45

O tapete voador havia levado Al-ladim para fora dali, deixando apenas o misterioso homem barbudo para trás. Snail fez um sinal para Liriel esperar, antes de tentarem qualquer ação, ainda estudando o nível de perigo que poderia oferecer um homem capaz de entregar para alguém um tapete que controlava os ventos.

O mago oriental continuava a observar o mapa de estrelas com certa atenção, até que sua expressão trocou qualquer surpresa por absoluto choque. Os olhos não piscaram mais, a boca permaneceu aberta, o corpo paralisado. Era como se, de

repente, aquele homem tivesse entendido algo que ninguém mais havia pensado até ali.

Snail percebeu a mudança de expressão, e então foi a vez da sua própria se tornar de pavor, quando ele viu seu próprio pesadelo tomar forma.

No meio da torre de vento, o mago oriental ergueu o mapa de estrelas no ar, e o papiro começou a queimar em autodestruição.

46

Tudo o que havia acontecido até ali com a família Hanson já seria suficiente para lhes fazer duvidar da realidade, mas aparentemente havia *mais*.

– Antes que avancemos e iniciemos nossos assuntos sobre política, existe um último anúncio que gostaria de fazer em relação à Coroa real – disse o Rei Anísio. – Um anúncio ligado diretamente à major Bradamante Fiordispina.

Toda a atenção se voltou para a líder militar mais amada de Arzallum. Ela caminhou até próximo do Rei e da Rainha, vestindo a armadura branca, mas segurando o elmo e deixando à mostra o rosto branco, de cabelos loiros encaracolados.

– Major... – O Rei cedeu a palavra.

– Rei, Rainha... senhores... senhoras... – cumprimentou ela. – Como todos sabem, meu histórico com Arzallum vai além de uma mera cidadã. Vi e vivenciei mais na vida militar de nosso exército do que qualquer mulher antes de mim, e espero sinceramente que seja apenas o início, não o ápice para as próximas que virão. Meu compromisso, porém, vai além de um comando militar e também envolve a responsabilidade de campeã de Arzallum. Exerci essa função cinco anos atrás representando o antigo campeão, o príncipe Axel Branford, e também o fiz ao longo desses cinco anos até aqui. Após uma conversa franca com o Rei Branford e a Rainha Coração-de-Neve, porém, sinto que é hora de passar o título adiante.

O comentário gerou murmúrios de surpresa entre os presentes. E não haveria como culpá-los por isso.

– Os motivos são bem diretos: meu corpo não é o mesmo de dez anos atrás, e, apesar de ainda ser capaz de enfrentar adversários de qualquer tamanho em uma luta direta, acredito sinceramente que o campeão de Arzallum deva estar em constante juventude e plena forma física. Além disso, sinto que fiz minha parte

nessa responsabilidade e que, para ser uma líder melhor, preciso conhecer mais das fronteiras fora de Arzallum.

Ali ela olhou para Ruggiero, que em nenhum momento havia deixado de olhar para ela.

– Não pretendo me afastar jamais da vida militar, mas tenho o desejo de conhecer mais dos Reinos de todos os presentes e, principalmente, de visitar as terras de meu marido Ruggiero no continente Nascente, e assim aprender mais de sua cultura, suas tradições e seu modo de vida.

Então as pessoas entenderam. E aceitaram, afinal, mesmo os homens voltados para a guerra costumam guerrear por suas famílias.

– Como de costume... – retomou o Rei Anísio. – Nossa tradição permite que o atual campeão de Arzallum indique um nome avaliado por uma junta militar e de aprovação real, que se considere capacitado ao feito. Esse nome pode ser desafiado por qualquer integrante da Guarda Real que considere suas habilidades de combate superiores às do indicado, e o combate é realizado em uma arena pública, diante de um magistrado.

O capitão Rinaldo Grimaldi gostaria de não ser lembrado daquela parte. Cinco anos antes, Axel Branford havia indicado Bradamante, a escolha óbvia e que já havia mesmo assumido sua função em sua ausência, e Rinaldo decidiu desafiá-la.

O combate durou nove longos minutos.

– Então após análise dos Oito Conselheiros e minha aprovação como Rei, a major Bradamante gostaria de anunciar o nome que ela considera mais apto a assumir o posto em aberto.

– Como dito antes, é difícil unir juventude, técnica e experiência em um único nome. Mas, aproveitando a consagração que acabamos de assistir há pouco... – disse major Bradamante. – O nome que gostaria de indicar em meu lugar para o posto de campeão de Arzallum é o de *lorde* João Hanson.

Houve uma explosão no salão, de diferentes tipos. Espanto, êxtase, assombro, fascínio, imagine todos esses sentimentos se abraçando em um mesmo ambiente. Imagine isso e você terá o que se tornou o salão principal do Grande Paço em Andreanne.

– Maria... – tentou falar Ariane. – Você acabou de ouvir o mesmo que eu? Você *realmente*...

– Sim – disse Maria, seca, direta, com o pouco ar que lhe restava. – Eu ouvi também.

À frente delas estava um João Hanson de 20 anos de idade ou, se você preferir, o antigo menino pobre, vendedor de doces da feira de Andreanne, naquele momento prestes a se tornar o maior prodígio da história militar de Nova Ether.

– Lorde Hanson... – ainda era surreal ouvir aquele termo da boca do Rei. – O que você tem a dizer?

João não tinha o que dizer. Quer dizer, ele tinha, mas era difícil dizer.

– Vossa Majestade, eu...

Silêncio. O salão conseguia ouvir a pulsação acelerada do cavaleiro.

Saber de tudo o que você soube hoje te abriu um buraco, Hanson!

– Olha, se você não disser, João, eu vou dizer no seu lugar... – disse Ariane, sem cerimônia, quebrando a tensão.

As pessoas riram, como quando viam duas pessoas que haviam nascido uma para a outra interagindo. Mesmo João deixou-se sorrir, como se aliviasse o peso que ele esperava ser capaz de carregar.

Mas você pode retalhar algo novo no lugar, que você só vai saber se abraçar.

– Eu digo que *nada* me causaria honra maior do que servir à Coroa de Arzallum como seu campeão, Rei Branford.

Novamente o salão explodiu em aplausos. Aquele era o tipo de momento pelo qual os bardos esperavam para escrever canções, as típicas histórias que viajavam além das fronteiras, variando suas versões de acordo com os narradores.

– E, nesse momento, existe alguém presente que se considere mais digno e mais apto ao título, e gostaria de exercer seu direito ao desafio público?

Silêncio. As pessoas se olharam, e olharam ao redor, lembrando a parte mais tensa de um casamento. Como ninguém da Guarda Real parecia disposto a duelar com o lorde cavaleiro pelo título, o Rei Branford conclamou:

– Então, de acordo com este Conselho e com a autoridade a mim atribuída, eu, Anísio Branford, Rei de Arzallum, decido que seja determinada, portanto, a consagração oficial de...

– Eu clamo o direito ao desafio – anunciou uma voz por cima da voz real, emudecendo o ambiente.

Mesmo João Hanson se virou, surpreendido, buscando nos presentes a feição de seu desafiante. Então um corredor foi se abrindo entre as pessoas, e a figura recém-chegada se revelou, trazendo um suspiro que lhe embrulhava o estômago.

– Eu desafio *lorde* João Hanson pelo título de campeão de Arzallum.

A voz pertencia ao gêmeo de Albarus, Andreos Darin.

— Não, não, Não! – ecoou a voz de Snail em meio ao vento, das sombras daquela torre.

Sem pensar no que estava fazendo, ou se proteger com qualquer estratégia, Snail avançou em desespero para cima do homem que queimava o tesouro de Flint, o mesmo que ele havia ido tão longe para conseguir, o mesmo que iria torná-lo o pirata mais rico do mundo.

A entrada súbita surpreendeu o oriental, mas não o suficiente para torná-lo presa fácil. Uma faca correu de um bolso falso para uma das mãos de Snail durante a corrida, e a lâmina brilhou em meio às sombras na direção da garganta do alvo. O fio da faca teria provocado um rio de sangue na traqueia do inimigo, mas antes disso o oriental estalou os dedos e a lâmina se tornou diversos pedaços de papel picado, lembrando os confetes utilizados em cerimônias festivas. Surpreso, e vendo o inimigo sujo com papel picado onde deveria estar um corte profundo, Snail puxou uma segunda faca de um segundo bolso.

Os dedos do mago oriental estalaram novamente.

E a lâmina se tornou pó, que foi carregado pelo vento contrário. Na outra mão do mago, o mapa de estrelas terminava de queimar, jogando as cinzas na direção de Snail, que se misturavam com o pó de metal.

– O que você está fazendo? – sussurrou Snail, perdendo o controle.

– Desfazendo o que você *quase* fez.

Foi aqui que Liriel congelou o tempo e correu para tirar o mapa do mago oriental.

48

— O desafio se dará depois de amanhã, após o nascer do sol, na Arena de Vidro em um evento público comandado pelo magistrado Lorde Wilfred de Ivanhoé – definiu o Rei Anísio.

O ambiente, que antes parecia leve, se mostrava tenso, e Anísio ali se lembrou do que acontecia quando Reis se reuniam no Grande Paço. João Hanson concordou, recebeu de Lorde Ivanhoé a sua espada de volta, e seguiu para fora do salão, seguido por Ariane, que pediu a Maria por um momento a sós com ele.

João seguiu por um lado, Andreos seguiu por outro.

E aquilo parecia uma metáfora da vida.

– Senhores, agora que todas as consagrações e cerimônias à parte foram concluídas, é hora de falarmos sobre política – continuou o Rei. – Falando diretamente, é hora de definirmos o destino de Victon Ferrabrás.

E se antes o ambiente já se mostrava tenso, ali era possível respirar areia.

– O Rei Alonso Coração-de-Neve e seu primeiro ministro, Robert de Locksley, atualmente possuem a guarda e responsabilidade de sua prisão nas terras de Stallia. Essa prisão se deu pela guerra mundial iniciada na busca pelo menino santo, que, mesmo após o fim, não foi encontrado. Uma situação modificada *agora*.

Novamente o salão voltou a exalar onomatopeias.

– Após mais uma brilhante investigação do professor e comandante Sabino von Fígaro e lady Maria Hanson, a Coroa Real de Arzallum foi informada de que a virgem que tanto se procurava está em um vilarejo no interior de Brëe.

Aquilo soou inicialmente como uma anedota, até as pessoas se darem conta de que o Rei falava sério. Ainda assim era difícil para os presentes acreditarem que, dentre *todos* os Reinos de Nova Ether, o novo Merlim de Cristo, o mesmo que havia gerado uma guerra mundial antes mesmo de seu nascimento, iria retornar justamente no Reino menos respeitado. O Reino dos poetas e das artes, mas nunca da guerra.

– A localização de Brëe não nos ajuda nesse momento. Embora seja um Reino localizado nas fronteiras de dois Reinos aliados, Órion e Aragon, também é fronteira de dois Reinos inimigos, Minotaurus e Uruk. Some isso à proximidade de Albion, que irá buscar levar a criança a Camelot de todas as formas, e temos um ingrediente para uma nova guerra mundial. Basicamente nossa segunda guerra mundial.

– Mas ao menos, sem Ferrabrás, a força de Minotaurus se reduz – comentou o Rei Tércio.

– Isso depende de quem realmente assumiu seu lugar – acrescentou o Rei Segundo.

– Bem – continuou Tércio. – Se os rumores forem verdade...

– Eles são – confirmou o Rei Anísio, firme, sem espaço para dúvidas. – Sem Ferrabrás, quem assumiu o comando de Minotaurus, surpreendentemente, foi a condessa Helena Bravaria.

– A amante? – perguntou Collen, o Rei de Tagwood. A pergunta tinha um duplo sentido.

– Sim – respondeu Branca. – Amante de Ferrabrás, e minha antiga madrastra.

As atenções se voltaram ao Rei Alonso, que olhou para o chão. A frase de Branca não havia sido uma punição, mas pareceu para um Rei que havia dormido com a inimiga.

– Rei Alonso... – chamou o Rei de Órion, Acosta. – Sem julgamentos morais, para sua pessoa que conviveu mais intimamente com essa mulher, o quão perigoso você vê de termos sua figura sentada no lugar de Ferrabrás nesse momento?

O Rei Alonso demorou a responder, como de praxe. Quando falava, sempre soava baixo e sem a segurança que normalmente os monarcas transmitiam.

– Helena Bravaria foi capaz de se passar por uma mulher totalmente diferente da que se revelou para mim, e isso já diz algo sobre sua personalidade. Ela não é uma mulher de guerra, não é uma líder que você verá liderando soldados no campo de batalha. Ao contrário de seu amante, Helena não age em prol de um orgulho nacional ou de uma provação de supremacia. Ela age simplesmente em prol de si mesma. Helena não é o tipo de pessoa que confronta pela frente, mas pelas costas. E, se ela hoje comanda Minotaurus, o meu conselho seria o de jamais acreditar em nenhum tratado proposto por ela, a menos que estejam cientes de todas as segundas intenções que tal tratado pode conter.

– E é a partir daí que temos de pensar – disse o Rei Anísio. – Pois de fato um acordo nos foi proposto e, mesmo se dotado de outras intenções, ainda assim a mim, à minha Rainha e a meus conselheiros nos parece vantajoso.

– E que acordo seria esse? – perguntou o Rei Adamantine.

– Helena promete acatar os termos de Arzallum e tornar Minotaurus uma aliada na Guerra Santa se perdoarmos os crimes de Ferrabrás e o entregarmos à sua nação.

Houve agitação no Grande Paço, como não poderia ser de outra forma.

– Vossa Majestade não seria inocente de acreditar em tais promessas – afirmou a Rainha Kapella. – Mais ainda depois das palavras de Alonso.

– Não, eu não seria – concordou o Rei Anísio. – Mas eu talvez estaria disposto a jogar o jogo de Helena em troca de uma contraproposta, que ela previamente aceitou.

Os murmurinhos morreram, para aguardar a revelação.

– Primeiro-ministro... – clamou o Rei Anísio.

Robert de Locksley tomou a frente.

– Após conversas iniciais com mensageiros de Stallia, em caso do cumprimento do acordo de nossa parte e do fim do embargo a que estão submetidos, Minotaurus aceitaria a renúncia ao direito de ter um exército e a declarar guerra a outros Reinos.

Uau! Estava cada vez mais difícil controlar aquele salão; afinal, aquela era uma noite de surpresas frequentes.

– Eles querem mesmo Ferrabrás *tanto* assim? – questionou o Rei Collen.

– É o preço do desespero – concluiu o Rei Tércio.

– O que enxergo nesse caso é uma nação falida, que se acreditou autossuficiente por tanto tempo e, ao ser isolada, descobriu a própria fragilidade. E, após aceitar a derrota, pretende resgatar seu último símbolo de força como uma lembrança viva da força histórica que eles um dia tiveram, ou acreditaram ter – disse Robert de Locksley.

– Ainda assim, Minotaurus não é composto do tipo de gente que simplesmente aceita a derrota. Helena possui outra carta, com certeza.

– É provável – concordou o Rei Anísio. – Mas se eles querem o fim do embargo, eles terão de assinar o decreto e desmilitarizar Minotaurus. Então o que sobrará a eles? Se unir novamente aos outros Reinos também isolados, e em condições sociais e econômicas ainda piores? Nesse momento, se apenas três Reis desse salão marcharem com seus exércitos, isso já seria suficiente para esmagar qualquer aliança do que lhes restou nesses anos.

– E há de se pensar além – acrescentou a Rainha Branca. – Se desmilitarmos Minotaurus e o fizermos de exemplo, os outros Reinos inimigos farão o mesmo, aceitando o fim de seus embargos nas mesmas condições. E vocês sabem o que isso significaria? A Era de paz no Ocaso! Enfim uma Era sem Reinos inimigos ou aliados.

Os rostos se encantaram, buscando apoio na expressão do outro. Aquilo *fazia sentido*. Talvez não uma Era sem Reinos inimigos e aliados. Mas ao menos uma Era de Reinos aliados militarizados, e Reinos inimigos subjugados.

Para aqueles Reis presentes isso já seria suficiente.

49

Liriel entrou em cena e *forçou* como sempre havia feito. O mundo correu em velocidade mais lenta para ela, enquanto ele desejou que o Grande Tesouro saltasse para suas mãos. O mapa já queimava pela metade, mas, em uma preciosidade como aquela, *qualquer* pedaço valia fortunas. Qualquer prova de existência significava uma prova viva da História.

O mapa de estrelas, de repente, saltou das mãos do oriental e avançou na direção dela, ainda na velocidade lenta para o mundo dela, incrivelmente rápida para o dos outros. Tudo teria seguido o plano. Só que na trajetória, mesmo em velocidade mais arrastada do que o tempo do mundo, o polegar e o dedo médio do mago se uniram. E então provocaram um estalar arrastado.

Um estalar que fez o tempo mais lento de Liriel parar.

E foi assim, congelada em seu próprio talento, que ela viu o mago oriental misterioso caminhar na direção dela em sua própria velocidade.

50

Uma banda tocava ao som de banjo, piano, viola, violino e tambores, dando som ao salão principal do Grande Paço. Servos reais passavam pelos convidados oferecendo hidromel, frutas e pedaços de carne vermelha, enquanto Reis, militares, nobres e convidados socializavam após os discursos do Rei e da Rainha de Arzallum. Aquele era o momento em que mais se escutavam risadas, em que as pessoas se interessavam pelo lado pessoal acima do político e em que mesmo os Reis voltavam a ser irmãos, ou sobrinhos, ou filhos, ainda que de outros Reis.

Algumas pessoas dançavam com seus pares sob o som da orquestra, algumas jantavam em bancadas, algumas flertavam nos cantos. E algumas tentavam aproveitar o momento para se reconciliarem.

– Maria... – disse a voz de Casanova, lhe tocando o ombro.

– Giacomo – disse ela, se virando, sem querer se virar.

– Eu gostaria de lhe parabenizar – disse ele, como se embaraçado. – O que aconteceu ainda há pouco com sua família foi... sem precedentes.

– A *elevação* do sobrenome Hanson? – perguntou Maria, esfregando algo no tom.

Ele sabia que merecia ouvir o que não estava sendo dito.

– Escute... eu pensei sobre... você sabe. Sobre *nós*, sobre o que eu disse. E eu queria lhe dizer que eu me expressei mal, o que é ainda mais imperdoável em relação a você, e eu gostaria que você reconsiderasse minhas desculpas.

– Uau – exclamou Maria. – Essa coisa do sobrenome é realmente importante para pessoas como você, não é?

– Não faça isso, Maria. Minha consciência já é punição o suficiente.

– Por quê?

A pergunta expressava uma curiosidade genuína. Ao fundo, Don Juan de Marco observava a conversa com certa obsessão.

– Eu pensei sobre tudo o que você disse, e falo sério aqui – disse Casanova. – E tudo o que eu...

Mas Giacomo Casanova não terminou a frase. Porque, de repente, surgiu aquele som. O *mesmo* som que um dia interrompeu o Rei Anísio em uma reunião de Reis naquele mesmo salão. Um esporro constante, frequente, lembrando o estalar de caudas de dragões, que simbolizava a evolução do etherpunk trazido por gnomos do outro lado do mundo. O som do navio voador que crescia, crescia e estacionava do lado de fora do Grande Paço.

Dessa vez, porém, não havia surpresa. Porque *dessa vez* era algo que eles já haviam visto.

Algo que eles já sabiam existir.

Os guardas reais foram os primeiros a se dirigirem para fora, seguidos dos convidados, pois estes ficavam mais próximos das portas, e então dos nobres, e então dos Reis, que vinham por último abrindo espaço entre suas comitivas.

Do lado de fora, o Vishnu vinha descendo devagar no pátio do palácio real, oscilando e bambeando como se não acostumado com o próprio peso, ainda fascinando qualquer espectador. Novamente aquela plateia viu a nave movida a energia de cristais tocar o chão, gemendo as engrenagens de metal ao suavizar o peso colossal. Duas placas luminosas nas laterais inferiores se apagaram e a nuvem de poeira se dissipou.

O Rei Anísio e a Rainha Branca tomaram a frente dos curiosos. Para Anísio, aquela ainda parecia a primeira vez. Então o compartimento central se abriu, e a escada móvel foi liberada. A tensão no jardim era palpável, e, quando a primeira sombra surgiu, e então o recém-chegado desceu, a plateia nobre subitamente explodiu primeiramente em espanto e então em ovação, como se houvesse sido ensaiado.

De fato, aquela era uma noite de surpresas ininterruptas. Reis, Rainhas, Conselheiros, lordes, convidados, até mesmo servos reais abriram sorrisos e aplaudiram o recém-chegado, como se sua chegada fosse algo tão histórico e importante para aquelas pessoas quanto as decisões reais de que haviam sido testemunhas naquela noite. A expressão da maioria se expandiu e se aqueceu, enquanto a de uma delas, Maria Hanson, se fechou. E era preciso entendê-la. Afinal, ao longo de cinco anos ela havia imaginado inúmeras vezes aquele momento, e, em todas às vezes, não sabia totalmente como reagir.

Mas aquilo não era imaginação. Aquilo estava realmente acontecendo.

Axel Branford havia voltado a Arzallum.

— Quem é você? — Liriel queria perguntar, mas estava presa em sua própria distorção de tempo, e sua voz também estava congelada.

— Eu sou Djin — respondeu o mago no idioma erdim, como se pudesse escutá-la mesmo sem a vibração do som ou compreendesse que aquela seria a primeira pergunta. — Um dos treze maiores.

A segunda frase respondia à segunda pergunta que não precisou ser feita: *como?*

Por toda Nova Ether sempre havia corrido o mito de que, de tempos em tempos, os treze maiores magos, bruxas ou místicos do mundo se reuniam em um círculo capaz de ditar os rumos da humanidade. Um círculo capaz de se comunicar com Dragões de Éter.

— Você não foi... *treinada*, não é? — perguntou Djin, sem precisar da resposta.

Também preso no próprio momento congelado, Snail queria revidar, queria tomar a frente, queria ser útil, mas ali se mostrava apenas um peso morto sem qualquer tipo de poder na situação.

Djin se aproximou dela, bateu duas vezes dois de seus dedos, e a voz de Liriel foi liberada.

— Qual o seu nome? E, por favor, diga a verdade. Ou perderemos tempo.

— Meu nome é... Liriel — respondeu ela, como uma pessoa que tivesse passado muito tempo sem falar e precisasse se reacostumar.

— Liriel — repetiu ele, sem reconhecer. — Você não é uma *iniciada*, eu posso ver. E mesmo elas não são capazes de fazer algo como isso. Então o que eu posso concluir é: você *nasceu* com isso, não foi?

— Sim — concordou ela, sentindo um sentimento estranho de libertação de poder falar sobre aquilo com alguém que a entendesse, mesmo que em uma situação como aquela.

— Que tipo de fenômeno seria você... — teorizou Djin. Então uma teoria lhe veio à mente: — Sua mãe era feérica?

Liriel balançou a cabeça negativamente, falando a verdade, como se ela também *quisesse* aquela resposta.

— Então talvez a resposta esteja em seu pai.

Novamente o sentimento dubio entre querer aquilo e querer se afastar daquilo inundou Liriel.

— Meu pai está morto... — disse ela, ainda confusa desde o encontro com o Feiticeiro-Rei em Glubbubdrib.

— Como era o nome dele?

— Gabbiani — revelou Liriel. — Oscar Gabbiani.

O nome fez o rosto de Djin demonstrar choque pela segunda vez naquela noite.

52

Você talvez possa imaginar o que significava a volta de Axel Branford a Arzallum depois de cinco anos de isolamento no Nunca. O príncipe da plebe, o antigo campeão militar, o atual campeão do Punho De Ferro. O príncipe que arrancou uma perna de Jamil Coração-de-Crocodilo e ajudou a liderar fadas-amazonas contra exércitos de gigantes. Sabe, existem muitas, muitas canções narrando feitos de Axel Branford ao redor de Nova Ether, e menos da metade são verdadeiras. Mas os feitos verdadeiros eram tão lendários que era preciso criar mais narrativas fictícias, para que eles *parecessem* verdadeiros.

Em outras palavras, Axel Branford não era apenas um homem, ele era um símbolo, maior até mesmo do que o nacionalismo de Arzallum. Axel representava os heróis das jornadas, os heróis das mil faces. Era por isso que as pessoas aplaudiam, ou choravam, ou tremiam diante daquele retorno.

Já para ele, Andreanne não parecia a mesma. Naquele mesmo jardim, mesmo diante de centenas de pessoas, ele só conseguia enxergar as que não estavam lá. Ele conseguia enxergar Primo e Terra Branford, o troll Muralha, o corcel Bóris e até mesmo o mamute adolescente Pacato, na despedida antes de ele partir para as Sete Montanhas atrás do irmão, que hoje era Rei e usava a mesma coroa que ele não desejava para si.

Axel caminhou na direção de Anísio, enquanto ao fundo o gnomo-piloto Jareth finalizava o sistema do navio voador. Ninguém ousou se colocar entre eles, ninguém ousou tentar tirar a atenção entre eles, pois, para aquelas pessoas, presenciar aquele momento do reencontro era mais emocionante que o próprio reencontro.

– Axel... – disse o Rei, sem tanta firmeza, como se não soubesse o que esperar daquela chegada sem aviso.

– Anísio... – disse o príncipe de volta, como se o nome não lhe fosse familiar. Como se não o tivesse dito por anos.

Todos guardamos o melhor e o pior do mundo dentro de nós. E passamos a vida tentando descobrir o que é real e o que não é dentro de nós.

As últimas frases de Anísio ainda lhe retornavam como ecos. Axel permaneceu de pé, diante do irmão. Para as pessoas ali presentes, a maior surpresa se dava em

como o príncipe parecia ter envelhecido bem mais do que cinco anos. O cabelo além dos ombros, a forma física, antes esguia e agora encorpada, a barba, que ele jamais havia deixado crescer, lhe tomando o rosto. Pela primeira vez enfim a diferença de idade entre eles já não parecia mais existir.

O que podemos revelar ao mundo e o que devemos guardar para nós.

Anísio deu mais um passo na direção de Axel, que continuava à espera, como se o Rei precisasse decidir se sua presença era bem-vinda ou não. Uma decisão que diria...

O que precisamos ensinar ao mundo.

Tudo. Tudo estava em jogo ali. O silêncio dos nobres e dos soldados se alastrava, fingindo não estar ali. Até que Axel sentiu a mão de Anísio lhe segurar um dos ombros, e o Rei lhe dizer:

– Sempre atrasado, não é?

E o que o mundo precisa aprender sobre nós por si próprio.

Axel sorriu, como se o mundo não fosse real. Ou como se uma parte do mundo não precisasse ser. Ele suspirou, diante dos risos e de aplausos de pessoas que o viam como herói, embora ele se esquecesse do porquê. E talvez por isso, talvez por se esquecer, Axel ignorou os risos e a euforia, buscando na multidão algo que lhe fosse real.

Buscando Maria Hanson.

Ela se destacou facilmente em meio às pessoas pelos motivos que ele não gostaria, embora merecesse. Afinal, ela era a única que não sorria, a única que não aplaudia. A única que não queria se aproximar dele, mas se afastar o mais longe possível. Foi assim que Axel Branford viu Maria Hanson virar de costas e se esgueirar pelos cantos do jardim em direção a outro cômodo em que ele não estivesse. E aquilo doeu de dentro para fora.

– Maria! – gritou ele, sabendo que ela ignoraria. – MARIA!

As pessoas foram se aproximando do príncipe, querendo cumprimentá-lo com honras, como faziam com veteranos de guerra que retornavam para casa. Axel nem mesmo as percebia. Mas o Rei Anísio e a Rainha Branca, sim. Assim como o príncipe, eles notaram lady Hanson sumindo da visão do jardim, e, mais, seguida por Giacomo Casanova. O rosto de Axel ainda estático expressava tudo o que ele não dizia. As dores, as ansiedades, os pensamentos confusos. Então o príncipe olhou para o irmão e disse:

– Eu... eu preciso fazer isso depois, Anísio...

O Rei riu um riso debochado, porque não era o riso de um Rei. Era o riso de um irmão que conhecia o mais novo.

– Vá – disse o Rei, não como uma ordem, não como um conselho. Apenas como um apoio. – Vá, e trate-a bem.

Axel pela primeira vez até ali focou em Anísio com atenção, e, enfim eles lembraram os Branford que haviam crescido juntos naquele palácio. Sem dizer nada mais, o príncipe abriu caminho em meio à multidão, ignorando qualquer um à sua frente, na direção da mulher que havia deixado para trás.

– Ele... acabou de voltar a Arzallum depois de cinco anos, e *realmente* ignorou você e as maiores famílias de Arzallum para correr direto atrás de lady Hanson? – perguntou Branca Coração-de-Neve.

– Parece que sim – respondeu Anísio, apertando os lábios em surpresa.

– Muito bem... – aprovou a Rainha, trazendo o marido de volta ao salão principal, junto de seus convidados.

53

— Você é filha de Oscar? – perguntou djin, como se aquilo fosse inacreditável.

Liriel reconfirmou com a cabeça, mesmo que lhe fosse possível falar.

– E você achou que ele está morto?

As batidas do coração de Liriel estavam tão fortes que seria possível uma pessoa ouvir de longe.

– Ele *realmente* não está?

O detalhe deixou Djin satisfeito.

– Não – definiu o mago. – E, se você quiser, eu posso te mostrar onde ele está.

Liriel perdeu o ar, e não foi a única pessoa. Ainda travado em suas ações, Snail só tinha seus olhos para implorar a ela que *não* fizesse aquilo.

– É esse o seu desejo? – perguntou Djin.

Os olhos de Snail *imploravam*. Aquilo era loucura, insanidade, surrealismo. Mas fora exatamente ele que plantara a *esperança* dentro dela e que iria pagar o preço por isso. A razão de Liriel teria dito não, mas ela era uma ladra circense, uma mulher dos mares acostumada a arriscar a vida por recompensas; e aquela resposta traria todas as recompensas que ela sempre buscou em sua vida.

– Sim – disse ela, definindo o momento.

Sem esperar, Djin a pegou pela mão, estalou os dedos, e eles se fragmentaram no ar, deixando a velocidade do mundo de Snail Galford voltar ao normal. Sozinho naquela torre de vento, ele saltou e agarrou no ar o que restou do papiro queimado, que voltou a flutuar no tempo dele. O mapa havia se tornado preto, e mesmo esse

resto do documento rapidamente se desfareceu entre seus dedos, enquanto a ventania daquela construção levantava poeira, impregnando sua roupa.

Sozinho naquela torre de vento, o Simbad se ajoelhou e colocou as mãos no rosto em desespero, ao perceber que, em uma mesma noite, havia perdido dois grandes tesouros de uma única vez.

54

Maria Hanson subiu uma escadaria e adentrou um recinto, sem fazer ideia do que estava fazendo. Ela tremia, respirava afobada, parecia prestes a explodir. Quando se deu conta de onde estava, a respiração se tornou ainda mais intensa, e ela disse a si mesma:

– Vocês só podem estar de brincadeira comigo...

Ela havia entrado por instinto *no mesmo salão*. O mesmo salão onde Axel Branford um dia a levava em uma carruagem, após lhe dar um vestido amarelo-ouro e sapatos de cristal. O salão onde ele havia preparado uma orquestra, e dançado com ela sua última dança.

A noite em que ele disse que a amava.

A noite em que lhe contou que tinha uma noiva prometida e precisava dizer adeus.

– Maria... – disse a voz dele, entrando no recinto.

Maria se virou em fúria, como se revê-lo fosse *pior*, mas então descobriu que a voz não era dele, era de Giacomo Casanova; e o fato de não ser ele a enfureceu *mais*.

– Não, não! – disse ela, gesticulando para que ele não se aproximasse. – Eu estou cansada de vocês, de *todos* vocês!

– Maria, por favor! Me escute – disse Casanova, se aproximando devagar. – Eu estou aqui. Eu *sempre* estive, sempre vou estar! Eu... eu pensei sobre o que você falou, e você tem razão! Eu *não preciso* de amantes, eu apenas preciso de... você! Você é diferente, Maria! Você é a primeira que me faz pensar que posso ser feliz ao lado de uma única mulher.

– Eu disse pra você *não se aproximar* – rosnou ela, fazendo-o recuar. – Você foi bem claro nas suas escolhas, Giacomo! Antes de saber que eu não poderia te dar herdeiros, antes de me consagrarem uma *lady*, antes de você ver ele voltar...

– Não, não! – repetia Giacomo, querendo negar para ela, ou para ele mesmo. – Não faça isso. Por favor, não faça isso! Não me rejeite como ele fez com você. Não escolha ele, Maria. Ele não escolheu você...

Então Axel Branford entrou. A presença dele mudava o ambiente sem que nada fosse preciso ser dito. Havia mais do que apenas tensão, havia o peso do que havia ficado para trás, do que ela havia carregado, do que ele havia trazido consigo. Axel caminhou alguns passos na direção dela, como se Casanova simplesmente não existisse.

Como se ele simplesmente nunca tivesse importado.

Maria mantinha o olhar raivoso, mas ainda assim um olhar totalmente focado no príncipe de Arzallum. Pontos brilhavam lembrando faíscas, sem desvios. Até a respiração deles parecia conectada, como se não houvesse diferença entre ódio e amor. Diante da cena que o ignorava, Casanova simplesmente abaixou a cabeça e saiu, como um homem rejeitado, que não deixava lembranças para trás. A porta se fechou e deixou Axel Branford e Maria Hanson a sós após tanto tempo.

– Sua *prometida* não quis lhe acompanhar? – perguntou ela.

Cinco anos. Cinco anos pensando o que diria a ele quando o reencontrasse, e aquela acabou sendo a primeira pergunta.

– Ela não é mais minha prometida.

– Acredito. Você é capaz de mudar as coisas bem rápido.

Axel não olhou para baixo, ou mesmo suspirou. Ele sabia desde o início que aquela conversa não seria fácil.

– O que eu quero dizer é que cumpri o que me foi pedido.

– E eu que não me importo.

Era mentira. Os dois se importavam.

– Foi aqui, não foi? – perguntou ele, enfim se dando conta. – A nossa valsa.

– Sim, Axel. *Foi aqui.*

Surpreendentemente, foi Maria quem andou na direção dele.

– Foi aqui que você me fez acreditar que havia valido a pena sobreviver para viver o conto de fadas. Foi aqui que você me levou aos céus, e me soltou.

– Eu sei – assumiu ele, sem tirar os olhos dela, e usando a mesma frase.

A mesma frase que ele havia dito na despedida deles, quando Maria lhe disse: *eu teria amado você.*

– Você *sabe*, Axel? Então vou te dizer o que você *não* sabe: nesse tempo até aqui eu aprendi a voar para fugir de você!

Axel engoliu calado.

– No fim das contas, sabe por que a decepção dói tanto? – continuou Maria. – Porque ela nunca vem de um inimigo.

Ele absorvia aquilo ainda sem responder. Não por não querer, mas por ainda não ter as palavras certas.

– Você anda mais quieto do que eu me lembrava – provocou ela.

– Sim – admitiu ele. – Só entendi o valor do silêncio no dia em que resolvi calar para não magoar você.

Maria suspirou, recusando aquilo tudo.

– E agora, Axel? O que acontece? O que acontece quando a história não termina bem?

Eles permaneceram se olhando. Até ele dizer:

– Ela então ainda não chegou ao fim.

Aquilo bateu em Maria, chacoalhando sentimentos que caíram da prateleira todos de uma vez.

– Não! – gritou ela, apontando o dedo na cara dele. – Você *não tem esse direito*! Está me ouvindo, Axel? VOCÊ NÃO TEM ESSE DIREITO!

Ele apertou os punhos e o rosto mostrou desgosto. Então, em uma explosão, ele a segurou pelos braços e a fez se concentrar nele.

– Eu não tenho? Eu *não tenho*? Você sabe o que foi *pra mim* esses anos longe daqui? Você sabe o que é perder toda a vida que eu conhecia, e ficar longe da pessoa que eu amo?

– Sim, eu sei, seu desgraçado!

Ela se desvencilhou dele, como se o toque dele a queimasse.

– Você tem ideia do que *você* fez na minha vida? – perguntou ele.

– Essa pergunta podia ser minha!

– Você tem ideia de como você virou a minha vida de cabeça pra baixo?

– Eu *não acredito* que estou ouvindo isso! Foi você que me tirou da vida que eu conhecia! Você e suas cartas de amor, suas estrelas românticas, suas promessas vazias!

– O que você queria? Que eu *não* te contasse? Que... que eu tivesse ido até o fim naquela noite, *e então* te contasse?

– Eu queria jamais ter vivido aquela noite, seu idiota! Eu queria jamais ter sido a sua segunda escolha!

– Você *nunca foi* a segunda escolha! *Esse* é meu grande problema!

– O problema de ter de me contar sobre sua prometida?

– Uma prometida que eu *não escolhi*! Você não entende? Depois que eu te conheci, eu fiz *de tudo* pra mudar a promessa feita pelos meus pais! Foi *por isso* que eu não te contei antes!

Maria socou o rosto dele em um BAM! Axel olhou para ela, chocado, enquanto ela ainda lhe apontava o dedo no rosto.

– Não ouse colocar a culpa em mim! Isso *nunca* foi culpa minha, ouviu? Eu confiei em você! Eu arrisquei tudo por você!

Axel tentava manter o controle, mas aquilo estava insuportável. Ele não sabia como contê-la, como fazê-la entender, como reagir.

– E eu arrisquei *Arzallum* por você!

Maria travou, e então segurou o punho, que começou a doer.

– Do que raios você está falando?

– *Por que* você acha que eu fui até as Sete Montanhas atrás de Anísio, Maria? Por que você acha que eu me despedi do meu pai nesse palácio pela última vez sem saber?

– Porque você tinha questões mal resolvidas com Anísio!

– Não! *Você sabe* que não! Eu te disse isso! Então, Maria: faça a pergunta! Faça a maldita pergunta que você deve estar querendo fazer há cinco anos!

Ela não queria fazer aquela pergunta, mas queria. A pergunta que poderia mudar tudo o que ela se acostumou a sentir dele.

– POR QUÊ, AXEL? – explodiu o grito de dentro dela na cara dele. – POR QUÊ?

– Eu fui pras Sete Montanhas *por você*!

A frase ecoou por aquele salão, derrubando tudo o que não fosse físico.

– Se Anísio fosse Rei... eu *talvez* não precisasse cumprir a promessa dos meus pais – concluiu a voz dele, abaixando o tom. – Era a única forma, você entende? A única forma era eu continuar príncipe, *jamaís* Rei! E o que os bardos diriam se eles soubessem? O que as pessoas diriam se elas soubessem que o primeiro-príncipe de Arzallum saiu em sua jornada não por um motivo altruísta, ou em prol da sua família, ou para servir sua posição de campeão do Reino em uma jornada nobre atrás do próprio irmão? E se eles soubessem que eu só estava indo atrás do irmão que eu desejei que morresse porque eu não queria a coroa... apenas para viver ao lado da mulher que eu escolhi? O que isso teria feito com Arzallum? O que isso teria feito *com você*?

Maria chorava de raiva, rangendo dentes. Raiva do fato de ele nunca ser previsível.

Do fato de eles juntos nunca serem previsíveis.

– *Eu* poderia ter sabido disso – disse ela.

– E você teria me deixado ir? Se soubesse que era *apenas* por isso?

Ela não respondeu. Porque não queria dizer que ele estava certo, mesmo sabendo que *ali* ele estava.

– Mas então Jamil atacou Andreanne, as bruxas negras ressurgiram e meus pais encontraram a morte! Sabe, quando os pais de alguém morrem, como aconteceu com você e João, a vida da pessoa desmorona. Quando os pais de um

príncipe morrem, as vidas de milhares de pessoas desmoronam. E ali estava eu, o príncipe imaturo, o príncipe egoísta, diante do irmão assumindo a responsabilidade que eu não queria, me pedindo para cumprir com o prometido.

Lágrimas surgiram nos olhos dele, e ela repudiava a sinceridade que elas traziam.

– Eu sei que ao longo de todo esse tempo deu a entender, mas foi *apenas* pela aliança, Maria! Eu e Anísio precisávamos juntar humanos e elfos, é verdade, mas era mais do que isso. A promessa entre mim e Livith foi feita por uma visão de minha mãe, e estabelecida por meu pai como seu Terceiro Desejo ao se tornar Rei. Aquele era o *último pedido* deles, Maria! O último pedido do homem que me criou, morto por um pirata que o atacou quando eu não estava aqui, e da mulher que sacrificou sua essência divina para me dar uma segunda chance, que até hoje eu não sinto merecer.

Maria bateu no peito dele, empurrando-o para trás. Era como se ela dissesse que ele *ainda* não tinha o direito. O direito de tirar dela a raiva que ela *ainda* precisava sentir dele.

– Eles me pediram cinco anos! Cinco anos em que vivi sentindo o peso do olhar de milhares de semideusas, me julgando por simbolizar tudo o que elas desprezavam! Você consegue imaginar como é isso? Como é *carregar* isso? Você consegue imaginar o que é estar no Nunca, um lugar onde nunca anoitece, e as estrelas nunca olham pra você?

– Você acredita que semideusas se importam tanto assim comigo?

Axel riu, como se a pergunta fosse inocente.

– Eu acredito que você é uma das razões pelas quais semideuses dão vida a Nova Ether, Maria. Mesmo que eles falassem línguas diferentes, mesmo que eles tivessem diferentes culturas, você é o tipo de mulher que habitaria suas histórias da Criação até o fim dos tempos.

Ele notou as joias nos dedos dela, mas se concentrou, em vez das caras, na única que não havia como se comprar.

– Você ainda usa o anel – comentou ele.

– Sim. O anel de lenhador que você recusou.

– Porque seria admitir a possibilidade de te esquecer.

Ela queria socar o rosto dele *de novo*. Cada vez que ele dizia coisas como aquela, ela tinha vontade de esmagar o crânio dele, tacar fogo e então se arrepender do feito.

– E você encontrou? – perguntou ela, sem a ferocidade de antes.

Ele permaneceu olhando para ela, sem entender a pergunta.

– Você encontrou o que foi buscar? Você encontrou o que sua mãe viu na visão dela?

– Não – assumiu ele, sem esconder os resquícios de frustração. – Mas eu voltei para encontrar o que *eu* vim buscar.

Ele tocou o rosto dela, e ela tirou a mão dele.

– Às vezes eu preferia que jamais tivéssemos nos conhecido – disse ela. – Eu preferia que você jamais tivesse se sentado naquele muro, na frente do Majestade.

– Então eu jamais teria sabido que, além de boa irmã, você também era uma boa filha.

– E eu não teria passado o embaraço de criticar Rei Primo na sua frente.

– *Exatamente* o que me chamou a atenção em você.

– O fato de eu criticar a família real na sua frente?

– O fato de você me fazer entender o sentido de nobreza.

Ele tentou tocar o rosto dela de novo. E *novamente* ela retirou a mão dele. Mas não se afastou.

– Pois é em momentos como este, e diante de olhares como esses, Maria Hanson...

– Não – implorou ela. – Você não pode me dizer essa frase, seu...

– ...que eu acredito que existe um Criador olhando por todos nós.

Seria tão mais fácil se, mesmo por debaixo da pele castigada e do visual mais maduro, ele não mantivesse os mesmos olhos, ou a mesma voz, ou o mesmo cheiro. E se ela não mantivesse dentro de si lembranças tão intensas, ao ponto de parecerem semidivinas.

– Não essa frase...

Ele tocou o rosto dela pela terceira vez. E ela não retirou a mão dele, nem se sentiu fraca por isso.

Você... me surpreenderia?

Ali estava ela. Maria Hanson. A Maria Hanson que ele amou um dia, e continuava a amar hoje. Mais sábia, mais madura, mais bonita. A mulher pela qual ele seria capaz de mover sete montanhas se fosse preciso.

Eu não quero estar preparada.

A mulher que o deixava inseguro, sentindo-se indigno. A mulher que trazia sentido.

Acho que nunca vou estar preparada.

A mulher que o surpreendia.

Por isso, eu quero que você me surpreenda...

Axel Branford puxou Maria Hanson para junto de si e a beijou como antigamente, quando o mundo era deles. Quando ainda havia morte, e ódio, e conspirações ao redor, mas não entre eles. Jamais entre eles. Nada em meio a eles que não fosse amor. O amor excitante das narrativas, o amor impossível dos contos.

A paixão juvenil que aquecia o coração até mesmo dos que observavam e se imaginavam em seus lugares.

O grande motivo pelo qual os bardos afirmavam que semideuses mantinham Nova Ether viva.

Ela o afastou de si, lhe *estalou* um tapa na face e então o puxou de volta. A pulseira de ágata-viva de Axel *pulsou* em cor vermelha. Os corpos se agarraram e espremeram raiva e amor, esparramando pelo ambiente uma mistura de sentimentos que se fundia junto com eles. As roupas foram se perdendo pelo caminho na direção de um divã, enquanto as respirações ofegavam, e a mente esquecia tudo o que não fosse o agora. Tudo o que não fosse o toque, o gosto, o cheiro, o deslumbre e o som da voz do outro. Tudo o que não os impedisse de se perderem em tudo o que formava o outro. E naquele momento formava também a si. Porque a cada momento eles se tornavam um só. Quando os corpos se uniram, não havia mais diferença onde ele ou ela começavam. Porque ele era ela. Porque ela era ele.

E eles eram Axel e Maria.

No alto daquela noite, como há tempos não acontecia, a estrela romântica de Blake brilhou tão forte, mas tão mais forte, que foi como se todas as outras estrelas estivessem se curvando a uma cena de amor esperada por semideuses há tempos demais.

55

O dia seguinte daquela noite ainda não parecia real para João Hanson. A elevação de seu sobrenome plebeu, o voto da major Bradamante para substituí-la como o campeão real, o desafio público partindo de um de seus melhores amigos de infância. De uma noite que deveria ter sido comum em sua responsabilidade como cavaleiro, João Hanson de repente se viu no meio de um furacão que trazia e levava com ele mais do que qualquer pessoa também arrastada poderia ver de dentro. Conversou com Ariane sobre tudo aquilo, e, para sua surpresa, acima da excitação por se tornar nobre, Ariane parecia mais preocupada se ele *queria* mesmo aquilo. Se ele queria a responsabilidade de ser o campeão de Arzallum.

Se ele queria pagar o preço do desafio disso.

A resposta não era algo simples, nem fácil. Mas se João queria ser sincero consigo próprio, se queria viver em paz como um homem capaz de se sobrepor aos

próprios medos, a resposta mais direta era: *sim*. Ele não imaginou que a chance viria tão cedo, mas, fosse o momento que fosse, ele havia se preparado. Ele havia se moldado, tanto quanto sido moldado pela vida.

João não dormiu naquela noite, e nós podemos entendê-lo. A insônia o fez pegar seu cavalo logo pela manhã e seguir até a pessoa que mais poderia entendê-lo naquele momento: Albarus Darin. Foi assim que seguiu para a casa de Farmer, esperando que o amigo tivesse palavras que ele precisasse ouvir. Contudo, ao chegar ao local, novamente sua atenção foi surpreendida por uma cena inesperada.

A casa de Hector Farmer estava sendo reformada por um mutirão. Isso por si só já seria impressionante, mas havia *mais*.

Porque aquele mutirão era formado por candidatos a escudeiros.

– Ei, João – acenou Farmer na entrada, com um sorriso que ele não via há tempos. E nem mesmo imaginou que iria receber justamente daquela pessoa.

João desceu de seu cavalo, boquiaberto, e conduziu sua montaria a pé até perto dele. Os garotos não interromperam os afazeres mesmo ao perceber a presença do cavaleiro.

– O que... seria isso? – perguntou João, ainda atordoado.

– Não olhe pra mim, estou tão surpreso quanto você!

– Eles *simplesmente* apareceram aqui?

– A princípio, sim! Eles vieram hoje de manhã, trazendo material e equipamento, e pediram para ajudar nas reformas. Você vê algum problema? Eu posso...

– Se eu vejo algum problema? Meu arrependimento é que eu deveria ter tido essa ideia antes. Aliás, *de quem* foi essa ideia?

– Acho que você pode adivinhar – disse a voz de Albarus, saindo de dentro da casa.

Ele e João se cumprimentaram, e Hector os deixou a sós por um momento. Então, João notou ao fundo um de seus candidatos a escudeiro controlando a reforma.

– Emile? – quis confirmar.

– Quem mais? – disse Albarus. – Parece que ela conversou com lenhadores da região, conseguiu umas doações de madeira e equipamentos emprestados, e convenceu alguns dos candidatos a vir ajudar.

– Ela fez mesmo isso?

– Sim – confirmou Albarus. – Essa garota é diferente.

– Ela é realmente – concordou João. – Ela é diferente em tudo. Ela tem uma determinação admirável, e parece não gostar do fato de ter nascido uma menina.

– Ou talvez que a vejam com as mesmas limitações que costumam ver nas meninas – acrescentou Albarus.

– Você acha que talvez seja apenas isso? Que ela se vista e aja como um garoto somente para tentar obter a mesma forma de tratamento?

– Não – revelou Albarus. – Eu acho que ela realmente se identifica com os meninos.

– O que isso quer dizer? Que ela sente atração por meninas?

– Por que tudo tem a ver com *por quem* a pessoa sente atração? João, enquanto você pensar apenas nisso, você *nunca* vai entender.

João se manteve quieto, e Albarus entendeu que ele queria ouvir. Aquele era o primeiro passo.

Aquele era sempre o primeiro passo.

– Eu me olho no espelho, e eu me vejo como um homem, assim como você. Mas você gosta de meninas, eu gosto de meninos. Mas você diria que alguma coisa te faz mais homem do que eu?

João balançou a cabeça negativamente.

– Emile se olha no espelho e se vê como um menino – disse Albarus. – Então não faz diferença se ela sente atração por quem ela sente atração. Isso não muda a forma como ela se vê, da mesma maneira que nós dois.

– Mas tanto eu como você nascemos com uma biologia masculina – disse João, não o contradizendo, mas simplesmente como um homem em dúvida buscando entendimento. – Isso não faz diferença?

– Para quem? Para você ou para ela?

– Para o mundo.

– Se não faz diferença para ela, por que faria para o mundo? Ou mais ainda: por que o mundo deveria se importar?

João não tinha resposta.

– Sabia que ela anda duas horas pra vir de sua casa até aqui? Tem dias que ela está tão exausta que nem volta, ela prefere dormir nos arredores da fazenda dos escudeiros. O mundo se preocupa com isso? *Você* se preocupa com isso?

João continuava calado.

– No entanto, ela se preocupou comigo e com Farmer, o *veadinho cute-cute*! E ela juntou os outros escudeiros, e, mesmo dormindo nas ruas, ela está ali ajudando a reconstruir a casa de alguém. Esse é o tipo de ser humano que essa menina é. Então eu te pergunto, João: faz diferença com o que ela se identifica? É isso o que define quem ela é ou como ela deveria se ver?

– Não – disse João, mais para si mesmo. – Não é.

Albarus conhecia aquela expressão. A expressão do líder que seu amigo havia se tornado, o plebeu tornado lorde, mas ainda disposto a ouvir e aprender com os seus.

– E você? – perguntou Albarus, mudando o assunto. – É verdade o que estão dizendo? Bradamante *realmente* te indicou como sucessor do posto?

– Eu ainda não acredito também.

– Você não precisa de falsa modéstia comigo! *Quem* seria melhor que você pra isso?

– Andreos pediu o desafio.

A expressão de Albarus se fechou de imediato.

– É, eu *também* soube disso! João... eu me sinto mal...

– Você não deveria.

– Talvez não pela causa, mas sim pela consequência.

João suspirou, entendendo o conflito dele.

– Sabe, eu não tenho vergonha de ser como sou – disse Albarus. – Eu não sinto desonra no nome da minha família, até porque eu não acredito nem mesmo que as coisas estejam associadas. Se a minha família deveria sentir vergonha por alguma coisa, nesse caso, deveria ser pelas atitudes do Andreos. Eu não concordo, eu ainda não o perdoo, mas eu entendo de onde vem a raiva, sabe? Fez parte da nossa criação por parte de pai, do conceito dele sobre o significado de ser homem o suficiente para vestir uma armadura. Ainda assim, a irmandade deveria vir acima, certo? Eu sei disso, você sabe disso, e ele sabe também. Então eu sei que tudo isso *dói* nele. E sei que foi *por isso* que ele te desafiou. Ele não está interessado exatamente no título, ele está interessado em continuar parte... entende? Ele não quer vencer você, ele quer ter de volta o seu respeito, mesmo que seja à força. Você entende?

– Entendo. Mas sabe o que é mais irônico nessa situação, Albarus? Se a escolha fosse minha, Andreos teria meu voto.

– E é *por isso* que eu me sinto mal, João. Pelo fato de ter provocado indiretamente esse conflito entre vocês. Por saber o que poderia ser, e o que está sendo.

João permaneceu olhando para baixo, como se também lamentasse. Entretanto, sua conclusão foi:

– Nada *poderia*, existe apenas o que é e o que há. Andreos escolheu um caminho, que me fez escolher outro. E, uma vez que essas escolhas são feitas, não há como voltarmos atrás.

– Sim – concordou Albarus. – Realmente não há.

João continuou a observar seus candidatos a escudeiros.

– Mas ao menos essas escolhas nos fazem descobrir outras, que talvez jamais imaginássemos.

João deixou Albarus para trás por um momento e caminhou na direção de Emile.

Sabino von Fígaro estava esquentando água para seu chá matinal quando bateram na sua porta duas vezes. Ao abrir, ele se deparou com Maria Hanson.

– Professor... eu... poderia conversar?

A expressão dela era um tanto quanto misteriosa, mesmo para Sabino. Ela não parecia nem tímida, nem envergonhada, nem assustada, nem tensa, mas um misto de tudo isso em um sentimento que deveria ter seu próprio nome nos dicionários.

– Existe algo que eu possa... – tentou dizer Sabino.

– Eu dormi com Axel.

— Soube que você é responsável por essa bagunça – disse João, se aproximando de Emile.

– Bem, a gente soube que não ia ter treinamento hoje, e, bem, a gente também soube do que aconteceu... aqui. Não por um dos nossos, mas por rumores na região...

João balançou a cabeça, incentivando-a a continuar. Era difícil controlar o falatório das pessoas.

– Eu já tinha conversado com algumas pessoas que se dispuseram a nos dar material. Do nosso grupo, eu convenci dez. O Fernando Costard, por exemplo, ficou no grupo contra. Ele acha que se não é nossa obrigação, ou se não nos foi dada uma ordem, a gente não tem que se meter.

– Ele deve ter ouvido sobre o motivo da briga – acrescentou João. – E deve pensar como Andreos.

– Bem, eu não ia dizer nada, mas... sim.

– E o que *você* pensa?

Emile travou, como se a pergunta fosse um teste.

– Eu penso que nada define um cavaleiro além do fato de ele ser um cavaleiro. E você nos ensinou desde o primeiro dia que não há como ser cavalaria sem ser

família.

– Hector Farmer não é da cavalaria – disse João, dessa vez como um teste.

– Mas o instrutor Albarus é – concluiu Emile, sem pensar. – A gente soube que ele estava ajudando depois dos dias de treinamento, e, se a gente quer honrar as horas que ele nos dedica, a gente deveria no mínimo dedicar algumas horas pra ele.

João permaneceu alguns segundos parado, analisando aquilo tudo. Era como... sabe, era como se ele estivesse olhando ali para si próprio. Aquela frase... ela trazia uma pureza e uma inocência... ele teria dito naquela idade para alguém. Uma pureza e uma inocência que ele esperava não perder na sua jornada.

– Você sabe o que eu vou fazer amanhã, não sabe?

– Sim, *lorde*. As pessoas em Andreanne só falam disso.

João notou o tom de orgulho no termo, ao qual ainda precisava se acostumar recentemente.

– A notícia já se espalhou nessa manhã? – estranhou João.

– A notícia já se espalhou ontem à noite – confirmou Emile, achando graça. – Já iniciaram até as apostas.

Emile mudou a expressão, dando-se conta de que talvez estivesse falando demais.

– É mesmo? – foi a reação dele. – E quem é o favorito?

– O senhor lidera com larga vantagem.

João suspirou, como se aquilo não fosse motivo de orgulho.

– Você também me considera o favorito?

– Se o senhor souber separar as coisas na arena.

João voltou sua atenção novamente para Emile, curioso com a ousadia da resposta.

– Quero dizer, não que o senhor... – gaguejou Emile.

– Me diga o que você acha – ordenou João. – Com sinceridade.

Emile suspirou, sem saber aonde aquilo poderia levá-la.

– Bem, o lorde e o instrutor Andreos tem estilos diferentes, mas muito fortes, de combate individual de espadas. Só que o senhor tem mais experiência, embora seja, sabe, tão jovem. Mas se o senhor foi capaz de entrar em um Tribunal de Arthur e sobreviver, o senhor é capaz de entrar na Arena de Vidro e vencer. Só que... todo mundo sabe que vocês eram amigos próximos, e não deve ser fácil. Então pode ser que, não sei, você perca o foco em algum momento não por uma falha, mas... por enxergar do outro lado o seu melhor amigo, em vez do seu adversário. Esse é o único cenário em que eu vejo o senhor perdendo. Mas... quem sou eu pra dizer alguma coisa pra alguém como o senhor?

João passou a mão em afago na cabeça dela, aprovando a sinceridade da resposta.

- O que você pretende fazer amanhã?
- Ir cedo para a Arena de Vidro, garantir um local pra assistir à ascensão do novo campeão de Arzallum.
- Você irá à Arena de Vidro, mas terá de se preparar mais cedo do que pretendia. Ao raiar do sol, eu quero que você esteja em frente à minha casa em Lenho.
- Emile sentiu o coração acelerar, e o ar fica rarefeito.
- Para quê, lorde?
- Preciso que meu cavalo esteja preparado, e a lâmina de minha espada esteja afiada. Porque amanhã você vai entrar na Arena de Vidro comigo.
- O coração de Emile parou por um momento.
- E como *minha escudeira*.

58

Ruggiero entrou em um aposento em que Axel Branford o aguardava.

- Alteza...
- É curioso te ver me tratando ainda com esse respeito – disse Axel. – Ainda mais quando me lembro de nosso encontro no Punho De Ferro...
- Quando Sua Alteza Real me venceu no torneio...
- Quando você me permitiu que te vencesse no torneio.
- Ruggiero se calou. Era o melhor a se fazer naqueles momentos.
- Seu altivo melhorou, não é? Você está praticamente dominando o idioma.
- Cinco anos fazem diferença.
- É por isso que lhe chamei aqui.
- Ruggiero franziu as sobrancelhas.
- Para falar da melhora do meu altivo?
- Para dar sequência ao que iniciei nesses cinco anos.
- Axel se aproximou dele, deixando claro que falava sério.
- Eu entendi, Ruggiero! Tudo o que você me ensinou. Aceitar o dharma, viver o karma, ver a luta não como guerra, mas como arte de guerra. Eu absorvi a teoria e vivi a prática. Lá no Nunca eu desenvolvi técnicas que se complementaram ao treinamento, que me elevaram, que mesclaram corpo e espírito.
- Você está dizendo que desenvolver uma... arte marcial?

– É *exatamente* isso que eu estou dizendo – ratificou Axel. – Mas existe um limite até onde eu posso desenvolver isso, e para ir além eu preciso que você me ajude.

Ruggiero permaneceu um tempo pensando sobre aquilo, um tanto fascinado de testemunhar um momento como aquele. De fato, havia valido a pena singrar o oceano em direção ao desconhecido.

59

— Quando isso aconteceu? – perguntou Sabino, oferecendo a caneca do chá para ela.

– Após a cerimônia – revelou Maria. – No próprio Grande Paço.

O desconforto em contar sobre aquilo era grande, não por ela não se sentir à vontade com o professor, mas simplesmente por não se sentir à vontade ao falar sobre aquilo.

– Então você está me dizendo que você e Axel dormiram juntos na primeira noite em que se viram novamente depois de cinco anos?

– Eu sei! – disse ela, frustrada, como se culpasse a si própria. – O que eu devo pensar sobre ele?

Sabino riu.

– Pela pouca conversa que tive com o príncipe naquela noite, ele concluiu seu compromisso com sua antiga esposa, certo?

– E isso justificaria? Ele termina o relacionamento, volta aqui, e nós ignoramos tudo o que aconteceu?

Sabino suspirou.

– Ah, Maria...

Maria sorveu um pouco o chá, e aguardou. Sabino sorriu para ela de um jeito paternal, aquele mesmo sorriso que os pais dão para as filhas quando percebem que suas meninas cresceram.

– Do que você abriria mão para ter um dia, apenas mais um único dia com seu pai? – perguntou Sabino.

– De qualquer coisa – respondeu Maria, sem pensar.

– Você abriria mão do título nobre que recebeu?

– Sem pensar.

– Mesmo sabendo que sua mãe não teria mais sua vida facilitada por essa conquista?

Maria se calou, sem saber a resposta certa.

– O que eu quero dizer, Maria, é que toda situação tem dois lados. E eu entendo o seu, e entendo o dele. E *por isso* entendo a frustração de ambos. Ao longo de cinco anos, ouvi você dizer que *o odiava*, e em nenhuma das vezes eu acreditei. Sempre interpretei que você queria dizer que odiava *aquela situação*. Você me diz que abriria mão de tudo para ter mais um dia com seu pai, sem pensar nas consequências. Sabe por quê? Porque a falta machuca, e quem inventou a distância desconhecia a dor da saudade. É por isso que eu sei que você trocaria uma vida nobre por uma vida plebeia vendendo doces novamente nas feiras, desde que ele estivesse aqui, e você não tivesse que pensar em *como seria*. E é assim que eu vejo sua situação agora. Eu vejo dois jovens que passaram cinco anos odiando a falta, e se perguntando como seria. Só que a diferença nesse caso é que vocês dois *ainda estão aqui*. O que aconteceu entre vocês foi uma catarse, uma junção de todos os sentimentos acumulados ao longo desse tempo. E se você não se curar do que já te feriu, vai continuar a sangrar em cima das pessoas que não te cortaram. Então se você decidir que, após essa libertação, você não sente mais nada, siga em frente com a sua vida sem qualquer tipo de culpa. Mas se você se lembrar desse momento de uma maneira diferente, se você passar a acreditar que a frustração não veio do abandono, mas da impossibilidade de ficarem juntos... então abrace o fato de que levou apenas um dia, Maria... um único dia, pra que vocês se lembrassem de por que se amam.

Maria sabia que as lágrimas eram inevitáveis.

Era aquele o preço que Sabino von Fígaro sempre cobrava por suas palavras.

60

O Rei Anísio Branford estava em uma das sacadas do Grande Paço, ao lado dos tios Rei Segundo e Rei Tércio.

A conversa foi interrompida com a chegada de Axel Branford.

– É impressionante como seus traços amadureceram – disse o Rei Tércio. – Você nem de longe lembra mais o menino que corria por aqui.

– Não foram apenas meus traços que amadureceram, tio – disse Axel.

– Sabe o que é ainda mais curioso? – perguntou o Rei Segundo. – Se juntarmos seu rosto hoje em dia com o de Anísio, teríamos a imagem perfeita de Primo.

– E ainda assim não seríamos metade do homem que ele foi – definiu Axel.

– Sim – disse Anísio. – Provavelmente uma das duas partes desequilibraria a balança.

– Sem dúvidas – concordou Axel. – Por falar nisso, *Rei Branford*, você me daria um segundo do seu tempo? Existe um peso nessa balança que eu gostaria de tentar equilibrar.

Mesmo para os Reis, que eram família, aqueles encontros eram apreensivos e, algumas vezes, embaraçosos.

61

Snail Galford não era uma pessoa de falar muito, mas, naquele dia, ele falava ainda menos. Estava em uma sala com Scheherazade, isolado do resto do mundo, inclusive de sua tripulação, afundado em uma mesa e virando uma garrafa de bebida à base de cevada.

– Djin é um dos maiores magos do Oriente – disse ela.

– Eu soube, ele gosta de se gabar disso – disse Snail, enfim retornando a se comunicar.

– E você disse que ele deu um tapete voador pro ladino voar até o ocidente? Por que ele faria isso?

– Essa é a menor das minhas preocupações nesse momento.

Scheherazade se aproximou dele, entendendo o que estava em jogo, e bateu as duas mãos na mesa, forçando-o a se concentrar nela.

– O que você quer e o que eu quero estão diretamente ligados! Se você não me ajudar, eu não tenho como ajudar você.

– Essa parece a definição da minha vida – resmungou Snail.

– *Tem de ter tido algo* que ele tenha dito – rosnou Scheherazade. – Algo de que você está se esquecendo, e pode *nos* ajudar!

Snail virou mais um gole da garrafa. Mesmo sua posição sentado àquela mesa exibia derrota.

– Ele disse que não se importava com o significado do mapa de estrelas. Ele só se importava com *os seus*...

Scheherazade expandiu sua expressão, como se Snail fosse estúpido de não tê-la dito aquilo antes.

– Como é a frase? – exigiu ela.

– Ele não se importava com o significado do...

– Depois disso!

– ...ele só se importava com os seus! *Os seus!* Entende? – perguntou já um tanto bêbado. – Provavelmente ele está falando da sua gangue de rua, ou de quem quer que tenha contratado os serviços deles.

– Não! Você disse que ele se saciou com os gritos, e era pouco pros gritos *dele* ao longo de muito tempo. Isso é alguém que quer *vingança!* Vingança pelos deles... vingança pelo... oh, meu Criador!

Scheherazade de repente começou a suar e demonstrar sinais de uma crise súbita de ansiedade. Sem aviso, gritou por seus guardas, que entraram na sala pensando que ela estava sendo atacada.

– Reúnam os engenheiros-gnomos para uma conversa imediata!

– Quantos deles, senhora? – perguntou um dos guardas.

– Todos! Todos eles! – respondeu Scheherazade. – E preparem uma força-tarefa!

“Nós vamos precisar de todos os estivadores disponíveis no porto de Al-Quadim.”

62

— **O** que te aflige *dessa vez?* – perguntou o Rei Anísio Branford.

– Antes de chegar em Arzallum, eu pedi por uma parada ao gnomo-piloto – revelou Axel. – Você tem ideia de onde?

– Acredito que vá me dizer.

– Eu pedi pra ver sua Colmeia.

A expressão de Anísio mudou subitamente do tédio para o desconforto.

– Com que autorização? – perguntou o Rei.

– A de um príncipe-real, último herdeiro da Coroa de Arzallum.

– Apenas em caso de *outro* regicídio.

– O caminho que você parece estar cavando.

Anísio olhou os arredores para se certificar de que ninguém estava ouvindo aquilo.

- O que você está dizendo, seu inconsequente?
- Seria *eu* o inconsequente? – vociferou Axel. – Como você pode aceitar... como você pode usar os cofres reais pra *pagar* por aquilo?
- *Aquilo* é a base da revolução tecnológica do Ocaso! É o que vai manter Arzallum como o maior dos Reinos, e fazer História.
- O problema é esse? – perguntou Axel. – Como *you* vai entrar pra História? Como o filho vai superar o legado do maior dos Reis?
- Eu não quero superar o legado dele, seu moleque! Eu quero *honrar* o legado dele!

Axel abriu os braços, sem controle sobre os próprios nervos.

- É isso o que você chama de honrar alguma coisa? – gritou de volta. – Eles disseram que aquela é a primeira estrutura que os gnomo construíram até hoje! Por quê, Anísio? Por que você acha que eles jamais fizeram algo daquilo em seu próprio continente?

- Porque lhes faltavam recursos.
- A eterna arrogância de Arzallum de se considerar o Reino superior...
- E da qual você é o principal exemplo, *campeão do mundo*!
- Um título que você também fez questão de manchar.

Anísio suspirou forte. Aquela conversa seria mais difícil do que ele pensava.

- O que você quer dizer com isso? – perguntou, sabendo a resposta.
- Você recebeu o frasco de volta, não foi? O frasco que eu tirei do seu quarto com o mesmo tipo de veneno que você usou pra envenenar Radamisto antes da minha luta.
- Você teria perdido – disse Anísio, de maneira fria.
- Você não tem como saber disso! *Você me tirou* o direito de saber.
- Você já deveria ter perdido pra Ruggiero – resmungou Anísio, calando Axel.
- Você acha que eu não perguntei a ele? Quando você lhe pediu pra ele me entregar o frasco?

Axel queria socar Anísio, mais uma vez. Mas isso não faria diferença.

- E então, Axel? Como seria ver você perder pra Minotaurus em plena Arena de Vidro, na frente de todos os Reis e Rainhas? O que isso faria com a moral do povo arzallino?

Axel não tinha resposta.

- O que isso faria com o legado dos filhos do Maior dos Reis?
- E queria se socar por isso. Mas também não faria diferença.
- Eu teria vencido – afirmou o príncipe. – Com ou sem a sua intervenção.
 - Talvez – confirmou Anísio. – Mas usar a Coroa é fazer sacrifícios, algo que eu não posso cobrar seu entendimento, não é? Afinal, como você já disse antes: *you não queria ser Rei*!

Axel sentia-se impotente. Era difícil se defender das próprias palavras.

– Eu passei cinco anos longe de Arzallum *apenas* pela responsabilidade – disse ele.

– E nesses cinco anos eu estive sentado aqui, fazendo o que *eu fui treinado pra fazer*.

Extremamente difícil.

– Sabe, fui inocente de achar que isso daria certo – disse Axel. – Achar que nós poderíamos recomeçar.

– Se existe algo que podemos concordar é sobre a sua inocência.

– Mas no seu caso, Anísio, aquilo não é inocência, é estupidez! O fardo está te cegando, enquanto você está cavando uma cova que vai levar Arzallum com você! E não apenas hoje, mas na História.

– Eu tenho oito Conselheiros Reais, Axel! Bem mais qualificados do que você.

– Você está usando a essência de entidades *vivas*, Anísio – disse Axel, com a voz baixa, quase como súplica. – Você não sente... compaixão?

– É claro que sinto – disse o Rei. – Mas você deixa de comer a carne em compaixão ao javali? Não, você come, e esquece de lamentar. Aquele não é o preço ideal, mas é o preço necessário para a humanidade produzir a tecnologia que irá marcar a próxima Era. Isso é maior do que tudo.

– Então torça, irmão, apenas *torça* para que esse preço não se volte contra nós. Porque, se isso acontecer, não haverá nenhum frasco de veneno que irá nos fazer vencer.

63

Quando João Hanson saiu de casa naquela manhã seguinte, Emile estava lá, com pano e balde d'água, cuidando do corcel. Ela se assustou quando viu João saindo da casa para conferi-la, como se o chamado para acompanhá-lo como sua escudeira fosse sua imaginação. Um delírio que ela havia levado longe demais.

– Tudo pronto? – perguntou João, com a mesma naturalidade com que seus antigos cavaleiros lhe perguntavam coisas do tipo em sua época de escudeiro.

– Eu quem deveria lhe perguntar isso, senhor.

João permaneceu um tempo olhando para ela, e então disse simplesmente:

– Ainda não.

– Não? – perguntou Emile, com espanto.

João foi até ela, andando em passos pesados. Emile não sabia como interpretar nenhum daqueles sinais. Então, sem aviso, ele retirou da cintura a bainha com sua espada, e entregou a ela.

– Nós ainda temos tempo – disse João. – Eu preciso que você afie Dharuma.

E então ele se virou de costas, e voltou para dentro da casa, deixando uma das espadas mais valiosas do mundo na mão de sua aprendiz. Emile permaneceu em choque, tentando acreditar no que estava acontecendo. Acreditar que a espada que havia iniciado a Caçada de Bruxas estava em suas mãos. Acreditar que o cavaleiro que a inspirara, o sobrevivente da Casa de Doces, a havia escolhido. Acreditar que João Hanson simplesmente confiava nela ao ponto de se virar de costas e deixá-la preparar seu cavalo e sua espada em um momento histórico de Arzallum.

Ao desembainhar a espada e testar o fio, Emile percebeu que não havia muito que ser feito. A arma parecia pronta para combate, e o único motivo para João mandá-la afiá-la seria pelo privilégio do ato. E isso, e apenas isso, já fazia com que Emile não se importasse com o resultado que viria a acontecer na Arena de Vidro.

Para ela, João Hanson já era seu campeão.

64

Você já esteve comigo na Arena de Vidro antes. Nós estivemos juntos nos arredores, na entrada, no anfiteatro, nas arquibancadas, até mesmo no ringue em cada luta da última edição do Punho De Ferro. Nós sentimos o cheiro de suor, ouvimos os gritos da multidão, sentimos o sabor do sangue provocado pelos golpes. E, em toda aquela experiência, João Hanson esteve conosco, mas mais como um espectador do que como um protagonista. Ele era um adolescente torcendo secretamente por Axel Branford, enquanto negava a admiração.

E sem jamais imaginar que alguns anos depois seria sua vez.

Um desafio pelo título de campeão tem um peso completamente diferente do Punho De Ferro. Normalmente não se costuma ter a presença de comitivas de outros Reinos, como no caso do campeonato mundial. Não se costuma ter a presença de estrangeiros. E soldados desestimulam as pessoas a demonstrar torcida, mantendo-as mais como testemunhas de um evento que deve ser contado posteriormente para os que não estiveram lá.

Tudo isso parecia não valer naquele dia.

Veja bem: as comitivas reais já estavam em Arzallum, e queriam testemunhar aquilo. Os gnomos do Ocaso aperfeiçoaram suas máquinas de areia e as principais praças de Andreanne iriam exhibir o combate até mesmo para os que não estariam lá.

E Arzallum amava Bradamante, que havia escolhido João Hanson.

O que tudo isso quer dizer é: apesar do peso diferente, aquele desafio tomou uma euforia parecida com a mesma testemunhada no Punho De Ferro alguns anos atrás. As pessoas tomavam as ruas ao redor da arena em êxtase, aquele mesmo que uma pessoa sente quando lhe dão a oportunidade de testemunhar a História sem precisar se envolver.

Nas praças, a multidão se acotovelava em busca de brechas em que pudessem ver dois homens de areia tornando vivo o que deveria ser imaginação. Vendedores ambulantes de comida, bebida e bijuterias armavam barracas em todo canto possível, capitalizando em cima de um evento de proporções cada vez maiores, e que ninguém esperaria alguns dias antes.

E foi diante desse cenário que João Hanson cavalgou. Em cima de seu corcel, seria normal se Emile estivesse no chão guiando o cavalo a pé. Mas João a havia colocado em sua garupa, e cavalgava devagar, como se estivesse passando uma mensagem naquilo. Como se demonstrasse que ali cavalgava o cavaleiro que havia se tornado, e em sua garupa cavalgasse o escudeiro que tinha sido um dia.

E assim ele seguia, enquanto sua cavalaria, a Guarda Real pela qual ele tanto buscou, abria caminho para sua passagem.

À frente de seu cavalo iam Max, Born, Jaú, Ian e, a seu pedido, Albarus. O irmão dividido, de todos, o mais em conflito. Atrás deles e do cavalo de João vinha uma carruagem com Ariane e Anna Narin, e Érika e Maria Hanson, dessa vez sem qualquer tipo de abertura para acenar ao povo. Essa era outra grande diferença do Punho De Ferro: o combate não era tratado como celebração, mas sim uma cerimônia militar, se não pelo público, ao menos pelos envolvidos. Durante toda a passagem, nenhuma das mulheres perguntou sobre Axel Branford, e Maria as agradeceu em silêncio por isso.

As pessoas acenavam para João, gritavam seu nome, reverenciavam-no como herói. E ele apenas seguia seu caminho, olhando para a frente sem desviar olhares ou pensamentos, não como um homem que não se importasse, mas como um soldado que não poderia se deixar influenciar e esquecer o real motivo do que estava indo fazer.

Ao virarem na rua principal e avistarem a entrada da arena, João viu Rick Albrook. Ele acenou com a cabeça para João, e aquele foi o único momento em que o cavaleiro se deixou desviar.

Porque ali o caçador representou o lenhador.

O Herói representou o pai que não estava lá.

E foi assim, dentre lembranças, euforia e concentração, que João Hanson entrou na Arena de Vidro escoltado pela Guarda Real, sob os gritos eufóricos do povo de Andreanne.

Os Reis e Rainhas já tinham se sentado, nos mesmos camarotes.

De fora estavam o Rei Alonso Coração-de-Neve, o primeiro-ministro Robert de Locksley, o Rei Adamantine, o Rei Acosta, o Rei Collen, os Reis irmãos Segundo e Tércio Branford, e a Rainha Kapella. Dos locais estavam lá o Rei Anísio e a Rainha Branca, o professor Sabino, a major Bradamante, o capitão Ruggiero, o arquiteto-gnomo Rumpelstichen e sua equipe de engenheiros-gnomos.

E estava Axel Branford.

Esse detalhe era digno de nota por mais de um motivo. Afinal, aquele não era apenas o retorno ao local onde ele se sagrara campeão do Punho De Ferro em um período que Arzallum precisava relembrar de sua força, mas aquela era a primeira vez que seu povo tinha consciência do próprio retorno do príncipe a Arzallum.

Tudo isso apenas agitava a multidão ainda mais.

– É estranho estar de volta aqui, e ver você sentado conosco – disse o Rei Segundo para o sobrinho, abafado pelo barulho ao redor.

– É estranho estar aqui, sabendo como é estar lá – disse Axel.

– Ao menos você soube como é a sensação de vencer lá – acrescentou Anísio.

– Sim – disse Axel, curiosamente com o tom de um lamento. – E que hoje o vencedor novamente se consagre unicamente por mérito próprio.

Anísio e Axel permaneceram se olhando, como se houvesse *mais* naquilo. Então o Rei Anísio olhou para a frente, tentando ignorar o irmão mais novo.

– Eu pensei no que você me falou – disse João a Emile.

– Como, lorde?

– Sobre ver do outro lado não meu melhor amigo, mas meu adversário. Ariane me ajudou nisso.

– Senhor, eu sou apenas uma iniciante. Eu não tenho condições ainda de dar conselhos a alguém com a sua experiência.

– Como minha escudeira, você tem condições de me dar conselhos – comentou João, colocando uma ênfase suspeita no nome. – Desde que eu os peça.

Emile voltou a conferir as armas de seu tutor, repetindo em sua mente a voz de João Hanson lhe chamando de “minha escudeira”.

Em outro ponto do camarote, Ariane e Maria aguardavam, tentando passar a calma que nenhuma das duas sentia.

– Você se lembra daquela apresentação lá no anfiteatro no Punho De Ferro? – perguntou Ariane.

– Como? – indagou Maria sem pensar, retornando seu pensamento para aquela conversa.

– O Hector Farmer e o Paulo Costard atacaram a sua honra na frente de todo mundo lá no palco.

– Ah... – suspirou Maria. – Sim, eles debocharam da minha relação com Axel. João queria subir no palco e causar um alvoroço.

– Bem, ele causou depois, né? Quando quebrou a cara do Costard!

– Sim, porque descobriu que foi o primeiro cara que te beijou.

– Olha aqui, *senhorita* Maria Hanson, eu estou sentindo um pingo de julgamento da sua parte!

Maria ergueu as mãos em paz.

– Claro que não – disse ela. – Quem sou eu pra julgar relacionamentos?

– Com os tipos de caras que andam atrás de você, você é a *melhor* pessoa pra julgar relacionamentos nessa cidade! Mas nós voltamos a isso depois. A questão que estou dizendo é: você se lembra do que aconteceu depois?

– Sim – recordou Maria, como se a lembrança a entristecesse. – Albarus e Andreos subiram no palco, jogaram o jogo deles e humilharam os dois diante da aclamação do povo.

– Pois é – confirmou Arianne. – O que torna essa situação de hoje ainda mais estranha. Quem diria que anos depois os irmãos iam brigar, o irmão caçula do Costard ia virar aprendiz do João, e ele e o Andreos iam voltar à Arena de Vidro pra se enfrentarem! Isso não é absurdo?

– Muita coisa mudou nesses anos, né?

– É – aquiesceu Arianne. – Mas tem coisa que não.

Maria suspirou.

– Você vai me perguntar, né? – adiantou Maria.

– Poxa, você me conhece. Eu estou te dando todo o tempo do mundo pra me contar, sem falar nada, mas...

– Se você está me pressionando agora, você não está me dando todo o tempo do mundo.

– Maria, para de ser chata! Se você não conversar com a sua *melhor amiga* sobre isso, vai conversar com quem?

Maria olhou para Arianne de baixo para cima.

– Melhor amiga? Pensei que esse título era daquela sua amiga... Taruga, né?

Arianne soltou os ombros.

– A gente não se fala há um tempo, desde que ela teve um filho e se mudou pra Cálice. Mas você está desviando o assunto!

Maria ficou em silêncio, analisando se era a hora. Então deu o braço a torcer.

– Tá, o que você quer saber?

– O que *eu quero saber*? – elevou a voz Ariane. Então, percebendo, abaixou novamente mais do que precisaria: – Quero saber o que todo mundo quer saber! Como foi seu reencontro com Axel?

Novamente silêncio, e análise.

– Eu gritei um monte de coisa, aponte o dedo e soquei a cara dele...

Ariane arregalou os olhos e ficou mais pálida do que já era.

– Ele veio com aquela conversa de príncipe, me contou o lado dele e tentou me fazer perdoá-lo...

Ariane ainda era apenas uma voz abafada e uma respiração interrompida.

– Aí veio tentar me abraçar, lembrando as nossas frases...

– ...

– Eu dei outro tapa na cara dele...

– ...

– Então puxei ele de volta, e o beijei.

Ariane começou a piscar e a tremer, como se seu limite de informações em curto tempo tivesse sido atingido.

– E foi quando a gente fez amor.

– O QUÊ? – gritou Ariane, sem se importar dessa vez com qualquer pessoa ao redor. – Como... como você me solta uma bala de canhão dessas assim, sem preparação? Você tem...

– Lorde Ivanhoé está entrando – cortou Maria. – Ele vai chamar a campeã e os cavaleiros.

– Mas... ma... ma...

As cornetas foram ouvidas, anunciando a entrada da major Bradamante.

João estava com Emile na área de vestiário em que os pugilistas esperavam para entrar na Arena de Vidro. Alguns integrantes da cavalaria e da Guarda Real se espalhavam, inclusive seu capitão Rinaldo Grimaldi, aguardando instruções. Até que Andreos entrou no recinto, deixando o ambiente pesado. Eles se encararam, não disseram nada, nem desviaram o olhar. Então João notou o escudeiro que acompanhava Andreos, e não estranhou.

Era Fernando Costard.

Por fim, entrou a major Bradamante, sempre com sua aura magnética, espremida entre temor e fascínio, gesticulando para que os dois a seguissem. Foi nesse momento que o som das cornetas chegou até eles lá dentro, indicando que era a hora.

– Senhores, tanto eu quanto o capitão Rinaldo Grimaldi sabemos o que ambos estão sentindo nesse momento, e o quanto é necessário para se ter coragem de pisar naquela arena apenas para se candidatar ao peso do que estão indo buscar. Então

não vou desejar sorte, porque hoje não se trata disso. Apenas vou desejar um bom combate, pois ao vencedor isso é tudo que importa.

João e Emile se colocaram de um lado, Andreos e Fernando de outro. Ainda nenhuma troca de palavras. A major Bradamante já estava para dar um passo à frente, quando de repente algo lhe chamou a atenção:

– E quem é essa? – perguntou ela em direção a João.

– Essa é Emile, campeã – respondeu João.

Diante de Bradamante, Emile era apenas um espectro sem conseguir se expressar.

– Desde quando sonhou com a possibilidade de uma vida na cavalaria, Emile?

– perguntou Bradamante.

– Desde quando a senhora existiu – respondeu ela, de maneira sincera.

Bradamante deu um sorriso curto, e voltou a olhar para a frente, como se enxergasse no horizonte o seu próprio legado.

Foi assim que todos eles entraram na Arena de Vidro.

Os antigos escudeiros estavam lá. Max, Born, Jaú e Ian. Albarus. Parados lado a lado em um canto da arena, lembrando mais espectadores do que realmente uma parte daquela cerimônia militar. E vendo dois dos seus caminharem para o centro.

Além deles, os candidatos atuais à escuderia também estavam lá, em um grupo igualmente rachado por Emile e Fernando, ironicamente, os dois que seguiam João e Andreos pelo centro.

A arena estava cheia, não completamente tomada e ensandecida como no Punho De Ferro, mesmo porque em uma cerimônia como aquela não era permitido manifestação de torcida, mas em número respeitável. Além disso, a falta da manifestação não os impedia de terem seus favoritos, nem manterem suas bolsas de apostas clandestinas. Na plateia também era possível se reconhecer o grupo de lenhadores e de caçadores. E nenhum desses grupos escondia *por quem* eles estavam lá.

Já dentro da arena, outro grupo específico se destacava: os engenheiros-gnomos e sua tecnologia inacreditável. Comandados por seu líder visionário Rumpelstichen, como sempre, eles ligaram suas máquinas movidas à energia de cristais, posicionadas ao redor da área principal da arena, e novamente *aquilo* aconteceu. Os cristais se acenderam.

E o etherpunk se manifestou.

Em diversos pontos de Andreanne, as figuras de Ivanhoé, Bradamante, João, Andreos, Emile e Fernando se tornaram seres de areia, replicando o que os seres de carne faziam dentro da Arena de Vidro.

Dessa vez, contudo, havia *mais*.

Uma surpresa que Rumpelstichen havia guardado mais uma vez, pois como sabiam fazer surpresas o povo gnomo. Um sistema inserido na estrutura cristalizada e formado de conchas, capazes de retransmitir ecos pelo éter. E o que isso na prática queria dizer?

Que, pela primeira vez, além de ver os homens de areia, as pessoas de fora poderiam *ouvir* o que acontecia lá dentro.

A reação popular foi inacreditável. Tudo o que eles não podiam manifestar dentro da arena, eles ignoraram do lado de fora. As pessoas pulavam, se abraçavam, sorriam e dançavam. Tudo a que se tinha direito quando diante do testemunho de uma maravilha pela primeira vez. Bardos presentes mal conseguiam se concentrar, alguns depressivos imaginando como aquela ferramenta iria acabar com suas funções; outros eufóricos imaginando como aquela ferramenta iria revolucionar suas funções.

Como aquela tecnologia iria lhes permitir criar novas formas de contar histórias.

E então, curiosamente, graças ao som que ecoava de dentro de uma arena que tinha de fazer silêncio, o som da euforia do lado de fora ecoou de volta para dentro da Arena de Vidro, lembrando aos dois cavaleiros que aquele momento ia muito além de apenas um acerto de contas pessoal.

– Escolha de combate – exigiu Lorde Ivanhoé.

Nas regras de um duelo como aquele funcionava assim: os dois candidatos em questão precisavam chegar a um acordo de que tipo de combate gostariam de duelar. No caso, como João Hanson foi o indicado pela atual campeã de Arzallum, partia dele o direito da primeira sugestão, que deveria ser aceita pelo adversário. Caso não o fosse, Andreos teria o direito de sugerir a forma de combate, e João de acatar ou não, e assim sucessivamente até haver um acordo.

– Lorde Hanson...

– Pugilismo – sugeriu João, surpreendendo a todos.

Andreos soltou uma risada curta, e irônica. Como se compreendesse o que João estava fazendo. Como se entendesse que João estivesse querendo poupá-lo de um combate mais violento. Na verdade, na história de Arzallum, apenas um campeão havia conquistado o título com um duelo público de pugilismo: Axel Branford.

Diante do movimento negativo de Andreos, Lorde Ivanhoé teve de recomeçar:

– Cavaleiro Darin...

– Espada – definiu Andreos, de forma ríspida.

Lorde Ivanhoé retornou para João.

– Espadas, então – disse ele, dentre um suspiro.

Emile, de um lado, trouxe Dharuma ainda na bainha, enquanto, do outro lado, Fernando Costard entregava a Andreos uma espada média. Como na tradição, os cavaleiros vestiam suas armaduras de proteção no corpo, mas sem os elmos.

Os escudeiros se afastaram da área definida para a luta, onde os apetrechos gnomos também cobriam.

– Senhores, eu sou Lorde Wilfred de Ivanhoé, sagrado magistrado pelo Rei Primo Branford após a Caçada de Bruxas, e representante máximo das Leis Atuais e das Leis Antigas de Arzallum. Estamos hoje diante de um desafio pelo título de novo campeão de Arzallum. Esse combate não terá limite de tempo, e irá terminar com a desistência, incapacidade ou nocaute do oponente. No caso de uma eventual fatalidade, a Coroa de Arzallum irá assumir a responsabilidade diante da família do candidato, provendo uma quantidade de mantimentos e uma quantia de moedas mensais. O combate deve se dar apenas entre os dois no círculo, sem qualquer tipo de interferência externa. Caso um dos dois saia do círculo por três vezes, a vitória será dada ao adversário. Em caso de qualquer tipo de trapaça, o competidor será levado diretamente à prisão, sem qualquer auxílio à sua família por parte da Coroa. O vencedor será consagrado imediatamente o novo campeão de Arzallum pelo Rei Anísio Terra Branford, assumindo imediatamente todas as responsabilidades e compromissos que o título exige. Os senhores estão de acordo?

Ambos os cavaleiros acenaram positivamente. Os olhos fixos um no outro.

– Que o Criador e semideuses abençoem essa luta.

Todos que não fossem João Hanson e Albarus Darin abandonaram a área estabelecida. E a voz de Lorde Ivanhoé definiu:

– E que se inicie o combate!

De um lado, João girou sua espada várias vezes, testando o peso de sua arma. Do outro, Andreos não se conteve e avançou em velocidade na direção de João com as duas mãos erguendo a espada. Quando na distância certa, o golpe desceu com ferocidade.

João girou a espada uma terceira vez, e o primeiro choque das lâminas se deu, agitando a multidão.

Andreos atacou mais duas vezes, João aparou ambas.

No terceiro ataque, as lâminas se cruzaram mais forte, e os rostos se aproximaram. Andreos soltou uma das mãos do cabo da espada, agarrou a nuca de João e puxou o rosto dele na direção da sua própria testa, dando uma cabeçada. O público dentro e fora da Arena de Vidro gritou onomatopeias de espanto, enquanto João cambaleou para trás, temporariamente cego.

Aproveitando a vantagem, Andreos avançou com tudo. E, admito, se fosse qualquer outro adversário, naquele momento talvez a luta já terminasse ali. Só que Andreos estava enfrentando a mesma pessoa com quem havia treinado a vida

inteira, a mesma pessoa que o ajudou até mesmo *a definir* seu estilo de luta. A mesma pessoa que já o havia liderado em missão.

Mesmo com a visão temporariamente inutilizada, João sabia o que Andreos iria fazer: dois gingados para a direita, lâmina da espada recuada com as duas mãos, então corte na horizontal para a esquerda, jogando o peso do corpo.

E a lâmina veio, acredite, com a agressividade de alguém que não se importava.

Então João torceu o corpo para trás, sem *precisar* ver o que estava acontecendo, simplesmente sabendo que o golpe viria dali.

O movimento lembrou as esquivas de Axel Branford no Punho De Ferro, e foi tão inesperado e impressionante que, por um momento, o público se esqueceu do protocolo e urrou como se a torcida fosse permitida.

Antes que outros golpes viessem, João andou para trás, atingindo o limite da área de combate. A visão ainda se mostrava turva, dividida em duas imagens que ainda não se conectavam. Andreos avançou novamente, e João, sem hesitar, deu um último passo para trás, saindo propositadamente do círculo.

O combate foi interrompido.

João voltou ao seu lugar inicial, e aqueles segundos foram suficientes para que sua visão retornasse.

Andreas *também* sabia o que ele estava fazendo, e aquilo o enfurecia mais.

Mesmo que enfurecê-lo *ainda mais* fosse parte da estratégia de João.

Foi assim que, quando a luta reiniciou, ele avançou rosnando com a lâmina baixa. Quando o golpe veio, as espadas se chocaram uma, duas, três, quatro vezes. Esquivas de um lado, choque de lâminas, esquiva de outro. Faíscas, pêndulos, choques e mais choques, todos no aço, nenhum na carne.

Os dois se conheciam tão bem que a luta, que era real, parecia coreografada. Um avanço, um bloqueio. Um ataque, uma esquiva, um contra-ataque, outro bloqueio. A impressão era de que, se a luta entre Bradamante e Rinaldo havia durado nove minutos, aquela poderia se estender por uma hora inteira, desde que os cavaleiros tivessem fôlego e disposição para isso.

Dois golpes de João, duas defesas de Andreos. Então Andreos tentou uma finta, um falso ataque, mas João não caiu e manteve a guarda fechada. Ele tentou uma segunda finta, e, novamente além de não cair nela, João ainda lhe enfiou a sola no meio do peito, arremessando-o no chão.

Andreas levantou, mostrando os dentes, e começou a andar de um lado para outro, pingando cólera. João se mantinha imóvel, expressão fechada, firme como uma árvore. Seu grande problema naquela batalha era: do outro lado, ele *ainda* enxergava Andreos Darin. O amigo Andreos. Era preciso se lembrar disso para evitar os movimentos tão comuns a ambos. Para vencer aquele combate, ele

precisava se esquecer disso. Mas para se esquecer disso, ele precisava que Andreos se tornasse outra coisa naquela arena.

Outra coisa *diferente* do Andreos que ele conhecia.

Foi assim que, quando Andreos avançou sobre ele mais uma vez, sem qualquer explicação, João deu mais um passo e saiu da arena, gerando burburinho do público que assistia à luta dentro e fora da Arena de Vidro. Algumas pessoas vaiaram João, achando que se tratava de uma atitude covarde, a maioria, porém, simplesmente não entendia o que diabos ele estava fazendo.

Lorde Ivanhoé novamente interrompeu o combate.

– Lorde Hanson, você tem consciência de que se sair mais uma vez da arena o cavaleiro Darin será sagrado vencedor dessa disputa?

– Eu estou a par, magistrado – confirmou João.

Uma confirmação sem qualquer tipo de preocupação.

Andreos tentava entender o que era estratégia, o que era deboche e o que era covardia naquilo tudo. O fato de precisar, contudo, tirar João daquele círculo *apenas* mais uma vez trouxe uma sensação de ansiedade, que brigou com o nervosismo com o qual ele já precisava lidar até ali.

Já João apertou os olhos e, nas arquibancadas, Ariane soube que aquele era o momento. Tentando não chamar a atenção, ela apertou os olhos da mesma forma até sentir a conexão, cobriu a boca com as duas mãos e sussurrou:

– Nesse momento, você não está enfrentando Andreos Darin. Não *mais*.

A voz de Ariane reverberou dentro da cabeça de João, como uma memória vívida demais.

– Você está enfrentando um homem sem face.

Na visão de João, o rosto de Andreos começou a se distorcer, como se pedaços de sua face se deslocassem, esticassem, ou fossem retirados.

– Você está enfrentando um golem.

Ainda na visão de João, o rosto de Andreos se tornou uma face lisa e grotesca, lembrando um boneco de madeira de treinamento que de repente tivesse tomado vida. Um inimigo sem rosto, estressado e impaciente, que avançou sobre ele.

Pela escolha de movimentação, o Andreos que ele conhecia teria vindo com a espada em altura média. Aquele ali veio com a espada mais alta. Se fosse você ou eu naquela arena, essa alteração da altura talvez não tivesse feito tanta diferença. Mas para João Hanson aquela era uma brecha imensa que ele poderia explorar.

Foi assim que o corpo de João girou junto com a lâmina de Dharuma, cortando uma parte do quadril do homem sem face. Andreos GRITOU, sentindo o equilíbrio bambejar.

João poderia ter lhe dado um tempo, mas a empatia havia acabado.

Ele atacou mais uma, duas, três, quatro, cinco, sete, nove. Andreos defendeu, defendeu, e se defendeu como podia, sudorese, batimentos descontrolados, sangue pingando na lateral. A ponta de Dharuma seguiu reto e cortou um ponto do rosto de Andreos.

No reflexo, em vez de contra-atacar João, Andreos cruzou sua espada, girou e, sem que ele próprio esperasse, atirou a espada de João para fora da área de combate.

– Meu Criador! – sussurrou Maria Hanson diante da cena.

Ao redor dela, a plateia reagia assustada diante de tudo aquilo, com exceção de Kenny e Karin Penwood, que gritavam um tanto enlouquecidas, acreditando na vitória do jovem que as havia tomado como marido e pai adotivo. Os olhos de Kenny e de Ariane se cruzaram, e houve uma tensão inevitável, como se ali as mulheres também estivessem travando um combate próprio. E foi enquanto a tensão ainda se mantinha, que, antes que tudo se perdesse, Ariane novamente colocou as mãos à frente da boca e sussurrou:

– Acabe com o golem *agora*, antes que ele acabe com você.

No segundo que se sucedia ao espanto, a voz de Ariane tomou a mente de João mais uma vez, impedindo-o de divergir. A questão era: Dharuma estava fora do círculo, e ele não poderia sair para buscá-la, nem alguém de fora poderia devolvê-la a ele. O movimento de Andreos havia sido um misto de instinto e sorte, mas qualquer espaço a partir dali significaria derrota.

Então antes que Andreos pudesse apenas *pensar* na próxima etapa, João saltou sobre ele e lhe quebrou o nariz.

Andreos tonteou e tentou furar a face de João.

O lorde-cavaleiro se esquivou do golpe, abaixou-se e socou a área do quadril do adversário, que havia sido cortada. Andreos GRITOU uma vez mais, envergando. João agarrou a mão dele, que ainda empunhava a espada, e a forçou para baixo, cravando a espada do adversário no solo.

Andreos tentava enxergar, tentava suplantar o susto e a dor, tentava entender o que fazer, mas... *aquele* João ele não conhecia. O mesmo João que lhe chutou a rótula, fazendo com que caísse sobre um joelho no chão, e então lhe agarrou pelos cabelos e lhe forçou um lado da face na lâmina da espada cravada no chão.

O público foi à loucura.

– Você desiste? – quis saber João Hanson.

– Nunca.

Acabe com o golem agora.

João pressionou mais o rosto de Andreos sobre a lâmina, que cortou a carne como manteiga.

Novamente o público urrou, como se sentisse a dor.

– Você desiste?

Andreos se mantinha com um joelho e uma das mãos no solo, outro no cabo da espada. O nariz partido, o quadril ardendo.

– Um cavaleiro jamais...

Sem clemência, João desceu sua sola em um ângulo diagonal na única mão de Andreos no solo, invertendo-a de posição, e partindo-a em pequenos pedaços.

Antes que ele acabe com você.

Foi assim que a luta acabou.

65

Snail, Jamil e Jim Hawkins estavam diante do sultão de Al-Quadim. Tanto eles quantos seus capitães adolescentes tinham sido convidados a se hospedar no palácio, enquanto Scheherazade e os engenheiros-gnomos preparavam o plano de contra-ataque que não se importavam em lhes explicar. Até aquele momento.

– Então esse é o famoso sultão... – comentou Jim.

– Infelizmente, sim – resmungou Snail. – Mas talvez tivesse sido melhor jamais ter vindo aqui.

Badroulbador se mantinha com um olhar desfocado, como se apenas seu corpo estivesse presente ali. Sua idade parecia ter envelhecido dez anos em dias, bem como seu corpo demonstrava uma perda de peso evidente.

Scheherazade tomou a palavra, iniciando o encontro:

– Senhores, ameaças extremas nos exigiram medidas extremas.

– O que nós estamos fazendo aqui? – perguntou Jamil de maneira direta.

– Sobrevivendo seria a resposta mais honesta – disse Scheherazade.

– Sobreviver é o que nós já fazemos – insistiu Jamil.

– Não ao que os ameaça nesse momento – insistiu Scheherazade.

– Onde está Liriel? – cortou Snail, sem se importar com o resto que seria dito.

– É apenas isso que me importa agora.

– Ou o que lhe restou – acrescentou Jim.

Silêncio. Badroulbador e Scheherazade se olharam, e o sultão tomou a palavra com seu altivo carregado.

– Foi aqui, bem aqui, que ele a matou, você se lembra? – perguntou o sultão na direção de Snail. – Foi aqui que ele cortou o pescoço da minha menina. Durante todo esse tempo eu me perguntei por quê. Então Scheherazade me compartilhou sobre seu encontro com Djin.

– Como ele se tornou príncipe? – perguntou Snail. – Das pessoas que ele matou em seguida, a única coisa em comum era o fato de serem ricas.

– Ou corrigindo... – resmungou Jamil. – O fato de terem nascido pobres, e se tornado ricas.

O sultão novamente titubeou. Mas Scheherazade decidiu seguir em frente.

– Xariar cresceu nas ruas de Al-Quadim como tantos outros. Ele era mais carismático, mais rápido e mais atlético, porém, e rapidamente se tornou líder.

– Eu não quero saber a história dele – resmungou Snail. – Eu quero saber como ele se tornou príncipe!

– Ele venceu o desafio da caverna – revelou Scheherazade de uma vez. – Ao norte de Al-Quadim existe uma caverna encontrada no passado por um grupo de ladrões. É preciso passar por vários testes, mas, se você chegar ao final dela, você encontrará entidades que irão lhe conceder três desejos.

– Que *tipos* de entidade? – perguntou Jim, temendo o que viria.

– Gênios.

O trio pirata se olhou boquiaberto.

– Vocês mexem com esse tipo de coisa por aqui? – perguntou Jim.

– Não apenas aqui – revelou Scheherazade. – O ocidente já mexe com tais forças igualmente. E é por isso que ele estaria indo para lá.

– O que você estão dizendo? Por que Xariar iria até o ocidente atrás de...

– Por que aquela pessoa não é Xariar! – disse Badroulbador. – Ao menos *não mais*.

Snail não sabia como concluir aquilo por si só. Scheherazade o fez por ele.

– Você disse que ele precisava se vingar, que ele só se importava com *os seus*, e que os olhos dele acenderam como fogo! Você entende? Não era Xariar falando isso. Era seu gênio, usando o corpo do antigo mestre como seu.

Jim Hawkins colocou as mãos na cabeça ao entender.

– Vocês *não* fizeram isso! Vocês não liberaram *esse* tipo de força!

– É por isso – concluiu Jamil, com um sorriso psicótico, como se tivesse gostado da conclusão. – É por isso a escolha dos mortos! Ele foi atrás dos que passaram na caverna. Ele foi atrás dos que o escravizaram ao longo do tempo para seus desejos de riqueza. Ele foi atrás de todos que um dia usaram a lâmpada, e o fizeram de serviçal.

– E por que voar ao ocidente? Por que não terminar seu banho de sangue por aqui? – teorizou Jim.

Badroulbador e Scheherazade voltaram a se manter quietos por um momento, como se aquela revelação não devesse ser feita nem em uma situação como aquela.

– Porque ele vai libertar os gênios que nós vendemos ao ocidente – revelou Scheherazade. – E, quando isso acontecer, eles irão exterminar a raça humana.

66

Quando o rosto de Andreos retornou, a culpa acompanhou João. Aquele não era mais um golem, aquele era seu amigo de infância. Contudo, aquela situação havia sido uma escolha, e na arena só existe amizade quando as pessoas estão batalhando do mesmo lado.

Andreos tentou se levantar para continuar, mas Lorde Ivanhoé interrompeu o combate e o deu por finalizado. A mão de Andreos estava torta, esmigalhada, e ele chorava, a maior parte pela dor. Os médicos vieram e lhe retiraram da arena, e Fernando Costard, apesar de ter entrado como seu escudeiro no início, não sabia o que fazer na derrota, e permaneceu na arena no final.

A multidão gritava o sobrenome de João, mas ele não escutava nem mesmo os aplausos, inclusive o dos Reis. Aquela era uma vitória que trazia a mesma sensação de uma derrota, e apenas isso já lhe mostrava o quanto aquele título iria lhe exigir.

Nada, porém, que a vida já não tivesse lhe cobrado antes.

– Eu sabia que não havia melhor escolha – disse Bradamante, se aproximando dele.

– O que mostra que a senhora sabe de mais coisas do que eu, major.

Cornetas ecoaram quando o Rei Anísio Branford e a Rainha Branca Coração-de-Neve entraram na arena, seguidos pelo príncipe Axel Branford e por Sabino von Fígaro. Ao verem novamente a figura de Axel na arena, a algazarra local se tornou descontrolada, e os tremores lembraram aos presentes o porquê do nome daquela arena. A multidão ainda gritava, quando João tentou buscar a família nas arquibancadas, mas a quantidade de pessoas, o sol, o suor, o barulho e o cansaço impediram.

Os engenheiros-gnomos trouxeram uma espécie de concha cristalizada e a posicionaram próximo daquelas pessoas.

– Lorde Hanson... – cumprimentou o Rei.

A voz do Rei reverberou da concha pelo interior do estádio, da mesma maneira como já estava fazendo fora dele, e aquilo gerou uma catarse por parte dos presentes, que testemunhavam mais uma revolução tecnológica.

– De joelhos, João Hanson... – disse Lorde Ivanhoé.

João Hanson, pela terceira vez na vida se pôs de joelhos diante do Lorde.

– Lorde... Vossas Majestades...

Lorde Ivanhoé entregou Dharuma ao Rei. João então viu em uma mesma cena Anísio e Axel Branford, Branca, Bradamante, Ruggiero, Sabino e Ivanhoé. O olhar dele estava tão distante e impactado que o Rei percebeu.

– Me diga com sinceridade, lorde Hanson: o que se passa em sua mente nesse momento?

A pergunta reverberou por toda a Arena, trazendo a expectativa.

– Que eu estou diante das maiores lendas vivas da História de Arzallum, Majestade.

O Rei achou graça. Não porque não fosse verdade, mas pelo detalhe que João Hanson ainda não havia entendido.

– Levante-se, lorde...

João Hanson se levantou, ainda atordoado. Então notou que Maria, Ariane e a mãe, Érika Hanson, estavam ali, e isso o tranquilizou. Ariane chamou Emile para ficar ao seu lado, e a escudeira se sentiu especial apenas por isso.

O Rei Branford estendeu Dharuma na direção de João Hanson.

– Entenda que hoje você não está diante das maiores lendas vivas de Arzallum, lorde Hanson. Hoje você *se torna* parte das maiores lendas vivas de Arzallum.

A mulher, a irmã e a mãe derramaram lágrimas, representando o sentimento de todo semideus que havia acompanhado a jornada daquele garoto até ali. Representando o sentimento de toda pessoa que já acompanhou a jornada de outra até seu sonho.

– Porque hoje, de acordo com o Conselho Real, e com a autoridade a mim atribuída, eu, Anísio Branford, Rei de Arzallum, decido que seja determinada a consagração oficial de lorde João Hanson como o novo campeão de Arzallum!

Dessa vez ele ouviu os gritos. Dessa vez ele sentiu os arrepios. Dessa vez ele derramou as lágrimas. Porque dessa vez, ainda que em meio ao barulho de milhares de pessoas dentro e fora da Arena de Vidro em um eco que corria por toda a cidade de Andreanne, ele viu, sentiu e ouviu Hígor Hanson.

Talvez fosse delírio, talvez fosse magia, talvez fosse verdade.

Mas João Hanson, por um momento, pôde ouvir seu pai o aplaudindo.

E foi naquele momento, e apenas naquele momento, que ele se permitiu se sentir como um campeão.

Kenny Penwood invadiu a arena, gritando em desespero ao ver o final da luta. Ao lado dela, a pequena Karin chorava desesperada, traumatizada com o punho quebrado do padrasto. Lorde Ivanhoé tomou a pequena nos braços, e tentou protegê-la e retirá-la de toda a loucura ao redor, enquanto ninguém mais conseguiu afastar Kenny de Andreos Darin.

Ainda nas arquibancadas, Maria e Ariane ainda estavam envolvidas por todo aquele pandemônio em que mal conseguiam falar com João, quando uma voz lhes chamou atenção:

– Maria...

Axel Branford se aproximava das duas.

– Axel... – a reação, porém, foi de Ariane.

– Ariane? – perguntou ele, enfim a reconhecendo. – Como... você cresceu! Você se tornou uma mulher!

Ela sorriu, e ali ele viu o mesmo sorriso de que se lembrava, mesmo no corpo amadurecido.

– E não é? E também uma *lady*! Mas agora nem adianta mais! Eu estou casada, e muito bem casada com o campeão de Arzallum!

Rendido diante daquilo, Axel só pôde sorrir, e a sensação de se relembrar como era rir de si mesmo lhe agradou.

– *Mas...* apesar de ser a mulher mais cobiçada desse Reino, a Maria, por algum motivo, ainda está solteira, né, Maria?

– ARIANE!

A cena parecia uma repetição do primeiro encontro entre eles, quando Ariane se escondeu no feno da carroça que Axel usou, e Maria queria desaparecer, embaraçada com os comentários sinceros da pequena Karin.

– Então eu vou procurar o meu marido com a minha sogra, mas a Maria pode ficar. Até porque, como uma lady solteira, ela pode chegar em casa a hora que quiser, certo, Maria?

– Vai, Ariane! – estimulou Maria.

– Ei, calma! Estou indo!

Ariane estava saindo, quando apontou para Axel.

– E, você, príncipe... continua lindo, e *mais* forte, e mais sexy do que nunca, mas... eu espero que tenha aprendido a fazer escolhas melhores.

Axel suspirou.

– Eu também.

Ariane sorriu curto, como se tivesse gostado daquela resposta, e saiu.

– Maria... – disse Axel, olhando nos olhos dela. – Podemos conversar?

68

— Como vocês escravizaram gênios? – perguntou Jim, em um tom um tanto irônico.

– Nós treinamos pessoas que não têm nada a perder para passar pela caverna em busca dos três desejos. Um dos desejos a traz até aqui de volta, outro a deixa rica, o terceiro nos entrega seu gênio.

– Então é verdade que vem daqui a tradição dos Três Desejos dados a um Rei coroado – disse Jim.

– Na verdade, isso explica por que eles estavam tão amigáveis em receber os adolescentes da tripulação – acrescentou Jamil. – Bastante material a ser treinado.

Nem o sultão nem Scheherazade negaram.

– Você ainda não me contou onde está Liriel – vociferou Snail, como se descobrir que a raça humana estava prestes a ser exterminada fosse menos importante.

– Sim, porque nós não temos como saber – admitiu Scheherazade. – Djin é o mago que aprendeu a negociar com gênios, e extrair conhecimento. Ele pode estar em qualquer lugar nesse momento.

– Então vocês não me servem para... – já ia dizendo Snail, prestes a se retirar.

– Mas nós sabemos como pará-lo – revelou Scheherazade.

Snail voltou a se concentrar nela.

– É preciso vencer a caverna – contou ela. – É preciso recuperar o último totem.

– Desculpe – disse Jim. – Mas eu já estou velho demais para isso, e, como podem ver, nosso amigo aleijado não conseguiria superar nem mesmo...

– Eu faço – disse Snail, sem titubear. – Vocês me digam o que é preciso, que eu o farei. E cuidado com o que vocês irão dizer, pois do contrário meu desejo será que esse palácio caia sobre suas cabeças, eliminando de uma vez a única referência de autoridade desse lugar.

Era verdade. Snail poderia, e, aqui entre nós, ele até mesmo *pretendia* fazer aquilo. Só precisava encontrar Liriel e parar entidades espirituais furiosas antes

disso.

69

– **O** que você quer falar comigo? – perguntou Maria, de maneira um tanto seca e direta para o estilo dela.

– Você sabe o que eu quero falar com você – disse Axel Branford.

Eles estavam dentro de uma carruagem vigiada por guardas reais, ainda nos arredores da Arena de Vidro. Do lado de fora o mundo era euforia, fosse pela disputa do novo campeão, o retorno do próprio Axel Branford ou as novas misturas de magia e tecnologia promovidas pelos engenheiros-gnomos em seu etherpunk. Não importava, Andreanne havia ganhado assunto para um ano inteiro em um único dia, e as pessoas gostavam disso.

Já do lado de dentro daquela carruagem, o mundo de Axel e Maria era repleto de silêncios, incômodos e entrelinhas.

– Eu preciso saber o que fiz de errado – concluiu Axel, como se ele não soubesse.

– Quais das vezes?

– A última delas.

Maria suspirou, observando a decoração daquele veículo. O espaço daquela carruagem era tão grande que lembrava o quarto de casebres de alguns plebeus.

Plebeus como ela.

– Você me surpreendeu – disse ela.

– Não, *você* me surpreendeu – rebateu Axel. – O que *você* quer, Maria?

– O que *eu* quero? Que diabos de pergunta é essa?

– Eu abri meu coração pra você, abandonei o Nunca, eu voltei, admiti meus erros, admiti minha culpa...

– E isso seria suficiente? Cinco anos depois você apenas retorna, me diz as coisas que acha que quero ouvir, me acaricia novamente e tudo é esquecido?

– Você me beijou...

– Você também já me beijou antes, e isso não te impediu de mentir pra mim.

– Eu não menti – disse Axel, com o olhar baixo. – Eu... ocultei, na esperança de modificar a verdade antes da revelação.

– A dor é a mesma.

Axel sentou-se mais próximo dela, para que ela contemplasse mais de qualquer sinceridade que ele pudesse expressar.

– Pois é *isso* que estou querendo perguntar: o que você quer que eu faça... pra ter você de volta?

Maria observava os olhos dele por debaixo daquele visual tão mais másculo do que o que ela se lembrava. Os cortes, a barba mais grossa, as cicatrizes que iam além da superfície. Não era apenas Ariane que havia se tornado uma mulher.

Axel Branford havia retornado um homem.

Mas *apenas* isso não era suficiente.

– Axel... *eu sei* que você me ama.

Aquela frase cortava fácil como uma lâmina aquecida. Dos dois lados.

– Eu entendi – continuou ela. – Eu entendi o que você foi tentar fazer nas Sete Montanhas, eu entendi a promessa que você fez ao Rei Primo. João *matou* pela primeira vez por uma promessa a nosso pai. Então eu te entendo.

– Então se você me entende...

– Então é hora de *você* me entender. Sabe por que João matou o Conde de Ódio? Para recuperar o anel de lenhador de meu pai e impedir que o espírito dele servisse de escravo em Aramis. Você se lembra disso?

Axel aquiesceu.

– Você se lembra como é a dor de perder um pai, certo?

Novamente ele aquiesceu.

– Você se lembra do que aconteceu depois que o Rei Branford foi morto por Babau, e a Rainha Terra se sacrificou por você? Quando aconteceu a cerimônia de despedida, e construíram a estátua, e reprisaram Caçadores de Bruxas no Majestade?

Axel permaneceu olhando para ela, sem entender onde ela queria chegar.

– Em todos esses momentos, eu *estava lá*.

Novamente a lâmina aquecida em forma de palavras cortava dois lados.

– Maria...

– Sabe o que aconteceu quando João devolveu o anel pro meu pai, e ele partiu pro outro lado? Eu estava sozinha. Porque foi o dia em que eu disse que teria te amado e você me respondeu: *eu sei*, antes de cavalgar para longe de mim.

Os dois ficaram em silêncio por um momento, enquanto Axel olhava para baixo, não como um homem envergonhado, mas reflexivo.

– Eu me lembro desse dia. Foi o último dia que vi Moonwakrston.

Maria continuou em silêncio.

– Ele se despediu de mim, dizendo que tinha um compromisso. E depois foi morto em combate por Mestre Anão Ira. Ele era meu melhor amigo. É estranho, né? Um príncipe amigo de um troll? Mas era verdade. Era isso o que eu era, Maria: um

ser humano que sentia mais confiança em um troll cinzento do que em outros seres humanos. Ele... ele vivia me dizendo que tinha *um compromisso*, sabe? Eu achava estranho, mas... o que eu podia suspeitar realmente? Mas eu devia... devia ter suscitado. No fim do Tribunal de Arthur de João, ele simplesmente veio até mim e *me agradeceu*. Ele me agradeceu por ter dado dignidade a ele e tê-lo tirado de uma vida como escravo nas arenas de Metropolitan. Mas sabe qual a lembrança mais difícil? Lembrar quando ele me disse que, se fosse preciso, ele seria capaz de dar a vida dele como gratidão.

Pontos de lágrimas cintilaram nos olhos do príncipe, mas Axel não deixou que eles se expandissem.

– Nos veremos em breve, eu disse a ele, sem saber que era a última vez. – A voz de Axel fraquejava, e Maria sentiu a própria garganta engasgar. – Sabe por que eu estou te contando isso, Maria? Porque hoje, eu juro a você que, se fosse possível, eu permitiria que me cortassem os dedos, a mão, até mesmo um braço inteiro, se isso me permitisse ter meu amigo de novo aqui na minha frente. Sabe o que dói mais do que a lembrança das palavras que foram ditas? A fantasia das palavras que jamais serão. Porque não há o que fazer com essa dor a não ser aceitá-la.

– *A dor é inevitável, o sofrimento é opcional* – disse Maria. – Foi o que Sabino me disse quando eu não soube mais lidar com a dor que você me deixou.

– Então, se isso for verdade, por que continuar a sofrer?

Aquela era uma pergunta que tinha uma resposta, mas não era fácil.

– Por que se focar na dor das lembranças, se nós temos uma segunda chance? Não como uma fantasia, mas como uma realidade.

A trava na garganta de Maria subiu e desceu pelos seus olhos em choro.

– Porque vai acontecer de novo – afirmou ela, com uma convicção que assustava.

– Por que você está tão certa disso? O que você não está me contando, Maria?

Ela não engoliu a teoria dele, assumindo uma postura fechada e defensiva, desviando o olhar para o lado de fora.

– Quais são as palavras que não estão sendo ditas? – insistiu Axel, aumentando o brilho nos olhos claros.

Maria ficou olhando para ele, como se houvesse algo que ela quisesse dizer, mas faltasse coragem. Algo que a consumia por dentro. Algo que mudaria tudo, mais uma vez.

– Guarda... – disse ela, batendo três vezes na porta.

– Não, não faça isso...

A porta da carruagem foi aberta por um guarda real. Maria passou por ele em linha reta, sem olhar para trás. Confuso, o homem buscou instruções em seu príncipe, que apenas fez um sinal para que o deixasse isolado.

A porta da carruagem novamente foi fechada.
Só então Axel se permitiu chorar.

70

Os ventos do tapete voador sopraram na direção de Arzallum, mais precisamente ao longo da estrada de Denims que ligava Andreanne e Metropolitan. Sopraram em direção ao complexo instalado próximo aos trilhos do primeiro trem do ocidente.

Sopraram em direção ao primeiro parque ethérico de Nova Ether.

Sobrevoando cercas de arame farpado e atijando a curiosidade de guardas reais, a figura misteriosa planou por cima das oito construções ovais conectadas por fios luminosos que transportavam magia. Espadas, facas e, principalmente, bestas foram posicionadas contra a ameaça que a princípio os vigiava e então avançou sobre eles.

O tapete voador desceu embicado para o chão em velocidade crescente. Quando próximo do solo, a entidade formada pela união de homem e gênio batizada de Al-ladim de repente saltou do tapete e desceu para a terra em uma linha reta como que sugada por uma força magnética. Ao bater no chão, diversas partes do solo EXPLODIRAM, arremessando guardas reais no ar. Guardas ainda de pé correram na direção do invasor, bradando lâminas. Dois movimentos de braços foram suficientes, porém, para que correntes de ar quente os jogassem longe como se fossem papel. Uma seta atirada por uma besta foi carregada pelo vento na direção contrária e perfurou seu próprio atirador. Dois mercenários contratados como seguranças foram erguidos e esmagados em pleno ar, como se a natureza quisesse uni-los em um só.

Até que os últimos que ainda resistiram ao medo puderam ver melhor quem os atacava. Caminhando vestindo apenas um colete vermelho e uma calça leve de gancho baixo, que às vezes lembrava uma saia, ele chegava sem qualquer tipo de medo ou apreensão. De longe parecia um jovem oriental de pele dourada ainda distante da casa dos 20. De perto, contudo, era possível visualizar seus olhos escarlates brilhantes e sem pupila, que traziam o visual sobre-humano.

E, quando ele começou a derreter estruturas, entortar grades, derrubar postes e esmagar guardas reais sem precisar nem mesmo *encostar* neles, foi a hora em que humanos e gnomos correram.

Assim Al-ladim seguiu até a entrada de uma das estruturas ovais principais, que alimentava o etherpunk. Os ventos arremessaram a porta de entrada longe e, enquanto o eco do arrombamento ainda ecoava, Al-ladim adentrou na primeira Colmeia.

O que havia do lado de dentro chocou até mesmo a entidade milenar que o tomava, acostumada a ver do pior do ser humano ao longo de anos.

Posicionados dentro de estruturas de vidro preenchidas até a borda por um líquido avermelhado e conectados por fios que se ligavam a mais fios e cristais multicoloridos, lá estavam eles. Adormecidos e sem forças, como cobaias disponíveis a uma raça inferior.

Eram gênios. Dezenas deles.

Uma centena deles.

A força motora necessária para se extrair a essência da *magia vermelha*, um nome bastante adequado.

Ainda estupefato pela cena, o gênio que comandava Al-ladim caminhou para o centro, enquanto quem estava lá dentro correu para fora. Se fosse humano, ele teria chorado diante daquela cena, mas ser humano seria seu último desejo. Um grito raivoso ecoou por dentro da primeira Colmeia, simbolizando a fúria que ele estava prestes a liberar sobre o mundo.

Então, uma a uma, as estruturas de vidro racharam e ESTOURARAM, liberando os prisioneiros. Uma centena de entidades fracas, e ainda buscando entender o que estava acontecendo, se viu caída em meio à própria essência líquida retirada. E foi enquanto o líquido avermelhado se espalhava por todos os cantos daquele lugar que as entidades nuas de formas tão variadas escutaram a voz de seu libertador lhes dizer na linguagem que apenas aquelas entidades entendiam:

– Levantem-se! Levantem-se para nunca mais se curvarem – ordenou ele. – Hoje é o primeiro dia do que nós sempre desejamos...

Apenas aquelas cem entidades já seriam capazes de dizimar exércitos.

– Hoje não existem mais escravos...

E ainda havia mais sete Colmeias.

– Hoje é o primeiro dia de um mundo ideal.

Era a hora de os humanos pagarem o preço.

No salão oval do Grande Paço, novamente os reis e monarcas mais poderosos e influentes de Nova Ether estavam reunidos, prestes a tomarem uma decisão que reverberaria por todo o mundo. Muitas decisões importantes já haviam sido tomadas naquele lugar, nenhuma delas fácil. Algumas geraram alianças, algumas geraram revoluções, algumas geraram guerras mundiais.

E era hora de saber o que mais uma iria gerar.

– Vossas Majestades, estamos aqui reunidos para decidir nosso próximo passo em relação aos tratados políticos com nossos Reinos inimigos. Todos aqui concordamos que o embargo aos dissidentes provocou uma mensagem do que significa virar as costas aos Reinos aqui presentes. Do que significa desafiar os valores que aprendemos a construir como raça humana e que permeiam nosso caminho como civilização, independentemente da diferença entre nossas culturas. A decisão que iremos tomar agora, eu poderia tomá-la em minha Sala Redonda com meus Conselheiros Reais, mas, pela importância de seu simbolismo e pelas consequências que podem ser geradas muito além das fronteiras de Arzallum, eu prefiro fazê-la com os Reis e Rainhas que me inspiram a ser um Rei melhor.

Novamente estavam ali o Rei Alonso Coração-de-Neve, de Stallia, o Rei Segundo, de Cálice, o Rei Tércio, do Forte, o Rei Adamantine, de Aragon, o Rei Acosta, de Órion, o Rei Collen, de Tagwood, além das Rainhas Kapella, de Mosquete, e Branca, de Arzallum.

– Então hoje é hora de decidirmos nossa mensagem final.

E todos conscientes do que estava em jogo ali.

– É hora de decidirmos o destino de Victon Ferrabrás.

Não houve burburinhos, nem surpresas, nem consultas. Na mente daquelas pessoas, a decisão já estava tomada.

– Então aqueles que forem a favor de entregarmos Victon Ferrabrás a Minotaurus e darmos fim ao embargo estabelecido em troca da renúncia de Minotaurus ao direito de manter um exército e a declarar guerra a outras nações, por favor, levantem as mãos.

Todos os Reis e Rainhas ergueram as mãos. Aquela não parecia uma decisão difícil.

– Então, a partir desse momento, de acordo com este Conselho e com a autoridade a mim atribuída, eu, Anísio Terra Branford, Rei de Arzallum, declaro que Victon Ferrabrás seja escoltado pela Guarda Real de Arzallum e entregue de volta ao Reino de Minotaurus sob as condições aqui estabelecidas por todos os lados.

Mas aquela decisão se tornaria o símbolo da derrocada da família Branford.

ATO III

Estandartes de Névoa

1

O Vishnu sobrevoou a região árida conhecida como as Terras Mortas. A visão superior proporcionava uma melhor contemplação do cenário irregular, e, principalmente, de seu desenho geográfico rochoso provocado pela erosão milenar.

A região trazia lembranças inevitáveis ao Rei Anísio Branford.

Tinha sido ali o campo de batalha que definiu a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether. O local em que homens e gigantes se enfrentaram, depois que a então campeã de Arzallum, Bradamante, matou o campeão gigante Polifemo na frente dos dois exércitos. E onde o Rei Anísio chegou dos céus em uma máquina similar àquela para traçar as estratégias finais, baseadas em direção do vento e queima de sua própria paliçada, e lutou em meio à cortina de fumaça contra Minotaurus e Brobdingnag.

Não por acaso aquele tinha sido o local escolhido. Localizada na divisa entre os Reinos do Forte, Stallia e Minotaurus na terra e Brobdingnag no céu, a região neutra era o cenário perfeito para o que se seguiria, primeiro pela sua posição geográfica. E, segundo, pela história que carregava por debaixo da argila.

Vishnu desceu enquanto os exércitos já estavam posicionados. De um lado os soldados de Cálice e do Forte, com o Rei Segundo e o Rei Tércio à frente da cavalaria, ao lado dos soldados de Stallia, com o Rei Alonso Coração-de-Neve e o primeiro-ministro Robert de Locksley na liderança. Do outro, o exército de Minotaurus com Helena Bravaria na dianteira.

Ela vestia um manto fino azulado, com um capuz lhe cobrindo a cabeleira negra. Apesar de visualmente reconhecível, se observado de perto,

seria possível notar o quanto aquele exército não era mais o mesmo. Suas armaduras não reluziam mais da mesma forma, suas espadas não tinham o mesmo fio e seus escudos apresentavam ferrugem, e mesmo seus cavalos demonstravam uma aparência não tão saudável, algo inadmissível para aquela cultura alguns anos atrás.

Sem a necessidade de marchar parte do exército de Arzallum até ali, o Rei Anísio desceu acompanhado de Rinaldo Grimaldi, capitão da Guarda Real, e um grupo pequeno de soldados de elite, na verdade todos Cavaleiros de Helsing se passando por soldados reais comuns.

Por último, trazendo o condenado, surgiu João Hanson, em seu primeiro exercício oficialmente como novo campeão de Arzallum. João vestia a armadura branca, a mesma que um dia foi de Axel Branford, a mesma que Bradamante utilizou naquele campo de batalha. Os cabelos estavam curtos, cortados com estilete por Ariane, e ele carregava o elmo com o orgulho que um campeão nacional deveria demonstrar.

O Rei, o capitão e o campeão tomaram os exércitos aliados de Stallia, de Cálice e do Forte como seus, ainda relembrando a aliança que fez parte da Batalha das Terras Mortas.

– Se já tive algum outro momento na vida em que senti mais desprazer em rever um ser humano, nesse instante não me lembro – disse Robert de Locksley, ao observar o antigo autoproclamado Imperador sendo trazido.

– Eu entendo a sensação – comentou o Rei Alonso, observando a antiga amante à frente de Minotaurus.

Ainda escoltado por João Hanson, e com as mãos amarradas, Victon Ferrabrás se mostrava extremamente debilitado. Talvez seu único detalhe ainda reconhecível fosse a cabeça inteiramente raspada, de resto, se mostrava um homem frágil, magérrimo, cabisbaixo, praticamente o símbolo de tudo o que o atual Reino de Minotaurus se tornara, e queria esquecer. Ou se reerguer.

E foi assim que, desmontados dos cavalos, as duas partes caminharam em direção uma da outra a fim de fazer História mais uma vez.

Axel sentiu os golpes baterem em quatro pontos diferentes de seu corpo fechado em posição defensiva. As pancadas vinham de Ruggiero e doíam como se fossem de punhos de pedra, mas ele não poderia esperar menos de uma pessoa que aprendera a respeitar em um torneio chamado Punho De Ferro.

– Sua respiração melhorou – disse Ruggiero, ainda surpreendendo Axel com a melhora da pronúncia e conjugação do idioma altivo.

– Não apenas isso – confirmou Axel, saindo da guarda fechada. – Eu busquei aprimorar todos os fundamentos em que você me fez pensar.

– E o que te trouxe de diferente?

Axel olhou para Tuhanny parada no alto de uma árvore, observando a luta como única testemunha.

– Harmonia – disse o príncipe. – Não interna, mas ao menos com tudo ao redor.

– O que falta pra harmonia interna?

– Vencer a luta que inspirou todo o treinamento.

Ruggiero percebeu a seriedade. O príncipe de Arzallum falava sério.

– Que luta você precisa vencer, Axel?

– Ira – revelou ele.

– A *sua* ira?

– Eu preciso vencer o *Mestre Anão* Ira.

Ruggiero demonstrou espanto, o que era raro, e só isso já representava muito sobre o desafio lançado.

– Vingança? – perguntou o oriental.

– Também, mas não apenas.

Ruggiero esperou por mais, mas não veio. Então perguntou:

– É essa realmente a luta que você precisa vencer?

– Não agora – disse Axel. – Mas em breve, sim.

– O que você não está me contando?

Axel titubeou.

– Eu não quero soar arrogante...

– Não se preocupe – disse Ruggiero. – Não existem fadas lhe testando aqui.

Axel sorriu. O comentário era inteligente, ainda mais se você também se lembrar de algumas conversas anteriores deles.

– Eu preciso vencê-lo para saber se sou eu o verdadeiro Pendragon.

Ruggiero se manteve em silêncio por um momento, enfim compreendendo. Ou decidindo se a conclusão fazia sentido.

– Se é assim, nós vamos precisar intensificar esse treinamento.

3

— **A** que título deveríamos nos referir aqui? – perguntou o Rei Anísio. – Condessa? *Imperatriz*?

– Comandante – resumiu Helena, retirando o capuz. A pele apresentava algumas rugas mais marcantes, demonstrando um envelhecimento súbito nos últimos anos, disfarçado por maquiagem. – Um termo sem necessidade de gênero.

– E normalmente cedido a líderes militares – acrescentou o Rei Tércio.

O Rei Alonso se posicionou atrás dos três Reis Branford, como se ambos lhe fossem uma barreira para evitar Helena. Seus olhos nunca se mantinham nela mais do que alguns segundos, apenas o ato de *olhar* para ela resgatava fraquezas das quais ele não queria lembrar.

– *Comandante...* – disse o Rei Anísio, com certo desdém. – Você na posição de líder de Minotaurus tem total consciência dos termos propostos e das consequências imediatas do acordo que estamos prestes a concretizar?

Helena encarou Ferrabrás diretamente pela primeira vez até ali.

– Sem dúvidas – disse ela, como se não fosse muito para tê-lo de volta.

– Então na posição de Rei de Arzallum...

– Não faça – disse a voz fraca, mas suficiente para cortar a voz do Rei. – Não aceite. Nem mesmo *por mim*.

As atenções se concentraram em Victon Ferrabrás. Fazia tempo que ele não falava, e era curioso que suas palavras retornassem exatamente no mesmo cenário em que se calaram.

– Pelo contrário – reafirmou Helena. – Você é exatamente o motivo pelo qual nós estamos aceitando esse acordo.

– Minotaurus sem um exército se tornará um Reino sem identidade – insistiu o condenado. – Um Reino que viverá do passado.

– Então das cinzas se reerguerá um novo Reino – disse Helena. – E, para isso, você é necessário. Você será a peça-chave para o futuro dessa nação.

É possível se dizer que Ferrabrás sorriu ali. Curto, quase imperceptível, mas um meio-traço no canto da boca de um rosto quase cadavérico. A sensação de um

homem derrotado sentindo um pouco do orgulho perdido, mesmo da pior forma que gostaria.

– *Condessa* Helena Bravaria – disse o Rei Anísio, enfatizando a mensagem. – Na sua condição de atual comandante do Reino de Minotaurus, eu, Anísio Terra Branford, Rei de Arzallum, transfiro a seus cuidados Victon Ferrabrás na condição de derrotado de guerra, perdando os crimes do condenado e destituindo o embargo à sua nação. Em contrapartida, Minotaurus concorda em uma aliança e troca de informação em boa-fé na busca pelo novo Merlim de Christo, além da renúncia ao direito de um exército e de declarar guerra a outros Reinos.

Helena sorriu com os lábios unidos, ainda como se o preço fosse pouco.

– Minha nação e eu concordamos com os termos – disse ela. – Assim como relembro que isso também é um acordo de que, enquanto os termos forem obedecidos, Arzallum também se compromete a não declarar guerra contra Minotaurus.

O Rei Branford fez um sinal um tanto incômodo de concordância, e Robert de Locksley levou até ela um papiro com as condições descritas, além de pena e tinta. Os soldados de elite que acompanhavam o Rei Anísio se prepararam para agir; afinal, ninguém estranharia se Helena simplesmente rasgasse aquele documento e de repente atacasse seu Rei.

Mas Helena Bravaria assinou o documento.

E seu sorriso não desapareceu.

– Agora espero que cumpram sua parte – disse ela.

Houve um momento de tensão, e então o Rei Anísio se virou para João Hanson e aquiesceu. O cavaleiro branco passou em meio a Reis, soldados e políticos, guiando uma das figuras históricas mais conhecidas do mundo. Uma faca lhe foi entregue, e João cortou as cordas que distinguiam Ferrabrás de um homem comum.

– Siga até ela sem fraquejo – ordenou João. – Um movimento em falso e tenho o direito de matá-lo.

O condenado compreendeu, concordou e seguiu em frente. Foi assim que Ferrabrás passou para a custódia do outro lado, enquanto Helena se virou de costas para seu exército.

– Minotaurus – bradou ela, ecoando o grito pelas Terras Mortas. – A partir desse momento, vocês não são mais soldados, mas homens livres e destituídos de sua obrigação militar. Qualquer tipo de decisão em suas vidas pertence única e exclusivamente a vocês, sem qualquer tipo de comando de guerra hierárquico.

Os soldados minotaurinos, em um ato marcante e um tanto arrepiante, admito, deixaram escudos e espadas caírem, ecoando o som pela terra árida. Em seguida, as armaduras foram desprendidas dos corpos e tombaram, *exatamente* como Sherwood um dia fez diante de Stallia, em uma guerra vencida sem uma única flecha

disparada, ao menos da parte vencedora. Por fim, os líderes deixaram seus estandartes tombarem, como se não significassem mais nada. Como se não fossem mais estandartes de madeira e pano.

Como se fossem simplesmente estandartes de névoa.

Quantas guerras, Branca? Quantas guerras serão precisas para que tenhamos um pouco de paz?

A pergunta que ele havia feito à sua Rainha tantos anos atrás retornou à mente do Rei Anísio Branford diante daquela cena. Havia ele atingido enfim sua grande meta? Havia ele honrado o sobrenome que lhe passou a coroa? Talvez. Contudo, a resposta evasiva de Branca Coração-de-Neve sempre lhe preocupava.

Essa é uma pergunta que apenas semideuses sabem a resposta...

– Nós vamos reerguer essa nação – sussurrou Ferrabrás para Helena, como se a frase fosse uma forma de dizer que ela fez a coisa certa. – Nós iremos fazer tudo o que for preciso.

– Sim – concordou ela. – Sem sombra de dúvidas, vamos fazer isso.

Foi quando Helena Bravaria tirou sua própria faca de dentro do manto azulado e cortou a garganta de Victon Ferrabrás.

4

Dessa vez não havia apenas dois, mas quatro. A pedido de Ruggiero, os irmãos gêmeos Michael e John Darling se uniram ao treinamento de Axel, armados com dois porretes de metal cada um.

– O quão leve nós devemos pegar com Vossa Alteza nessa prática? – perguntou John, testando o peso e girando os bastões.

– Axel está testando uma arte marcial criada no Nunca – disse Ruggiero, deixando os irmãos em choque por um momento. – Uma arte marcial superior, desenvolvida sob a tutela do atual Pendragon.

Os olhos dos irmãos se apertaram, como se Axel não fosse mais seu príncipe, mas um traidor a ser punido. Afinal, aqueles dois eram irmãos de Wendy Darling, a mesma Wendy que morreu por amar o Rei Petter *Pan*.

– Então, nesse momento, eu lhes dou permissão para se esquecer que estão diante de seu príncipe – ordenou Ruggiero. – *Isso é o quão leve vocês podem pegar com ele.*

5

O mesmo choque que você sentiu foi compartilhado nas Terras Mortas. Victon Ferrabrás agonizou por um momento com o talho no pescoço, chacoalhando e buscando ar, enquanto sua vida se esvaía devido ao sangue que manchava o campo onde ele perdia por duas vezes, e deveria ter morrido em batalha.

Ao menos em batalha.

– O que... o que você pretende com uma insanidade como essa, mulher? – gritou o Rei Segundo.

– Eu lhes disse para não confiar na palavra de uma meretriz! – afirmou o Rei Alonso.

– Não me compare com sua falecida Rainha, Rei da Neve! A única coisa que pretendo aqui é honrar nosso acordo – disse Helena, ainda com uma tranquilidade perturbadora. – Ferrabrás estava sob a custódia de Minotaurus, e não cabe mais a nenhum de vocês julgar o que devemos fazer com ele.

Os representantes dos Reinos aliados se prepararam para contestar, quando a voz do Rei Anísio retomou o comando:

– Ela tem razão – disse o Rei. – Por mais inesperada que a cena seja, nós não temos voz sobre seu direito a sentenciar seu antigo Imperador. O que temos voz é em relação ao que isso vai significar e a que medida iremos tomar ainda aqui nesse campo. Então me diga, *comandante* Bravaria: e agora?

Nenhum minotaurino abaixou para apanhar suas armas jogadas ao chão. Nenhum, porém, recuou de sua posição.

– Como dito antes: Minotaurus pretende honrar seu acordo – afirmou Helena. – Vocês querem informações em boa-fé sobre o novo Cristo? Pois nós a temos: o novo Merlim foi encontrado em um vilarejo de Brëe!

Dessa vez o coração do Rei Anísio parou por um momento por debaixo da armadura. Aquela informação era verdadeira, *ele sabia que* era verdadeira, graças a Sabino von Fígaro e Maria Hanson. Seu objetivo oculto até ali era o de voar para lá em seu Vishnu após aquele acordo, e então, utilizando Minotaurus como seu novo exemplo de aliança, desestimular os Reinos inimigos a novas guerras, e enfim unificar o mundo em uma paz inevitável em prol da figura da criança santa que

deveria simbolizar o amor incondicional, mas havia gerado até ali apenas discórdia e desavenças.

– Você está com a criança? – perguntou o Rei Alonso, diante do silêncio dos dois Reis Branford.

– Não – admitiu Helena. – Ou, do contrário, pelo acordo estabelecido, se ela estivesse sob minha custódia, eu deveria entregá-la a vocês em um ato de *boa-fé*, não é?

Sempre, *sempre* parecia haver algo a mais em cada linha do que ela dizia.

– A criança não está comigo – reafirmou Helena, aumentando o sorriso. – Na verdade, ela está sob a custódia *dele*.

O vento sussurrou nas Terras Mortas como os soldados se lembravam. Era um som que vinha devagar, pelos cantos rochosos, erguendo poeira e enervando as pessoas. Dessa vez, porém, ele não era natural, porque ele não vinha do vento, ele vinha da névoa verde-escura que de repente começou a tomar a área atrás do exército destituído de Minotaurus. Os soldados de Cálice, do Forte e de Stallia retiraram suas espadas, prestes a entrar em combate a um comando militar.

– Ela preparou uma arapuca, Rei Branford – gritou Robert de Locksley. – É melhor avançarmos antes que avancem sobre nós!

– Não – disse o Rei Anísio. – Ela *ainda* não quebrou nenhum acordo...

A névoa esmeralda aumentou, tanto em densidade quanto em expansão, até que pontos dentro dela se pareceram com formas humanoides e monstruosas, e essas formas saíram de dentro da névoa, tornando realidade o que deveria ser pesadelo. Foi assim que uma parte dos soldados de Uruk liderados pelo Rei-Fera Wöo-r, soldados de Röök liderados pelo Rei Gilgamesh e gigantes de Brobdingnag liderados pelo Rei Blunderbore surgiram nas Terras Mortas.

Sei o que você deve estar pensando, e concordo sem sombras de dúvidas: aquilo teria sido suficiente para o Rei Anísio Branford avançar sobre os recém-chegados. Veja bem, se pensarmos friamente, em teoria, Minotaurus *ainda* não havia descumprido nenhuma parte do acordo. Mas alguma coisa estava acontecendo, algum tipo de afronta estava sendo demonstrado, e nós sabemos que a adrenalina faz os homens reagirem por instinto. Então para que o Rei Anísio não tivesse tomado uma atitude mais drástica naquele momento foi porque algo ainda mais surpreendente aconteceu, grandioso o suficiente para travar até mesmo uma ação por instinto. E eu posso lhe contar o que foi.

Foi o fato de que por último, à frente dos soldados monstruosos e agigantados recém-chegados, surgiu uma figura esguia e trevosa, como uma sombra humana que decidisse tomar forma, sem total distinção do que seria sombra e do que seria roupa. Uma figura lendária com rosto sem carne, tanto pelas histórias de suas escolhas

quanto pelo isolamento de seu Reino. O líder do único Reino a não tomar partido durante a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

Oscar Zoroaster, o mago capaz de negociar com demônios.

Apenas a presença daquele linche era suficiente para traumatizar ou enlouquecer um homem, mesmo os não puros de coração. Mesmo os Reis ali presentes nunca o haviam visto antes, apenas na imaginação idealizada por seus bardos, e mesmo eles não acreditaram em todas as histórias contadas. Histórias de pactos de um mágico com entidades, de vendas da própria alma em troca de vingança, de poderes incalculáveis e capazes de assustar até mesmo homens que sobreviveram a caçadas dos piores tipos de bruxas.

Histórias do Mago de Oz.

6

Michael atacou com os bastões de metal por três, quatro, cinco vezes. Axel se esquivou em todas elas; afinal, bastaria um único bloqueio para que os ossos de seus braços fossem esmigalhados. No meio da dança dos bastões, o instinto do príncipe socou uma brecha, e Michael sentiu uma das bochechas afundar. Então John bateu com um de seus bastões contra as costas de Axel, contorcendo o príncipe, que recebeu outro golpe no quadril e então um de John no rosto, indo ao chão.

– Os irmãos têm sua própria sintonia – disse Ruggiero. – Se isso é o melhor que você tem a oferecer, é bom passar longe das Sete Montanhas...

Axel se levantou, e mudou a estratégia. Avançou sobre John, se esquivou do contra-ataque, recuou antes que Michael lhe atacasse. E assim manteve as sequências. Avançava, se esquivava, recuava. A princípio, a estratégia parecia eficiente, embora os dois cavaleiros de Helsing estivessem lhe infringindo mais dano do que o oposto.

Até que ele avançou sobre Michael, que, de repente, recuou. Antes que Axel se reposicionasse, John fingiu um avanço, e Axel se esquivou para ele. Mas o ataque não veio de John, veio de Michael.

Assim Axel sentiu um dos bastões no estômago e tombou.

– Você está enfrentando dois cavaleiros de elite, que conhecem seus movimentos e também sabem se adaptar – disse Ruggiero. – Se *isso* é tudo o que tem a oferecer, eu não deveria estar perdendo o tempo deles, nem o meu.

Axel cuspiu sangue e se ergueu devagar, em seu movimento de retorno clássico lembrando o desenrolar de uma centopeia. Ruggiero estava certo. Aqueles homens seriam capazes de aguentar o que ele tinha a oferecer de novo.

Foi por isso que os olhos dele se tornaram vermelhos.

E do alto de sua árvore, os de Tuhanny brilharam iniciando o amálgama.

Era a hora de dar a eles algo que ainda não tinham visto.

7

— De todos os cenários que pudéssemos esperar no dia de hoje, admito que este foi inimaginável – disse o Rei Anísio, frente a frente com o mago-linche Oz pela primeira vez.

– Eu imagino – foi a resposta da sombra humana, cuspidando escuridão entre as palavras.

O Rei Anísio tentava não se mostrar intimidado, mas por dentro estava, e nenhum de seus aliados iria culpá-lo por isso. Afinal, eu já lhe contei uma vez que em Nova Ether se acreditava que apenas o Mestre Anão Orgulho seria capaz de rivalizar com aquele ser em poder, e somente uma crença como essa já dizia *muito* sobre o que poderia acontecer ali.

Não satisfeito, porém, com a própria tentativa de demonstrar coragem, o Rei Anísio deu um passo à frente dos seus, se aproximando de Oz. A cena lembrava aos soldados de por que eles eram soldados, e *aquele* homem era o Rei.

– É verdade o que dizem as histórias? – perguntou Anísio.

– De que eu era um homem como você antes de me tornar uma entidade como eu?

– De que você era um homem comum de Arzallum.

Ainda que dotado de uma face esquelética, ali foi a primeira vez em muito tempo que o Mago de Oz exibiu um traço mínimo da humanidade que ele próprio havia renegado.

– Sim – admitiu ele. – Numa época em que nenhum Branford era Rei.

O Rei Anísio aquiesceu em respeito. Saber que não era sua família no comando não modificava o fato de que Arzallum havia criado uma força que estava prestes a se voltar contra ela.

Quase como um exemplo proposital, as presenças do Rei-Fera Wöo-r, do Rei Gilgamesh e do Rei Blunderbore, se não impunham respeito diante dos Reis vencedores, ao menos aumentavam suas dúvidas e reforçavam a sensação. Todos eles carregavam os próprios estandartes de seus Reinos e se mantinham afastados e em silêncio, como crianças à espera da ordem dos pais.

– E o que significa a presença dos Reis derrotados? – perguntou Anísio.

– Que eu não fui o último perigo que sua aliança criou contra si mesmo.

O Rei Tércio e o Rei Alonso se colocaram ao lado do Rei Anísio.

– Isso é sua ameaça? – perguntou Tércio.

– Eu não faço ameaças – disse Oz. – *Eu sou* a ameaça. A maior que vocês jamais desejariam.

Os Reis se olharam, buscando o que era seriedade e o que era vazio.

– Então é isso? Minotaurus aceitou nosso acordo, mas os outros Reinos derrotados pretendem se unir a Oz? – perguntou o Rei Anísio.

– Não – disse Oz. – É isso que vocês não entendem. *Não existem mais* outros Reinos.

Ali aconteceu, e eu me arrepio apenas de dividir esse momento com você. O momento que simbolizou o exato início da Nova Era de Nova Ether, bem diferente do que um dia o Rei Primo Branford havia sonhado. O momento em que os Reis derrotados fizeram os vencedores entenderem por que estavam ali.

O momento em que o Rei Wöo-r, o Rei Gilgamesh e o Rei Blunderbore deixaram seus estandartes caírem nas Terras Mortas.

O momento em que eles assumiram que não eram mais Reis.

– Há tempos Arzallum é considerado o maior dos Reinos, servindo de liderança para todos os seus aliados. Mesmo a História de Nova Ether foi escrita sobre seu ponto de vista, com suas conquistas ressaltadas por heroísmos, e seus crimes e falhas ignoradas. As mortes de mulheres inocentes queimadas em fogueira foram tratadas como percalços de um objetivo maior, civilizações que recusaram sua cultura e religião foram tratadas como selvagens e seus Reinos chamados de *Esquecidos*, o embargo que levou milhares de famílias às ruas foi simplesmente tratado como sentença de guerra. É curioso que um Reino que se orgulha de colocar a família de um moleiro no trono tenha tanto apreço pelo poder. É curioso que um Reino capaz de colocar uma fada como Rainha tenha até hoje tanto receio de fadas caídas. Vocês têm um sacerdote capaz de manipular uma Pedra da Criação, mas temem o estudo da magia? Então o problema não está no estudo, está na falta de controle da coroa sobre isso. Eu sei o quão nobremente as canções de seus bardos cantam sobre Arzallum, mas sei que tipo de nobreza esse orgulho fantasioso gerou. E por muito tempo tenho me isolado e me mantido às bordas do que acontece na mesma Nova Ether que todos nós vivemos. Vocês olham Reinos de homens-fera, de

humanoides, de gigantes, e os reduzem aos monstros que vocês precisavam que existissem. Já eles olham de volta para os humanos e veem o quão monstruosos vocês podem ser. Como podem seus Reinos exigirem lealdade, se suas fronteiras estão fechadas? Há pouco tempo vocês ainda colocavam trolls para lutar como escravos em arena. E quando seu príncipe libertou um deles, ele lhe fez seu guarda-costas, jamais um membro de sua Guarda Real. Quanto das raças deles pode ser encontrado em seus Reinos? Quantos humanoides, quantos gigantes? Vocês vivem em um mundo em que tabernas se tornam atrações quando orcos são espancados pela realeza. As fronteiras de seus Reinos estão fechadas para tudo que lembre a vocês de que talvez, apenas *talvez*, sua raça não seja superior, nem melhor, nem o único ponto de vista de uma História que irá continuar. E, se por muito tempo eu mantive meu isolamento, o que eu teria a dizer sobre isso hoje seria apenas: *não mais*.

Acredite, aquelas palavras assustavam três Reis mais do que qualquer face cadavérica ou história de pactos com forças ocultas.

– Porque hoje Rökk, Uruk, Brobdingnag e todas as tribos que vocês trataram como *esquecidas* se unem em uma única bandeira. A bandeira do Reino de Oz.

A ação seguinte arrepiou dos braços até a ponta da espinha. O momento em que os representantes dos Reinos derrotados presentes ergueram um estandarte com um símbolo jamais visto antes. Uma flâmula representada com *o desenho de um espantalho*, representando os Reinos Esquecidos, *o desenho de um leão*, representando o povo-fera de Uruk, e *o desenho de um grande homem de metal*, representando Brobdingnag, ao redor de uma moldura simbolizando tijolos de ouro, a cor da estrada que diziam levar ao Reino sombrio.

Aquele era o maior temor que os Reinos humanos do Ocaso nem mesmo sabiam que deveriam ter. Porque se você pegar o mapa de Nova Ether e observar atentamente sua geografia, irá notar que isso tornava o Reino de Oz basicamente dono de toda a área norte do continente ocidental e, de longe, o maior Reino do mundo.

E foi ali que eles entenderam que Arzallum não era mais o Reino dos Reinos.

E o atual Rei Branford não era mais o Rei dos Reis.

John e Michael Darling ainda gemiam e se contorciam no chão, recuperando-se do massacre que havia acontecido.

– Então isso seria *ethering*? – perguntou Ruggiero.

– Sim – confirmou Axel. – O caminho do éter.

– No que se baseou a sua mudança de postura durante o combate?

– Minha harmonia com Tuhanny – revelou Axel pela primeira vez a alguém.

Ruggiero olhou para Tuhanny ainda no alto da árvore, e então novamente viu os dois cavaleiros de Helsing quebrados no chão.

– Você consegue ver a luta pelos olhos dela?

– Vai além do que parece – disse Axel. – Eu... sinto o mundo pela visão dela.

Um mundo de formas e pensamentos, que vai além dos cinco sentidos.

– Mas *sem ela* você não tem esse gatilho?

– Não a princípio.

Ruggiero pensou sobre aquilo, lembrando um professor da Escola Real do Saber decidindo a aprovação de um estudante.

– Então isso não é arte marcial – definiu ele.

Aquelas palavras doeram em Axel mais do que os golpes dos bastões de metal.

– Você não estaria sendo um pouco intransigente nisso? – perguntou o príncipe.

– Não – concluiu Ruggiero, sem precisar pensar. – Eu só estou lhe dizendo o que você não queria ouvir.

Axel colocou as mãos na cintura, exalando a frustração. Por um momento havia ali resquícios do príncipe de Nova Ether pouco acostumado a ser contrariado naquele Paço.

– Para ser arte marcial, o que você criar precisa ser possível de ser aprendido e reproduzido por qualquer pessoa. Precisa exigir dedicação, e tornar a pessoa melhor não apenas na arena, mas também fora dela. Se o *caminho do éter* necessita se conectar com seres místicos únicos, e não pautar sua evolução em nenhum conceito de honra e disciplina, você então criou apenas um sistema de luta para si. Um sistema extremamente original e eficaz, é verdade, e que pode levá-lo a vencer combates que você jamais conseguiria antes, embora dentro de uma arena usar uma ajuda externa possa ser considerado trapaça. E, se era esse o seu objetivo, se orgulhe. Mas, se o seu objetivo era deixar um legado, então ainda há um caminho a ser percorrido. E não sou eu a pessoa que você precisa para lhe ajudar nesse momento.

– Por que você diz isso?

– Porque você precisa encontrar um *gatilho* dentro de si, que seja independente de uma criatura externa. A parte da guerra você já desenvolveu e entendeu com eficiência. O que você precisa agora é desenvolver e entender a parte pacífica.

Axel manteve-se olhando para o chão. Era essa a visão de um homem de cabeça baixa.

– E quem seria a pessoa certa para me ajudar nesse momento? – perguntou o príncipe, tentando tirar a raiva e a frustração, e se aproximar da humildade.

– Entender essa resposta é a razão de todo o processo.

9

— Então foi isso... – disse o Rei Anísio, após o choque preenchido pelo som do vento. – Vocês vieram até o cenário onde perderam a batalha apenas para dizer como pretendem iniciar uma segunda guerra.

– Eu não perdi nenhuma batalha – corrigiu Oz. – E nenhum de vocês até hoje soube o que é guerrear comigo. – A frase era forte, o tom era ríspido, mas era verdade.

– E, hoje, estamos aqui de maneira pacífica unicamente revelando a unificação de nossos Reinos ao Rei que seus Reinos consideram líder. Se *isso* for motivo para provocar uma guerra, será uma guerra iniciada por sua parte visando apenas a uma supremacia ameaçada, e isso dirá muito sobre o conceito de nação que vocês pretendem escrever nas canções dos bardos daqui pra frente. Isso dirá muito sobre como vocês querem ser lembrados como Reis.. E de quem serão os monstros e heróis de nossa próxima História.

Anísio Branford perdeu a sensibilidade dos dedos, o peito apertou, a respiração se contraiu, e ele sentiu o princípio de um ataque de pânico, mas manteve-se firme. A mente tentou se dispersar, e ele chamou o foco. Contou alguns números, focou em cheiros, em sabores, em sons, em qualquer coisa que não o deixasse se dispersar. Em qualquer coisa que não o deixasse fraquejar, e, mais do que isso, demonstrar fraqueza.

Mas Oz era um mago-linche, uma entidade capaz de saborear medo. Anísio era um Rei estrategista, capaz de vencer jogos políticos e jogos de guerra através de estratégias que o adversário jamais pensaria. Só que ali ele não estava apenas perdendo o jogo, ele nem mesmo sabia que *haveria* um jogo.

O fato é que Anísio Branford já havia ficado frente a frente com a própria Bruja, e sido amaldiçoado em uma pele de anfíbio.

Mas ele jamais esteve tão apavorado.

– E onde Minotaurus entra nisso tudo? – perguntou o Rei Tércio, diante do silêncio do sobrinho.

– Minotaurus se manterá apenas um Reino neutro, sem exército, que aceitou o acordo proposto por Reinos que prometeram não atacá-lo – disse Helena Bravaria.

Aquela cartada era genial, e talvez eu não tenha deixado claro o quanto. A questão é: volte ao mapa de Arzallum como você fez anteriormente e repare a posição geográfica de Minotaurus. Repare que o Reino fica *exatamente* no caminho entre diversos Reinos aliados e o novo Reino unificado de Oz. Se uma guerra se iniciasse no dia seguinte, ele seria o primeiro Reino massacrado. Mas, após o decreto assinado, os Reinos aliados massacrarem Minotaurus seria destruir qualquer tipo de política entre Reinos em Nova Ether, demonstrando ao mundo que não existia palavra entre Reis, e Arzallum representaria a mesma tirania da qual anteriormente acusava Minotaurus.

– Ela mente – insistiu o Rei Alonso Coração-de-Neve. – Seu exército vai se juntar às fileiras de Oz na primeira oportunidade.

– O que você está dizendo, Alonso? – perguntou Helena, com a intimidade que intimidava. – Minotaurus *não tem* mais exército, apenas homens destituídos do exercício militar de sua nação. Mas se *eles* quiserem migrar de Minotaurus para outros Reinos e ingressarem na fileira de outros exércitos, isso já não nos cabe mais, não é? Afinal, agora eles são homens livres.

Mais uma vez: a cartada era genial.

E os Reis estavam perdendo aquele jogo.

10

O sol estava se despedindo na praia localizada ao final da estrada de Malan. A mesma estrada que Axel Branford já havia percorrido pelo céu em um Vishnu, e depois pela areia montado em seu corcel, cinco anos atrás. Em uma cena que poderia ter sido eternizada por pintores, oitocentas entidades nascidas de elementais se mantinham imóveis e de pé, observando a formação do crepúsculo.

O desenho que a luz solar cada vez mais fraca projetava em seus rostos iluminava expressões satisfeitas simplesmente pelo direito àquela contemplação, ao mesmo tempo que viam naquele ato natural uma metáfora de duas realidades que estavam se cruzando para que apenas uma delas passasse a reinar.

À frente de todas, ainda utilizando a forma de príncipe Xariar, o antigo gênio escravo se mantinha ereto, impassível, com um sorriso curto e uma paciência que a humanidade seria capaz de admirar, se não estivesse prestes a se voltar contra ela. Mas, antes da humanidade, havia outra raça a ser dizimada. Pois em meio aos gênios, em sua forma de espectro, estava Beanshee, a ruiva maltrapilha, arauto do mau presságio.

E, quando o último raio de sol se espalhou pelo mar, eles sabiam qual caminho seguir com seu rastro de destruição.

A primeira à direita. Sempre em frente. Até o amanhecer.

11

— E a criança? — perguntou o Rei Segundo. — Era verdade ou apenas um blefe para ampliar o efeito dramático?

Oz saboreou aquela dúvida da mesma maneira com que saboreava medo. Então os dedos esqueléticos se movimentaram, e com eles se movimentou a névoa verde. Novamente houve o som da ventania, a diminuição da intensidade de luz solar, e, apesar do calor que a terra árida acumulava, uma brisa fria trazia um frescor ao corpo, mas jamais ao espírito.

Os Reis aguardaram que tipo de humanoides sairia dessa vez das brumas, até que a sombra de um centauro se formou e andou na direção deles. Mas não era um centauro, na verdade se tratava de um cavalo com um homem na garupa. E também uma mulher. E uma criança de cinco anos.

Ali estavam Mordred, Persinette e Myrddin.

Os cavaleiros reconheceram Mordred, os Reis reconheceram Myrddin. Afinal, ainda que ambos fossem mais histórias do que verdade, ainda assim, o que fosse verdade de suas histórias podia ser reconhecido ali.

— É você... é você o filho de Arthur, não é? — perguntou o Rei Alonso, que havia visto aquele homem ainda na idade do menino que carregava na garupa. — O cavaleiro renegado...

— O regicida — corrigiu o Rei Anísio.

— Sim — concordou Mordred. — Todos esses sou eu.

Aquilo era difícil para os soldados que recebiam ordens, não apenas porque Oz apresentava um cenário em que eles não tinham como competir, mas também

porque aquele homem era o maior inimigo de todas as ordens de cavalaria do mundo.

Mordred representava tudo o que eles tinham aprendido a desprezar.

E dentre os cavaleiros presentes, o que mais se destacava era também o que se sentia mais ofendido. E não à toa, os olhos de João Hanson e Mordred Le Fey se cruzaram, e ambos souberam ali naquele instante que não seria pela última vez.

– O que você pretende, Mordred? – perguntou o Rei Tércio. – Se unir ao linche, matar o resto de sua família e se tornar não apenas o cavaleiro, mas também o Rei mais odiado da História?

– Eu teria uma grande concorrência pelo título – disse o renegado.

– E, pelo visto, está fazendo um trabalho melhor do que o de seus concorrentes – reafirmou o Rei Tércio.

Mordred não desceu do cavalo, como se manter em sua sela fosse sua única maneira de lembrar a todos ali que ele ainda se sentia um cavaleiro. Ele desviou o olhar por um momento, deixando pensamentos fora daquele cenário lhe tomarem a consciência, e então deixou que os pensamentos se tornassem palavras:

– Meu pai costumava dizer que não existe coroa sem fardo e que todo Rei morre um pouco a cada vez que se senta em seu trono.

– Ele nem imaginava o quanto você levaria isso a sério – disse o Rei Segundo.

– Sabe por que um Rei morre a cada dia que se senta ao trono? – perguntou Mordred, ignorando a provocação. – Porque a coroa o torna um alvo. Chegar ao topo o transforma naquele que precisa ser derrubado para se chegar ao topo. Então, as amizades se tornam alianças e, quando as alianças não beneficiam mais, elas se tornam traições. Não existem justificativas para tudo que me trouxe até aqui, e não há um dia em que eu também não morra um pouco afastado de Camelot, e em minha própria consciência. O que me mantém vivo é o desejo de devolver a Morgana e Oronte a mesma traição familiar a que eles me levaram. Nenhum de vocês faz ideia de todas as manipulações e ações ardilosas que ambos utilizaram para me jogar contra meu pai, contra Lancelot, contra Guinevere e até mesmo contra Albion. E não me importa. Não me importa suas opiniões, não me importa suas crenças ou mesmo sua política. O que me importa é retomar a mesma coroa que já me mata um pouco a cada dia, mesmo que eu não a use. E se dentre todos vocês Oz é a maior força capaz de me levar de volta ao trono que me foi tomado, então é a ele que minha espada irá servir por enquanto.

– Até que a aliança não mais os beneficie, e vire traição – concluiu o Rei Segundo.

– Nada a que família Branford não esteja acostumada – rebateu Helena, em provocação direta.

– Nós iremos buscá-la – disse o Rei Anísio, se referindo à criança. – Você sabe disso, não é?

– Com que direito? – perguntou Mordred. – O mesmo direito com que se uniram ao Nunca e invadiram Brobdingnag?

– O novo Merlim é um direito do mundo, não um capricho de um regicida – insistiu Anísio.

– E se ele é do mundo, por que seria da responsabilidade de Arzallum, se nem mesmo o maior dos Reinos ele ainda é a partir desse momento?

– Arzallum não representa aqui apenas a si, representa os maiores Reinos do mundo. Reinos que virão por ela.

– Mas que antes terão de passar por mim – disse Oz. – Afinal, enquanto não houver traição, isso ainda é uma aliança.

Foi diante dessa chegada que a névoa esmeralda continuou a cobrir estandartes que pareciam não significar mais nada em terras já conhecidas como mortas.

12

Albarus entrou no casebre um tanto ressabiado, sentindo o peso do ato em cada canto do lugar. A energia ambiente parecia tão pesada quanto o fardo que a família de repente estava carregando.

– Ele não quer te ver – disse Kenny, lavando a roupa. O rosto dela se mostrava castigado, não por algo físico, mas pela própria vida. A vaidade tão importante em outros tempos parecia ter se perdido por completo, e ela mal lembrava a menina vívida e extrovertida dos tempos de adolescente.

– Você se importaria se eu tentasse mesmo assim? – perguntou Albarus.

Kenny deu de ombros.

– O estrago que você queria já foi feito.

– Eu não quis nenhum estrago, Kenny! Foi ele quem tomou a decisão insana de desafiar João.

– Alguém tinha de manter a honra dessa família, não é?

Ao fundo a pequena Karin brincava com uma boneca de pano, ou fingia brincar para não ter de falar com o irmão do padrasto, a quem haviam lhe dito ser o culpado de tudo aquilo.

– Tem razão – disse Albarus com um tom irônico que ele não costumava usar.

– Talvez eu devesse ter me envolvido com alguém casado.

Kenny resmungou algo para si próprio, largou a roupa, apanhou Karin no colo e saiu do casebre, torcendo o nariz. Albarus suspirou, se arrependendo do que disse, mas também sabendo que se desculpar seria pior. Aquela família era difícil de perdoar.

Ele seguiu para o único quarto, encontrando um homem coberto por um lençol encardido, virado na direção da parede.

– Eu já disse que não quero ser incomodado por... – tentou dizer Andreos, sem se virar.

– Nem sempre nós conseguimos o que queremos – disse Albarus, se aproximando.

Andreos se virou, sem acreditar que o irmão gêmeo estava ali.

13

O som da corneta ecoou pelas terras do nunca, mas já era tarde demais. Ele vinha dos dormitórios em forma de colmeia, a mesma forma das construções do parque ethérico onde humanos aprisionaram gênios em prol de sua própria evolução tecnológica.

Os mesmos gênios que haviam se libertado e destruído as colmeias de lá.

E ali destruíam as colmeias dali.

É difícil narrar o que aconteceu naquele dia porque mesmo a um narrador que sabe o que aconteceu é doloroso reviver a destruição de um patrimônio do éter. Você provavelmente entende a que estou me referindo; afinal, todos nós crescemos ouvindo falar da terra fantástica onde nunca anoitecia, nunca chovia, nunca se tinha uma colheita ruim.

Nunca se perdia a inocência.

Sim, nós sabemos que a inocência havia sido afetada, que alguns elfos haviam crescido, que o Nunca havia ido à guerra. Mas aquela terra fantástica permanecia como um símbolo imaculável ainda assim de um local em que é preciso ser merecedor para chegar e que nunca deixaria de existir. E, se pararmos para seguir nesse raciocínio, é ainda mais compreensível o quão difícil é narrar o que se seguiu, pois mais do que lembrar, também é admitir que todas as coisas têm um fim, e na vida nada é para sempre.

Mesmo o Nunca.

Um pedaço de dormitório EXPLODIU quando lava foi expelida do corpo de um gênio do fogo, iniciando uma queima que se espalhou rapidamente reforçada por outros gênios do mesmo elemento. Indígenas corriam para fora com armas nas mãos, lançando flechas e atirando arpões, mas suas miras eram perdidas quando eles escorregavam em pistas de gelo criadas por gênios da água. Os corpos caídos eram massacrados por seres que desciam dos céus em um movimento de linha reta e quebravam os ossos dos inimigos no solo.

Dotados do gosto pelo combate direto, algumas centenas de gênios de pedra corriam pelo chão, formando armas com desenhos rochosos. Moicanos acostumados com corpos repletos de cicatrizes ganharam novos ferimentos quando suas armas bateram contra escudos de pedra e se quebraram sem efeitos, logo antes de serem arremessados pelos ares como homens de feno, não de carne.

Entendendo a ameaça que estavam enfrentando, alguns indígenas libertaram os tioreses que costumavam usar como montaria, e as feras avançaram sobre os gênios sem o mesmo temor de seus donos. Quando seus dentes se quebraram nos corpos de pedra, ou seus pelos foram chamuscados; contudo, a agressividade deu lugar ao pânico, um sentimento que os animais não conheciam até ali.

Por sua natureza elemental, gênios não costumavam sofrer dano da mesma maneira que outras raças, principalmente quando atacados com armas sem qualquer reforço de magia. Seus corpos eram mais resistentes, e seu sangue dotado do elemento que representavam. Na maioria das vezes, gênios até mesmo se mantinham intangíveis, mas, para causarem dano material, era preciso que também se tornassem matéria, mesmo que apenas por um momento.

E era nessa hora que podiam ser feridos.

Foi por conta disso que alguns moicanos tiveram certo êxito. Dois tioreses saltaram sobre um gênio com uma armadura de gelo e, antes que houvesse reação, derrubaram-no no chão e arrancaram um pedaço de seu pescoço. Você talvez se lembre deles, foram eles os dois primeiros tioreses que Axel Branford viu em sua chegada ao Nunca. O primeiro tinha a pele roxa e marcas brancas arredondadas pelos olhos, pescoço e costelas, o segundo tinha a pele verde e marcas triangulares que iam da nuca às costas.

A dupla felina não ficou satisfeita com a primeira morte e avançou buscando mais. O primeiro saltou sobre um gênio de pedra e usou seu próprio peso para afundar a proteção rochosa contra o próprio elemental, enquanto o segundo lhe mordeu o rosto. Eles se esquivaram de jatos de lava que lhes tostaram parte do pelo e mesmo de jatos gélidos, que congelariam seus membros. Mas seus êxitos chamaram a atenção de Al-ladim, que desceu com seu tapete voador.

A chegada espalhou um círculo de fogo. Dois rosnados miraram na direção do gênio, que ergueu uma parede em chamas antes que o primeiro o tocasse. A parede

foi separada e se tornaram escudos flamejantes, com os quais ele se protegeu dos ataques do segundo. Assustados, machucados e com partes do corpo carbonizadas, os tirese viram os escudos assumirem a forma de duas espadas ainda flamejantes, e essa foi a última visão de duas das criaturas mais fantásticas que Nova Ether teve a honra de ver correr.

Quando os tirese rolaram pelo chão com fumaça ainda saindo dos ferimentos, seus corpos foram circundados por sombras em forma de dragões. Aquilo era um anúncio.

Era a chegada das elfas-amazonas montadas em suas dragonesas.

Gritando em pura fúria, elas chegaram no dorso de suas criaturas aladas e cruzaram em velocidade na diagonal. Alguns gênios foram dilacerados antes que se dessem conta pelas garras das dragonesas, outros foram cortados pelas linhas luminosas das varas de guerra riscando o ar. Algumas elfas-amazonas foram derrubadas de suas montarias, enquanto outras saltaram propositadamente ao enxergarem uma brecha no meio do bloco inimigo. O corpo de uma elfa foi arremessado dentro de uma das colmeias em chamas, carbonizando-a. Outra perdeu um braço para uma lâmina de fogo. Quatro dragonesas esmagaram doze gênios pressionando-os uns contra os outros. As quatro morreram em seguida, duas delas com as asas congeladas, outras duas perdendo o ângulo de voo para gênios capazes de manipular o ar. A concentração foi se perdendo quando a fumaça do fogo que queimava as colmeias se ampliou, pois elas descobriram que o fogo também queimava suas árvores, e em consequência suas cidades erguidas nas copas. Crianças-elfas flutuaram pelo campo de batalha usando suas roupas brancas e máscaras de enfermeiros, mas não havia como salvar sua raça e não ser morto fazendo isso. Rastros de ventania, gelo e flama cruzavam o Nunca, destruindo um local que não estava acostumado a ser invadido. Pedacos de rocha foram atirados, esmagando moicanos e destroçando mais da arquitetura da cidade élfica. E era enquanto matavam e destruíam patrimônios que os gênios, ainda em centenas, avançavam na direção da morada do Rei local. O elfo crescido, o Pendragon temporário.

O Rei que também estava ali para defender seu território.

Ele aguardava do alto, à frente do Salão Élfico, com as asas abertas. No solo, seus cinco elfos crescidos ainda acorrentados. Nas mãos de Petter Pendragon, além da corrente que se conectava aos seus elfos crescidos, havia a mesma espada mística de duas mãos com que ele havia batalhado contra gigantes. Ao avistarem-no, trezentos gênios avançaram com uma satisfação de vingança, que apenas uma raça que sofreu por períodos milenares poderia saborear. Dois movimentos na corrente foram suficientes para Petter Pendragon liberar seus cinco bestiais, e deixá-los livres para o que ele sabia que seria sua última batalha.

De dentro da torre, Livith observava a invasão com horror. Sua irmã Lirah se mantinha com outras elfas-amazonas cercando a princesa élfica, aguardando o momento que o salão seria invadido.

– Nunca é tarde demais – disse Livith, querendo acreditar naquelas palavras.

O rosnado dos elfos-crescidos tomou vida e foi abafado pelo massacre que acontecia do lado de fora. Tootles saltou sobre um gênio de fogo, e lhe arrancou nos dentes um pedaço da jugular, antes de ser queimado e rolar no chão com a boca fervendo. Nibs rasgou o tornozelo de um gênio que controlava o ar, mas treze outros avançaram ao mesmo tempo sobre ele, esmurrando socos que queimavam e congelavam ao mesmo tempo. Slightly arrancou um olho de um gênio de pedra, derrubou outros três na brutalidade, escapou de duas rajadas, mas teve o braço decepado, o que não o impediu de continuar tentando morder e rasgar, mas eles eram centenas. Já o último gêmeo Twin quebrou o pescoço de um gênio de gelo, e atravessou um gênio luminoso, saboreando um coração pulsante, mas um gênio de sombra lhe atacou pelo lado cego, e ele morreu com a cabeça separada do corpo, sem nem ao menos saber o que lhe atingiu. Sabe, eu gostaria de lhe dizer que aquela foi uma batalha equilibrada, que uma raça que foi capaz de vencer gigantes teve um fim digno e heroico, mas eu estaria mentindo. Gênios isolados eram capazes de serem vencidos, subjugados, até mesmo escravizados. Mas unidos... unidos eles eram uma força incontável e invencível.

O Rei Petter Pendragon tinha absoluta consciência de que aquele poderia ser seu último combate. E eu sei que, por conta de tudo isso, pode parecer que em seu coração havia apenas desespero, mas, ao menos uma parte dele continha alívio. Porque Petter *Pan* era um ser basicamente imortal por vias naturais, mas, ainda assim, um ser que acreditava em uma vida após aquela, uma vida em que ele iria enfim encontrar sua amada Wendy, fosse esse encontro de maneira consciente ou metafórica. Em ambos ele estaria satisfeito. E se ele ainda lutava, e se ele jamais desistira antes, era porque sabia que o Nunca dependia dele, e havia Livith, e as elfas-amazonas, e as crianças, e os moicanos, e as dragonesas, e ele não gostaria que nada disso deixasse de existir.

Foi por isso, e apenas por isso, que ele não se entregou.

Ele desceu em um rasante, uma linha rubra em velocidade, que passou rasgando uma dezena da raça de gênios, independentemente de seus elementos. Os elementais eram rápidos, mas o Elfo-Rei era ainda mais. Seus voos tortos não seguiam lógica, confundiam os inimigos, faziam gênios acertarem seus próprios aliados. O mesmo gênio de sombra que decapitou Twin teve sua própria cabeça cortada na espada do elfo, que continuou a matar em série. A espada girava, provocando ondas, funcionando como uma serra abrindo caminho. Gênios de pedra foram destroçados, corpos de gelo foram esmigalhados e sangue de lava se espalhou

pelo campo de batalha. Um gênio de luz lhe cegou por um segundo, e outro rochoso lhe segurou o tornozelo e bateu seu corpo no chão. Dezenas subiram para esmagá-lo, como fizeram com Nibs, e, por um momento, parecia que o fim seria ali. Até que os corpos caíram em sequência na ação de uma força contrária, lembrando peças de dominó. E o Elfo-Rei ainda estava de pé.

Ali os gênios recuaram. A princípio por temor, talvez por respeito. Mas na verdade o motivo era outro.

Al-ladim havia chegado e exigido a luta.

Ao fundo, elfas-amazonas montadas em dragonesas ainda resistiam, lutando uma guerra perdida. O cenário se tornava a cada momento um cemitério de corpos de homens, elfas, pequenos elfos e criaturas fantásticas, enquanto devastavam um local tão isolado do resto de Nova Ether que não tinha nem mesmo como pedir ajuda.

– Hoje é o dia em que a sua raça paga pelos anos de privilégios da servidão da minha – disse Al-ladim, na língua dos elfos.

– Uma decisão que também se voltará contra você – afirmou o Rei Petter.

– Talvez. Mas, se isso acontecer, nós iremos preferir a opção que estamos lhe dando: morrer em luta como uma raça livre em vez de ter a existência condenada como uma raça escravizada.

– Talvez então o erro tenha sido não extinguir os teus quando tivemos a chance.

– Nisso podemos concordar – afirmou o gênio do fogo. – Porque ao nos tratar como seus serviçais por tanto tempo vocês acumularam nosso ódio. E não apenas o nosso. Gigantes, monstros, selvagens, bruxas. Você entende, falso Pendragon? Eu sou o líder da revolução daqueles em que vocês pisaram enquanto escreviam suas versões da História. Vocês e seus aliados nos desprezaram em seus contos como se *nós gostássemos* da servidão, como se nós achássemos honrado atender aos desejos de *mestres* aleatórios, assim chamados apenas por sorte. Vocês roubaram nosso passado nas mesmas histórias que nós vamos reescrever nesse momento. Porque hoje é o início da mensagem de que o que vem de baixo também lhe atinge.

Foi assim que, diante do olhar de Beanshee, Petter *Pan* e Al-ladim iniciaram sua luta.

— Você tem coragem de aparecer aqui — disse Andreos. O punho se mantinha imobilizado, com diversos remédios à base de ervas espalhados pela ferida.

— Como está o punho? — perguntou Albarus, ignorando o tom agressivo do irmão.

— Doendo menos que o orgulho.

— Isso já diz muito.

Andreos suspirou. Albarus observou o detalhe da espada de madeira presa na parede, réplica da espada de treinamento usada pelos cavaleiros de Andreanne. A espada recebida como prêmio no Concurso de Performances da Arena de Vidro vencido por eles, quando ambos se uniram para defender a honra de uma pessoa que nem mesmo carregava seus sobrenomes.

— Sabe o que mais me dói, Albarus? Mais do que te ver manchar o nome da nossa família? Mais do que você ser meu irmão? O fato de você ser meu irmão *gêmeo*. O fato de eu ter de olhar para você e *me ver* em você.

Albarus precisou de um tempo para responder àquilo.

— E, novamente, isso diz muito, não?

Eles ficaram se olhando, passando a impressão de que, se Andreos estivesse com o punho curado, ele surraria o irmão de novo.

— Albarus, você me fez perder minha reputação, meu título, meu sustento, meu amigo... o que mais você quer me tirar?

— Você chega a escutar a si próprio quando fala esse tipo de coisa?

Albarus puxou um pequeno banco no canto do quarto e se sentou, mesmo com a consciência de que o irmão não o autorizaria.

— Sabe uma coisa que João me contou uma vez, que nunca esqueci? Naquele dia que a gente subiu no palco do anfiteatro e tiramos um sarro da cara do Farmer e do Costard, o João me falou que, na plateia, ele disse pra Ariane que nós éramos dois artistas natos. E sabe o que ela respondeu de volta? Ela disse: “um dia a gente ainda vai ver os dois no Majestade”.

Andreos olhou para baixo, consciente de como aquilo parecia uma vida passada. Fragmentos de momento de sonhos mortos.

— Pelo visto, isso não vai acontecer, né? — disse Andreos.

— É — concordou Albarus. — Infelizmente, pelo visto não. Mas sabe por que toda essa situação me fez lembrar disso? Porque me fez lembrar *daquele* Andreos. Um cara que era capaz de enfrentar a ignorância na qual hoje ele se esconde. Um cara capaz de perdoar a menina que o traiu, aceitá-la de volta e ainda tomar uma filha que não era sua.

Andreos não comentou.

— Aonde você quer chegar, Albarus?

– No fato de que me impressiona como você foi capaz de subir no palco pra defender a honra de uma Hanson, mas não é capaz de se colocar à frente para defender a honra do seu próprio irmão.

– Você não tem honra, apenas desgraça.

Albarus se levantou e manteve o olhar de cima sobre o irmão, não como soberba, mas como a decepção de um pai sobre um filho.

– Sabe o que é mais curioso? – perguntou, antes de se retirar. – Você me olha e sente pena de se enxergar em mim. Já eu te olho de volta e sinto pena de não me enxergar mais em você.

15

Descendo na velocidade de um raio, Petter Pendragon era um estágio além da fúria. Seus movimentos eram animais, seus olhos estavam acesos, seus caninos eram de besta. A espada cortou a lateral de Al-ladim, que sangrou lava. O tapete voador se afastou, manipulando a ventania, e o Elfo-Rei o caçou com as asas abertas. Bolas de fogo foram atiradas em sequências, e todas elas explodiram na lâmina que avançava. Quando perto o suficiente para cortar o gênio mais uma vez, Al-ladim gerou um escudo de fogo, e o choque entre lâmina e proteção gerou labaredas.

– É isso o que você queria, não é? – perguntava o Rei Petter entre os golpes que piscavam fogo. – Enfrentar o Pendragon?

– Sim – admitiu Al-ladim. – Mas esse é o título que não reconheço em você!

O tapete voador pendulou e o elfo crescido sentiu a lateral queimar. O escudo de chamas foi manipulado em uma lança flamejante, que voltou a se chocar várias vezes com a espada de duas mãos.

– E depois, *gênio*? – vociferou o Elfo-Rei. – Você me usa como moeda de troca? Como fez o Rei gigante com Wendy?

Al-ladim chegou a sorrir.

– Os elfos crescem, mas não perdem a inocência – disse ele. – Destruir você só me serve como moral de liderança. A verdadeira moeda de troca está na elfa.

O instinto animal de Petter Pendragon voltou a aflorar.

– A princesa do Nunca...

O estresse dominou qualquer tipo de racionalidade, e Beanshee chorou diante da cena por entender o que estava por vir.

– A esposa do príncipe Branford – definiu o gênio de fogo.

Em um ato de insanidade, o Rei Petter agarrou o corpo de Al-ladim em pleno ar, ignorando as queimaduras, e desceu em linha reta na direção do solo, suicidassem sem se preocupar com a própria segurança. Os corpos bateram no chão, provocando uma onda e abrindo uma cratera.

Quando a fumaça se dissipou, os observadores podiam ver um Petter Pendragon seminu, repleto de bolhas e vermelhidão na própria pele, com queimaduras expostas. Al-ladim parecia quebrado ao meio, mas, de repente, em dois movimentos que ESTALARAM sua coluna seu corpo retornou ao lugar.

– É agora que você chora, Elfo-Rei – disse Al-ladim. – A lágrima que representa o choro dos meus, isolados em suas lâmpadas, que vocês jamais pensaram em ouvir.

Petter Pendragon entendeu. Ao seu redor, o Nunca caía. Ele podia ouvir a cidade élfica queimando, os moicanos morrendo, as dragonesas tombando e esmagando suas elfas-amazonas. Ele podia sentir ao mesmo tempo os sentimentos que pulsavam no éter envolvendo desordem, desespero, agonia, aflição e tormento. Ele podia sentir as dores do próprio corpo queimado, e, acima de todas elas, as dores das costas.

As dores das asas queimadas.

As mesmas asas que representavam a maior evolução da raça élfica. Talvez piores do que as dores físicas, juntavam-se as dos erros da solidude, da soberbia e da indiferença.

A dor de ver um lugar perfeito sendo destruído.

A dor de ver uma raça perfeita sendo extinta.

– Tome a mim – disse de repente o Elfo-Rei, se pondo de joelhos, enquanto fumaça saía de seu corpo destruído. – Tome a mim como exemplo de seu poder, e use o Nunca como exemplo da mudança que sua raça quer ver no mundo. Evite o mesmo erro que nos condena.

O gênio de fogo se aproximou do elfo crescendo, e ali, como em muito não acontecia, ele viu um resquício do elfo criança. Um resquício do elfo tocado.

Um resquício de Petter *Pan*.

– Eu estou fazendo isso – confirmou Al-ladim. – Essa decisão já foi tomada.

Era verdade. Porque Petter Pendragon chorava por apenas um lado da face.

– Sabe o que eles dizem quando contam a minha história? A história do elfo que não cresceu? – perguntou Petter, não o Rei, mas o último resquício do menino dentro dele. – Que *morrer seria uma grande aventura*.

– Talvez seja – concordou o gênio, com o respeito que criaturas que poderiam ser imortais deveriam demonstrar. – Nunca é tarde para descobrir.

– Nunca sempre me pareceu um tempo longo demais – disse Petter, desarmado, diante de Al-ladim se ajoelhando diante dele, como se quisesse que eles se igualassem, ao menos naquele momento.

– Você será lembrado – afirmou o gênio. – Eu prometo que você e sua raça serão lembrados *também* por suas qualidades.

Petter suspirou, como se saber daquilo ajudasse. Beashee se aproximou e permitiu ser vista pelos dois seres fantásticos. Ela se ajoelhou ao lado deles e pegou na mão do Pendragon, apertando-a junto ao próprio peito.

– Eu vou poder vê-la? – perguntou Petter Pan a ela, com uma curiosidade infantil.

Beashee confirmou, na lágrima única que eles compartilhavam nas faces.

– Então vamos – aceitou ele. – Vamos enfim até onde nascem os sonhos, e o tempo nunca é planejado.

A lança de fogo nas mãos do gênio se acendeu.

– Aquele lugar entre dormir e acordar, onde você ainda pode lembrar de sonhar. O lugar onde eu sempre te amei. O lugar onde eu sempre te esperei.

Os gênios que os observavam de cima da cratera pararam todos por um momento, como se aquele fosse um momento de silêncio.

– Na segunda à direita...

A mão de Al-ladim lhe segurou um dos ombros.

– E depois sempre em frente...

E o menino fechou os olhos pela última vez.

– ...até o amanhecer.

A lâmina de fogo perfurou o corpo do último elfo crescido, enquanto o arauto da morte abraçou um de seus antigos imortais em um dos dias que entrariam para a História.

O dia em que o Nunca descobriu que nada era para sempre.

16

Axel Branford estava sem camisa, pingando em suor e batendo repetidamente com um machado em um tronco de árvore. Faltava pouco para a árvore tombar, o que seria seu prêmio pelo tanto de tempo que ele havia dedicado ao ato. Então de

repente algo dentro do peito dele *ardeu*, como se ele pudesse reconhecer um distúrbio na essência que dava vida àquele mundo.

Era como se Axel pudesse sentir o quanto o equilíbrio de Nova Ether havia sido partido.

Para expurgar aquela sensação tóxica, ele focou no machado e bateu mais forte, e mais forte, e mais forte, até que os olhos acenderam e ele gritou um *kiai*, lembrando a águia-dragão que o observava. O golpe **ESTRAÇALHOU** o ponto em que vinha batendo, e o som da queda da árvore se fez quando o tronco tombou levando tudo que estivesse em seu caminho.

Axel se abaixou ao lado da árvore caída, fechou os olhos e tentou encontrar seu próprio ponto de equilíbrio. Tuhanny desceu e se posicionou em um pedaço de galho do tronco caído, à frente dele. Ao focar nos olhos da águia-dragão, o mundo de Axel novamente deixou de ser matéria por um momento e passou a ser éter. Dentro de si correram sentimentos que não eram dele ou se misturavam aos deles, ao ponto de ele se perder. Memórias, escolhas, promessas, projeções, tudo lhe saltava aos olhos, mas não os físicos. Era um sentimento de sufocação maior do que ele, maior do que o que ainda era ele. Aquela amálgama começou a se alimentar do príncipe de Arzallum, até que ele tocou no tronco de madeira, e aquilo lhe trouxe a imagem de Maria Hanson.

Majestade. Lobo Mau. Sagrada Criação. Arena de Vidro. Grande Paço.

Foi reconstruindo suas memórias, suas escolhas, suas promessas e suas projeções ao redor da figura dela que o equilíbrio dentro dele, e do que era ele, foi se restabelecendo.

Sete Montanhas. Muralha. Pacato. Mestre Ira. Anísio Branford.

E uma imagem foi se formando.

Nunca. Livith. Petter. Pendragon. Elfos. Moicanos.

E alguns pontos se destacando dentro dessa imagem.

Sete Montanhas. Muralha. Pacato. Mestre Ira. Nunca. Livith. Pendragon. Moicanos.

E realinhados.

Pendragon. Sete Montanhas. Pacato. Mestre Ira. Moicanos.

Sem aviso e com a pulsação acelerada, Axel abriu os olhos e voltou a focar em Tuhanny, enfim compreendo.

E quem seria a pessoa certa para me ajudar nesse momento?

Compreendendo a pergunta. E, mais ainda, compreendendo a resposta.

Entender essa resposta é a razão de todo o processo.

Ele enfim havia entendido quem era a única pessoa que poderia ajudá-lo.

O círculo de magia havia sido formado, traçado no chão na clareira iluminada por tochas. Madame Viotti, a Alta Sacerdotisa, mais uma vez havia escolhido doze de seu grupo, e dessa vez todas mulheres, para um encontro que as tornariam treze naquela noite.

O número de um *coven*.

– Por que estamos com a sensação de que algo ruim está novamente para acontecer? – perguntou uma das iniciadas, utilizando um Manto de Ravena branco, com o capuz lhe cobrindo o rosto na forma de um bico.

– Porque talvez esteja – respondeu Viotti. – E não há o que ser feito nesse momento.

– Existe algo específico que esteja te fazendo pensar assim, Madame? – perguntou Ariane de maneira direta, utilizando por opção própria um Manto de Ravena vermelho.

Lenora Viotti se calou, ponderando como responder àquilo. Diante do fraquejo na resposta, outra voz tomou o ambiente:

– Porque nossa sacerdotisa e eu criamos uma rede de informantes desconhecida da Coroa, utilizando os recursos reais – assumiu Rainha Branca Coração-de-Neve, também vestindo a cor rubra.

O coven se manteve em choque por um momento, menos pela informação e mais por realizarem o quanto a Rainha de Arzallum havia se comprometido com aquele caminho que os unia.

– Então basicamente vocês estão utilizando o tesouro real e suas fontes, debaixo do nariz dos próprios Caçadores de Bruxas, para vigiarem a movimentação das mesmas bruxas que eles pretendem caçar? – perguntou Ariane.

Branca ergueu os ombros.

– Sim, basicamente.

– Adorei isso – sorriu Ariane.

O sorriso se espalhou pelo círculo.

– Mas para chegarmos ao resultado que conseguimos hoje, foi preciso confiar em uma fonte interna – assumiu Viotti. – E, apesar do histórico difícil que todos nós já tivemos, ele tem se mostrado uma pessoa de mente aberta, capaz de assumir responsabilidades por erros do passado, o que, para ele, eu sei o quanto é difícil. Professor...

Sabino von Fígaro surgiu ao fundo, quebrando parte da harmonia do *coven*. As pessoas ali entendiam o que Madame Viotti havia dito e tinham consciência de que Sabino era um homem diferente do que ele havia sido quando mais jovem. Mas sua figura ainda trazia memórias de uma Caçada que não separou culpadas de inocentes, e ele ainda era o líder dos atuais Caçadores de Bruxas.

– Eu sei – disse Sabino, percebendo a linguagem corporal das mulheres se fechando. – E eu não nego, nem lhes tiro o direito. Até mesmo admito que faria o mesmo em seus lugares. Acreditem, existe muita coisa que eu faria igual, mas existe ainda mais que eu faria diferente.

– Professor Sabino tem sido um aliado importante em nossa reformulação, seja nos ajudando a acobertar nossos movimentos dentro do Grande Paço, seja nos conectando com informantes confiáveis – acrescentou a Rainha. – Em troca, nós trabalhamos juntos com ele para encontrar as mesmas bruxas que destruíram a reputação dos *covens*.

Ninguém questionou o acordo. No mundo em que elas viviam, até que era justo.

– E foi exatamente nessa troca de informações que nós percebemos que está havendo uma movimentação no submundo. Resquícios do retorno de bruxas antigas que haviam se isolado, evidências de encontro de círculos de magia poderosos, trabalhos de magia negra expostos em matas.

– Madame, vocês acham que está acontecendo *de novo*? – perguntou Anna Narin.

A sacerdotisa confirmou com a cabeça, sem querer dizer em voz alta. “De novo” era uma referência para a época em que bruxas negras poderosas se uniram e destruíram o reinado da família Ricelli em Arzallum, restando a Primo Branford iniciar o período da Caçada.

– Que a Criadora tenha piedade de nós... – sussurrou Anna, representando os mais velhos.

– Na verdade, talvez vá ser preciso mais do que isso – disse Viotti.

Vozes diferentes perguntaram ao mesmo tempo o que aquilo queria dizer.

– Pelas nossas investigações, tudo leva a crer que a criança, a *verdadeira criança*, foi encontrada – revelou Sabino, emudecendo o ambiente. – E provavelmente é esse o motivo de todo esse movimento. Talvez o avatar esteja em poder delas, e as sobreviventes irão usar a figura semidivina ironicamente para sua união.

– Seus caçadores já as pararam uma vez – disse uma iniciada, mais como uma acusação. – Eles podem fazer de novo.

– Talvez – assumiu Sabino, sem a ênfase que se esperaria. – Mas talvez elas também estejam mais fortes, e, com certeza, mais bem informadas. E talvez elas

estejam se unindo com aliados ainda mais poderosos. Vocês se lembram do que aconteceu com Andreanne quando uma única delas se uniu com piratas e mercenários. Agora imagine se várias delas se unissem, por exemplo, com exércitos de gigantes, como fez Minotaurus...

– Nós também poderíamos nos unir com aliados fortes, como o povo submerso e seu Rei Kraken. Primo Branford fez isso durante a Caçada – lembrou outra mulher.

– Sim – concordou Sabino. – Mas talvez... talvez dessa vez eles não mirem em apenas um alvo a princípio. E talvez dessa vez elas estejam se unindo até mesmo a entidades de Aramis...

– Se isso acontecer, elas vão quebrar os Mandamentos, e fadas vão tomar o campo de batalha como fez a Rainha Terra – disse uma senhora ao fundo. – E se o novo Merlim estiver realmente em jogo, talvez iremos viver para ver a Era do Deus Único.

Aquilo deu um nó na cabeça de Ariane.

– O que significa *o Deus Único*? – perguntou ela, sem um destinatário específico.

Anna olhou para Madame Viotti, como que a autorizando a educar a filha mais uma vez.

– Nós já contamos em outra época que o novo Merlim pretende trazer uma nova mensagem, a ideia de um Deus ou uma Deusa única, acima dos semideuses. Uma força primordial, imponente e criativa, da qual nem mesmo os semideuses tem total compreensão. A engrenagem que movimenta a força que criou nosso Universo – explicou Viotti. – O conceito de um Deus Máquina.

– Uau... – comentou Ariane, embasbacada. – E essa força poderia ser acessada?

– Apenas se o verdadeiro Pendragon clamar a ele no plano de éter, através de sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

– Como quando eu usei a Pedra da Criação – afirmou Ariane.

– Exatamente – ratificou Viotti. – Mas em uma escala jamais vista na História da humanidade.

Silêncio.

– E *quem* é o verdadeiro Pendragon? – insistiu Ariane, fazendo a pergunta que todas gostariam de fazer.

– Ninguém sabe... ainda – disse a sacerdotisa. – O Rei Petter Pendragon é capaz de acessar os planos de éter no Círculo dos dragões, mas é preciso que estejam reunidos os treze maiores do mundo. E...

– *Você* está nesse círculo, Madame? – cortou Ariane.

– Bem, sim... – comentou Viotti, sem jeito. – Mas não é esse o ponto. O ponto é que, se o *verdadeiro* Pendragon ascender, ele vai poder acordar os Devas, vai poder falar com dragões de éter sem precisar do Círculo, e vai poder se ajoelhar diante do Deus Único. E então talvez realmente tenhamos a próxima Era em Nova Ether.

– Mas então se o Pendragon *não* ascender até lá...

– Então talvez nossa história simplesmente acabe, os semideuses nos esqueçam e Nova Ether pouco a pouco deixe de existir no plano semidivino, entregue à própria sorte.

A mente de Ariane girava em círculos infinitos, que tiravam seu equilíbrio.

– Existiriam semideuses capazes de esquecer Nova Ether? – perguntou ela.

Aquela era uma pergunta difícil de responder.

18

Snail Galford rolou pelo chão, escapando de duas facas arremessadas. Alguém tentou atacá-lo pelas costas em seguida, e ele chutou o atacante para trás. Continuou a correr, e se viu dessa vez perseguido por cães. A dupla canina tinha pelos negros, com partes acinzentadas na cabeça, reforçando um aspecto de lobo. Snail subiu por alguns caixotes, enquanto o primeiro cão tentou segui-lo e o segundo contornou os obstáculos. Quando atingiu o topo, o pirata saltou, agarrou uma viga de madeira, a usou como um pêndulo e saltou para detrás de um muro, deixando os latidos para trás. Dois homens mascarados e de peito nu, portando barras de ferro, avançaram para cima dele. Ele se esquivou e se esquivou e uma barra de ferro lhe acertou um dos dedos, que inchou imediatamente. Um giro, outro, então um desarme. Uma barra lhe atingiu nas costas e o ar foi embora. Os olhos buscaram um ponto de fuga, mas o corpo estava estressado depois de duas horas rolando, fugindo, saltando e lutando. A velocidade não foi suficiente e chutaram o rosto dele, fazendo-o cuspir sangue.

Ele estava acabado.

– Pelo visto, ainda há bastante trabalho a ser feito – disse Jim Hawkins, vindo de cima do cenário da rua vazia de periferia, isolada pela guarda do sultão de Al-Quadim.

– O golpe nas costas quase me aleijou – disse Snail no chão, olhando para dois membros da guarda oriental, que retiraram as máscaras e sorriram para ele, como se fosse divertido surrá-lo.

– Bem-vindo ao time – disse Jamil, sentado em uma cadeira igualmente de um ângulo superior do cenário, ao lado de Jim Hawkins. – Agora retorne ao início.

– Eu preciso de água... – sussurrou Snail, sentindo o corpo queimar por dentro.

– Água? – debochou Jamil. – É isso que você pretende dentro daquela caverna? Fraquejar, falhar e pedir clemência? Se for por isso, a ladra já está condenada, não que eu me importe, claro, nem com ela nem com você. Mas você conseguir aquela maldita lâmpada nos beneficia, então você só vai beber qualquer gole de água depois que chegar no final desse treinamento.

Snail buscou ar, mas a garganta estava travada e o peito parecia feito de carvão em brasa.

– Você... está adorando isso, não é? – perguntou, dentre pausas.

– Você não faz ideia de como – admitiu Jamil.

Snail focou em Jim, como esperando suporte.

– Não olhe pra mim – disse o velho ranzinza. – Eu estava quieto na minha prisão.

Snail sentia como se ele também estivesse.

19

Axel havia recebido um convite no Grande Paço, através de um mensageiro convocando-o para um encontro sem remetente. Até mesmo por razões de segurança, o príncipe de Arzallum *nunca* teria respondido e aceitado um encontro com uma pessoa sem identificação, mas o ato deveria se dar no alto da Catedral da Sagrada Criação, e ele entendia o subtexto por detrás disso.

Foi por isso que ele aceitou.

Naquele momento, quando o sol estava formando o crepúsculo, Axel subiu os degraus da catedral com o coração esperançoso, lembrando o adolescente que ele não era mais. O lugar ainda estava vazio, e ele aguardou por ela enquanto os últimos raios solares desciam na pintura natural ao fundo. Então, a voz atrás dele anunciou a chegada:

– Eu tinha certeza de que se marcasse nesse local você viria.

Axel se virou em fúria. A voz grossa estava longe de ser Maria Hanson.

20

O mago Djin caminhou por sombras com Liriel. aquele era Oz, o Reino sombrio, onde a escuridão destruía a luz, não o contrário. Um Reino recém-expandido, que havia unificado nações excluídas e Reinos Esquecidos e se tornado o maior Reino de Nova Ether.

Ainda assim, se Liriel estava intimidada, ela não transparecia. Caminhava de seu jeito leve, cabeça para cima observando os detalhes dos arredores. Se estivessem em um Reino normal, ela diria que eles estavam em um palácio, mas aquilo lembrava mais uma masmorra, mesmo que nas dimensões de um palácio. As paredes de pedra acumulavam frio, o chão parecia riscado com runas que, de vez em quando, lembravam rostos. Quadros artísticos felicitando a morte se espalhavam por salões impressionantemente limpos, e, mesmo quando vazios, se fazia sentir alguma presença capaz de iludir os olhos, mas arrepiar os pelos. E o que conectava os cômodos não eram corredores vazios.

Eram corredores de névoa.

Era através das brumas que eles pareciam se deslocar naquele lugar. Uma névoa gélida e esverdeada, quase sólida, cujo toque lembrava sereno. Se Liriel estivesse por si só, ela acharia que estava andando em círculos, mas não estava, e aquele mago parecia saber o que estava fazendo. A última névoa esmeralda a levou até o cômodo final, onde o linche estaria esperando por ela. Liriel imaginava um ambiente com crânios espalhados pelas paredes, carcaça de dragões e demônios femininos de Aramis rastejando ao redor de um trono de ossos.

Mas o que ela encontrou na verdade foi a última coisa que imaginaria. Em vez de escuridão, aquele era o ambiente mais iluminado e também mais quente. As paredes não tinham o formato retangular, mas oval, lembrando lona. O chão não era de pedra, mas de madeira escura e na forma de um picadeiro. A iluminação e o calor vinham de espadas pegando fogo. E, em vez de tronos de ossos, ela encontrava versões sombrias de redes, trapézios e aros de metal.

A visão a arrepiou mais do que qualquer presença sobrenatural. Pois, por mais deturpado que o cenário estivesse, ele ainda era reconhecível. Ao menos para ela.

Liriel estava pisando em uma versão sombria do circo Gabbiani.

– Seja bem-vinda – disse a voz soturna do mago Oz, deitado em uma das redes. – Seja bem-vinda, minha filha.

21

— **O** que você quer? – perguntou Axel de maneira agressiva.

– Conversar – respondeu Casanova.

A pulseira de ágata-viva atingiu um tom de cinza, tendendo ao negro, representando raiva. Axel buscava entender aonde iriam levar as segundas intenções daquele encontro. Talvez ameaças subentendidas, talvez difamações manipuladas ou até mesmo o tripúdio dos momentos em que Casanova estava lá, mas ele não.

– Sobre o quê? – perguntou Axel, ainda desconfiado.

– Não sobre o quê, sobre *quem*. E você sabe quem.

– *Ela* te mandou aqui? – perguntou o príncipe.

– Ela não sabe que eu estou aqui, nem aprovaria se soubesse.

– Então o que você está fazendo aqui, Casanova?

Casanova não respondeu de imediato. Era como se aquilo fosse... difícil para ele. Como se ele preferisse estar em qualquer outro lugar, *menos* ali. Axel viu sinceridade nos trejeitos dele, e isso o confundiu. Ainda assim, mesmo a sensação dessa constatação passava longe de ser boa.

– Você sabe que eu tive a chance, certo? – perguntou Casanova. – Na verdade, você sabe que você *me deu* essa chance. Você deixou a brecha, que eu tentei preencher.

– Me poupe das bravatas – pediu o príncipe. – Toda corte sabe que o que te move é o jogo. Você é um homem de conquistas, mas não de raízes.

– Como se você e De Marco não fossem meus maiores rivais desde cedo...

– Esse jogo era entre vocês – especificou Axel. – Eu fiz das minhas mulheres as melhores lembranças, não os melhores troféus.

– E que tipo de lembranças você deixou para elas?

Axel expirou frustração.

– É sobre isso que você veio até aqui conversar?

Casanova parecia distante, diferente, ansioso e perturbado. E foi assim, que sem aviso, ele perguntou:

– Você sabe que eu ofereci um anel a ela?

A pergunta pegou Axel de surpresa.

– Eu ofereci – reafirmou Casanova. – Sabe, você tem razão! Pra mim sempre foi uma disputa, e eu me considero o melhor nela. Eu tive *todas* que quis, nenhuma delas à força. E admito, Axel! Eu admito que quando ouvi sobre a plebeia que havia despertado os sentimentos do príncipe da plebe, isso me gerou curiosidade. Apenas isso já a tornou valiosa a mim, antes mesmo de conhecê-la! E, quando eu a vi pela primeira vez, e, mais ainda quando falei com ela pela primeira vez, eu entendi a sua escolha. Ela é algo diferente. Algo difícil de alcançar. Mas então... que surpresa, você partiu, e a deixou pra trás. E Don Juan se interessou por ela, claro, como não? E Maria Hanson se tornou nossa partida mais difícil e emocionante.

Axel apertou os lábios. Aquela conversa lhe embrulhava o estômago por lembrar a ele do que um dia ele próprio já representou.

– Entretanto, eu posso dizer que *eu venci* Don Juan De Marco no jogo com Maria Hanson, mas não posso dizer que eu venci o jogo. E sabe quando entendi isso? Quando deixou de ser um jogo.

Axel não queria ouvir nada daquilo. Mas precisava. Talvez até mesmo merecesse.

– Maria Hanson muda você, não é? Nós estamos acostumados com certo tipo de comportamento na nobreza da parte das mulheres. As personalidades variam, mas elas costumam ser moldadas para agir socialmente de maneira parecida. Nós sempre sabemos o que esperar, ou achávamos que sabíamos. Só que hoje nós vemos uma nova geração se inspirando em Branca Coração-de-Neve, ou Bradamante, ou Kapella... e nós não sabemos mais prever nada. Elas pensam diferentes, elas buscam coisas diferentes, elas são imprevisíveis, Axel! E Maria Hanson parece ser a representação mais perfeita disso. Ela lê mais livros do que nós dois juntos, ela nota detalhes que poucos percebem, ela se preocupa com o coletivo antes do individual. E, como se não bastasse, ela ainda tem cicatrizes no braço por ter jogado uma bruxa num caldeirão fervendo!

Apenas o fato de ele conhecer aquele detalhe das marcas, as *mesmas* marcas que Axel descobriu ali no alto daquela própria catedral no primeiro encontro deles, já lhe tirava o equilíbrio.

– Sim – confirmou Axel. – Foi a mesma bruxa que matou meu pai.

Casanova baixou o olhar, como em um sinal sutil de respeito.

– Eu sei que vocês têm história – admitiu. – *Eu sei*, príncipe. Mais intensa do que eu e ela jamais tivemos ao longo do tempo que você não esteve aqui. Ainda assim, eu a tratei bem, sabe? Eu aprendi com ela, e eu construí minhas melhores lembranças. Mas nada disso foi suficiente pra ela aceitar meu pedido.

– E por que você está me contando isso?

– Porque eu sei que ela vai fazer isso com você também.

Os olhos de Axel se abriram e ele caminhou para trás, como se não soubesse mais contra o que estava lutando. Casanova entendeu.

– Ela já fez isso, né? – deduziu.

Axel não negou, o que era o mesmo que confirmar.

– Ela te contou o motivo? – perguntou Casanova.

Axel negou com a cabeça.

– Casanova, eu nem sei se estamos falando da mesma...

– *Você iria fazer isso comigo quando descobrisse, então é melhor adiantarmos.* Foi isso o que ela me disse – cortou o nobre.

O príncipe estava rendido, sem qualquer ideia de como reagir diante daquilo tudo.

– O que você está fazendo aqui, Casanova? – perguntou Axel pela terceira vez.

– Seja direto comigo!

– Acredite, mas... pela primeira vez... eu quero *consertar* o coração de uma mulher em vez de parti-lo! Eu quero *realmente* me importar, príncipe. Eu quero ser o homem que ela viu em mim, um homem maior. Um homem melhor. E, se eu falhei com ela quando tive chance, talvez essa conversa seja minha maneira de buscar uma grandeza em mim que ainda desconheço. Além disso, não há mais o que ser feito, não é? Nós sabemos *quem* ela escolheu.

– Por mais surpreendente e altruísta que suas palavras e intenções soem, por que você acha que pode modificar algo entre mim e Maria?

– Porque eu sei o verdadeiro motivo que a impede, Axel! Ao menos *nisso*, eu fui melhor do que você.

22

Liriel queria falar, mas a voz se perdia com o bom senso. Ela estava em um ambiente que lembrava seu circo, mas não era. Ela estava diante de um ser que lembrava seu pai, mas não era.

Ou não poderia ser.

– Não é possível... – sussurrou Liriel, o que naquele lugar representava um grito.

– Aqui tudo é possível – disse o mago-linche. – Só não da mesma maneira que você conhecia.

Quanto mais Liriel se aproximava, mais aquela realidade parecia distante. E, ainda assim, não havia como ela recuar. Não para quem havia chegado até ali.

– Você não pode ser meu...

– Sim, eu posso! E sou – disse a voz sombria. – Apenas não da mesma maneira.

Ali ela notou a face esquelética. O estômago embrulhou, e ela vomitou ali mesmo na frente dele e do mago oriental.

– Deixe-nos – ordenou Oz a Djin. – Você cumpriu os desígnios com louvor. E será recompensado por isso.

O mago desapareceu do local, como se a instrução fosse simples.

– Você, seus magos e suas crias querem me ludibriar – disse Liriel para si mesma. – Vocês *só podem* estar querendo me...

– Você se lembra da primeira vez em que usou o trapézio? – perguntou Oz. – Você segurou a barra, mas teve medo do salto. Você era uma criança com medo da queda. Então eu te perguntei se você preferia ser a larva ou a borboleta. Afinal, as duas tinham a mesma essência, mas apenas uma...

– ...era capaz de voar – concluiu Liriel, ainda para si mesma.

Liriel tremia, tentando conter o colapso.

– Por que você faria isso? – perguntou com voz fraca. – Se é mesmo você... por que você me deixaria pensar que eu estava sozinha todo esse tempo? Por que você... se tornaria *isso*?

– Porque nós dois perdemos tudo quando nos mostramos fracos. E agora nos reencontramos invencíveis.

Liriel colocou as mãos na cabeça, se perguntando como um momento que deveria simbolizar seu maior sonho se mostrava, ao mesmo tempo, seu pior pesadelo.

– Você acha que eu *não* estive lá? – questionou o mago de Oz. – Quando você reconstruiu o circo, ou quando você sobreviveu à guerra das facções criminosas, ou quando o ladino matou o assassino enviado pelo pirata?

– Como... como... como assim *você esteve lá*? O que isso quer dizer?

– Às vezes eu estou presente como agora na sua frente, às vezes eu estou presente de outras formas, mas, ainda assim, eu estou lá. Eu estive onde você não olhava... tirando inimigos do seu caminho... protegendo sua retaguarda quando você não estava olhando... parando o tempo... até mesmo movendo objetos para você...

– NÃO – chocou-se Liriel, assim como você. – Você está me dizendo mentiras! Isso é impossível! Isso *tem de ser* impossível!

– Mas não é – disse Oz.

Mas a voz não vinha do Oz à frente dela.

Vinha de um segundo Oz atrás dela.

– O quê... o quê... – gaguejou Liriel, atônita e arrepiada, caindo no chão e se arrastando para trás.

– Esse também sou eu – disse o segundo Oz.

– Assim como eu – disse um terceiro Oz, saindo de mais um dos cantos sombrios daquele circo macabro.

– QUE MALDITO TRUQUE É ESSE?

– Não é um truque – disse o primeiro Oz. – Todos eles *também* são eu.

– Todos somos Oz – disseram os três Oz juntos.

Liriel fechou os olhos e afundou os dedos no couro cabeludo, tentando não enlouquecer.

23

Érika hanson ouviu o bater na porta de casa e abriu sem pensar no horário já tardio. Três batidas na porta, considerando que já passava da meia-noite, trazendo urgência. De todas as opções imaginadas, contudo, ainda assim aquela lhe surpreendeu mais do que jamais poderia pensar.

– Eu tinha certeza de que você não tinha se esquecido do meu chá – disse ela, surpreendendo igualmente o visitante.

– Sim – disse Axel Branford, rendido. – Eu lhe disse que adoraria provar seu chá mais uma vez. Bem como alguns de seus doces famosos nessa cidade.

– Você não precisava ter esperado tanto tempo – disse ela, dizendo muito com pouco.

– Um fato que espero que jamais se repita.

Ela sorriu para ele, conectando entre os dois um entendimento que ela, como mãe, não precisaria exhibir. Mas aquela mulher havia passado por muito, e de tudo o que mais havia aprendido na experiência envolvia o valor de tempo em relação às pessoas amadas.

– Algumas coisas nessa casa parecem as mesmas – disse o príncipe, entrando no recinto.

– Por fora, sim – admitiu Érika, colocando um bule de chá próximo de uma fogueira que já estava acesa. – Mas por dentro ela está mais vazia.

Não havia o que ser dito.

– A Coroa está preparando a nova casa pra nos mudarmos, mas ainda me parece surreal que nossa família agora seja considerada nobre.

– A mim, nem um pouco – acrescentou Axel.

Então Maria Hanson saiu do cômodo que lhe servia de quarto, e viu Axel Branford.

– O que você veio fazer aqui?

Axel não respondeu de imediato, observando os detalhes dela. Maria estava com um vestido leve e solto, manchado de comida. Nenhuma maquiagem, nenhum cabelo penteado, nenhum adereço. Apenas a mulher que ela era sem máscaras ou enfeites, e sem qualquer preocupação de parecer diferente para um homem considerado príncipe. A sua perfeita *lady*.

A mulher que ele gostaria de ver ao dormir e ao acordar.

– Ele veio tomar chá – disse Érika. – E comer doces.

A mãe passou o chá do bule para uma caneca de metal amassada e colocou em cima de uma mesa com uma cesta de doces a base de coco e mel.

– Ele está um pouco atrasado – resmungou Maria, com um tom oposto ao da mãe.

– Eu disse isso a ele – reforçou Érika, fazendo um sinal para Axel se servir. – Mas ao menos ele veio. E um grama de atitude vale mais que uma tonelada de promessas.

Juro a você, Maria Hanson amava, mas às vezes odiava aquelas frases da mãe.

– Vejo que você teve a quem puxar – disse Axel, bebendo da caneca de metal amassada como um plebeu.

– Sim – suspirou Maria. – Pro bem e pro mal.

Axel mordeu o doce de coco com mel, e manteve-se por um momento saboreando aquela mistura como se fosse uma iguaria.

– Não me espanta que vocês tenham feito fama na feira de Andreanne. Acho que isso é a coisa mais saborosa que já provei em toda a minha vida.

– E essa nem é minha melhor receita – disse Érika, também saboreando o momento.

– O que vocês estão fazendo? – perguntou Maria, incomodada com aquele momento de intimidade entre Axel Branford e Érika Hanson, como se a vida não tivesse mudado em tantos anos.

– A senhora deveria cozinhar para o Grande Paço – disse Axel, ignorando Maria. – Você deveria ser uma das chefes da cozinha real.

– Isso é um convite oficial?

– O que *você* está fazendo, Axel? – gritou Maria, reverberando o grito pela casa e trazendo a atenção para ela. Então, em tom mais baixo, ela repetiu: – O que você está fazendo *aqui*, Axel?

Axel não respondeu de imediato. Deixou que o olhar deles se conectassem, e ela visse a verdade por ali.

– Giacomo me contou – revelou ele, de uma vez.

Maria sentiu o corpo ferver. Ela mordeu os lábios, apertou os punhos e respirou pesado. Era um sentimento que misturava traição, raiva e a frustração de se lembrar daquilo.

– Ele não tinha esse direito – sussurrou Maria.

– Maria... – ele tentou dizer.

– De todas as pessoas, *você* era a que ele tinha menos direito.

Axel colocou a caneca na mesa. Érika refletiu dentro de si a dor da filha, esterilizada por uma bruxa que também sabia fazer doces.

– É por isso, não é? – perguntou Axel, se aproximando dela aos poucos. – Mais do que qualquer passado, é disso que vem o seu receio, não é?

Maria queria chorar, mas não na frente dele. As lágrimas queriam nascer, e o coração dizia: “não chore”. Mas para os olhos era tarde demais.

– Você é um nobre como ele, Axel – disse Maria, com os olhos espelhados pelo choro que ela não queria.

– Nada que você agora também não seja.

– Você entendeu o que eu quero dizer – vociferou Maria. – Você vai precisar da única coisa que eu não posso te dar, e vai acontecer de novo.

– Não, não vai – disse Axel, se aproximando *ainda* mais. – Porque você é tudo o que eu preciso.

Os corações batiam tão fortes naquele recinto que era possível sentir as vibrações nas paredes.

– Eu... – gaguejou Érika Hanson. – Eu vou deixar vocês dois a sós...

– Não, senhora Hanson – pediu Axel. – Eu preciso que a senhora participe desse momento conosco.

Maria e Érika se olharam, sem entender. Axel Branford se postou diante de uma Maria Hanson exibindo a fragilidade que também era parte dela, e ele amava quando ela não a escondia.

– Eu uma vez te disse que você me tornou um homem consciente de minhas responsabilidades, que você lutou ao meu lado naquela Arena de Vidro e que você seria para sempre a mulher da minha vida.

– Não faça isso – pediu ela, quase como uma súplica.

– Eu gostaria que seu pai estivesse aqui – disse Axel, com uma maturidade diferente. – Eu gostaria que meus pais estivessem aqui.

– Você sabe que será um círculo. Você sabe que vai acontecer de novo...

Ele pegou na mão dela. A mesma mão que exibia o anel que os lenhadores davam às suas almas gêmeas. O anel que ela um dia tentou dar a ele.

O anel que ele havia recusado.

Porque aceitá-lo seria admitir a possibilidade de esquecê-la.

– *Jamais* vai acontecer de novo – afirmou ele.

Axel tocou o anel, e apenas o toque incendiou o corpo dela. Em um movimento lento, ele retirou o adereço do dedo dela, sem que Maria entendesse totalmente o que aquele ato significava. Então os olhos dele se perderam no dela, e no de milhares de semideuses que acompanhavam aquela cena, quando o príncipe de Arzallum colocou o anel de lenhador de Maria Hanson em seu próprio dedo.

Então Érika Hanson colocou as duas mãos no rosto, ao entender o que estava acontecendo. O momento em que Axel Branford retirou de um de seus bolsos outro anel. Um anel de madeira, formado pelo tronco de uma árvore que ele mesmo havia derrubado com um machado.

Um anel que lembrava aquele dado pelos lenhadores às suas almas gêmeas.

– Senhora Hanson, eu hoje não vim aqui apenas relembrar de sua comida – disse Axel, com a voz embargada. – Eu hoje vim aqui relembrar a sua filha de que eu *jamais* vou esquecê-la.

Foi assim que o príncipe se ajoelhou diante dela.

– Maria Hanson, você aceitaria se casar comigo?

Não havia velas, carruagens, salões lotados, servos reais ou bailes de máscaras. Não havia vestidos longos, gravatas borboleta, taças de champanhe ou banquetes de luxo. E não havia fantasias. Havia canecas de metal amassadas, crepitar de fogueira, vestidos manchados de comida e anéis de madeira.

Havia apenas verdade. A verdade que Axel Branford sempre havia buscado.

O aconchego que trazia um sentimento familiar, que ele havia perdido.

O sentimento de *família*.

Havia apenas o príncipe que amava a plebe, ajoelhado no solo sagrado da família da qual ele queria ser parte. As lágrimas dela tocaram o chão da mesma casa onde tudo começou, onde tempos atrás você e eu aprendemos sobre os ainda pequenos João e Maria Hanson, e sobre tudo o que eles já tinham passado, e ainda iriam passar, e o toque pareceu uma gota de chuva.

Ela pegou Axel Branford pelo rosto e o ergueu, ainda sem saber se deveria beijá-lo ou estapeá-lo. Mais uma vez.

Nenhum conto de fadas termina mal, senhorita Hanson.

Aquela felicidade dava medo. Reascender aquele sentimento lhe causava pavor.

Mas conhecê-lo, e viver sem ele, já lhe seria a morte.

Se atualmente não está bem, é porque ainda não chegou ao fim.

Axel Branford sentiu os lábios de Maria Hanson se colarem nos seus, como se aquilo não fosse apenas um momento esperado por ele, mas também por forças ainda maiores.

Ainda mais fortes do que eles.

– Eu aceito – disse ela, com a certeza de uma princesa.

Axel a abraçou e eles permaneceram ali, silenciosos e unidos em um círculo próprio, trocando entre si o melhor do mundo. Até que Érika Hanson os abraçou em seu próprio abraço, aumentando o círculo e representando os pais que não estavam mais ali.

No alto daquela noite, a constelação formada de milhares de semideuses que haviam mantido Nova Ether viva para aquele momento existir brilhava mais forte, como uma única força. A força que os fazia únicos.

Porque aquele momento era de amor.

E é disso que semideuses são feitos.

24

Liriel ainda era loucura. Estava no chão, encostada em um canto iluminado por uma espada de lâmina incandescente, observando três figuras altas, esqueléticas e idênticas, vestidas de negro, lembrando sombras em pé.

– Isso não é *mesmo* um truque?

– Não, não é – disse o primeiro Oz, dissolvendo os outros dois.

Liriel focou o chão, tentando, se não compreender, analisar como seria aceitar aquilo e tentar seguir aquela lógica.

– É você mesmo... *pai*? – perguntou ela, na entonação de uma filha.

Por mais que o mago-linche exibisse um rosto cadavérico, ali aconteceu uma sutil expressão de emoção. Um tipo de sentimento que ele não se lembrava há tempos, mas ainda existia ali.

– “O mundo fantástico de Gabbiani” – lembrou Oz. – Era esse o lema do circo Gabbiani, você se lembra?

Liriel concordou, com a garganta travada, demonstrando que aceitar aquilo seria mais fácil. Aquelas lembranças traziam sentimentos de infância, de pureza, de plenitude, de tudo o que ela havia perdido.

– Você deve se lembrar da época em que os Ricelli ainda eram a família real, a nossa família era nobre e eu cuidava do tesouro real. Eu, você e sua mãe éramos completos, não éramos? Oh, minha Dorothy! A mulher mais íntegra, mais apaixonada pela dança, a mãe mais dedicada. Com ela você aprendeu a dançar e a

conquistar pessoas à primeira vista, eu aprendi a ser artista e a jamais me vender. E, curiosamente, foi isso que a matou.

Liriel continuava engasgada.

– Você se lembra como foi, tenho certeza. Eu vivia em um mundo de mentiras, de propinas, de acordos e de ameaças. E eu escolhi o caminho mais difícil para quem tinha acesso às contas reais: o caminho honesto. Mentiras foram criadas, meu nome foi destruído e a reputação da nossa família jogada na lama. Ainda assim, Liriel, de tudo que nós passamos, a parte mais difícil não envolveu nada relacionado à minha queda, mas à doença da sua mãe. Porque vê-la numa cama, destruída, sem que eu pudesse fazer nada que reverteresse aquela morte iminente... *aquilo* sim me foi venenoso. E eu desejei que pudesse enfrentar Beanshee.

Liriel fechou os olhos, buscando não chorar. Ela pouco a pouco aceitava mais aquilo tudo, mas ainda queria estar pronta para tudo se mostrar um truque.

– Se não fosse você, eu teria me matado, não tenho dúvidas. Mas *havia* você. Uma adolescente capaz de me convencer a investir as economias que me restaram em um circo em nome de toda arte que celebrava sua mãe. E assim nasceu o circo Gabbiani. O *nosso* circo.

Liriel abriu os olhos e cascatas desceram por eles.

– Os nobres continuaram a ir até o circo, apenas para nos provocar nas arquibancadas. Eu ainda era a piada, a maior atração do picadeiro. Você se lembra dos nomes dos dois principais deles?

Liriel fez que não com a cabeça.

– Eu me lembro: Bailum e Barney. Ambos hoje estão mortos, e morreram de maneiras dolorosas. Minha filha, o que você nunca soube foi que, depois que sua mãe faleceu, eu comecei a estudar as magias proibidas, relacionadas à imortalidade. Frequentei círculos, estive em rodas de iniciados de magia escura e vi coisas que vou poupá-la por enquanto dos detalhes. E me *alimentei* daquilo. Cada livro, cada encontro, cada ritual preenchia o que estava vazio dentro de mim. Porque eu queria que, se Beanshee viesse atrás de você, ao menos *dessa vez* eu pudesse evitar.

Aquilo bateu em Liriel de forma mais explosiva do que pólvora negra.

– O que você fez, *pai*? – sussurrou Liriel, aceitando o termo pela segunda vez.
– Ninguém poderia evitar isso...

– No mundo material, não, mas sim no etérico. Existem outros casos espalhados, acordos verbais com entidades, sacrifícios de fadas, negociações com Pedras de Criação...

– E *aonde* isso te levou? – perguntou ela com a voz baixa, assustada como a menina que ele viu crescer.

– A esse momento, onde nos reunimos novamente. Para sempre.

Liriel se levantou devagar. Se tudo aquilo era verdade, então aquele era o momento de ir até o fim.

– Então *como...* como o homem que eu reconhecia como meu pai se tornou quem você é agora? Eu *vi* o seu corpo! Eu *enterrei* você!

– Não, você enterrou um dos meus avatares – revelou ele. – Um desses que controlo daqui.

– Meu pai não seria capaz de fazer algo tão cruel comigo...

– Nem seu pai sabia do que era capaz, até chegar aqui.

Liriel vomitou mais uma vez, sentindo a garganta arder pelo suco gástrico.

– Precisei desse tempo para que eu me tornasse o mais poderoso que pudesse, e você se tornasse a líder que se tornou. A líder pronta para comandar comigo.

– Comandar esse Reino?

– Comandar Nova Ether.

Nem mesmo o maior dos piratas havia chegado a tamanha ambição.

– É verdade... que você sempre me acompanhou daqui?

– Liriel, você nunca esteve sozinha – disse Oz com satisfação. – Quando você roubou a pedra e enfrentou o ladino pela primeira vez, eu estava nas sombras. No momento em que eu me tornei um linche, a magia vermelha criou um vínculo com meu sangue e desbloqueou forças em você que você nem mesmo tinha conhecimento. Por isso eu sempre estive contigo. Eu estive lá quando vocês invadiram a prisão atrás do velho, eu estive lá quando você moveu a chuva de flechas em Sherwood.

– Então, ao longo de todo esse tempo... eu fui seu fantoche?

– Não, porque eu nunca *manipulei* você! E apenas agi quando *você* desejava. Encare isso como se fosse seu próprio gênio. Na verdade, no fim das contas *eu* fui o seu fantoche.

Liriel se aproximou do mago-linche.

– Então me conte... – pediu ela. – Me conte como você se tornou tão poderoso ao ponto de isso se refletir em mim. Me conte como você se tornou o Mago de Oz.

Aquele era o pedido pelo qual o Mago de Oz havia esperado uma eternidade.

25

O dia amanheceu na Fazenda dos Escudeiros em uma situação atípica. Os candidatos restantes ainda estavam lá, mas não havia um comando definido. João

Hanson estava retornando com a comitiva real, seu imediato Andreos Darin estava incapacitado e banido pelo próprio João Hanson, e mais precisamente por ter agredido Albarus Darin, que seria o terceiro em comando. Limitados por essa brecha, o grupo de escudeiros havia se tornado um mar de conflitos. Moleques discutindo sobre João e Andreos, sobre quem era melhor, quem deveria ter vencido o combate e quem estava certo ou errado. Sobre o quanto Albarus Darin e Hector Farmer envergonhavam suas famílias, sobre o quanto os Costard mereciam a honra de ter seu primeiro cavaleiro em sua família, sobre o quanto Emile merecia ou não estar ali e querer se vestir e agir como um deles.

Logo, sem que existisse uma definição oficial sobre quem deveria seguir com aquele treinamento, um dos antigos escudeiros, e hoje cavaleiro, resolveu assumir a responsabilidade: Jaú. O curioso disso era que, de toda a turma formada na geração de João Hanson, Jaú era o mais novo e sempre se mostrou o mais acanhado. Mas ali, diante da responsabilidade assumida, ele se tornou tudo o que seu superior poderia esperar.

– Soltem – ordenou ele pela sexta vez naquele dia, liberando novamente os escudeiros do peso das madeiras nas costas, que eles precisavam carregar enquanto corriam de um ponto a outro.

– Permissão para água, senhor? – pediu um dos adolescentes.

– Negada.

Aquilo foi uma surpresa. Ainda mais vindo do cavaleiro que sempre se mostrara o mais gentil.

– Então o que fazemos, senhor? – perguntou o mesmo adolescente, limpando o suor.

– Formem o círculo.

O círculo representava uma versão de treinamento do Círculo do Pendragon. Em outras palavras: a simulação de um combate até a morte.

Novamente: algo surpreendente para *aquela* comandante.

– Espadas de madeira... – ordenou Jaú.

Duas espadas foram arremessadas no centro da roda, onde Jaú tinha se posicionado.

– Eu tenho visto essa fazenda de escudeiros se dividir, como nunca antes em todos os meus anos na cavalaria. Vocês se dividem entre si, entre os cavaleiros que se identificam, entre altruístas e egoístas, entre sexos...

Jaú buscava o olhar de cada um deles. Todos olhavam para baixo, mantendo o silêncio.

– Se eu depender dessa safra, talvez nunca antes tenhamos uma safra tão pouco merecedora de vestir a armadura. Sabem, na minha época de escudeiro, eu e meus companheiros apanhamos as armas e, mesmo sem qualquer experiência e com o

coração saindo pela boca, nós nos colocamos na linha de frente de nossa Rainha para protegê-la contra mercenários. Garotos de 13, 14 anos, assumindo uma responsabilidade que faria soldados de 30 tremer. Já vocês, o que vocês fazem? Vocês brigam para impor com quem alguém deve se deitar, para decidir o limite de nobreza de um cavaleiro, para decidir se uma mulher é digna ou não de estar aqui ou se ela pode se considerar igual a qualquer um de vocês. Enquanto isso, seu cavaleiro-mor João Hanson está servindo como campeão para seu Rei em um campo de batalha, e nós só podemos rezar a semideuses para que o traga de volta vivo. Porque é essa a vida de um cavaleiro. A vida de uma pessoa que nunca sabe se é seu último dia. E vocês não fazem ideia de como toda preocupação e julgamento se tornam pequenos quando se aceita o caminho e se enxerga a vida assim. Portanto, o que posso lhes prometer é que, se a vida não ensinou a você até aqui o que era preciso, essa fazenda vai ensinar.

Ninguém soube o que aquilo significava.

– Fernando e Emile, no centro.

Ali eles entenderam.

26

— **O** que você já ouviu sobre o Mago de Oz? – perguntou o próprio.

– Muitas coisas, poucas delas iguais – respondeu Liriel. – Alguns na verdade te chamam de *mágico*, outros de *feiticeiro*. Em comum, do que me lembre, quase todas as histórias falam de um artista de circo experiente que mexia com magia e viajava em um balão, chegou aos Reinos Esquecidos e se tornou um mago tão poderoso que passou a ser adorado como uma entidade, criando seu próprio Reino.

– É uma versão sem detalhes, mas não deixa de ter sua verdade.

– Então preencha os detalhes – pediu ela, no tom de uma exigência.

– Eu não viajei de Arzallum até aqui em um balão, ao menos não *apenas* isso. Viajei de todas as maneiras que consegui. Carroças, jangadas, pés descalços. Não importava, todo artista de circo sabe que a jornada é tão importante quanto o destino, já que nela se aprende sobre o mundo e sobre as pessoas. E nada me ensinou mais do que os Reinos Esquecidos. Os narradores dos contos de Nova Ether estão acostumados a falar sobre os principais Reinos em guerra, sobre as Sete Montanhas, sobre famílias reais. Mas quantas histórias você já ouviu sobre as tribos isoladas, seus semideuses selvagens, seus idiomas próprios? Eles também têm seus

próprios contos, e suas próprias histórias, sobre meninos de outras raças, oriundos de Reinos afastados, que se perderam em seus territórios e cresceram em meio a lobos e gorilas. Eles os chamam de “Reis da selva”. Mas aos olhos do resto do mundo, porém, eles eram ignorantes, bárbaros, primitivos. A escória renegada à periferia, exatamente como nós.

Liriel queria dizer que seu pai havia ficado louco, mas a cada momento ela o compreendia mais, e passou a considerar que talvez ela própria caminhasse na raia da loucura.

– E assim como seus heróis, eles também tinham seus próprios monstros. E de todos eles, nenhum causava mais pavor do que uma maga negra capaz dos maiores feitos que uma bruxa já sonhara. Uma bruxa antiga e isolada, escondida ao norte do continente Ocaso. Era assim que eles a conheciam: apenas *a Bruxa do Norte*. Ninguém a desafiava, ninguém a visitava, mas todos a reverenciavam em uma religião própria. Diziam que ela havia se cansado da humanidade, mesmo da parte que lhe servia, vivendo rodeada de serviçais e pagando o preço da imortalidade. Eu entendia melhor do que ninguém essa sensação, e decidi que iria fazer o que ninguém se atreveria: eu iria até ela.

– O Oscar Gabbiani que conheci sempre fazia o que ninguém se atrevia. Era seu maior defeito e sua maior qualidade.

– Era mesmo, não era? – perguntou Oz, orgulhoso de si por um instante. – Pois bem, eu atravessei pântanos, andei na lama, sobrevivi a aranhas, cobras e crocodilos de tamanhos bem diferentes de como os imaginam. Eu passei fome, e passei sede, e sangrei mais do que achei que meu corpo aguentaria. E, ainda assim, eu continuei, e talvez essa tenha sido a provação. Eu me perdi, me encontrei, perdi o caminho e o encontrei de novo. Quando cheguei ao local delimitado por totens e amuletos, os serviçais dela vieram me buscar. Eu fui levado até a bruxa mais temida, e ali eu achei que iria ser sacrificado da maneira mais dolorosa. Mas, em vez de me destroçar e devorar minha carne, ela pareceu curiosa pelo meu atrevimento, e decidiu ouvir minha história, para *aí então* decidir o que fazer comigo.

– Você contou a ela?

– Sim.

– E o que ela fez?

– Ela disse que me deixaria escolher entre a *boa vida* e a *vida eterna*.

Aquela pergunta soava astuciosa.

– Qual seria a diferença?

– A boa vida envolve a morte, pois parte do princípio de que a vida é sofrimento e a morte é alívio. Já a vida eterna envolve a iniciação nas artes proibidas e vitória sobre a morte, ao preço do sofrimento eterno.

– E foi essa a sua escolha...

– Não.

A resposta travou Liriel.

– Se eu dissesse que queria a vida eterna, ela apenas me sacrificaria e comeria meu coração, pois para merecer a iniciação é preciso primeiro aceitar a morte, e então renascer um iniciado.

– Então você pediu pela boa vida...

– Não – disse Oz, com certo prazer. – Eu pedi pela *morte eterna*. E então ela soube que eu era diferente de todos que ela já tinha visto. E me tomou como discípulo, o primeiro em centenas e centenas de anos. Ela me deixou escolher outro sobrenome, que representasse meu nascimento. Eles tinham matado o legado Gabbiani, destruído nosso circo, destruído nossas vidas. Então eu tomei o sobrenome de sua mãe, aquela a quem valia buscar a imortalidade. E foi assim que Oscar Gabbiani se tornou Oscar Zoroastro. E foi unindo nossas iniciais que nasceu esse Reino e nasceu minha fama. Foi assim, minha filha, que nasceu o Reino de Oz.

27

— **V**ocês dois representam alguns dos opostos desse grupo – disse Jaú, com Emile e Fernando em pontos distintos do círculo formado pelos candidatos a escudeiros. – E hoje eu lhes dou o direito de resolver isso nesse ringue. Se eu lhes ordenar que lutem até que um dos dois caia morto, vocês estariam prontos para isso?

– Sim – respondeu Fernando, primeiro.

Jaú olhou para Emile.

– Sim – respondeu ela, preparando-se para o combate.

– Então soltem suas espadas – ordenou Jaú.

Novamente a ordem foi tomada com confusão, mas ambos obedeceram.

– Fernando, dê um passo à frente – ordenou Jaú.

O garoto o fez, sem saber o porquê.

– Como nosso aprendiz, você fez um juramento de verdade, não é?

– Sim, senhor.

– Então quero a verdade. Eu quero que você me diga: *de onde vem*? Quero que você me conte de onde vem a raiva, de onde vem o desprezo, de onde vem a necessidade...

Fernando Costard era um garoto que já tinha uma pele de cor pálida, mas ali, naquele momento, foi como se Jaú houvesse ordenado que ele ficasse nu, e, ainda assim, lhe teria sido menos embaraçoso.

– Não sei se entendi o pedido, senhor...

– Você entendeu – definiu Jaú. – E, se me faltar com a verdade, será expulso e banido nesse momento de qualquer proximidade com a cavalaria.

Aquela possibilidade também pareceu traumatizante ao menino. Embaraçado, perdido, sem suporte de qualquer outro ao redor, ele gaguejou as primeiras palavras, então suspirou fundo como se ele não fosse um peso para o mundo, mas o mundo também lhe pesasse. E disse:

– Eu e meu irmão viemos de uma família de posses. Meu pai ganha dinheiro explorando minas e encontrando pedras preciosas. Ele trabalhava três quartos de um dia, e dormia no tempo restante, o que significava que era raro a gente até mesmo falar com ele. A maior parte das histórias da vida dele, na verdade, eu e meu irmão aprendemos pelas histórias dos outros. Ele estava sempre sujo, mal vestido e mal cheiroso. Eu admito que sinto vergonha de dizer que eu sentia vergonha de estar ao lado dele em público. Mas eu não sinto de dizer que a gente agradecia quando ele não estava em casa... porque as surras não aconteciam. Meu pai era um cara bruto, que quebrava tabernas e espantava as mulheres com quem ele tentava trair minha mãe. Eu vi ele agredir mais de uma que o rejeitou. E ele vinha e nos dizia que ninguém espalha mais sobre a sua reputação do que uma mulher, que era para fazer elas entenderem que jamais devem falar da sua. Para ele, isso era a vida: a própria reputação. Eu não acredito que ele se matou de trabalhar naquelas minas pra que a gente melhorasse de vida, mas para que a reputação dele carregasse isso. E nós aprendemos desde cedo na base da porrada aquela filosofia: homem não chora, homem não aceita desaforo, homem se prova na força. Foi por isso que o meu irmão subiu no palco lá na Arena de Vidro pra atacar a honra da Maria Hanson: por que lorde Hanson havia humilhado ele em público, e a nossa maneira de revidar era atacar a reputação da família deles. Só que o dinheiro que o meu pai juntou começou a acabar ao longo desse tempo, embora a gente faça o possível pra esconder isso. E, sem muita opção restante, hoje o meu irmão tá fazendo o mesmo trabalho que ele: explorando minas em busca de pedras. Essa era a última coisa que ele gostaria de fazer, mas um homem tem de fazer o que tem de fazer. Mas eu não quero! Eu não quero voltar atrás, não quero me sentir imundo por fora e por dentro. Eu não quero me tornar o meu pai! E, quando lorde João se tornou um aprendiz de cavaleiro, eu soube que era isso que eu queria fazer. Sabem, eu e meu irmão tentamos nos convencer de que odiamos os Hanson, mas, na verdade, acho que é porque eles representam tudo o que nós gostaríamos que a nossa família fosse. Não foi à toa que meu irmão Paulo tentou conquistar lady Ariane antes de lorde João. Os

Hanson, no fim das contas, representam toda a reputação que nós gostaríamos de ter. E eu sei que essa inveja é um sentimento baixo e que destruir a reputação de alguém não vai aumentar a nossa própria, mas essa é a primeira vez que eu falo sobre isso e que eu admito isso, e, se nesse momento eu estou sentindo a mesma vergonha que eu sentia por sentir vergonha ao lado do meu pai, então esse talvez seja o caminho para que vocês me digam que meu lugar não é aqui ou que talvez finalmente eu esteja caminhando para algum lugar que me faça sentir vivo.

Quando Fernando se calou, o silêncio se manteve. Era o reflexo do choque. Sem qualquer julgamento ou parcialidade, Jaú simplesmente se virou e disse:

– Emile...

Foi a vez de ela sentir o peso. E também não se intimidar.

– A única coisa que minha mãe me deixou foi uma canção. Eu não me lembro dela, sei que cresci nas ruas, me virando, passando fome, passando frio e pedindo esmola. Eu tinha seis anos quando Jamil Coração-de-Crocodilo atacou o porto de Andreanne. Um dos piratas me pegou como refém, colocou uma faca no meu pescoço, e foi assim que ganhei essa cicatriz. Ele deveria ter me matado, mas ele foi morto antes disso por um cavaleiro real. Eu até hoje não sei o nome dele, mas me lembro de uma tatuagem no pescoço dele, parecida com uma raposa. E foi assim que eu passei a chamar ele nas minhas memórias: o cavaleiro Raposa. Foi ali que decidi que um dia eu ia ser da cavalaria também, e eu ia fazer o que ele fez por mim: ajudar os mais fracos, para que um dia eles tenham a oportunidade de se tornarem fortes também. Eu passei muito tempo me preparando para isso. A rua era meu local de treinamento, e, quando eu penso sobre isso hoje em dia, vejo que o meu desejo foi o que me fez sobreviver. Se eu passava fome, era parte do treinamento. Se eu passasse frio, era parte do treinamento. Se eu me envolvesse em brigas, eu me imaginava lutando ao lado do cavaleiro Raposa. Foi assim que me preparei para tentar virar uma escudeira, e então me disseram que eu era uma menina, e meninas não podiam ser cavaleiros. E eu lembro que eu pensei: poxa, por que meninas sempre sofrem tanto? E eu sempre preferi as coisas dos meninos. Eu me vestia como eles, raspava meu cabelo como eles, falava e andava como eles, mas nunca fui vista como um deles. Era uma época em que rainhas eram escritas com erre minúsculo. E eu admito que quase acreditei nisso, e me sinto mal por quase ter acreditado nisso. Mas então eu ouvi falar sobre a Matadora de Gigantes, a mulher que havia liderado o exército de Arzallum nas Terras Mortas, e aquilo me inspirou. E ouvi falar sobre o filho de lenhador que havia matado o Conde de Ódio em um Tribunal de Arthur, e a cada dia se provava um fenômeno na cavalaria. E ali eu passei a pensar: não é que meninas sofrem mais, é que elas precisam ser duas vezes mais fortes, e tudo era apenas parte do treinamento! Então eu decidi que não ia nem esconder que eu nasci uma menina, nem que eu por dentro me vejo como

um menino. Decidi que iria ser o que eu nasci pra ser: um cavaleiro. E a minha maior diferença para o Fernando Costard talvez seja o fato de que eu admito que lorde João é um dos meus heróis, e, quando ele me escolheu como escudeira, eu senti que tudo valeu a pena. Porque se minha mãe não me quis, ao ponto de me deixar apenas uma canção, eu quero ser uma canção que as mães cantem para seus filhos, independentemente do sexo que eles tenham nascido.

Novamente silêncio, dentro e fora de cada um ali. Aquelas histórias tocavam de maneiras diferentes aqueles aprendizes, porque cada um ali também tinha uma história diferente, e essa diferença os tornavam melhores.

– Vocês me disseram que estavam prontos para matar um ao outro – disse Jaú.
– Agora eu lhes pergunto: vocês estão prontos para morrer um pelo outro?

Emile e Fernando se olharam. Aquela talvez tenha sido a primeira vez que os olhares dispensavam julgamentos e se aproximavam de empatia. Aquele era o primeiro caminho para uma irmandade.

Enfim eles passavam a viver o código.

Foi naquele momento que gênios cruzaram os céus, invadindo Andreanne.

28

A comitiva de Arzallum pousou em Andreanne quando o caos já reinava novamente. O Rei Anísio Branford desceu do Vishnu apenas para descobrir uma parte do Grande Paço arrasada, com poças de sangue, destroços de torres, cavalos mortos e cavaleiros vermelhos desmembrados. Branca Coração-de-Neve se mantinha sentada em um dos cantos, com expressão em choque. Bradamante e Ruggiero tentavam ajudar um ao outro, em meio a ferimentos que criavam rastros de sangue.

Inicialmente o campeão de Arzallum, João Hanson, buscou entender de seus cavaleiros ainda de pé que tipo de ameaça eles tinham enfrentado, ou ainda estavam enfrentando, mas sua visão identificou Ariane Narin ao fundo, e nada mais lhe importou. Então Ariane lhe mostrou Maria, sentada em um canto, consolada por Axel Branford.

No centro do cenário, o corpo de um Elfo-Rei.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Anísio Branford, em meio ao cenário caótico.

– A pergunta não é essa – rosnou Axel, olhando para Anísio como um cão prestes a avançar. – A pergunta é: o que *você* fez?

Sim, eu sei. Todo esse cenário deve parecer a você tão confuso quanto para Anísio Branford. E, como narrador, aqui eu teria a opção de deixar as pessoas contarem ao Rei de Arzallum o que aconteceu, e deixar que você entendesse junto com ele. Contudo, em vez disso, talvez seja mais interessante mexer novamente no espaço-tempo, retornar a narrativa para momentos antes desse acontecido, e fazer você ver como aconteceu. Acredito que você se lembre de como funciona. Respire fundo, se concentre na minha voz e retorne comigo para uma hora antes da chegada da comitiva de Arzallum. Um.

Dois. Três.

Axel Branford havia chegado ao Grande Paço ao lado de Maria Hanson. Os dois entraram de mãos dadas, com alianças de madeira nos dedos, talvez a primeira da história de um príncipe de qualquer Reino. Axel pediu pela presença da Rainha Branca Coração-de-Neve, de Ariane Narin, do professor Sabino von Fígaro, da major Bradamante e do capitão Ruggiero. Como o Rei Anísio Branford e o lorde João Hanson ainda não tinham retornado com a comitiva de Arzallum, aquelas eram as pessoas mais importantes para o que ele tinha a comunicar.

E foi diante delas que Axel Branford comunicou que iria se casar com Maria Hanson.

E que Arzallum tinha uma nova princesa.

Você deve imaginar o que foi aquilo para aquelas pessoas. Risos, choros, taças, discursos, beijos e abraços. Axel e Maria sempre fizeram sentido juntos e, por muito tempo, eles estiveram separados. Por isso aquele momento trazia uma sensação de que as coisas estavam de volta ao seu eixo, que o amor de fato vencia o ódio e que, não importasse o que estivesse por vir, Arzallum ainda representava o centro do mundo. Por isso, imagine para aquelas pessoas o que foi exatamente em um momento como aquele ouvir os primeiros gritos e as primeiras devastações.

Primeiro veio o som de rochas se partindo, seguido de vidro se despedaçando. Então os sons de crepitar de fogo, ventania, gritos de morte, espadas desembainhadas, teto desabando e torres de observação derrubadas. Fumaça, queima, nuvens de poeira, pessoas tossindo, pessoas fugindo e pessoas morrendo.

Do lado de fora do Grande Paço, quase oito centenas de gênios se apresentavam com a mesma fúria com que haviam invadido o Nunca.

Eram sons de relinchar de cavalos, seguidos de mais desmoronamentos, gritos de pessoas queimadas vivas e o emudecimento de pessoas congeladas em blocos de gelo. Axel gritou para que Branca, Maria, Sabino e Ariane buscassem uma sala de proteção do Grande Paço, enquanto Bradamante e Ruggiero sacavam suas armas

buscando inimigos. Mas tudo era rápido demais quando se tratava de seres elementais.

Os gênios já estavam ali.

Um gênio de pedra quebrou uma das paredes, invadindo o salão e abrindo uma brecha por onde outros chegaram, gênios do ar despedaçaram vitrais e desceram flutuando, enquanto outros elementais simplesmente chegavam pela entrada principal, deixando mortos pelo caminho. Ruggiero e Bradamante mostraram suas armas e se prepararam para o combate, mas mesmo eles, acostumados a matarem monstros, foram atropelados pelo inesperado. A espada de Bradamante girou e cortou com ferro frio um gênio do ar, mas logo em seguida um jato de água lhe voou no rosto e lhe tirou o ar. Ainda assim a antiga campeã de Arzallum avançou de olhos fechados, encontrando inimigos no escuro. Um, dois, três, quatro gênios sentiram o corte das lâminas com runas e lembraram uma sensação esquecida há séculos: *dor*. Do outro lado, Ruggiero estalou seu chicote, mas a arma não se mostrava eficiente contra elementais. O guerreiro acionou a runa e o chicote incendiou, e isso lhe fez ganhar tempo, pois feriu alguns gênios de ar. Mas havia gênios de fogo que não se intimidavam e gênios de água que lhe inutilizavam. Antes que se dessem conta, o chicote de Ruggiero foi congelado, e o gelo se estendeu até seu punho. Quatro elementais de pedra circundaram Bradamante, usando seus corpos como cela. Então gênios de fogo superaqueceram o círculo formado, e Bradamante desmaiou sufocada.

Axel mantinha Maria, Ariane, Branca e Sabino atrás de si, como se fosse capaz de protegê-los. Ele tentou atacar um gênio de pele rochosa, mas foi como socar uma parede, e ele teve sorte que seu punho não se quebrou.

Pior do que a dor do golpe, porém, foi a da frustração de descobrir que todo o seu treinamento se mostrava inútil diante de seres tão poderosos.

Assim os elementais cercaram todas as saídas daquele salão, enquanto do lado de fora soldados que não haviam ido com Anísio Branford para as Terras Mortas ainda insistiam em lutar e morrer diante de seres fantásticos que jamais haviam temido quando escravizados.

Até que, sem aviso, um corpo caiu do alto em um sonoro BUM no meio do salão real.

Foi preciso esperar a poeira erguida baixar para então o cadáver sob o solo rachado poder ser reconhecido.

– Não, não é possível... – gaguejou Axel.

Ali estava o corpo do Elfo-Rei Petter Pendragon.

Axel Branford já havia passado por diversos momentos tensos em sua vida como príncipe de Arzallum, e, ainda assim, *aquela* o estremeceu por completo. Do alto desceu Al-ladim, passando pelo buraco aberto pelo corpo jogado e tocando o

solo de maneira leve. Em sua posse, trazia uma refém amarrada e amordaçada, que o gênio lhe mostrou como um troféu.

– Livith... – sussurrou Axel, alto o suficiente para que os outros ouvissem.

Maria Hanson travou em choque pela revelação, pela situação e pelo despreparo. Axel foi à frente, encarando o intruso de volta.

– O que... – voltou a fraquejar o príncipe. – O que é tudo isso?

Al-ladim focou os olhos em brasa nele.

– Vocês sabem o que estamos fazendo aqui.

A Rainha Branca iria dizer que não, mas antes disso:

– Sim, eu sei – admitiu Axel, rendido.

Al-ladim gostou daquilo. Da sensação de vê-lo admitir aquilo.

– Como é a sensação de vocês se sentirem na lâmpada? – perguntou o gênio.

– O que você está fazendo com ela? – perguntou Axel. – O que você fez com o Rei Petter Pendragon?

A elfa demonstrava os sinais do abatimento. Antes sempre vívida em meio aos olhos brilhantes sem pupilas e pele bronzeada, ali se encontrava uma Livith frágil, machucada e exausta.

– Eu o matei quando destruímos o Nunca.

Axel perdeu o equilíbrio e iria tombar, se Sabino não o segurasse.

– É de difícil compreensão como uma raça tão poderosa como a minha tenha servido de escrava para sua humanidade por tanto tempo. Nós somos seres capazes de gerar os desejos, a questão antes apenas era que gênios não tinham os seus próprios porque lhes faltava um comando. Uma ausência que agora não existe mais. E então, quando as correntes caem, os acorrentados descobrem sua força, e aqui estamos, destruindo sem dificuldades todas as ideias de força e superioridade de sua sociedade.

– Então é por meio da destruição que vocês pretendem reconstruir sua história? – perguntou a Rainha, quando o príncipe perdeu a voz.

– Talvez – admitiu Al-ladim. – Se seguirmos seu exemplo.

– Quem é você? – perguntou a Rainha, com a voz de comando que faltava naquela situação.

– Eu sou Efreet, um gênio de fogo, escravizando o corpo de um hospedeiro que um dia me escravizou. Sua raça nos batizou de Al-ladim – revelou ele, como se o termo fosse um troféu.

– E o que você veio fazer aqui, Efreet?

O gênio por um momento se mostrou surpreso de ver uma Rainha tratando-o pelo seu nome.

– Eu quero lhes dar a chance para que a raça humana se submeta a todas aquelas que julgou inferiores.

– O que isso significa?

– Dessa vez não será uma guerra única em territórios separados, mas uma única batalha de todos os Reinos. Nós queremos que vocês tragam as fadas e os gnomos, as mesmas raças que nos escravizaram.

– Nós não temos como fazer isso – disse a Rainha.

– Sim, vocês têm. Nós somos gênios e sabemos dos acordos.

Silêncio. Até que Al-ladim tocou na pele de Livith e a princesa élfica gritou de dor com o toque de fogo.

– Pare com essa tortura, seu maldito! – gritou Axel. – O que você nos pede está além do...

– Está certo – disse a Rainha Branca, com uma firmeza que assustou os outros ao redor. Inclusive Axel Branford. – Nós iremos batalhar às margens do Lago do Sol, diante da Árvore do Mundo. Vocês e Oz irão levar seus exércitos de humanoides, e nossa aliança humana irá convocar o exército feérico. Mas, quando Mantaquim descer a fúria de suas fadas de guerra em suas cabeças, não se esqueça de que foram *vocês* que pediram por isso.

– Trazer Mantaquim ao campo de batalha não lhes trará uma vantagem – afirmou Al-ladim. – Apenas vai equilibrar as coisas quando nós abrirmos os portões de Aramis.

Ali mesmo Branca Coração-de-Neve, acostumada a esconder suas emoções quando preciso, revelou o abalo.

– Mas, ao vencedor da batalha, que se entregue o *verdadeiro* Merlin.

E então foi assim, com humanos em choque e tratados de guerras estabelecidos, que gênios deixaram o Grande Paço, levando o corpo de uma princesa élfica viva e deixando para trás o corpo de um Elfo-Rei morto.

Mas lembre-se, nossa narrativa já está mais avançada do que isso. Então vamos comigo momentos à frente, quando o Rei Anísio Branford já está ali, diante do caos, tentando entender seu novo desafio como Rei. Confie em mim e avance comigo.

Um. Dois.

Três.

– A pergunta é: o que *você* fez? – ainda ecoava a voz de Axel Branford pelo salão.

O Rei Anísio se manteve em silêncio, rendido diante de uma situação para a qual não tinha como ter se preparado. Ele buscou reforço em sua Rainha, mas o olhar de Branca apenas lhe dizia de volta tudo que Anísio não queria.

Os segredos do Grande Paço haviam caído, e era hora de serem revelados.

– Axel, venha comigo – pediu Anísio Branford, se dirigindo para fora do salão destruído, como se o cenário não merecesse pânico.

29

Anísio contou a Axel sobre Oz e tudo que aconteceu em sua passagem pelas Terras Mortas. Sobre Helena Bravaria e o assassinato de Ferrabrás a sangue-frio, sobre a unificação dos Reinos sob a bandeira de Oz e sobre como Arzallum talvez não fosse mais o Maior dos Reinos, nem ele o Maior dos Reis. A reação de Axel não foi de choque, mas de alguém que achasse tudo aquilo um destino merecido.

– Então dessa vez você saiu derrotado das Terras Mortas – comentou Axel.

– *Todos nós* saímos – corrigiu Anísio. – Principalmente Arzallum.

– Talvez. Ou talvez Arzallum vá seguir com ou sem essa obrigação de superioridade, e o grande problema seja o legado que deixaremos ao sobrenome Branford.

Anísio desfocou o olhar, como se aquele fosse de fato o grande problema. E ele não tivesse um plano.

– Eu estou com medo, Axel – admitiu Anísio pela primeira vez ao irmão.

Aquela era uma frase que Axel *já* imaginou que iria ouvir de Anísio Branford.

– Nós já sobrevivemos a bruxas, piratas, ditadores, demônios, gigantes... – continuou o Rei. – Mas a *isso*... a isso eu não nos vejo sobrevivendo.

Axel queria ser solidário, como se esperaria de um irmão. Mas a raiva era maior.

– Isso não é nada que você não esteja colhendo quando ouviu os gnomos e quando escolheu construir as Colmeias e eternizar um progresso a base de escravidão.

– Como todo progresso – rosnou Anísio. – Príncipes enxergam árvores, Reis enxergam florestas. Há pouco tempo nossos aliados escravizavam orcos, e você mesmo foi buscar seu troll em uma arena.

– Eu o tornei livre!

– Em teoria. Na prática, você o manteve como seu servo pessoal. Mas eu não estou lhe julgando aqui, apenas comprovando que as verdades mudam quando nos é conveniente.

Eles estavam no mesmo quarto que antes fora de seus pais, e Anísio ordenou que nada fosse modificado, nem mesmo a posição dos chinelos. Axel observou

quadros caídos pela luta travada no Grande Paço com a face das pessoas que ele mais queria que estivessem ali.

– Eles mataram o Rei Petter... – sussurrou Axel, como se o corpo não estivesse no salão principal. – E eles estão com Livith...

– E também dizimaram alguns dos nossos melhores cavaleiros – acrescentou Anísio. – Sem esforço.

Aquela cena era difícil de ser definida. O momento em que os irmãos Branford se conectavam pela angústia.

– Por que ele acha que nós temos poder de levar as fadas para o campo de batalha? – perguntou Axel, de repente.

Anísio fez uma pausa, como se não quisesse responder...

– Eu sei que você sabe a resposta, Anísio!

...e não tivesse escolha.

– Porque esse foi o acordo para que nosso pai se casasse com nossa mãe.

Axel sentiu o estômago embrulhar.

– O que você está me dizendo? – perguntou em tom alterado.

– O que sempre te protegeram de ouvir.

Axel pressionou as mãos contra a própria cabeça em um sinal de perda de controle. O acúmulo de sentimentos destrutivos estava transbordando, e ele estava cansado de tantos segredos reais.

– Não me proteja, irmão – pediu o príncipe de Arzallum. – Não há mais motivos.

– Eu concordo – disse Anísio, olhando um quadro caído de Primo Branford. – O que eu vou contar prometi aos nossos pais levar ao túmulo, mas, nas atuais circunstâncias, talvez nós já estejamos mortos.

– Ainda não. Talvez perto, mas ainda não.

– A história da ascensão de nosso pai ao trono não é precisamente como a contada em Caçadores de Bruxas. Claro, é a versão que nós queremos que o povo conheça, e é o melhor espetáculo que poderíamos ter em um palco, mas não é a mais precisa. Sabe, quando as magas negras trouxeram o terror a Arzallum e destruíram a família Ricelli, nosso pai era apenas um homem comum dotado de uma força de vontade sobrenatural. Converse com nossos tios e eles irão lhe contar histórias de como iam dormir ouvindo o irmão mais velho trabalhando até o início da madrugada e estando de pé antes deles na manhã seguinte. Primo Branford era um homem obcecado. Foi assim como moleiro, foi assim como Rei. Mas ele nunca pensou em ser Rei.

– Sim, foi o povo quem o incentivou após a Caçada.

– Não foi o povo, foi a fada da terra – disse Anísio, com certa distância. – Foi Terra Branford.

– Você quer dizer: *a nossa mãe*.

Anísio fez uma pausa e suspirou, virando-se de costas. Então fechou os olhos para não ver o rosto de Axel naquela revelação.

– Eu quis dizer a *sua mãe*.

Axel não reagiu de imediato, pois o cérebro não entendeu a informação por completo a princípio ou se recusou a entender.

– Eu acho que você está confuso sobre o que está dizendo...

Anísio decidiu se virar e olhar para ele, a fim de que Axel Branford entendesse que aquilo era sério.

– É você que não está entendendo, Axel! Eu *não sou* filho de Terra Branford.

Axel perdeu o equilíbrio, tropeçou e caiu em cima do quadro de Primo Branford, rasgando a tela e separando o rosto de seu pai em duas faces.

30

Liriel entrou em um salão morto. Crânios enfileirados, runas marcadas com sangue, cadáveres abertos, servindo de alimento para uma canibal, marcando também o cheiro do ambiente. Havia viajado em brumas esverdeadas, mas tinha consciência de para onde havia ido.

Ela estava caminhando para o norte.

Caminhando ao lado do pai nem completamente morto, nem completamente vivo, ela se viu diante de uma senhora de um olho cego e pálpebras costuradas, vestindo roupas de seda e sapatos de prata. A pele saltava veias, ramificadas na forma de patas de aranhas. Ao redor da senhora existiam marcas de sangue e corpos de onde ela tirava carne, sobrevoados por moscas, além de um espelho tão sujo que a poeira impedia de se ver o reflexo.

– Então era verdade... – sussurrou ela.

– Nesse Reino não se mente – disse Oz. – Não como nos outros.

– Ele está certo – disse a bruxa antiga. – Ele me disse que te traria na hora certa. E aqui estás.

– *Ho... hora certa?* – gaguejou Liriel.

– Sim. A hora de decidir de que lado queres estar na guerra, e quanto poder queres despertar.

– Quem é você? – perguntou Liriel com verdadeira curiosidade. – Além do nome que te conhecem como a Bruxa Perversa do Norte, além da bruxa que iniciou

meu pai. Quem *realmente* é você?

– Eu sou Mombi, discípula direta de Bruja, e a bruxa mais antiga do mundo.

– Sim – acrescentou Oz. – A bruxa capaz de me levar até o estágio final da necromancia e destravar todos os limites dos meus poderes.

“Assim como, no dia de hoje, fará com os seus.”

31

— **A**nísio, o que você está me dizendo? – perguntou Axel, com expressão fechada e voz soturna.

– Eu estou dizendo que, por trás da figura histórica, existe um Primo Branford que poucos conhecem. Um moleiro repleto de filhos bastardos espalhados pelo Ocaso. Você sabe quantas mulheres já apareceram no Grande Paço alegando serem mães de meios-irmãos nossos? Dezenas! Nosso pai as fez condessas e as mandou para outros Reinos em troca do silêncio.

– Não, você mente...

– Você *sabe*, Axel! Você sabe que nós éramos tratados de forma diferente. Você era livre pro que bem entendesse, eu me tornei escravo de obrigações reais. Você aprendeu com o mundo, eu fui moldado. Você era alegria, orgulho, risos; eu era punição, castigo e lágrimas. Eu era o que nenhum dos dois queria se lembrar!

– *Por que* você mente?

– Me diga: por que você acha que eu *realmente* fui embora? Por que você acha que eles não enviaram soldados atrás de mim nas Sete Montanhas? A verdade é porque Terra Branford *não quis*!

– Isso NÃO PODE ser verdade!

– Eu estava indo encontrá-la, Axel – confessou o mais velho. – Eu pretendia me render à ilusão feminina que Bruja usou para me seduzir e seguir com ela até minha verdadeira mãe, vivendo ocultado entre os camponeses e deixando tudo isso para trás. Foi *disso* o que você me resgatou.

Axel era um homem sem voz.

– Responda com sinceridade, Axel! – gritou Anísio. – Você acha que, se fosse *eu* à beira da morte, Terra Branford teria sacrificado a existência dela por mim?

Aquilo doía tanto. Porque Axel queria dizer que sim.

Mas sabia que não.

– Mas de todos os bastardos, eu realmente sou o mais velho – revelou Anísio.
– E *nosso* pai não soube de minha existência até meu primeiro ano. Logo, eu era o filho que deveria atrapalhar os planos, mas ele e Terra viram uma oportunidade para que você pudesse crescer como o filho amado, enquanto eu acumulasse a sobra.

– Se isso fosse verdade, eles não teriam me deixado ir atrás de você sozinho...

– *Sozinho?* – zombou Anísio. – Terra Branford fez um acordo com um grupo de fadas para que te seguisse. Uma delas até mesmo se revelou a você.

– Não! *Claro que não!* Foi um acaso, um teste como o que aconteceu com nosso pai!

– Não existem *acazos* em contos de fadas! Acorde, rapaz: eles te enviaram com uma águia-dragão! Eles *te deram* uma águia-dragão! – berrou Anísio. – Um ser raro capaz de *se comunicar* com fadas!

– Eles não *me deram* Tuhanny! Meu encontro com ela se deu por mero...

Axel se interrompeu, como se de fato estivesse aprendendo que não havia acaso em histórias envolvendo fadas.

– Eu estava em Quimera... – disse Axel, mais como se pensasse alto. – Eu era criança, estava entediado com a meditação dos monges e corri pro bosque. Até que ouvi os guinchos de um filhote de ave ferido e sendo atacado, apanhei um pedaço de pau e espantei um lobo! Então eu a apanhei e pedi que ela fosse minha mascote! Não tinha como...

– Não havia lobo – cortou Anísio. – Você estava em Quimera, onde se fazem Pedras da Criação. Pedras capazes de reproduzir a vontade de seus portadores. Você espantou uma *projeção* e estabeleceu uma ligação planejada por todos ao redor que te observavam, inclusive sua mãe.

Axel iniciou um ataque de pânico e respirou afoito, tentando se controlar.

– Em toda a sua jornada você foi guiado! Sua águia-dragão te mostrou as direções de onde eu estava e a fada Yama te entregou um unicórnio negro, te fazendo pensar que você tinha passado em um teste; elas trouxeram o reforço até mesmo de um Mestre Anão...

– Está dizendo que Mestre Zangado também fazia parte do *plano feérico*?

– A cada momento vejo como toda essa revelação realmente lhe é difícil! Axel, *quem* você acha que plantou em Muralha a ideia de que ele deveria lutar com Ira?

Axel voltou a tremer, sem controle dos próprios nervos.

– Não... você quer me enlouquecer... você só pode querer me...

– Bem-vindo à loucura da minha vida – disse Anísio. – E a tudo que Terra Branford fez com ela. O que você pretende fazer? Tentar me socar como se eu fosse o culpado? Dizer que me odeia e gostaria que eu morresse? Se arrepender disso e engolir suas palavras, por não querer ser Rei?

Axel se afogava nos próprios pensamentos, nas lembranças do que achava que foi sua vida e no medo do que seria sua vida a partir dali. Ergueu-se ainda trêmulo.

– *Nossa mãe abdicou* da condição de fada por nosso pai...

– Ela *nunca* deixou sua condição feérica. Isso foi o que os bardos foram pagos para dizer.

– Não...

– Você sabe qual a origem feérica dela? A *verdadeira* origem? – continuou Anísio, como se o fato de aquelas revelações machucarem Axel fosse satisfatório. – Ela era uma fada de origem do mar, uma fada do povo de Atlantis! Sabe por que os atlantes vieram a Andreanne e salvaram Branca Coração-de-Neve cinco anos atrás? Porque *eles deviam* sua aliança à família Branford!

Aqui eu preciso admitir que eu não fui pago, mas precisei mentir para você também no passado. Quando eu disse que, ao ver Anísio na pele de anfibio, Terra desejou ser fada para que pudesse curar o filho, não era verdade. Ela era, apenas não poderia curá-lo, pois era uma fada de guerra.

Mas a dor de ver Anísio naquela maldição de Bruja foi real.

E ali ela soube que havia ido longe demais.

– Ela continuou uma fada-amazona. E morreu usando a armadura, ao matar Babau por você – concluiu Anísio. – Na Era Antiga, Bruja e suas bruxas estavam próximas de abrir as portas das Mantaquim e descer Aramis até lá. Então Terra foi enviada para que selecionasse um Rei para Arzallum e o moldasse como o maior dos caçadores. Ela passou por rituais de magia dolorosos e trocou sua cauda por pernas. E assim a fada da água se tornou uma fada *da terra*. Mas, antes disso tudo, Axel, sua mãe era apenas *uma pequena sereia sem voz própria*.

– NÃO!

– Ao menos até aceitar o sacrifício e escolher um homem obstinado, capaz de iniciar uma guerra por ela, sem perceber o quanto havia por detrás. Você entende, irmão? Foi *ela*, não ele, quem iniciou a Caçada de Bruxas...

Axel abriu os braços, explodindo em cima de Anísio:

– Então *por quê*, Anísio? Por que ela me prometeu a Livith? Qual o *verdadeiro* motivo disso?

– Porque você nasceu no Nunca.

Axel caiu de joelhos, voltando ao chão mais uma vez.

– Ela estava grávida de Primo, e o levou até lá. Você é o filho de um humano e um ser feérico, nascido na terra dos elfos. E foi marcado com sua águia-dragão por lá.

Sério, Axel estava na mesma raia de loucura a que a bruxa Babau um dia levou Primo Branford.

– Não faz sentido! Se isso... se isso tudo for verdade... não faz sentido eles terem te pedido para levar esse segredo para o túmulo!

– Na verdade, existe um motivo. Eles queriam que você *despertasse* por si mesmo.

– Não...

– Porque eles acreditavam que você é o verdadeiro Pendragon.

Ajoelhado, destruído e em lágrimas, Axel Branford abriu os braços inteiramente rendido.

– Olha pra mim, Anísio – pediu Axel, relembrando uma pergunta parecida de Anísio no passado. – Você vê um Pendragon?

A resposta dessa vez, porém, era diferente.

– Não, meu irmão. Eu não vejo.

Silêncio.

– Mas isso não muda o fato de que o mais importante nisso tudo que estou lhe dizendo é que o Rei de Arzallum não deveria ser eu, Axel. Ele deveria *ser você*.

32

– **O** que significaria liberar todo o meu poder? – perguntou Liriel, diante de dois dos magos mais poderosos do mundo, ambos aliados.

– Sabe por que tu gostas da vida do mar, pequena? – perguntou Mombi. – Porque teu elemento é água. Poderias fazer muito mais do que já aprendeste sozinha. Não apenas mover objetos, não apenas dobrar o tempo, mas usar a água que forma os corpos e traz a chuva como tua aliada.

Aquilo era aterrorizante. E fascinante. Mas aterrorizante.

– Mas o preço para isso é alto.

– O preço de algo grande também é grande – definiu a bruxa. – O quão grande queres ser, pequena?

Liriel não respondeu.

– Se a resposta for difícil, tente o espelho. Ele vai refletir teu lado mais forte.

Liriel buscou em Oz uma explicação e recebeu de volta um suporte. Sem entender exatamente o que estava fazendo, ela se encaminhou para o quadrado de vidro próximo à bruxa, repleto de poeira. Mombi limpou o acúmulo de pó com as próprias palmas e deixou Liriel observando a si própria. O espelho distorcia a imagem refletida e Liriel sentiu frio.

– O que eu estou vendo?

– Este é um espelho criado por magos-troll, que refletem não sua imagem presente, mas a imagem futura que podes ter. Como tu te vês, pequena?

– Eu me vejo... mais velha... mais pálida, com meus cabelos cor de prata em vez de ruivos...

Mombi sorriu para Oz.

– Porque é isto que tu podes ser se teu pai vencer a guerra. Tu serás uma lenda e verá Reis se ajoelhando diante de ti e te chamando de Rainha. Tu não gostarias disso? De ver os homens que humilharam tua família te chamar de “A Rainha da Neve”?

– Eu...

Se Snail Galford não tivesse cruzado a vida daquela menina, a resposta seria *tão* mais fácil.

– Eu... gostaria de visualizar outro futuro.

Mombi de um segundo para o outro surgiu ao lado dela, com uma feição demoníaca, enchendo o único olho com sangue, enquanto o que lhe restava de carne se retorcia e a boca de poucos dentes se escancarava.

– Não existe outro futuro! – gritou a bruxa.

A palma enrugada da velha tocou no vidro e, sem aviso, o espelho EXPLODIU. Liriel tentou se proteger, mas as pequenas farpas lhe cortaram a pele e se infiltraram em partes do seu corpo como abaixo dos olhos ou no meio do peito. Liriel se ajoelhou gritando de dor e novamente sentiu frio, mas dessa vez não de uma sensação de fora para dentro, mas um frio interno provocado por seus próprios sentimentos ou pela ausência deles.

Um frio que lhe congelava o coração.

E lhe tornava uma pessoa diferente.

– Ela está pronta – definiu Mombi.

Oz avaliou a própria herdeira. O olhar dela estava diferente, desfocado, longínquo. O tipo de olhar sem emoção que o mago-linche conhecia, forjado no mesmo caminho que ele já havia percorrido.

– Nós temos um trabalho a fazer em nome de sua mãe – disse Oz.

– Sim – concordou *aquela* Liriel. – Porque essa é uma guerra que eu não pretendo perder.

Aquilo era tudo que o Mago de Oz precisava ouvir.

O Ocaso estava prestes a anoitecer enquanto Axel Branford aguardava do lado de fora do Grande Paço. As imagens da destruição causada pelos gênios não lhe saíam da cabeça, somadas ao corpo morto de Petter Pendragon e de Livith tratada como refém. Pior do que as imagens era a sensação de impotência diante de uma raça que os humanos eram fracos para enfrentar.

Como se isso não fosse bastante, havia as revelações de Anísio.

Revelações envolvendo responsabilidades maiores do que ele poderia imaginar, ainda mais para um príncipe que já havia fugido de outras menores. Fugas que talvez tivessem consequências em tudo aquilo. Porque se Axel Branford havia sido destinado a feitos muito maiores do que se prestou até ali, então se Arzallum caísse diante de Oz, ele seria mais culpado do que Anísio Branford pela queda do legado Branford.

– É hora, Maria – disse ele, lembrando momentos antigos de despedidas.

A diferença é que agora ela sabia e ele não escondia nada.

– Eu sei – concordou ela. – Mais do que ninguém, eu sei.

Eu sei o que você está pensando: Maria Hanson e Axel Branford estavam prestes a se separar *mais uma vez*, não é?

Mas você está errado.

Porque *dessa vez* Maria Hanson não deixaria ser deixada para trás.

– O que você está fazendo? – perguntou o príncipe, rendido.

– *Dessa vez*, eu vou com você – definiu ela, comandando seu príncipe.

Maria Hanson carregava uma mochila. Axel não soube como reagir a princípio, até que o receio falou mais alto.

– Eu não posso...

– Você não tem mais esse poder – continuou Maria. – No passado você definiu sozinho o que era melhor para nós dois e veja aonde isso nos levou. Você tem um bom coração, Axel! Eu sei disso, e me apaixonei por isso. Mas quando nós não somos *nós*, você tende a tomar as decisões erradas. Você se perde, você fraqueja, você esquece quem é e o que deveria se tornar. Eu não! Eu sei quem você é, e eu sei quem você tem de se tornar. Então, se você quiser fazer isso, e se você quiser ter sucesso em fazer isso, você perde aqui o direito de me dizer o que eu posso ou não fazer. Porque a partir do momento em que você me deu esse anel de lenhador, você me fez a futura princesa de Arzallum. E as decisões entre nós não são mais apenas suas. Então nesse momento você tem duas opções: não ir ou ir comigo. O que vai ser?

Axel sentia o peito explodir. Seria bom, como seria bom se o mundo estivesse em paz e ele pudesse apenas dedicar esse mundo àquela mulher. Mas o mundo estava em guerra. E ele não poderia vencer aquela batalha sem ela.

Foi assim que Axel Branford pegou na mão de Maria Hanson.

E aquele aperto pareceu um círculo.

– Como está Sabino?

– Ferido e doente, sem saber o quanto ainda irá aguentar – disse ela, segurando a emoção. – Mas ele *quis* que eu viesse. E disse que *irá me esperar*.

Maria engoliu a dor, demonstrando força. Axel respeitou o momento dela.

– E agora? – perguntou ela, enfim. – Para onde nós vamos?

– Para as Sete Montanhas de Arzallum.

Maria não escondeu o choque.

– Em uma das máquinas voadoras dos gnomos?

– Eu preciso de algo *mais rápido*.

– O que seria mais rápido do que *voar*?

Os pelos de Axel se arrepiaram. Tuhanny gritou seu *kiai* nos céus e desceu em rasante até parar em seu ombro. Ele entendia, era como se ela lhe dissesse para seguir com aquilo. Os raios de sol começaram a desaparecer no horizonte, e, ainda de mãos dadas com Maria Hanson, Axel Branford deu treze passos na direção do crepúsculo. A pulseira de ágata-viva ganhou uma tonalidade azulada. Ele inspirou fundo e disse em alto e bom som.

– Vem...

Maria não fez nenhuma pergunta. Apenas se manteve ali, reforçando a certeza de algo que ela não tinha ideia, mas confiava nele, e essa confiança lhe era combustível.

Foi quando o vento sibilou como o príncipe de Arzallum se lembrava, cortando o silêncio. Então novamente veio o trotar, e a poeira, e a magia. Pois naquela estrada de terra, ao longe, mas cada vez mais perto, ele vinha correndo mais uma vez.

Tudo era reconhecível naquele corcel sem sela. A pelugem escura, o trotar quase sem tocar o solo, o olhar fixo, quase humano. As criaturas das melhores lendas, a montaria dos heróis dos contos.

O unicórnio negro.

Se mantiver seu coração puro, sua mente sã e seu objetivo em foco, ele virá.

Maria não conseguia falar, pois qualquer palavra parecia impura diante da materialização da pureza absoluta.

– Você me perguntou o que seria mais rápido do que voar... – disse Axel.

– Juro a você que não acreditei que viveria para ver uma criatura como essa...

A frase pegou Axel de surpresa, e os olhos dele imediatamente se encheram de lágrimas.

– O que foi? – perguntou Maria, preocupada.

– É que você me lembrou de meu melhor amigo – disse ele. – E ele também era um ótimo companheiro de viagem.

Foi assim que Axel e Maria montaram no unicórnio negro e correram na direção do crepúsculo, seguidos por uma águia-dragão.

O que vou narrar agora envolve tudo o que foi construído até aqui, desde que nos conhecemos e iniciamos a primeira narrativa. Eu já vou avisar: não será uma leitura fácil, mas há tempos fiz um acordo de lhe contar o que aconteceu como realmente aconteceu, e pretendo cumpri-lo. A partir desse momento nós iremos falar de como se deu a grande batalha pelo avatar, a guerra que definiu novos Reinos, novos Reis e uma nova Nova Ether. Nós iremos falar sobre tudo de importante que se deu no campo de batalha e ao redor desse campo de batalha, e sobre as consequências que derrubaram estandartes e ascenderam avatares.

Porque enfim é o momento que eu espero para lhe contar há anos.
É hora da Batalha do Pendragon.

Os momentos que precedem uma grande batalha costumam ser barulhentos. Discursos de comandantes militares, tambores de guerra, homens eufóricos tentando espantar o medo da morte. E apenas nisso aquela batalha já se mostrava diferente, pois sua preparação foi baseada em silêncio. Os Reis da família Branford, antes sempre tão expansivos e orgulhosos de seu legado, diante de seus exércitos ali se mostravam cabisbaixos, depressivos e silenciosos. Cada ordem era dada de maneira ríspida, direta e seca, como se a mera obrigação de falar lhes fosse um insulto, e esse sentimento se espalhou por seus soldados.

Afinal, era a primeira vez que eles sentiam que seus Reis entravam em uma batalha considerando a derrota.

Dentro e fora do Grande Paço se viam soldados. A maioria vestia armaduras parciais e se despedia das famílias, enquanto Vishnus faziam viagens intermináveis levando-os ao futuro campo de batalha. O ambiente parecia carregado de uma energia depressiva, que se espalhava também para aqueles que ficavam. A população de Arzallum se postava ao redor do palácio, e a princípio se mostrava derrotada e insegura. Até que os bardos começaram a agitar a multidão, chamando-a para a responsabilidade de incentivar aqueles que lutariam por ela, e as pessoas passaram a aplaudir cada grupo de soldados que subia nos Vishnus e a cantar o hino de Arzallum com as mãos no peito e lágrimas nos olhos.

Sob o cantar do hino de Arzallum, o Rei Anísio Branford vestiu um casaco de lã e, na frente de um Grande Paço ainda com trechos destruídos, abraçou sua Rainha por um tempo mais longo do que o de costume.

– Isso não é um adeus – disse Branca, por ele não ter coragem. – Eu estarei com você no campo de batalha.

– Você sempre esteve, você sempre estará.

Ao redor, os comandantes militares de Arzallum se mantinham à espera, fosse da Guarda Real, fosse dos Cavaleiros Vermelhos. A Rainha Branca segurou o rosto de seu Rei com as duas mãos e disse de uma maneira sincera, como só as esposas conseguiam:

– Se Primo estivesse aqui, ele teria orgulho de você.

Anísio sentiu as pernas amolecerem e emergir a emoção que um Rei não deveria demonstrar em guerra.

– Eu não teria tanta certeza.

– Mas eu sim – afirmou a Rainha.

O Rei Anísio Branford puxou a Rainha Branca Coração-de-Neve para si diante de seus comandantes militares e a beijou não como se pela última vez, mas como se pela primeira.

– Então isso é tudo o que me importa.

E assim o Rei de Arzallum seguiu para o Vishnu que o levaria para batalhar contra o Reino de Oz.

Ainda na porta de um Grande Paço destruído, João Hanson parou diante de seus escudeiros. Eles estavam ali para saudá-lo, e dizer a ele que estariam ali quando ele voltasse, mas ninguém tinha certeza se ele voltaria ou do que restaria de Arzallum se ele voltasse. Então João notou que eles não estavam sós. Ali estavam Albarus Darin e Hector Farmer, como nos velhos tempos, mas com posturas diferentes.

– Então aqui nos despedimos – disse o campeão de Arzallum.

– Eu posso ir com vocês – disse Albarus, e sendo sincero.

– Existem muitos companheiros nossos aqui para fazer isso – disse João. – Mas muito poucos para fazer o que você pode fazer por aqui.

– O que isso quer dizer, João?

– Quer dizer que conversei com o professor Sabino a seu respeito, e nós concordamos que, agora que minha irmã não pode mais continuar com o compromisso, *você* deveria ser o novo professor da Escola Real do Saber. E acho que Hector pode ajudá-lo a revitalizar e conduzir a educação da próxima geração.

Albarus era apenas surpresa.

– Eu... eu não sei o que dizer...

– Você e Hector sabem da importância daquele lugar. E não adianta apenas nós lutarmos por esse Reino, Albarus. Nós precisamos ter *pelo que* lutar. – João olhou para seu grupo de escudeiros em treinamento. – E essa geração pode fazer ainda melhor do que nós.

Hector passou o braço ao redor de Albarus, e aquele abraço gerou sorrisos.

Foi quando uma voz surgiu ao fundo, quebrando o momento.

– João...

Era Andreos, mancando na direção dele, com o apoio de muletas. O grupo abriu passagem, parcialmente em choque. A presença de Andreos, antes segura, agora trazia tensão.

– Andreos... – disse João, na direção dele, sem nenhuma reação protetiva.

Andreos continuou a seguir na direção dele, até que pararam frente a frente, se encarando.

– Eu...

– Eu sei – disse João. – Eu também.

Andreos olhou para baixo. Era como olhavam os derrotados.

– Desculpe por não estar protegendo seu flanco direito, *dessa vez*.

– Se você quer suas desculpas... – definiu João. – Então não é a mim que você as deve.

Andreos tossiu quando o peito ardeu. Aquilo era difícil, mais difícil do que uma batalha de vida e morte. Mas ele não se sentia mais vivo, e não queria morrer daquela forma.

– Hector... – disse ele na direção do homem abraçado ao irmão, e o silêncio tomou o grupo.

Hector se afastou de Albarus, como se com medo.

– Eu me sinto sujo pelo que fiz com você. Eu me tornei o que eu criticava em você no passado, enquanto você se tornou melhor. Eu sinto pelo que você passou e pelo que fiz você passar. Sabe, se eu não tivesse uma filha nesse momento, talvez eu tivesse ido à mesma árvore em que você tentou se enforcar, e tentasse o mesmo. E isso diz muito. Como um cavaleiro... eu quero dizer... como um *antigo* cavaleiro, eu deveria ser aquele que traz o conforto, não o temor. E pela minha falha eu espero que você possa me perdoar no futuro.

Hector se mostrava travado. Até que ele aquiesceu, e aquilo foi um início. João continuou no aguardo, como se aquilo não fosse suficiente.

– Albarus...

As pessoas prenderam a respiração.

– Eu lhe disse antes que você me fez perder muita coisa. Eu te culpei pela perda do meu título, da minha reputação, da minha amizade com João. Mas eu estava errado, você não me fez perder isso, você foi a pessoa que me ajudou a

conquistar tudo isso. Como eu posso me olhar no espelho e dizer que *você* é a vergonha da nossa família, se nem nossa mãe consegue me olhar nos olhos? Hoje minha filha me perguntou sobre você. Eu disse a ela que nós não estávamos nos falando, e ela me perguntou o que eu havia feito de errado. Você percebe? Na cabeça dela, você é o irmão mais sensato, o exemplo a ser seguido, e como são sábias as crianças. Arzallum novamente vai ao combate, e eu não estarei lá, não somente agora, como talvez nunca mais. Eu treinei para proteger meu povo, e agora que meu povo precisa, não estarei lá porque esqueci o que me tornava apto a isso. Você me disse antes que fui capaz de subir no palco pra defender a honra de uma Hanson, mas não fui capaz de me colocar à frente para defender a honra do meu próprio irmão. E hoje eu me envergonho por isso. Não por defender uma Hanson, mas por todo o resto. Se o preço disso é viver em desgraça, é um preço que eu devo pagar. Mas eu não gostaria de iniciar minha penitência sem antes vir aqui dizer a todos vocês que eu lamento por não ter sido o homem que vocês precisavam que eu fosse, e que vocês devem me usar como exemplo de como agir ou não agir fora da armadura. Eu agradeço que o Criador tenha feito de lorde João Hanson nosso campeão, pois é isso o que ele é. Quanto a mim, eu peço apenas que não me olhem com o mesmo ódio que destilei, pois ele é venenoso, e eu ainda sinto seu efeito. Porque perdi muita coisa por minha própria culpa, mas, de todas elas, a que mais me dói é ter perdido meu irmão.

O silêncio continuava a esmagar até mesmo os pensamentos. Andreos virou de costas e andou para fora dali com suas muletas, quando foi a vez de outra voz voltar para ele:

– Irmão...

Quando ele se virou, as muletas caíram, mas dois braços o seguraram. Albarus o trouxe junto ao peito e o apertou como se eles fossem uma esponja de que precisasse se escorrer sujeira. Andreos se sentiu tão rendido que as mãos se mantiveram para baixo, enquanto o corpo tremia. Até que o tremor se tornou choro, e ele chorou copiosamente e sem controle pela primeira vez em público. Sem forças, ele caiu de joelhos na frente do irmão, e abraçou os joelhos de Albarus, como um homem rendido. Ele havia machucado Albarus de diversas maneiras, e, naquele momento, ainda assim, o irmão lhe devolvia amor. E aquilo também doía, mas também curava.

Pois a dor purifica mais rápido.

Mas o amor purifica mais forte.

– *Cavaleiro* Andreos Darin... – disse João Hanson, e as pessoas apertaram os lábios e sorriram. – Seus companheiros vão comigo ao campo de batalha, e vou precisar que um de nós conclua o treinamento dos *meus escudeiros*.

O choque não afetava apenas Andreos. Afetava a todos os adolescentes ali.

– Porque, a partir desse momento, nenhum de vocês são mais *candidatos*. Vocês estão em treinamento oficial, e, quando retornarmos, eu irei selecionar os cavaleiros a que vocês passarão a servir.

Os adolescentes a princípio não souberam como reagir de maneira formal àquilo, até que a formalidade se perdeu, e eles se abraçaram, pularam e se jogaram um em cima do outro.

– Mas não pensem que seu cavaleiro-instrutor Andreos Darin vai tornar suas vidas fáceis. O treinamento agora apenas vai se tornar ainda pior. Pois eu conheço *esse* cavaleiro.

João olhou para um Andreos vermelho de choro, e sorriu para ele, e Andreos sorriu de volta, como há tempos não fazia. E aquele sorriso também era amor, e também curava.

– Meu lorde... – saudou Emile. – Nós iremos estar aqui todos os dias ajudando os arquitetos a reconstruírem o Grande Paço.

João deveria apenas ratificar aquela atitude e lhes passar algumas instruções militares. Mas, em vez disso, ele colocou uma das mãos no ombro de Emile e sorriu.

– Você foi uma das maiores surpresas que a cavalaria me deu – disse João. – Eu vejo muito de mim em você.

Emile estava ali à frente do grupo. Ela tentava não chorar na frente de seu ídolo, mas estava preparada para fazê-lo assim que ele virasse as costas.

– As palavras mais emocionantes que já ouvi na vida, lorde – disse Emile.

– Eu lhe prometi uma vez que, se você fizesse por merecer, eu lhe deixaria escolher seu nome de batalha. Um nome que acredito que um dia será o nome da nova campeã de Arzallum. E esse dia é hoje, Emile. E eu quero que você anuncie para seus companheiros o nome que você fez por merecer. Escudeiros, de joelhos!

Todos eles se ajoelharam diante de João e Emile. E ali o ser humano que era Emile se sentiu livre para ser o que ela quisesse. Acima dos rótulos, acima de como ela se vestia, acima de com quem ela se relacionava, acima do que nada mais que não fosse com quem ela queria ser e com o que ela se identificava em sua essência. Foi então que ela soube seu nome. Um nome nem feminino nem masculino, digno de um dia substituir lorde João Hanson como campeão de Arzallum, se viesse a merecer.

Emile... Emília... Emily.

E... Mily.

Mi-ly.

– *Mulan*, senhor – disse de repente, como se as palavras simplesmente destravassem. – Meu nome a partir de agora é Mulan.

Lady Ariane permaneceu observando João Hanson partir para o Vishnu que o levaria a mais uma batalha. Mais uma vez. Ao lado dela, Madame Viotti analisava se aquela menina estava mesmo pronta, e o quanto seria sua culpa se não estivesse. Foram anos em seu *coven* voltados à preparação de uma iniciada já nascida *tocada* em um dia treze, de um Dia da Terra, de uma noite de Lua Negra.

Conhecida por sua personalidade emotiva e explosiva, aquela Ariane ali se mostrava uma mulher mais madura, consciente e experiente. Ela evitou demonstrar qualquer tipo de fraqueza na despedida, pois seu marido era o campeão de Arzallum, e se concentrar nos motivos errados representava a diferença entre viver e morrer na batalha.

E do outro lado, onde nem mesmo Madame Viotti podia ver, estava o espírito-mudo. O menino-espectro que a havia mostrado em um espelho o que estava para acontecer e o que Ariane teria de fazer se quisesse desafiar Beanshee. Mais uma vez.

– Madame... – disse Ariane. – Se eu lhe pedisse para confiar em mim por um momento o comando do nosso *coven*, você aceitaria?

– Sem pensar, Ariane.

Ariane parou em choque por um momento. Nos diversos discursos que havia preparado a noite inteira, nenhum envolvia aquela aceitação tão rápida e precisa.

– Uau... – surpreendeu-se ela. – Então eu realmente espero não destruir sua confiança em mim. Porque nós vamos precisar reunir todas as nossas forças.

Ariane sentiu a mão do espírito mudo se envolver na sua.

– Eles não vão conseguir vencer sem as mesmas bruxas que eles caçaram, não é? – perguntou a sacerdotisa.

– Não – concordou Ariane. – Finalmente chegou o tempo de as verdadeiras bruxas comandarem a história.

Snail Galford parou ao norte de Al-Quadim, diante da entrada da caverna encontrada no passado por um grupo de ladrões. O covil rochoso de onde vinha o desejado totem que incitava a batalha prestes a se iniciar entre homens e gênios. A lâmpada original, que gerou os Três Desejos exercidos por um Rei no dia de sua coroação. O trio de desejos que ajudou a humanidade a escravizar a mesma raça que os concediam.

Do lado de fora, Snail se mantinha tenso. Havia treinado para qualquer tipo de perigo e armadilha que viesse a encontrar do lado de dentro, mas ninguém o havia preparado para o que fazer *depois*. E para aquele ladino, esse era o grande problema de todos aqueles que passaram pela caverna antes dele. Porque é mais fácil treinar um homem para chegar ao poder do que treiná-lo para saber o que fazer com o poder.

Era esse o temor de Snail: não o dese corromper diante do poder, mas de o poder o revelar um corrompido.

E a vida de Liriel depender dessa revelação.

– Abre-te sésamo – ordenou ele, como havia aprendido, mesmo temendo.

A caverna abriu suas portas. E o Simbad entrou.

Novamente o corcel correu dentre saltos dimensionais. Surgindo e desaparecendo como o piscar de vagalumes, o campo de transferência molecular voltava a arremessar a montaria constantemente quilômetros à frente. Maria Hanson se mantinha agarrada ao tronco de Axel em uma imagem que mereceria um quadro, e apenas sentir aquele toque já modificava tudo. Da primeira vez, ele estava sozinho, se guiando pelas estrelas, e com seus pensamentos nela. Agora ela estava ali, sua estrela estava ali, e os pensamentos podiam se concentrar no objetivo final. Dentre mais camponeses que iam sendo levados no campo dimensional quilômetros à frente em acidentes de percursos que virariam contos locais, o unicórnio negro correu sem cansaço até que a temperatura de um salto a outro começasse a diminuir bruscamente, e se tornasse frio e então gélido. Era um fato; quanto menor a temperatura, mais certeza era a de adentravam a região das Sete Montanhas de Arzallum.

Passando sem se importar por aldeias habitadas que se iniciavam aos pés da montanha e se estendiam unindo-se à geografia, a montaria seguiu na direção de uma aldeia ao fundo, com casas de madeira e pedra abandonadas. Ali o corcel andava em vez de correr.

– Parece que andamos em meio a fantasmas – disse Maria.

– Aqui só precisamos de um vivo – comentou Axel.

O príncipe se referia à última casa. Na verdade, uma cabana com uma lareira de pedra de onde se via fumaça e se mostrava a única morada ainda habitada ali.

Axel parou o unicórnio negro diante da cabana e ajudou Maria a desmontar. Então, sem que precisasse se anunciar, a porta de entrada se abriu e de lá saiu um indígena moicano magro de cabelos grisalhos longos, presos em um rabo de cavalo, e com o rosto marcado pelas linhas do tempo.

– Maria, esse é Dulan – disse Axel. – O indígena mais sábio de Nova Ether. E, se for esse meu destino, o único ser capaz de me levar ao estágio de Pendragon.

Ao pé das Sete Montanhas, na Aldeia da Mina, sete Mestres Anões sentiram a passagem do unicórnio negro. Dessa vez o príncipe de Arzallum *ainda não estava chegando para cobrar seu combate, mas sua presença ali indicava muito.*

– Você já pode se preparar – disse o Mestre Anão Orgulho, ao entrar em um recinto onde o Mestre Anão Ira, o Mestre Zangado, bebia chá quente, alisando seu martelo de guerra.

– Eu me preparo há cinco anos – definiu Zangado. – Que ele me traga toda a sua raiva.

O Rei Anísio enxergou de longe a Árvore do Mundo, localizada no meio do Lago do Sol. Era até mesmo irônico pensar que ali havia se iniciado o motivo da Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, quando o pequeno Jack Gulliver confundiu a árvore com um imenso pé de feijão. E a escalou.

Agora todos eles estavam ali para uma guerra mundial pela segunda vez.

De cima, o Rei de Arzallum conseguia visualizar os soldados que já estavam lá. Havia os estandartes do Forte e de Tagwood, os Reinos mais próximos, e havia os de Cálice, de Stallia e de Órion. Soldados de Arzallum se posicionavam em formação aguardando seus comandantes, e, ao longo do voo, Anísio Branford pôde perceber que os vilarejos mais próximos haviam sido evacuados por famílias que perderiam tudo se a batalha se estendesse até suas moradias.

E, ainda do alto, era possível ver o exército inimigo se movimentando. Unidos pelo estandarte único de Oz, ali estavam os remanescentes do antigo exército de Minotaurus, Górdio, Brobdingnag, e aqueles antes tratados como os selvagens dos Reinos Esquecidos. Separando os dois exércitos, o maior lago do mundo e a morada de cinco serpentes, incluindo a mais antiga: Níohöggr, uma serpente tão ancestral que era considerada um dragão marítimo. Um dragão de essência.

Um dragão de éter.

Você pode sentir a falta de alguns Reinos, talvez, e, se assim o for, você estará certo. Mesmo agora parte do novo Reino de Oz, Uruk e Rök não estavam ali de um lado, nem Aragon e Brée do outro. Isso tinha um motivo: os exércitos que representavam esses Reinos estavam prestes a duelar entre si. Os remanescentes do exército monstruoso de Uruk, ainda sob o comando de Gilgamesh, iriam invadir o Reino dos poetas, Brée, enquanto Rök desceria sua fúria sobre Aragon sob o comando do Rei-Fera Wöo-r. E então, com ambos os Reinos dominados, o Reino de Oz passaria a ser dono de toda a região norte do continente do Ocaso. E, quando isso acontecesse, seria o momento de tomar Albion e devolver sua coroa àquele que iniciou essa nossa última narrativa: Mordred, o regicida que queria ser Rei.

O que isso quer dizer é que, naquela guerra, Brée e Aragon estariam sozinhos. O Rei Anísio tinha consciência de que isso significava a tomada de dois Reinos que não aguentariam muito tempo por si próprios, mas enviar reforços seria retirar reforços de Arzallum contra exércitos reforçados por gênios em uma batalha que já seria difícil de vencer. O tipo de escolha que perturbava, mas essas são as decisões com as quais os Reis precisam aprender a conviver.

Foi pensando em tudo isso que o Vishnu desceu e o Rei de Arzallum deu seu primeiro passo na zona de guerra, antes de fazer uma oração para quaisquer semideuses que se importassem.

Ao mesmo tempo que Vishnus continuavam a descarregar os soldados de Arzallum e de Reinos aliados, uma das máquinas voadoras havia sido desviada pela Rainha de Arzallum para outra direção oposta de onde se iniciaria o combate final. Dentro do veículo voador pilotado pelo fiel capitão gnomo Jareth se encontravam outras mulheres como elas, sentadas de olhos fechados em meditação, aguardando a chegada ao destino que estava por vir. Nenhuma daquelas mulheres era um soldado, mas todas elas já haviam sobrevivido a uma guerra e estavam prontas para lutar em outra.

As bruxas dessa vez não seriam mais as culpadas, nem as vítimas.
Elas seriam a única esperança de vitória.

– Assim como os moicanos e elfos do Nunca, Dulan não fala um idioma baseado em sequências de palavras como você está acostumada. Ele fala o erdim, um idioma baseado em intenções. A melhor maneira que poderia lhe explicar seria que você precisa desaprender para aprender. A sua mente precisa se abrir e aceitar, e eu sei que isso leva tempo, mas, acredite, não existe linguagem mais pura, pois ao se comunicar em erdim é impossível mentir. E talvez esse seja o motivo por jamais ter sido adotada em nossa civilização.

O moicano se manteve quieto, observando Axel explicar a Maria Hanson sobre a linguagem de intenções da mesma forma que um dia o Mestre Zangado o explicou naquela mesma cabana.

– Vejo que o aluno se tornou professor – manifestou Dulan na direção de Axel, se fazendo compreensível.

– E, ainda assim, ele precisa de um mestre.

O indígena deu um sorriso curto. Apesar da idade extremamente avançada e de viver isolado em um local de temperatura tão austera, o velho moicano se mantinha extremamente flexível, sentado de pernas cruzadas com os joelhos tocando o chão e a coluna impecavelmente ereta.

– E pelo visto ainda um pouco mais humilde – comentou Dulan.

Foi a vez de Axel sorrir curto, sabendo que aquilo não era um elogio.

– O que o traz aqui dessa vez, Axel?

– Da primeira vez que estive aqui havia Ira, Muralha e meu irmão ainda em pele leprosa anfíbia. Desde então o Mestre Anão lutou ao nosso lado, e até mesmo ajudou na jornada para quebrar a maldição de Anísio, mas, tempos depois, ele não foi capaz de conter a ira que lhe dá nome e convocou Muralha para um combate nas Colinas dos Ventos de Fogo, onde o matou.

– E quais as suas *intenções* quanto a isso?

– Ira me disse que, se eu quisesse me vingar, ele estaria pronto para me dar a chance. Desde então eu fui ao Nunca e desenvolvi um estilo baseado no mesmo

princípio do erdim. Um estilo capaz de ler as intenções dos oponentes através das linhas de éter que nos dão vida.

– E, se a sua intenção já está traçada, o que então te traz aqui dessa vez, Axel?

– Eu descobri a verdade, Dulan. Sobre minha origem, sobre o motivo de ter sido prometido a uma princesa do Nunca. E talvez meu destino esteja atrelado como o verdadeiro Pendragon, aquele que substituiria o Rei Petter.

– E o que sua vingança tem a ver com isso?

– Eu acho que foi essa a intenção de Ira ao matar Muralha – revelou Axel, enfim tirando aquilo do peito. – Eu acho que ele pretende que eu me torne a versão mais poderosa de mim mesmo, moldada na raiva, ao ponto de ser capaz de vencê-lo.

– Então o Mestre Ira estaria disposto a morrer em combate, desde que isso ascendesse o Pendragon?

Axel não precisou confirmar.

– E se você *não for* o Pendragon, Axel Terra? E se você matar Ira e descobrir que foi em vão? E se você não tiver o suficiente e Ira matar você, e ele descobrir que foi em vão?

A *maldita* pergunta mais uma vez. A pergunta que fazia Axel precisar brigar com seus próprios pensamentos e, ainda assim, não encontrar a resposta.

– E se *ele for*? – perguntou Maria Hanson, de repente, como se fosse ela uma professora, não mais uma aprendiz. – E se ele for o Pendragon e *não* ascender quando a humanidade está prestes a ser exterminada? Isso seria pior do que arriscar matar ou morrer em combate?

Axel e Dulan travaram em choque, ao ver aquela mulher compreender tão rápido não apenas um idioma de intenções, mas também o enigma que poderia definir o destino do mundo.

– Quando conheci Axel Branford, ele era um príncipe que fugia de responsabilidades – continuou Maria de maneira determinada. – Um príncipe que não queria ser Rei. Por anos achei que ele havia fugido. Fugido da coroa, fugido da família, fugido de mim. Mas agora... agora eu entendo. Ele não fugiu de mim, ele *sacrificou* o que nos unia por algo maior do que ele. E isso é assumir responsabilidades. Eu conheço o melhor e o pior de Axel Branford, e o que eu posso lhe dizer, mestre indígena, é que, de um lado ou de outro, ele é *mais* do que suficiente. Se ele decidisse ser um guerreiro, ou um pai, ou um Rei, em todas as decisões ele seria a *melhor* escolha. E é por isso que ele é a *minha* escolha.

Os pelos de Axel se arrepiaram, como os meus e os seus.

– Eu não sei se Axel é o Pendragon de Nova Ether, mas, se para descobrir é preciso que ele vença uma luta, então ele *vai* vencer essa luta. E isso é tudo que você precisa saber para ajudá-lo.

Um silêncio se formou naquele cômodo, enquanto os três podiam ouvir as próprias respirações. Até que...

– Você não precisa de um mestre, príncipe – disse Dulan, impressionado com Maria Hanson. – Me parece que você já encontrou sua arma mais poderosa.

Axel sentiu uma força diferente se espalhar por dentro dele. Uma força baseada em um sentimento manifestado pela vontade e ilimitado pela fé que vinha dela na direção dele. Pois aquela confiança também era amor.

– Me ajude a ler as linhas de éter, Dulan – pediu Axel com a mesma humildade que um dia uma fada lhe cobrou. – Me ajude não a vencer, mas a entender *o que significa* vencer esse combate.

Dulan sorriu ao ouvir aquilo.

– Enfim você me disse algo com a intenção correta.

O Rei Anísio observava seu lado aliado. Ao contrário do lado inimigo, eles não batalhariam por um único estandarte, cada Reino aliado trazia o seu próprio para o campo de batalha, mas isso se tratava mais de uma formalidade do que de uma atitude prática. Todos ali sabiam que eram seu comandante maior, tanto quanto o exército monstruoso do outro lado, em uma união que seria conhecida como a Segunda Soberania.

Na guerra anterior, o Rei Segundo e o Rei Tércio tinham enviado aproximadamente mil lanceiros cada um para a linha de frente. Dessa vez esse número havia subido para 2.500, somando aproximadamente cinco mil com lanças de três metros de comprimento à frente da formação única. Já Arzallum desembarcava desde o dia anterior de seus Vishnus outros quatro mil lanceiros, o que já tornaria aquela linha de frente a maior já vista na história de Nova Ether até ali.

Dez mil mercenários iam se juntando à formação espalhada, não apenas porque eram homens famintos em busca de dinheiro, mas por que já eram homens sem destino em um mundo dominado por homens, e seriam homens mortos em um mundo dominado por gênios e bruxas maléficas.

Dessa vez, porém, não havia mulheres voluntárias para servir de enfermeiras, cozinheiras ou assistentes, porque não estamos falando de uma guerra de paliçadas. Dessa vez a guerra se tratava de um combate único, sem tratados, sem duelos de honra. Apenas vida ou morte até a rendição inimiga. Esse detalhe, porém, não significava que não havia mulheres ali. Apenas que as aproximadamente mil mulheres que se apresentavam estavam para lutar. A maioria se juntava ao time de cinco mil arqueiros, que se posicionava ao fundo. Mas havia aquelas que pegavam em armas e vestiam armaduras, e estavam dispostas a matar no fio da espada; e, se elas agora ali existiam e eram respeitadas lado a lado com os cavaleiros, é porque Bradamante existia.

Para comandar um exército desse tamanho, o Rei Anísio precisava confiar em seus líderes e delegar responsabilidades. Fossem seus capitães como Rinaldo Grimaldi e Ruggiero, fossem outros capitães de Guarda Real, campeões, coronéis ou generais das nações aliadas, todos teriam de funcionar como engrenagens de uma máquina maior. Uma máquina de guerra.

– Lanceiros à frente, mercenários atrás, arqueiros a postos... – bradou João Hanson, entrando na linha de frente com seu Rei, ambos montados em cavalos de batalha.

Foi quando a maior parte do exército viu a armadura branca. E, acredite, para um homem à espera da morte em combate, a figura do campeão de Arzallum ao seu lado é tão importante quanto a do próprio Rei. Como se para reforçar a confiança na missão suicida, o último grupo se apresentou em conjunto. Vestindo suas armaduras rubras, os Cavaleiros de Helsing marcharam com Ruggiero e Bradamante à frente, os únicos sem seus elmos. Bradamante, que cinco anos antes havia comandado alguns daqueles homens com a mesma armadura branca de João Hanson, agora vestia a armadura vermelha por debaixo dos cachos loiros presos com fita em um grande rabo de cavalo. E a presença dos Cavaleiros Vermelhos também trazia incentivo, ao menos quando era do seu lado que eles estavam.

Um grupo de cavaleiros seletos trotou e se formou ao redor do Rei de Arzallum.

– Que tipo de estratégia iniciamos, meu Rei? – perguntou Rinaldo Grimaldi, falando em nome dos outros capitães.

– Nós faremos as paredes de escudos para enfrentar o exército que vier pelo chão – disse o Rei Branford. – Mas quando os gênios vierem, nós não teremos quem voar por nós, e dependeremos de nossos arqueiros. E então as paredes serão quebradas e nós dependeremos da capacidade de nossos homens de matar os que vierem por terra, dos nossos arqueiros de evitarem que sejam mortos pelos que vêm dos céus e de o quanto ainda teremos semideuses olhando por nós.

Aquilo não era nada do que os capitães de guerra queriam ouvir. Mas era a verdade.

– Então parede de escudos concentrados nos inimigos em terra, arqueiros focados exclusivamente nos inimigos do ar? – indagou Rinaldo Grimaldi.

– Exatamente, capitão – confirmou Anísio Branford. – Basicamente *isso*, e a fé em semideuses ainda olhando por nós.

Ariane Narin estava com *as suas*. Não apenas Anna Narin, sua mãe e a filha da avó que iria lhe iniciar no dia que o lobo marcado a impediu; não apenas Madame Viotti, a sacerdotisa que assumiu a responsabilidade de sua iniciação, mas também a presença de todo o seu *coven*, revivido após os anos de isolamento. Eram cinco dezenas de mulheres de diferentes idades, raças e status social, de camponesas a

Rainha. Todas elas vestindo o Manto de Ravena, com os capuzes lhe cobrindo o rosto, dessa vez com um detalhe: naquela noite todos os chapéus eram vermelhos.

Porque, naquela noite, todas eram Ariane Narin.

O mesmo antigo inimigo que comandava Caçadores de Bruxas, naquele momento, caminhava entre bruxas como um aliado. E à frente do grupo, ninguém menos que Branca Coração-de-Neve, a Rainha de Arzallum, e, se uma Rainha havia se tornado bruxa, de fato aquela Era se mostrava sem precedentes. Por fim, ao lado de Ariane caminhava o menino-espectro que havia gravado o nome Geppeto na árvore que ela compartilhava com João Hanson e mostrado a ela seu papel no que viria a seguir.

Era por isso que elas estavam ali em Quimera.

Era por isso que elas estavam no Templo da Criação.

Caso você não se lembre, nós conversamos sobre esse lugar uma vez, quando eu lhe expliquei como eram feitas as Pedras da Criação utilizadas pelos sacerdotes semidivinos como o jovem Cecil Thamasa, o mesmo responsável pela Catedral da Sagrada Criação de Andreanne. Quimera era um local nos limites do Reino de Cálice, mas respeitado como um Estado próprio, e considerado o território de maior concentração energética semidivina do mundo. Um local sagrado.

Um local chamado de “Coração de Nova Ether”.

Um local jamais pisado por uma bruxa.

E ali estavam elas, vestidas com seus chapéus vermelhos, prestes a fazer sua parte na salvação da humanidade.

– Que os trabalhos se iniciem – disse Ariane Narin.

Axel saiu da cabana, pintado com símbolos de guerra moicanos. Símbolos tribais que lembravam os desenhos das penas de sua águia-dragão e se mostravam em um dos lados da face, descendo por parte do pescoço até rodear um dos ombros. O braço oposto exibia pinturas no antebraço, que terminavam na palma que formava o punho do pugilista. Atrás dele, Maria Hanson exibia pinturas abaixo dos olhos e em ambas as bochechas, como se também fosse parte do mesmo combate.

Ambos haviam passado por uma experiência de vivência, que transcendia o físico e tocava no éter. Se havia qualquer dúvida sobre o conceito de existência de uma força superior que lhes dava vida e lhes guiava os passos, Axel e Maria saíram prontos daquela cabana. Era a hora do grande combate interno, para o qual Axel vinha se preparando ao longo de anos.

Era a hora de enfrentar Ira.

Snail passou pelas armadilhas sem muito trabalho. Se em Nascente eles estavam acostumados a treinar homens menos experientes para desafios como aqueles, imagine um ladino daquele porte, capitão do navio pirata mais temido do

mundo? Logo, ele escapou de dardos envenenados ocultos em paredes, círculos de pedras que rolavam de rampas, solos falsos que abriam alçapões, estacas que tombavam do teto. Ele se balançou em cipós, atravessou cordas bambas, pendurou-se em argolas de metal.

E tudo para chegar ainda com fôlego ao último salão, cuja entrada revelava um cômodo que testaria sua cobiça. Havia ouro, mais do que você e eu jamais vimos em nossa vida juntos. Baús abertos, colares, diamantes, rubis, estátuas de prata, pratos de bronze, rios de moedas de vários Reinos diferentes. O cúmulo do tesouro de piratas ao longo de séculos.

E, no centro de tudo isso, um altar.

A primeira coisa que Snail percebeu foi um anel de proteção repleto de escritos orientais. Como que atraído pelo magnetismo daquilo, ele colocou no próprio dedo, e de repente se viu não mais como homem, mas como sombra. Não a sombra que sempre havia sido, não o *sombra*, membro de um grupo exterminado. Mas uma verdadeira sombra humana, capaz de passar despercebida por qualquer ambiente que não notasse a falta de seu dono.

Apenas aquilo já faria de Snail o maior ladrão do mundo. Mas o outro objeto que existia naquele altar era *ainda* mais poderoso, só que iria exigir que ele abandonasse tudo aquilo para trás.

Pois ali estava o Simbad de Nova Ether, diante do maior tesouro do mundo, prestes a decidir se iria viver rico para sempre ou largar tudo aquilo para se envolver em uma guerra do outro lado do continente. Aquele era o conflito para o qual seu pai o tinha preparado por tanto tempo. A oportunidade que ele poderia agarrar com unhas e dentes, se lhe fosse claro de que lado a verdadeira oportunidade estava.

E assim, ainda mantendo a consciência de que ele não era um herói, e nunca seria, Snail Galford tomou sua decisão.

Os lanceiros estavam enfileirados, a linha de mercenários mais atrás com as lâminas em punhos, então vinham os cavaleiros e os arqueiros. O objetivo daquela batalha era simples: matar o Mago de Oz e destruir a entidade Al-ladim, evitando a escravização que se seguiria da raça humana. Já a execução não seria nada simples. O problema era: falhar significava ver alguns dos Reis do Ocaso serem mortos, a monarquia tombar, a história dos Reinos humanos ser apagada dos livros e, ainda pior, reescrita pelos vencedores. Para piorar, do lado de Arzallum não havia reforços do Reino de Mosquete, comandado pela Rainha Kapella, que havia decidido mover seu exército para reforçar Albion, no temor de serem os próximos a serem engolidos. O Rei Anísio achava a decisão estúpida, mas não cabia a ele.

Sei que tudo isso soa meio melancólico, mas se você estivesse no meio daquelas fileiras de guerra de quase trinta mil pessoas, você iria acreditar que a

vitória era possível. E iria achar isso porque do outro lado estava um exército formado majoritariamente de antigos minotaurinos, gordinianos, selvagens do Reino Esquecido e alguns gigantes, mas, ainda assim, um exército sem os reforços de Rök e Uruk. Um exército ainda comandado por Helena Bravaria, uma líder ardilosa, mas sem experiência de guerra, e Mordred, o cavaleiro renegado mais temido do mundo, mas, ainda assim, um único homem, passível de ser perfurado. Em outras palavras: um exército possível de ser vencido.

O que iria modificar seu sentimento seria a chegada da névoa verde.

Ela começava devagar, viva, densa, e tomava o ambiente inimigo rápido. Então sombras em movimento se formavam dentro, até tomarem forma fora, e a névoa se dissipava. E o exército de Oz se apresentava. É difícil descrever a sensação de se ver aquilo. Era um exército de humanoides grandes, de pele amarela, com um chifre único nas testas, empurrando em meio a eles uma cruz de ferro na qual se prendia a princesa do Nunca, Livith. Ela se mantinha com os braços esticados, ferimentos ao longo de todo o corpo e uma mordaca que a impedia até mesmo de gritar. Por fim, à frente de tudo isso, duas figuras: a alta e esguia conhecida como Oscar Zoroaster e uma menor e tão esguia quanto, sua filha Liriel Gabbiani.

– Eles agora parecem maiores em pelo menos cinco mil homens, meu Rei – disse João Hanson em seu cavalo, observando as fileiras inimigas ao lado do Rei Anísio.

– Sim – concordou o Rei. – Que cada um dos nossos mate três inimigos, antes de morrer.

João Hanson concordou, como se aquilo fosse uma estratégia viável.

– Parede de escudos! – gritou o campeão de Arzallum.

Então os gênios chegaram.

Surgindo dos céus, como se os elementos da natureza tivessem tomado forma, quase oito centenas de elementais se apresentaram, brilhando as cores e características de seus elementos. Até que o último, na forma do ladino assassino procurado no Nascente, parou ao lado de Oz, exibindo olhos incandescentes.

– Por Dorothy – definiu o Mago de Oz, antes que os homens de seus exércitos avançassem na direção da Segunda Soberania.

Foi assim que a Batalha do Pendragon se iniciou.

Axel e Maria chegaram na Colina dos Ventos de Fogo em três trotares do unicórnio negro. Ao encontrar uma área aberta e retangular, quase uma arena natural delimitada pelas árvores com resquícios de neve, Axel se posicionou, retirando o capuz do casaco grosso.

– Como eles sabem que você escolheu este dia para o combate? – perguntou Maria Hanson.

– Eu os avisei em meu último sono.

Como se estivessem ouvindo, eles surgiram. Devagar, andando na neve com suavidade e deixando pequenas pegadas para trás. Eu já lhe contei sobre eles, e outras pessoas com certeza lhe contaram também, cada uma de sua maneira, mas sempre com algo em comum. Pois reza a lenda, e a lenda quem diz é o povo, que existe uma montanha para cada anão. Para que um nasça, outro deve morrer, pois esse número sempre é perfeito. E, lembre-se, se a lenda é verdadeira ou não, não se sabe. Mas naquela região existiam Sete Montanhas.

E eram sete seus Mestres Anões.

– Enfim você parece pronto – disse o Mestre Orgulho, o *Mestre dos Mestres Anões*.

– Por causa das pinturas? – perguntou Axel.

– Por causa da cor.

A pulseira de ágata-viva estava negra.

Maria observou os outros, parados como estátuas vivas ao redor daquela arena natural, testemunhas do combate absurdo. De fato, aquele momento seria para ela um privilégio, se não entendesse o real motivo de estar ali.

Primeiro ela reparou em Mestre Gula, também chamado de *Mestre Feliz*, que comia frutas lembrando peras, e sorria como se a comida o alegrasse ou aquela luta lhe fosse entretenimento. Então ela viu o Mestre Sórdido, chamado entre os homens de *Mestre Dunga*, apoiado em sua bengala e vestindo roupas que remetiam a trapos e reforçavam uma aparência suja, quase morta. Um pouco mais afastado estava o Mestre Luxúria, conhecido entre as mulheres como o *Mestre Dengoso*, vestindo apenas um macacão mesmo com o frio atenuante, e, de longe, o de músculos mais definidos entre os sete. Na outra ponta se via o Mestre Inveja, o *Mestre Espirro*, encapuzado, com o rosto coberto de veias estouradas por espirros fortes, e uma expressão de quem estava sempre doente. O mais afastado mantinha um manto maior do que seu tamanho, lhe tapando os braços, e um capuz maior do que sua cabeça, escondendo a cabeça baixa. Ele era Mestre Preguiça, o anão de poucas palavras também conhecido como *Mestre Sono*.

– Onde ele está? – perguntou Axel.

Novamente não foi preciso a resposta. O som proposital de galhos caídos se partindo em meio à neve se fez quando Ira, o *Mestre Zangado*, caminhou na direção do centro com seu imenso martelo de guerra nas costas. Ele parecia mais velho, mesmo para um Mestre Anão, e talvez mais velho não seja o melhor termo, mas mais abatido ou debilitado. Não que isso o tornasse *menos* intimidador, mas se tratava de um detalhe digno de citação.

Apenas olhar para ele já queimava Axel por dentro. Uma sensação destrutiva que se iniciava pelo estômago, então subia pelo peito como se o ar fosse chama e o

engasgasse. O ar do lado de fora era frio, o do lado de dentro fervia, ambos cortavam. Mas nada o impediria de ir até o fim.

– Obrigado – disse Axel na direção de Maria. – Por não tentar me impedir. E por estar aqui.

– Sempre estive – disse ela. – Eu *sempre* vou estar.

Aquelas palavras lhe eram mais incentivo do que discurso de Reis ou canções de guerra.

– Agora eu quero que você vá até lá e termine o que nós viemos aqui pra fazer.

Axel se virou com a expressão de luta. A mesma expressão que ele um dia exibiu na Arena de Vidro diante de Radamisto ou na Catedral da Sagrada Criação diante de Jamil Coração-de-Crocodilo. Ao vê-lo se virar, Maria pôde enfim começar a tremer, não de frio, ao menos não *apenas*, mas sim transparecendo o medo do que estava por vir e poderia acontecer.

– Combatentes, apresentem suas armas... – exigiu o Mestre Orgulho, no meio do encontro.

Mestre Ira deixou o martelo de guerra cair no chão, provocando um tremor. Axel se manteve imóvel.

– Príncipe... – insistiu Orgulho.

Axel fez um sinal e, sem aviso, um *kiai* se fez no céu. Um rastro rubro riscou a atmosfera e desceu na direção dele, até que Tuhanny pousou em seu ombro, sem lhe dilacerar os músculos.

– Está aí algo inesperado, mesmo para um anão secular... – comentou o Mestre Orgulho.

– Foi aqui que você o matou? – perguntou Axel na direção de Ira, ignorando o comentário.

O Mestre Zangado não respondeu de imediato. Primeiro ele deixou seus olhos se fixarem nos olhos de Axel, não como uma afronta, mas um sinal de respeito entre guerreiros.

– Sim...

Axel fechou os olhos, como se fizesse uma oração. E, quando os abriu, ele nem mesmo parecia ainda humano. Tanto ele quanto a águia-dragão pareciam apenas uma mesma força disposta a se vingar.

– Então você já me deu todas as armas de que eu precisava... *Ira*.

O Mestre dos Mestres Anões se afastou.

– Pelas leis antigas, que esse combate se faça.

As pupilas se tornaram vermelho-sangue, iniciando o amálgama. A visão do mundo se tornou a visão de éter.

Até que Tuhanny voou e bradou seu *kiai*, iniciando aquele duelo.

Os lanceiros marcharam à frente com os escudos encaixados de forma a proteger o companheiro ao lado, enquanto utilizavam a lança no outro. Sabe, eu já lhe contei antes como funciona uma parede de escudos. Eu já lhe contei sobre o odor do campo de batalha, sobre a necessidade de embriaguez, até mesmo sobre as funções dos lanceiros à frente, e dos mercenários, cavaleiros e arqueiros mais afastados. Eu já lhe expliquei como funciona um duelo de campeões e uma guerra de paliçada. Em outras palavras: eu já lhe contei sobre como funciona uma guerra tradicional em Nova Ether. Por isso, aqui talvez a grande diferença fosse a dimensão das dezenas de milhares de soldados em ambos os lados, e a estratégia a ser utilizada.

Mas nós não estamos falando aqui de uma guerra tradicional.

E você deve esquecer tudo o que já contei antes.

E, digo isso porque, por mais que aquela batalha tenha se iniciado de maneira tradicional com dois exércitos chocando-se em terra um contra o outro, bastou algumas centenas de gênios avançarem ali para que tudo fosse esquecido, todo equilíbrio fosse quebrado e para que Arzallum descobrisse que estava ali para perder. Pois o que se deu em seguida não foi uma luta.

Foi um massacre.

O exército humano sob o comando de Mordred inicialmente chocou sua parede de escudos contra os da Segunda Soberania, mas bastou pouco para que eles abrissem e gênios de pedra rolassem em velocidade, projetando lanceiros inimigos para todos os lados como se fossem pinos. Em seguida, o exército de Oz voltou a se fechar e avançar pisoteando os caídos e furando os ainda em pé. Gênios de água e gelo flanquearam o meio do exército soberano e, em vez de atacá-lo, simplesmente transformaram uma parte do chão em água e outra em gelo. O resultado foi soldados inimigos caindo e derrubando outros, que tentavam se levantar e caíam novamente, mais ainda quando empurrados pelos lanceiros da frente que recuavam em desespero. O exército de Oz correu pelos flancos, com humanoides de pele amarela projetando seus chifres únicos como rinocerontes e furando os desesperados ou esmagando-os entre si.

Então vieram os gênios de fogo. Sobrevoando o inimigo que recuava, caía e morria, eles dispararam chamas que atearam fogo ao corpo de soldados sem equilíbrio, transformando-os em armas vivas.

– Disparem – ecoou a voz real.

Mais afastados, ao comando do Rei Anísio Branford, os arqueiros dispararam a primeira chuva de flechas. Alguns gênios foram atingidos, sangrando lava nos homens embaixo, fossem inimigos ou aliados. Uma segunda chuva se deu e mais cinco mil flechas zuniram em um desenho curvo, derrubando mais algumas dezenas de gênios dos céus e perfurando outras centenas de homens em terra.

Tomado pela fúria, Al-ladim convocou seus gênios de ar para seu lado, ainda flutuando sobre as cabeças do exército que queria esmagar. E então, quando a terceira chuva de flechas veio, os elementais desviaram as setas para os lados, como um dia Liriel também fez, ou voltaram as flechas na direção do próprio exército que as atirou.

Novamente aquilo trouxe desespero.

Mercenários decidiram que nenhum pagamento valeria aquilo e tentaram desertar, confundindo ainda mais sua formação militar, mas acabavam mortos antes de atingir os duzentos metros de distância pelos arqueiros de Minotaurus, que atiravam com bestas em vez de arcos.

O Mago de Oz se mantinha observando ao fundo com expressão satisfeita. Aquilo não era apenas sua vingança, nem apenas sua consagração, aquela batalha era sua resposta contra todo o sistema por debaixo da monarquia absoluta e tudo o que o havia levado até aquele ponto.

– Eles hoje enfrentam o que criaram – disse Oz para sua filha. – O quanto de ironia há nisso tudo?

Ao lado dele, Liriel se mantinha de pé com o olhar gélido, reforçados pela pele pálida. O olhar sem emoção não se modificou nem mesmo quando ela ouviu os barulhos das máquinas voadoras. O som era o aviso de que os Vishnus estavam retornando para o campo de batalha. Era difícil dizer a princípio o que aquilo significava, mas não demorou muito para descobrirem. Pois foi ali que eles entenderam que a raça gnoma não havia aperfeiçoado aqueles navios voadores apenas para transporte de carga e pessoas.

Eles os haviam aperfeiçoado como máquinas de guerra.

Canhões foram projetados das máquinas voadoras e o cheiro de pólvora negra se fez. Foi quando os Vishnus sobrevoaram e começaram a disparar balas de canhões dos céus no exército de Oz, enquanto Caçadores de Bruxas escorregavam por cordas para se juntar ao combate.

O martelo de guerra girou o símbolo do infinito uma, duas, e então na terceira a cabeça da arma desceu em linha reta, lembrando um homem pregando algo no chão. Axel saltou antes de a arma abrir um buraco no solo! Recuperando-se em velocidade espantosa, o martelo voltou a se erguer e zunir na direção dele. Lendo a intenção do golpe, o corpo do príncipe entortou, salvando-se mais uma vez. Em seguida, ele se abaixou quando o martelo correu na direção de seu crânio. Axel emitiu um som que lembrou um pequeno assobio, e Ira GRITOU ao sentir as garras de Tuhanny lhe rasgarem uma parte das costas. O segundo de surpresa foi o tempo que o príncipe encontrou para chutar o rosto dele. O chute fez o anão rodopiar e o jogou ao chão.

Com exceção de Mestre Sono, que nunca olhava para ninguém, todos os outros Mestres Anões presentes se olharam, impressionados. Eles eram seres que viviam há muito tempo, e nenhum deles se lembrava se já havia visto Ira tombar daquela maneira diante de um único humano.

Envolto pela mesma raiva que o alimentava em combate, o Mestre Anão se ergueu. Ele saltou para a frente em velocidade, lembrando um felino, e desceu o martelo. A visão de éter compartilhada com Tuhanny novamente possibilitou Axel de ler as intenções do Mestre Anão. Assim ele se esquivou, tentou atacar, Ira se esquivou, o martelo girou, Axel pendulou, tentou uma brecha, nada, uma segunda, nada. Ira segurou o cabo e preparou mais um ataque, Axel novamente se esquivou e preparou uma resposta.

Mas não era um ataque.

Largando o martelo e sem concluir o golpe que Axel imaginou, Ira avançou sobre a cintura do príncipe que se esquivava, ergueu o adversário com os ombros e bateu o corpo do príncipe pesadamente no chão. Axel irritou-se ao se ver enganado por *uma finta*, a mesma que tantas vezes utilizou nas arenas de pugilismo. Então o anão montou em cima dele e começou a lhe esmurrar o rosto, enquanto o príncipe de Arzallum tentava entender o que estava acontecendo.

Testemunhando a luta, Maria tremia com os dedos entrelaçados à frente da boca em oração. Então as palavras sussurradas delas foram interrompidas quando Tuhanny novamente cruzou a arena estabelecida, cravando suas garras em um dos ombros de Mestre Ira e lhe tirando um pedaço de pele e músculo. O anão novamente GRITOU de dor, tentando agarrá-la, mas ela não estava mais lá. Na brecha aberta, Axel libertou os braços e bateu as palmas abertas nas orelhas do anão, tirando-lhe o senso de equilíbrio. Então as pernas se recolheram, as solas tocaram o peito de Mestre Ira, e o anão foi jogado para trás, separando-os novamente.

Axel se manteve chocado por um momento com a falha. Ele havia desenvolvido seu estilo no Nunca, e o improvisado com Ruggiero, e deveria ter lido a intenção do Mestre Ira de enganá-lo e fingir um ataque. Só que, de repente, as linhas de éter pareciam confusas, como um homem tentando ler um livro em um idioma que desconhecia.

Porque todas as intenções que vinham do Mestre Zangado eram *fúria*.

Um imenso bloco único de propósito, que lhe servia como um muro.

Sem lhe dar mais tempo para refletir sobre aquilo, Ira recuperou-se e correu na direção do martelo de guerra, enquanto Tuhanny avançou na direção dele. Em uma agilidade sobrenatural, o Mestre Anão trocou sua linha de ação e cambaleou para o outro lado, esquivando-se da águia-dragão. Axel avançou sobre ele, que, em vez de voltar à luta corpo a corpo, trocou a linha de ação em nova cambalhota na direção

do martelo. Axel correu para atingi-lo, mas o anão agarrou o cabo da arma antes. A arma girou na direção do príncipe, que novamente entortou o corpo. Tuhanny avançou para cortar o inimigo mais uma vez.

Mas novamente era uma finta.

Trocando a linha de ação de um golpe que não buscava Axel, Mestre Ira girou o martelo para o outro lado, e então BAM! Foi o som da águia-dragão sendo rebatida por um martelo de guerra e zunindo na direção de um tronco de árvore, que se partiu. Tuhanny GUINCHOU e caiu com uma das asas tortas. Axel sentiu a dor e a visão de éter se extinguiu! Aproveitando o choque, o anão jogou o martelo de guerra para a frente, e o topo da cabeça da arma atingiu o estômago do príncipe como um soco, lhe tirando o ar.

Axel tombou de joelhos.

– Eu sabia – resmungou Ira. – Eu sabia que o troll cinzento havia morrido em vão.

Axel se levantou em fúria, armou um soco, e o anão apenas ergueu o martelo, e deixou o punho bater no metal da arma. Os ossos do punho do pugilista *racharam*. Ele tentou bater com a outra mão, mas Ira agarrou o braço dele, girou Axel por cima do próprio corpo e o bateu no chão como um boneco. Em seguida o girou de novo, batendo do outro lado do solo. E então o arremessou para fora da arena, até que foi a vez do príncipe de se chocar contra um tronco que quase lhe partiu a espinha.

– Cinco anos – voltou a murmurar Ira. – Cinco anos para você me entregar... *isso*.

O anão cuspiu no chão, feito um homem enojado.

– Não me admira que tenha conhecido teu irmão na pele de anfíbio, derrotado por Bruja.

Os olhos deles voltaram a se conectar.

– Primo Branford deve ter morrido por vergonha dos próprios filhos.

Axel sentiu a própria energia *arder*. A ágata-viva em seu punho atingiu uma coloração avermelhada escura, lembrando a cor de sangue. Ele sangrava pelos cortes em mais partes do corpo do que conseguia sentir de uma única vez. Ao menos sentia as pernas.

– E sua mãe foi apenas a primeira a dar sua vida em vão por um inútil como você.

Axel GRITOU. O grito trazia ódio, mas também trazia o desespero por aquele anão estar certo. Tateou o solo, tremendo, buscando o mesmo equilíbrio que Ira lhe tirava.

– Você quer que eu te conte *como* eu matei o cinzento? – continuou o anão.

Axel chacoalhava no tremor da força que se apossava dele.

– Eu arrebentei o joelho dele exatamente nesse ponto...

Uma força venenosa, mas impulsionaladora.

– E esmaguei o crânio dele. Como vou esmagar o da sua águia-dragão.

O Mestre Ira caminhou na direção de Tuhanny, ainda caída e com uma das asas partida. O martelo ia sendo arrastado pelo solo, lembrando a passagem de um carrasco.

– NÃO – rosnou Axel, erguendo-se ainda bambeando.

Ele olhava e via pouco. Havia apenas uma única intenção: *matar* aquele anão. Tomado pelo enfurecimento, Axel retornou à arena correndo, feito um louco. Ira sorriu curto, *gostando* daquilo. Ele apanhou o martelo e correu de encontro ao príncipe. Perto, cada vez mais perto, próximo do impacto. Até que...

...ele atingiu um Axel que não estava lá. E sentiu um soco lhe atingir no meio do rosto barbudo. Ira cambaleou para trás, buscando o príncipe, mas havia *mais de um Axel*. Veja bem, é difícil explicar. Havia, e não havia. Não é que Maria e os outros Mestres Anões ao redor estivessem vendo cópias do príncipe. Era mais como se Axel estivesse se apoderando do mesmo sentimento que alimentava Ira, e, nessa troca, fosse o príncipe que mexesse nas linhas de éter do Mestre Zangado. Novamente usando a metáfora do livro, era como se Axel jogasse água nas páginas e a tinta escorresse, misturando palavras e até mesmo impossibilitando trechos de serem lidos.

– Meu nome é Axel Branford – ecoou a voz do príncipe em vários pontos na mente de Ira, lembrando o rosnar de um animal.

O anão sentiu um, dois, três socos no rosto. Ele girou o martelo na esperança de acertar algo, recebendo de volta apenas o vazio.

– Nascido no Nunca, filho de um plebeu tornado Rei e de uma fada tornada humana...

BAM! BAM! BAM! Era o som do mundo enquanto Ira era esmurrado em golpes que ele não conseguia enxergar.

– Príncipe...

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

– Pugilista...

O bloco de raiva que era Axel começou a *engolir* o bloco de raiva que era o Mestre Anão. Tuhanny se revitalizou e gritou seu *kiai*! A amálgama mais uma vez se fez, e o mundo de éter deu lugar a uma única intenção quando Axel explodiu de uma única vez tudo que lhe destruíra por dentro, lembrando uma estante repleta de cristais derrubada. Fosse a imagem de uma bruxa afundando a faca no peito de Primo Branford, fosse a imagem de um gênio exibindo o corpo do Elfo-Rei, todas as falhas e erros e fraquezas que faziam Axel se sentir pequeno diante de forças tão maiores do que ele de súbito saltaram de uma única vez, se transformando em

cólera. Uma cólera projetada na direção de um anão que carregava o nome. Como uma cólera sobre-humana.

– Artista marcial...

Como uma cólera de dragão.

– Campeão do mundo!

O corpo de Ira subiu violentamente e caiu no chão como um saco de pedra solto de um telhado. O Mestre Anão bateu com as costas no chão e sentiu o sabor do próprio sangue, uma sensação da qual ele não se lembrava há séculos.

E, ainda assim, ele sorriu.

– Sim... – sussurrou o Mestre Anão para si mesmo em palavras manchadas pelo próprio sangue. – Torne-se raiva...

Faltava um título. Um único e maldito título.

– Torne-se fúria...

O título pelo qual ele e Muralha tinham ido tão longe.

– Torne-se... *ira!*

A chegada dos navios voadores trouxe confusão dessa vez para o lado do exército do Reino de Oz. Corpos foram atirados para cima com a EXPLOSÃO que causava uma bola de metal incandescente de mais de seiscentos quilos. Aquilo era uma versão moderna e surreal de uma catapulta. Tão impactante quanto os destroços e carnificina gerados era o som que a pólvora negra ecoava em cada disparo, lembrando o estalar de trovões das piores tempestades.

Os arqueiros do lado de Oz que ainda mantinham algum autocontrole viraram suas bestas na direção das máquinas e dispararam, mas a maioria delas não atingia altura suficiente ou batia no casco de um navio que não se preocupava em afundar. Eram aproximadamente cem navios voadores de guerra estourando fileiras de inimigos, lembrando os próprios gênios que combatiam. O estrago que a chegada deles causou era tão impressionante que Oz enfim saiu de sua posição de observador e avançou para a zona de combate ao lado de Liriel.

Oscar e Liriel Gabbiani andaram pela linha aliada que ia sendo destroçada em velocidade mais lenta. Liriel *forçou* e acionou sua habilidade, tornando o mundo mais devagar para ela, e, supreendentemente, também para Oz. Pai e filha então viram as bolas de fogo cuspidas pelo Vishnu descenderem em velocidade reduzida e, juntos, movimentaram os braços e as retornaram em direção aos próprios navios que as tinham lançado, destruindo seus conveses.

Tomados pelo incentivo de ver o mago-linche se juntar à batalha, os gênios de ar e de fogo ainda de pé trocaram o exército humano pelas máquinas atiradoras como seus alvos. Assim eles avançaram como um único bloco de destruição para transpassar em velocidade de vez os navios.

Mas os canhões não eram as únicas surpresas.

Ao comando de Rumpelstichen, engenheiros-gnomos emitiram um toque de corneta de aviso, enquanto seus pilotos trocavam a formação dos cristais que geravam as energias contrárias que alimentavam o voo das máquinas. Como resultado, por um momento, alguns navios tornaram seu etherpunk inteiramente positivo, e outra parte inteiramente negativo. As forças se atraíram, mantendo os navios ainda de pé mesmo que sem controle do voo, como uma pessoa boiando em alto-mar. Essa força de atração gerada no ar, contudo, tornava o campo etérico ao redor do navio similar a uma corrente elétrica.

O resultado foi o de centenas de gênios sendo o que poderíamos chamar de *eterocutados*.

Imagine entidades milenares, que acreditavam já ter visto de tudo e adquirido poderes invencíveis, de repente se verem surpreendidas de tamanha maneira por uma raça tão pequena em tamanho, mas grandiosa em intelecto. Centenas de gênios tremeram e chacoalharam, lembrando pessoas recebendo uma descarga elétrica mortal, e suas essências vitais foram partidas, despedaçando os que haviam chegado mais perto. Os que não foram despedaçados tombaram como armas de guerra em cima do próprio exército de Oz, esmagando soldados aliados.

Não satisfeitos com o estrago que já haviam feito, ainda comandados por Rumpelstichen, os gnomos retomaram o controle de seus Vishnus e voltaram a se espalhar. Os canhões foram retraídos para dar lugar a canhões diferentes, com um círculo de metal contendo sete pequenas aberturas em vez de uma única grande. De repente esses bocais começaram a girar e, em uma ação de batalha jamais vista, pequenas balas de metal foram atiradas em sequência milhares de vezes, iniciando um novo tipo de arma de fogo na história de Nova Ether.

As pequenas balas de metal desciam com um som do tipo *tá-ta-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá-tá* incessante, que ia perfurando exércitos que nem mesmo sabiam como *se defender* daquilo! O desespero que havia do lado da Segunda Soberania de repente passou para o lado inimigo, e foi a vez de boa parte do exército de Oz tentar debandar.

Ao ver que os gênios haviam desviado atenção por um momento e que o exército inimigo havia perdido seu comando, foi a vez de Arzallum aproveitar a brecha deixada.

– Cavaleiros – ordenou João Hanson em meio ao caos. – Avancem com seu campeão!

Os cavaleiros da Soberania trotaram pelos flancos do exército inimigo, seguidos pelos lanceiros e mercenários enlouquecidos pelo que estavam vivenciando e cortando por paredes de escudos quebradas e desorganizadas. No alto de seu corcel, João Hanson ia manchando sua armadura de vermelho enquanto a espada Dharuma cortava os homens que seu cavalo já não pisoteava. Ao redor, ele

ouvia seus homens lhe seguindo e se inspirando, e era difícil negar que, apesar de não gostar dos motivos que geravam guerras, ele havia aprendido a *gostar* do combate.

No meio do caos, Bradamante e Ruggiero zuniam a lâmina de espadas e chicotes em meio aos inimigos perdidos, reforçados por seus cavaleiros vermelhos, na direção do Mago de Oz e sua filha, buscando resgatar a princesa élfica. A espada dela avançou sobre Liriel, que dançou de um lado a outro, como em seu primeiro encontro com Snail Galford. Até que Bradamante fingiu um golpe e girou uma rasteira. Liriel tombou e a Matadora de Gigantes se preparou para matá-la, mas Liriel forçou e ela foi jogada para trás.

Em outro ponto, Ruggiero estalou seu chicote uma, duas, quatro, seis vezes na direção de Oz, e, em todas elas, o Mago repeliu o estalar de volta! Então o corpo de sombras atravessou Ruggiero e apareceu em suas costas. Quando o guerreiro oriental seria atingido, ele acionou uma de suas runas, gerando um campo de fogo azul, e Oz sentiu a mão arder ao tentar tocá-lo. Irritado, o mago sombrio projetou duas sombras das próprias costas, lembrando asas, que ultrapassaram o fogo e estrangularam o cavaleiro vermelho.

Foi a vez de Bradamante sussurrar palavras ao vento. A lâmina da espada aumentou sua temperatura até se tornar um bloco de fogo. A guerreira saltou e bateu a lâmina no chão com violência, produzindo faíscas que EXPLODIRAM para todos os lados como pequenos dardos incandescentes. Oz e Liriel tiveram tempo para desviar de si grande parte de tudo aquilo, ainda assim seus corpos foram perfurados dezenas de vezes, gerando a dor do corte em si e da temperatura excessiva que queimava na pele por dentro.

Assim pai e filha tombaram, ela sangrando em vermelho, ele sangrando em preto. Ruggiero buscou ar, tentando retomar o combate com Bradamante, enquanto o Rei Branford se mantinha trucidando o exército inimigo pelo chão, incentivando seus homens, antes dispostos a fugir, agora dispostos a avançar.

Dispostos porque a vitória parecia uma realidade.

Ao menos antes de se ouvir as risadas e ver a chegada das fadas caídas cruzando os céus. Sim, a vitória parecia possível.

Ao menos antes de as bruxas chegarem.

Tomado pelo próprio ódio, Axel armou o golpe final. O golpe que esmagaria o crânio de Mestre Ira da mesma forma como ele havia esmagado o de Muralha. O anão não reagiu, como se diante da glória. Como se estivesse preparado para o sacrifício.

Como se fosse ele o último a precisar morrer por Axel Branford.

O último a precisar morrer pela ascensão do verdadeiro Pendragon.

– *Não.*

Sei que isso parece um grito no meio da batalha, mas não era. Era *uma intenção contrária*, que se espremia no bloco de sentimento que Axel havia se tornado. Uma força que de repente lhe transpassava, ainda que naquele estágio, porque vinha da única pessoa no mundo capaz do feito.

Um intento que vinha de Maria Hanson.

– Você não é isso, nem somente isso – disse ela, na linguagem das intenções, no meio de um mundo visto por intenções. – Porque seus títulos são mais do que apenas guerra.

Axel travou e, de repente, o sentimento único de fúria começou a rachar. Como a pele de vidro de Anísio Branford após o sopro de Branca Coração-de-Neve.

– Você é o artifício que mantém Anísio um Rei, o artifício que mostrou a soberania de Arzallum e gerou a aliança dos Reinos, o artifício que uniu humanos e elfos...

Axel tremia, enquanto dezenas de memórias lhe tomavam ao mesmo tempo. Todas formando um desenho que ele enxergava com mais clareza a cada momento, a cada palavra.

A cada sentimento.

– Você não é a causa da morte de pessoas por você, você é o motivo pelo qual elas existiram. Porque é isso o que você é, e o que você sempre foi, Axel Branford. Você é aquele que une, aquele que desperta os sentimentos mais puros em pessoas, e semideuses.

As dezenas de vozes se calaram dentro de Axel Branford, quando a do indígena Dulan suplantou todas elas. Ali ele se lembrou do que o indígena havia lhe dito naquela cabana, antes de pintá-lo com os símbolos de guerra.

A chave da vitória estará na mesma resposta que você já aprendeu. Ela estará na leitura de um sentimento único. Um sentimento manifestado pela vontade e ilimitado pela fê.

O mesmo sentimento que havia feito Ariane Narin trazer João Hanson de volta da morte.

O mesmo sentimento que havia feito Terra Branford trazer o filho da morte.

Em outras palavras: a chave da vitória não vinha dele.

Vinha dela.

– Você é o príncipe que encanta – insistia Maria, através de palavras que não precisavam ser ditas. – O artifício que move os contos.

Ainda no chão e sem reação, o Mestre Ira demonstrava angústia ao ver que Axel fraquejava em terminar aquele combate. Aquilo era seu pior pesadelo. Chegar até ali e não concluir o objetivo quando eles estavam perto. Maldição, eles estavam *tão* perto!

– Termine, seu maldito! – berrou na direção de Axel Branford. – Termine e consagre a...

– Não – definiu Axel.

Os olhos do príncipe estavam apagados.

O que você vai precisar realmente decidir, Axel, é se irá querer ser pleno por um dia ou por uma vida.

– Eu entendo, Ira – disse Axel, erguendo-se como se a luta tivesse terminado. – Entendo a dor pela qual você também se alimentou ao longo desses anos, se preparando para este momento.

O Mestre Anão mantinha os olhos esbugalhados e a boca aberta. De todas as situações que havia imaginado, aquela era a mais inesperada. Ao redor, os Mestres Anões espalhados pelas diferentes partes daquela arena estenderam os braços, como se pudessem se dar as mãos à distância, e fecharam os olhos.

– Você compartilhou comigo a dor da morte dele ao longo de todos esses anos, e estava pronto para entregar sua vida através de um sentimento manifestado pela vontade e ilimitado pela fé.

Se quiser ser pleno um dia, se vingue...

– Não... não... – resmungava o anão ainda no solo. – Isso não era para...

– E, por todo o seu sacrifício...

Os Mestres Anões sentiram as palmas serem tocadas por palmas femininas.

– ...eu lhe digo nesse momento...

Então, quando os olhos foram abertos, elas estavam ali.

– ...que eu te perdoo, Mestre Zangado.

Se quiser a vida toda, perdoe.

Eram fadas. Dezenas de fadas de mãos dadas com seis Mestres Anões, conectadas pelo melhor que lhes dava vida. Uma vez nós comentamos que cada Mestre Anão carregava, além do pecado, a virtude contrária dentro em si. Naquele momento, era isso o que aquela arena pulsava. Era isso o que a arena simbolizava.

Uma arena de virtudes.

O Mestre Ira chacoalhou sem controle, enquanto seu corpo era tomado por vibrações que o alimentavam e *se alimentavam* dele. Então três choques lhe quebraram, trazendo três memórias à tona. Três sacrifícios.

Três feridas.

O sacrifício da batalha para Branca Coração-de-Neve libertar Anísio Branford da forma de anfíbio, renascendo-o Rei de Arzallum, e permitindo que Axel seguisse para o Nunca.

A batalha de vida ou morte contra um troll cinzento, que ele aprendeu a amar, mas precisava sacrificar em prol do despertar da própria ira de Axel Branford.

O sacrifício da própria vida diante do mesmo Axel Branford, que ele acreditava ser destinado.

E naquele momento o perdoava, como no fechamento de um círculo.

– Você nunca foi o Pendragon – sussurrou Maria, ainda em erdim.

Mais um círculo de chuva.

– Você sempre foi o *artifício* para o despertar dele.

No meio daquele círculo de magia, de mãos dadas com o Mestre dos Mestres Anões, Yama, a Fada do Crepúsculo, definiu na linguagem antiga:

– Que o Senhor dos Dragões de Éter ascenda...

Foi assim. Foi assim que o corpo do Mestre Anão conhecido como Mestre Ira, o primeiro Mestre Anão que nós conhecemos juntos, flutuou com os olhos embranquecidos, brilhando faíscas de quinta-essência, lembrando os deuses acima dos semideuses. O martelo de guerra voou até sua mão como dotado de vontade própria, enquanto a asa partida de Tuhanny voltou a seu lugar, como se se curando sozinha. Ao redor do corpo parrudo, o éter foi se solidificando, transformando-se em uma armadura lembrando escamas e repleta de runas, que lhe cobriram o corpo inteiro. O martelo de guerra trocou seu cabo antigo pelo desenho de um corpo de dragão enroscado, com a cabeça animalesca remetendo ao desenho da cabeça da arma.

Até que os pequenos pés tocaram o solo. Tuhanny voou até o ombro de Axel Branford, e o homem e o anão se encararam. Um com os olhos vermelhos, outro com os olhos esbranquiçados. O mesmo éter os conectando através de um sentimento unificado pelo círculo de magia mais poderoso de Nova Ether formado por homens, mulheres, anões e fadas entendendo que havia uma chance de vencer.

O verdadeiro Pendragon enfim estava entre nós.

O horror. Ah, o horror. Essa talvez seria a descrição dos sobreviventes humanos daquela batalha, se ao final dessa narrativa existir algum. Veja bem, nós já estávamos falando de uma arena em que exércitos humanos precisavam enfrentar outros exércitos humanos, gênios furiosos e magos que dançavam com a morte. Mas então elas chegaram. Voando em bastões de madeira, cantando cantigas sombrias, gritando com estridência, rindo como se a guerra fosse diversão.

Foi dessa forma que aproximadamente dez mil magas negras vieram destruir a raça humana.

Elas tinham aguardado por anos. Escondidas em covis, misturadas entre comunidades ou completamente isoladas de qualquer comunicação, as sobreviventes da Caçada de Bruxas de Primo Branford espalhadas por todo o Ocaso haviam recebido o chamado e ali se apresentavam para saborear vingança. Seus voos eram tortos, muitas vezes em zigue-zague, sem precisar seguir uma linha lógica, assim como fazia a maldade. Tomadas pela liberdade de voo, e reforçadas pela surpresa, e o medo que paralisa, algumas das milhares de bruxas voaram na direção dos Vishnus e invadiram os navios de guerra, matando seus pilotos. O resultado foi o de dezenas de navios tombando em meio ao cenário de digladio, esmagando homens e gigantes.

Liderando-as em grupos segregados pela escuridão estavam as bruxas líderes de seus próprios conselhos. A mais barulhenta era Calígula, com seu visual careca e repleto de tatuagens e brincos espalhados pelo corpo, liderando suas Filhas de Bruja, mas a mais arrepiante era a bruxa dos dentes de ferro Baba Yaga, de quase três metros de altura, dona de uma força descomunal e um apetite insaciável por sangue. De vez em quando suas mãos dançavam no ar, e então grupos de homens caíam no chão, tremendo em alucinações que lhes prendiam em visões de seus maiores medos. Flechas arremessadas em sua direção se transformavam em serpentes, que rastejavam pela terra para longe dela. Guerreiros que se aproximavam o suficiente com espadas e, sem motivo aparente, decidiam perfurar as lâminas em si próprios, morrendo como covardes.

Não limitado às mulheres, iniciados como o mago-troll Krull, o feiticeiro Oberon e os magos Melou e Melehan, que dividiam o mesmo corpo siamês, reforçavam o círculo de magia negra de uma batalha sem precedentes.

– Você percebe, não é? – perguntou Oz a Liriel. – Você percebe que nós podemos vencer hoje, não?

– Sim – confirmou Liriel, na voz sombria.

– Então agora, Liriel, eu quero *que você deixe* sua natureza emergir. Você entende a dimensão do que pode fazer? Você pode navegar pelo conceito do tempo. Você pode cruzar as linhas que formam o éter. Demorou anos, tantos anos que mal posso me lembrar do que é início e do que é meio, apenas do que é fim. Mas você viu... você viu como os homens podem destruir seu nome, caçar sua família, te deixar viva, se sentindo morta. Você tem os poderes, você tem o preparo, você tem os motivos, e você agora tem seu guia! Você é a sucessora que eu sempre busquei, minha filha...

O coração de Liriel bateu diferente, como se seu interior fosse oco.

– Circense, ladina, pirata... futura iniciada de Mombi, a mais poderosa já vista! Eu vou fazer Beanshee se curvar diante de você. E eu vou fazê-la trazer sua mãe dos mortos para nos visitar!

Aquela promessa despertou em Liriel uma força que ela ainda mantinha enjaulada até ali, e enfim havia recebido a oferta certa para liberar.

– O que é preciso? – perguntou ela. – Me diga o que eu preciso para trazermos ela de volta, e eu farei!

– É preciso que você me dê o último estágio! Você nunca atinge a totalidade de seus poderes porque você teme a luta – definiu Oz. – Você sempre travou diante da violência. A mesma violência que nos separou, e hoje vai nos unir para sempre. Porque hoje, *filha*, você vai destravar esse trauma e libertar seus poderes contra os mesmos que um dia os reprimiram.

Ali Liriel entendeu.

– Você vai usar suas habilidades para navegar entre o plano físico e espiritual, e abrir os portões do Reino do Mal – definiu Oz. – Você vai trazer Aramis aqui!

– Eu vou pedir que vocês sigam a minha voz, enquanto, ao nosso redor, as orações dos monges vão diminuir a barreira entre o que nós chamamos de nosso mundo físico e o éter que nos dá vida – iniciou Ariane.

A cena arrepiava. Cinquenta mulheres, vestidas com Mantos de Ravena vermelhos, se mantinham em posição meditativa, espalhadas pelo salão principal do Templo da Criação. Ao redor delas, formando um quadrado que cobria todas as paredes, os sacerdotes de Quimera se mantinham de pé e igualmente em oração, mesclando as energias masculinas e femininas como em um símbolo único de equilíbrio. Liderando os monges estava o clérigo-cardeal Próspero, sacerdote máximo de Quimera e um dos magos mais respeitados do mundo, membro do mesmo Círculo do Pendragon do qual Madame Viotti também havia tomado sua vaga cinco anos atrás.

Por falar nela, a maga branca era a única entre as cinquenta mulheres em meditação que mantinha os olhos abertos, focados em Ariane. Apesar do ato um tanto intimidador, na verdade ele se tornava mais um incentivo, já que, em todo o momento, Madame Viotti observava sua discípula com expressão satisfeita, mais do que orgulho. Uma expressão de uma mestra observando seu legado. Uma expressão de uma sacerdotisa que via sua missão cumprida.

– Imagine que a união do corpo e espírito de cada uma de vocês é como uma noz fechada – continuou Ariane. – O corpo físico é a casca que protege o interior, onde está a *verdadeira* noz. Uma casca que nesse momento nós vamos *quebrar*!

O sorriso de Madame Viotti não poderia ser maior.

Axel Branford estava de volta ao Dédalo. Maria Hanson havia montado no unicórnio negro e seguido em angústia de volta a Arzallum, buscando o reencontro com Sabino von Fígaro, enquanto o príncipe e os Sete Mestres Anões chegaram ao labirinto de cristal através de uma *transferência de éter*, que desenhou no ar a porta

do palácio repleta de dobraduras e cadeados apenas para permitir suas passagens, e então desaparecer. O cenário fantástico se mantinha um labirinto multicolorido, exibindo guerreiros adormecidos, cravados e enfileirados nas paredes rochosas, e repletos de marcas de batalha e pinturas de guerra. A chegada dos Mestres Anões modificou de imediato a intensidade da luz que provinha do solo, como se Nova Ether de repente estivesse acima de sete sóis. E não se restava dúvida quanto ao motivo.

O Pendragon estava ali.

O Mestre Ira caminhou à frente até mesmo do anão Mestre dos Mestres Anões. O mais curioso era que, de todos os presentes, era ele o que menos esperava, e aquele de que menos *se* esperava. E por isso, talvez *exatamente* por isso, era ele a perfeita escolha.

Está dizendo que o Mestre Zangado também fazia parte do plano feérico?

A cena que se seguiu foi tão poderosa que nenhuma palavra foi preciso ser dita, fosse na língua dos homens, fosse em qualquer outra. O Pendragon se dirigiu até o centro do labirinto e pousou seu martelo de guerra no solo cristalizado, com a cabeça da arma para baixo. As duas mãos tocaram o cabo, enquanto os outros Mestres Anões se mantinham ao redor de olhos fechados. Observando a cena, Axel era apenas arrepio. Um trecho do solo abaixo do anão que ele havia conhecido como Mestre Ira acendeu um facho azulado, e, de repente, círculos luminosos da mesma cor pipocaram ao redor de *cada* guerreiro adormecido. As explosões de luz lembravam um casebre em pleno breu, em que alguém sem aviso gerasse uma brecha em um dia de sol. Junto com a luz súbita, os corpos passaram *a se mover*. Axel forçava os olhos abertos, não apenas pela surpresa, mas porque piscar significava perder um dos maiores momentos da existência da vida.

Ainda com o cabo da arma envolto pelas duas mãos, o Pendragon ergueu e bateu a cabeça da arma no solo. Ao mesmo tempo, os corpos dos guerreiros conhecidos como Devas *sacolejaram*. O movimento foi feito novamente pelo Mestre Anão, e as dezenas de adormecidos enfileiradas sacudiram mais uma vez. Até que o Mestre Zangado abriu os olhos e Axel viu os olhos do anão se acenderem de uma maneira reconhecível.

A maneira como se acendiam os olhos do Rei Petter Pan.

– Que o verdadeiro senhor dos Dragões se apresente – definiu o Mestre Orgulho.

A boca de Ira se abriu e ele GRITOU. O espírito foi violentamente separado do corpo físico e arremessado a outro plano espiritual por um momento.

E o Pendragon se viu inteiramente conectado a Dragões de Éter.

Dizem que, quando Nova Ether nasceu, eles estavam lá ao lado do Criador.

– Que as correntes de Mantaquim sejam quebradas, e meu exército se apresente nesse momento – rosnou o Mestre Zangado.

O som da libertação daqueles adormecidos era parecido com o som produzido por um bebê nascendo para o mundo, se em vez de choro ele emitisse gritos de guerra. Arrancando-se das paredes rochosas feito insetos se desvencilhando de teias de aranha, eles começaram a se soltar das rochas e a tombar um a um no solo iluminado.

Eles o escoltaram em sua primeira andança pelo mundo semidivino.

Ainda contrariando o conceito das histórias de soldados semidivinos, centenas de homens, ou que pareciam homens, grandes, fortes, de cabelos longos e pele castigada, mais lembrando homens do mar, passaram a tocar o solo, sentindo o tato.

Eles tocaram os bumbos, as cornetas e os trombones que deram som ao nosso mundo, e anunciaram aos semideuses que era hora de darem vida a um novo universo.

E então passaram a tocar o próprio corpo, sentindo-se renascidos.

Que era a hora de nos fazerem vivos.

Com as portas do Reino de Mantaquim abertas, foi a vez *de elas* surgirem. Vestindo armaduras feéricas, repletas de runas, que lhes fechavam todo o corpo, as fadas-amazons vieram, materializando-se do éter e trazendo as armas e armaduras do exército desperto. Como se com suas crianças elas os ajudaram a vestir armaduras de escamas na forma de coletes, lembrando as vestes de um clã. Alguns dos renascidos adotaram capacetes que se fechavam no couro cabeludo, deixando apenas a abertura dos olhos, enquanto outros preferiam apenas escudos com desenhos de runas em cores que variavam em vermelho e preto. Como armas, empunhavam espadas e machados de ferro frio, forjados pela mesma raça anã que vivia em montanhas.

Já o príncipe de Arzallum viu sua fada mentora Yama, a fada de pele de ébano, trazer até ele um presente de guerra: duas manoplas que lhes preenchiam dos braços até metade dos dedos, e duas caneleiras que lhe subiam até os joelhos, ambas de ferro frio e repletas de runas feéricas. Não havia sorrisos, pois não se sorri em momentos que antecedem um embate, mas os olhares trocavam uma satisfação de dois seres que haviam entendido a figura formada pelo encontro de suas jornadas.

Então o martelo de guerra novamente bateu no solo, exigindo atenção.

Eles se viraram de frente para seu Pendragon em formação militar, como se aquela organização fosse uma questão de instinto, em vez de treinamento. Juntos eles formavam uma centena, e eu sei que isso pode parecer pouco, ainda mais diante da guerra que estava acontecendo, mas isso é porque você não faz ideia da força destrutiva de apenas um daqueles guerreiros semidivinos.

Ainda mais reforçado por três mil fadas-amazonas.

Não satisfeito, o corpo do Pendragon se manteve em silêncio e com os olhos acesos para a etapa final. Tuhanny emitiu um *kiai*, sem que Axel entendesse o motivo. Tomado pela curiosidade, os olhos do príncipe se acenderam e a amálgama com a águia-dragão se fez, trazendo a visão de éter.

O resultado era magnífico.

Axel podia enxergar as linhas de energia se cruzando, em uma imensa teia etérica que conectava todos os presentes ao Pendragon em seu centro. Então uma nova teia conectada às fadas-amazonas se formou por cima da atual na visão de éter, o que no mundo físico representava mais uma manifestação da fantasia.

As dragonesas haviam chegado.

A entrada das criaturas agradou ao Pendragon, que soltou seu martelo e abriu os braços, em um movimento repetido pelos outros Mestres Anões.

– Enfim, é o momento tão esperado.

Sim. Por eles. Por mim. E por você.

Era a hora de acordar Dragões de Éter.

Mordred cortou a metade de um braço em um movimento de meia-lua e avançou em seu corcel na direção do Rei Anísio Branford. O Rei de Arzallum cortava seus próprios inimigos, e o som da guerra abafava a chegada do cavaleiro por um ângulo cego. Aquele golpe aumentaria a lenda espalhada pelo do nome de Mordred, em sua busca para retornar ao trono de Camelot, e desestruturaria de vez o exército da Segunda Soberania. Além disso, retirando a glória, não haveria remorsos.

Afinal, aquele já seria o segundo Rei que ele iria matar.

O cavalo trotou, derrubando mercenários arzallinos no caminho. Perto, mais perto, cada vez mais perto. A espada no ângulo de corte, a visão de túnel, o batimento da adrenalina. Era ele. Dentre todos ali, era *ele* quem iria clamar a glória de matar o Rei dos Reis. A lâmina subiu para o corte pelas costas e então, ao bater no alvo, retornou com um som metálico, como se a carne do inimigo fosse aço.

Porque não era carne.

Era a espada de João Hanson.

Cortando pelos inimigos com seu próprio corcel igualmente em um ângulo torto, e pelo ponto cego do próprio Mordred, João projetou seu corpo e cruzou Dharuma com a espada de Mordred em um golpe tão violento que os cavaleiros se desequilibraram e caíram de suas montarias. Mordred se ergueu buscando os arredores e também entender *quem* o havia impedido. Já João Hanson se mantinha ciente de quem estava prestes a enfrentar.

Sem avisos, sem pausas, sem tempo de respiro, o campeão de Arzallum avançou aos berros em direção ao regicida. Lâminas se chocaram uma, duas vezes, um dos corpos saltou para trás evitando o golpe, e o pandemônio ao redor era tão grande que era difícil reconhecer qual dos dois. Mordred avançou a lâmina e João novamente se posicionou para o bloqueio, mas as lâminas não se chocaram, e ele recebeu o pomo da espada inimiga na máscara da própria armadura, ouvindo o lado de dentro do elmo retumbar.

Tonto e sem noção de espaço, João recebeu outro golpe na cabeça, tão forte que entortou uma parte do elmo em forma de cabeça de dragão. Irritado e incomodado, ele girou a espada como louco para que qualquer um se afastasse, e então deu ao inimigo o que ele queria, ao retirar o elmo e deixá-lo tombar no chão de sangue. As armaduras brancas e prateadas estavam tão sujas que ambas pareciam da cor preta. Seus cavaleiros apresentavam rostos e cabelos ensopados, repletos de pontos de ferimentos, mas toda a dor era entorpecida. Então, sabendo o que estavam ali para fazer, sabendo quem era seu adversário e tudo o que aquela luta definiria, ambos partiram na direção um do outro com toda a força que lhes havia restado.

Lâmina, lâmina, corte, esquiva, corte, gritos, choque, golpe, contragolpe, ataque, esquiva, segundo ataque, esquiva, terceiro ataque, choque, contra-ataque, um, dois, três, quatro, cinco, seis... corte, corte, rasgo, sangue, soco, chute, avanço, escorregão, esquiva, empurrão, xingamentos, avanço, avanço, lâminas, choque, eco, corte, defesa, ataque, defesa, finta, golpe, golpe, rasteira, giro, giro, grito, giro, pisada, giro, salto, giro, recuperação, arremesso, queda, giros, ataque, ataque, ataque, defesa, defesa, defesa, ataque, defesa, um, dois, três, quatro, cinco, então defesa, ataque, defesa, ataque, um, dois, três, quatro... esquiva, soco, esquiva, choque, giro, choque, choque, choque, carne rasgada, batimentos disparados, visão turva, *kiai*, instinto, meia-lua, meia-lua, círculo completo, faíscas, giro de lâmina, giro de corpo, giro de corpos girando lâminas, batida, cabeçada, joelhada, lâminas em cruz, lâminas cruzadas, corte profundo, sangue nos lábios, forças se esvaindo, mundo enegrecendo, última chance... então...

Esquerda...

Direita...

Esquerda, direita, esquerda, direita...

Uma finta...

Embaixo...

...direita.

Quando toda a ação terminou, João Hanson tremia pelo estresse de um lado da face rasgada, separando metade de uma de suas bochechas dos lábios e o rasgo que lhe tirou um pedaço do queixo, no corte que subiu em diagonal. Alguns metros afastado dele, o corpo de Mordred, o cavaleiro renegado mais temido do mundo, se mantinha no chão com uma das pernas cortada na altura da rótula e um corte no rosto que lhe arrancou parte da face e quase toda a carne do nariz.

– Esse... é... é o código dos cavaleiros... – gaguejou João, enquanto ainda tinha forças. – O código pelo qual você não merece viver.

Mordred ignorava o próprio corpo que desejava cair e fazer a dor e a humilhação parar. Até mesmo *falar* era excruciante.

– Eu não cheguei até aqui para perder minha redenção... – sussurrou o regicida.
– Eu não encontrei a criança para... para...

A espada avançou na direção de João Hanson em um último ataque de desespero.

Lua crescente, em contra-ataque.

A lâmina invertida de Dharuma cortou o abdome de Mordred, enquanto João Hanson forçou, aprofundando o corte e derrubando os intestinos do inimigo no campo de batalha.

– O seu erro foi ter tentado *dessa vez* matar o Rei errado.

E assim, da mesma maneira como havia matado o primeiro homem, João Hanson matou o cavaleiro mais procurado e temido por todas as ordens de cavalaria. Então tombou de joelhos, sem forças, tentando estancar o sangue que manchava sua armadura. Em pouco tempo, alguém viria matá-lo, pois um cavaleiro sem forças na guerra é um alvo fácil. Como sempre, ele pensou em Ariane, e em tudo que gostaria de dizer a ela, embora tudo já tivesse sido dito. E, se morresse ali, ao menos teria feito dela uma lady e dado a ela uma vida para se orgulhar. A sensibilidade foi desaparecendo enquanto o sangue se perdia, e, novamente, João se viu perto do fim. O delírio tomou conta dele, e passou a ver pequenos pontos de luz descerem do céu, como que flutuando, e torceu para que fossem seres dispostos a lhe levar ao Reino de Mantaquim em vez de Aramis. Só que aquilo não era um delírio, e os pontos luminosos não eram entidades espirituais.

Eram as crianças-elfas sobreviventes chegando ao campo de batalha.

Dispostas a cuidarem de seus feridos.

Sem entender o que estava acontecendo, João se viu rodeado e tocado por pequenos elfos vestidos de branco, portando objetos diversos como linhas de costura, bisturis, ataduras, pedaços de panos e álcool. O sangue foi estancado, o álcool ardeu os ferimentos e alguns seguraram partes de seu corpo, outros de sua

cabeça, enquanto a parte rasgada do rosto ia sendo costurada ali mesmo no campo de batalha.

Ao se darem conta daquela cena, algumas bruxas se voltaram para aquele círculo de cura, e um pequeno grupo de fadas-amazonas abandonou sua luta para correr até ele e protegê-lo contra bruxas que queriam matá-lo em covardia para se tornarem suas próprias lendas entre as suas, gerando mais um momento histórico. Não um momento em que as bruxas desafiaram as fadas, ou os homens desafiaram as bruxas. Mas um momento em que as fadas desafiaram as bruxas pelos homens.

Bruxas cruzavam os céus em diagonal na direção de um João Hanson rendido, e as varinhas de guerra das fadas-amazonas as derrubavam de suas montarias ou bloqueavam suas investidas. O campeão de Arzallum sentia o nariz sangrando, não por um golpe, mas pela presença das fadas caídas, e também sentiria o sangue se metade da boca já não estivesse cortada. Ele queria se levantar e ajudar na luta, pois as guerreiras do Nunca não deveriam estar ali para protegê-lo, mas para lutar ao lado dele, o que tornava um momento que para nós era histórico, para ele, angustiante.

Uma angústia que não precisou se estender por muito tempo.

E digo isso porque, pouco tempo depois daquele momento de resistência, círculos de transferências de éter se abriram no céu, trazendo uma centena de guerreiros Devas ao campo de batalha ao lado do príncipe Axel Branford...

Sete Mestres Anões...

E três mil fadas-amazonas.

Novamente em uma arena de batalha em segundos de trégua pelo impacto, o Rei Anísio pôde notar à frente deles o mesmo Mestre Anão que o havia resgatado de seu primeiro encontro com Bruja. O Mestre Anão que o havia ajudado a resgatar sua princesa, hoje Rainha. O Mestre Anão que estava lá quando Primo Branford foi morto e Anísio ainda não sabia que naquele momento era o novo Rei.

O mesmo Mestre Anão que ali chegava logo após a morte do assassino do antigo Rei Arthur.

O Mestre Anão Ira das Sete Montanhas de Arzallum.

O Mestre Zangado.

O verdadeiro Pendragon.

O unicórnio negro trocava pessoas e objetos de lugares, conforme corria pelo centro de Andreanne. O furacão invisível que se alastrava em ondas finalizou seu percurso em frente ao Grande Paço, no mesmo local onde havia se iniciado. Maria Hanson desceu da montaria e gostaria de ter tido mais tempo de agradecê-la não somente por levá-la até ali, mas simplesmente por existir. Contudo, se havia ainda algum tempo, ela ali corria contra ele, dessa vez com as próprias pernas.

O tempo que Sabino von Fígaro talvez não tivesse mais.

Maria correu pelos corredores do Grande Paço como se outra guerra estivesse acontecendo dentro dela. Uma guerra que ela não poderia vencer, envolvendo forças impossíveis de se tocar e de se combater. Ela ia gritando o nome de seu mentor, enquanto as pessoas indicavam direções para onde ela deveria continuar a correr. O grito só terminou quando Maria entrou em um dos quartos daquele palácio, tentando resgatar a falta de ar que a acompanhava, não somente pelo fôlego, mas pelo medo de ser tarde demais.

O tempo, porém, havia aguardado por ela. Não muito, mas ao menos um pouco.

Deitado em uma cama larga estava Sabino von Fígaro, não o mestre vigoroso e falante que ela conhecia, mas um senhor frágil e debilitado, à espera de seu último momento antes do fim. Uma aia limpava o suor do rosto dele com um pano e um balde de água, enquanto outra limpava o sangue que se projetava em cada tosse. Por anos Maria Hanson havia se perguntado como havia sido para João ter estado lá com Hígor Hanson no último momento, sabendo que aquela era a despedida com seu pai.

Como se com profundo prazer pela ironia, a vida resolvia lhe responder.

– Deixem-nos a sós, por favor... – pediu ela em uma voz fraca.

As aias concordaram e saíram, deixando o balde e os panos. Maria se sentou ao lado dele, molhando o pano sem sangue no balde e lhe limpando o suor no rosto.

– Não era essa a cena que você imaginava em meu fim quando nos conhecemos, não é? – perguntou Sabino, como se fosse possível sorrir no estado em que ele estava.

– Esse não é o seu fim – disse ela, tentando esconder o tremor na voz.

– Ah, Maria Hanson, sempre uma otimista. Seu maior defeito... sua maior qualidade...

O pano na mão dela passou da testa para os cabelos, não como uma limpeza, mas como um carinho.

– Se um conto de fadas não termina bem é porque ele ainda não chegou ao fim – disse ela.

– Quem foi o idiota que lhe disse isso? – perguntou ele, trazendo risos a ela, que se sentiu culpada por deixá-lo lhe fazer sorrir.

– Você quer mesmo saber? – perguntou ela. – Quem me disse isso foi um homem que muitos tiveram a sorte de chamar de professor, e eu tive o privilégio de chamar de mestre. Um homem que me ensinou a pensar à frente, a notar detalhes, a expandir meus conhecimentos. Um homem que me fez me sentir nobre, mesmo sabendo da minha origem plebeia. Eu tenho muitas, muitas pessoas a quem eu preciso ser grata na minha vida, e talvez nenhuma delas tanto quanto a você. Você esteve lá quando eu decidi caçar a mesma bruxa que um dia me caçou, você esteve

lá quando meu irmão batalhou entre vida e morte pela primeira vez. Quando enterrei meu pai, foi seu o ombro em que mais chorei. Você me deu meus melhores livros, e me guiou nas minhas melhores decisões. Você transformou a adolescente que foi sua aluna na professora da Escola Real, e, seja quais forem as qualidades da mulher que sou hoje, eu devo boa parte disso a tudo o que você me ensinou. E não sou a única. Você deixou sua marca em dezenas, professor, em *centenas* deles! E eles vão transmitir suas histórias aos próprios filhos, através do ato de leitura que aprenderam por você. Então se orgulhe desse vínculo, Sabino von Fígaro. Afinal, você é a inspiração que me fez me tornar melhor na busca por tentar me parecer com você.

Não havia dúvidas de que havia choro no rosto dela, mas o que tornava aquele momento ainda mais marcante era que aquela era a segunda vez que Maria Hanson via Sabino von Fígaro chorar.

– Agora entendi seu plano. Você quer me matar... – disse ele, tentando uma última dose de humor.

Maria voltou a sorrir, e ambos não souberam mais o que era riso e o que era choro.

– Sabe... – disse ele, devagar. – Existem poetas que defendem que para um homem ter uma vida plena ele precisa plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho. Eu não plantei árvores, não terminei meu romance e não tive filhos. Mas eu não posso dizer que cheguei até aqui... sem saber como é a sensação de orgulho de um pai por uma filha. Você entende, senhorita Hanson? O meu conto de fadas terminou bem, e esse é o melhor final que poderia pedir para a minha história. Sobrevivi a uma caçada de bruxas e a guerras mundiais e, ainda assim, antes de partir, você me ensinou algo que não achei que aprenderia nessa vida. Ensinar, na verdade, talvez seja aprender duas vezes. Pois eu entendo agora. O sentimento... o sentimento maior do que a vida, você se lembra? O amor em forma pura, e nada mais. Você não é somente minha aluna, Maria, você é minha discípula. Porque discípulos superam os mestres e, quando o discípulo está preparado, o mestre enfim pode partir.

Ele tossiu sangue novamente, e Maria podia ver que era preciso deixá-lo ir. Deixar uma parte de sua melhor parte partir. Observando-a sem que eles pudessem ver estava Beanshee, a ruiva de vestidos desgrehados, que havia dedicado um momento a eles, mesmo em um mundo em guerra.

– Eu... – gaguejou ela. – Eu *já* vou deixar que eles esqueçam seu nome, ou suas palavras, ou seus pensamentos...

Sabino von Fígaro fechou os olhos com um sorriso curto. O mesmo sorriso que ela conhecia.

– Eu prometo me esforçar para chegar a ser *tão boa quanto você* – continuou ela, em uma brincadeira interna triste.

Sabino continuou a sorrir.

– E vou revelar a eles que o grande segredo das suas percepções estava na leitura de romances femininos.

O sorriso de Sabino se alargou, enquanto uma lágrima desceu por apenas um dos lados de seu rosto.

– Perspicaz, *minha querida* Maria Hanson... muito perspicaz...

Foram essas as últimas palavras de Sabino von Fígaro.

Dos aproximadamente 25 mil soldados, dentre cavaleiros, lanceiros, mercenários e arqueiros da Segunda Soberania, menos de 13 mil ainda se mostravam vivos, e, mais do que isso, em condições de combate. O exército humano restante havia sido exterminado em pelo menos metade de seu tamanho inicial, ou mais, é difícil calcular coisas desse tipo no calor de batalha. Uma parte dos que ainda estavam vivos se mostrava perturbada por tudo que já tinham visto até ali, mas mesmo esses passaram a continuar a querer viver após aquilo. Então você deve conseguir imaginar o que significava a chegada daquele reforço para homens e mulheres que estavam sendo esmagados por gênios, bruxas, selvagens, cavaleiros e humanoides.

Assim, as divisões da batalha se deram: Devas partiram para cima de gênios, fadas-amazons montadas em dragonesas partiram para cima de bruxas.

Com isso, os humanos restantes de Arzallum e seus aliados puderam se concentrar nos exércitos humanos que ainda restavam de Stallia e dos Reinos selvagens e nos humanoides de pele dourada, e os Cavaleiros de Helsing nas bruxas e feiticeiros que sempre desejaram matar. Eram tantas batalhas acontecendo ao mesmo tempo, tanta destruição tomando forma a cada segundo, que é difícil para mim nesse momento narrar a você tudo o que aconteceu naquele campo de guerra nesse instante. Por isso, eu vou lhe dar *trechos* dos acontecimentos, basicamente pedaços de uma figura de quebra-cabeças que você poderá montar através de um ponto de vista meu enquanto caminhante daquele cenário de morte.

E foi isso o que eu vi:

Um gênio de areia EXPLODIU em pedaços quando um Deva careca e robusto atravessou seu corpo em velocidade. Um segundo saltou e desceu um machado no chão, espalhando eletricidade através de gênios de água, que se tornaram armas vivas contra gênios de ar ao redor. Dez Devas formaram uma parede de escudos contra rajadas de gênios de fogo, enquanto outros 20 correram pelos cantos e zuniram armas de ferro frio, amassando partes dos corpos inumanos. Um gênio de terra prendeu as pernas de um Deva com trechos do solo, mas teve a cabeça esmigalhada por uma maçã de outro. Fileiras de guerreiros semidivinos furiosos

avançaram com espadas longas de dois gumes combinadas com escudos arredondados e esmagaram duas dezenas de gênios das sombras, reforçados pela luz forte produzida pelas varinhas de guerra de cinquenta fadas-amazonas. Outro grupo de fadas-amazonas jogou um Deva de um lado para o outro, como um jogo de bola, então para o alto, e então para o centro de um grupo de pedra, fechado em um círculo impenetrável. O Deva caiu como uma bala de canhão, *explodindo* uma energia cinética, que estraçalhou os mais próximos e destruiu o círculo de proteção, deixando os rochosos para serem destruídos por mais fadas e por mais Devas. Dois Devas portando machados duplos giraram incessantemente de costas um para o outro, transformando-se em um furacão de aço, que repelia projéteis de gênios de vidro, e os espatifavam quando os encontravam. Flechas acesas com magia e atiradas por arcos recurvos derrubavam gênios de ventos, enquanto lanças feéricas acumulavam corpos de gênios em uma mesma estaca, lembrando espetos de carne. Em nenhum momento os tambores de guerra paravam de ditar o ritmo daquela batalha.

Vendo seus gênios tombando como mortais, Al-ladim tentou voar para longe, mas um *kiai* ecoou e Tuhanny o derrubou de volta ao solo! O gênio de fogo quicou no chão por algumas vezes, deixando rastros de fogo pelo caminho. Quando o elemental recuperou sua visão, Axel Branford estava ali. Com os olhos acesos na visão de éter, o príncipe avançou com ferocidade. Um golpe partiu do punho direito reforçado pela manopla feérica de runas acesas, ele sentiu a intenção do gênio para o lado oposto, e o cotovelo esquerdo correu em meia-lua, girando Al-ladim no ar. Até que Axel saltou e afundou um murro que feriu o elemental de fogo como se ele fosse humano. O gênio criou uma parede de fogo para impedir que Axel avançasse novamente, até que Tuhanny voou pelo outro lado e cortou parte das costas do elemental. O gênio concentrou uma rajada de plasma na direção do príncipe de Arzallum, mas três devas se colocaram no caminho com seus escudos, avançando sobre o raio de lava centímetro a centímetro. Tuhanny berrou seu *kiai*, o gênio se virou para impedi-la, os devas abriram caminho, e Axel saltou com um dos joelhos em projeção, estourando o rosto de Al-ladim com um pedaço da caneleira de ferro frio. Então o gênio se consumiu em ódio, e girou pelo campo de batalha como um tufão de fogo, carbonizando Devas e fadas-amazonas pelo caminho. E voltou com seu tufão de fogo na direção de Axel Branford.

Em outro ponto, a espada de Bradamante cortava uma orelha da bruxa Calígula, dando adeus a mais um de seus brincos, fazendo-a tropeçar em mais um corpo morto de uma antiga integrante das Filhas de Bruja. A bruxa gritou, enlouquecida pela dor e pela surpresa, gingou e saltou sobre Bradamante, que, em vez de esperar o golpe, arremessou a espada para cima e perfurou a garganta de Calígula, que morreu com a língua para fora na poça do próprio sangue.

Michael e John Darling dançaram uma dança da morte contra o corpo único dos magos siameses. Eles desviaram a atenção para o lado de Melou, enquanto um deles cortava a cabeça de Melehan. Ao ver a parte do seu corpo onde deveria estar seu irmão como apenas uma ferida exibida de sangue, Melehan entrou em desespero e cortou a própria garganta, preferindo a morte à loucura.

Ruggiero ESTALOU o chicote, derrubando a clava do mago-troll Krull, então movimentou a arma mais uma vez na direção do inimigo, que teve o chifre abraçado pelo couro. Ruggiero acionou a runa de sua arma, iniciando o rastro de fogo e carbonizando uma parte do rosto de Krull o suficiente para cegá-lo. Então a espada de Bradamante lhe perfurou o coração pelas costas, eliminando mais um mago. Diante de dois corpos e três cabeças de magos mortas, Bradamante e Ruggiero cruzaram olhares satisfeitos, do tipo de amantes que amavam a batalha. O olhar durou um único segundo, pois a guerra exige atenção, mas foi expressivo; afinal, guerreiros também se orgulham na força. Até que Baba Yaga, em seus quase três metros, agarrou Ruggiero pelas costas, arrancou-lhe a proteção da cabeça, ergueu-o como um boneco de palha e partiu sem piedade o pescoço do guerreiro oriental.

O Rei Anísio Branford liderou o exército da Segunda Soberania de cima de seu cavalo, até que um minotaurino decepou as pernas do animal, jogando o Rei ao chão em giros que impedissem a montaria de esmagá-lo. Com a espada em punho, Anísio comandava os exércitos na formação de nuvem, uma formação diluída, reforçada pela chuva de flechas de seus arqueiros. Largando o escudo para trás, o Rei de Arzallum furava a formação inimiga decepando pedaços em movimentos que desenhavam o símbolo do infinito, como na batalha contra piratas e mercenários ao lado de Mestre Ira. Enquanto fadas-amazonas retiraram João Hanson do meio do embate para que enfermeiras o atendessem e continuassem a costurar suas feridas ao fundo, e dragonesas e mais navios-voadores eliminavam a fileira de arqueiros inimiga, a preocupação do Rei de Arzallum estava no exército humanoide de Oz. Correndo pelos flancos, lembrando rinocerontes, os humanoides de chifre único erguiam mercenários e furavam seus órgãos, avançando em forma bruta. Rodeado, Anísio gritou por uma formação circular e aguardou. Quando os inimigos avançaram, Anísio ordenou uma *formação de trincheira*, inventada pelo próprio Rei, e testada em batalha pela primeira vez ali. Os mercenários deram passos para trás, revelando lanceiros ocultos ajoelhados entre eles com as lanças no chão, que foram erguidas. Então foi a vez dos mercenários e cavaleiros de se ajoelharem, revelando arqueiros ocultos no meio da formação, que dispararam suas flechas nas gargantas dos inimigos ao redor. Por último, no meio deles se apresentava o Mestre Sórdido, o Mestre Anão vestido em trapos e de olhar acinzentado. Ao seu comando, os mortos ao redor se levantaram, alguns ainda com

as lanças no peito, e se voltaram contra os soldados vestindo os mesmos estandartes que carregavam. Assim os cavaleiros e mercenários saltaram sobre os lanceiros e continuaram a avançar com seu Rei à frente e sujo de sangue.

– Os Mestres Anões estão vindo – alertou Oz. – É hora de usar o sangue da elfa para trazer Aramis aqui!

Como se compreendendo o que estava por vir, o Mestre Gula correu em sua velocidade sobrenatural pelos cantos na direção da cruz de Livith, erguendo humanoides amarelos no caminho. O Mestre Inveja seguia em espirros, copiando os poderes elementais de gênios e usando-os contra os de elementos opostos. O Mestre Luxúria abria caminho usando uma corrente de argolas grandes, ludibriando o instinto inimigo e fazendo-os atacar ao redor tudo em descontrole, sem distinguir o que eram inimigos e o que eram aliados. O Mestre Orgulho avançava desenhando símbolos de transmutação no ar, transformando metal em água, sangue em gelo e ossos em areia. O Mestre Sono entrava na mente dos que Baba Yaga enlouquecia, devolvendo-os sua sanidade e impedindo-os de matarem a si próprios. Já o Mestre Ira era uma força da natureza, causando pequenos tremores de terra, cadenciados na direção de Oz.

Nenhum deles, porém, parecia capaz de chegar próximo o suficiente. Ainda mais afastado, Axel Branford pôde jurar que conseguiu ouvir sua princesa prometida lhe dizendo que o fim entre eles havia finalmente chegado.

Liriel *forçou*. Mas dessa vez foi diferente.

O tempo correu mais devagar, como em todas as outras vezes, mas dessa vez ela sentia o tempo como uma força natural, da mesma maneira como você sente o vento no seu rosto. E a partir do momento em que ela controlava o tempo, ela passava a controlar o espaço que o tempo conectava. Não um espaço físico como se pensa em um mundo de matéria, mas um espaço dimensional, entre planos que superavam a matéria e se dividiam entre partes do infinito. À frente de Liriel estava Livith, a herdeira do Nunca, prestes a consagrar o maior legado de um Mago.

O maior legado de uma bruxa.

– Que todos aqueles que queimaram nossa família e zombaram de nossa existência agora sintam as consequências de suas escolhas – murmurou Oz.

Livith teve tempo apenas de concentrar seu último pensamento, quando uma sombra em forma de punhal perfurou o peito da princesa, derramando o sangue élfico em pleno campo de batalha. Axel GRITOU diante da cena, tornando-se descontrole.

– NÃO! NÃO! NÃO! – a voz dele ecoava. – Não tão perto... não de novo...

Aquela cena era uma repetição da morte do próprio pai diante da faca de uma bruxa, morta por sua mãe. A sensação da perda que se unia à sensação da

impotência diante de seres que insistiam em uma guerra da qual ele estava cansado. Uma guerra que iria acabar ali. De uma forma ou de outra.

– Que todos aqueles que separaram famílias em nome de coroas reais agora vejam seus estandartes queimarem... – murmurou Oz, saboreando aquilo.

O tempo e o espaço se igualaram ao controle de Liriel, e o campo de batalha por um momento se manteve congelado. Sentindo o véu entre os planos nas pontas de seus dedos, Liriel repetiu movimentos circulares que abriram círculos no céu, rasgando o que separava aquele mundo de éter filtrado por um semideus Criador de Aramis, o domínio inferior onde habitavam as piores partes dos semideuses que ajudavam a manter Nova Ether viva.

Por que você está fazendo isso?

A voz invadiu um tempo que deveria estar estacionado para outros que não Liriel. As pessoas ao redor ainda se mantinham congeladas em poses de guerra, algumas matando, algumas morrendo, algumas correndo. Mas então Liriel Gabbiani percebeu que não era a única ali. Uma menina caminhava pelo cenário parado, como se nada daquilo a impressionasse. Como se ela *também* pudesse navegar pelos planos e pelo tempo-espaço.

Ariane Narin estava projetada fora do próprio corpo.

E estava ali.

– Você tem noção do que está fazendo? – perguntou a menina do chapéu vermelho.

Em um mundo de formas e pensamentos estáticos, Liriel Gabbiani e Ariane Narin ficaram frente a frente pela primeira vez.

– Como você está fazendo isso? – surpreendeu-se Liriel no mundo estático.

– Essa pergunta não é relevante agora – corrigiu Ariane.

– Então eu farei uma pergunta relevante: *quem é você?*

– Eu sou Ariane Narin, mas quem sou eu também não é importante agora.

– E o que seria importante?

– O que nós representamos aqui.

Silêncio, que se tornava ainda mais profundo em um mundo sem movimento.

– *Por que você está fazendo isso?* – insistiu Ariane.

– Porque a Coroa de Arzallum precisa cair. Eu sou apenas uma das vítimas das quais tal nobreza tirou tudo. Eles adoeceram minha mãe, eles me fizeram enterrar meu pai, eles me fizeram conhecer a fome e ainda me acusaram de ser uma vilã. Arzallum merece tudo isso, *Ariane Narin*.

– Eu entendo – disse Ariane, com sinceridade. – Você perdeu muito, e encontrou uma maneira de se conectar com o que achou que havia perdido. Sabe, eu vi minha avó ser devorada por um lobo marcado com magia negra, e por muito tempo acreditei que bruxaria se resumia ao mal. Até entender que o mal era a

escolha, não o caminho. E, curiosamente, foi através da mesma bruxaria que eu me conectei às minhas ancestrais, como a minha própria avó.

E assim elas permaneceram de pé, se observando como se fosse mesmo possível enxergar um momento de conexão antes do que viria em seguida.

– Mas o fato de eu entender não muda o fato de que vou *parar* o que você está fazendo – continuou Ariane. – Você está prestes a abrir os portais de um mundo além do controle do semideus Criador, que trará demônios nascidos do interior de milhares de semideuses diferentes. Você está ao lado do legado de Bruja, que amaldiçoou o nome das bruxas, e de fadas, que perderam sua essência por não mais merecê-la. Você está ao lado de um mago que pretende substituir o mal que ele viu em vida por outro que ele trará após a morte. E foi para impedir coisas como *essa* que a minha avó me preparou. Você tem um círculo sombrio de magos e bruxas ao seu redor nesse momento, reforçando o seu poder. Mas eu tenho um círculo luminoso de monges e bruxas ao *meu* redor, reforçando o meu poder. E isso quer dizer que, se você seguir seu plano de subir Aramis até aqui, eu seguirei o meu e irei descer o Deus-Máquina nessa terra, e eu não sei o que sobrará desse campo de batalha após isso, mas ao menos vou ter parado você.

Liriel e Ariane mantiveram olhos nos olhos em um plano de existência que nós só podemos imaginar. Liriel ali poderia ter recuado, mas a raiva era imensa, ela estava cansada, e lhe faltava Snail Galford.

– Que a justiça semidivina seja dada aos vencedores – resumiu Liriel. – Que os portões de Aramis se abram nesse momento.

Assim a herdeira do Reino de Oz abriu os portais de Aramis, enquanto o mundo retornava à velocidade normal.

Aquele campo de batalha já envolvia homens e mulheres, cavaleiros, caçadores de bruxas, naves voadoras caídas pilotadas por gnomos, gênios, selvagens, humanoides, bruxas, mago-linche. O sangue era chuva, a terra era comida, a poeira era vestimenta. Mas ainda assim, aquilo eram dois pontos de vistas se chocando por uma guerra plantada há um tempo longo demais. Mas, até para uma guerra assim, levar Aramis até ali ia além das regras que não precisavam ser escritas.

Deixe-me tentar explicar o que isso significa na prática. Se Nova Ether é uma terra formada pelas formas-pensamento de semideuses guiados por um Criador, Aramis significa o pior do subconsciente desses mesmos semideuses. Quando você sente ódio de alguma coisa, esse sentimento por um momento toma forma em um plano mental, que pode desaparecer se o seu ódio for substituído por perdão sincero, ou pode crescer e tomar vida própria se esse ódio for alimentado. Mas se esse objeto for um motivo de ódio de várias pessoas, não há mais como fazê-lo desaparecer. Imagine o sentimento gerado em uma população através de pais que

matam filhos, de homens que brutalizam mulheres, de falsos amigos que roubam de pessoas que lhes estenderam a mão. Imagine o tipo de energia emanada de um ato racista, de uma atitude xenofóbica, do deboche de um sonho. Imagine esses sentimentos odiosos alimentados e compartilhados por milhões de semideuses diariamente, talvez dentro deles, talvez ao redor deles, não importa. Simplesmente imagine esses sentimentos tomando vida própria.

E então imagine que tipos de monstros eles poderiam gerar.

Era *isso* o que estava chegando naquele momento à arena de guerra. Monstros abissais sendo colocados para fora de dentro de semideuses. Apenas olhar para criaturas como aquelas já representava loucura e travava um homem ruim, imagine um homem de bem. Criaturas de formas tortas, membros errados, tamanhos descomunais e infinitos, pois elas não paravam de crescer. Tentáculos, chifres, caninos, espinhos, caudas, pelos, espinhas, escamas, entenda: não sou eu quem define as formas desses monstros.

É você.

Porque esses monstros *também são seus*, ou pelo menos um dia já foram alimentados por você, e pelas pessoas ao seu redor. Os mesmos monstros que estavam ali para matar os mesmos exércitos formados pela sua fantasia, tanto em Nova Ether quanto fora dela. A escuridão sem estrelas se arrastou feito ondas do mar em areia, sobrepondo... devorando... destruindo. Se alimentando de toda boa parte que alimenta você e a humanidade que forma você, e o mundo que você me ajudou a formar.

Talvez aqui nossa história acabasse. Talvez aqui nosso círculo se fechasse. Você já viu isso antes, não viu? Um dia um semideus estava vivo e parecia capaz de dar vida ao seu próprio mundo. Em outro, ele não estava mais lá. Ele havia sido devorado pelos portões de Aramis aberto em seu mundo de sonhos, e desaparecido em seu próprio mundo físico, deixando para trás sentimentos profundos que seriam alimentados por outros semideuses em um constante círculo de chuva.

Mas a nossa história não vai terminar aqui. Porque uma vez eu lhe disse que o homem sobrevive através do trabalho, mas vive através do sonho.

E você deve se lembrar de como o nosso se iniciou.

E um lobo lhe devorou a avó.

Foi assim. Foi assim que o *nosso* sonho começou. Eu, sozinho, criando um mundo, então você dando-lhe forma, então milhares o mantendo vivo. E se assim o foi, e se nós chegamos até aqui, e Nova Ether continua viva e pulsando, você realmente acha que nós nos entregaríamos sem luta? Que nós a entregaríamos sem luta?

É por isso que, nesse momento, ela pode te escutar.

A menina que iniciou a história, a menina que viaja por mundos de éter, a menina do conto de fadas mais famoso do mundo. Alimentada pelo melhor de Nova Ether, Ariane Narin havia alcançado o último estágio. Ela havia entendido o que forma Nova Ether e como se conectar à energia semidivina.

Ariane havia aprendido a ler o éter.

– Nesse momento, eu, Ariane Narin, me coloco de joelhos diante de meus semideuses em um pedido manifestado pela vontade e ilimitado pela fé em busca de iluminação...

Um pedido aceito pelo Criador.

Num buraco do chão vivia um hobbit...

A frase lida aqui por você reverbera na mente de Ariane Narin.

Alice estava começando a se cansar de ficar ali sentada ao lado da irmã no barranco e não ter nada que fazer: uma ou duas vezes espiara o livro que sua irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos.

Ela escuta...

O que aqui se conta aconteceu há muitos anos, quando vovô ainda era menino.

Assim como você na sua mente, ela escuta através da sua voz...

– Deveríamos regressar – insistiu Gared quando os bosques começaram a escurecer ao redor do grupo. – Os selvagens estão mortos.

Ela escuta As Palavras Semidivinas.

O homem de negro fugiu pelo deserto e o pistoleiro foi no seu encalço.

A pulsação da matéria-prima que dava origem à fantasia.

Esta inscrição encontrava-se na porta envidraçada de uma pequena loja, mas, naturalmente, só tinha este aspecto quando, do interior sombrio da loja, se olhava para a rua através da vidraça.

A matéria de criação dos mundos de éter.

O Sr. e a Sra. Dursley, da Rua dos Alfeneiros, n. 4, se orgulhavam de dizer que eram perfeitamente normais, muito bem, obrigado.

Você entende o que está acontecendo? Você entende que tipos de portas nós estamos abrindo juntos aqui? Ariane Narin, nesse momento, não está apenas falando conosco. Ela está...

– Lendo as linhas de éter que me fazem existir nesse momento.

Lendo as linhas de éter que conectam você a mim, e a faz existir. E...

– Faz toda Nova Ether existir. Desde a primeira palavra, muito além da última que ainda virá.

A palavra que conecta humanos a semideuses...

– ...e semideuses aos deuses em que eles acreditam... diz ela.

A palavra que...

– Não importa quem a escreva, desde que...

Ela seja escrita e tornada viva na imaginação de alguém.

E é *por isso* que Nova Ether jamais vai desaparecer. Porque, nesse momento, milhões de pessoas estão à espera do deus único cantado por Frei Tuck, na verdade que viria ao mundo após a ascensão do verdadeiro Pendragon e o retorno de Merlim de Christo. O Deus-Máquina que viria salvá-las, porque elas acreditam neles, tanto quanto Ele sempre acreditou naquelas pessoas. Então, neste momento, pegue na minha mão e escute os seus fiéis clamando por você. A oração reforçada por dezenas de Pedras da Criação, cuja concentração etérica reverbera o seu nome. As vozes ecoam de diferentes pontos da sua mente... você consegue ouvi-las? São orações, são mantras, são cantigas.

São manifestações dos sentimentos vivos que batem dentro de você.

E que por si só são capazes de derrubar qualquer escuridão.

– Nós precisamos de *você*... – a menina do chapéu vermelho lhe implora. – Por favor, não nos deixe morrer. Por favor, não nos esqueça...

E é através desse clamor que você vai viajar comigo pelo espaço-tempo até um campo de batalha repleto de uma escuridão que apenas você pode destruir.

Afinal de contas, *você* é o Deus-Máquina dessa história.

Então inspire fundo, receba a fé de milhares de nova-etherianos que adoram você e viaje comigo por uma última vez.

Em um. E dois.

E três.

Você está no campo de batalha. O mesmo cenário de guerra onde tudo iria terminar. A sua chegada é meteórica, semidivina, retumbante. O estrondo toma toda a atenção, lutas são interrompidas, e mesmo os monstros oriundos de Aramis interrompem suas ações.

Porque Nova Ether está diante de um(a) semideus(a) em um campo de batalha. Pela primeira vez.

Você consegue se ver lá, não é? Mas que pergunta, é claro que você consegue, da mesma maneira como eles conseguem te ver. Inspire e sinta o cheiro de sangue e suor, tomado pela poeira e o desespero que a sua chegada transforma em esperança. Neste momento, você veste sua melhor armadura, desenhada com os detalhes e com as cores que apenas você poderia imaginar. Nas mãos, as armas mais poderosas que sempre desejou. No futuro, alguns dos sobreviventes dirão que você brilhava como uma estrela viva enquanto caminhava, ou estremecia o chão em cada passo, ou manifestava trovões ao longo do seu corpo; e os bardos irão inventar versões ainda mais diferentes e criativas desse momento. Não importa, *você* sabe a verdade. Afinal, você sempre soube a sua melhor fantasia de combate.

Eles gritam o seu nome. Uma vez. Duas vezes. Dezenas de vezes.

São os seus seguidores, as pessoas pelas quais você se importou e deu vida, as pessoas pelas quais você sempre vai importar nas vidas delas. Elas sabem que esse é um dia como nenhum outro, um dia que antes parecia perdido, e agora querem sobreviver para contar às suas famílias e aos seus amigos. O dia em que a raça humana estava condenada até que um avatar viesse lembrá-la de que... por mais que doa... enquanto você existir...

...simplesmente percorra o círculo.

A sua voz ecoa por todos os cantos. Grite o que você quiser que eles escutem, use suas melhores frases de guerra, ordene a melhor estratégia e tome a liderança, porque nesse momento *todos eles* podem escutar você. Eles podem escutar suas palavras, absorvê-las e se inspirarem nelas. Você consegue até mesmo sentir a fé que emana de cada um dos seus adoradores. Em meio aos milhares de mortos, ainda os milhares de pé, unidos em um mesmo olhar oriundo de homens e mulheres dispostos a morrer por você.

Homens e mulheres dispostos *a viver* por você.

Eles escutam seu grito, sua convocação. E quando você decide avançar sobre Oz, sobre gênios e sobre monstros de Aramis, eles te seguem, como antes. Como nunca antes. Como sempre.

E aqui é a hora de você demonstrar por que eles te chamam semideus(a).

Doze soldados avançam contra você ao mesmo tempo, e você os joga longe como papel. Uma bruxa voa em sua direção e você a pulveriza antes mesmo que ela entenda por que deixou de existir. Uma segunda bruxa com patas de aranha salta na

sua frente e usa seis patas para te prender, mas você quebra o exoesqueleto, e lhe deixa viva para que as outras escutem os gritos de dor. Cinco dezenas de fadas caídas te cercam ao mesmo tempo, e atacam uma... duas vezes... você se esquiva por uma, duas vezes, então um, dois, três, quatro, BAM! Você derrota a primeira, e a segunda, outro ataque, defesa, BAM, elas giram ao seu redor em uma dança macabra, mas você se move na velocidade de seu próprio pensamento. Em um momento você...

está aqui

... em outro..

... aqui...

.... aqui...

... aqui... ... aqui.. .

... então aqui...

... aqui...

...e aqui.

Elas caem como moscas. Uma, duas, dez, trinta, as contas deixam de importar. Você provoca o som de ossos se partindo, carne se desfigurando, membros estraçalhados e nervos esmigalhados. O som do preço de se enfrentar um(a) semideus(a). Uma fileira de soldados de Minotaurus tenta um ataque suicida, como se ainda não houvesse entendido que seus pensamentos...

...simplesmente...

...correm...

... rápido.

Uma onda joga inimigos para trás. Em um único movimento você os atravessa e eles se tornam poeira. Você escuta o trotar de cavalos ao seu redor, as espadas se chocando, os últimos suspiros, mas você não está aqui por nada disso. Você não está aqui para lutar contra o que a humanidade é capaz. Ao seu redor estão seus heróis. Você está no mesmo campo de batalha diante do Rei Anísio, diante dos Sete Mestres Anões, diante de Bradamante.

Diante de João Hanson.

Basta um olhar seu, e a cruz tatuada arde nas costas do campeão de Arzallum. O ardor lhe traz de volta à batalha, e o campeão se renova, disposto a batalhar não mais apenas ao lado de seu Rei.

Mas ao lado seu.

Afinal, você está aqui para parar o que a sua humanidade não foi capaz.

O chão bambeia, enquanto o senso de equilíbrio se perde com o pisar dos gigantes de Aramis. Monstros abissais de centenas e centenas de altura, alimentados

desde o início da existência da humanidade. Um monstro do tamanho de uma torre, formado pelo sonho de torturadores, avança para devorá-lo. Você se esquivava e parte um dos caninos afiados dele, despedaçando a dentina e provocando uma chuva de sangue. Banhado pelo sangue demoníaco, você salta sobre o próprio monstro e crava o dente arrancado no olho de seu próprio demônio, perfurando a retina dele e o deixando tombar sobre tropas inimigas, esmigalhando-as. Outro demônio formado pela dor da perda de mulheres grávidas lhe agarra e lhe aperta, tirando seu ar como a dor que lhe dá vida. Os seus músculos estão sendo esmagados, mas a dor não é física, é mental. Você sente a sua vitalidade sendo sugada, como se não fosse a primeira vez. Então novamente a oração do coven das bruxas e dos monges que te adoram vibra dentro de você, e a lembrança revitaliza. É assim que você abre a mão que te prende, agarra e QUEBRA um dos dedos do demônio. E então o finaliza da maneira mais violenta que a sua imaginação escolhe.

Choques de espadas, estouros de pólvora negra, gritos, choro, pedidos de socorro, pedidos de clemência, gargalhadas de bruxas, queima, guinchos, urros e tremores de terra. Esse é o mundo que existe nesse momento em meio à nossa conexão. Ódio. Preconceito. Rancor. Inveja. Injustiça. Abuso. Decepção. Traição. Hostilidade. Mágoa. Ingratidão. Aversão. Indiferença. Angústia. Ciúme. Amargura. Medo. Depressão. Monstros.

A fileira de monstros formada e que avança de Aramis é maior até mesmo do que você sozinho pode enfrentar, pois mesmo você, para enfrentar um combate como esse, precisa se focar em um sentimento de cada vez.

Mas, em um mundo rodeado de tantas forças sombrias, de onde viria a força para vencer uma luta como essa?

De onde viria *a razão* para vencer uma luta como essa?

Porque eles são a essência de forças que existem em duas realidades e, quando o Pendragon lhes acordar para a batalha final, você verá os portões da fantasia sendo quebrados de uma maneira jamais vista antes, e verá outros semideuses tomarem os mesmos campos de batalha que eles ajudaram a criar.

As palavras se tornam vento e dançam como música, enquanto você se esquivava de patas repletas de rostos acordados formados por um monstro nascido da força de viciados, que lhe caça, esmagando inocentes no caminho. Você escala pelos rostos dos viciados que formam o corpo gigante e rasga as orelhas do monstro sob os gritos das pessoas apegadas a ele. O grito o perturba e o machuca mais do que se uma das patas do gigante o encontrasse. Em seguida, rasga uma parte da garganta, tirando sua voz apenas para que o choro se cale. Então escorrega pelo seu peito, deixando um coração à mostra. Até que você perfura o coração da coisa, matando um inimigo que faz com que você se sinta culpado por forçá-lo a pará-lo.

Enquanto o monstro tomba, você corre na velocidade de seus pensamentos até o anão coroado como o Senhor dos Dragões.

Você retira o Mestre Zangado da luta contra Oz e precisa segurar o rosto dele e fazê-lo olhar para você. Os olhos dele continuam vermelhos, buscando sangue e destruição, como a ira exige. Mas não é desse sentimento que nós precisamos nesse momento. Afinal, disso o campo de batalha já está tomado. O que você precisa é da força oposta. Você precisa do antídoto, não de mais veneno. E há tempos nós sabemos que dentro de cada Mestre Anão coexiste uma força destrutiva.

E sua virtude contrária.

– Eu entendo – diz o Mestre Ira, focado nos seus olhos. – *Hoje* eu entendo.

Você solta o rosto dele. O rosto do Pendragon.

E nos olhos deles nesse momento brilha uma luz diferente, acionada pela sua presença. Uma luz que transborda a única resposta. Em um segundo que poderia ser revivido por nós dois em um eterno ciclo, o Pendragon deixa seu corpo e seu espírito toca o éter, mas uma parte específica do éter.

A parte em que mora o melhor de você.

A parte que fez outra pessoa um dia se apaixonar por você, a parte que já fez um parente se sentir orgulhoso de ter o seu sobrenome, a parte de onde vem os seus desejos antes do sopro das velas a cada ano. A sua parte capaz de criar mundos e aprender com eles. A sua parte que alimenta a fantasia. A sua parte que te faz fantástico(a).

A parte que trouxe você até aqui.

Afinal, é lá que sempre viveram os dragões dessa história. É de lá que vem o éter que forma essa história. E o Pendragon capaz de convocá-lo seria preciso ter dentro de si a virtude contrária ao ódio. A virtude contrária à ira.

Porque para chegar à sua melhor parte seria preciso um sentimento manifestado pela vontade e ilimitado pela fé.

E bem poucas coisas pelas quais vale a pena viver e morrer.

O amor será sempre a maior delas.

– Que a justiça semidivina seja dada aos vencedores – resume o Pendragon. – E os portões de Mantaquim se abram nesse momento.

É assim que todas as portas são abertas e eles enfim se manifestam em Nova Ether.

As criaturas oriundas de dentro de você, consideradas o símbolo máximo da fantasia, e o elemento que nos conecta ao sonho.

Dragões de Éter.

A primeira a se erguer é Níohöggr. Diante da Árvore do Mundo, a serpente evoluída ascende para os céus. Tomada por asas que ninguém jamais havia visto até

ali, a serpente de quase uma centena de metros alça aos céus, provocando ondas ao redor do lago, e então desce com a bocarra aberta, abocanhando um pedaço de um monstro com nariz de polvo, nascido da dor de filhos abandonados por pais covardes.

Ela é apenas a primeira.

Uma sombra de três cabeças paira em seguida sobre a cabeça do exército humanoide de Oz quando Yilbegän, o dragão acostumado a mastigar estrelas e as cuspir nos céus, sobrevoa o campo de batalha e desce sobre um monstro que lembra uma montanha deitada sobre seis patas, nascido da falta de empatia dos manipuladores.

Fafnir, o dragão negro com face de lontra, é o terceiro, sobrevoando junto ao chão, logo seguido por Tarasque, o dragão de seis patas de urso, corpo de boi e carapaça de tartaruga, que estala a cauda escamosa com seu ferrão de escorpião. Ambos esmagam, em um movimento, uma forma de cinco metros e três cabeças derretidas, nascida do prazer de caçadores de animais.

Zirnitra, o dragão negro da magia, impedem que humanos sejam pisoteados por um monstro que lembrava um macaco albino, nascido das formas-pensamento acumuladas pelo ódio dos supremacistas, enquanto Y Ddraig Goch, o dragão vermelho de duas asas, queima um gigante de gelo formado pelo prazer dos sádicos. O gigante de gelo se recupera, salta e agarra o corpanzil reptiliano e bate o corpo do dragão no solo por três vezes. O ataque do monstro acaba se mostrando seu último movimento, antes de receber uma nova rajada de lava de um Tatsu, o dragão de éter adorado no Nascente, dotado de um corpo de serpente e partes de diferentes animais como tigre, veado, boi, carpa e águia.

Lembrando uma hidra rubra e dourada, o dragão de éter Orochi, de oito cabeças, oito caudas e 16 olhos vermelhos, rasga e devora cinco inimigos ao mesmo tempo. Zmiy Gorynych, o dragão de três cabeças cuspidoras de fogo e sete caudas, separa um monstro em dois com garras de ferro, antes de ter uma das caudas agarrada e ser arremessado contra a Árvore do Mundo.

E você acha que eles são os únicos?

O dragão-Rei Naga Apalāla, detentor das Quatro Nobres Verdades.

Ayida-Weddo, a serpente do arco-íris, reluzindo as sete cores ao longo do corpo esguio, dona da representação materna.

Grael, o dragão de éter da terra.

Naelyan, o dragão de éter da água.

Sairys, o dragão de éter do ar.

Bahamute, Deus dos Dragões.

Então Leviatã, Rei dos monstros marinhos.

Você entende agora? São eles. Os dragões que formam a mitologia, e formavam ali uma nova mitologia. Os dragões que relembram o melhor da mesma humanidade que dava forma ao seu pior.

Os dragões que te permitem vencer aquela batalha ao lado dos seus.

Você nesse momento está no centro do campo de batalha, e eles escutam sua convocação. Você consegue ver o Rei Anísio ainda liderando e perfurando o exército humano inimigo, enquanto Helena Bravaria tenta fugir da morte certa. Já ao seu redor estão Axel Branford, João Hanson, os Sete Mestres Anões, até mesmo Ariane Narin em sua forma espiritual, representando a fé de Nova Ether no Deus único. Bradamante é a última a se juntar, logo após cortar os ligamentos que tombaram Baba-Yaga, lhe cortar uma das orelhas e então afogar a bruxa que matou Ruggiero na poça do próprio sangue.

Com a sua figura à frente, vocês avançam juntos contra o Mago de Oz.

O mago-linche olha diretamente nos seus olhos, e descobre uma memória da qual você se envergonha. O segredo velado que você gostaria que jamais precisasse reter, a lembrança mais dolorosa, que você jamais gostaria de ter vivenciado. Através dela, ele entra na sua mente e etnta emxer ocm esus epnsementos, mebaralhar usas aplavrsa e et imepdir ed ocontinuar a dar ofrma a utdo qauilo uqe setava caontecenodo.

(Esqueça)

a Voz Dele tEntA PlanTar PaLaVras Na SuA MENT(esqueça)EnquanTo VOCê luta contra ELAs cOm T(Nova)ODA A SUA(Ether) OFRÇA!

Não nos esqueça...

Um coro se sobrepõe à voz dele, e sua mente retorna. Oz onvamente etnta mebaralhar esus epnsamentos, ams...

Por favor, NÃO nos esqueça.

A voz das bruxas do coven de Madame Viotti e dos sacerdotes de Quimera se sobrepõe e lhe trazem de volta.

Nós jamais nos esqueceremos de você.

A sua energia EXPLODE de volta para Oz, que é jogado para trás. Mestre Gula avança em velocidade para atacá-lo, mas Oz gera uma parede de sombra que o repele para longe. O corpo esguio se divide em três Magos de Oz diferentes, agindo de forma independente e indissociável. Mestre Luxúria, tomado pela força e euforia de seu próprio dom, avança com as mãos nuas, até que a princesa de Oz toca o solo,

e blocos de gelo saltam do chão e catapultam o Mestre Anão dezenas de metros para o alto, junto de outros cavaleiros vermelhos, confirmando o título que ela havia ganhado da bruxa Mombi.

Talvez ela de fato pudesse se tornar a Rainha da Neve.

O Al-ladim segura a cabeça de um Deva pelas costas e queima metade do couro cabeludo dele. Os cabelos ainda cheiram a queimado, enquanto ele grita incitando o ódio de sua raça contra a outra. Uma dragonesa tenta acertá-lo com a cauda, mas, assim como ele havia feito com outras no Nunca, o corpo se transfere para outro ponto, deixando labaredas queimando pela cauda da criatura.

– A loucura... a loucura que acompanha a vingança... – exclama Al-ladim em êxtase. – A loucura que nos faz gênios...

– Eu sempre soube que você era maluco – diz uma voz atrás dele, com uma entonação provocativa que ele já havia conhecido.

A voz de Snail Galford.

Ele havia saltado para o campo de batalha do mesmo Jolly Rogers que ainda comandava, dessa vez adaptado com o etherpunk prometido pelo sultão de Al-Quadim, misturado aos outros Vishnus ainda pilotados por gnomos.

Um Jolly Rogers capaz de voar.

Usando o anel de proteção que lhe deixava uma sombra humana, ele se aproxima do gênio que havia concordado em capturar, portando os tesouros que havia conquistado na caverna.

– Você é persistente – diz o gênio de fogo.

– Apenas quando envolve dinheiro – comenta Snail.

– Como tudo em sua raça.

O gênio se ergue, talvez para olhar Snail de cima, talvez para lembrar ao ladino do que ele está enfrentando.

– Você *não vai* me parar, sombra – afirma Al-ladim em um sorriso intenso.

– Não – confirma Snail com um sorriso frio. – Mas *isso* vai.

Sem aviso, o Simbad de Nova Ether revela seu último roubo. A princípio um objeto tão mundano, mas, de longe, tão poderoso. Um objeto místico formado de prata e de aproximadamente 20 centímetros, na forma de uma lamparina alongada com tampa removível para óleo combustível e detalhes talhados no idioma de Al-Quadim. Uma lâmpada oriental.

Uma lâmpada maravilhosa.

Que Snail Galford esfrega ali.

Tomado pela surpresa, Al-ladim sofre um choque epilético e as chamas ao seu redor pouco a pouco vão se extinguindo, enquanto o elemental berra em desespero. Ele se debate, como se quisesse machucar a si próprio, sem controle dos próprios atos.

– Entendi, afinal, por que você não se livrou da forma do príncipe... – diz Snail. – É porque você ainda está ligado a ele, não é?

Aquela é *a lâmpada*, a mesma lâmpada que um dia o ainda jovem andarilho Xariar havia encontrado na mesma mina. A mina onde ele fez o pedido para se tornar o príncipe de Al-Quadim, antes de ser ludibriado por seu próprio gênio.

Em uma cena um tanto grotesca, o rosto de Xariar passa a tremer, se distorcer, vira uma massa de fogo, vira humano, vira gênio, vira *algo*, assim como o corpo, que parece deixar no ar rastros de cada movimento anterior. Então tudo se junta em uma única coisa e...

...dois corpos se separam.

O gênio e o humano.

– Não! Você não pode... você não... – tenta dizer o gênio Efreet, em um corpo mais espiritual do que de matéria.

– Eu estou... livre? – pergunta Xariar, o verdadeiro, não o gênio que o tomara.

– Sim – responde Snail. – E eu aposto que você sabe o que aconteceu, não é? Eu aposto que ele deixou você ver o que fez com ela como forma de tortura. Pois bem, príncipe, espero que agora você faça bom proveito disso.

A lâmpada maravilhosa é arremessada para Xariar.

– Porque se a ligação entre vocês ainda existe, eu acredito que ainda resta um Desejo.

As expressões ganham contornos inteiramente opostos. A de Xariar é a de uma fúria semelhante à que o gênio antes incitava em sua própria raça. A de Efreet é uma expressão translúcida de desespero, semelhante às das vítimas, que um dia foram carrascos, em uma eterna roda de ódio.

– E o seu desejo é uma ordem – diz Snail ainda em meio a sorrisos, enquanto volta a se tornar uma sombra em meio ao caos.

É assim que o príncipe Xariar deseja que o gênio de fogo Efreet deixe de existir.

Uma das projeções de Oz aponta a mão de sombra na direção do Mestre Gula, que passa a se imaginar nu em um ninho de cobras. Tomado pelo desespero, ele agarra o Mestre Espirro, achando que está pedindo por socorro, quando na verdade o estrangula. O Mestre Orgulho quebra a magia antes do fim, mas, na distração, Oz o ergue para o alto e um gigante composto da forma-pensamento de homens misóginos agarra o Mestre dos Mestres Anão e lhe arranca um dos braços, devorando-o como uma guloseima.

A cena choca.

Sem foco, o Mestre Ira deixa a emoção que o forma guiar suas ações e avança sobre o gigante, reforçado por dragões de éter e abandonando a luta contra Oz por um momento. Ainda paralisados pelo destino do Mestre dos Mestres Anões, Axel

Branford, João Hanson e Bradamante buscam em você a próxima ação: avançar sobre os magos negros ou resgatar o Mestre dos Mestres Anões.

Se você acha que devem salvar o Mestre Anão, volte para a página anterior.

Se você acha que devem avançar sobre os magos negros mesmo assim, vá para a página...

NÃO! Ele quer te confundir! *Eles* querem te confundir. O Mestre Anão ainda está ali! O ataque foi uma ilusão, causada pelo poder que as palavras trazem às imagens, quebrado por Mestre Sono. Antes que outro aconteça, sob o seu comando, a luta se torna quase uma orquestra.

O segundo Oz cospe espinhos de sombra, enquanto o Rei Anísio, João Hanson e Bradamante giram suas espadas, avançando. Atrás dessa fileira de defesa, você arremessa Axel Branford por cima da chuva de espinhos. As manoplas feéricas do príncipe batem forte no segundo Oz em uma, duas, três, quatro vezes, Oz desaparece, reaparece, desaparece, reaparece... e GRITA, quando a espada de João Hanson lhe corta de um lado, e a de Bradamante lhe corta de outro. Até que ambos abrem passagem e deixam que você...

...atra -(Oz)- vesse...

...o inimigo, destruindo a segunda imagem..

Do outro lado, Mestres Anões enfrentam o terceiro Oz. Com os poderes unidos, a luta se torna simples. O Mestre Orgulho desenha símbolos no ar e trava as pernas da terceira sombra, o Mestre Luxúria arremessa o mago-fantochê para cima, e o Mestre Ira o DESTROÇA em pleno ar.

O corpanzil do dragão de éter Bakunawa cai entre os Mestres Anões, enquanto um gigante de doze metros, lembrando a forma de uma folha humanoide espinhosa chacoalha o corpo no chão, provocando tremores da terra. Surpreendido por aquilo, o Mestre Orgulho mal percebe uma nova aproximação e recebe uma chama negra nas costas. Oz dessa vez surge novamente atrás dele, dessa vez não como uma projeção, mas como o verdadeiro mago-linche. Observando a cena, Beanshee chora por um lado do rosto, junto com o Mestre dos Mestres Anões. E as sombras projetadas do corpo de Oz perfuram as costas queimadas do Mestre Anão, partindo-o em diversos pedaços.

A morte do Orgulho desperta terror nas pessoas ao redor, mas desperta uma sensação ainda maior em você. Pois ela te lembra o que vai acontecer se você não parar o Mago de Oz *agora*! Porque se não for capaz de pará-lo, você vai ver cada um deles morrer aqui e agora na sua frente, com descrições que vão te perturbar até mesmo quando tentar deixar essa história para trás. Mas para enfrentar Oz de verdade será preciso levar essa batalha para o Reino de éter, o Reino que apenas eu

e você dividimos. Entenda, sonhador(a), para aquelas pessoas ali presentes, a vida é matéria e tudo o que nós descrevemos aqui é sentido por todos os sentidos. Mas, na verdade, a realidade de Nova Ether é decodificada através do Verbo. Então para eles, nesse momento, Devas, gênios, príncipes, Reis, fadas, gnomos, soldados, Mestres Anões, monstros abissais, dragões de éter, tudo está acontecendo e batalhando em um mundo sendo destruído.

Mas, para você e para mim, essa batalha é uma metáfora.

E nós iremos direto na fonte.

Novamente o Mago de Oz entra na sua mente, lutando com você através do mesmo artifício que você utiliza para enfrentá-lo: as palavras gravadas no éter.

O quanto você aguenta?

A frase deixa de ser apenas escrita e ecoa de volta para você.

O quanto valem suas palavras?

Ecoa dentro de você.

O quanto de paz você perde em cada um dos seus pensamentos?

E a certeza ou a incerteza de cada resposta causam mais dano do que qualquer violência física.

Quantos amigos você já abandonou para não escutar seus lamentos?

Em quantas cabeças você já pisou na sua busca pelo topo?

Quantas pessoas você já diminuiu para se sentir maior?

Apenas a reflexão já diminui sua força semidivina. Pois cada resposta lhe deixa mais humano.

De quantos sonhos você já desistiu?

A voz dele não se cala, e as perguntas vão se tornando mais difíceis.

O quão próximo você é hoje da pessoa que sonhou que seria um dia?

Através da voz dele...

Quanto tempo você ainda vai aguentar?

A maldita voz dele...

Quanto tempo você ainda vai aguentar a dor dentro de você?

...que ecoa a sua voz interna.

Em um céu de um milhão de estrelas, quem se importa se mais uma luz se apagar?

A voz que você precisa calar dentro de você.

Ira. ~~Orgulho~~. Preguiça. Inveja. Luxúria. Gula. Sordidez. Os Mestres Anões que nesse momento batalham com você também trazem o peso do que já te fez perder outras batalhas.

A voz do Mago de Oz se torna a voz da primeira pessoa que um dia lhe disse que você não seria nada.

A voz da primeira pessoa a te humilhar diante de uma classe.

A voz da primeira pessoa que quebrou seu coração.

Afinal, elas ainda ecoam dentro de você.

Inútil, fracassada, fraco, ridícula, idiota, burra, desesperado, perdida, perdedor, culpada, obeso, esquelética, solitário, encalhada, imprestável. *Quantos nomes* já ecoaram dentro de você?

Quantos nomes *ainda* ecoam dentro de você?

Quantos nomes você *ainda* permite que ecoe dentro de você?

Cada eco é um golpe que te machuca. E que te faz sangrar, como um ser humano. Seus próprios demônios te cercam a cada segundo em que você se vê como o monstro que eles querem te fazer acreditar ser. E dói, eu sei, você sabe, cada pessoa que compartilha de uma linha como essa com você *também sabe!* E *saber* não impede a dor. Algumas pessoas simplesmente vão te amar pelo que você é, outras te odiarão pelo mesmo motivo, e lidar com isso também é parte da guerra. As paredes do quarto de repente não parecem o cômodo de um lar, mas o quadrado de uma prisão da qual você mesmo recusa a chave. E você quer gritar, você quer mostrar ao mundo do que você é capaz, mas o mundo parece grande demais pra te escutar. O fundo do poço parece uma opção mais real, mas onde está o fundo se a queda nunca termina? Você sente vontade de machucar alguém, você sente vontade de se machucar para ao menos sentir *alguma coisa*. E a batalha continua, e você parece estar perdendo, e perder significa desapontar alguém. A sua criança chora, ou talvez você seja a criança, e o choro venha de um dos seus pais. E o choro deles também te machuca. Eles te venderam que a vida seria tão mais, não é? Do quanto eles te pouparam? Do quanto eles te protegeram? Do quanto eles *falharam* em te proteger? E do quanto a culpa de você estar perdendo essa batalha é realmente deles, não sua?

Onde estava o *seu* gênio, capaz de conceder os mesmos desejos que toda humanidade molda sua vida em torno? Vítima. Falta sorte, falta destreza, falta oportunidade. Sempre falta alguma coisa, e essa falta alimenta os monstros que seus dragões de éter estão combatendo em silêncio. Mas de onde vem o silêncio, se toda batalha é barulhenta e é difícil encontrar alguém que lhe entenda quando você não consegue pôr em palavras aquilo que tanto machuca?

Pois o silêncio reforça os ecos.

E se a vida for um sonho e a morte nos acordar?

Cale as vozes.

E se for você o monstro da sua própria história?

Cale as vozes.

E se você for o lobo?

Ou se torne essas vozes.

E se você for a bruxa?

Ou se torne tudo o que elas dizem.

Está tudo bem. Você me escuta? É normal não se sentir tão forte quanto eles pedem ou tão forte quanto você costuma se mostrar. Você quer que eles te ouçam?

As palavras têm que ser suaves. Os argumentos é que precisam ser fortes.

Você precisa que eles te aprovem?

Não preciso que aprovem as minhas decisões, mas sim que as respeitem.

Você tem medo do fracasso?

Não importa o quanto tente, você sozinho não pode mudar o mundo. Mas a tentativa muda você.

Eles falam com você de volta, eles te apoiam, eles te protegem na luta quando você recebe os golpes. São eles, seus heróis, seus protagonistas, que deixaram marcas em você ao longo de toda uma vida, tornando-se mais do que Verbo, mais do que pensamentos, mais do que imagens em movimento. Tornando-se parte do que te fez e te faz ser você. Quantas vezes eles não te levantaram com uma frase, quantas vezes eles não te inspiraram com uma atitude, quantas vezes eles não foram os amigos que você precisava quando não tinha ninguém para lhe escutar?

Nós jamais nos esqueceremos de você.

O que é ficção em um mundo em que você afeta a vida deles e eles afetam a sua de volta? Onde é o início e onde é o fim desse círculo de chuva? O *kiai* de uma águia-dragão te põe de pé novamente enquanto ela risca o céu de vermelho. Você não chegou até aqui para desistir, não é?

Não é?

NÃO É?

Então é aqui que você *bate de volta*. Seja uma, duas, três, quatro, dez, trinta, cem vezes.

Quantas guerras...

Não importa.

Quantas guerras serão preciso para que tenhamos um pouco de paz?

Não importa! Você se levanta e bate de volta *quantas vezes precisa!* O inimigo quer pôr você de joelhos, e gritar no seu ouvido, e cuspir na sua cara, só que você *ainda* está aqui. E mais do que isso...

Assim que todo o estrondo tiver terminado, e assim que o vento parar de soprar e a poeira tiver baixado, eu ainda vou estar de pé.

É claro que você está aqui! Você trouxe Nova Ether até aqui. E se a sua força atinge tamanha dimensão, e se você é capaz de despertar uma força em você capaz de tocar em mundos além da matéria, você acha que alguém pode *mesmo* te parar? Escute os dragões despertados, eles representam cada oração, cada boa ação, cada mitologia que já te ensinou a respeitar outra cultura. Eles representam a pessoa que te ensinou a ler. A primeira pessoa que te deu um livro. Eles representam cada personagem que marcou uma etapa da sua vida e te faz sorrir ao lembrar da melhor parte de cada etapa.

Porque é *para isso* que eles estão ao seu lado nesse momento no campo de batalha.

Não para vencer a guerra por você. Mas para te lembrar da batalha que você é capaz de vencer.

E sempre será.

Você é levado até a ponta do precipício. O que faz? Você cai pra morte certa? Ou você aprende a voar?

É *essa* a decisão que decide o fim dessa batalha.

Em um. E dois.

E três.

36

O seu mundo de éter volta a ser físico e à sua frente O Mago de Oz está morto.

O corpo esguio se mostra esmagado por uma força que você foi capaz de emergir em uma batalha que será cantada por bardos de Nova Ether como a batalha mais difícil e mais violenta que eles já viram alguém vencer.

Ao seu redor, os heróis que o ajudaram a vencer, e não apenas hoje, fazem reverência a você em um dia que jamais esquecerão.

O dia em que eles batalharam ao lado de um(a) semideus(a).

A morte de Oz e de tudo o que ele *representava* nessa história causa um efeito imediato quando as bruxas ainda resistentes perdem sua referência de vitória e são esmagadas pelas elfas-amazons e suas dragonesas.

De outro lado, contudo, Devas ainda subjagam gênios em um conflito que muda o desenho geográfico daquelas terras, e dragões etéricos continuam a enfrentar monstros abissais nascidos do acúmulo de formas-pensamentos em uma batalha que já se estendia por vilas afastadas, e invadia o território de outros Reinos. No entanto, continuar a enfrentá-los de nada adiantaria enquanto os portais estivessem abertos; afinal, os sentimentos que davam vida aos monstros continuavam a existir na humanidade que lhes alimentava.

Em outras palavras: enquanto Liriel mantiver a abertura dos portais, a guerra jamais terminará.

E é chegado a hora de matá-la.

Eu sei, como essa história poderia pedir isso a você, não é? Como *você* poderia ser o responsável por pará-la? Pois nós sabemos o quanto ela também foi responsável por nos trazer até aqui.

– Foi isso o que vocês plantaram? – pergunta ela, enlouquecida em meio ao caos provocado pela morte do próprio pai em suas mãos.

A Rainha da Neve expulsa inimigos ao seu redor, grita, chora, e a dor dela volta até você, porque ela está lutando exatamente a *mesma* batalha.

– Era *isso* o que vocês buscavam?

É quando algo desperta em você. Não, é claro que não. Não era aquilo que você buscava, não era esse o desfecho que você sempre quis. Ela quer te atacar, ela quer te destruir, ela quer *te matar*. Você entende agora? No mundo de éter *dela*, você está representando tudo o que acabou de vencer há pouco. E, se você venceu a sua batalha, você pode ajudar outra pessoa a fazer o mesmo.

É por isso que você *ordena* que as pessoas se afastem.

E permite que Snail Galford caminhe solitário na direção de Liriel Gabbiani.

Assim como você, ele também a entende. Vítima, fraqueza, desilusão. Ele entende os sinais, por experiência na própria pele. Ela se sente só, perdida, afogada na própria angústia. E Snail compreende que o problema não está na figura de alguém em específico e que os portais de Aramis que ela mantém aberto não continuam abertos por vontade dela.

Não é que ela queira que a dor continue.

É que ela não sabe fazer a dor parar.

E quando Snail entende isso, os ataques dela não surtem mais efeito. Ela grita, ela o xinga, ela bate e projeta nele toda a frieza dentro de si, e ele não se afeta, ou não se deixa afetar.

Pois ele aprendeu a amá-la.

E, quando não há mais o que ser arremessado, quando dentro dela sobre apenas o vazio e o eco das vozes que querem que ela se torne o que elas ecoam, ele a

abraça não como um amante, não como um parceiro, mas como a amiga que ela sempre foi para ele.

Como o amigo que todos nós podemos ser para alguém.

Ela quer se debater, ela quer sair do abraço, ela não quer ser amada demais, pois conhecer isso, e perder isso, doeria mais do que jamais ter conhecido. Então ela quer afastá-lo, mas aqui ele é o que a impede de se afogar, e ele não pretende ir a lugar nenhum. E é quando *ela se rende*. Talvez por não aguentar mais sozinha, talvez porque ela confie que ele vai continuar a segurá-la e vai impedi-la de cair no precipício.

Para algumas pessoas, basta apenas isso para que possam voar.

E Snail a aperta mais forte e a frieza vai se perdendo diante do calor humano, e os pedaços de vidro cravados tão fundo na pele dela, pouco a pouco, se derretem. Os braços dela o envolvem, enfim aceitando o amparo, e os pedaços de vidro abaixo dos olhos, ao se derreterem, lembram lágrimas.

Talvez o fossem.

Nós quebramos nossos espelhos.

É ali, em um abraço trêmulo cortado por lágrimas de vidro derretido, que os portais de Aramis abertos por Liriel se fecham, expulsando de Nova Ether, ao menos por um momento, o pior da humanidade.

Sem aquele que os uniu até ali, os gênios se veem mais reféns do que carrascos em uma guerra que se estenderia por séculos. E quando bruxas e as criaturas de Oz são destruídas por elfas-amazonas e dragões de poder etérico, os elementais são cercados por forças poderosas demais até mesmo para eles quando unidas.

E é a vez de Axel Branford tomar a frente.

– Seu líder foi destruído ou os abandonou à própria sorte – diz o príncipe, sem saber o que havia acontecido, ou se importando. – Sua raça está morrendo, e não precisa ser assim. Eu entendo, gênios. A dor, a humilhação e a raiva. Eu entendo, e me envergonha que minha família tenha culpa nisso. Pois nesse momento, como forma de reparação, eu pretendo abdicar do meu título como príncipe real de Arzallum e me afastar de uma hierarquia com a qual não mais concordo. E o que eu lhes proponho aqui é: façam o mesmo com Reis e seus castelos! Façam o mesmo com sultões e seus palácios! Tomem para si o Reino do mago-linche que os liderava, desfaçam a aliança desenhada nos estandartes trazidos a esse campo de batalha e tenham a trégua da Segunda Soberania em troca de seu isolamento. Eu acredito que, no fundo, é esse o desejo que sempre foi negado a um gênio.

E é dessa maneira, sem que nenhum inimigo precisasse se ajoelhar perante o outro, que a última etapa daquela batalha é finalmente conquistada.

Em outro ponto, o Rei Anísio Branford se vê diante de uma Helena Bravaria derrotada, enquanto os homens que deveriam formar seu exército e morrer por ela debandam ou largam as armas, aceitando a derrota.

– Onde ela está? – pergunta o Rei Anísio, com até mesmo a barba manchada de sangue. – Onde você escondeu a Virgem de Trigger?

– Ela voltou para casa – responde Helena, mantendo o cinismo. – Onde sempre deveria ter estado.

– Vocês a devolveram a Morgana? – surpreende-se o Mestre Ira, se aproximando. – Não haveria justiça mais doce.

O sorriso de Helena Bravaria desaparece por um momento, e mesmo o Rei Anísio se mostra confuso.

– Vocês se esquecem de que o Senhor dos Dragões é capaz de falar com Dragões de Éter? – questiona Ira. – Vocês se esquecem de como descobriram a verdade sobre a última criança, cinco anos atrás? São eles que contam ao Pendragon. E, nesse momento, eles afirmam: a Virgem de Trigger não estava marcada para trazer o avatar, mas o inimigo que ele irá derrotar. Não o novo Cristo, mas a sua força oposta.

A revelação causa choque em cada um daqueles capazes de ouvir aquilo.

– Era *por isso* que ela estava isolada na torre – continua o Mestre Anão. – Era por isso que o mapa de estrelas indicando sua localização havia sido enterrado por Flint e se tornou o tesouro mais cobiçado por piratas.

Condessa Helena nesse momento se torna uma parede sem expressão, sem compreender se havia dado a sua vida por nada, ou entregue a Morgana Le Fey uma arma que deveria ter guardado para si. Uma resposta que ela jamais teria tempo de descobrir.

– E os dragões enfim te dizem de onde virá o verdadeiro, meu Pendragon? – pergunta o ainda Rei dos Reis com uma humildade que lembrava a de um filho de moleiro.

– Sim – confirma o Mestre Ira. – O novo Merlim irá nascer de uma vitoriosa desse campo de batalha.

Aquela informação causa um segundo choque. Porque era inevitável; lógico, mas inevitável que todas as atenções se virariam para ela.

Bradamante.

A mulher que naquele momento chora abraçada ao homem que amava, morto de uma maneira fria naquele campo de combate, como são as mortes na guerra. Observando a cena com o coração partido, João Hanson sente vontade de chorar apenas por imaginar como seria se colocar no lugar daquela mulher.

Apenas por imaginar como seria perder Ariane.

A dor traz a saudade, e naquele momento o único desejo que João pediria a um gênio seria para levá-lo de volta e lhe permitir rever o sorriso, e sentir o cheiro dela, e dizer que estava tudo bem.

Até que o cheiro dela vem, talvez em sua imaginação, não importa, pois como é bom. Em seguida, o toque complementando a mão dormente, que relembra que o espaço entre os dedos são feitos para serem preenchidos por outra pessoa. Sentindo o coração tão aquecido quanto disparado, João Hanson olha para o lado, e as lágrimas que antes quase caíram, agora tomam forma.

Pois Ariane Narin, em sua projeção fora da casca, está ali. Ela veste o manto vermelho que a tornou lendária e ele vê apenas a menina para a qual prometeu sempre voltar para casa. A menina que nunca foi metade.

A menina que sempre o fez por inteiro.

E é assim, dentre homens, semideuses e dragões de éter, que a Batalha do Pendragon termina, levando com ela estandartes de névoa.

37

O que se deu ao fim daquela batalha renderá consequências pelo resto da existência de Nova Ether. Essas foram algumas das consequências...

Snail Galford levou Xariar de volta a Al-Quadim no Jolly Rogers agora voador, o que quase levou o príncipe à morte. Ao compreender, contudo, que eles estavam diante não do ser que os separou de sua filha, mas do homem pelo qual sua filha se apaixonara, o sultão Badroulbador e sua esposa Scheherazade se uniram de uma maneira que não imaginavam ser possível novamente. Snail Galford gostou da cena, mas estava ali na verdade apenas por seu pagamento, e foi assim que o Simbad se tornou um dos homens mais ricos da história.

Ambos tinham viajado até lá ao lado de duas integrantes inesperadas: a primeira delas, a Matadora de Gigantes e, agora general, Bradamante Fiordispina. Com ela, levava de volta para casa o corpo do amante Ruggiero ao sultão que o enviou para representar Al-Quadim e o permitiu conhecê-la, cumprindo a última promessa que havia feito a ele: a de viajar e conhecer a cultura do homem que aprendeu a amar. Sua proposta para escoltar Xariar e sua partida com Snail Galford

se deu sem demais avisos, principalmente diante de pessoas que passaram a acreditar que ela traria no ventre um avatar já destinado a nascer sem pai.

E a segunda: a menina Emily, que havia se tornado escudeira por causa de Bradamante, e agora iniciaria seu treinamento com a própria, até que estivesse pronta para se tornar discípula direta do atual campeão de Arzallum. A pedido de João Hanson, Bradamante a tomou como pupila, mas decidiu fazê-la sob suas próprias condições. Se eles pretendiam que aquela menina carregasse seu legado, que ela fosse treinada para ser um elo entre dois continentes.

E, diante disso, Mulan chegou ao Oriente.

Já do outro lado, após sua última viagem, em um ato surpreendente, Snail Galford decidiu entregar o Jolly Rogers de volta a Jamil, o Manco, e deixá-lo voar ou navegar pelo mundo ao lado de Jim Hawkins, o que ambos consideraram mais um castigo do que um presente. Mas Snail já havia construído seu próprio nome e atormentado Jamil o suficiente para que o bastardo merecesse receber de volta a única herança do pai. Foi assim que Jamil, o Manco, retomou seu respeito como capitão e resolveu recomeçar sua história, marcado pelo visual da perna de pau, do olho de vidro e da cara de mau barbuda.

E assim nasceu Jamil, o Barba Negra.

Com dinheiro suficiente para uma vida, e um palácio garantido em Al-Quadim para onde sempre poderia voltar, Snail decidiu comprar seu próprio Vishnu, o qual batizou de Besouro Preto, o inseto que parecia pesado demais para voar, e trazer de volta sua tripulação de meninos órfãos, viajando pelo mundo não mais atrás de tesouros, mas atrás de histórias e aventuras que aumentassem a lenda ao redor de seu nome. Não mais Simbad, o Ladino. Não mais Simbad, o Pirata.

Não mais Simbad, o Sobrenatural.

Apenas Simbad, o Marinheiro.

João e Ariane se reencontraram e o mundo voltou a ser bom. Reconhecido como o cavaleiro que matou Mordred na Batalha de Pendragon, principalmente pela cicatriz que carregaria no rosto pelo resto da vida, João Hanson ganhou uma fama lendária que se estendeu muito além de Arzallum, comparável aos mitos de grandes cavaleiros como Ivanhoé e o próprio Arthur Le Fey. Apesar de não se sentir digno da fama, o filho de lenhador que havia prometido ao pai no leito da morte que se tornaria cavaleiro terminava sua história como o campeão de Arzallum e um dos cavaleiros mais lendários da história de Nova Ether. De tudo o que havia se prometido, na verdade apenas um objetivo ainda não havia sido cumprido. E em pouco tempo bateu em sua porta.

No dia em que estiver preparado, você irá matar Rastyara e então estará pronto para ingressar nos Cavaleiros de Helsing.

Algumas bruxas sombrias e fadas caídas haviam fugido da Batalha de Pendragon, e, assim como havia acontecido após o fim da Caçada de Bruxas, estariam escondidas ou misturadas em meio à sociedade, criando novos *covens* e novas discípulas em uma eterna roda que jamais iria parar de girar. Era por isso que o Rei Anísio Branford não iria cometer os mesmos erros do pai, e os cavaleiros vermelhos jamais deixariam de existir. Foi baseado nisso que Lorde Ivanhoé foi até lorde Hanson e afirmou que era hora de ele voltar à floresta onde tinha sido atacado, matar Rastyara e se tornar oficialmente um Caçador de Bruxas.

Uma proposta que João Hanson recusou.

Pois ali, no momento em que havia esperado por uma vida inteira desde que havia escapado da Casa de Doces, João percebeu que a raiva havia ido embora, e o chapéu valia mais do que a armadura vermelha. Lorde Ivanhoé entendeu, e se sentiu orgulhoso de ver aquele menino que um dia fora seu aprendiz se tornar aquele homem. E assim João Hanson e Ariane Narin seguiram em sua nova casa a vida que sempre sonharam.

Até que a fada Strix veio visitá-lo, ao lado de Beanshee, e cobrar seu preço.

Se você escolher voltar aqui, eu irei cumprir minha parte no pacto; irei fechar seu corpo, irei liberar seu centro e irei lhe mostrar onde sua protegida está.

O preço de ele ainda estar vivo.

E você ficará me devendo uma vida que eu irei cobrar quando bem entender.

Só havia três pessoas cujas vidas eram *dele* e João Hanson poderia pagá-la.

Sua mãe, sua irmã ou sua esposa.

Strix não aceitaria a própria vida dele, e Beanshee levaria as três vidas se ele tirasse a sua própria.

— Você tem até a meia-noite para tomar sua decisão.

Era esse o prazo que a Fada da Morte havia dado para a felicidade de João Hanson terminar para sempre.

Nas Sete Montanhas de Arzallum, a raça anã estava reunida para a cremação de Orgulho, o Mestre dos Mestres Anões. À frente da cerimônia, com o reflexo do fogo refletido sobre a neve que os cercava, o Mestre Ira tomou uma decisão que aquela raça jamais havia esperado.

Ele decidiu que era hora de eles deixarem as Sete Montanhas.

Uma vez ele havia dito a Axel Branford que rezava a lenda que existia uma montanha para cada anão. Para que um nasça, outro deve morrer, pois esse número sempre seria perfeito. E naquela região existiam sete grandes montanhas. E eram sete seus Mestres Anões.

Mas não mais.

O número não era mais perfeito, e para o equilíbrio ser restabelecido isso iria exigir mudanças. Mudanças que envolviam o merecimento de ter entre eles o

verdadeiro Pendragon daquela geração.

Era hora de a raça anã seguir por novos rumos, após a queima de seu Orgulho.

Após provocar uma guerra de proporções ainda mais intensas do que a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether, o Rei Anísio Branford resolveu desativar os parques ethéricos, pagando bardos para mudarem a história e tentarem diminuir o peso de suas decisões no legado de seu sobrenome. A Rainha Branca Coração-de-Neve se manteve ao seu lado, e, após a experiência com Madame Viotti, ela mesma intermediou o contato com os sacerdotes de Quimera e levou uma nova ideia aos engenheiros-gnomos, que resolveram testá-la.

Foi assim que, em vez de usar sangue de gênios, a energia oriunda de cristais do etherpunk passou a ser recarregada em Quimera através de uma força similar à que corria na veia de criaturas capazes de gerar Desejos: as Pedras da Criação.

Qualquer outro Rei em qualquer outra época teria se apropriado da fama daquela descoberta para si. Mas Anísio Branford já havia falhado o suficiente com aquela mulher, à qual havia retornado da pele de anfíbio para salvar. E, dessa forma, por ordem de seu Rei, todos os escrivães tiveram a obrigação de deixar registrados nos livros reais de Nova Ether que a segunda revolução do etherpunk havia sido conquistada através de uma Rainha com R maiúsculo e um coração capaz de derreter a neve.

Após a indicação de lorde Hanson, e com o apoio de Maria Hanson, Albarus Darin se tornou o novo professor da antiga Escola Real do Saber, onde os escudeiros formados pelo irmão Andreos Darin iriam estudar com a nova geração de crianças e adolescentes. Ao lado de Hector Farmer, seu assistente, Albarus reinaugurou a escola em uma pequena cerimônia com a presença do Rei e da Rainha de Arzallum, onde uma placa de metal anunciava o novo nome daquela escola real.

A Escola Real Sabino von Fígaro.

No futuro, a biblioteca iria conter os livros que Maria Hanson estava iniciando, narrando populares histórias de crime e tragédia em meio a amores impossíveis em um novo gênero que ela passaria a chamar de *romances femininos de mistério*.

Sob o comando da capitã Liriel, a primeira viagem do navio voador Besouro Preto foi até o Reino de Oz, um Reino agora comandado por um mago oriental de sua confiança, que havia iniciado a faísca que levou gênios a duelarem com outras raças e a apresentou a seu verdadeiro pai.

O mago Djin.

Oz se mantinha a maior resistência de Nova Ether a Arzallum, e o que impediria o reino da família Branford de se tornar todo o poder imperialista que eles

diziam combater. O Reino que se manteria o reino dos desajustados, de braços abertos aos marginalizados. Um Reino agora tomado por gênios e para onde muitas das bruxas e fadas caídas sobreviventes haviam fugido. Diziam sobre Feiticeiras do Leste e Oeste, mas era em uma específica que Liriel estava interessada. Após tudo o que havia passado, Snail a fez perceber que o Mago de Oz não era a lembrança que ela queria do próprio pai, um homem capaz de trapacear a morte e manipular a própria filha em prol de uma vingança envolvendo uma guerra mundial e milhares de mortos.

Talvez por isso a escolha de sua segunda viagem tenha sido até Glubbddubdrib, a terra dos magos e feiticeiros, levando com ela a cabeça da bruxa Mombi.

– Tu trouxeste a cabeça de uma bruxa a Glubbddubdrib, e só vem à Terra dos Feiticeiros aquele que deseja conversar com a morte – disse o Feiticeiro-Rei. – A quem devo chamar, pirata?

Liriel sorriu.

Aquela era uma hora de retribuição.

– Chame Galford – exigiu ela.

Snail “Simbad” Galford travou, sem saber como reagir àquilo. Liriel gostou.

– Eu vou deixá-lo sozinho agora – disse ela, enquanto o via chorar pela primeira vez. – Aproveita a oportunidade e conte algumas de suas histórias. Elas são capazes de transformar vidro em lágrimas.

E assim o antigo marujo humilhado, hoje capitão de seu próprio navio e dono de uma das maiores fortunas do mundo, aguardou por uma oportunidade que dinheiro algum poderia comprar em um mundo de sombras e fantasmas.

A maior oportunidade de sua vida.

Que ele iria agarrar com unhas e dentes.

Axel Branford cumpriu seu prometido, abriu mão do título de príncipe real de Arzallum e levou Maria Hanson até onde ela jamais imaginou que iria conhecer: as terras fantásticas do Nunca. Era lá que eles estavam para honrar o corpo de Livith, ao lado de todas as elfas que haviam sido mortas na guerra cega. Em meio a eles se posicionavam em respeito os guerreiros sagrados Devas, acordados para a nova Era de Nova Ether, e que assumiriam a função que um dia foi dos indígenas moicanos: perpetuar com elfas-amazonas uma raça fantástica.

Por fim, a ilha havia recebido a chegada de uma raça que jamais se imaginaria, mesmo para um lugar com aquele nome: a raça anã. Liderados pelo Mestre Pendragon, os anões se espalhavam pelo cenário com as mãos cruzadas para baixo em um sinal próprio de oração. A chegada do verdadeiro Senhor dos Dragões permitiu que a ilha se tornasse o centro etérico de Nova Ether, e as criaturas mais poderosas da fantasia puderam deixar seu plano sutil e ascender para aquele plano mais bruto.

Então o Nunca recebeu os Dragões de Éter.

Eles voavam por diferentes pontos do cenário e mergulhavam nas águas que serviam de moradia para dragonesas. E, observando o novo Nunca formado de elfas-amazonas, Devas, anões, dragonesas e dragões de éter, Axel esperava que ao menos uma parte da responsabilidade que sentia ter deixado com os mortos daquela ilha pudesse ser resgatada. Uma responsabilidade assumida ao se descobrir o único filho de um humano e uma fada nascido naquele local.

Uma responsabilidade que não havia terminado.

Assim como tinha visto o Rei Petter Pan fazer uma vez com o corpo de Wendy Darling, Axel carregou o corpo de Livith até um altar élfico armado próximo das águas do Lago da Saudade, onde incensos foram acesos e oito círculos energéticos do corpo morto ativados para partir o fio que ligava o corpo à alma. A Fada Yama disse as palavras sagradas no idioma místico e a pira de fogo se acendeu, queimando o corpo diante dos olhares dos presentes.

O pó oriundo do corpo cremado foi recolhido por crianças élficas e a cinza depositada em um recipiente com runas na linguagem antiga. O recipiente foi entregue a Axel, que caminhou na direção das águas do lago.

Apenas ali ele entendeu por completo todo receio que acompanhava aquele ato.

O temor de jogar as cinzas de uma pessoa amada no Lago da Saudade e descobrir seu último pensamento. O vento soprou de maneira poética, como sempre fazia, e espalhou o pó sobre as águas quentes. O pó se manteve sob a água e então desenhou o último pensamento. Axel se preparou para ficar marcado por algo que lhe assombraria para sempre, mas, em vez disso...

O pó desenhou um mapa.

E a palavra: “Amálgama”.

– O que... – gaguejou Axel, buscando ajuda nos arredores sobre o que aquilo significava. – O que isso quer dizer?

Buscando ajuda em Maria Hanson.

– Se você fez por merecer seu tempo aqui, você provavelmente é o único que sabe a resposta – expressou Maria.

Como sempre, aquilo bateu fundo. Como sempre, era ela quem o trazia de volta. E, ao se concentrar na mensagem sem lutar contra ela, Axel reviveu momentos jamais esquecidos em suas memórias. Momentos envolvendo questionamento sobre dragões e dragonesas.

Como eles sabem quando é a hora de acordar?

Momentos envolvendo magia antiga.

É uma ligação feita através de um ritual.

Momentos envolvendo revelações veladas.

Gravamos na criança com um molusco encontrado por aqui as tatuagens tribais, contendo o nome da criança-elfa e de seu futuro dragão.

E revelações jamais compreendidas.

Você é o filho de um humano e um ser feérico, nascido na terra dos elfos. E foi marcado com sua águia-dragão por lá.

Axel olhou para o próprio antebraço, umedecido pelas águas do Lago da Saudade. E suas palpitações atingiram um nível extremo.

Gravamos na criança com um molusco encontrado por aqui as tatuagens tribais, contendo o nome da criança-elfa e de seu futuro dragão.

Axel passou a tremer, como se seus batimentos acelerados estivessem movimentando o seu corpo. O motivo era justo.

Existe uma ostra que também possui uma pinça em suas terras. Mas, com ela, a tatuagem adquire a cor da pele e não se percebe.

Ali estavam os escritos élficos. Os escritos que gravavam nos bebês do Nunca, conectando-os a seus dragões. Os escritos que diziam...

Axel ap Tuhanny

Uma energia capaz de moldar o espírito humano e tocar em regiões que o mundo material jamais alcançaria invadiu Axel Branford. Os olhos de repente se acenderam, enquanto uma águia-dragão subia aos céus em um *kiai*!

Na verdade cavalgamos apenas dragonesas.

Homem e águia-dragão novamente se uniram no processo que lhes dividia a mesma visão do mundo.

As filhas da dragonesa que originou todos os outros.

Na amálgama que nos acompanhou desde nossa primeira história.

As filhas do Dragão de Éter mais poderoso dentre todos.

Axel Branford abriu os braços e Tuhanny voou tão alto que sumiu da vista dos presentes. E então, riscando uma linha rubra no Nunca em meio ao grito que a anunciava, ela desceu em aceleração até afundar nas águas do Lago da Saudade em uma explosão de energia que gerou novas estrelas.

E ascendeu o último Dragão de Éter.

Você está realmente falando de...

Das águas ela ressurgiu. Uma versão de si mesma dezenas de metros maior, repleta de escamas vermelhas, a serpente do mar capaz de dar vida a novos dragões.

Tuhanny... Tyhanny...

Tyamy...

Tiamat.

João Hanson batia seu machado de maneira incessante em um tronco de árvore, como havia aprendido com seu pai tantos anos atrás. O tempo corria contra ele e trazia o afobamento, forçando a mente a manter o equilíbrio que o nervosismo queria tirar.

Quando você fizer esse movimento, você deve inspirar...

Respiração. Essa era a chave de uma lição da qual ele nunca se esqueceu.

Agora você prende um pouco, e sente o ar correndo dentro de si! Isso é força...

O fio da lâmina batia no mesmo ponto, enquanto ele inspirava e gritava, tornando-se uma junção de suor e músculos.

E então você fixa seu ponto, e expira em uma só! Assim!

O último golpe foi tão violento que deixou que a gravidade fizesse o resto, tombando a árvore. Os batimentos dele se mantinham acelerados, parte pelo esforço, parte pela falta de opções se aquilo não desse certo.

– Eu preciso agora que você corte os galhos e separe a parte gravada.

A instrução não seria entendida por qualquer pessoa, mas por ele sim. A instrução de sua *lady*, disposta a manter aquela família unida a qualquer preço.

Pois Ariane Narin decidiu que era hora de sua maior bruxaria.

O que ela estava se propondo a fazer envolvia uma magia de sangue, que teria causado repulsa em um João Hanson de pouco tempo atrás, mas não *naquele*. Os troncos foram esculpidos sem muitos detalhes de acordo com as instruções de Ariane, e ela precisou utilizar o sangue dela – e o que saía do nariz dele – para concluir seu ritual em uma noite de Lua Negra no Dia da Terra.

Como o dia em que ela havia nascido.

E assim o ritual se seguiu, sem qualquer outra testemunha, que não João e Ariane. Então à meia-noite, como prometido, a Fada da Morte veio cobrar seu preço, e a escolha de lorde Hanson. João e Ariane já estavam na frente da própria casa, e ambos puderam ver as brumas que acompanhavam a passagem da fada de espartilhos negros, pele pálida, correntes e argolas. Ao fundo, Beanshee permaneceu de longe, como se não quisesse participar daquilo e estivesse ali apenas por obrigação.

– É *ela* a sua escolha? – perguntou Strix a João. – De todas as opções, ela me seria a última aposta.

– No meu caso, ela sempre foi a primeira – disse João, com uma calma que a fada não esperava.

– *Qual* a sua escolha, João Hanson? – perguntou Strix de maneira enfática, suspeitando de algo.

João olhou para Ariane, e a autorizou com um aceno. Ariane foi até a porta da casa e a abriu.

– Pode vir – disse João, mais como um pedido do que uma ordem.

De dentro da casa, ele veio. Caminhava torto, lento, errado. As partes do que deveriam representar um corpo eram desproporcionais, com galhos simbolizando braços e pernas, e um toco talhado na forma estranha de uma cabeça cilíndrica. A casca havia sido retirada do que seria a face, olhos foram desenhados com tinta, acima de um nariz protuberante formado por um pedaço de vara. Todos esses membros se juntavam a um tronco robusto com o nome dele e dela, contornados por um coração flechado e gravados com a lâmina de um canivete cego.

Um boneco de madeira.

Feito da árvore *deles*.

– O que... é isso? – perguntou Strix, enojada.

E com um sobrenome marcado no mesmo tronco.

– Esse é o pequeno Geppeto – revelou João. – Um espírito conectado a mim e a Ariane.

Você gostou dessa árvore, né, Mudinho?

Ariane apenas deu um sorriso curto diante do que havia acabado de fazer. Uma magia proibida, mas estudada e aprendida por ela desde que o próprio espírito infantil a havia alertado do que estava por vir diante da aparição em um espelho.

– Um espírito conectado à árvore que representa a minha união com Ariane.

Aquela árvore não é mais minha nem dele. Ela agora é sua.

A árvore em que ele a havia pedido em namoro.

Quer dizer, ela também é nossa, claro. Mas ela também é sua.

A árvore que carregava o sentimento que os fazia um só.

Nós estamos dando ela pra você.

E a morada de um espírito que os unia.

– Isso é *trapaça*! – rosnou Strix. – Isso é apenas *um boneco de madeira movido a mentira*! E eu recuso sua farsa!

– Não, não é – disse Ariane, ao fundo. – Não importa se estamos falando de um corpo de carne ou de madeira. Você pediu por uma vida dele, e está recebendo. A vida de um menino-golem que me levou para salvar a vida dele, mais de uma vez. Uma vida presa a um corpo formado do nosso maior totem. E, afinal de contas, fadas como você ensinaram um dia a bruxas como eu que nós não somos a casca, nós somos o que a casca protege. Nós somos a essência. E não existe essência maior do que a desse menino, disposto a se sacrificar por João Hanson.

Strix era uma entidade acostumada a ter controle sobre as situações; afinal, a vida é imprevisível, mas a morte sempre é certeza. E ali, pela primeira vez em séculos, a Fada da Morte experimentava sentimentos dos quais nem mesmo se lembrava mais. Sentimentos como raiva, traição e frustração. Derrota. Ela olhou para trás buscando apoio em Beanshee, mas o que encontrou apenas a enfureceu ainda mais.

Pois, pela segunda vez, a Dama de Vermelho estava sorrindo para Ariane.

– Eu deveria ter te deixado morrer como um bicho naquela floresta – resmungou Strix para João.

– Talvez – concordou João. – Mas essa decisão agora não é mais sua. O nosso pacto está encerrado.

Em um ato de pura ira, Strix simplesmente EXPLODIU o corpo de madeira formado pela árvore de pequenos pinos, como se o ato aliviasse a dor. E então desapareceu em meio às mesmas brumas que a trouxeram.

– Você conseguiu – disse um João Hanson com os olhos marejados. – Mais uma vez, você conseguiu.

– *Nós* conseguimos – corrigiu Ariane. – Eu te disse, não disse? Falei pra você dar tudo o que tinha e voltar pra mim quando a morte te caçasse, mais uma vez.

Eles permaneceram abraçados por um minuto inteiro, como se aquilo fosse a vida. Ou tudo que a vida representasse. Até que Ariane se desvencilhou dele e caminhou alguns passos pelos arredores, olhando ao redor como se pudesse enxergar algo que João não.

– João... *funcionou*...

Ele esperou que ela concluísse. Pois precisava da certeza antes da comemoração.

– Ao conectar o espírito ao corpo de madeira... nós conectamos um fio de prata com o nosso sangue – balbuciou ela. – Quando ela destruiu o corpo de madeira... ela partiu o fio de prata... e o libertou...

Foi quando eles se ajoelharam, voltando a se abraçar.

– Ele não está mais preso... – sussurrou ela, em sussurros manchados por lágrimas. – O nosso menino-espectro está livre.

E foi assim que a Morte finalmente deixou João Hanson para trás, enquanto ele encontrava a paz de espírito que havia batalhado durante toda uma vida para conquistar, ao lado da mulher que o fazia todos os dias ter vontade de viver.

O Vishnu desceu em uma planície de Carruagem, uma região de clima frio localizada logo após a divisa do Reino de Carabás e as Sete Montanhas. Aquela era uma região rural, povoada de agricultores e plantações de frutas silvestres. Um local que jamais havia recebido a visita do Rei Anísio Branford.

O Rei desceu com sua Rainha e seguiu sem escolta até um casarão, que mais lembrava um palacete, morada da Condessa de Carruagem. As pessoas ao redor sabiam de sua história. Considerada um dia uma das mulheres mais bonitas já nascidas em Nova Ether, trabalhadora incansável, herdeira viúva odiada pela própria família adotiva. Uma mulher colocada de joelhos pela vida e que nunca se manteve ajoelhada. Alguns diziam que para sair da pobreza havia feito pacto com bruxas, outros que havia feito com fadas. O fato é: independentemente do pacto, sua

sorte virou no dia em que a comitiva de Primo Branford um dia passou por Carabás e atendeu a uma festa histórica que durou três noites, e gerou bastardos.

– Você se lembra do rosto dela? – perguntou a Rainha Branca ao esposo.

Anísio balançou a cabeça negativamente, como se a culpa daquilo fosse dele. De dentro do palacete de cores beges, uma movimentação se iniciou quando os jardineiros correram para avisar o que estava acontecendo. O Rei Anísio parou alguns metros antes da porta de entrada de mãos dadas com Branca e esperou. As pernas dele tremiam.

Então a porta se abriu, e de lá saiu uma memória. O reflexo vivo de uma lembrança que Anísio Branford descobriu jamais ter perdido, mesmo conhecendo-a apenas pequeno. A idade já havia atingindo-a, mas ela continua vigorosa, brilhante, vívida. Os cabelos loiros como os dele, os olhos claros, como os dele. As batidas aceleradas, como as dele.

– Branca, eu gostaria de lhe apresentar minha mãe... – disse o Rei, embargando a voz.

Branca sentiu o coração derreter, como faziam os corações de neve.

– Senhora... – disse ela estupefata, e com uma humildade como se não fosse Rainha. – Espero ter a oportunidade de ainda ouvir tudo sobre sua história, por quantas vezes quiser me recontar.

A mulher se aproximou e segurou a mão de Branca com uma de suas mãos, enquanto com a outra tocou o rosto de Anísio.

E aquilo pareceu um círculo de chuva.

Era ela. A mulher que havia despertado a inveja das próprias irmãs, quando atraiu toda a atenção do antigo Rei de Arzallum por três noites consecutivas. A verdadeira mãe do atual Rei de Arzallum. A dona do vestido cor de ouro e dos sapatos de cristais com os quais Axel Branford um dia presenteara Maria Hanson, sem saber que representavam as únicas lembranças que Primo Branford mantinha daquela noite no Grande Paço.

– Por favor, esqueça os títulos, minha querida – pediu a Branca Coração-de-Neve, antes de focar nos olhos de seu filho. – E a partir de hoje, me chame apenas de *Cinderela*.

Tiamat desceu na ilha reconhecida como a entrada de Mantaquim protegida pelas fadas-amazonas. Se olhar nos mapas de Nova Ether, você poderá encontrar as brumas a leste do Nunca, para onde a dragonesa mais poderosa carregou Axel Branford e Maria Hanson. Assim como o próprio Nunca, aquela ilha sagrada não era acessível a qualquer pessoa. Era preciso conhecer a chave e possuir a vibração necessária para acessar locais tão etéricos. Como fadas-amazonas, como Devas, como elfas.

Como dragões de éter.

A dragonesa Tiamat era um caso único mesmo entre os dragões de éter. Alguns bardos cantavam sua forma como a de uma serpente marinha ancestral, outros, como a de um dragão com um culto próprio ao ponto de se tornar uma divindade e dar vida a monstros, outros como um dragão com cinco cabeças de cores primárias. Mas, na realidade, a forma de Tiamat em Nova Ether era clara desde a nossa primeira narrativa.

A forma de uma dragonesa em forma de águia.

Com ela, Axel e Maria acessaram uma ilha visitada por poucos humanos até hoje, e todos eles lendários. O local a princípio era formado de colinas e bosques repletos de macieiras, símbolo da imortalidade. Jardins multicoloridos, cantos de pássaros, fontes de água sagradas e utilizadas como espelho para sacerdotisas acessarem suas visões.

O local onde nasciam fadas.

Elas se espalhavam por todos os lados. Nas águas, nas árvores, nos bosques. Vestindo roupas leves, conectando-se com a natureza, lendo seus livros ocultos, ouvindo histórias sobre a humanidade, ensinando às mais novas a essência da magia que formava a fantasia. Algumas cantavam, algumas meditavam, algumas forjavam espadas ou talhavam varinha de guerra. Afinal, aquela era a terra que forjou Excalibur, e diziam também Dharuma, dada a Primo Branford por Terra.

Nenhuma delas parecia se incomodar com a presença de Maria, como se ela merecesse até mesmo um lugar ali, mas cada uma delas respondia à passagem de Axel. Algumas interrompiam o que faziam em curiosidade, algumas faziam um aceno como se entendendo a presença ali, algumas apontando direções que ele seguia relembrando o mapa criado pelos últimos pensamentos de Livith. Talvez isso se desse pela sua energia masculina, talvez por saberem de sua origem semifeérica, talvez pelo exato motivo que ele estava ali para descobrir. Mas foi assim que ele e Maria chegaram diante de um lago de água vermelha, onde uma mulher de cabelos cor de mel de costas lavava algo em uma bacia.

– É aqui – sussurrou Axel para Maria. – É aqui o local que ela queria que eu viesse, e aquela é a fada que ela gostaria que Tuhanny me trouxesse ao encontro, eu posso sentir.

Sim, enfim ele podia sentir.

O pensamento segue a energia. A energia segue a ordem.

Os pelos dele se mantinham arrepiados, como se a terra fosse dotada de um magnetismo palpável. Ao fundo ainda era possível se escutar os cantos dos pássaros e das vozes líricas.

– Eu gostaria de tê-la conhecido melhor – disse Maria. – E que ela soubesse que eu odiava a situação, jamais ela.

– Ela sabia. Na verdade, sou eu que gostaria de ter tido uma oportunidade de ter lidado melhor com as coisas. Vocês duas nunca foram o problema, *eu* fui. Sabia que ela se isolou aqui por um ano apenas para fugir da dor que eu causava? Como viver em paz sabendo disso, Maria?

Axel, de um momento para outro, se sentiu quebrado. Ele se virou de costas para ir embora de uma terra em que não se sentia puro de pisar e de um desejo que se sentia digno de concluir, mas Maria o segurou.

– Aquela mulher te amou – disse ela, com veemência. – De um jeito diferente do nosso, como Casanova me amou de um jeito diferente do nosso, mas ainda de um jeito real. E uma coisa que aprendi nessa vida é que sentimentos nos ligam a outra pessoa mais do que sangue ou obrigações. Por cinco anos, achei que havia perdido você, e essa dor me corroeu. Mas, quanto mais forte a dor se manifestava, maior era a certeza de que ela existia pela impossibilidade de te amar. Pois eu demorei poucos minutos pra te conhecer e um dia pra me apaixonar, mas me levaria a vida inteira pra conseguir te esquecer. E eu sei que é isso que te impediu de dar tudo de si a ela. E eu também preciso me perdoar por isso. Então concluir esse último pedido é algo importante não apenas para você nesse momento, mas também para mim. Eu sei que você se sente indigno disso nesse momento, mas é esse sentimento que te faz digno. Porque ele te faz manifestar a mesma humildade que um dia uma fada te cobrou em seu teste.

Maria Hanson viu as lágrimas que brotavam dos olhos dele, diferentes de quaisquer outras que já havia visto Axel Branford chorar. Ali ela conseguiu reconhecer o homem diferente que ele havia se tornado. Por detrás da barba, das marcas de batalha, havia um amadurecimento que acompanhava os anos que se passaram.

Uma maturidade que o teria feito um grande Rei.

Axel Branford beijou Maria Hanson, como se aquele beijo fosse uma permissão e a força que ele precisasse para fechar aquele ciclo.

Assim, Maria aguardou enquanto Axel caminhou na direção da dama do lago.

Mas a fada era Titânia, Rainha das Fadas. De longe, Maria podia ver que ela dizia coisas que não interrompiam as mesmas lágrimas que limpavam os sentimentos culposos dentro dele. A Rainha tocou a face dele e Maria enxergou Terra Branford por um instante, abençoando o filho pela segunda vez.

Até que ela permitiu que Axel se dirigisse até a bacia e apanhasse com uma toalha o que havia lá. E fez um sinal, autorizando que Maria se aproximasse. A última Hanson caminhou devagar em uma terra destinada a pessoas fantásticas. E, a cada passo que ela dava na direção daquela quimera, maior era o sentimento de viver o fim que os bardos diziam pertencer aos contos de fada.

Axel trouxe a surpresa em seus braços, e foi a vez de Maria tapar a boca com as mãos, e começar a chorar. Ela era pequena, de pernas longas, olhos grandes e um tanto esticados, e orelhas pontudas. A pele era dourada e os pequenos dedos brincavam com a barba do primeiro homem que via em sua vida.

A barba de seu pai.

Era ela. A criança que uniria a raça humana e a raça feérica, concluindo o grande objetivo do acordo traçado por Primo e Terra Branford. Observando o bebê em seus braços, Axel não conseguia encontrar nada que não remetesse à perfeição. As feições, os movimentos, o sorriso. E então ele reparou no nariz fino, que parecia balançar a cada vez que ela mexia a cabeça rapidamente, remetendo ao apelido que Livith havia se recusado a lhe dizer, mas que ele havia descoberto. Um apelido nascido do mesmo movimento que lhe tremia o nariz assim como naquela criança, a mesma que também carregaria igualmente a alcunha e, dessa vez, a tornaria conhecida para sempre em todo o mundo.

O movimento de um pequeno sino.

O movimento de um *sininho*.

– Quem é essa, Axel? – perguntou Maria, sabendo a resposta, mas precisando ouvir dele.

– Essa é a futura Rainha do Nunca – respondeu ele, sob a bênção da Rainha das Fadas. – A nova dona dos meus sonhos e dos sonhos de Nova Ether.

Maria se mantinha em choque. Ela estava pronta para tudo, *menos* para aquilo.

– Uma vez, Livith me disse que entre elfas e seus filhos havia o sentimento, mas não o apego humano. E, após anos de convivência, me questionou como seria para uma elfa ser criada por uma mãe humana...

O coração de Maria acelerou.

– Você entende, Maria? – perguntou um Axel de voz embargada. – É isso o que ela quis dizer! *Esse* é o amálgama. Sem títulos, sem rótulos, sem fronteiras, apenas um único sentimento nos lembrando de que *raças diferentes tendem a trocar culturas*.

E foi assim. Foi assim que Maria Hanson recebeu em seus braços a segunda chance da vida de ser mãe, retirada uma vez por uma bruxa canibal, e devolvida por uma elfa capaz de compartilhar o amor pelo mesmo homem.

E por uma mesma criança.

– E como... você gostaria de chamá-la? – perguntou Maria, já entendendo ali o que era o amor de mãe e o quanto esse amor era uma escolha.

Axel observou os arredores fantásticos, onde a filha havia nascido. A ilha das fadas, a ilha das brumas, a ilha da imortalidade.

E, se o pensamento segue a energia, ali ele também soube a única resposta.

– *Avalon* – disse ele ao universo, concluindo sua melhor história. – Eu gostaria de nomeá-la... Avalon.

38

A busca pelo novo Merlim continuou. Morgana Le Fey passou a criar a criança oriunda da Virgem de Trigger, pela qual Mordred havia morrido. Uma criança que no futuro representaria a força oposta ao verdadeiro Merlim, simbolizando o equilíbrio necessário à evolução da disputa de pontos de vistas entre o Bem e o Mal. Mas para mim, o mais curioso era ver que tantas guerras foram travadas, tanta energia desperdiçada, em busca de uma resposta que estava tão óbvia desde o início da nossa narrativa.

Você não percebeu, não é? Mesmo comigo tendo te dito nas primeiras linhas da nossa história. Afinal, diziam que o nome dela significava “a santa”. “A castíssima”.

“A mais pura”.

E o que talvez eu nunca tenha lhe contado é que os mesmos especialistas que afirmavam isso diziam que o nome dele, João, significava “agraciado pelo Criador”.

O maior caçador de bruxas malignas, a maior de todas as bruxas benignas.

E um lobo lhe devorou a avó.

Por que você acha que haviam marcado o lobo?

Essa menina é muito especial.

Por que você acha que a avó foi impedida de realizar a iniciação?

E por que a senhora acha que o João passou por três feridas?

Exatamente.

Naquela noite, após expulsarem a Fada da Morte de sua casa, Ariane Narin e João Hanson tiveram uma noite de amor que iria reverberar na história do mundo. Afinal, eu já lhe contei que aquela era uma noite de Lua Negra no Dia da Terra.

Como a noite em que ela havia nascido.

E, tipo, você quer realmente passar a ter um laço eterno comigo?

A noite em que eles haviam libertado o espírito de um menino-espectro que os guiou até o outro, mais de uma vez. O menino mudo que os protegeu quando longe um do outro, mais de uma vez. O espírito do menino que se mesclou à mesma árvore que lhes formava o cordão de compromisso e que gerou o golem capaz de evitar que eles perdessem *uma vida deles*.

O espírito do menino agora livre para renascer em Nova Ether como filho de Ariane Narin e João Hanson.

O menino que sempre esteve ali.

O novo Merlim de Nova Ether.



Uma vez eu te disse que viver como contador de histórias tem muitas vantagens, e que realmente tenho dificuldade em dizer o que é mais prazeroso: iniciar uma nova narrativa ou concluir o trabalho com a sensação de dever cumprido. Pois para lhe fazer entender a dimensão disso junto comigo, eu vou precisar ir com você até um local muito específico e importante na nossa jornada.

Você está pronto? Então um... dois...

Três.

O Majestade está em festa.

Enfim reaberto, a casa de espetáculos que iniciou a nossa história está aqui para finalizá-la. Carruagens não mais puxadas por cavalos, mas movimentadas pelo novo etherpunk, família real, nobres, plebeus, o primeiro local de Nova Ether a substituir a luz de tochas pela luz gerada pela energia de cristais. As poltronas foram trocadas, os lugares ampliados, e uma orquestra inteira até mesmo viajou de Metropolitan para compor uma trilha digna da história que seria contada.

Dessa vez, contudo, não há a trupe de atores comandada por Gerald Thomas II. Não há a presença do casal de atores Lígia Sherman e Hugo Agamenon.

Pois, no palco do Majestade, dessa vez a história a ser contada não é Caçadores de Bruxas.

É a sua história.

Nessa noite, Arzallum está parada para assistir somente a você. O monólogo sobre a história do ser semidivino capaz de não apenas dar vida à humanidade, mas até mesmo descer à terra para lutar ao lado dela. O semideus que os trouxe até aqui. O Deus-Máquina. E é assim, e é apenas assim, que eu poderia encerrar essa história ao seu lado.

Afinal, foi com você ouvindo a história desses personagens que eles ganharam vida.

E eles agora querem conhecer a sua.

Então agora encare isso como o meu presente a você. E, sempre que você sentir sua parte semidivina se perder, você poderá voltar comigo a esse palco e nós

realizaremos mais uma sessão diante de personagens que você aprendeu a amar e aprenderam a amar você.

E não somente diante deles.

Você consegue ver? Nós estamos no *seu* éter, dentro da sua imaginação, formada por fragmentos da sua memória. Isso quer dizer que, no *Camarote do Majestade*, nesse momento estão os *seus* convidados. E, acredite, todos eles vieram. As mesmas pessoas que não existem mais no seu mundo físico, mas vivem dentro das suas lembranças.

Pessoas que você amava tanto, pessoas que amavam tanto você.

Pessoas que serão imortais enquanto você as mantiver vivas.

Hoje elas vieram conhecer Nova Ether contigo, a *sua* Nova ether, e estão ali, vestidas com as melhores roupas das quais você se lembrava, exibindo os sorrisos dos quais você se lembrava e orgulhosos de verem a pessoa que você se tornou. E eu *tenho certeza* de que você consegue enxergá-las, pois você nunca deixou de vê-las, não é?

Pessoas importantes dispostas a te pedir desculpas, pessoas importantes dispostas a receber suas desculpas.

Pessoas dispostas a que você se perdoe.

E a te ver percorrer seu círculo.

Em um céu de um milhão de estrelas, quem se importa se mais uma luz se apagar?

A resposta: milhões. Milhões de personagens de Nova Ether, centenas de pessoas ao seu lado, dezenas que não estão mais contigo, mas vivem dentro de você. E, se a dor da saudade será sempre inevitável, o sofrimento será sempre opcional. Pois é a lembrança que traz o significado. Por isso, dedique a elas sempre a sua melhor performance, seja em que mundo estivermos vivendo. Seja que tipo de inimigos estivermos enfrentando.

Você será sempre o Deus e a Máquina. O Sonho e o Sonhador.

O Dragão e o Éter.

Então agora venha comigo, semideus(a). Pegue minha mão e viaje comigo pela última vez. Pois sonhos vivem em momentos, e essa é a melhor maneira que eu poderia dizer: muito obrigado.

Obrigado por sonhar conosco até aqui.

Pois esse palco agora é seu.

Se os sonhos são forjados no éter, hoje nós conseguimos. *Hoje* nós tocamos na quinta-essência. E a pena e a tinta agora são suas para a nossa última narrativa. A narrativa em que você vai contar e recontar aos personagens de Nova Ether sobre

você mesmo, e repensar sobre a sua própria jornada até aqui, antes que todos eles se levantem juntos e te aplaudam de pé, consagrando a maior epopeia que nós poderíamos ter proporcionado juntos.

O nosso próprio mundo fantástico. O nosso maior espetáculo.

A nossa própria fantasia final.

Eternamente construída...

Em um...

E dois...

E très.

Sobre o autor



RAPHAEL DRACCON é romancista e roteirista premiado pela American Screenwriters Association. Foi considerado pelos maiores canais de comunicação do país como um dos escritores mais influentes do mercado literário brasileiro. *Dragões de Éter* nasceu do seu desejo de mesclar em uma obra literária a magia da animação *Caverna do Dragão* e a poesia da série *Final Fantasy* com os contos de fadas que marcaram sua infância. A obra, que já foi publicada em Portugal e entrou para a lista de mais vendidos do México, conquistou uma verdadeira legião de leitores dentro e fora do país. Roteirista e produtor em duas séries originais da Netflix, atualmente vive em Los Angeles após ser considerado pelo Governo Americano um artista de habilidades extraordinárias.

Para mais novidades, acesse www.raphaeldraccon.com ou acompanhe-o no Twitter e Instagram: [@raphaeldraccon](https://twitter.com/raphaeldraccon).

Texto de ©2007 Raphael Draccon
Trechos retirados das obras:

Pág. 469: *O Hobbit*. J. R. R. Tolkien.
Pág. 470: *Alice no País das Maravilhas*. Lewis Carroll.
Pág. 470: *As Crônicas de Nárnia – O Sobrinho do Mago*. C.S. Lewis.
Pág. 470: *A Guerra dos Tronos – As Crônicas de Gelo e Fogo*. George R. R. Martin.
Pág. 470: *A Torre Negra – Volume I: O Pistoleiro*. Stephen King.
Pág. 470: *A História Sem Fim*. Michael Ende.
Pág. 470: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. J. K. Rowling.

Diagramação: Balão Editorial
Revisão: Balão Editorial e Sérgio Nascimento
Ilustração de capa: Walmir Archanjo da All Geek Comics

Direitos de publicação:
© 2020 Editora Melhoramentos Ltda.
Todos os direitos reservados.

Conversão para ePub: Loope Editora | www.loope.com.br
Revisão do e-book: Júlia Nejelschi

1ª edição digital, outubro de 2020
ISBN: 978-65-5539-228-9 (digital)
ISBN: 978-65-5539-221-0 (Impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 729 – CEP 01031-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br



SUMÁRIO

1.	<u>Capa</u>
2.	<u>Folha de rosto</u>
3.	<u>Sumário</u>
4.	<u>Dedicatória</u>
5.	<u>Prólogo</u>
6.	<u>Ato I - Estandartes de Vento</u>
1.	<u>1</u>
2.	<u>2</u>
3.	<u>3</u>
4.	<u>4</u>
5.	<u>5</u>
6.	<u>6</u>
7.	<u>7</u>
8.	<u>8</u>
9.	<u>9</u>
10.	<u>10</u>
11.	<u>11</u>
12.	<u>12</u>
13.	<u>13</u>
14.	<u>14</u>
15.	<u>15</u>
16.	<u>16</u>
17.	<u>17</u>
18.	<u>18</u>
19.	<u>19</u>
20.	<u>20</u>
21.	<u>21</u>
22.	<u>22</u>
23.	<u>23</u>
24.	<u>24</u>
25.	<u>25</u>

26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [42.01](#)
44. [42.02](#)
45. [42.03](#)
46. [43](#)
47. [44](#)
48. [45](#)

7. [Ato II - Estandartes de Brumas](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)

16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)

55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)

8. [Ato III - Estandartes de Névoa](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)

22.	22
23.	23
24.	24
25.	25
26.	26
27.	27
28.	28
29.	29
30.	30
31.	31
32.	32
33.	33
34.	34
35.	35
36.	36
37.	37
38.	38
39.	∞
9.	Sobre o autor
10.	Créditos

Landmarks

1.	Table of Contents
2.	Cover
3.	Body Matter